

AUTOR MAIS
LIDO DA DÉCADA
25 milhões de livros
vendidos no Brasil,
publicado em
70 países

AUGUSTO CURY

Holocausto nunca mais

Um romance histórico-psiquiátrico sobre os
bastidores da Segunda Guerra Mundial que mudará
a sua visão de vida



Contém os livros
O colecionador de lágrimas 1 e 2 (Em busca do sentido da vida)

 Planeta

Holocausto nunca mais

2ª reimpressão

AUGUSTO
CURY

Holocausto nunca mais

Um romance histórico-psiquiátrico sobre os
bastidores da Segunda Guerra Mundial que mudará
a sua visão de vida

 Planeta

Copyright © Augusto Cury, 2015

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016

Todos os direitos reservados.

Preparação: Lizete Mercadante

Revisão: Francisco José M. Couto, Tulio Kawata, Gabriela Ghetti,
Lizete Mercadante, Midori Yamamoto e Hires Heglan

Projeto gráfico: S4 Editorial

Capa: Companhia

Imagem de capa: © Stephen Mulcahey / Arcangel images

Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C988h

Cury, Augusto, 1958-

Holocausto nunca mais / Augusto Cury. - 1. ed. - São
Paulo: Planeta, 2015.

ISBN 978-85-422-0639-5

1. Ficção brasileira. I. Título.

15-27425

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manoel, 100 – 21^o andar
Edifício Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

DEDICATÓRIA

Dedico este romance histórico-psiquiátrico a todas as vítimas do Holocausto, em especial às crianças, que deveriam ser tão livres no jardim da existência quanto as borboletas nos bosques floridos, mas infelizmente foram cruel e impiedosamente ceifadas... Este livro é mais uma pequena tocha para manter acesas suas histórias. Dedico-o também às crianças de todas as gerações que, direta ou indiretamente, foram vítimas dos mais diversos tipos de “holocaustos”. Uma espécie que não protege carinhosamente os seus filhos não é digna de ser viável.

Dedico-o também aos mais importantes e dos menos valorizados profissionais das sociedades modernas: os professores. Eles são tão ou mais importantes do que os psiquiatras e os juízes de direito, pois lavram os solos da psique dos seus alunos para que protejam sua emoção, gerenciem seu estresse, desenvolvam o altruísmo e acima de tudo se tornem autores da sua própria história, para que não adoeçam nem cometam crimes. Os professores são heróis anônimos: com uma mão escrevem num quadro, com a outra mudam a humanidade quando iluminam com seu conhecimento a mente de um aluno... Eu não me curvaria diante de uma celebridade ou autoridade política, mas

curvo-me diante dos educadores, especialmente dos professores de história e sociologia, que, como colecionadores de lágrimas, tal qual o protagonista deste romance, sabem que uma sociedade que não conhece sua história está condenada a repetir seus erros no presente e expandi-los no futuro. Parabéns por acreditarem na educação e investirem nesta espécie belíssima, complexa e paradoxal, que ousa conhecer o mundo de fora, mas é tímida em conhecer a sua essência.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

PARTE I - O colecionador de lágrimas

CAPÍTULO 1

O terror noturno

CAPÍTULO 2

O terror em sala de aula

CAPÍTULO 3

A caça de doentes mentais

CAPÍTULO 4

Conflitos insolúveis

CAPÍTULO 5

Uma esposa em pânico

CAPÍTULO 6

O ego de Hitler

CAPÍTULO 7

Um psicopata na universidade

CAPÍTULO 8

A mente complexa e doente de Hitler

CAPÍTULO 9

Afastado da universidade

CAPÍTULO 10

A infância de Hitler

CAPÍTULO 11

Um simples soldado impactando a Alemanha

CAPÍTULO 12

O nascimento e o desenvolvimento do Führer

CAPÍTULO 13

A meteórica ascensão ao poder

CAPÍTULO 14

Uma espécie que mata seus filhos

CAPÍTULO 15

O mestre dos disfarces: seduzindo as religiões

CAPÍTULO 16

As loucuras do III Reich

CAPÍTULO 17

Devorando a alma dos alemães: o sutil magnetismo social do Führer

CAPÍTULO 18

Meu amigo doente mental

CAPÍTULO 19

Uma juventude infectada

CAPÍTULO 20

O projeto ultrassecreto

CAPÍTULO 21

O Túnel do Tempo

CAPÍTULO 22

Eis o homem certo!

CAPÍTULO 23

Um romance em grande risco

PARTE II - Em busca do sentido da vida

CAPÍTULO 24

No ninho dos doentes mentais

CAPÍTULO 25

Herói ou psicótico?

CAPÍTULO 26

Viagens mentais

CAPÍTULO 27

No caminho da incerteza

CAPÍTULO 28

Nazistas caçadores

CAPÍTULO 29

Primavera de 2045

CAPÍTULO 30

A grande decisão

CAPÍTULO 31

A segunda viagem no tempo

CAPÍTULO 32

O que fizeram com os filhos da Alemanha?

CAPÍTULO 33

Uma família destruída

CAPÍTULO 34

O caos de Júlio Verne

CAPÍTULO 35

Preservando as crianças

CAPÍTULO 36

A farsa é descoberta

CAPÍTULO 37

Os brutos também se emocionam

CAPÍTULO 38

Um dia como animal

CAPÍTULO 39

O encontro com Viktor Frankl

CAPÍTULO 40

Um banquete intelectual inimaginável

CAPÍTULO 41

O cárcere dos jovens alemães

CAPÍTULO 42

O surto psicótico do professor

CAPÍTULO 43

Pesadelos de um intelectual

CAPÍTULO 44

Querendo eliminar Himmler

CAPÍTULO 45

O sabor da liberdade

CAPÍTULO 46

A Polônia antes do caos

CAPÍTULO 47

Um novo ataque de pânico

CAPÍTULO 48

O retorno ao futuro

CAPÍTULO 49

Bombardeado pelos membros do projeto

CAPÍTULO 50

A grande estratégia para retornar ao tempo correto

CAPÍTULO 51

O primeiro psiquiatra: a personalidade esquizoide de Hitler

CAPÍTULO 52

O segundo psiquiatra: a sociopatia de Hitler

CAPÍTULO 53

O terceiro psiquiatra: o transtorno paranoico de Hitler

CAPÍTULO 54

O relatório final sobre a personalidade de Hitler

CAPÍTULO 55

Munique: o grande ponto de mutação

CAPÍTULO 56

O embate no tribunal entre o professor e Hitler

CAPÍTULO 57

O embate entre Júlio Verne e Hitler na prisão

CAPÍTULO 58

A grande falha do professor Júlio Verne

CAPÍTULO 59

A grande esperança ou a grande frustração?

CAPÍTULO 60

A grande missão: o colecionador de esperanças!

CAPÍTULO 61

A felicidade contagiante dos membros do projeto

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOTA DA EDITORA PLANETA

CONHEÇA O PROGRAMA EI: A EDUCAÇÃO DA EMOÇÃO

PREFÁCIO

Imagine um romance psiquiátrico que resgata com detalhes os fatos históricos, que disseca a infância de Adolf Hitler, seu processo de formação da personalidade e suas mais de vinte necessidades neuróticas sob o ângulo da psiquiatria, psicologia e psicopedagogia. Continue refletindo sobre a análise sociopolítica das técnicas de marketing de massa que Hitler usou para devorar o inconsciente coletivo dos alemães para depois devorar marxistas, eslavos, ciganos e, em destaque, judeus.

Escrevi esses textos como uma árdua tese, por isso há dezenas de páginas de referências bibliográficas. Apesar das minhas limitações, já me disseram que é o primeiro ou um dos primeiros romances com esse formato. Foram anos de pesquisa analisando fatos não apenas tangíveis aos olhos, mas que estavam no rodapé dos livros de história e que são vitais para compreender a maior atrocidade já vivida pela humanidade. Por exemplo, diplomatas franceses e ingleses poderiam ter evitado a Segunda Guerra Mundial se, ao invés de irem passeando de vapor, tivessem pegado um avião para impedir o tratado de não agressão da Alemanha com a Rússia. Fenômeno esse que encorajou o inseguro Hitler a invadir a Polônia e desencadear a guerra. Com o sucesso

dessa invasão, o “austríaco” se especializou em invasões relâmpagos. Outro exemplo: Hitler era vegetariano, detestava que animais sangrassem, mas não se importava em sangrar crianças da nossa espécie, inclusive jovens alemães no *front*. Pense num dos seus mais fiéis seguidores: Himmler, o grande líder da poderosa polícia SS. Imagine que ele selecionava geneticamente frangos e, anos depois, quando assumiu o poder, selecionava seres humanos para serem exterminados nos campos de concentração.

O *Homo sapiens* é a única espécie que pensa e tem consciência que pensa em meio a mais de dez milhões de espécies. Somos uma espécie viável? Sim e não. Não, se continuarmos tendo uma educação cartesiana, que valoriza apenas as funções cognitivas como memória, raciocínio, pensamento lógico e competências técnicas. Sim, se revolucionarmos a educação mundial, *se passarmos da era da informação, da era do bombardeamento do córtex cerebral para a era da educação da emoção e do Eu como gestor da mente humana*. Somente essa educação é capaz de ensinar a pensar antes de reagir, se colocar no lugar do outro, resiliência, generosidade, consciência crítica, pensar como humanidade. Grande parte das escolas na atualidade continua sendo cartesiana, no máximo dão ênfase aos valores como ética e cidadania. Esse é meu grito de alerta.

A Alemanha tinha a melhor educação nos tempos que antecederam a Segunda Grande Guerra. Um terço dos prêmios Nobel foram ganhos por seus cientistas. Mas sua

educação era lógica-linear (cartesiana) e não socioemocional. Com a fragmentação política, tratado de Versalhes, crise econômica, inflação alta, criou-se um meio de cultura para um político radical, tosco, rude, inculto, depressivo, que nunca dirigiu um *pub*, uma cervejaria, dominasse a terra de Kant e Hegel, enfim, dos grandes pensadores da filosofia. Hitler fez da Alemanha sua experiência particular. Como muitos políticos da atualidade, tinha a necessidade neurótica de se preservar no poder.

O resultado? Um ser humano a cada dois ou três segundos fechou seus olhos para a vida durante a guerra, de 1939 até 1945. Mas uma pergunta deve nos inquietar: como um simples e tímido soldado, ainda por cima forasteiro, completamente perdido durante a Primeira Grande Guerra, conseguiu 15 anos depois, em 1933, dominar os poderosos generais e almirantes da Alemanha? Você vai refletir comigo nesse livro. E talvez também ficará cômico e até chocado em descobrir que, se a culta Alemanha se entregou a este sociopata, outras nações poderão se entregar no futuro. Nada garante que em tempos de crise econômica, aquecimento global, insegurança alimentar, outros “Hitleres” não surgirão com ideias mágicas e inumanas.

Entreguei-me de corpo e alma ao escrever este romance histórico-psiquiátrico, *Holocausto nunca mais*. E o fiz com lágrimas nos olhos. Sonho que ele funcione não apenas como um retrovisor da história, mas também como espelho para o futuro da nossa espécie. Ele é composto de dois

tomos, *O colecionador de lágrimas* e *Em busca do sentido da vida*, que haviam sido publicados separadamente. Escrevê-lo foi um dos maiores desafios da minha vida como psiquiatra, psicoterapeuta, pesquisador, escritor e investigador da história. Penetrei detalhadamente nos fatos históricos da Segunda Guerra Mundial, analisei o processo de formação da personalidade do maior sociopata da história, Adolf Hitler, e as técnicas de marketing de massa que ele utilizou para devorar o inconsciente coletivo da Alemanha, para, depois, destruir de forma atroz judeus, marxistas, eslavos, ciganos e outras minorias.

Sonho que não apenas adultos, mas também os jovens do ensino médio e universitários o leiam, pois sociopatas como Hitler seduzem rápida e intensamente a juventude. Os jovens alemães deram sua vida por sua causa sem terem consciência plena do que estavam fazendo. Sonho também que um dia este livro esteja nas telas do cinema, como estarão outras obras minhas: *O Vendedor de Sonhos*, *Felicidade Roubada*, *Futuro da Humanidade*. Tenho esses sonhos não por causa da fama, que é imatura, débil e efêmera, mas por causa de uma tese que me consome: *povo que não nega ou não estuda a história está condenado a repeti-la*.

AUGUSTO CURY

PARTE 1

O COLECCIONADOR DE LÁGRIMAS

CAPÍTULO 1

O TERROR NOTURNO

Sem gritar nem chorar, pais e filhos judeus tiravam as roupas, reuniam-se em círculos familiares, beijavam-se e despediam-se uns dos outros, esperando por um sinal de outros homens da SS^[] que ficavam perto da vala com chicotes nas mãos. Durante os 15 minutos que estive presente naquele cenário, não ouvi nenhum pedido de clemência diante do pelotão de fuzilamento... O que mais me abalou foi presenciar uma família de umas sete pessoas, um homem e uma mulher de aproximadamente 50 anos, com duas filhas, de 20 e 24 anos, três meninos, de 10, 7 e um de apenas 1... A mãe segurava o bebê. O casal se olhava com lágrimas nos olhos. Depois, o pai segurou as mãos do menino de 10 anos e falou com ele ternamente; o menino lutava para conter as lágrimas. Então ouvi uma série de tiros. Olhei para a vala e vi os corpos se contorcendo ou imóveis em cima dos que morreram antes deles...^[**][1]*

— Não! Não. Covarde! Omisso!

Júlio Verne movia-se na cama em estado de choque; tivera um pesadelo com um dos fatos mais sombrios da Segunda Guerra Mundial. Acordou subitamente com o coração palpitando, as artérias pulsando, os pulmões

ansiosos em busca de oxigênio, as mãos gélidas e hematidrose (suor sanguinolento desencadeado em casos raríssimos de intenso estresse). Autoflagelava-se batendo em seu rosto e bradando:

— Sou um fraco! Por que não reagi?!

E chorava copiosamente, embora as lágrimas raramente fizessem parte do cardápio dos seus sentimentos.

Katherine, sua esposa, assombrada, acendeu a luz do abajur.

— O que foi, Júlio...? O que aconteceu?

Sem prestar-lhe atenção, ele, em estado de pânico, continuava punindo-se.

— Sou um crápula! Omisso!

Perturbada, ela viu o rosto dele sangrando em completo desespero. Sentou-se na cama, angustiada. Parecia que seu marido estivera numa guerra e cometera um crime imperdoável. Conheceram-se oito anos antes e havia cinco estavam casados. Uma relação estreita, íntima, regada a prazer; pensara que o conhecia tão bem, mas, surpresa, jamais presenciara uma reação dessa. O homem com quem ela resolvera dividir sua história era intelectualmente inteligente. Nunca o vira ter insônia, sono fragmentado ou ser alvo de terror noturno, muito menos se mutilar. Parecia que naquela fatídica noite um brutal predador e uma frágil presa habitavam na mesma mente.

Júlio Verne, observador, determinado, perspicaz, bem-humorado. Analítico, mas com rompantes de ansiedade.

Dosado, mas jamais rejeitava uma polêmica. Poliglota, falava cinco idiomas: inglês, sua língua materna, alemão, francês, polonês e hebraico. Brilhante orador, uma mente sofisticada, um homem incomum. Coursou psicologia, foi notável como aluno e mais notável ainda como psicoterapeuta clínico e professor de psicologia, mas um acidente de percurso mudou seus planos. Logo após terminar seu mestrado, um desastre de carro com múltiplas fraturas o imobilizou por seis meses. Acamado, recorreu a livros científicos. Mas, entediado, perdeu a atração por eles; precisava de doses de aventura. Reatou uma paixão antiga, livros de história, especialmente sobre a Segunda Guerra Mundial. Devorou-os dia e noite como um faminto que há tempos andava subnutrido.

Convalescido, tomou uma atitude que chocaria seus amigos e decepcionaria seus pais, cursar a mais fundamental das áreas do conhecimento: história.

— História, Júlio? Seu salário vai despencar — disseram seus pais.

— Porém, uma paixão me move.

— Mas um psicólogo não deve ser controlado por paixões — disseram seus amigos.

— E por que não? Razão sem emoção é uma terra sem fertilidade. Quando decidia algo, não recuava. Terminada sua nova faculdade, deixou o *set* terapêutico para se arriscar nos palcos da sala de aula. E brilhou, embora sua conta bancária nunca mais fosse a mesma. Já tinha mestrado em psicologia,

decidira agora fazer doutorado em história, cujo tema envolvia a mente dos grandes ditadores. Intrépido, casou essas duas ciências humanas e tornou-se um especialista no perfil psicológico, marketing, ações e influências de sociopatas no tecido social, em especial dos nazistas.

O professor era de origem judaica, tinha 38 anos, morava em Londres, a cidade que no fim da primeira metade do século XX fora a capital da resistência ao nazismo. Filho único, 1,83 m, cabelo liso e preto, magro, nariz que se sobressai na arquitetura facial, olhos amendoados e castanhos. Fora dos padrões de beleza, mas atraente. Recebeu o nome Júlio Verne por causa do fascínio de seus pais, Josef, comerciante de artes e de produtos eletrônicos, e Sarah, proprietária de uma requintada loja de grife feminina, pelo lendário escritor francês Júlio Verne. Josef e Sarah viajavam nos livros desse autor e sonhavam que seu filho, quando crescesse, libertasse seu imaginário e fosse um viajante no tempo. Só não sabiam que um dia ele o faria literalmente, primeiro em seus pesadelos e depois...

O dramático pesadelo do professor o levou pela primeira vez a sair das páginas dos livros para o pulsar da história, vivenciando em seu psiquismo os horrores provocados por Hitler. Jamais havia tido a sensação de ter sido transportado no tempo com tanto realismo. Respirou a história. Mente invadida, tranquilidade furtada, ânimo esfacelado, dissipou-se sua serenidade.

— O que fiz? Por que me calei? Por quê?

Dizia para si, ainda ofegante, Júlio Verne, que em seguida contou para Katherine os detalhes do seu pesadelo. Tinha como cenário o relato de Berthold Konrad Hermann Albert Speer, arquiteto-chefe do nazismo, ministro do Armamento e amigo pessoal de Hitler. Após o término da Segunda Guerra Mundial, Speer, um dos entusiastas da construção da capital mundial sonhada pelo nazismo, contou para o tribunal de Nuremberg, instalado para julgar os crimes de guerra, sobre o assassinato de famílias judias que ele presenciara.^[2] O arquiteto do nazismo vira de perto a grande obra de Hitler, o extermínio em massa de pessoas inocentes com requintes de crueldade. O professor não apenas sonhara com esse fato histórico, mas viu-se e sentiu-se participando em “carne e osso” do evento.

Katherine ficou abalada com a descrição.

— Querido, se acalme. Estamos aqui saudáveis e em nossa cama. — E, tentando abrandar sua ansiedade, o abraçou afetuosamente, mas ele não se permitiu.

— Eu estava lá, Kate. Eu estava lá...

Kate era o nome carinhoso pelo qual a chamava.

— Como assim, estava lá? — indagou ela, preocupada.

— Eu estava nesse episódio...

— Mas foi só um pesadelo — disse ela, intervindo.

— Sim! Porém, não foi uma invenção do meu psiquismo. Foi um drama histórico. Contudo, eu... eu me acovardei. Como pude fazer isso?

— Mas, se foi um massacre judeu, porque em seu pesadelo você não foi assassinado?

— Esse era o problema. Eu não estava na pele dos judeus. Não estava sob a mira dos carrascos, ao contrário, estava trajando um uniforme da SS. Estava ao lado de Albert Speer... — E respirou prolongadamente. — Eu vi aquelas famílias morrendo na minha frente. Vi mães e crianças assassinadas impiedosamente. Sabia que eles pertenciam à minha raça. Mas não gritei em favor delas. Traí tudo o que penso.

— Mas tudo ocorreu em seu inconsciente. Todos sabem que você é um humanista, um...

— Será que sou mesmo? Será que não sou uma farsa...?
— disse Júlio Verne, roçando as mãos no rosto, numa atitude desesperada, de quem começou a desconfiar de suas verdades.

Tensa, ela fez mais uma tentativa para proteger seu homem, cuja marca pessoal era a “capacidade de se refazer”, agora, temporariamente fragmentada.

— Não se culpe... Lembre-se de um dos seus próprios pensamentos: “Quando a vida está em risco, o instinto de sobrevivência prevalece sobre a solidariedade”...

Mas a tentativa dela só piorou seu estado.

— Eu cunhei esse pensamento para entender as loucuras dos outros. Jamais pensei em aplicá-lo para entender as minhas loucuras. Não fui solidário, não protegi crianças

inocentes, acovardei-me, ainda que inconscientemente, para me preservar.

Embora ele quisesse colocar a cabeça debaixo do travesseiro e não sair de casa, precisava se preparar para mais uma jornada de trabalho. Inconsolado, levantou-se rapidamente e foi se arrumar.

Júlio Verne foi apresentado a Katherine quando já era professor de história e a conheceu na sala de professores da universidade. Cabelos pretos, longos, ondulados, olhos verdes, 1,65 m, 32 anos, seis anos mais nova que ele, atraía pela beleza física e, mais ainda, pela intelectual. Formada em psicologia social, era uma especialista em marketing de massa e em ciência da religião. Católica praticante, mas, assim como Júlio Verne, respeitava e até elogiava os diferentes. Tinha bons amigos não apenas entre seus pares acadêmicos como também entre muçulmanos, judeus, protestantes, budistas, ateus. Carismática, rápida no raciocínio, ousada, às vezes impulsiva, hipersensível, sofria por fatos que não aconteciam. Sonhava em ter dois filhos com Júlio Verne, mas a dificuldade de engravidar a atormentava.

Dois intelectuais, um judeu e uma cristã, viviam harmônica e afetivamente. O segredo deles era simples: não tinham a necessidade neurótica de mudar um ao outro, respeitavam a cultura de cada um. Raramente um casal fora tão apaixonado e bem-humorado. Katherine teve muitos pretendentes, mas ficou encantada com o professor de

história, uma mente provocadora, instigante, que sabia que o tamanho das perguntas determina a dimensão das respostas. Seu intelecto era uma fonte insaciável de indagações, daí surgia a predileção dele por discussões, debates, saraus, mesas-redondas. Mas os anos se passaram, e o sucesso acadêmico bateu-lhe à porta, e foi um desastre.

Os aplausos e reconhecimentos se tornaram o único veneno que conseguiu asfixiar a mente do mestre. Intelectual renomado, escritor admirado (cinco livros publicados em mais de trinta países), o professor Júlio Verne deixou de se nutrir com o cardápio das dúvidas. Sua capacidade de perguntar, de passear por novas ideias, entrou em coma induzido. O pensador se apagou. A chama que fascinava Katherine estava se debelando. Suas aulas ainda eram didáticas, bem articuladas e tinham riqueza de detalhes, mas não oxigenavam o psiquismo dos seus alunos, não encantavam suas plateias, nem geravam introspecção e consciência crítica. Já não era um formador de pensadores, mas de repetidores de informações. Esquecera-se da frase que o movera no início de sua carreira: “No dia em que um professor deixar de provocar a mente de seus alunos e não mais conseguir estimulá-los a pensar criticamente, estará pronto para ser substituído por um computador”.

Fez essa frase para outros mestres, era difícil aceitar que esse dia chegara para ele... Era igualmente difícil aceitar que preparava o alimento do conhecimento para uma plateia que não tinha apetite intelectual. A notável cultura de Júlio Verne

não possuía sabor, induzia ao sono. Até que outro acidente de percurso, tão ou mais forte quanto o que o levava a ser um professor de história, começou a resgatá-lo: seus terrores noturnos...

Arrumou-se em cinco minutos. Nunca dera importância para roupas de grife nem para combinações estéticas, Katherine o monitorava nessa área. Não tomou café da manhã, apetite zerado. Apenas pediu desculpas para a mulher que amava:

— Eu vou me recompor, Kate. Obrigado mais uma vez por investir em mim — falou afetivamente. Ela não o acompanhou, não tinha atividades na universidade nessa manhã. Mas lhe pediu:

— Cancele suas aulas, você não está bem. Olhe para o seu rosto.

— Bem que eu queria, mas como? Os alunos estão me esperando. Não são culpados pelas minhas mazelas psíquicas.

Beijou-a suavemente e se despediu. Os pesadelos começaram a se suceder noite após noite e fatos perturbadores começaram a ocorrer durante o dia, abalando-o e nutrindo a sua ansiedade, mas também, de algum modo, libertando-o do calabouço da mesmice e fazendo seu psiquismo voltar a se aventurar. Voltaria a brilhar em sala de aula, mas o preço era alto, muito alto...

CAPÍTULO 2

O TERROR EM SALA DE AULA

O professor, ansioso, sentiu que não deveria dirigir seu carro naquela manhã. Pegou o metrô e se misturou com a massa, algo que sempre apreciou, mas não naquele momento. Tentava evitar seus pensamentos acusadores, mas simplesmente não controlava sua mente. A universidade nunca esteve tão longe, sentiu. Mas precisava se tranquilizar, afinal de contas daria uma importante aula para uma classe exigente de estudantes de direito sobre o ambiente sociopolítico da Europa que antecedeu a Segunda Guerra Mundial.

Ao atravessar a avenida a três quadras da universidade, subitamente apareceu um carro desgovernado que vinha em sua direção. O motorista ziguezagueava como se estivesse alcoolizado ou não soubesse dirigir. Os olhos dele pareciam fixos no professor, que, num impulso instintivo, deu um salto e rolou no chão, escapando da colisão. O motorista bateu fortemente seu veículo num carro estacionado a dois metros dele e desmaiou.

O susto, intenso que foi, furtou sua atenção, aliviando a emoção da sobrecarga dos inquietantes pensamentos. Os

passantes rapidamente tentaram socorrer a vítima. Como o homem estava inconsciente, aguardaram ajuda. Não tardou para as sirenes da polícia e da ambulância golpearem o ar com sons ensurdecedores. O professor não sofreu lesões maiores, apenas uma pequena escoriação do lado direito do rosto, o mesmo lado em que seu olho estava roxo pela automutilação produzida por seu pesadelo. Também sujou o lado esquerdo da sua camisa na altura do umbigo, mas, despreocupado com a estética, não retornou para casa, daria sua aula daquele jeito.

Antes de partir para a universidade, aproximou-se também do carro da vítima e perguntou sobre seu estado. Os socorristas queriam se livrar das perguntas dos curiosos, mas, informados de que o professor quase fora atropelado, responderam-lhe apenas que talvez tivesse sofrido um traumatismo craniano e precisaria fazer exames urgentes. Era um homem de cerca de 40 anos, rosto comprido, aparência nórdica. Ao ser colocado na maca, Júlio Verne fitou-o e levou outro choque. Viu que o motorista portava um anel estranho na mão direita. Tentou se aproximar para vê-lo melhor, e eis que percebeu que parecia um anel de honra da SS, a violenta polícia do Partido Nazista, uma premiação oferecida a poucos membros dessa agremiação dirigida por Himmler. Queria se aproximar e tocar no anel, mas não foi possível, os paramédicos o afastaram.

O motorista entrava inconsciente na ambulância, enquanto o professor, com as mãos na cabeça, pensou alto:

— Não é possível! Um anel de honra da SS? Devo estar confuso pelo pesadelo que tive. — E, depois desse episódio, caminhou até a universidade.

Enquanto percorria os corredores da imensa instituição, sentiu o ar invadir com dificuldade seus pulmões. Os colegas professores o cumprimentavam e, ao mesmo tempo, ficavam perturbados com sua horrível aparência. Fácies com leves edemas e escoriação, órbita ocular direita arroxeadada, camisa esgarçada, passos apressados, emoção tensa... Não tinha o mesmo sorriso, nem a mesma disposição para um breve diálogo.

Entrou na sala de aula. Esperou os alunos entrarem a conta-gotas. Era tangível sua inquietação e sua aparência imprópria, mas a maioria de seus distraídos alunos não as percebeu. Passou silenciosamente seus olhos pela classe e ficou decepcionado. Não havia nada de errado com a turma, esse era o problema. Conversas paralelas, jogos nos celulares, mensagens nas redes sociais, comportamentos de sempre: só não havia o prazer de aprender, pelo menos história. Era possível ouvir uma indiscreta conversa que dizia:

— História, que droga. Queremos ouvir processo criminal, civil...

Como era frequente, precisava exercer pressão para conquistar a atenção, algo que naquele momento passou a causar-lhe náuseas. Usaria a multimídia para dar mais uma aula didática e com riqueza de detalhes. “Mas para quê? E

para quem?”, indagou angustiado. “O que estou fazendo aqui?”, questionou, no recôndito de sua mente, o seu papel como educador como há muito tempo não fazia.

Insatisfeito, meneou a cabeça, deixou o computador de lado e abandonou a didática rigorosa e as palavras dosadas. Mudou o assunto, aventurou-se em falar aquilo que borbulhava em seu psiquismo.

— Não houve geração que não produzisse insanidades, não houve povo que não formasse mentes estúpidas, mas nos dias de Adolf Hitler nossa espécie foi às raias da loucura. Terminada a guerra, instalou-se o tribunal de Nuremberg. Testemunhas oculares denunciaram os sofrimentos perpetrados nos campos de extermínio. Gemidos inexprimíveis de crianças e adultos fizeram parte do cardápio dos julgamentos. O que vocês pensam sobre isso, caros estudantes de direito?

Poucos queriam pensar no assunto. Enquanto Júlio Verne tentava viajar pelas atrocidades da Segunda Guerra, a maioria dos universitários continuavam a viajar em outros mundos, conversavam sobre esportes, música, moda, usavam seus celulares e outras distrações. Indignado com a indiferença deles, o professor elevou mais ainda o tom de voz.

— 8.861.800, esse foi o número provável de judeus sob o controle direto ou indireto dos nazistas nos países europeus. E calcula-se que eles exterminaram mais de dois terços deles, ou 5.933.900. Os números são a tal ponto gritantes

que, se assassinassem um judeu por minuto, a máquina de destruição humana montada pelos nazistas demoraria dez anos trabalhando 24 horas por dia.

Alguns alunos, antes desconcentrados, ficaram impactados com esses dados, mas a maioria ainda permanecia indiferente. A dor dos outros não os perturbava. O professor esfregou suas mãos no rosto. Profundamente indignado, perguntou como se estivesse falando pelos ares:

— Que espécie é essa que elimina seus iguais como se fossem subumanos ou monstros? A meta de Adolf Hitler era o genocídio, varrer a raça judia, das crianças aos adultos, da Europa e, se possível, da face da Terra. Para Hitler e seus discípulos, não apenas os judeus, mas também eslavos, ciganos, homossexuais, não eram seres humanos complexos e completos.

Enquanto falava, esforçou-se para não envolver seus sentimentos. Mas não teve êxito. Recordando as cenas de seu pesadelo, 100 mil células do seu sistema lacrimal contraíram-se e expulsaram lágrimas que serpentearam os vincos do rosto, denunciando a angústia represada nos secretos terrenos da sua emoção.

Tentou disfarçar seus sentimentos. Abaixou suavemente a cabeça e esfregou delicadamente os dedos da mão direita sobre os dois olhos e a fâcies. Interrompeu o curso das lágrimas, mas não o movimento da sua emoção. Alguns se sensibilizaram, mas vários espectadores continuavam distraídos, nem sequer percebendo a comoção do mestre. Na

era digital, a juventude perdia a capacidade de perceber o intangível; a história não mais aguçava o paladar do psiquismo nem arrebatava o imaginário de estudantes de direito, medicina, engenharia, psicologia, computação. Raras eram as exceções. Sentiu-se preso nas tramas da inutilidade como professor e nas garras do conformismo da classe. Sua ansiedade foi às alturas. Num rompante, falou destemidamente para os desconcentrados:

— A sociedade de consumo entorpeceu sua sensibilidade? Vocês têm olhos, mas enxergam o essencial?

Marcus e Jeferson, dois alunos de posições políticas extremistas, conversaram um com o outro em tom baixo, mas audível.

— Quem é esse cara para nos acusar dessa maneira? — falou Marcus para Jeferson.

— Esse professor é pago para nos ensinar e não para dar sermões! — completou, alto, Jeferson.

O professor ouviu e, pela primeira vez, questionou o papel da história, pelo menos a que ensinava, em prevenir a ascensão de psicopatas ao poder. O conhecimento, para mentes desfocadas, tornara-se semente estéril. Respirou profundamente e bateu fortemente na mesa.

— Estou falando de um dos maiores dramas da humanidade e vocês parecem indiferentes a ele?

O professor comentou que os campos de concentração eram campos de confinamento, cercados por arame ou outras barreiras e vigiados dia e noite. Um dos primeiros

campos fora construído na África do Sul pela Inglaterra, na Guerra dos Bôeres, entre 1899–1902. Infelizmente, no fim da guerra, 26 mil mulheres e crianças morreram, muitas de infecção. Os campos de concentração se espalharam por todo o mundo. Nos Estados Unidos, depois do ataque a Pearl Harbor, foram confinadas 120 mil pessoas, em sua maioria japonesas com cidadania americana, um erro crasso. Até no Brasil, depois da declaração de guerra aos países do Eixo, em 1942, o governo criou doze campos de concentração para confinar alemães, italianos e japoneses.

— Nada se compara aos campos de concentração nazistas. Não eram campos de vigilância, mas de extermínio brutal e escravidão descomunal. Em 17 de março de 1942, o campo de Belzec desenvolveu “uma capacidade de assassinar” 15 mil pessoas por dia; em abril foi a vez de Sobibór, próximo da fronteira da Ucrânia, 20 mil por dia. Em Treblinka, 25 mil por dia.^[3]

A grande maioria nem sequer ouvira falar desses campos. Eles não sabiam do resultado, não imaginavam que em Treblinka foram mortas 700 mil pessoas; em Belzec, 600 mil; em Sobibór, 250 mil; em Majdanek, 200 mil; em Kulmhof, mais de 152 mil.^[4]

— Isso não os perturba, senhoras e senhores? — Mais da metade dos alunos ficaram impressionados com esses dados, mas alguns ainda bisbilhotavam no fundo da classe e faziam chacota sobre o professor descontrolado. — O que vocês sabem sobre Auschwitz?

Alguns futuros juristas tentariam ser magistrados, promotores ou criminalistas, mas poucos se interessariam em estudar a maior máquina de violação dos direitos humanos de todos os tempos. Conheciam dados superficiais.

— Foi um campo de concentração em que milhares de homens morreram numa câmara de gás — afirmou Deborah, uma de suas alunas, que vivia distraída com as redes sociais, mas que agora despertara.

Os alunos não sabiam que o gás usado em Auschwitz não foi o gás dos motores, o gás carbônico, mas um pesticida poderoso, o Zyklon B, à base de cianeto, que desprendia um gás altamente tóxico que asfixiava os pulmões e produzia vômitos e diarreias. Desconheciam o trabalho escravo ou as experiências pseudocientíficas realizadas sem autorização dos pacientes.

— Ok, Deborah, mas quem foi deportado para esse campo?

Inumeráveis idosos, mulheres e crianças foram deportados e ali exterminados. Havia alunos, inclusive de universidades de outros países, que acreditavam que Auschwitz não existiu, nunca tinham penetrado em águas profundas da história. A ignorância fazia com que os gravíssimos erros cometidos pelas sociedades modernas deixassem de ser pedagógicos para prevenir novas atrocidades no futuro.

— Calígula foi cruel, Stálin foi um sanguinário, Pol Pot foi um tirano, mas Hitler e o nazismo chegaram às raias do

inimaginável. Durante seu julgamento, Rudolf Höss, o comandante de Auschwitz, comentou com uma ponta de orgulho que o campo era uma indústria de massacre sem falhas, desde a seleção dos que chegavam, à eliminação dos cadáveres e até ao aproveitamento dos seus pertences.^[5] O professor explicou que Auschwitz, anexado pelos alemães em 1939 e criado na primavera de 1940, a partir de um antigo quartel, era uma instituição estatal administrada pela SS. Em 14 de junho de 1940, as autoridades alemãs destinaram ao KL^[*] Auschwitz o primeiro transporte de 728 presos poloneses, a maioria políticos. Depois dos judeus, os poloneses representaram o maior número de vítimas. A partir de 1941, os nazistas deportaram cidadãos de outros países. Durante seu funcionamento, os alemães enviaram para esse campo cerca de 1 milhão e 100 mil judeus, quase 150 mil poloneses, 23 mil ciganos, 15 mil prisioneiros de guerra soviéticos e 25 mil pessoas de outras nacionalidades.^[6]

Evelyn levou as mãos à boca, espantada. Perguntou:

— Meu Deus, que absurdo! Como os judeus foram parar na Polônia em tão grande número se não havia transporte coletivo suficiente?

— Os judeus eram deportados em trens de gado, sob condições insuportáveis até para os animais. Não havia banheiros, camas nem comida suficiente. A viagem era um martírio — revelou o professor.

— Mas de onde eles vinham? Eram todos da Alemanha?

— questionou Deborah, impressionada.

— Não. Os judeus foram deportados de muitas nações, indicando o desejo, insano e programado, de extermínio industrial: 438 mil da Hungria, 300 mil da Polônia, 69 mil da França, 60 mil da Holanda, 55 mil da Grécia, 46 mil da República Tcheca (Boêmia e Morávia), 27 mil da Eslováquia, 25 mil da Bélgica, 23 mil da Alemanha e Áustria, 10 mil da Iugoslávia, 7,5 mil da Itália, mil da Letônia, 690 da Noruega e 34 mil procedentes de outros campos. Resultado: mais de 1 milhão de judeus morreram nos três grandes campos de concentração de Auschwitz.^[7]

Júlio Verne tinha todos esses dados na memória, mas seu pesadelo levou-o a ficar profundamente sensibilizado com eles. Franzziu a testa e mais uma vez esfregou as mãos sobre os olhos.

— Mas que desculpas os nazistas davam para deportá-los? Era à força? — indagou Peter, despertando seu paladar para conhecer mais a história.

— Sim, era à força; mas, para disfarçar a máquina de destruição em massa, vendiam ilusões. Usavam megafones e espalhavam boatos para a população desses países dizendo que os judeus deportados que iam para o leste seriam assentados, receberiam casa, trabalho, ouviriam orquestras e praticariam esportes. Estes, deixando tudo o que possuíam, não sabiam que os fétidos trens eram o começo do holocausto.

O diálogo estava interessante, mas não para todos os alunos.

— E o que acontecia quando chegavam a Auschwitz? — comentou Lucy, uma aluna que raramente fazia alguma pergunta em classe.

— Imaginem a cena. Não lhes era permitido nem mesmo se sentar no chão. Chegavam extenuados, insones, famintos, deprimidos ao campo de concentração. Não se alimentavam, não tomavam água, nem sequer havia bancos para sentarem-se. Não lhes era permitido nem sair da fila em que estavam e, se saíssem, poderiam ser espancados ou fuzilados. Eram imediatamente separados por um médico da SS. Os aptos para o trabalho escravo eram poupados, os demais iam para as câmaras de gás.

— Incrível! Mas como iam para as câmaras de gás? Eles não resistiam? — indagou Lucas, um estudante aparentemente insensível, mas que agora estava comovido com essas informações.

— A fábrica de mentiras continuava. Eram enganados. Diziam-lhes que iriam tomar banho, se desinfetar. Inocentes, eles entravam lentamente na câmara da morte.

O professor ainda comentou que, a partir de 1942, também mulheres começaram a ser deportadas para Auschwitz. Representavam provavelmente a metade das vítimas das câmaras de gás. Juntamente com elas, traziam suas crianças. Fatigadas, carregavam suas malinhas, mas quando desciam dos trens não viam as promessas. Algumas perguntavam pelos pássaros, campos verdes e riachos, mas só encontravam o ambiente tétrico do campo. Os nazistas

deportaram em torno de 232 mil crianças e adolescentes apenas para Auschwitz, a maioria das quais de origem judaica.^[8]

Os alunos ficaram pasmados com esses surpreendentes dados. Os números e a forma de o professor expressá-los cativaram a atenção de boa parte deles. Mas Marcus, Jeferson e mais uma meia dúzia de alunos ainda insistiam em continuar conversando no meio da classe: nada de indignação, nada de inconformismo. Eram tempos sombrios, brilhantes na era digital, mas opacos no território psíquico. Perplexo com a insensibilidade deles, o professor bradou altissonante:

— Filhos do sistema cartesiano! Sintam-se livres para sair.

— “Filhos do sistema cartesiano”? Ele falou mal de nós ou nos elogiou? — perguntaram entre si os componentes desse grupo. E debochando disseram “o mestre surtou”. Depois não houve dúvidas de que o professor, numa atitude incomum, estava com essa expressão criticando severamente os alunos.

— Ególatras! Poderão ser futuros juristas, mas com essa insensibilidade estarão aptos para conviver com leis, e não com seres humanos. Estarão habilitados para defender ou acusar máquinas, mas não mentes complexas. Discernem sons, mas não ideias, e muito menos sentimentos.

Marcus, 23 anos, um dos líderes da turma, sentiu-se ofendido. Já tinha preconceito contra judeus e aproveitou

para contrapor-se veementemente ao professor. Mas, como futuro advogado, tomou cuidado.

— Você ultrapassou os limites! Para defender sua raça, você nos difamou. Age com preconceito, como um insano!

O professor deu alguns passos à frente, fitou seus olhos nele e desferiu estas palavras:

— Não é minha raça que foi mutilada, mas a sua espécie, a nossa espécie! Você é incapaz de ver que foi a humanidade que se autodestruuiu? Não percebe que o *Homo sapiens* falhou em usar o próprio pensamento para enxergar que no código genético não há judeus, muçulmanos, europeus, asiáticos, mas somente a família humana? Não enxerga que outros ditadores poderão surgir e devorar a mente de muitos? Em tempos brandos é fácil repudiar políticos psicopatas, mas em tempos de estresse socioeconômico quem tem consciência crítica para contrapor-se a eles? Você tem?

Marcus abalou-se, mas seu processo de reflexão distorcido e sua emoção saturada de ira bloquearam sua capacidade de interpretar, deram asas à sua repulsa. Não ficou indignado com os desvalidos da Segunda Guerra, mas profundamente indignado com a saia justa em que o professor lhe colocou.

— Você me injuriou!

Tentando defendê-lo, Jeferson, seu grande amigo, falou como um advogado em alto e bom som:

— Sim, você invadiu nossa privacidade, professor! Feriu nossos direitos! Isso não vai ficar assim.

O interessante é que ambos eram bons estudantes. Não tinham estereótipo de maus-caracteres. Aplicados, mas frios, dedicados, mas inflexíveis, o mundo tinha que girar na órbita deles. Tinham posições radicais não apenas contra judeus, mas também contra muçulmanos e imigrantes. Apoiado por seu amigo, Marcus ameaçou Júlio Verne:

— Vamos processá-lo!

— Processem-me! Mas antes saiam da posição de vítimas e sintam-se na posição de juízes para julgarem sua atitude perante a dor dos outros!

Eles quase caíram de suas carteiras diante dessas palavras, porém não se dobraram. Abalados com as ideias do professor, Marcus e Jeferson, juntamente com um terceiro aluno, saíram irados da classe. Os demais alunos que com eles conversavam se aquietaram. O clima ficou pesado, mas Júlio Verne, mostrando uma ousadia que perdera havia muito, explicou para a classe o que era ser filho do sistema cartesiano.

— René Descartes, o filósofo francês, exaltou solenemente a matemática e a posicionou como fonte das ciências. O sistema cartesiano expandiu os horizontes da física, química, engenharia, computação. Eis a consequência!

— E apontou para o seu computador, os celulares dos alunos, a iluminação do ambiente, o sistema de som e a estrutura do edifício.

E depois de uma pausa o professor acrescentou, entristecido:

— A tecnologia está pulsando ao nosso redor. Mas o mesmo sistema lógico-matemático que nos fez exímios construtores de produtos sequestrou nossa emoção, prostituiu nossa sensibilidade, asfixiou a maneira como encaramos e interpretamos o sofrimento humano.

Os alunos nunca ouviram algo parecido. Alguns, atônitos, começaram, enfim, a entender a ideia central de Júlio Verne. Deborah, inquieta, disparou seu *insight*.

— Incrível. Tudo se tornou números frios.

— Sim, Deborah. A dor humana virou estatística.

Peter, embasbacado, comentou:

— Cem morreram em ataques terroristas no mês passado. Mil morreram de câncer esta semana. Dois mil se suicidaram nesta cidade no último ano. Milhões estão desempregados no país. Secos números que não nos impactam mais! Quais foram suas histórias, que crises atravessaram e que perdas sofreram? Quais os nomes dos mutilados na Segunda Grande Guerra? Pela fome, por traumas, rajadas de balas? Que história eles possuíam? Que lágrimas choraram? Que medos abarcaram o psiquismo deles enquanto se aproximavam do último fôlego da existência?

— Correto, Peter. Não vemos os outros pelos olhos deles, mas pelos olhos da matemática. — E, inspirando prolongada e profundamente, comentou: — A matemática adulterou nossa capacidade de enxergar as angústias e as necessidades dos outros a partir da perspectiva deles.

O professor fez um sinal de profundo contentamento com esses alunos.

Não se ouvia um zunido na classe. Em seguida, o próprio Peter teve a coragem de confessar:

— Penso que somos todos filhos do sistema cartesiano. Somos ávidos para julgar e lentos para acolher. Ainda hoje de manhã vi minha mãe chorando, deprimida. E, em vez de dialogar, fui insensível com quem mais amo e pensei: “isso é frescura!”.

Enquanto discutiam sobre o inferno emocional das vítimas, um amigo de Jeferson, Brady, que havia permanecido na sala, estava impaciente. Com um cartesianismo arrogante, falou de dentro das raias da lógica.

— Mas essas informações não caem nas provas! Em que elas me ajudarão a ser um profissional melhor?

O professor colocou as mãos na cabeça e disse:

— Brady, elas poderão ajudá-lo a se tornar um ser humano melhor!

— E completou, inconformado: — As provas medem nosso conhecimento, mas não nossa humanidade; aferem dados arquivados em nosso córtex, mas não nosso altruísmo; avaliam nossa capacidade de recitar informações, mas não de criar ideias. Se você, ou qualquer um de seus colegas, fosse capaz de derramar uma gota de lágrima por uma das vítimas da Segunda Guerra e errasse todos os dados das minhas provas, eu lhe daria a nota máxima.

Dois outros alunos amigos de Brady saíram enraivecidos da classe, mas Brady ficou. Enquanto acompanhava os passos desses alunos, o professor foi transportado para o terror noturno que tivera. Lembrou-se de que estivera ao lado de Albert Speer como o mais tímido dos covardes. Ao recordar a cena, deixou escapar novamente algumas lágrimas, mas dessa vez não tentou disfarçar suas emoções. Em seguida, contou sobre o pesadelo e seu realismo. Antes de falar que estava na farda de um oficial da SS, comentou sobre a formação dessa temível polícia.

— Ela foi fundada pelo próprio Hitler. Como ele mesmo disse: “Convencido de que sempre há circunstâncias nas quais se fazem necessárias as tropas de elite, criei em 1922 as Tropas Adolf Hitler. Eram compostas por homens prontos para uma revolução e que sabiam que um dia as coisas poderiam chegar a uma situação difícil”.^[9]

— Mas a Alemanha não era um país democrático? Não havia os três poderes funcionando: o Executivo, o Legislativo e o Judiciário? Não era suficiente o aparelho judiciário para protegê-lo? Por que criou a SS? — indagou Peter, como “advogado”.

Júlio Verne abordou que Hitler era paranoico — tinha ideias de perseguição. Vivia sobressaltado pelo medo de uma conspiração, fenômeno típico dos tiranos.

— Todo predador teme ser predado. Queria, portanto, uma polícia fiel, pronta para agir, capaz de protegê-lo

contra os falsos amigos, membros das forças armadas, inimigos políticos e conspiradores internacionais.

Anos antes de ele ascender ao poder, a SS não deveria ter mais do que dez homens. De 1931 a 1932, próximo de Hitler se tornar chanceler,^[10] seus membros aumentaram de 2 mil para 30 mil. E, a partir da sua ascensão ao poder, ela se tornou uma organização paramilitar de um gigantismo e uma crueldade sem precedentes, responsável inclusive por serviços de espionagem, execuções sumárias e pela indústria de extermínio em massa dos campos de concentração.

— Os membros da SS tinham um fanatismo quase religioso. Embora pertencessem à polícia do Partido Nazista, seus membros deveriam prestar lealdade incondicional não ao partido, mas ao Führer [guia ou líder] da Alemanha, como uma espécie de messias.

Vendo seus alunos profundamente atentos, o professor aproveitou o momento para rasgar sua alma, desnudar sua emoção. Falou sobre sua covardia e seu autoflagelo:

— Em meu pesadelo, eu estava na pele não dos judeus, mas de um oficial da SS.

Na classe houve um burburinho.

— Durante os minutos em que estive presente naquele cenário horrendo, vi famílias inteiras tirarem as roupas passivamente, sem fazer nenhum pedido de clemência. E, assim, eram fuziladas e atiradas nas valas. Fiquei paralisado, em pânico. Foi então que presenciei uma família composta

por um pai e uma mãe de cerca 50 anos, com duas filhas jovens, um menino de 10, outro de 7 e um de apenas 1 ano.

Alguns alunos começaram a marejar seus olhos ao ouvir o relato do professor. Tiraram nota máxima na “prova da existência”.

— O pai, não se importando com os fuzis dos soldados da SS, abraçou suas duas filhas ao mesmo tempo. Em seguida, beijou a testa da esposa, posteriormente fixou seus olhos no bebê e beijou sua cabeça. Depois agachou-se, beijou e abraçou o garoto de 7 anos, que não sabia o que estava acontecendo. E, por fim, pegou as mãos do garoto de 10 anos e dialogou com ele, um menino que não compreendia as causas, porém sabia que iria ser assassinado. Ele chorava, mas tentava conter suas lágrimas. Passava as duas mãos no rosto sem parar.

A voz do professor ficou embargada. A maneira como traduzia suas palavras e o movimento dos seus gestos libertaram o imaginário dos alunos, levando-os a enxergar a indecifrável cena de extermínio. O mestre recebeu gentilmente um lenço de uma das suas alunas e, depois de enxugar o rosto, continuou:

— Fiquei perturbadíssimo com o comportamento desse pai. E ia me perguntando: o que um pai diria a seu filho de 10 anos que está prestes a ser assassinado? É possível dizer “Seja forte!”? Que palavras poderiam abrandar o terror dessa criança? Se esse pai cresse no Deus de Israel, preservaria ele sua crença diante dessa inimaginável

atrocidade? Teria ânimo de falar da bondade desse Deus e da continuidade da existência para seu menino no momento em que seria silenciado sem piedade? Se fosse um humanista, perderia completamente a crença na viabilidade da espécie humana ou teria ainda fé na humanidade?

Nunca algumas poucas perguntas emudeceram tanto uma classe. E ele aproveitou para questionar:

— E vocês, se estivessem no lugar desse pai, o que diriam para seu filho?

Evelyn abortou o silêncio e, emocionada, comentou:

— Não sei. Não teria palavras para consolar uma criança que mal começara a vida e já era tratada pior que os animais.

— Eu também me emudeceria — confessou o professor.

— Mas esses fatos foram reais? — indagou, atônita, Elizabeth.

— Sim. Sonhei com fatos reais.

— E o bebê de 1 ano? O que passava na mente desses nazistas ao assassiná-lo? Que violência é essa? — indagou Peter quase sem voz.

— Pensar nesse bebê também me torturou. Não sabia como protegê-lo. Pensei em atacar os nazistas ao meu lado. Mas qualquer reação poderia me levar ao fuzilamento sumário. Pensei em gritar “As crianças não, o bebê não! Por que matá-los?”, mas me calei, fui um covarde. Quando reuni forças para gritar, o som da minha voz foi abafado pelo som do fuzilamento. Acordei em profunda crise, como se tivesse traído o sangue do meu sangue.

— Mas foi apenas um pesadelo? — disse Deborah, tentando defendê-lo, tal como fez a mulher que ele ama, Katherine. O professor deu uma resposta contundente.

— Sentado em minha cama, pensei comigo: se me calei em meu inconsciente, será que também não me calaria numa cena real? E vocês, se estivessem lá, seriam mais nobres que eu? Não respondam, apenas pensem.

Os alunos saíram calados. Entenderam que eram humanos imperfeitos, sem vocação para heróis. Com essa pergunta, o professor terminou sua fala. A aula mexeu tanto com a estrutura deles que continuou a produzir reflexões, pois debateram o assunto nos intervalos.

Brady chegou até ele, apertou sua mão, agradeceu pela aula e pediu-lhe desculpas. O professor ficou feliz por tê-los instigado a pensar, mas a fatura era alta. Seria processado por alguns alunos. Porém, o processo estaria entre seus menores problemas. Uma perseguição implacável por parte de inimigos desconhecidos, que saíam dos porões do tempo, estava em gestação. Júlio Verne, que nunca tivera aptidão para o comércio de produtos, e sim pelo comércio das ideias, precisaria de muito mais que ideias para sobreviver...

CAPÍTULO 3

A CAÇA DE DOENTES MENTAIS

Cinco de dezembro de 1939. A neve caía ininterruptamente, embranquecendo casas, ruas, carros e até animais. No Asilo de Hadamar, o vento frio sibilava, roçando a pele e maltratando os doentes mentais mal agasalhados, obrigando-os a contrair e curvar o corpo enquanto caminhavam. Os Merkel cuidavam generosamente do asilo, à noite se recolhiam ao seu aposento dentro da instituição, pequeno, mas confortável, constituído de uma sala, dois quartos e um banheiro. O isolamento térmico, como em todo o asilo, era péssimo.

Os Merkel tinham acabado de jantar uma porção de repolho refogado, dois ovos repartidos para quatro pessoas, algumas fatias de queijo e um pão guardado a contragosto do almoço para aliviar a incansável fome noturna. À mesa estavam Günter Merkel, de 73 anos; sua esposa Anna, de 70 anos; Rodolfo, de 35 anos — o filho caçula, que não se casara. Também havia um estranho de origem judia, um “protegido”, abalado pelo frio e, mais ainda, pela insegurança. Fora encontrado havia uma hora e estava faminto, fatigado e tremendo de frio. Não tivera tempo ainda

para um diálogo aberto com seus anfitriões, precisava se aquecer, pois fazia -9°C. Se não tivesse sido recolhido ao asilo, não sobreviveria.

Os Merkel eram sobremaneira altruístas, a ponto de dividirem a ração que recebiam do Estado com alguns dos doentes mentais mais debilitados da casa. O estranho olhava para os membros da família que o acolhera, percebia que tinham bem pouco. Não entendia por que haviam se arriscado a resgatá-lo. Eram tempos difíceis, a Polônia poucos meses antes fora invadida pela Alemanha, a Segunda Guerra Mundial começava a se desdobrar. Desconfiança, medo, carestia, fome eram esperados dia e noite, ainda mais naquele depósito de seres humanos portadores de doenças mentais.

Rodolfo ria sozinho. Olhava fixamente para o garfo, personificava-o e com ele dialogava. Dizia:

— Cuidado, amigo! Dou-lhe o direito de entrar na minha boca. Mas não me machuque! Ah, ah, ah...

— Rodolfo, fique quieto — expressou Günter.

— Deixe-o se divertir — interveio Anna, sempre paciente.

Rodolfo se envolvia com os seus delírios. Depois de personificar o garfo, fazia gestos bizarros batendo na testa para tentar afugentar os fantasmas da sua cabeça. De súbito, punha-se de pé e gesticulava contra “esses miseráveis” que queriam dominá-lo. Constrangida, a mãe tentou explicar os comportamentos do seu filho para o espantado judeu:

— Rodolfo sempre foi um bom menino. Aplicado estudante, tornou-se professor e se destacou numa escola secundária. Mas era intrépido, não tinha papas na língua. Hitler, que nunca amou a educação e sempre teve um pé atrás com os professores, demitiu muitos deles, considerados “suspeitos”, de esquerda. Rodolfo foi um deles. Sentindo-se excluído e abatido, um dia sua mente se desorganizou, e ele começou a falar coisas desconexas.

Anna era de uma inteligência notável. Antes de se aposentar, fora pesquisadora de biologia e professora universitária. Günter havia sido funcionário público. No momento em que ela explicava as reações de Rodolfo, este olhava para o judeu, dava uma risada sutil e fazia sinais de que sua mãe estava “doida”, que não sabia de nada do que acontecia na Alemanha. O hóspede se descontraiu e deu um sorriso contido. De repente, Rodolfo soltou esta frase:

— Numa guerra não há vencedores, há menos perdedores. Só as moscas vencem. Morte às moscas!

— Bravo, Rodolfo! Bravo! — Aplaudiu o estranho, que pensou que o psicótico fosse mais esperto que ele. Mas, curioso, em seguida perguntou: — Se os judeus são caçados sem piedade pelas ruas e casas, por que vocês me acolheram?

Anna deu um intenso suspiro e, enquanto o ar adentrava-lhe os pulmões, ela penetrava nos olhos de seu marido, que lhe deu sutilmente permissão para falar.

— Anos antes das primeiras crises, Rodolfo era reservado e de poucos amigos, mas havia, entre eles, alguns da sua raça.

Rodolfo fez novamente movimentos com as mãos e face para o estranho, mas dessa vez valorizava as ideias de sua mãe.

— Hitler prendeu os judeus que eram amigos de meu filho. Abalado com essa intensa e violenta perseguição, ele começou a fazer críticas, na sala de aula e na sala de professores, à política nazista.

— Foram esses comportamentos que o levaram a perder a licença de professor. Afastado, deprimiu-se, o que precipitou sua doença mental — afirmou Günter.

— E para não abandoná-lo neste asilo, há três anos começamos a dirigi-lo. Só Günter recebe salário, e muito magro. O governo está nos abandonando.

Rodolfo passou a ter delírios de grandeza e, nesses delírios, tentava libertar seus amigos judeus. Em seu imaginário se dizia um grande oficial do Führer, mas não se sabia se o fazia porque ironizava o grande líder da Alemanha ou porque acreditava sê-lo. De repente, ao ouvir as palavras da mãe, pôs-se de pé, fez um sinal de saudação nazista e clamou: “*Heil, Hitler!*”.[*] O estranho se assustou com sua reação. Em seguida, Rodolfo bateu continência várias vezes e pronunciou ainda mais alto:

— *Heil, Hitler!* Sou um general do Führer! Matem as moscas! Viva os judeus!

O hóspede mais uma vez não se conteve, deixando escapar uma risada, porque traduziu a expressão como uma sutil piada.

— Rodolfo, cale-se! — interferiu o pai. — Não coloque nossa vida em risco!

— Não o perturbe, Günter. Ninguém dá importância a ele. Que grite por nós e por todo este abrigo! — expressou, entristecida, Anna.

— Não! É melhor que Rodolfo silencie — falou o judeu. E acrescentou: — Hitler não apenas é o carrasco dos judeus, mas... — De repente interrompeu sua própria fala, fez uma pausa e mostrou uma expressão de apreensão. Anna, ansiosa, perguntou:

— Mas, o quê? Quem mais o Führer persegue?

Em vez de responder para a dócil mulher, o estranho olhou para Rodolfo e disse pausadamente.

— Os alemães desprotegidos.

— Os alemães? — falou, espantada e incrédula. Günter mexeu com a cabeça, discordando do forasteiro.

— Absurdo!

— Espere! Em que ano e mês nós estamos?

Os Merkel se entreolharam, acharam que o judeu estava confuso, sem orientação espaçotemporal, como a maioria dos doentes mentais do asilo. Talvez tivesse ficado mentalmente abalado pela perseguição que sofrera. Günter lhe respondeu, irritado:

— Todos sabem que estamos em dezembro de 1939!

O forasteiro gelou, mas agora não de fora para dentro, e sim da alma para o corpo. Tomado por uma visível inquietude, com a testa franzida, taquicárdico e, com as mãos sobre as faces, por instantes, interrompeu a respiração. Os Merkel não entenderam a sua reação. Parecia entrar em colapso diante de um predador prestes a devorá-lo. Sem fluidez na fala, indagou:

— Não é possível! Como vocês... ainda não foram invadidos?

— Por quem? — perguntou Anna.

— Pelos nazistas.

— Por que invadidos? Somos alemães, dirigimos uma instituição alemã e que cuida de alemães. Por que seríamos invadidos pelos nazistas? — disse Günter rispidamente. Rodolfo, enquanto a conversa se desenrolava, parecia distraído com seu bizarro comportamento.

O estranho engoliu saliva, não queria dar-lhes as mais tristes notícias de suas vidas. Calou-se. Entretanto, Anna sentiu algo no ar. Seria o hóspede um perturbado mental ou guardava alguns importantes segredos? Ela, aflita, insistiu para ter plena liberdade de falar, mesmo na frente de Rodolfo. Era assim que se relacionavam, aberta e francamente.

— Hitler, em seu livro *Mein Kampf*,^[*] dera uma forte indicação de como lidaria com os doentes mentais: defendia a esterilização deles. E em 1929, quando falou no congresso do Partido Nazista sobre os mais frágeis da sociedade alemã,

foi às raias da desumanidade, usou o argumento econômico e principalmente o da higiene racial para propor a eliminação de crianças especiais.

— Não é possível uma coisa dessas! — rebateu Anna. — Nós, mulheres, pelo menos a grande maioria, nunca ficamos sabendo disso. — Günter, que era filiado ao Partido Nazista, se calou.

Contudo, o forasteiro, emocionado, acrescentou:

— Nessa data, são dele estas palavras, Anna, proferidas nesse congresso: “Se a Alemanha viesse a ter 1 milhão de crianças por ano e se livrasse de 700 mil a 800 mil das mais fracas delas, o resultado seria um aumento da força”.[11] Belas e dóceis crianças com traumas cranianos, paralisia cerebral, defeitos físicos, síndrome de Down e outras alterações genéticas, que precisariam ser protegidas como um tesouro inestimável da espécie humana, deveriam ser, na opinião de Adolf Hitler, eliminadas.

Anna não podia acreditar no que ouvia. Estava atônita. Não podia ser verdade. Günter, por sua vez, estava trêmulo. Tinha vontade de voar no pescoço do forasteiro, mas alguma coisa o segurava em sua cadeira. Ouvia-o impassivelmente, porém não conseguia calá-lo.

A ferocidade e monstruosidade humanas haviam chegado a patamares impensáveis. Era de se esperar que um líder político que tinha essa virulência contra crianças indefesas do seu povo não tivesse nenhuma compaixão com as crianças de outras raças e menos ainda com adultos e idosos.

O extermínio em massa, a solução final para os judeus, já estava em curso no psiquismo de Hitler muitos anos antes dos campos de concentração.

De repente, a porta central da pequena sala dos Günter se abriu sem ninguém bater, assustando o hóspede. Era Klaus, um paciente com síndrome de Down extremamente amável que havia dez anos habitava a instituição. Íntimo da família, Klaus entrava com a maior ingenuidade e ia mexendo nas panelas dos Günter e na despensa para procurar comida. Ele sentou-se ao lado de Rodolfo, colocou os cotovelos sobre a mesa e as mãos sob o rosto, e disse para o hóspede:

— Tô te ouvindo. Não fala bobagem!

O hóspede sorriu e afirmou:

— Somente esse esquecido discurso de 1929 seria suficiente para Hitler ser aliado para sempre do teatro da política. Infelizmente, a Alemanha elegeu um líder sem examinar suas credenciais. Pagará muito caro e levará milhões de inocentes a também pagar um preço dantesco.

Anna não aguentou. Num rompante de ansiedade, ela, que era bióloga, concluiu:

— Não é possível?! É um plano bárbaro! Uma engenharia racial por meio de assassinato em massa de frágeis crianças! E justificada por quê? Por uma ideologia darwinista distorcida e inumana.

E a dócil mulher, agora irada, olhou para seu marido e perguntou:

— Isso é verdade, Günter? Você sabia disso?

Günter respirou algumas vezes antes de quebrar o silêncio. Ele sabia, por isso não expulsara o forasteiro.

— Sim, Anna. Foi há dez anos, eu estava nesse congresso.

— Como não se revoltou? Você foi um fraco!

— Achei absurda sua tese, louca, estúpida! Mas eu era uma voz solitária e corria risco de vida no meio desses radicais. Hitler foi ovacionado com delírio. Foi essa tese que me fez lentamente me afastar do partido. — Porém, em seguida, tentou acalmá-la. — Mas veja bem, Anna, Hitler está no poder há mais de seis anos e nada aconteceu com essas crianças. O Führer mudou. Todos mudam.

— Não, Günter — respondeu o estranho, que parecia mais uma vez muito bem informado. E completou suas ideias: — Hitler adiou suas teses loucas, mas não abriu mão delas. Não apenas as crianças especiais internadas em instituições como também pacientes que são doentes mentais estão na mira de Hitler.

Rodolfo, que durante todo o trânsito de palavras parecia distraído, reagiu às palavras do forasteiro:

— *Heil, Hitler!* Salvem os asilos!

Klaus levantou-se, bateu continência e confirmou:

— Morte a todas as moscas! Viva eu! — E olhou para Rodolfo e exclamou: — E você também!

Depois, ambos se acalmaram. Em seguida, o forasteiro fez comentários que deixaram assombrados os anfitriões. Afirmou que em 1º de setembro de 1939, o dia em que a guerra com a Polônia começou, Hitler, que para se proteger

raramente assinava ordens letais, firmou um memorando liberando os portadores de doenças incuráveis para terem a concessão de morrer. O programa se chamou dissimuladamente de “eutanásia ativa”. Mas não era a eutanásia no sentido clássico, consentida por uma pessoa em fase terminal e em dramático sofrimento. E sim uma eutanásia compulsória, determinada pelo Estado. Vários médicos se revoltaram e foram expulsos dos seus cargos. Entretanto, esse programa, por incrível que pareça, foi apoiado não apenas pelos médicos fanáticos da Liga dos Médicos Nacional-Socialistas, mas por muitos outros médicos. Perto de 45% dos médicos na época eram filiados ao partido e, de certa forma, comprometidos com a purificação da raça, algo intelectualmente débil e cientificamente absurdo, o que demonstra a influência do meio sobre a inteligência. Diversos psiquiatras, sob a égide da influência nazista, também a aprovaram e elegeram pacientes para ser eliminados.^[12]

Em março de 1935 foi aberta uma exposição em Berlim chamada de “O Milagre da Vida”, em que o médico despontava como o grande líder da política racial. Na busca do sangue puro, os judeus e os miscigenados surgiram como inimigos. Em um setor dessa exposição foram mostradas as comparações de Paul Schultze-Naumburg, um ideólogo da arte nazista e da defesa racial, sobre seres humanos portadores de deficiências genéticas. Schultze fez uma

abordagem de tal monta agressiva que questionou a humanidade deles.^[13]

Posteriormente, Gerhard Wagner, o médico-chefe do Terceiro Reich, prometeu que no futuro conseguiriam realizar o desejo do Führer, criar o novo homem destinado a comandar a Terra.

— Era quase inacreditável que profissionais de saúde que, sob o juramento de Hipócrates, deveriam preservar a vida a qualquer custo defendessem esse bárbaro projeto — afirmou, consternado, o forasteiro. E acrescentou: — Hitler, numa reunião do partido nesse ano, confessou com imponente voz: “Compatriotas, o que desejamos da juventude de amanhã é diferente do passado. Precisamos criar um novo homem para que nossa raça não sucumba...”.^[14] Gerhard Wagner fez um filme, exibido em toda a Alemanha, no qual dizia que nos últimos 70 anos a população aumentara 50%, enquanto a doença hereditária aumentara 450%. Queria induzir a população a aceitar o extermínio desses inofensivos e insubstituíveis seres humanos.^[15]

A sociedade alemã desaprovava a eutanásia na República de Weimar, antes de Hitler tornar-se chanceler. Mas, após sua ascensão, tudo mudou. O nazismo criou um ambiente alucinante: queria eliminar os pacientes psicóticos, cuja complexidade intelectual em nada era diferente da dos “normais”; pelo contrário, eram muito mais afetivos. Todavia, Hitler tinha o poder de criar, fomentar ou despertar

o instinto animal que se alojava no inconsciente das pessoas, inclusive dos intelectuais.

— Mas a Igreja não aprovará isso! — disse Anna, em completo desespero.

— Hitler teme a reação da Igreja, Anna — comentou o hóspede. — Mas sutilmente esperou a guerra começar para, num ambiente saturado de estresse, distrair a atenção das Igrejas Católica e Protestante e diminuir a resistência. E, infelizmente, a guerra já começou. Em breve este asilo será invadido e os pacientes serão mortos; alguns fuzilados, outros asfixiados. É preciso um plano urgente para...

Günter, interrompendo-o, reagiu violentamente:

— Mentira! Mentira! — E raivoso, levantou-se, pegou o judeu pela gola da camisa e completou: — Hitler pode ser um ditador, mas não fará mal ao seu povo! Caia fora da minha casa!

— Sr. Günter, Hitler é um estrangeiro, um austríaco, que ama a si mesmo, mas não o povo alemão.

No entanto, mesmo ouvindo essas palavras, o velho Günter arrastava com força o estranho para a porta. Rodolfo, arrancando os cabelos, aos gritos, se interpôs.

— Não, papai! Não! Eu sou general do Führer.

De repente, diante do desespero do filho, ele o soltou e tentou acalmá-lo.

O forasteiro não se intimidou, insistiu:

— Sr. Günter, para Hitler os internos desta instituição não significam nada, são um embaraço social. É preciso

fazer algo por eles.

Günter abrandou sua ira. Sentou-se, estarecido, no velho sofá que estava atrás da mesa de jantar.

— Não é possível! A justiça tem de prevalecer.

— Sim, a justiça vai prevalecer — falou Anna, embora sem convicção. Mas o estranho não escondeu deles o que sabia. Não havia justiça na Alemanha nazista.

— Hitler rasgou a Constituição. Hitler é a lei; conseguiu unir o Executivo com o Legislativo, tornando-se um déspota, que subjuga o Judiciário para realizar a sua vontade.

E comentou que um destemido juiz distrital, Lothar Kreyssig, se opôs ao programa da “eutanásia ativa”. Para ele, as crianças deficientes e os doentes mentais são pessoas que precisam de insofismável apoio. Escreveu cartas de protesto contra a ilegalidade gritante da ação. Pois acreditava-se que o sistema jurídico alemão entraria em colapso.

— Quando lhe mostraram a autorização de Hitler para eliminá-los, num sobressalto, disse: “Mesmo com base na teoria positiva, o errado não poderia ser transformado em certo”. Tal ousadia lhe custou caro. O próprio ministro da Justiça do Reich, Franz Gürtner, lhe escreveu: “Se o senhor não consegue reconhecer a vontade do Führer como fonte da lei, como base para o direito, então não pode continuar a ser juiz”. Kreyssig foi aposentado compulsoriamente.^[16]

Oficialmente, de 70 mil a 90 mil alemães foram vítimas desse programa de engenharia racial, mas,

extraoficialmente, o programa deve ter ceifado um número muito maior.^[17] Com gemidos inexprimíveis, pais, esposas, filhos, perderam seus entes queridos. Mas eles foram enganados. Recebiam três cartas. A primeira dizia que estavam levando os pacientes para um lugar de assistência. A segunda, que estavam bem alojados e sendo bem tratados. A terceira continha pesares pela morte deles.

Os Merkel ficaram impressionados com o corpo de informações que o estranho portava. Ficaram abaladíssimos com o que poderia vir. Hospedaram o judeu por mais dois dias em sua casa. Rodolfo o fazia relaxar e sorrir. Ambos passeavam com bom humor entre os doentes mentais. Enquanto isso, ele e os pais de Rodolfo começaram a arquitetar um plano para proteger aqueles pacientes, mas era quase impossível. Fazia muito frio, não tinham carros, agasalhos, suprimentos. Mas mesmo assim começaram a levá-los para uma fazenda de um amigo que possuía uma casa que estava abandonada. Levaram dezesseis pacientes, inclusive Klaus. Quando se preparavam para conduzir outra leva, o inevitável aconteceu. Ouviram-se batidas violentas no portão central do asilo, que ficava ao lado do diminuto aposento dos Merkel. Não eram toques comuns.

O casal ficou tenso. Pediu para o estranho sair rapidamente da sala. Rodolfo também se escondeu. Eram doze policiais da SS armados até os dentes. Rostos enraivecidos, mãos que portavam documentos, faces que denunciavam a procura de inimigos. Mas dessa vez não eram

judeus. Havia uma longa lista deles, e Rodolfo Merkel estava nela. Seus crimes: terem necessidades especiais, gastarem marcos do governo, “contaminarem” a raça ariana.

Colocavam os doentes mentais em comboios. Os soldados já haviam passado por muitas instituições desse tipo; alguns foram mortos por esquadrões da SS, outros em vans meticulosamente preparadas para liberar gás, mas no asilo dos Merkel os soldados ficaram irados porque o número não batia. Começaram a procurar por Rodolfo, sabiam que era filho do líder da instituição. Sob o pranto de Günter e Anna, vasculharam sua casa e não o encontraram. Ele estava dentro de um armário.

— Onde está o louco? — indagou, aos berros, o líder da SS.

— Não há mais ninguém aqui — afirmou Anna.

— É mentira! Onde está o louco? — voltou a perguntar o chefe da missão.

— Todos nós somos loucos, senhor...! — falou Günter, querendo dizer indiretamente que eram loucos por terem aceitado a liderança de Hitler.

O chefe da SS já havia fuzilado mais de cinquenta homens pessoalmente. Era experiente e frio. Ao ouvir a ironia de Günter, sem se importar com sua idade, aplicou-lhe imediatamente um bofetão que o derrubou no chão. Anna, desesperada, foi socorrê-lo.

Rodolfo era um “oficial”, não podia se esconder ao ver seu pai ferido. Saiu do armário do quarto e, aos gritos, veio

até a sala.

— Eu sou um general do Führer. Matem as moscas e não meus pais.

O chefe da missão deu uma gargalhada fantasmagórica e disse:

— Os malucos sempre se entregam. — E olhando para seus parceiros, impiedosamente agarrou Rodolfo e o empurrou em direção à porta para o levarem.

— Deixem nosso filho em paz! — bradou Anna aos prantos, prostrada aos pés dos soldados. — Por favor, soltem-no... Ele é incapaz de fazer mal a alguém.

O mundo ficou pequeno para conter sua angústia. Rodolfo era o sentido de sua vida, vivia para o filho.

Mas o chefe da missão, portando uma ordem expressa dos altos escalões da SS, sentenciou, destituído de sensibilidade:

— Em nome da raça ariana, ele deve partir.

Sob o impacto da dor de sua mãe, Rodolfo resistiu à rendição:

— Sou um general de Hitler! Matem as moscas! Viva os judeus!

Ao ouvir essa infâmia, recebeu no rosto um forte tapa de outro soldado, cujo estalido feriu não apenas o rapaz, mas abalou o judeu que estava escondido debaixo da cama, no quarto de Rodolfo. Em seguida, apontaram uma arma para sua cabeça. Nesse momento, o estranho esforçava-se para sair do seu esconderijo. Queria proteger seu amigo. Fora ele

que inicialmente o acolhera para que não morresse congelado, mas sentia-se paralisado, em colapso. Parecia que explodiria dentro do armário, porém não tinha domínio da sua musculatura. Ofegante, subitamente, numa explosão de ansiedade, deu gritos:

— Reaja! Saia, seu covarde!

E batia em seu rosto, punia-se como o último dos homens. Estava entre o sono e o despertar. De repente, Júlio Verne acordou em pânico, parecia que estava sofrendo um infarto. Transpirava. Outra vez tivera um pesadelo com requinte de detalhes, permeado por fatos históricos e vivenciado com uma concretude espantosa.

Katherine, ao ouvir seus gritos, acordou súbita e igualmente tensa. Acendeu a luz do abajur e viu o rosto de Júlio Verne novamente desfigurado pelo pavor noturno. Olhos sobressaltados, rosto contraído, parecia ter saído de um filme de terror em que ele era a vítima, como se estivesse fugindo de algo que o consumia por dentro.

— Acalme-se, Júlio! Você está em seu quarto. Acalme-se!

Ao ouvir a voz de Kate, respirou profundamente. Mas ainda estava sob o efeito da crise. Tentando regurgitar seu pavor, abraçou-a, e o homem que não estava acostumado a chorar derramou lágrimas novamente. Ela sentiu as pulsações vigorosas do seu coração e de seus pulmões ofegantes. Ele realmente estava sofrendo, não eram pesadelos comuns. Procurando aliviá-lo, ela lhe disse:

— Está tudo bem. Foi só mais um pesadelo, querido.

O intrépido professor pela primeira vez se permitiu entregar-se como uma tímida criança ao colo de sua mulher.

— Kate, eles entraram no Asilo de Hadamar e, sem piedade, levaram aqueles pobres inocentes para a morte.

— Não estou entendendo, Júlio.

Foi então que ele lhe contou o sonho que o abismou. Ela ficou impressionada. Nunca ouvira falar de alguém que sonhasse com essa riqueza de detalhes.

Os pesadelos continuaram numa incidência de pelo menos duas a três vezes por semana. Seu imaginário o transportava para dentro da história, ao vivo e em cores. À medida que o tempo passava, Katherine, que sempre achou seu marido de um equilíbrio emocional refinado, começou a ficar preocupada com sua saúde mental. Dez dias depois, mesclando os papéis de esposa e psicóloga, sem querer ser indelicada, falou-lhe honestamente:

— Júlio, você tem andado tão tenso ultimamente. Seu bom humor está se dissipando; sua paciência, se esgotando. Eu sofria por antecipação; agora você sofre pelo passado, um passado que você não construiu, mas parece que dele participou.

Ele manteve silêncio, não se defendeu nem se justificou. Sabia que ela tinha razão. Katherine completou:

— Você era tão forte, querido. Era difícil vê-lo chorar, mostrar-se inseguro, se atemorizar, mas agora... de um mês para cá, tornou-se um colecionador de lágrimas... Acorda em

prantos. Sinceramente, sei que você está sofrendo, mas não sei como ajudá-lo.

— Meu cérebro parece que vai explodir. Parece que meu inconsciente está traindo minha tranquilidade. Vivo em estado de alerta. Estou com medo de dormir, Kate, e o filme recomeçar... — confessou o professor, que nunca fora controlado por nenhum tipo de fobia. Já havia tido diversos marcantes pesadelos, algo que não fazia parte da rotina do seu sono.

— Você sempre foi um referencial de saúde psíquica para mim. Sei que era um pouco ansioso, um tanto teimoso...

Ele sorriu suavemente, e ela continuou:

— Mas nunca o vi tão irritado. Será que não seria o momento de procurar ajuda? — falou encorajando-o a procurar um psiquiatra ou psicólogo experiente.

— Não sei. Acho que primeiro devo tentar me reorganizar. Eu me supero, Kate, eu me supero.

Não era resistente a procurar ajuda, já tinha exercido com brilhantismo a psicologia clínica, antes de ser professor. É que no fundo achava que algo estava errado, mas não sabia dizer se dentro ou fora dele. No início da semana seguinte, um fato o levou a ter certeza de que alguma coisa estranha o envolvia. Katherine não havia pernoitado em Londres nos últimos dois dias, fora dar uma conferência em Paris. Ele havia tido uma noite relativamente tranquila, sem sobressaltos, mas dessa vez o pânico veio de fora. Após

despertar, ouviu toques fortes e apressados na porta de entrada do seu apartamento.

— Estranho! — falou alto para si mesmo. — O porteiro não avisou que alguém estava subindo.

Vestiu uma calça amassada e rapidamente saiu para atender a porta. Observou pelo olho mágico da porta e não viu ninguém. Titubeou por momentos, mas em seguida abriu-a, ansioso. Nada. Dez segundos de silêncio, respiração lenta, olhos fixos no corredor. Ninguém. “Será que algum vizinho está brincando comigo? Ou que alguém errou o apartamento?”, pensou. Ao fechar a porta, inclinou sua cabeça para baixo e viu uma carta. Não recebia cartas havia meses. Toda sua comunicação era feita através das redes sociais e pelo correio eletrônico. Abaixou-se, pegou-a delicadamente e achou-a estranhíssima. Estava datada: 6 de dezembro de 1939. Esfregou os dedos nos olhos enquanto lia a data da carta.

A textura do envelope era diferente, fosca, desgastada, envelhecida, não parecia o papel macio usado atualmente. E, por fora, não tinha o nome do remetente nem para quem era endereçada. Abriu-a e, para seu assombro, a carta fora escrita à mão, com uma caneta-tinteiro. E o que era pior: a letra era sua.

— Mas como isso é possível? — disse, suspirando.

E os mistérios continuaram a se seguir. Olhou-a, atônito, e não podia acreditar, estava endereçada ao ministro de Propaganda de Hitler, Goebbels. Rapidamente leu-a.

Sr. Goebbels,

Gostaríamos de ter um encontro com o senhor por ocasião da visita da sua mãe à minha cidade. Desejaríamos discutir ideias de seu estrito interesse, inclusive novas técnicas de propaganda veiculadas pelo rádio. Certos de que seremos atendidos, subscrevemo-nos.

Júlio Verne e Rodolfo Merkel

— O que está acontecendo? Eu escrevi uma carta para esse crápula! Não é possível! — disse, andando de um lado para o outro, com a mão direita esfregando os cabelos e a esquerda segurando a carta! E acrescentou, pasmo: — Eu odeio o projeto megalomaniaco de Hitler, odeio a propaganda de massa imprimida por Goebbels, como, então, me dirijo a ele? Não posso estar ao lado dessa fábrica de horror! Quem está me pregando esta peça? Quem assina comigo?

Sentou-se, abalado, no estofado bege extremamente macio, mas parecia que se sentava sobre pedras pontiagudas. Não relaxava. Tentou centralizar seu intelecto e dar-lhe um choque de racionalidade. Mas não teve êxito. Era difícil gerenciar seus pensamentos; estavam parcialmente desconexos. Um tanto confuso, pensou alto: “Eu sei. Estou dentro de um pesadelo. Nada disso é real!”. Mas apertou sua mão esquerda e sentiu sua pele, esfregou seus dedos sobre a carta e sentiu sua textura. Não era um pesadelo, mas nem por isso era menos chocante. Perturbado, tentou encontrar suas razões:

“Meu inconsciente está me pregando uma peça. É isso, só posso tê-la escrito sonâmbulo. Mas não é possível! Esse papel, essa tinta... E por que um encontro com o arquiteto da propaganda nazista? Colaborar com ele? Impossível! Eliminá-lo? Provavelmente, mas não mato nem uma mosca...! E esse Rodolfo? É o mesmo com quem sonhei há algumas semanas? Por que assina essa carta comigo?”

Muitas perguntas, nenhuma resposta. Lembrou-se do carro que quase o atropelou e do provável anel com símbolo nazista. Por alguns momentos, começou a pensar alto, achando que estava sendo alvo de uma conspiração. Mas nada fazia sentido.

— Não sou agente secreto. Não faço parte de nenhum partido político. Sou apenas um professor, um mero professor de história... Meu Deus! Ou estou enlouquecendo ou será que estou sendo... Não, isso é paranoia — disse, suspirando e transtornado.

Ao mesmo tempo em que o caldeirão de imagens mentais e pensamentos inquietantes fervilhava em sua mente, ele, para tentar sobreviver, procurava dar aulas vibrantes. Não mais informava a história, teatralizava-a, transportava seus alunos para dentro da história viva tal qual era transportado em seus pesadelos. Descrevia personagens como Rodolfo, suas características de personalidade, seus trejeitos e gestos bizarros, estimulando seus alunos a admirar a complexidade do psiquismo humano e levando-os a enxergar a desumanidade do líder da Alemanha e de seu radical partido.

— Hitler assassinou os filhos da Alemanha com alterações genéticas e mentais como sendo inimigos da política racial do Estado. Nunca a ciência desonrou tanto a humanidade — dizia o professor para as turmas de alunos, que ficavam em estado de perplexidade. Em suas aulas imitava a voz e o comportamento grosseiro dos oficiais da SS com seus mandados de busca. Levava sua plateia à comoção.

Não queria ser herói, mas se tornou convicto de que os professores, embora frequentemente não gozem dos melhores salários, são revolucionários “semeadores” de ideias, têm um poder de transformação social maior que os generais e os políticos. São as ideias que promovem a paz ou fazem as guerras. Júlio Verne nunca se sentiu tão frágil e ao mesmo tempo tão poderoso. Para alguns, ele parecia um homem mentalmente descompensado; para outros, um mestre inconformado com o cárcere social.

— Se as ideias não os inquietarem, caros alunos, ou vocês estão mortos como pensadores ou eu estou morto como educador.

O recado era direto e provocador. E ele acrescentava:

— Se vieram aqui para ouvir informações, esqueçam-me, liguem um computador. Eles farão um trabalho melhor que o meu.

Estimulando seus alunos a debater ideias, dizia:

— A violência não é causada apenas pela ação dos tiranos, mas também pelo silêncio dos que se calam.

“Mas se calam sobre o quê?”, eles se perguntavam. Contudo, o professor não explicava muito. Cada um interpretava como queria.

Sua irreverência ocupava a pauta principal das conversas nos corredores da universidade. Muitos queriam conhecer o “maluco” que subia na mesa, colocava os alunos contra a parede e bradava teatralmente suas aulas. Numa universidade entediante, cuja transmissão seca e fria do conhecimento competia com a supraexcitante internet para capturar a atenção das plateias e perdia de lavada, o surgimento de um professor “descompensado” e polêmico foi um acontecimento notório. Suas aulas começaram a ser disputadas por ouvintes de outros cursos que não tinham aulas de história no currículo. O intelectual passou a ser famoso, algo que incomodava o reitor.

Colecionava admiradores, mas não poucos detratores. Não havia uma aula em que não fosse aplaudido de pé ou da qual não saíssem espectadores enraivecidos em algum momento de sua preleção. Alguns alunos, como Peter, Deborah, Evelyn, Lucas, Brady e outros, começaram a acompanhar o mestre em todas as classes. Muitos não amavam os livros de história nem procuravam expressar seus pensamentos em sala, mas algo aconteceu no psiquismo deles. Começaram a ter uma sede insaciável de conhecimento.

Dias depois, Júlio Verne estava trabalhando em seu computador quando, de repente, uma mensagem eletrônica

chegou marcando uma reunião urgente na reitoria da universidade. Em outros tempos ele se sentiria confortável com o convite. Elogios certamente seriam ouvidos. Hoje, sabia, o quadro havia mudado. Nunca tivera muita afinidade com o imprevisível e austero reitor, mas o suportava. No horário marcado, foi ao encontro. Pernas cruzadas, o pé esquerdo se movimentando ininterruptamente revelavam ansiedade. Esperou longos 25 minutos para ser atendido.

A porta se abriu, e o pró-reitor acadêmico, Antony, convidou-o a entrar. Nem um sorriso, nem um cumprimento. Além do pró-reitor, estavam reunidos ao redor da mesa oval de mogno avermelhado o reitor, Max Ruppert, o coordenador do curso de direito, Michael, e um advogado da instituição. Os rumores das aulas de Júlio Verne havia semanas os estavam perturbando. Rostos cerrados, pedras nas mãos.

— O senhor está aqui há anos e nunca teve problemas, mas ultimamente vários alunos têm reclamado de sua conduta — afirmou o reitor.

— Eu sei. Mas há alguns que têm me elogiado?

Não ouve resposta.

— O que é pior, o senhor está sendo processado, professor, por calúnia e difamação, por três alunos. Nossa universidade, por tê-lo contratado, tem responsabilidade solidária nesse processo — falou secamente o reitor. Os demais inquisidores mantinham um silêncio tépido.

— Não entendo os motivos... — Antes que terminasse a frase, o reitor o cortou.

— Não entende os motivos? O senhor os chamou de nazistas!

— Jamais! Isso é mentira. Falei que são filhos do sistema cartesiano!

— E o que o senhor quer dizer com isso? — expressou, confuso, o advogado da universidade, o dr. Cássio.

— Não conhece os acidentes provocados no inconsciente coletivo pelo cartesianismo, doutor?

— Não somos seus alunos. Vá direto ao assunto! — comentou friamente Antony, o pró-reitor.

— Afirmei que a dor foi institucionalizada pela matemática. Os homicídios, os suicídios, a violência contra as mulheres, os maus-tratos na infância, a farmacodependência tornaram-se estatísticas propaladas pela mídia ou estudadas pela Academia. Não enxergam esse fenômeno?

Michael, como coordenador do curso de direito e especialista em direitos humanos, ficou fascinado com as implicações psicossociais daquelas simples cadeias de ideias. Mas não foi essa a impressão de Max nem de Antony, os líderes da poderosa instituição.

— Pare com esse romantismo acadêmico, professor! — comentou rispidamente Antony. Mas Max foi mais longe:

— Quem é o senhor para nos induzir a defender suas teses? Quem diz que sua crítica a esse cartesianismo não é

uma estupidez? O senhor está se tornando um corpo estranho nesta universidade. Muitos comentam que temos um professor histriônico, polêmico, maluco... Cumpra seu papel acadêmico, como sempre fez — rebateu Max, num tom exasperado.

— Sinto muito. Não darei mais aulas como sempre dei. Eu formava repetidores de ideias e não pensadores — comentou Verne, lembrando-se de que não poucos intelectuais aplaudiram as loucuras de Hitler...

— Está nos afrontando, professor! Se continuar assim, nós o cortaremos da universidade por justa causa — afirmou Max, com o dedo em riste apontado para ele. — Nosso advogado, o dr. Cássio, irá defendê-lo, bem como a universidade. E mais uma reclamação: nosso contrato será encerrado e talvez o senhor tenha mais um processo. Agora, de nossa parte.

— Calma, cavalheiros — falou Michael, tentando abrandar a ira de Max. — Senhor reitor, são respeitáveis os pontos de vista do professor — disse Michael em sua defesa.

— Respeitáveis? Estamos maculando nossa magna instituição com a conduta antiética desse professor! Inclusive, perdendo alunos por sua petulância. — O que era uma insofismável mentira. Seu tom de voz e sua sudorese facial indicavam que estava completamente descontrolado, o que ele não disfarçava. Seu desejo era intimidar o professor. E, pessimista, sentenciou: — E certamente teremos que

pagar caras indenizações a certos alunos por suas difamações.

Depois do clima tenso, respirou profundamente e diminuiu seu tom de voz:

— Resolvemos introduzir a história no currículo de alguns de nossos cursos para nos distinguir das outras instituições acadêmicas e incumbimos aquele que era um dos mais notáveis mestres para realizar essa empreitada. E agora somos apunhalados pelas costas, traídos...

O pró-reitor acadêmico ponderou:

— O senhor pode ter suas convicções, professor, mas jamais deveria afrontar nossa clientela. É pago para transmitir dados e não causar polêmica.

— Sr. Antony, sou pago para formar mentes livres. Se a meta é transmitir dados frios, contrate um programa, ele será mais eficiente. Como formar mentes livres sem provocar os alunos com a arte da dúvida? Como usar a arte da dúvida sem questioná-los? E como questioná-los sem perturbá-los? Impossível!

Diante dessas palavras, o reitor, ansioso, esfregou as mãos no rosto emudecido. Antony colocou suas mãos na cabeça. Sabia que Júlio Verne era um gênio no debate de ideias e que, desde que assumira a pró-reitoria, nunca um professor fora tão disputado; todos queriam assistir às suas aulas, embora tivesse seus desafetos.

— Professor Júlio Verne — expressou Antony, agora pausadamente. — O que lhe peço é que não cause motins. Só

isso.

Impossível para o professor, que detestava a quietude da classe, amava as discussões. Nesse momento, ele fez um mergulho em seu psiquismo e, comovido, revelou um de seus pesadelos.

— Há pouco tempo, tive um sonho que me perturbou muitíssimo. Vi jovens alemães de 18, 19, 20 anos nos tempos de Hitler. Frequentavam escolas, tinham sonhos, eram sorridentes, bem-humorados, gostavam de ter amigos, ir a festas e jantares, tais quais os nossos alunos desta universidade. Eles não eram psicopatas no sentido clássico, não imaginariam que um dia pegariam em armas e teriam a coragem de assassinar sem compaixão judeus, ciganos, homossexuais e, inclusive, dóceis crianças especiais de sua própria raça. Mas, adestrados pelo nazismo, eles os consideraram a escória da humanidade e praticaram tais atrocidades. Com uma arma numa mão e uma ordem de busca na outra, tornaram-se deuses do mal.

Todos os que estavam na reitoria ficaram abalados com o que ouviram e mais perplexos ainda porque o professor teatralizou, como fazia em classe, um soldado alemão no encalço de inimigos do regime. Imitando a voz do alemão, disse:

— “Onde estão os doentes mentais que contagiam a raça ariana?” — Em seguida, imitou a voz e os comportamentos bizarros de um inocente psicótico: — “Não sei, senhor! Salve a Alemanha. Por favor, nos leve para conhecer o

grande e bondoso Führer...!” — E o Führer lhe dava um presente. Em seguida, imitou o presente: o som de uma metralhadora.

Depois dessa breve teatralização, Júlio Verne reafirmou:

— Estou aqui para contribuir para formar mentes com consciência crítica e não manipuláveis. Não sei se conseguirei, mas, se não tentar, será melhor desistir de ser...

— E, interrompendo sua própria fala, levantou-se e, sem se despedir, saiu silenciosa e emocionadamente. Michael também sentiu seus olhos se umedecerem.

Absorto em seus pensamentos, Júlio Verne nem sequer atinava por onde caminhava. Se continuasse com sua agenda, estaria com a corda no pescoço. Mas como calá-lo? Como silenciar um homem com uma mente em pânico por terrores noturnos, abarcada por fatos inexplicáveis e perturbada pelo conformismo social? Era um homem inquietante e inquietador.

CAPÍTULO 4

CONFLITOS INSOLÚVEIS

As aulas de história do professor Júlio Verne ganhavam cada vez mais corpo, estatura emocional, realismo, crueza, concretude, “sabor” do tempo. O professor-ator sorria, chorava, assombrava, surpreendia seus alunos. Fazia sucesso entre os estudantes de direito, psicologia, medicina, pedagogia. E até estudantes de engenharia concorriam a fim de obter uma vaga para assistir às suas aulas. Sensações antes vivenciadas apenas em impactantes filmes ganharam eco nos áridos palcos das salas de aulas. Certa vez, ele estava fazendo uma apresentação sobre os mecanismos de interpretação da história.

— Todo pensamento é em tese derivado da história. Não apenas os fatos do passado ou os textos dos livros o são, mas cada pensamento que você produz neste exato momento, ainda que seja relativo ao futuro, tem elementos da história, seja pelos verbos, substantivos que resgatou, seja por fatos que aprovou ou negou, ou por medos e expectativas que projetou. A história é a mãe das ideias e, como tal, deveria ser interpretada com critérios, inclusive a história das pessoas que amam ou rejeitam. Se elas não se esvaziarem de

seus tendencialismos, cometerão erros crassos na avaliação dos fatos e comportamentos dos outros. E, sinceramente, cedo ou tarde produzimos interpretações falsas ou tolas.

— Protesto! Sou sempre verdadeiro — expressou um aluno que estava esperando uma oportunidade para se contrapor ao professor. Era um olheiro, um amigo de Jeferson e Marcus.

— Obrigado por me contestar. O pensamento é solitário, jamais incorpora a realidade do objeto pensado. Por exemplo, um psicólogo interpreta seu paciente não apenas a partir do outro, mas também a partir de si mesmo. Sua história (quem sou), sua emoção (como estou), seu ambiente social (onde estou), comprometem sua interpretação. Concluo com isso que a verdade é um fim inatingível!^[18] Portanto, você não pode ser sempre verdadeiro, a não ser que seja um deus — respondeu o mestre.

Esse aluno filmava o comportamento do professor. Subitamente, ao ouvir essas palavras, juntamente com outros colegas, saiu da classe. E antes de deixar o ambiente rebateu:

— É você que pensa que é um deus!

O clima ficou pesado. Segundos depois, o professor fitou a classe, respirou profundamente e alertou:

— Cuidado! O pensamento consciente é virtual, e, como tal, liberta nosso imaginário, mas, ao mesmo tempo, está sujeito a graves distorções. No exato momento em que lemos a memória e construímos uma cadeia de pensamentos,

nossos níveis de ansiedade, crenças religiosas, ideologias políticas interferem em frações de segundos nessa construção e contaminam nossos julgamentos. Treinem sempre enxergar o outro, mesmo os personagens da história, mais com os olhos dele e menos com os seus. Você vai falhar, mas falhará menos.

Deborah, impactada com esse fenômeno, expressou:

— Nunca imaginei que o pensamento fosse virtual e passível de inúmeras distorções. Sou impulsiva, sempre falo o que penso, mas nunca pensei sobre o modo como penso e o que penso.

— Se os ditadores que mataram, escravizaram e excluíram pessoas compreendessem as distorções do pensamento e olhassem suas vítimas pela perspectiva delas, pelo menos minimamente, não cometeriam crueldades — afirmou Peter.

— Sim! As maiores loucuras não são produzidas pelos psicóticos, mas pelos que nunca viajaram para dentro de si mesmos. Quem aqui nunca olhou com preconceito as pessoas com seus estranhos comportamentos nas ruas? Quem nunca achou frágil um adolescente que chorou ou um adulto que hesitou ou uma pessoa que teve uma reação fóbica? Sejam honestos.

O professor amava usar a história para colocar seus alunos contra seus preconceitos. Depois de um prolongado silêncio, uma aluna resolveu abrir a boca.

— Eu zombei de um mendigo na semana passada. Ele andava nas ruas, falava sozinho, fazia movimentos engraçados com as mãos, parecia delirar. Eu e meus amigos não nos aguentamos, caímos na gargalhada — declarou Geny, uma aluna de física, que pela primeira vez assistia a uma de suas aulas.

— Meu pai tem síndrome do pânico há dez anos, não frequenta reuniões, festas nem grupos de trabalho. Ofendi-o muitas vezes, chamei-o de fraco, dependente de minha mãe. Para mim, suas crises eram uma desculpa para não assumir suas responsabilidades — comentou Robert, um aluno de administração pouco generoso que vivia em função do consumismo.

— Obrigado por sua sinceridade. O preconceito surge quando não nos colocamos no lugar dos outros! Eis o câncer da humanidade. Ah, os tímidos têm preconceito contra si mesmos. Diminuem-se. Quem tem algum grau de timidez aqui?

Cerca de 70% a 80% dos alunos, espantosamente, tinham. A ausência de debate nas universidades contribuía para esse acidente psíquico.

— Sejam espontâneos. Não tenham medo de ser estúpidos.

Os alunos sorriram, e sem outras palavras o professor terminou sua aula. Os elogios ao professor percorriam os corredores, mas as reclamações também não paravam de chegar à reitoria. Max, que não havia digerido a ousadia de

Júlio Verne na última reunião, cogitava despedi-lo, mas sua fama crescera.

— Você tem que interromper o movimento produzido por esse professor, Antony — afirmou o reitor para o pró-reitor acadêmico.

— Mas muitos alunos estão apreciando o dr. Verne. Parece que estão tendo prazer em debater ideias — afirmou.

— Professores de história! Estou cômico de que são um perigo para o bom comportamento dos alunos. Incitam a rebeldia — falou, esbravejando com o pró-reitor acadêmico.

— Não sei como fui ouvir sua sugestão de introduzir história no currículo de nossos cursos, até no de engenharia. Como eu, Max Ruppert, um dos mais respeitados intelectuais desta nação, fui tolo!

— Senhor, me desculpe, os professores de história podem incitar o pensamento crítico. A história é a lupa para se enxergar o futuro e corrigir suas rotas — falou timidamente Antony, tentando defender sua ideia.

— Até você está seduzido por esse romantismo de Júlio Verne! Alguns alunos e professores estão furiosos, acham suas exposições uma palhaçada teatral, um insulto à rotina acadêmica. O importante são as competências técnicas.

Antony sabia que as competências técnicas formavam o profissional, mas não o ser humano. Tinha em mãos pesquisas que revelavam que grande parte das demissões de executivos era por falta de habilidades emocionais, interpessoais, cultura geral e habilidades não técnicas, por

isso tentou inovar em sua universidade. Mas não podia enfrentar o reitor, um especialista em despedir desafetos.

— Mas, dr. Max, a procura por nossa universidade aumentou.

Ao ouvir isso, o reitor reagiu rápida e rispidamente:

— Aumentou! Mas não por causa dele, em detrimento dele. Aumentou pelo meu trabalho.

Antony procurou o professor de história sentindo que também poderia estar com a corda no pescoço. No fim de uma de suas aulas, pediu mais uma vez que tivesse mais moderação.

— Professor Júlio, você lembra quando comecei minha carreira, mas, sinto muito, sua carreira aqui está por um fio... O reitor está no limite.

— Não me importo!

— Não se importa? A Europa está em crise financeira. Há professores universitários trabalhando como taxistas, há mestres empregados como garçons, doutores como balconistas, sem contar a leva de desempregados.

O professor suspirou e titubeou um pouco, mas foi sincero.

— O que posso fazer, Antony? Ultimamente não tenho dormido direito, e, se eu for infiel à minha consciência, ficarei insone, serei um zumbi!

— A decisão é sua e as consequências também — disse, desanimado, o pró-reitor, sentindo que o professor era

imutável, pelo menos nessa área, o que acabaria complicando a ambos.

Dez passos à frente, Júlio Verne encontrou os alunos Peter, Lucas e Brady, que haviam saído da sua última aula e conversavam no corredor. Eles o cumprimentaram com entusiasmo. Peter tomou à frente e perguntou:

— Onde será sua próxima aula, mestre?

— Espero que ainda seja aqui, Peter.

— Mas por quê?

— Parece que sou um corpo estranho na instituição.

E antes que eles fizessem mais perguntas, acenou com as mãos e partiu, indeciso. Passou o dia pensativo e à noite, quando colocou sua cabeça no travesseiro, foi assaltado pelo medo de mergulhar nos insólitos espaços dos seus pesadelos. E novamente aconteceu. De madrugada, acordou assombrado. Sentou-se rapidamente na cama com os olhos marejados de lágrimas, pulmões galopantes, pânico, o cardápio psicossomático de sempre. Eram cinco e quinze da manhã. Katherine também acordou tensa, e, dessa vez, perdeu a paciência.

— Júlio, eu te amo. Mas não suporto presenciar sua dor. Não é normal alguém ser escravo de pesadelos dramáticos e tão frequentes.

— Eu sei — disse incomodado.

— Você precisa se tratar. Tomar um indutor do sono, fazer terapia.

— Acho que você tem razão — reconheceu ele pela primeira vez.

— Mas por que fica inerte, paralisado, sem ação!? Eu não o entendo. Você é formado em psicologia, tem um notável conhecimento da mente humana, sempre foi seguro. O que o perturba? O que o aflige? Admitir que não é perfeito? Que é frágil? Que há monstros em seu inconsciente que o envergonham?

— Desculpe-me, Kate.

— É só o que sabe dizer: “desculpe-me”! E o nosso casamento? Faz dois meses que você vive estressado! Raramente fazemos amor. Tenho seu corpo, mas não sua alma. Você vive distante. Não saímos mais, você não tem sequer disposição para irmos a um simples restaurante. Onde está o homem forte, o judeu bem-humorado, o romântico cativante?

Katherine disse essas palavras e saiu da cama angustiada tentando esconder suas lágrimas. Pela primeira vez, colocou em xeque seu casamento. Trocou-se rapidamente e foi preparar a mesa do café da manhã; não tinha mais ânimo para voltar a dormir. Estava perdendo o homem que amava e sentia-se completamente impotente.

Quinze minutos depois, Júlio Verne apareceu na sala do café e sentou-se ao seu lado. Ela já tinha comido alguma coisa e ia começar a tomar seu suco de laranja. Júlio ficou sentado silenciosamente. Katherine sentiu que não tinha nada para lhe dizer naquele momento. Quando ela ia se

preparar para se levantar, alguém bateu à porta. E, como da outra vez em que Júlio recebeu a estranha carta, o porteiro também não interfonou para avisar sobre um suposto visitante. Os toques eram igualmente fortes e apressados.

Ele, ansioso, levantou-se desastradamente, derrubou seu suco sobre ela e, sem nem sequer lhe pedir desculpa, dirigiu-se à porta, como se aguardasse algo ou quisesse esconder um segredo dela. “Quem sabe eu pego em flagrante o estranho visitante que deixou a carta da outra vez”, imaginou. Nem observou pelo olho da porta para saber quem era. Abriu-a subitamente e novamente não havia ninguém. Respirou profundamente, inclinou a cabeça e novamente viu uma carta. Sentiu um frio na espinha. Pegou-a, inseguro, e a trouxe até a altura do peito. Katherine achou seu comportamento estranhíssimo.

O envelope era de um papel envelhecido, rústico, tal como o da primeira carta. Guardou-a sobre o peito como se estivesse escondendo algo proibido. Não queria constranger mais ainda Katherine. Só que ela já estava atrás dele e percebera seu gesto. Ao se virar, ele se assustou com a presença dela.

Ela achou perturbador o comportamento dele e mais estranho ainda tentar esconder a carta. Eram abertos, transparentes, não havia segredos entre eles, pelo menos até agora. “Uma amante?”, pensou ela. “Só uma amante usaria cartas e não uma rede social”, imaginou.

— Quem escreveu essa carta, Júlio?

Ele a tirou de dentro da camisa e ficou sem palavras.

— Quem a escreveu? Você sempre foi honesto comigo.

— Não sei, Kate. Não sei.

— Como não sei? Você não viu o remetente?

— Não há remetente.

— Como não? — disse ela, levando sua suspeita às alturas. — Você está tendo algum caso?

— Claro que não, eu te amo.

— Júlio, pense um pouco. Você corre até a porta como se estivesse esperando algo importantíssimo. Recebe uma carta sem remetente e sem identificar o endereçado. Você pensa que sou tola? Se fosse comigo, como reagiria?

Katherine, apesar de toda a crise de ciúme, não invadiu a privacidade de Júlio Verne, não arrancou a carta de sua mão. Ele fez uma pausa e meneou a cabeça, concordando com ela.

— Venha. Vamos lê-la juntos.

E gentilmente se sentou ao lado dela no sofá da sala. Mas estava apreensivo, pois, depois de lê-la, talvez ela tivesse vontade de interná-lo em alguma clínica psiquiátrica.

Querido tio Júlio Verne,

Fique tranquilo, a sra. Fritz disse que cuidará de nós enquanto o papai e a mamãe estiverem na Polônia. Disse ainda que os policiais que os levaram não são tão maus assim, embora não creiamos. Depois que saímos de nossa casa, fizeram um leilão com tudo que tínhamos lá: joias, móveis, quadros. Levaram também nossos brinquedos e roupas. Anne chora muito. Perdemos tudo. Eu não

entendo por que nos odeiam. A sra. Fritz também comentou que o papai e a mamãe foram procurar um lugar agradável para irmos morar. Um novo lar. Eu e a Anne não aguentamos de saudades deles. Não podemos mais ir à nossa escola nem temos mais amigos alemães. Só nos resta brincar na neve e, ainda assim, escondidos. Esse será o inverno mais triste de nossa vida.

Obrigado por ter-nos ajudado.

Um beijo de

Moisés e Anne Kurt

— Quem são Moisés e Anne Kurt? Não sabia que você tinha sobrinhos?

— Não sei. Não tenho a menor ideia — disse Júlio Verne, completamente confuso.

— Não brinque comigo.

— Não estou brincando. Conheço meninas e meninos com esse nome, mas com esse sobrenome, não, não me lembro. — E colocou as mãos na cabeça, perturbado.

— Tente se lembrar de algum amigo ou conhecido. Essa carta tem tanta intimidade...

— Não sei, Kate, estou tão perplexo quanto você.

— Espere. Nós estamos no verão. O inverno ainda está distante — observou Katherine.

— Também reparei nesse detalhe — disse, curioso, e acrescentou: — E olhe a textura do papel da carta.

— Sem brilho, áspera, rugosa. Diferente. Parece feito no passado — ela afirmou.

— Espere, Kate.

Júlio Verne foi até sua biblioteca e retirou, escondida num livro de história, a outra carta e lhe entregou.

Ela leu-a, pasma. Não podia acreditar. Datada de 1941 e escrita pelo próprio Verne, com uma máquina de datilografar que só existia em museus.

— O que significa isso, Júlio?

— Não sei, querida, não sei — expressou com a respiração ofegante.

— É incrível, está endereçada a Goebbels.

— Só sei que essas cartas são tão estranhas quanto meus pesadelos.

— Será que você... — Ela interrompeu sua fala. Não queria atrever-se a dar um diagnóstico.

Mas ele completou:

— ... estou tendo um surto psicótico?

— Não uma psicose, mas quem sabe outra síndrome.

— Que síndrome? Você acha que estou tão mentalmente desorganizado que escreveria para mim mesmo?

Ela ficou em silêncio, e ele expressou:

— Mas como? Posso estar perturbado, mas não rompi com a realidade. Sei quem sou, onde estou, meus papéis sociais — disse, tenso, tentando ser razoável.

Enquanto falava, transpirava. Ela aventou outra possibilidade.

— Será que você não está sendo alvo de alguma conspiração?

— Pensei nisso, mas sou apenas um professor de história.

— Quem sabe grupos extremistas.

— Não prego a violência, não sou radical, não tenho inimigos. Sou pacifista. Torço dia e noite para que palestinos e judeus vivam harmonicamente. Mas não entendo, Kate... Nessas cartas não há ameaças, nem injúrias.

Ela confirmou com a cabeça que não havia sombra de ameaças nelas. De fato, a carta era carregada de afetividade. Por enquanto estavam sendo poupados das incríveis ameaças que se seguiriam.

— A carta parece se referir a famílias que foram deportadas pelos alemães para a Polônia na Segunda Guerra Mundial. Mas por que essas duas crianças ficaram? — indagou o professor.

— Talvez alguns de seus alunos estejam querendo lhe pregar uma peça.

— Talvez...

E assim terminou a conversa. Kate ficou preocupadíssima com ele. Olhou para o relógio e mostrou que precisavam ir para a universidade, dar suas aulas e realizar suas pesquisas. Saíram saturados de dúvidas. Era tempo de o cardápio das dúvidas ser temperado com algumas respostas para aliviar o estresse deles. Mas as respostas pareciam distantes e, sem que eles soubessem, muito perigosas.

CAPÍTULO 5

UMA ESPOSA EM PÂNICO

Katherine chegou à universidade sem o brilho e o bom humor que sempre pautaram sua vida. Por mais que fosse equilibrada, a avalanche de estímulos estressantes passara do suportável. Paul Simon, amigo e professor de psicologia clínica, a encontrou nos corredores e percebeu algo estranho.

— Você está bem, Kate?

Ele também tinha a liberdade de chamá-la carinhosamente.

— Vou indo, Paul. Vou indo.

Ela estava atrasada para dar sua aula. A conversa não podia se estender. Paul talvez não fosse a pessoa mais indicada para ela se abrir. Ele tinha um fascínio não confessado por Katherine. Fora seu namorado no passado e, às vezes, frequentava sua casa. Sempre achara que o homem certo para ela fosse ele mesmo e não Júlio Verne. Mas ela, ao conhecer Júlio, trocou o homem rico, o psicólogo de sucesso, pelo aventureiro professor de história. Contudo, Paul era um profissional que ela respeitava.

— Procure-me, se precisar. Talvez você precise mais de um amigo do que de um psicoterapeuta.

Katherine agradeceu e continuou caminhando. Aquela foi uma manhã para se esquecer. Não conseguiu dar aula de psicologia social com suavidade e segurança, como sempre fazia. Parecia que suas ideias não se encadeavam, comprometendo a argúcia e o desenvolvimento do seu raciocínio. Volta e meia interrompia sua exposição e, num mergulho introspectivo, pensava na saúde mental de Júlio Verne, nas suas crises noturnas e nas cartas que recebera. Os alunos perceberam que a ponderada e observadora professora perdera um pouco sua concentração. Após as duas primeiras aulas, ela foi à sala dos professores do Departamento de Psicologia. Paul estava lá, com outros professores. Minutos depois, ele e ela ficaram a sós. Ela porque queria relaxar, ele porque queria tentar ajudá-la.

Júlio Verne, embora considerasse Paul culto, sempre o achou um tanto precipitado e radical em seus diagnósticos. Este percebera que Katherine continuava ansiosa. Outrora ela já teria feito algumas brincadeiras, mas nesse dia permanecia compenetrada.

— Posso ajudar você em alguma coisa?

Ela permaneceu em silêncio. Hesitava em se abrir.

— Se os amigos não forem para essas horas, para que servem?

Era um momento oportuno para Katherine se abrir com alguém, dividir suas preocupações, mas era muito discreta,

não revelava suas intimidades, ainda mais as que podiam comprometer a imagem de seu marido. Porém, sentia que estava perdendo-o, não sabia o porquê nem para quem. Poderia estar perdendo-o até por causa das suas próprias cobranças, ponderava Katherine. Como psicóloga experiente, só tinha uma certeza: um inimigo sem face, desconhecido, por inofensivo que seja, se torna um monstro no imaginário humano. Conhecê-lo o minimiza.

Ela hesitou mais um pouco, mas por fim falou:

— Não sei, Paul. Eu não queria falar sobre esse assunto, mas estou preocupadíssima com Júlio Verne.

— Não tenha medo de se abrir. Quem sabe eu possa ajudá-lo.

Katherine rompeu sua resistência e começou a comentar com detalhes sobre os pesadelos de Júlio Verne, mas não tocou no assunto das cartas. Após a exposição dela, Paul concluiu:

— Muitos pacientes têm terrores noturnos, e não poucos acordam assombrados. Mas sonhar com fatos históricos que aparentemente não tenham ligação direta com fatos cotidianos ou com a história de formação da personalidade é incomum. Contudo, o mais estranho é que Júlio Verne se sente inserido dentro desses fatos e se acovarda, ao seu ver, categoricamente.

— Eu sei, é estranho mesmo. Mas não consigo entender que conflito ele possui.

— Parece que um grave transtorno está em franco desenvolvimento na mente dele — disse Paul, para a angústia dela, e adicionou: — Parece também que o inconsciente de Júlio Verne está bradando: “Ei, cara, abaixe a bola! Saia do pedestal! Você não é um herói, mas um crápula. Seja sensível, se humanize!”.

— Desculpe-me, Paul, mas Júlio, apesar de defender suas ideias com contundência, nunca esteve num pedestal nem se posicionou como herói. Ele é mais culto que seus pares e o mais humilde deles. Como pode o inconsciente gritar que ele saia do pedestal? — falou ela, contrariando o pensamento do amigo. — E, além disso, ele é um dos homens mais sensíveis que conheço, capaz de observar uma prostituta nas ruas e tentar imaginar as lágrimas que chorou e as privações que sofreu na infância.

Paul ficou constrangido, não tinha essa sensibilidade, mas não recuou nem abriu mão da sua tese.

— Será que de fato você o conhece bem, Kate? Uma mulher pode dormir com um homem por décadas e não conhecer os porões da sua personalidade. Talvez seus sonhos sobre assassinatos indiquem que ele tenha um instinto assassino embotado.

Ela imediatamente o rebateu.

— Que absurdo, Paul! Os mecanismos mentais nos levam a produzir sonhos também com aquilo de que temos aversão e não apenas com o que desejamos. Uma mãe que desesperadamente vê a imagem mental de uma faca

penetrando no seu filho não quer dizer que quer matá-lo, mas, ao contrário, que odeia a ideia de matá-lo, pois o ama intensamente. Júlio sonha com o que mais odeia: a violação dos direitos humanos.

Paul sabia, desde seu namoro, que Katherine tinha um raciocínio brilhante; subjugar-la era uma tarefa hercúlea. Se fosse ingênua, talvez ele tivesse plantado nela um conflito na relação com Júlio Verne.

Em seguida ele a criticou.

— Por que você resiste a qualquer diálogo, Kate? Não posso falar nada sobre Júlio que você retruca. Não sou um inimigo — disse espertamente.

Ela suspirou, tentou se recompor e percebeu que ele tinha razão. Já que resolvera se abrir, deveria pelo menos ter a gentileza de ouvi-lo. Afinal de contas, não poderia ter receio de tentar conhecer um pouco melhor as crises de seu homem.

— Desculpe-me, Paul, tenho estado muito ansiosa.

Ele pegou nas mãos dela e as acariciou, fazendo sinal de que a entendia. Ela delicadamente recuou as mãos. Paul continuou.

— Ele está deprimido? Pensa em suicídio? Perdeu a motivação para viver?

— Não creio que tenha ideias de suicídio. Aliás, Júlio é teimosamente apaixonado pela vida. É provável que esteja muito mais estressado do que deprimido. Porém, ele acorda à noite chorando, suando, taquicárdico, em pânico.

— Mas ele chora por quê?

— Parece que ele sai das páginas da história e vive a dor das vítimas da Segunda Guerra, e não apenas dos judeus. Outro dia sonhou com doentes mentais alemães e acordou em prantos. Depois teve pesadelo com uma família de ciganos da Romênia que fora tratada como cães pelos oficiais da SS. Nesse dia, ele acordou se punindo porque não conseguiu protegê-las.

— É a velha culpa, esse sentimento tão antigo, que, ainda hoje, tira oxigênio da emoção de milhões de seres humanos. Você foge dela de dia e, sorrateiramente, ela surge à noite.

— Algum sentimento de culpa tem perseguido você, Paul? — falou Katherine, tentando testá-lo.

— Não, de modo algum. Sou uma pessoa resolvida — disse, um tanto constrangido.

— Ser resolvido não quer dizer não sentir culpa. A culpa é um raciocínio complexo, de importância vital para reconhecer erros e corrigir rotas. Se for bem trabalhada, é um brilhante ferramental para desenvolver a maturidade.

— Claro! Mas se for mal trabalhada deprime ou produz sociopatia. Você poderia ser uma boa psicóloga clínica — disse ele, novamente constrangido.

Em seguida, ela contou alguns comportamentos mais cálidos de Júlio Verne.

— Várias vezes ele acorda autopunindo-se. Ele diz que, se falha em seu imaginário, tem grande chance de falhar numa situação concreta.

— Júlio tem medo dele mesmo. Perdeu sua autoconfiança.

— Penso que sim. Não tem mais a mesma alegria, leveza, serenidade.

— Você é forte e resiliente — disse Paul, como se a estivesse encorajando a desistir da relação. Em seguida indagou: — Ele organiza bem as ideias?

— Ele está perturbado, mas seu raciocínio está preservado.

— Será? Seu raciocínio não está fragmentando ou rompendo com a realidade? Tente resgatar seus comportamentos — disse Paul, boicotando ainda mais a tranquilidade de Katherine. E sem demora emendou outra perguntou: — Júlio tem falsas crenças?

Ela demorou a responder. Não queria falar sobre as cartas que ele escrevera a Goebbels ou sobre a estranha carta que recebera das crianças. Nem queria comentar sobre o motorista que quase o atropelara e o seu bizarro anel. Estava apreensiva. Temia que Paul fosse implacável com o homem que ela amava.

— Kate, responda! — solicitou ele sem delicadeza, pois percebeu que ela guardava alguns segredos: — Ele tem tido pensamentos irreais?

Com o olhar preocupado, ela lhe relatou os misteriosos fatos. Paul esfregou as mãos no rosto comprido e, fixando-se nos abatidos olhos dela, perguntou:

— Cartas sem remetente? Carta dirigida a um personagem do passado? Quem foi Goebbels mesmo? — perguntou ele, refletindo seu péssimo conhecimento sobre história.

— Ministro da Propaganda nazista. Não sabe?

Paul desta vez foi ferino:

— Sinto muito, Kate, mas você tem um psicótico dentro de casa. E, pior ainda, um homem violento, que pode colocar sua vida em risco.

— Não é possível — falou ela, abaladíssima. — Já lhe disse. Júlio Verne é dócil, mais gentil que eu e você juntos.

— Apenas aparentemente. Os piores monstros são especialistas em esconder suas garras — comentou Paul, destituído de qualquer compaixão.

Abortou sua ética, não era um psicólogo falando, mas um homem que sempre tivera ciúmes de Júlio Verne e que aproveitou suas crises para desconstruí-lo diante da mulher que perdera.

— Pare, Paul, pare! — falou ela em prantos: — Você está me confundindo, me machucando.

Katherine teve vontade de sair da sala correndo, mas ele não a deixava respirar. Ela ameaçou se levantar, mas ele, sutil, pediu desculpas e continuou seu massacre:

— Desculpe-me, Kate, só quero dizer que Júlio precisa de tratamento. Vamos ajudá-lo. Mas há dúvidas quanto à assinatura nessa carta?

Ela respondeu com a voz embargada:

— Ele re... reconhece que parece a dele. Mas não sabemos. Júlio Verne é muito coerente e inteligente, não pode estar tendo surtos psicóticos — disse, inconformada.

— Mas quem disse que os inteligentes não surtam? É bem provável que esteja desenvolvendo uma grave esquizofrenia paranoica, saturada de ideias de perseguição. Ele cria seus carrascos.

— Paul, que diagnóstico extremista é esse? Vim para você nutrir minha esperança, e você a sepulta completamente?

— As verdades precisam ser ditas. Pergunte ao seu pai, que ele concordará comigo.

O pai de Katherine, dr. James Klerk, era um neurologista clínico de renome. Tinha apreço por Paul e esperara que sua filha se casasse com ele. Mas Júlio Verne arrebatou a emoção dela. Um professor universitário destituído de grande herança não estava nos planos dessa família descendente de lordes para sua filha única. O dr. James era uma pessoa ponderada, justa, não aceitou confortavelmente a troca, mas respeitou a decisão da filha. Por fim, o neurologista passou a admirar o professor. Helen, sua esposa, demorou dois anos para construir uma relação suportável com Júlio Verne.

— Mas meu pai é neurologista e não psiquiatra!

— Porém, é um homem experiente. Dê as costas às verdades que elas sepultarão sua saúde mental.

— Verdades? — indagou ela de pé, irada; ela, que nunca fora servil, ao contrário, sempre falava o que pensava: — A verdade é que você sempre teve ciúmes de Júlio Verne! A

verdade é que ele sempre achou que você vive sob o peso da indústria do diagnóstico! A verdade é que você confina complexos seres humanos em rótulos preconceituosos! A verdade é que sou tola em ter me aberto com você!

Mas antes de ela começar a caminhar, ele mais uma vez foi cruel.

— Seu descontrole, Kate, é um sinal claro de que você pensa como eu. Mas resiste em aceitar a dura realidade. Esse homem está doente e vai adoecer você cada vez mais.

Ela novamente lhe retrucou:

— Júlio tem um transtorno emocional e não psicótico. Ele pode estar abalado, mas não perdeu os parâmetros da realidade.

Ele bateu na mesa e a enfrentou com agressividade.

— Você arrastará um relacionamento infeliz. — Depois abaixou o tom e disse: — Pense numa válvula de escape. Conte comigo. — E tentou colocar as mãos nos ombros dela, o que ela recusou veementemente.

Paul era casado com Lucy, uma amiga querida de Katherine, mas o casamento havia mais de um ano estava em decadência.

— O que você está me propondo? Pular fora do casamento e cair nos seus braços quando meu homem mais precisa de mim? E Lucy? Você não pensa em minha amiga?

— Sou honesto comigo mesmo, reconheço que minha relação está falida. E por que você não reconhece que a sua

também está? Confesse, Kate, sempre tivemos uma queda um pelo outro.

— Você está louco! Usando minha fragilidade para impor seus instintos sexuais? É isso que é ser psicólogo? Que ética é essa? Você denigre a nossa classe.

Kate era a obsessão de Paul, que sempre procurava se aproximar do casal por causa do seu sentimento de perda e pelo fascínio sexual por ela. Tinha consciência desse conflito, mas jamais o tratara.

— Calma, Kate, sente-se, vamos conversar. Sempre me preocupei com você!

— Nunca mais, Paul, nunca mais. — E saiu da sala, decepcionada e angustiada.

Mas Paul, sagaz, antes que ela cruzasse a porta, disparou:

— Você ainda vai me dar razão. Frequente as aulas de seu marido e descubra os escândalos que ele tem dado.

Paul era amigo do reitor Max Ruppert, que o colocara a par do processo em curso movido por Jeferson e Marcus. Havia se aproximado destes e ajudado a denegrir a imagem de Júlio Verne.

Katherine tremulou sua alma diante dessa acusação, mas saiu sem se despedir. Paul podia ser um sedutor sem escrúpulos e um profissional de posições radicais, mas ela nunca percebera que fosse mentiroso. “Júlio tem dado problemas em sala de aula?”, pensou aflita.

Ao chegar a sua casa, não contou nada para Júlio, não queria angustiá-lo ainda mais. Mas não conseguia relaxar e

ser sua esposa. A psicóloga entrava em cena, observava cada um dos gestos dele para tentar entender a dimensão do seu transtorno. Percebendo a ansiedade dela, ele comentou:

— Angústia, essa masmorra emocional, que nos asfixia ao ar livre. O que te perturba?

Ela deu uma pequena tossida e tentou disfarçar.

— Tudo e quase nada. Não se preocupe. — E saiu para tomar água. Tentou assistir a um filme com ele, mas não conseguiu.

— Vou deitar, estou muito fatigada. — E o deixou na sala. Minutos depois ele também foi dormir.

Antes de fechar seus olhos, Katherine recordou uma penetrante conversa que tinha tido com ele havia três meses.

— Júlio, lembrei-me de uma frase que você me disse no início de nosso casamento.

— Qual, querida?

— “Se as derrotas não fizerem um homem cair, dê-lhe muito sucesso, que, embriagado com ele, cairá.” Você não acha que bebeu desse veneno?

Ele ficou pensativo. E depois comentou:

— É possível.

Katherine sabia que, se ele ainda não havia caído ao chão, estava, no entanto, quase em queda livre. Era preciso um anteparo para lhe aliviar o impacto.

Após adormecer, seu inconsciente resistiu à sua crise conjugal, libertando seu imaginário e mergulhando num complexo sonho que resgatou os melhores dias com o

homem a quem se entregara. Ela era de classe média alta, tinha inúmeros pretendentes do mais alto *status* social e financeiro, como Paul. Dinâmica, proativa, direta, honesta, mas encantou-se por Júlio Verne.

Sonhou com os primeiros tempos de namoro. Ela tinha completado 25 anos e estava começando a dar suas primeiras aulas. Júlio Verne ainda não havia completado 32 anos, já tinha terminado a faculdade de psicologia, o mestrado, e cursado história. Tudo o que fazia era muito precoce. Havia alguns anos brilhava como professor. Ele ensinou técnicas pedagógicas, postura e entonação de voz para Katherine. Mas, depois dessas lições, disse-lhe: “Esqueça tudo isso, seja espontânea”. Depois, sonhou com o humor contagiante de Júlio Verne dentro e fora de classe. Recordou os tempos em que ele a encontrava nos corredores da universidade e, irreverente, a tomava pelos braços e dançava com ela, livre e leve, na frente de quem passava. Ela ficava rubra com suas brincadeiras e amava seu jeito despojado de ser e levar a vida. E não parava por aí: fazia declarações em praça pública e, às vezes, até se arriscava a cozinhar para ela, embora fosse um desastre na cozinha.

Os psiquiatras e psicólogos, assim como os juízes e promotores, tendem à descrição social, mas Júlio Verne era diferente. Era o intelectual mais extrovertido e apaixonado que já passara na universidade. As amigas de Katherine “morriam” de inveja. Assim era Júlio Verne: pensava como um homem maduro, mas se aventurava como uma criança.

Ano após ano, era o professor homenageado das turmas que se formavam. Tinha alguns atritos com Katherine, é verdade, até porque ele era determinado e medianamente obsessivo em suas metas, e ela, preocupada e impulsiva, mas a capacidade deles de se refazerem era surpreendente.

Ele não cobrava nem insistia que Kate fosse razoável quando ela se irritava por coisas tolas. Elogiava-a e, depois de conquistá-la, transformava uma atitude impulsiva ou uma reação incoerente num motivo para darem risada. Era, como nenhum outro namorado, um especialista em desarmá-la. As crises inflavam seu amor. Não dormiam sem dialogar, pedir desculpas e fazer declarações íntimas e sigilosas.

Desse modo, Júlio Verne e Katherine construíam uma rica história de amor. Eram um casal sociável, participavam de instituições sociais e gostavam de bons restaurantes, cinema e viagens. O único problema era que ele ascendeu rápido na carreira acadêmica; o sucesso e o excesso de atividades não apenas sufocaram sua capacidade de instigar seus alunos, mas asfixiaram seu romance. Havia dois anos, Katherine já sentia que os compromissos nacionais e internacionais, os livros e as aulas o estavam levando a perder seu jeito irreverente e natural de ser. Amava as “flores”, mas não tinha mais tempo para “sujar” as mãos para cultivá-las.

O sonho de Katherine era de tal realismo que, mesmo dormindo, ela começou a dar risada, levando Júlio Verne a acordar lentamente e ficar curioso com seu comportamento.

Ele não a despertou; ficou observando com certa inveja sua alegria, seus movimentos faciais, pois sabia que, diferentemente dele, ela viajava pelos vales prazerosos da imaginação.

No fim desse sonho, ela recordou o dia em que se casaram. Foi inesquecível, e não apenas para eles, mas para todos os convidados. Um casamento ecumênico entre um judeu e uma cristã, celebrado por um rabino e um sacerdote ortodoxo. Quando o sacerdote, ao fim de seu ritual, perguntou se ele aceitava Katherine como legítima esposa, ele olhou bem nos olhos dela, fez quinze longos segundos de silêncio, abriu um largo sorriso e literalmente gritou: “Sim! Sim! Como não dizer sim, se essa mulher dominou meu cérebro e sequestrou minha emoção?!”. E, voltando-se para a plateia, declarou: “Eu prometo que a amarei não apenas na saúde e na doença, mas na fortuna e na miséria. Bom, um professor dificilmente fará fortuna”, ponderou. Todos sorriram, e ele completou: “Mas também prometo amá-la na sanidade e na loucura”. Todos novamente deram risada. Foi o “sim” mais alto que se ouviu em Londres.

De repente, Katherine começou a acordar suavemente, sob o olhar admirado de Júlio Verne, que lhe deu um afetuoso e prolongado beijo na face.

— O que foi, Kate? Com que sonhou? — indagou, surpreso.

— Com nossa relação. Sobre o modo como você me conquistou. E foi tão bom! — disse, beijando-o. — Lembrei-

me do nosso casamento e de seu “sim”, e das suas últimas palavras, inapropriadas para um psicólogo.

— Mas apropriadas para um apaixonado — declarou ele. E recordando-as, declamou em voz alta para ela: — Mulher! Está disposta a me amar na sanidade e na loucura?

Era um grande desafio, amar um homem em crise. Mas, ainda que estivesse abalada, ela realmente o amava. Atirou-lhe o travesseiro no rosto, pulou em cima dele e lhe disse:

— Sim, seu maluco. Mas não exagere em suas doidices.

Deixaram as interrogações para trás e se amaram intensamente. Debaixo do lençol, segredando sentimentos íntimos, resgataram os melhores momentos de sua história. O casal afetivo precisava se reinventar. Era a única maneira de superar o caos que ambos atravessavam e conseguir sobreviver.

CAPÍTULO 6

O EGO DE HITLER

Katherine tinha dificuldade em se abrir com sua mãe, uma senhora irritante, rápida em dar conselhos e lenta em se colocar no lugar dos outros. Mas admirava seu pai.

— Tenho notado Júlio Verne mais circunspecto, Kate. Seu bom humor não tem mais o mesmo volume nem as mesmas nuances. A sua alegria não mais é contagiante — disse o dr. James ao visitar sua filha.

Abalada e sem pessoas experientes com quem dividir seus conflitos, Katherine resolveu contar ao pai os turbulentos fenômenos que os dominavam.

Ele ouviu tudo pacientemente. Tentava esconder sua perplexidade. Fez diversas perguntas, mas não deu sua opinião até que explorou ao máximo todos os detalhes.

— Filha, nunca vi um caso desse. Há fenômenos neurológicos incomuns mesclados com fenômenos psiquiátricos desconexos. Tudo é muito estranho. Parece que, ao dormir, Júlio Verne entra em estágios mais profundos do seu sono e vive uma realidade histórica tão crua e cruel que seus pesadelos tentam sabotar sua tranquilidade ao despertar.

— Você acha que tudo é criado por ele? As cartas, as mensagens...

— É uma possibilidade concreta. Não sou psiquiatra, mas parece-me que seu inconsciente tenta se comunicar ou solapar desesperadamente seu consciente. É preocupante a sua saúde mental. E precisamos fazer exames para poder descartar a possibilidade de um tumor cerebral ou uma degeneração neuronal precoce como causa básica desses sintomas psiquiátricos.

Com esforço, Katherine convenceu Júlio Verne a fazer uma bateria de exames neurológicos. Dias depois, o diagnóstico veio negativo, o que os aliviou. Mas o dr. James estava preocupado com a fragmentação do psiquismo do seu genro. Ele continuava intelectualmente arguto, brilhante em seu raciocínio, mas podia estar desenvolvendo um transtorno psiquiátrico, irrigado com ideias de perseguição, uma suspeita semelhante à de Paul. Escondendo sua suspeita, pelo menos do professor, sugeriu que ele procurasse um excelente psiquiatra e indicou um amigo seu. Mas Júlio Verne não o procurou. Acreditava que estava integrado à realidade e que precisava absorver e assimilar os fenômenos incompreensíveis que literalmente lhe batiam à porta. Como psicólogo, respeitava muito o trabalho dos psiquiatras, mas os fenômenos que o envolviam eram tão inusitados que um psiquiatra iria confundi-lo ainda mais, pensou.

Toda a conversa com o pai e sua hipótese colocaram mais combustível na ansiedade de Katherine. Sua mãe, que ficou sabendo sobre o deserto emocional da filha pelo marido, dias depois deu rapidamente a solução.

— Separação não é coisa de outro mundo, minha filha.

— Devo me separar de quem amo no momento em que ele mais precisa de mim?! Que amor é esse que não passa no teste da crise emocional, mamãe?

— Mas você vai estragar sua vida, minha filha. Ele é um doente mental.

— Helen! Eu não quis dizer isso! — falou o dr. James, criticando-a, constrangido. — É sempre assim, nunca posso falar nada mais profundamente com sua mãe que ela distorce minhas palavras.

Katherine desabou. Seu pai a abraçou e tentou consolá-la, mas ela ficou cônica de que, se quisesse ficar ao lado de Júlio Verne, teria de atravessar o deserto sozinha.

Por outro lado, a fama de Júlio Verne ultrapassava cada vez mais os limites da sua universidade. Alunos de várias outras escolas e até de outras cidades vinham ver e ouvir o intrépido e polêmico professor. No início dos seus terrores noturnos, ele dava aulas para uma turma de 20 alunos, depois para 40, 50, 60. E, posteriormente, começou a ter grandes plateias, o que só era possível nos anfiteatros da universidade. Mas não dava a mínima para a fama. Seu prazer era inquietar seus ouvintes. Nem os que o aplaudiam escapavam de suas provocações.

Certa vez, diante de uma plateia de 232 alunos, o professor foi incomum. Antes de começar sua aula, agradeceu:

— Não aplaudiria celebridades ou poderosos, mas aplaudo os alunos que saem do silêncio subserviente, que amam expandir o mundo das ideias e procuram ser agentes modificadores da sociedade. Muito obrigado pela paciência de me ouvir. — E acrescentou: — Os loucos também têm algo para dizer.

E começou a aplaudir os alunos, e os alunos, sorrindo, levantaram-se em peso e também o aplaudiram. Em seguida, comentou que Hitler tinha uma personalidade altamente complexa. Seu ego era explosivo, belicoso, neurótico, intolerante, manipulador, messiânico. Logo, um aluno interrompeu sua fala, algo que o mestre apreciava e incentivava. Detestava a quietude servil.

— Não entendo, professor. Se o ego de Hitler tinha tais características doentias, como ele se tornou líder de uma grande nação, de incontestável cultura?

— Essa é uma grande pergunta. Historiadores, psicólogos, sociólogos a fizeram milhares de vezes e se envolveram num novelo de dúvidas. Não tenho todas as respostas, mas tenho algumas importantes. E as estudaremos.

— Também não compreendo, mestre. Se Hitler era um agressivo e radical ator social, como é que, depois de se tornar líder de uma sociedade democrática, não foi banido

do teatro político? Por que não caiu? — perguntou uma aluna que cursava ciências políticas.

— Essa é outra grande questão — disse apreciando as intervenções. E apontou algumas causas: — Os ditadores surgem em qualquer estação, mas ficam hibernando, até que eclodem nos invernos sociais. O vexame da Alemanha causado pela derrota na Primeira Guerra Mundial, as pesadas indenizações impostas pelo Tratado de Versalhes (que desconsiderava o país à beira da falência), a inflação galopante (as pessoas precisavam de sacolas de papel-moeda para comprar alimentos), o desemprego em massa, a violência social em alta, a falta de líderes nacionais, tornaram-se um caldeirão de estímulos estressantes que diminuíram os níveis da consciência crítica da população e elevaram o instinto de sobrevivência. Hitler dominou a Alemanha quando sua imunidade psíquica estava em baixa, tal como um vírus que infecta o corpo quando o sistema de defesa está combalido.

— Mas a Alemanha que abalou a Europa tinha vocação para a guerra? — indagou em voz alta um aluno que estava no fundo do anfiteatro.

— A Germânia mostrou vocação para a paz mais do que seus pares em alguns períodos. Entre a Primeira e a Segunda Guerra, houve pelo menos quatorze guerras regionais, com inúmeras batalhas, e ela não participou de nenhuma.^[19]

— Mas, mestre, não faltou cultura acadêmica para o povo alemão se contrapor às ideias radicais de Hitler? —

perguntou um estudante de engenharia.

O professor também gostava de ser provocado pelos seus alunos.

— A Alemanha tinha os melhores cientistas e as melhores escolas. Era indubitavelmente um dos povos mais cultos do seu tempo. Um terço dos prêmios Nobel até a década de 1930, antes da ascensão do nazismo, foi ganho por seus pesquisadores. A Alemanha foi berço de grandes pensadores, como Kant, Hegel, Schopenhauer, Marx, Nietzsche, Max Weber. Se a culta Alemanha, irrigada por notáveis escolas e nutrida por uma rica filosofia, caiu nesse ardil, que povo estará livre de cair nas mãos de um sociopata se as variáveis socioeconômicas se reproduzirem...!? Em tempo de estresse credita-se um notável valor às palavras e não se avaliam as ações.

Percebendo a inquietação da plateia com essas informações e querendo instigar ainda mais o raciocínio dos alunos, o professor fez uma pergunta que chocou alguns deles.

— Se vocês fizessem parte da juventude alemã daqueles tempos, quem escaparia de dizer “*Heil Hitler*”?

Um burburinho dominou a plateia. Subitamente, numa explosão emocional, Gilbert, um aluno inteligente, preocupado com os direitos humanos, praticante da religião católica ortodoxa, de cor negra, bradou:

— Não sou insensível! Jamais diria “*Heil Hitler*”.

— Mas quais são suas credenciais intelectuais para garantir que vomitaria Hitler do seu psiquismo se ingerisse suas teses naquele tempo...? — questionou-o Júlio Verne.

— Eu odeio Hitler.

— Desculpe-me, mas o ódio e a paixão podem estar muito próximos. O ódio nunca foi uma grande vacina contra o preconceito.

Mas Gilbert, irritadíssimo, subitamente se levantou para sair do anfiteatro. Diante dessa reação, o professor desferiu um golpe em toda a classe:

— Tenho certeza de que vocês jamais saudariam o sociopata que hoje a história disseca, conhece e lhes transmite, mas Hitler, nos primeiros anos em que se tornou chanceler, ainda que fosse um crápula nos bastidores, vendia a imagem de estadista eficiente.

Gilbert, ao ouvir isso, reduziu seus passos.

Imediatamente o professor tirou do bolso esquerdo um texto e o leu altissonante, teatralizando-o, mas usando o timbre de voz de um alemão e não de um inglês. Gilbert, que já estava no fim do corredor, ao ouvir o texto, interrompeu sua marcha.

Sr. presidente Roosevelt!

Compreendo perfeitamente que a extensão de seus domínios e as imensas riquezas de seu país lhe permitem ser responsável pelo destino do mundo inteiro e pela sorte de todos os povos. Minha esfera, senhor presidente, é de âmbito consideravelmente mais

modesto e restrito, e não posso me sentir responsável pelo destino do mundo, pois esse mundo preferiu fechar os olhos para a triste situação do meu povo. Considero-me chamado pela Providência para servir só ao meu povo e tirá-lo de sua terrível miséria...[20]

Júlio Verne interrompeu a leitura e perguntou aos jovens:

— Quem é o autor desse texto?

Apenas alguns descobriram, pela entonação da voz, que era Hitler.

— Hitler, o próprio. Esse texto faz parte de uma carta dirigida a Roosevelt, presidente dos Estados Unidos. Por quê? Porque Roosevelt havia escrito a Hitler e a Mussolini, em 14 de abril de 1939, sobre sua preocupação com uma possível guerra, e encorajava a Alemanha e a Itália a fazerem um tratado de não agressão com 31 países.^[21] Hitler respondeu a Roosevelt contundentemente. Mas, na primeira parte da resposta, pergunto a vocês: onde se vislumbram as garras de um psicopata e sociopata? — disse o professor e esperou a plateia responder.

— Não se pode ver claramente — afirmou uma aluna de engenharia da computação de outra universidade, que pela primeira vez participava de suas aulas.

— Sim, claramente não, mas é possível vê-la subliminarmente!

— Talvez quando ele ironiza o poder dos Estados Unidos — respondeu Brady.

— Correto. Sua psicopatia se enxerga primeiro quando ele ironiza as imensas riquezas dos Estados Unidos. Segundo, quando comenta, também ironicamente, a ação de Roosevelt como apóstolo do destino do mundo. Terceiro, quando grita, por meio da palavra, que “não é responsável pelo destino do mundo”. Ninguém escreve uma carta diplomática com essas deselegantes e grandiloquentes expressões, se elas, inconscientemente, não estiverem alojadas como objeto de desejo em seu psiquismo. Elas revelam justamente o contrário do que Hitler queria mostrar: uma ambição megalomaniaca. Quarto, Hitler não assume os erros da Alemanha na Primeira Guerra Mundial; ao contrário, condena o mundo por tê-la abandonado ao caos econômico e social: “O mundo preferiu fechar os olhos para a triste situação do meu povo”. Quinto, embora austríaco, um forasteiro, ele assume com habilidade as dores do povo alemão, chamando-o continuamente de “meu povo”, uma expressão que será usada à exaustão como propaganda para cativar a sociedade e colocá-la a serviço de sua necessidade neurótica de poder. Sexto, como mestre dos disfarces, Hitler vende a ideia de que era apenas um líder preocupado com o destino do seu povo, sem nenhum outro interesse, mas... — E deixou seus alunos concluírem.

— Em seguida, traiu sua humildade revelando um messianismo fanático que iria perpetuar até o fim dos seus dias — expressou Peter categoricamente.

— Exato! Esse fanatismo está claramente indicado pela frase: “Chamado pela Providência para servir só ao meu povo”.

— Incrível! — disse, num *insight*, o futuro advogado Lucas. — Hitler, nesse discurso, não se considerava portador de um mandato temporário sustentado pelo voto, mas um líder investido pela Providência divina para executar uma missão.

— E essa missão era moldar o mundo aos seus olhos — completou Nancy.

O professor meneou a cabeça, satisfeito. Sob o impacto da análise de Júlio Verne, Deborah, sempre presente nas suas aulas, comentou honestamente:

— Temo concluir que, se vivêssemos naquele tempo, é provável que alguns de nós disséssemos ingenuamente “*Heil Hitler!*”. É difícil perceber o veneno de uma cobra quando ela serpenteia admirável, arguta e vagarosamente sobre o solo.

O professor ficou admirado com o raciocínio de Deborah. Gilbert, que ainda estava de pé na porta do anfiteatro, resolveu finalmente se sentar. Como não havia mais cadeiras disponíveis próximas a ele, sentou-se humildemente na própria escada.

Em seguida, Júlio Verne comentou:

— É fácil abortar um ditador quando ele está em gestação, mas não o é quando ele se agiganta no útero social, pois, como os reis, passam a amar as “caçadas”, perseguem seus inimigos para se perpetuar no poder. E,

paranoicos, criam inimigos, mesmo quando eles não existem.

Cinco anos antes desse embate entre Hitler e Roosevelt, a perseguição aos judeus já havia tomado forma. Em março de 1933, menos de três meses depois de Hitler ascender ao poder, as SA^[*] invadiram os tribunais e destilaram seu ódio contra juízes e advogados judeus.^[22]

Alguns foram perseguidos, outros espancados, e todos impedidos de exercer sua profissão. Um advogado judeu de Munique foi um representante dos tempos dourados de humilhação que precederam as loucuras dos campos de concentração. Com as calças cortadas acima do joelho, teve de marchar pelas vias públicas com um humilhante cartaz que dizia: “Eu sou um judeu insolente...”.

— O presidente da Suprema Corte, que deveria gritar em favor dos direitos humanos, se acovardou, “rasgou” a Constituição ao anunciar que era necessário restringir as atividades dos juízes, promotores e advogados judeus para produzir a “tranquilização da população”. Um mês depois, as universidades também se tornaram capachos do nazismo, destruindo a democracia das ideias, demitindo quase todos os professores judeus de uma só vez graças à Lei do Funcionalismo Público, de 7 de abril de 1933. Nunca a universidade violou tanto os direitos humanos.^[23]

— E os alunos judeus? Que fim tiveram? — perguntou Evelyn, que era praticante do islamismo.

— Não apenas foram expulsos, mas escorchados, vilipendiados. Em algumas universidades havia cartazes que diziam: “Fora, vermes!”. Hoje vocês, muçulmanos, indianos, chineses, latinos, têm liberdade de frequentar as universidades britânicas. A liberdade é caríssima, tão cara quanto o ar, mas só percebemos seu inestimável valor quando nos falta.

— E os órgãos de imprensa, eles foram discípulos da liberdade? — quis saber Peter, procurando encontrar alguma esperança no caos.

— Quanto aos defeitos, os jornalistas são “animais” políticos da fauna humana, sujeitos às mesmas vaidades e tendencialismos que os demais da espécie *Homo sapiens*. Quanto às qualidades, alguns têm uma ousadia sobre-humana, capazes de denunciar corrupções e violações dos direitos humanos, ainda que corram risco de vida. O antissemitismo pulsava nas artérias da imprensa da Alemanha. Os poucos jornalistas alemães que discordavam dessa política sofriam severas punições.

— Não entendo! Por que os intelectuais alemães não usaram sua influência para questionar Hitler logo que ganhou musculatura e assumiu o poder? Que omissão foi essa? — perguntou a aluna Elizabeth.

Essa era uma questão fundamental. Mas, mesmo sendo um perito em psicologia e história, era difícil explicar à plateia de alunos o quanto o psiquismo humano era saturado de contradições. Alguns intelectuais deixaram a Alemanha

nazista; outros se calaram; muitos, porém, aderiram às ideias de Hitler.

— Somos construtores de um mundo lógico, mas a mente humana não é tão lógica como pensamos que seja. Os intelectuais fizeram um silêncio irracional e coletivo; mesmo os psicólogos alemães amordaçaram sua voz diante do nazismo. O intenso estresse político, social e econômico, o clima de terror imposto pelo nazismo nos bastidores da sociedade, a propaganda de massa, a busca de um herói em tempos de crise e o carisma de um líder que propagandeava soluções mágicas contraíram a consciência crítica dos intelectuais, que é o fator regulador e filtrador do processo de interpretação, gerando um comportamento incompreensível. Parecia que a sociedade alemã estava hipnotizada por uma espécie de “síndrome” de circuito fechado da memória.

— Como assim? Quando opero um computador, tenho acesso aos arquivos que quiser e na hora que desejar, mas você está querendo dizer que em nossa mente as coisas podem ser diferentes, que determinados níveis de estresse podem restringir-me a leitura dos arquivos da minha memória e, conseqüentemente, me fazer reagir estupidamente? — concluiu Peter.

— Exatamente, Peter, exatamente. Se você fechar o circuito da memória, ainda que seja portador de grande cultura, poderá reagir grosseiramente.

— Me desculpe, mas não concordo com essa tese, professor. Onde está a liberdade de escolha? — expressou Deborah.

— Na velha e sempre nova habilidade de pensar antes de reagir, frequentemente não praticada nos focos de tensão. Diga-me uma coisa, Deborah, há algum estímulo estressante que a faça reagir irracionalmente?

Ela precisou de pouco tempo para pensar.

— Dou escândalo diante de ratos.

A turma sorriu. Lucas, em especial, deu uma gargalhada. Mas no fundo todos tinham algum estímulo ou situação que fechava o circuito da memória e os tirava do ponto de equilíbrio. E Deborah, vendo-se em saia justa, apontou:

— Lucas entra em pânico quando está em elevadores.

A turma ficou admirada, pois Lucas era um dos mais ousados alunos. “Como poderia ser tão frágil diante de uma máquina tão segura?”, pensaram. Mas Lucas, que estava aprendendo a ser transparente, confessou seu conflito e, levantando-se, aproveitou para dramatizar os seus sintomas e zombar da plateia.

— Pode parecer tolice, mas quando estou em lugares fechados não raciocínio. Parece que o ar vai faltar... — E pôs as mãos na garganta: — Eu me sinto asfixiado... Grito: Aaahhh! E preciso sair correndo para respirar.

A turma novamente sorriu. O professor agradeceu a Lucas pela sua sinceridade e continuou seu pensamento:

— A emoção, uma ferramenta tão primitiva e atual, nos aprisiona ou nos liberta. — E fez uma pausa e também confessou: — Amo o sono, mas tenho pavor de dormir.

Os alunos acharam que era uma piada.

— É sério. Sinto medo de dormir e ter pesadelos. Tenho me transportado para a história e sentido algo que os textos nunca me disseram.

Mas não deu mais explicações, usou apenas essa panaceia para explicar algumas áreas do inconsciente coletivo da sociedade alemã.

— Se num clima brando temos nossos fantasmas, imagine num clima irracional. Os intelectuais alemães dos tribunais, das universidades e da imprensa tinham informações suficientes em seu córtex cerebral para se contrapor ao antissemitismo, expressar solidariedade aos judeus e hastear a bandeira da liberdade, mas se calaram. Uns por medo, outros por conveniência. Mas nenhum desses motivos é desculpável.

De repente, um homem mais velho, tocado com tudo que ouvira, levantou-se no fundo do anfiteatro e fez uma intervenção. Era Michael, o intelectual de confiança do reitor, o coordenador do curso de direito, que surpreendentemente estava participando dessa aula.

— De acordo com a filosofia jurídica, todo ser humano capaz de ser autor da sua própria história é responsável pelas consequências dos seus atos. Caso contrário, as explicações desculpariam crimes indesculpáveis. Esses

intelectuais poderiam e deveriam abrir o circuito da sua memória através da arte da dúvida para poder pensar em outras possibilidades... Mas se fecharam num casulo cerebral.

O professor ficou feliz com sua contribuição.

— Obrigado, Michael. Eles não correram riscos, preferiam ser subservientes. Hitler seduzia tanto as classes menos abastadas como a elite intelectual com palavras claramente ardilosas. Em 11 de fevereiro de 1933, um mês, portanto, após assumir o poder, ele teve a ousadia de dizer: “Povo alemão, dê-nos quatro anos, depois nos julgue e nos sentencie. Povo alemão, dê-nos quatro anos, e eu juro que, assim como entrei nesse cargo, estarei pronto para deixá-lo”.^[24] Ele mentia, pois amava o poder acima de tudo e jamais o abandonaria. Quando estava completamente derrotado na guerra, todos pediam que deixasse Berlim, mas Goebbels insistia que Hitler cumprisse seu papel histórico e ficasse. E ele ficou, ainda que ouvisse os canhões russos ribombando aos seus ouvidos.

— Será que, se vivêssemos naquele ambiente, no início do governo nazista, e ouvíssemos Hitler pedir com falsa humildade quatro anos de completa confiança para depois ser julgado também não nos calaríamos? — disse Michael.

A turma pensou nessa pergunta. Em seguida, Júlio Verne endossou a questão do coordenador do curso de direito e desnudou-se diante dos seus alunos:

— Eu sou judeu, e muitos de vocês são cristãos, muçulmanos, budistas, ateus. Mas uma análise de nosso psiquismo em situações especiais revela que, se o nosso “eu” não for plenamente livre, temos chances de negar aquilo em que mais acreditamos. O meu inconsciente, por meio dos meus pesadelos, tem gritado que há um covarde dentro de mim. — E contou outros episódios que nem os mais íntimos alunos sabiam. — De algum modo, eu me silencieei.

Os alunos ficavam perplexos com o que ouviram. Jamais tinham visto um mestre descortinar o portfólio da sua história tão cruamente. Eram aulas de anatomia da alma humana.

— Que atitudes teríamos ao vermos os médicos judeus se tornarem como que leprosos nos tempos de Hitler, com cartazes que diziam: “Evite médicos judeus”? Frequentaríamos seus consultórios, ainda que neles confiássemos? Tais médicos haviam dedicado toda a vida a tratar da dor e agora experimentavam a mais penetrante das dores: a dor do desprezo. Sem poder exercer sua profissão, alguns caíram em profunda depressão. Que reação teríamos ao ver os comerciantes judeus se transformarem em vírus contagiosos: “Não comprem em lojas judaicas”? — E, teatralizando a dor desses miseráveis, em seguida o professor chocou mais uma vez seus alunos: — Teríamos coragem de ir contra a opinião pública e comprar

mercadorias de judeus? Suportaríamos as consequências? É duvidoso que haja muitos heróis entre nós.

Júlio Verne continuou dizendo que no começo do governo, durante 1933 e 1934, os nazistas recuaram de sua promessa de fechar lojas de departamentos dos judeus, pois isso poderia aumentar o desemprego dos “arianos”.^[25] Em 1936, houve uma trégua relativa à perseguição da comunidade judaica por ocasião dos Jogos Olímpicos, gerada pelo temor dos nazistas de uma represália internacional. Mas logo foi quebrada. As investidas contra os judeus se tornavam cada vez mais frequentes e extremas.

Uma delas resultou na expulsão de 8 mil judeus de ascendência polonesa. Muitos deles já tinham fixado residência na Alemanha havia mais de 25 anos, mas seus bens foram confiscados sem piedade. Eles foram despojados de tudo, ficando com nada mais do que suas roupas.^[26] Esses judeus foram despejados na fronteira com a Polônia. De lá foram forçados a caminhar a pé sob constantes abusos físicos e verbais por parte dos guardas das SS. Após atravessar sem comida a fronteira, algumas famílias que antes comiam finas iguarias foram abrigadas em estábulos sob o cheiro azedo de estrume fermentado de animais. Era o começo da desgraça judaica em massa. Hitler, nessa época, já não se importava com as críticas do exterior. Comentou que era o Robert Koch da política. “Ele descobriu o bacilo e mudou a medicina. Eu expus os judeus como uma bactéria que destrói a sociedade...”.^[27] Parece que Hitler não era ser

humano. Era incapaz de se perturbar com o sofrimento dos outros, mesmos os mais tangíveis.

Após esse comentário, Júlio Verne tomou um pouco de água, umedeceu os lábios e pausadamente pegou a outra parte da carta de Hitler ao presidente americano, passando a lê-la. Agora não apenas teatralizava o texto, como imitava a voz de Hitler, como se estivesse pronunciando um dos seus impactantes e agressivos discursos.

[...] Dominei o caos que reinava na Alemanha, restabeleci a ordem, aumentei imensamente e em todos os campos a produção da nossa economia. Consegui encontrar trabalho útil para os 7 milhões de desempregados. Não só uni politicamente o povo alemão, mas também o rearme e, além disso, liberei-o daquele tratado [o Tratado de Versalhes], página por página, que em seus 448 artigos contém a opressão mais vil jamais infligida aos homens e às nações... Guiei de volta ao seio da mãe pátria milhões de alemães que estavam em abjeta miséria... Sr. Roosevelt, fiz tudo isso sem derramar sangue e sem trazer para meu povo, e portanto para outros povos, a desgraça da guerra.[28]

— Hitler não estava blefando nos argumentos ao se dirigir ao presidente dos Estados Unidos. Havia se sentido ofendido com a carta e a proposta de Roosevelt, mas, em vez de mostrar seu espírito aguerrido, dissimulava suas intenções mostrando seus notáveis feitos como pacificador e estadista no campo econômico, social e bélico. Hitler dividiu

a mensagem de Roosevelt em vinte e um pontos e os respondeu um a um.

— Mas eu pensava que Hitler tivesse sido um péssimo chanceler, uma farsa como líder — afirmou Lucas.

— Nos primeiros anos, não, Lucas, pelo menos em algumas áreas.

De repente, uma jovem que não era sua aluna, mas que amava muito Júlio Verne, e que estava sentada discretamente na vigésima fileira, levantou-se e o elogiou publicamente. Era Katherine, a mulher de sua vida.

— Parabéns pelo seu raciocínio, mestre. Gostaria de ter um pouco da sua loucura. — A plateia irrompeu em aplausos. — Mas tenho uma pergunta: as ações de Hitler eram internacionalmente reconhecidas antes da guerra? E até onde o sucesso na primeira fase de seu governo contribuiu para o domínio da sociedade alemã?

O professor sorriu, surpreso; jamais imaginou que Kate estaria presente. Desconfiou que ela estivesse lá para observar sua sanidade. De qualquer forma, ela o inspirava e o alegrava.

— Sim, Katherine, Hitler foi reconhecido internacionalmente, embora muitos o considerassem bizarro, um camaleão. Por estranho que pareça, Winston Churchill, seu mais ferrenho inimigo, fez este comentário: “Se Hitler tivesse morrido em 1938, portanto, antes de desencadear a Segunda Guerra Mundial com a invasão da Polônia, seria considerado um dos maiores estadistas da

Europa”.[29] Mas Churchill se equivocara muitíssimo nesse pensamento; talvez desconhecesse as atrocidades que Hitler estava cometendo nos bastidores do regime.

Júlio Verne abordou que mais tarde Churchill disse para John Martin, seu secretário particular: “Posso parecer feroz, mas só o sou com um homem — Hitler”.[30] Porém, é verdade que à custa de pesados investimentos em infraestrutura e para rearmar a Alemanha, portanto com grande endividamento, Hitler aliviou a crise econômica, aumentou a produção, fomentou o emprego, um feito notável.[31] Sete milhões de desempregados foram introduzidos no mercado! Talvez 20% da força de trabalho.

— Sete milhões encontraram emprego! — disseram os alunos entre si, admirados. Era um número realmente grande.

— Uma Alemanha humilhada após a derrota na Primeira Guerra Mundial resgatou seu orgulho! Provavelmente na década seguinte o endividamento implodiria as bases da economia do país, mas não há dúvida de que seu êxito inicial contribuiu para anestesiar a sociedade alemã para receber suas trágicas obras-primas: a invasão de outras nações, a supremacia racial e cultural ariana e o extermínio em massa dos judeus da Europa.

Katherine, diante disso, alertou:

— Todo político é um empregado da sociedade pago com dinheiro do contribuinte. Ter sucesso é sua obrigação e não objeto de exaltação. O político que não se posiciona como

servo da sociedade, mas se serve dela, não é digno do cargo que ocupa.

Os alunos a aplaudiram.

E o professor aproveitou a motivação deles para convidá-los a interpretar o comportamento de Hitler expresso no texto que lera. Com a voz empolada, pediu a eles que contassem quantas vezes o Führer fazia sua autoexaltação:

— “Eu dominei o caos da Alemanha.”

Os alunos disseram em voz alta.

— Uma!

— “Eu restabeleci a ordem na Alemanha!”

— Duas!

— “Eu aumentei a produção alemã!”

— Três!

— “Eu consegui trabalho para o povo alemão!”

— Quatro!

“Eu o uni politicamente!”, “Eu o rearme!”, “Eu o liberei do Tratado de Versalhes!”, “Eu o guiei!”, “Eu fiz tudo isso!”.

Os alunos ficaram perplexos. Contaram que num curto texto Hitler usara, direta ou indiretamente, o pronome “eu” nove vezes!

— O que esse ego superinflado indica?

— Indica um ególatra de marca maior, que ambicionava que as pessoas se curvassem à sua grandeza. Se num texto diplomático, que requer o mais polido discurso, ele mostrava um egocentrismo tosco, imagino como não se promovia nas rádios, nos discursos do partido e para os seus generais? —

afirmou Michael, apreciando a maneira como Júlio Verne conduzia suas aulas.

Diante disso, Lucy, uma tímida aluna do quarto ano do curso de serviço social, também emitiu sua opinião.

— Indica ainda um líder que nega a colaboração dos seus pares. Eles tinham de gravitar na sua órbita. A Alemanha era Hitler.

— Talvez nem Winston Churchill tenha percebido essa falha na personalidade de Hitler quando o exaltou como estadista. O uso excessivo do pronome “eu” revela um desvio de personalidade gravíssimo, típico de um sociopata — afirmou Katherine.

— Hitler acertadamente disse que a Alemanha não era uma nação com espírito bélico, mas seu líder o era. Ele dissimulava sua agressividade latente nas entrelinhas: “Sr. Roosevelt, fiz tudo isso sem derramar sangue e sem trazer para meu povo, e portanto para outros povos, a desgraça da guerra”. O que esse pensamento aponta?

— Que Hitler considerava no secreto da sua mente dia e noite as hipóteses do derramamento de sangue e da guerra — comentou Peter.

— Muito provavelmente. A negação radical pode ter cor e sabor de uma afirmação disfarçada — afirmou o professor.

— O fantasma da intolerância estava consumindo a sua alma e pronto para devorar os líderes poloneses.

Katherine, tomando a palavra, surpreendeu o homem que amava. Citou as ideias de um grande psicólogo social.

— Erich Fromm comenta, em seu livro *Anatomia da destrutividade humana*, que muitas guerras ocorrem não por mágoas represadas no passado, mas por agressão instrumental das elites militares e políticas. E que, quanto mais primitiva uma civilização, menos guerras se encontram em seu passivo.^[32]

Olhando para Katherine, o coordenador de direito, amante de filosofia, discordou. Ele a conhecia.

— O que você está dizendo, professora? Quanto menos desenvolvidas as nações, menos guerra em sua história? Não é possível! Penso que é justamente o contrário, que o desenvolvimento asfixia qualitativa e quantitativamente as guerras. Que tese é essa? Será que você não está equivocada?

Depois dessa impressionante e curta tese de Erich Fromm, Katherine estendeu seus argumentos e deu dados para alicerçá-los:

— As agressões entre os Estados europeus seguem uma trajetória crescente à medida que eles se desenvolvem econômica e tecnologicamente: no século XVI, houve 87 batalhas. No XVII, 239 batalhas. No XVIII, 781 batalhas. No XIX, 651 batalhas. Mas, por incrível que pareça, apenas na primeira metade do século XX houve uma explosão do número de batalhas: de 1900 a 1940 houve 8.928.^[33]

Após uma pausa para um breve momento reflexivo mapeando as guerras da atualidade, que nunca davam tréguas, Katherine indagou, para o assombro da plateia:

— Será que o desenvolvimento tecnológico, se não for trabalhado pelas ciências humanas, em vez de abrandar o fantasma do impulso agressivo do ser humano, não é um incentivo a ele? O que podemos esperar para nossos filhos, nas próximas décadas, com escassez de água, energia, alimentos?

— Será que as loucuras da exclusão, controle de pessoas, assassinatos em massa, patrocinadas por Hitler, não têm chance de ser retomadas, de alguma forma? — acrescentou, temerosa, Deborah.

O professor, pegando carona nessas ideias, adicionou:

— De uma coisa sei: a educação lógico-linear e, portanto, cartesiana, que não nos encoraja a explorar o território psíquico e a desenvolver a tolerância e o altruísmo, não é uma vacina eficaz contra as atrocidades humanas. Ao contrário, fomenta a ansiedade, o consumismo, e nos deixa em um limiar baixíssimo para suportar frustrações. Hitler odiava ser contrariado. Quem aqui tem maturidade para reagir com bom humor quando contrariado? — alfinetou mais uma vez o professor.

Enquanto os alunos faziam um burburinho, o professor elevou o tom de voz e finalizou a carta do tirano.

Fiz isso, sr. Roosevelt, com minhas próprias forças, embora há 21 anos eu fosse um desconhecido trabalhador e soldado do meu povo... Em comparação, sr. Roosevelt, sua tarefa é muito mais fácil. O senhor tornou-se presidente dos Estados Unidos em 1933, quando eu me

tornei chanceler do Reich. Desde o início tornou-se chefe de um dos maiores e mais ricos Estados do mundo. Portanto, o senhor tem tempo e vagares para se dedicar aos problemas universais. O meu mundo, senhor presidente... é muito menor. Compreende só o meu povo. Mas acredito que assim sirvo melhor o que está no coração de todos nós — justiça, bem-estar, progresso e paz para toda a confraternidade humana.

Adolf Hitler, 28 abril de 1939

Após lê-la, o professor pediu que os alunos acusassem os pontos conflitantes ou doentios de Hitler nesse parágrafo. Aprendendo a não terem receio de ser “estúpidos”, os alunos, com a ajuda do mestre, começaram a interpretar o texto. Elegeram vários pontos:

1) O continuísmo do egocentrismo de Hitler, expresso no pensamento “(eu) fiz isso com minhas próprias forças”. 2) A supervalorização de sua origem humilde, apontada na frase “embora fosse um desconhecido trabalhador”. Valorizar a origem humilde é fundamental, mas supervalorizá-la indica um conflito não resolvido, uma contração latente da autoestima e da autoimagem não superadas e uma exploração do coitadismo. 3) A insistência em dizer que é desprendido do poder, indicada na ideia “meu mundo é muito menor”. Quem fala repetidamente que não ama o poder tem uma paixão clandestina por ele, afirmou Júlio Verne. 4) A quantidade exagerada de citações diretas ou indiretas ao presidente americano.

— Vejam bem, diletos alunos. Hitler fala nove vezes de seu ego, e aqui aborda seis vezes num único parágrafo, direta ou indiretamente, o nome de Roosevelt. Chama-o pelo próprio nome ou por “senhor”, indicando mais uma vez a magnitude de seus traumas e a dimensão do seu complexo de inferioridade, que era canalizado para um autoritarismo e uma irrefreável ambição de cravar seu nome na história. Acompanhando os passos de Roosevelt e invejando-o, diz: “O senhor tornou-se presidente dos Estados Unidos em 1933, quando eu me tornei chanceler do Reich. Desde o início tornou-se chefe de um dos maiores e mais ricos Estados do mundo...”.

— Então, há de se concluir que, antes de Hitler lançar a Alemanha numa guerra irracional, havia uma bomba em seu psiquismo que estava explodindo... Uma bomba que seus discípulos se recusavam a admitir ou desarmar — concluiu Lucas.

O professor concordou. E, nesse momento, sem que ele tivesse controle, sua mente foi novamente invadida por pensamentos inquietantes. Viu a imagem de duas crianças conversando, Moisés e Anne, os garotos da estranha carta que recebera. Mas nunca tinha sonhado com eles e não entendia por que e de onde vinham essas imagens, que revelavam que eles estavam sendo deportados para um campo de concentração. Sua respiração se tornou mais rápida e superficial, seu coração pulsou mais forte, e ele começou, inclusive, a ter extrassístoles — contração

sobreposta do coração —, que lhe produziram desconforto e o levaram a colocar a mão direita no lado esquerdo do peito. Esforçava-se para gerenciar sua ansiedade, uma árdua tarefa. Todos perceberam que algo estava errado com ele, só não sabiam dizer o que era. Katherine abalou-se. Os olhos do professor lacrimejaram com as imagens vislumbradas e ele não se importou que o chamassem de frágil, inseguro, instável. Com esforço descomunal, tentou finalizar sua aula.

— O homem que proclamava aos quatro ventos “[...] acredito que, assim, sirvo melhor ao que está no coração de todos nós — justiça, bem-estar, progresso e paz para toda a confraternidade humana” cometia violências inimagináveis por detrás da cortina dos discursos, inclusive com as crianças. Cinco meses depois de responder a Roosevelt e se autoproclamar um dos maiores pacifistas da Europa, Hitler invadiu a Polônia e começou a Segunda Guerra Mundial. A maior máquina de destruição humana de todos os tempos se iniciava.^[34] Nunca as palavras traíram tanto as ações!

Em seguida, o professor se recostou, fatigado, na mesa central do anfiteatro. Sua saúde estava debilitada. Sua pressão arterial variava, latejantes cefaleias o acompanhavam. O sono de má qualidade e a gastrite nervosa que adquirira nas últimas semanas o castigavam. Encerrou sua aula sem um ponto-final, apenas flexionou a cabeça em agradecimento. A plateia levantou-se e o ovacionou demoradamente.

— Dirijo-as para as vítimas do nazismo! — falou pensativo e pausadamente.

Katherine caminhou apressadamente até ele. Não parecia o colecionador de lágrimas dos últimos tempos, o frágil homem que despertava em crise nas noites maldormidas. Esperou que o grupo de admiradores, inclusive Michael, se dissipasse para se aproximar. Fixou seus olhos nele, beijou-o suavemente nos lábios e, sem explicações, pediu-lhe desculpas pelas cobranças.

— Entre a sanidade e a loucura, talvez só tenha sobrado a loucura, Kate — disse ele com bom humor.

— Seu tolo. Você é o louco mais admirável que conheço.

Ela o tomou em seus braços e, como ele era mais alto, repousou suavemente a cabeça sobre seu peito, sentindo seu coração e seus pulmões estressados. Ele relaxou e a envolveu carinhosamente. Era um homem em conflito, ela sabia disso, mas surpreendente, ela tinha certeza.

CAPÍTULO 7

UM PSICOPATA NA UNIVERSIDADE

Terça-feira, 7 horas e 54 minutos da manhã, Júlio Verne e Katherine entraram pelo saguão principal da belíssima universidade. Os dez lustres reluzentes, com sessenta lâmpadas cada um, fixadas em círculo, as colunas romanas com suas abóbodas torneadas e o piso de mármore de Carrara com suaves estrias encantavam os olhares dos menos apressados, uma raridade no ambiente acadêmico. A universidade reproduzia a sociedade estressante, era difícil encontrar professores tranquilos, e mais incomum ainda, alunos calmos. Todos andavam rápido, sem questionar por que tinham tanta pressa.

Ao ver o professor, os alunos o rodearam como a uma pequena celebridade, algo nunca acontecido na instituição. Ele sorria, agradecia e, abraçado a Katherine, não interrompia sua caminhada. Beijava algumas meninas na face, abraçava alguns garotos, tocava seus alunos. Max Ruppert observava de longe Júlio Verne, indignado com sua conduta “imprópria” de aproximação da sua clientela. A intrepidez e oratória de Júlio Verne ofuscavam o brilho do reitor como estrela-mor da universidade e geravam-lhe

aversão. A vaidade de um intelectual não permite competidores.

Aquele dia se parecia com outro qualquer. Júlio Verne continuava caminhando sob o assédio dos alunos. Mas subitamente, quando estava no meio do saguão, seu semblante mudou; começou a ficar inquieto, perturbado, como se pressentisse algo dramático prestes a acontecer. Sua mente não foi assaltada por imagens aterradoras, mas sua emoção, sobressaltada por altos níveis de ansiedade. Olhava para os lados sem parar. Katherine ficou preocupada com seu comportamento. Pegando no braço esquerdo dela, ele acelerou seus passos. Katherine disfarçadamente o chamou de lado, se aproximou dos seus ouvidos e lhe disse:

— Não seja indelicado com os alunos. O que está acontecendo?

— Não sei, parece que estamos sendo seguidos.

— Pesadelo acordado? Impossível. Acalme-se — comentou, impaciente.

Ele se esforçava para relaxar, mas parecia descontrolado. Ela, por sua vez, encantada com o raciocínio dele nos últimos dias, ficou decepcionada. Pensou: “Será que suas crises retornaram? Será que sua melhora não é consistente?”.

Subitamente, um pequeno estrondo chamou a atenção dos presentes no saguão. Espantados, todos olharam para cima, mas não viram nada. Parecia um trovão, mas não era um dia chuvoso e, além disso, estavam dentro da

universidade, um ambiente protegido. Talvez estivessem consertando o edifício, alguns pensaram. O que era estranho é que o isolamento acústico do edifício não permitia ouvir barulhos de fora. Logo a curiosidade se dispersou e os alunos começaram a conversar com o professor.

De repente, um tipo incomum, loiro, alto, de 24 anos, trajando um sobretudo preto que encobria uma farda militar, surgiu com olhar fixo, face carregada de tensão e sedento de ódio. Quem passou por ele estranhou sua postura, mas a universidade era uma coleção de figuras atípicas. Ninguém desconfiou que o sujeito estivesse lá para sangrar pessoas inocentes. Júlio Verne continuava com os olhos atentos ao ambiente. Subitamente avistou o estranho personagem, que já estava a cerca de 15 metros dele. Os olhos de ambos se cruzaram. De repente, o suposto militar sacou uma pistola e apontou para a sua direção. Num sobressalto, o professor tentou tomar a frente dos alunos para protegê-los. Bradou:

— Abaixem-se! Abaixem-se. — E sem saber de onde vinham suas forças, gritou ao assassino: — Por favor, não atire! Não atire!

E tudo foi tão rápido que ninguém entendeu, pois muitos não tinham visto sequer o atirador. A estratégia do professor não deu resultado; o assassino, destituído de qualquer sensibilidade, fez vários disparos. O primeiro alvo foi um dos alunos mais queridos e participativos, Peter Douglas, que fora o último a abraçar o professor. Atingido nas costas, na

região central da coluna, entre a cervical e a lombar, imediatamente tombou.

Gritos, tumulto, pânico, uma sinfonia do desespero. Alunos e professores da instituição corriam em todas as direções. O assassino, furioso, continuava disparando sua pistola na direção do mestre, o local de maior aglomeração de pessoas. Acertou outros dois alunos, um no ombro direito e outro no abdome. Ambos caíram ao chão. Mais alguns disparos, até que conseguiu atingir Júlio Verne, de raspão, no braço esquerdo. Temendo por Katherine, o professor se jogou sobre ela, tentando evitar que também fosse alvejada. Em 25 segundos de pânico, o saguão foi arrebatado por um vazio mordaz. Somente restaram em cena, caídos, os três alunos atingidos, o professor e Katherine.

O atirador, como serpente apta a cravar os dentes, se aproximou passo a passo de Júlio Verne e estranhamente bradou “*Heil, Hitler!*”.

Nesse momento, o professor, perplexo, sabendo que viveria seus últimos instantes, virou o rosto para seu algoz, que o sentenciou em baixo tom com um sorriso macabro no rosto:

— É seu fim, judeu!

Mas, antes que ele atirasse, Júlio Verne levou um choque. O jovem assassino trajava por baixo do sobretudo um uniforme da SS e nele havia estampada a suástica, a insígnia do Partido Nazista. O atirador apontou para sua cabeça a pouco mais de um metro de distância. E apertou o gatilho...

Porém, felizmente a arma falhou. Parecia que o gatilho tinha emperrado ou que não havia mais balas no tambor. E ele insistiu, apertando o gatilho ansiosa e continuamente, mas nada. Tomado pela cólera, começou a chutar repetidamente o professor. Após esse espancamento, o professor, mesmo ferido, conseguiu derrubá-lo trançando suas pernas com as dele. Uma vez no chão, rapidamente cinco seguranças da universidade apareceram e tentaram imobilizá-lo usando *spray* de pimenta e armas emissoras de choques elétricos que geravam violentas contrações musculares. Afinal conseguiram, mas não sem grande esforço, pois o jovem parecia estar sob efeito de poderosas drogas estimulantes.

O professor e Katherine começaram a socorrer os alunos. Ele abraçou Peter, de 21 anos, o primeiro jovem alvejado.

— Seja forte, Peter. Você vai ficar bom.

Peter olhou para o professor e, por incrível que pareça, confortou-o e lhe agradeceu:

— Você não é um covarde, professor. O... obrigado... Obrigado. — E assim fechou seus olhos.

O professor gritava:

— Uma ambulância, uma ambulância!

Peter não morreu, mas estilhaçou sua coluna. Os outros dois alunos, felizmente, conseguiram sobreviver sem sequelas, embora o que fora alvejado no estômago ficasse cinco dias internado. Só não houve assassinatos em massa porque aparentemente o carrasco tinha um alvo a ser eliminado.

Júlio Verne levou três pontos em seu ferimento. Passado o tumulto, ele, profundamente angustiado, em especial por Peter, foi interrogado no hospital. Katherine, igualmente apavorada, estava ao seu lado. Fizeram um longo interrogatório, conduzido por Billy, o bem-humorado, bizarro, mas esperto, inspetor de polícia da Scotland Yard, a polícia metropolitana de Londres. Billy, 1,76 m, frontalmente calvo, cabelo preto, faces circulares, leve sobrepeso, tinha orgulho de trabalhar na polícia fundada por Sir John Peel em 29 de setembro de 1829. Achava seu desempenho profissional excelente. Sempre considerou que o objetivo fundamental da polícia é a prevenção do crime, por isso gostava de bombardear com perguntas seus entrevistados, até sobre fatos desnecessários.

Perguntou para o professor se ele conhecia grupos radicais em Londres, se sabia da existência de neonazistas na Inglaterra, se havia recebido ameaças antes, se tinha desafetos, se era perseguido, se havia se envolvido com brigas, se não pagara alguma de suas contas. As respostas foram todas negativas. Júlio Verne disse apenas que alguns jovens se sentiam incomodados com suas aulas.

— Hum... Incomodados por que, professor? — indagou Billy, torcendo o bigode.

O professor tentou se explicar.

— Sou professor de história. Tenho dado aulas sobre a Segunda Guerra Mundial e os crimes contra a humanidade cometidos pelo nazismo. Mas não incito a agressividade, sou

pacifista. Por mais que alguns alunos não gostem de minha didática e das minhas teses, penso que seriam incapazes de cometer uma atrocidade dessas. Além disso, não conheço o assassino, nunca o vi antes.

— Tem problemas com palestinos, árabes?

— Em hipótese alguma. Tenho vários alunos árabes por quem nutro o maior respeito. Sou amigo de professores muçulmanos que, juntamente com um grupo de judeus londrinos, participam de um movimento em prol do desenvolvimento socioeducacional da Palestina.

Katherine, mais direta, questionou o inspetor:

— Mas você acha que Júlio Verne é que era o alvo do assassino?

— Não sabemos. Parece-nos que ele não atirou aleatoriamente. Talvez quisesse matar qualquer um que estivesse no foco central dos seus olhos. E vocês por acaso estavam lá. Mas ele lhe disse alguma coisa antes de ser contido?

Preocupado, o professor contou-lhe:

— Sim: “*Heil Hitler!* É seu fim, judeu!”.

Katherine se assustou, pois não havia ouvido essas palavras. E Billy ficou pensativo, respirou profundamente e comentou:

— É interessante. Ele sabia que você é judeu. — E, irônico, comentou: — Mas esse nariz o denuncia, professor. Hum... Será que ele também sabia que você é professor de

história? Preciso investigar. Anote isso — falou para um auxiliar, que era mais um figurante em suas mãos.

Depois ponderou:

— É difícil dizer se ele programou assassiná-lo. Esses jovens radicais têm raiva da vida, do mundo, de tudo. Vivem a expensas da sociedade, mas não querem reconstruí-la, e sim destruí-la. Matam sem endereço, sem se importar com o nome de quem vai morrer.

— E qual é o nome do atirador? — perguntou Júlio Verne.

Billy pegou a ficha do interrogatório preliminar.

— Diz que é Thomas Hellor.

— De onde ele vem? Faz parte da universidade? Onde mora? Quem são seus pais? — indagou, ansiosa, Katherine.

— Não conseguimos grandes respostas. O sujeito não tinha documentos, parecia estar em estado de choque, confuso, perturbado. Está delirando. Vocifera que faz parte da SS e que Hitler ganhará a guerra. O maluco não sabe que Hitler morreu há um “século”. Fala inglês, mas tem sotaque de alguém que está vivendo há muito tempo na Alemanha. Tem um caráter forte, determinado.

Lembrando-se das duas misteriosas cartas que recebera, Júlio Verne ficou irrequieto ao saber que o sujeito acha que é um personagem que viveu nos tempos de Hitler. Mas não contou nada sobre elas para o inspetor. Tinha medo de ser acusado de doente mental.

— Como assim? O assassino acredita que está vivendo nos tempos da Segunda Guerra?

— Sim. E jura que Hitler vencerá a Inglaterra. Quando lhe falamos que vencemos, só faltou ele pular em nossa garganta. Precisou ser contido.

— Você comentou que Hitler se suicidou? — disse Katherine.

— Sim, mas mesmo contido ele espumava pela boca: “É mentira! É mentira!”. E obsessivamente acenava e clamava “*Heil, Hitler!*”. Se Renan estivesse lá, acreditaria que o sujeito saiu de um portal do tempo, não é desta era.

— Renan? Portal do tempo? Não estou entendendo, inspetor — indagou o professor.

— Ah, me desculpe, pensei alto. — E se explicou: — Renan é um amigo, um gênio da física quântica, mas muito estranho. Bem, nem tanto... Ele acredita em universos paralelos. Diz que é possível haver transporte no tempo, que o passado pode visitar o futuro e o futuro, o passado.

— Há louco para tudo — disse Katherine olhando para Júlio Verne, tentando descaracterizar aquelas bobagens. A sua sobrecarga de estresse já era por demais exagerada. Dar crédito ao misticismo só o pioraria. Porém, o professor era mais cético que ela.

Mas Billy não digeriu o modo preconceituoso como ela falou sobre Renan.

— Senhora, meu amigo é diferente, mas não é louco — afirmou o inspetor.

— Desculpe-me, foi força de expressão — ponderou a professora.

Em seguida o inspetor disse que era perturbadora a convicção do assassino.

— Ao mesmo tempo que delira, parece convicto, talvez seja bipolar.

— Qual a origem dele? — perguntou o professor.

— Diz que seu pai se chamava Cooper, era britânico, e foi, veja só, soldado fotográfico na Primeira Guerra Mundial, e que sua mãe era alemã. Após a Primeira Guerra, seus pais retornaram para a Grã-Bretanha, onde ele nasceu. Comentou que foi rejeitado o seu ingresso na polícia britânica por sua linhagem germânica.

Enquanto ouvia essas palavras, Júlio Verne sentiu calafrios na espinha. Depois, começou a ter vertigem. Balbuciou duas vezes em tom menor o nome do atirador, como se estivesse refrescando sua memória.

— Thomas... Thomas Hellor.

Katherine ficou incomodada com seu comportamento.

— O senhor está passando bem? — indagou o inspetor.

Mas ele não respondeu a Billy. Em seguida emendou uma estranha pergunta.

— Por acaso ele diz que nasceu em agosto de 1917?

O inspetor pegou o depoimento e ficou impressionado.

— Sim! Disse que nasceu em 29 de agosto de 1917. Como você sabe?

O professor novamente não respondeu a Billy, mas acrescentou outra questão:

— Ele trabalhou como professor na Alemanha?

Novamente surpreso, o inspetor confirmou.

— Sim, diz que foi professor. Mas não estou entendendo. Como você sabe dessas informações?

O professor explicou:

— Thomas Hellor, depois de ser preterido pela polícia da Inglaterra, foi para a Alemanha. Entrou para as forças de Hitler e se tornou o único britânico que foi condecorado pelo nazismo.

— Impossível! Um britânico lutou ao lado de Hitler e pela causa nazista? Agora você é que está delirando, professor!

— Quisera estar, inspetor, quisera estar. Mas Thomas Hellor também teve problemas na Alemanha. Foi demitido como professor por ser britânico. Posteriormente, por aderir às teses nazistas, foi encorajado a se alistar no exército alemão. E não parou por aí. Tempos depois, foi apresentado ao oficial Gottlob Berger e se alistou na SS. Foi comissionado como oficial no 5º Regimento de Infantaria, onde atuou como instrutor permanente. Em fevereiro de 1943, esteve em combate e, depois de ter matado vários aliados, foi ferido por estilhaço de bombas. E, pelos serviços prestados à Alemanha nazista, foi agraciado com a Insígnia de Prata para Feridos, uma condecoração de honra. Em 1945, foi preso e julgado no Old Bailey por alta traição, declarado culpado e condenado à morte, mas a sentença foi comutada para prisão perpétua.

[35]

— E como você sabe de tudo isso? — questionou, desconfiado, o inspetor.

— Esqueceu? Sou professor de história, especialista nesses nebulosos tempos.

— Se lutou ao lado de Hitler, mereceu a sentença — declarou Billy. Trazendo luz para o ambiente, Katherine, sempre racional, afirmou:

— Mas, se acreditássemos que o assassino que tentou nos alvejar é o mesmo Thomas Hellor do século passado, deveríamos comprar um assento permanente num hospital psiquiátrico.

— Claro, Kate. Ainda estamos dentro da realidade — confirmou o professor.

Billy mordeu os lábios, fletiu algumas vezes a cabeça, revelando uma pequena ponta de dúvida. Em seguida, deu outra olhadela no depoimento.

— Não é que o assassino disse que foi condecorado como ferido de guerra? E já notou como ele manca de uma perna?

— Sim, percebi que manca da perna esquerda. — Novamente vieram à sua mente as cartas, o que, somado a esse fato, o levou a ficar apreensivo. Eram fenômenos completamente incomuns num período tão curto, meses, mesmo para ele, que era racional e coerente.

Katherine, como psicóloga social, tinha sua explicação.

— Não poucos psicopatas tendem a se despir da sua identidade real e se travestir de uma identidade social, enfim incorporar personagens do passado que admiram. O assassino certamente leu a história do nazismo e, como

inglês, se projetou em Thomas Hellor, assumindo seu personagem.

— Certamente — afirmou Júlio Verne.

— Não há dúvida — confirmou o inspetor, que no fundo tinha lá sua queda pelo misticismo. Depois dessa prolongada conversa, Billy se despediu.

Posteriormente ela recebeu a visita de seus pais.

— Filha, o que está acontecendo?

Ela lhes contou os fatos, mas não os detalhes. Se lhes dissesse sobre a suposta identidade do atirador, sua mãe mais uma vez iria incentivar a separação. Júlio Verne lembrou-se dos seus pais. Eram grandes amigos. Se estivessem vivos, teria dois ombros para chorar. Quinze minutos depois, os pais de Katherine se foram. O casal estava, enfim, a sós. Júlio Verne ficou abaladíssimo quando recebeu a notícia de que Peter tinha grandes chances de ficar paraplégico.

— Que injustiça! É um absurdo Peter não poder mais andar. Nunca mais correr, caminhar, ser livre!

— Sem dúvida, é muito triste. Ele terá uma longa batalha pela frente para se reerguer e se superar.

— Será por minha causa que Peter estará numa cadeira de rodas? — disse, condoído, pensando na possibilidade de o assassino tê-lo como alvo e o ter errado.

Ela olhou em seus olhos e o repreendeu.

— Pare de se culpar, Júlio. Você se tornou um especialista em se punir. Desse jeito entrará na masmorra de uma

depressão.

E procurou desviar sua atenção para algo que a intrigava.

— Por que, antes de ver o assassino, você estava inquieto? O que o levou à sensação de estarmos sendo perseguidos?

— Não sei. Não sei. Apenas pressentia algo.

— Você tem tido com frequência essa sensação?

— Não, Kate. Lembre-se da frase de Voltaire: “Amo a Deus, amo aos meus amigos, não odeio os meus inimigos, mas detesto a superstição”. Eu enfatizo: detesto a superstição. Não estou com ideias de perseguição, fique tranquila.

— Perdoe minha ansiedade, mas me preocupo com sua saúde mental.

— Agradeço sua preocupação. Mas, quanto àquela impressão, foi a primeira vez. Devo ter passado pelo assassino e percebido, de relance, seu comportamento incomum, o que deve ter aberto algumas janelas da minha mente e desencadeado minha inquietação. Nada místico, nada sobrenatural, nada irracional, entende?

— Entendo! — disse ela, respirando profunda e relaxadamente.

E não conversaram mais sobre esse assunto. No dia seguinte, o professor visitou Peter no hospital. Foi uma visita rápida porque ele estava na UTI (unidade de terapia intensiva), convalescendo de uma cirurgia na coluna. Peter,

infelizmente, não movia as pernas nem tinha sensibilidade tátil. Falaram pouco.

— Tenho medo de não voltar a andar, professor.

— Seu medo é legítimo, mas jamais permita que ele paralise sua liberdade e encanto pela vida. Use-o para se construir e não para se destruir.

— Obrigado, mestre.

O braço esquerdo do professor estava enfaixado. Colocando afetuosamente a mão direita sobre o ombro de Peter, ele se despediu dizendo:

— Longas jornadas o aguardam.

Quinze dias depois, Peter apareceu na universidade numa cadeira de rodas. Seus pais o conduziam lentamente. Por onde passava, as pessoas ficavam comovidas. Muitas lágrimas e perguntas sem respostas fizeram parte daqueles cálidos momentos. Seus pais estavam inconformados, sem palavras. Sabiam o quanto o filho admirava Júlio Verne e era influenciado por ele. Os debates em sala de aula eram comentados com entusiasmo na sala de casa. O professor e Katherine, juntamente com alguns alunos, foram recebê-los e fizeram uma grande homenagem a ele.

Tocaram uma música que os próprios alunos fizeram, com o tema “eternos amigos”. Todos esperavam que Júlio Verne falasse algumas palavras, inclusive os pais de Peter. O professor, respirando profundamente, recordou algumas brilhantes intervenções de Peter.

— Sem andorinhas não se fazem as primaveras. Elas chilreiam e voam alegremente em busca da mais nobre das liberdades. O que posso dizer de Peter? Sem alunos como ele, não há primaveras no teatro da educação. Com seus debates e intervenções, transformam o árido solo da sala de aula num lugar onde aprender é o melhor de todos os prazeres. Peter, com apenas 21 anos, já navega nas águas mais profundas da sensibilidade. Revelando que estamos perdendo a capacidade de enxergar o ser humano numa perspectiva mais profunda, certa vez disse palavras inesquecíveis: “Mil morreram de câncer esta semana. Dois mil se suicidaram. Milhões estão desempregados. Secos números que não nos impactam mais! A matemática prostituiu nossa emoção. Quais foram suas histórias, que crises atravessaram e que perdas sofreram?”.

E fitando Peter, declarou:

— Talvez hoje ele acrescentasse ao rol dos feridos “quem são os que perderam a capacidade de andar? Que lágrimas viveram?”. — E enxugando seus olhos, o mestre completou: — Peter! Muitos têm pernas, mas não sabem caminhar; têm liberdade para correr riscos, mas vivem no cárcere do medo. Não lhes falta musculatura, mas têm déficit de ousadia. E ousadia não é falta de medo, mas a capacidade de dominá-lo. Você terá que ter ousadia para transformar limites em liberdade. E quando, deprimido, perguntar “Por que eu?”, que você possa bradar “Porque, como raros, sou capaz de

transformar o caos em criatividade, a revolta em agradecimento e de fazer longas caminhadas sem pernas.”.

Com essas palavras, encerrou. E todos entusiasticamente aplaudiram o mestre e seu aluno. Peter, procurando dominar seu medo, agradeceu a homenagem.

— Talvez um dia eu volte a andar ou talvez nunca mais eu ande... — E seus olhos lacrimejaram. Então, refazendo-se, completou: — Será uma jornada difícil, e conto com o apoio de todos vocês, e com o sustentáculo do Artesão da Vida. Prometo a mim mesmo que procurarei gerenciar minha ansiedade, administrar o medo do futuro e lutar todos os dias para me nutrir no cardápio do prazer. Agradeço a vocês por fazerem parte do rol dos meus amigos e por ter o privilégio de me empurrarem.

— Todos sorriram.

CAPÍTULO 8

A MENTE COMPLEXA E DOENTE DE HITLER

Ensinar irrigava o ânimo debilitado de Júlio Verne. Por amor a alunos como Peter, não podia desistir, precisava continuar penetrando nos espaços mais íntimos da história. Estava atrasado para mais uma aula. Tentava, ansioso, furar o bloqueio dos estudantes nos corredores. Muitos o cumprimentavam com entusiasmo. Sem que ele percebesse, alguém lhe passou o pé e o fez tropeçar. Tentou cair sobre o lado não ferido pelo projétil, embora estivesse cicatrizado. Seus livros e seu *notebook* se esparramaram pelo chão. Jeferson e Marcus, que haviam entrado com um processo contra o professor, deram gargalhadas exaltadas. Marcus, que foi quem o havia feito tropeçar, se aproximou e falou aos ouvidos do mestre:

— Precisa de ajuda, judeu?

— Não, obrigado — disse, expressando sua profunda frustração.

— Não se sente culpado por Peter, mestre? — falou Jeferson, destituído de afeto, no momento em que o professor estava sendo ajudado por outros alunos. Estes imediatamente repugnaram a atitude do garoto. Ao se

recompor, o professor captou seus olhos e lhe deu uma resposta.

— Sinceramente, sinto. Mas meu maior sentimento de culpa não é pelos alunos feridos, e sim pelos que acham que estão vivos.

Jeferson retraiu seu corpo, pensativo. Em seguida, os alunos que admiravam o professor retiraram os dois desafetos de perto dele. Constrangido, ele se refez e agradeceu-lhes. Minutos depois de passar por longos corredores, entrou no anfiteatro lotado. Havia alguns jovens sentados inclusive nas escadas, algo que não era permitido. Queriam embarcar em mais um passeio pelos labirintos da história, em mais uma jornada pelos segredos da mente humana, em uma aventura surpreendente. Peter estava presente, com sua cadeira de rodas, na primeira fila. Sem perder tempo, o professor disse:

— Hoje veremos que a loucura e a razão podem estar muito próximas, e, em determinados psicopatas, em especial em Hitler, habitar a mesma alma. Se considerarem o psiquismo como a mais complexa de todas as construções, devem entender que as portas de entrada e saída não estão indicadas, e os mapas não têm marcos definidos.

— Mas como explorar nossa mente ou, em nosso caso, a dos psicopatas que causaram crimes contra a humanidade se não há mapas definidos? — falou, confuso, Peter, o primeiro a perguntar.

O professor animou-se em ouvi-lo. Mas a resposta não era simples.

— Para desvendá-la, é necessário em primeiro lugar perder o medo de se perder. Você tem esse medo? — Em seguida, continuou: — Em segundo lugar, é preciso se esvaziar o máximo possível de preconceitos e tendencialismos. Em terceiro, ser mais amante das perguntas que das respostas. Os amantes das respostas sempre serão superficiais. Quarto, ser um observador detalhista do objeto analisado. Quinto, sistematizar os dados observados e analisá-los multiangularmente, ou seja, por todos os lados possíveis. Assim, farão menos tolices interpretativas. — Os alunos sorriram. — Mas é provável que 90% dos julgamentos sobre os outros sejam equivocados ou distorcidos.

— Por isso minha namorada não me entende — brincou Lucas.

Deborah, que era amiga dela, a defendeu.

— Mas você tem uma mente complicadíssima.

A turma zombou dele.

O professor criava um clima descontraído para entrar em camadas mais profundas e complexas dos personagens que mancharam a história.

— Deveríamos inventar estratégias para percorrer os espaços psíquicos mais inóspitos da mente humana. — E, como gostava de fazer, aproveitou para colocar seus alunos mais uma vez contra a parede: — Mas quem gasta tempo

observando sua estupidez? Quem interpela sua ansiedade? Quem mapeia suas intenções subliminares? Se viverem sob o verniz social, como poderão se autoconhecer? E, pior ainda, se a história impressa ou digitalizada é tão fria e distante, como poderão interpretar fatos históricos sem grandes contaminações?

Para o professor, ninguém poderia investigar personagens do passado se não se arriscasse a conhecer o mais importante personagem vivo: a própria pessoa. Para encorajá-los a fazer essa empreitada, mais uma vez se humanizou:

— Alguns de vocês sabem que me perturbo diante da possibilidade de ter pesadelos, mas não sabem que fracassar como educador também me tira do ponto de equilíbrio. E tem outra fobia perturbadora... — Fez uma pausa, esfregou as mãos no rosto e disse-lhes: — Não riam... os aracnídeos, esses bichos com um emaranhado de pernas que vocês chamam de aranhas, também me deixam em pânico.

Alguns alunos caíram na gargalhada, outros, relaxados, mapeavam as armadilhas de sua própria mente. E eram muitas. Alguns tinham pavor de empobrecer, envelhecer, morrer, serem traídos, amar, entregar-se. E, por fim, Júlio Verne comentou, mas não se sabia se falava a sério ou brincava, sobre o que mais lhe causava horror.

— Mas nada me perturba tanto quanto perder a mulher que me fascina, me domina e me deixa estonteado. — As alunas o aplaudiram. Katherine, discretamente sentada no

fundo do anfiteatro, suspirou e pensou alegremente: “Esse é meu intrépido homem!”.

— Provocada a me mapear, fico pensando que todo ser humano é um mundo com incríveis particularidades — afirmou Deborah. — Entretanto, nessa sociedade de consumo, classificamos as pessoas como produtos, umas pela magreza, outras pela cultura acadêmica e ainda outras pelo poder financeiro.

— Obrigado por introduzir o tema da minha aula, Deborah. — E, fitando a classe, afirmou: — Todo ser humano tem sua complexidade e singularidade, inclusive os personagens como Hitler. Já comentei em outra aula o ego doente de Hitler; agora precisamos avançar, precisamos conhecer as incríveis flutuações da mente do homem que deixou perplexo o mundo.

Em seguida, comentou que todo ser humano, por mais saudável que seja, sofre flutuações emocionais e intelectuais.

— Só os mortos são estáveis! — brincou Peter: — Felizmente estou vivo.

— Correto, Peter. Os vivos num momento estão tranquilos, noutro, inseguros; num período são racionais, noutro, incoerentes; num período, gentis, noutro, individualistas. A flutuabilidade branda é aceitável, mas a extrema é gritante, caso de Adolf, filho de Klara e Alois Hitler. Era gravíssima, refletia uma mente destruidora. A emoção do Führer da Alemanha flutuava entre o céu e o inferno.

— Não entendi essa característica de personalidade de Hitler, professor. Ele era um psicótico ou psicopata?

— Hitler não era um psicótico, era um psicopata, o que é muito diferente. Um psicótico não tem consciência dos seus atos, perdeu os parâmetros da realidade, não tem capacidade de avaliar as consequências dos seus comportamentos, portanto não pode ser responsável por eles. Os psicóticos são frequentemente inofensivos. Hitler era um psicopata, e, como tal, tinha plena consciência dos seus atos. Feria, excluía, exterminava, e não sentia a dor dos outros. E não era apenas psicopata, mas também sociopata, portador de alta periculosidade, o que o levava a colocar a sociedade em risco pela sua virulência. Entretanto, nesta aula, quero lhes mostrar que a mente dele não era simplista, mas altamente complexa e sedutora: em alguns momentos, expressava grande generosidade; noutros, extrema violência.

— A psique de Hitler era espantosamente não linear. Tal qual na teoria quântica, em que não se pode determinar a trajetória exata de um elétron, ou, pelo menos, simultaneamente, a velocidade e a posição de uma partícula — falou um jovem professor de física nuclear, que pela primeira vez frequentava uma das aulas de Júlio Verne.

O professor não entendia muito sobre teoria quântica, mas compreendeu o sentido da observação e afirmou:

— A mente de Hitler era extremamente paradoxal, o que o levou a confundir a culta sociedade alemã. Quem aqui já estudou a biografia dele para poder dar-nos um exemplo?

Ninguém se arriscou a falar. O professor sabia que alguns poderiam expressar suas ideias.

— Vamos, pessoal. É melhor o som da insensatez do que o silêncio da timidez.

Quando a aula chegava a um impasse, ele simplesmente esperava um, dois, cinco minutos, enfim, o tempo que fosse necessário. Não queria espectadores passivos. Professor e alunos tinham de ser cozinheiros do conhecimento. Como toda cozinha notável, tinha de haver um pequeno caos antes de os “pratos” serem elaborados. Os alunos ficavam aflitos com seu cáustico silêncio, até que eram impelidos a se arriscar, a falar o que lhes vinha à mente. Nesse dia, ele esperou três longos minutos. Até Katherine ficou inquieta. E disse:

— Hitler acariciava sua cadela.

A turma sorriu sem entender no que acariciar uma cadela revelava a flutuação do psiquismo do tirano, mas ela estava na direção correta.

— Ok! Hitler era gentil com sua cadela, Blondi. Solitário em seu *Bunker*, aposento de segurança máxima, era capaz de ficar em seu divã por horas a fio com Wolf, um filhote de sua ninhada aos seus pés.^[36] Por um lado, Hitler tinha um intenso afeto por animais; por outro, não nutria afeto pelos seres humanos. Não é esse um comportamento extremista, inumano, irreconciliável? Enquanto um pequeno filhote de sua cadela era protegido carinhosamente aos seus pés, Hitler enviava para a morte centenas de milhares de crianças

judias, filhos da sua própria espécie, para o extermínio coletivo. Não há como não se tornar um colecionador de inexprimíveis emoções se analisarmos os últimos instantes desses meninos e dessas meninas.

Fez uma pausa e emendou, sem detença:

— E lhes direi outra flutuação paradoxal. Quando Hitler fazia suas reuniões de cúpula, o clima era de um controle absoluto dos participantes. Raramente havia aqui ou ali alguma conversa paralela entre ministros e líderes das forças armadas. Um dos participantes dessas reuniões relatou: “Havia uma corrente de servilismo, de nervosismo e de permanente falsificação da realidade, terminando por sufocar-nos e gerando um mal-estar físico. Nada ali era autêntico, a não ser o medo”.^[37]

Falsificando a realidade, Hitler conseguia sempre fazer fluir a confiança e despertar esperança diante dos líderes da Alemanha. O surpreendente é que sua autoridade permaneceu indiscutível até seu último fôlego de vida, apesar de seus erros, suas mentiras, seus rompantes de agressividade e suas teses incoerentes.

— O medo, a velha ave de rapina do psiquismo, era a única coisa autêntica nas reuniões dos arquitetos da Segunda Guerra Mundial, mas os cegos seguidores de Hitler não se mapeavam nem o mapeavam, não adentravam o edifício do psiquismo. Ficavam na superfície. Precisou terminar a Segunda Guerra para que se fizesse um exame de consciência.

Hitler era portador de um otimismo inabalável e de uma autoridade inquestionável nas reuniões ministeriais e nas campanhas de guerra, mas quando estava só, recluso em seu *Bunker*, ficava frequentemente deprimido, tinha uma atitude sombria de meditação, um espírito distante e vago.

— Hitler se suicidou emocionalmente anos antes de fazê-lo fisicamente. Ele assassinou seu prazer de viver, pois nunca aprendeu que o segredo do prazer de viver se encontra nas pequenas coisas. Precisava de grandes eventos para experimentar fagulhas de alegria. Eis mais duas flutuações doentias do líder da Alemanha: otimismo social e depressão, autoridade política e fragilidade emocional.

Uma professora de psicologia, amiga de Katherine, que também frequentava aquela aula, comentou:

— De sua exposição se conclui que Hitler tinha uma péssima relação consigo mesmo. A solidão o asfixiava. Só se podia ver o brilho evidente no seu rosto diante das grandes decisões, do domínio dos povos, da bajulação das plateias. O que se pode esperar de uma sociedade cujo líder é mal resolvido? Um líder doente adoece sua sociedade.

O professor refletiu sobre essa tese e concordou. E continuou a dissecar algumas características da personalidade de Hitler perante uma plateia superconcentrada.

— Como todo ditador, Hitler não desenvolveu o pensamento abstrato, era incapaz de corrigir suas rotas. E vocês, são mutáveis?

Alguns alunos eram de alguma forma pequenos ditadores, radicais, inflexíveis, tinham grande dificuldade de superar algumas características doentias de sua personalidade. Mas Júlio Verne não os constrangeu; após atirar a pergunta ao ar, comentou:

— A mente de Hitler era pendular, flutuava entre a amabilidade e a agressividade explosiva.

Nancy ponderou:

— Como conviver com um homem que não se sabia como estava seu humor? Como agir diante de uma pessoa que em alguns momentos mostrava afetividade, noutros, uma compulsão para eliminar a quem a ele se opunha?

O professor aproveitou o momento para comentar que Albert Speer, amigo e arquiteto de Hitler, falou dos paradoxos comportamentais dele. Disse que na campanha eleitoral, em 1932, após a chegada ao aeroporto de Berlim, Hitler, num momento de intensa agressividade, repreendeu seus assessores pelo atraso dos carros que deveriam pegá-lo. Caminhava de um lado para o outro ansioso, descontrolado. Batia com seu chicote no alto das botas, como se quisesse espancar alguém.

— Speer, ao ver seu descontrole e sua irritabilidade diante de uma pequena contrariedade, disse: “Era muito diferente do homem com modos gentis e civilizados que me impressionara...”.^[38]

Impressionada, Katherine levantou as mãos e indagou:

— E Hitler era gentil com as mulheres?

— Depende de quais mulheres, Kate. Com as mulheres dos oficiais, dos grandes empresários e dos notáveis políticos, era um *gentleman*, inclusive com suas secretárias. Era capaz de pegar as mãos delas e delicadamente as beijar.

— O quê? Hitler encantava essas mulheres? — perguntou Evelyn, espantada.

— As mulheres alemãs tinha verdadeiro fascínio pelo Führer, o mais famoso solteirão. Tinham a impressão de que ele era um homem de rara sensibilidade.^[39] Onde as encontrava ele se curvava para beijar suas mãos, em especial as mulheres da alta-roda. Mas o mesmo homem que beijava generosamente as mãos das mulheres arianas era o que dava ordens para matar milhares de mulheres judias sem nenhum constrangimento, inclusive ciganas. Eis outra flutuação fantasmagórica.

— Quantas mulheres judias foram assassinadas pelo nazismo? — indagou Deborah.

— Os números são imprecisos, mas foram pelo menos 2 milhões de mulheres que morreram sob seu domínio.

Lucy ficou pasma. Sempre pensou que os homens, por mais violentos que fossem, tinham uma tendência a preservar as mulheres. Desconhecia esse assassinato industrial. Chocada, perguntou:

— Como as mulheres eram selecionadas para a morte?

O relato do professor foi surpreendente.

— As mulheres chegavam aflitas dos comboios de trens para os campos de concentração de Auschwitz, Sobibór,

Treblinka, Majdanek, Belzec, desesperadas por um pedaço de pão, ansiosas para alimentar seus filhos. Imagine viajar por dois dias, 170 pessoas espremidas em um único vagão. E quando chegavam, sem demora eram selecionadas pelos médicos da SS. Entre as da esquerda ficavam as que serviriam no regime de escravidão nos campos; as da direita, juntamente com crianças, idosos e deficientes, iam para as câmaras de gás. Carregando suas malinhas, muitas vezes após mais de um dia sem comer, sedentas, as crianças quase sem voz perguntavam: “Mamãe, estou com fome. Aonde vamos?”. — E, com a voz embargada, o mestre acrescentou:

— As mães não sabiam o que responder... Algumas, num esforço descomunal para consolá-las, diziam: “Vamos tomar banho e depois jantar”. Nunca mais teriam refeições.

Os alunos que frequentavam as aulas do professor, embora tivessem contato com a dor humana, se tornavam cada vez mais estáveis emocionalmente, passavam a valorizar suas refeições, amizades, sua liberdade. Adquiriam mais estratégias para superar suas crises e angústias.

— Hitler era um homem de dupla performance, dupla face; uma no palco, outra nos bastidores — comentou Katherine. — Parece-me que ele tinha tendência a inspirar o suicídio.

— Ele era um suicida em potencial. Tinha resiliência débil, baixo limiar para lidar com frustrações, não suportava ser contrariado. Atitudes violentas ou depressivas acompanhavam suas decepções. Goebbels alimentava seu

messianismo. Inclusive no fim da vida. Dizia a Hitler: “Se a morte fosse seu destino, deveria procurá-la nos escombros de Berlim. Sua morte seria um sacrifício à lealdade para com sua missão na história mundial”.[40] Eram um bando de loucos sustentando uma missão torpe.

Baldur von Schirach, o líder da Juventude Hitlerista, escreveu criticamente em 1932: “Acredito que algumas pessoas atraem a morte, e Hitler definitivamente é uma delas”,^[41] mas com o tempo Baldur, tal qual muitos outros críticos, se curvou aos pés de Hitler.

O professor fez uma pausa e trouxe à lembrança a relação doentia do Führer com as mulheres mais íntimas.

— As mulheres próximas de Hitler adoeciam de tal maneira que tentavam o suicídio.

As alunas ficaram surpresas com essa informação. O professor deu alguns dados intrigantes, teatralizando a angústia delas.

— Mimi Reiter, uma de suas namoradas, tentou o suicídio em 1926; Geli, sua sobrinha e amante, se matou em 1931; Renata Muller, uma amiga, também o fez, em 1937. Inge Ley, mulher do político Robert Ley, tentou contra a sua própria vida. E, por fim, Eva Braun se matou com cianureto poucas horas depois de se casar com Hitler.^[42]

Enquanto o professor fazia sua exposição, havia emissários do reitor anotando o seu comportamento. Ele era policiado e sabia disso.

— Que homem era esse cujas mulheres mais íntimas entravam em colapso? — questionou, alto, Deborah.

— Talvez ele as cativasse no primeiro momento, no segundo, lhes furtasse a identidade e, no terceiro, as levasse ao desespero — afirmou Katherine.

O professor ficou feliz com a cooperação de Katherine. Embora ela estivesse sobremaneira estressada e preocupada, era uma mulher vibrante. Ele expressou com os lábios:

— Espero jamais levá-la ao desespero.

Depois se deu conta de que estava em público. Pigarreou e discorreu:

— Cito mais uma flutuabilidade da personalidade do homem que começou a Segunda Guerra Mundial. Hitler era vegetariano, cuidava do seu corpo com obsessão, tinha medo de contrair doenças.

— O quê? Hitler, o mais sanguinário dos homens, era vegetariano? Como pode ser isso? — indagou Gilbert, o mesmo aluno que certa vez ameaçara sair da classe.

— Ele não apenas era vegetariano como queria fazer seguidores. Aludindo às sangrias para fins de tratamento que seu médico Morell nele praticava, alfinetava seus convidados não vegetarianos com palavras rudes e altas doses de ironia: “Vou mandar preparar para vocês uma guloseima a mais, chouriços com excedente de meu sangue. Por que não? Vocês gostam tanto de carne.”^[43]

A classe tentou assimilar essas grosseiras palavras de Hitler.

— Esse homem que detestava que os animais fossem sacrificados para saciar a fome humana foi o projetista do Holocausto, sacrificou a vida de milhões de pessoas para saciar sua irrefreável ambição. Seu psiquismo de fato se nutria do cardápio da razão e da loucura. — Comentou uma aluna desconhecida.

— E o pintor, o amante das óperas, dos museus e de música clássica não contrastava também com suas atitudes grosseiras? — observou Katherine.

— Bem lembrado, Kate.

De repente, enquanto fazia sua exposição, um funcionário da universidade se aproximou do palco e lhe entregou uma carta com as características das estranhas cartas que recebera. Tenso, interrompeu sua fala e, afastando o microfone, o interrogou.

— Quem lhe entregou este envelope?

— Um tipo estranho que foi barrado pelos seguranças. Mas disse que era urgente, por isso vim até aqui.

O professor, ansioso, abriu a carta e abalou-se com seu conteúdo:

Há duas maneiras de assassinar um homem: estancando-lhe o sangue ou descontruindo sua imagem. Você optou pela mais cruel: desconstruir a imagem de Hitler. Eu prefiro a primeira. Estou no seu encalço. Seus dias estão contados.

Alemanha
Outono de 1941
Reinhard

O professor pensou, por instantes, em interromper a aula. Fitou sua classe e viu que todos estavam esperando que continuasse, afinal de contas estavam no fim do expediente. Captou também os olhos de Katherine e viu-a aflita. Ela sabia que algo estava errado. Precisava dar-lhe segurança. Num ataque de raiva, em vez de se intimidar, continuou a dissecar a imagem do Führer.

— Hitler, caindo afinal do pináculo da sua glória, fez um comentário tétrico sobre o que ocorreria após sua morte — e mais uma vez o professor usou o timbre de voz de Hitler: — “Se algo me acontecer, a Alemanha ficará sem um guia, pois não tenho sucessor. O primeiro enlouqueceu (Hess), o segundo jogou fora a simpatia do povo (Göring) e o terceiro é malvisto pelo partido (Himmler)... E Himmler, além do mais, é totalmente avesso à música”.^[44]

Após essa citação, perguntou:

— O que vocês acham dessa fala de Hitler?

— Às portas da morte, o ser humano recolhe suas máscaras e fala sem disfarces. Sentia-se um messias derrotado, mas não tinha substituto — afirmou Lucas.

— Exato, Lucas. O maior criminoso do século XX estava fisicamente combalido, muito próximo de colocar um ponto-final na sua história, mas, até quando o mundo ruía aos seus

pés, foi capaz de exaltar a si mesmo. E não apenas isso, exaltou também, por mais inacreditável que pareça, a importância da música erudita como requisito básico para a formação de um líder. Seus mais diletos seguidores não poderiam substituí-lo e quanto a Himmler, o todo-poderoso da cruel polícia SS, que tinha ambição de ser o grande Führer, aludia contra ele não apenas a rejeição do partido nazista como também sua aversão à música clássica.

— Hitler realmente apreciava a música. Mas eu pensei que todos os músicos fossem sensíveis e generosos — expressou Ellen, uma pianista que estudava música clássica.

— Eu protesto! Não é possível que Hitler amasse a música. Um amante dessa arte não cometeria as crueldades que cometeu! — contestou Ronald, um respeitado professor de música que frequentava suas aulas.

O professor fez uma pausa, agradeceu a contestação dele e comentou:

— Há mais diferenças entre admirar a música e contemplá-la do que imagina o mundo das artes. Admirar é uma experiência fortuita, desprovida de profundidade. Contemplar a música é se entregar a ela, é penetrar em sua essência, imergir em sua sensibilidade, sentir o “paladar” das suas notas. Somente a contemplação produz a generosidade e o altruísmo.

Ronald silenciou diante dessa observação. Em seguida, o professor fez uma pausa, suspirou e afirmou:

— Hitler podia ser rude, tosco, inculto, mas tinha um psiquismo singular; admirava indubitavelmente as artes, embora não as contemplasse.

E comentou que em 1939, seis semanas antes de iniciar a Segunda Guerra Mundial, houve uma comemoração apoteótica: o Dia das Artes de Munique, a última manifestação artística do Terceiro Reich. O presidente da Câmara de Literatura do Reich, Hans-Friedrich Blunck, declarou que: “Este governo é constituído de homens que aspiram a servir as artes [...] Nascido em oposição ao racionalismo, este governo conhece os maiores sonhos do povo [...] que somente um artista pode dar forma”.[45] O artista era Hitler. E o racionalismo tão criticado foi incorporado pelo nazismo e levado às últimas consequências pelas ambições geopolíticas, a purificação da raça, a eliminação de minorias, inclusive de inocentes doentes mentais.

Em seguida o professor falou:

— Havia uma corja de artistas frustrados que lideravam o nazismo. Goebbels, o “papa” do marketing, escreveu um romance, poesias e peças. Alfred Rosenberg, o ideólogo do partido, era pintor, achava-se um filósofo e tinha ambições literárias. Von Schirach, líder da Juventude Hitlerista, era considerado um importante poeta do Reich. Heydrich, um dos grandes signatários da solução final da questão judaica, amava tocar violino. E Hitler? Era um escritor sem brilhantismo, um pintor frustrado que pintava aquarelas no

estilo de cartões-postais. E, como vimos, era um confesso amante da música. Ele declarou, logo após iniciar a guerra: “Sou um artista e não um político. Quando terminar a guerra, pretendo me dedicar às artes...”.[46] Com uma mão, ele destruía; com a outra, acariciava. Com uma mão, manipulava a espada; com a outra, o pincel.

Os alunos ficaram impressionados com essas informações.

— É difícil entender uma personalidade como a de Hitler — expressou com humildade o professor Ronald, que estava prestes a se tornar maestro. — Estou estarecido. O homem que confessava solenemente a importância da música foi ele mesmo o maestro da orquestra que protagonizou os maiores crimes contra a humanidade. A batuta que usava para reger era a mesma que manipulava para tirar vidas.

— Li certa vez que o nazismo promovia concertos dentro das fábricas de armas. São simplesmente incríveis essas características diametralmente opostas — comentou Gilbert.

Depois de um breve silêncio, Peter se atreveu a concluir:

— Penso que conviver com uma pessoa com somente uma face, ainda que agressiva, insensível e controladora, é possível se adquirirmos defesa, mas conviver com alguém que ora é dotado de afetividade, ora é assaltado por intensa agressividade, é um convite para ficarmos doentes.

A classe ficou emudecida com esse ponto de vista de Peter, pois os alunos sabiam que havia muitas pessoas irracionalmente flutuantes ao seu redor, inclusive alguns

deles. Quebrando o silêncio, James, um aluno que frequentava assiduamente os cinemas, perguntou:

— Hitler gostava de cinema?

— O líder da Alemanha não apenas gostava como era um ardoroso cinéfilo. E que tipo de filme gostava de ver? — indagou o mestre.

— Certamente de guerra e ação — afirmou Deborah com grande convicção, mas estava parcialmente errada.

— Hitler apreciava filmes que demonstravam a grandeza e o sucesso da nação que dirigia — confirmou Júlio Verne. E indagou: — Mas também gostava de outros gêneros. Quais?

— Terror! — disse uma aluna.

— Suspense! — disse outra.

— Policial! — disse James, o aluno que fez a pergunta.

— Que tal desenhos animados? — perguntou o professor.

A plateia sorriu.

— Impossível, mestre — afirmou Deborah.

Todos concordaram com ela.

— Pois pasmem. Certa vez, no Natal, Goebbels, que durante algum tempo controlava os filmes e as produções teatrais na Alemanha, presenteou Hitler com dezoito desenhos animados do Mickey, o ratinho da Disney.^[47]

— Você está brincando, professor! Como um homem com espírito assassino e uma sede insaciável pelo poder se distrairia com inocentes desenhos animados? — afirmou Peter.

Mas Júlio Verne não brincava com essas coisas. Estava relatando mais um fato histórico, o que deixou os alunos embasbacados.

— Adolf Hitler não apenas gostava de filmes infantis como de histórias infantis. Jamais deixou de ler Karl May, o escritor que lia na infância e que escreveu cerca de setenta livros para crianças e adolescentes.^[48] Karl May descrevia com detalhes florestas, índios, ambientes, táticas de sobrevivência, lugares que na realidade nunca visitara, mas imaginara. Hitler admirava a imaginação de Karl May e, como ele, libertava seu imaginário para ser o maior dos estadistas, fosse em tempo de guerra ou paz, mesmo não tendo nenhuma experiência no assunto. E, por incrível que pareça, solicitava que soldados que estivessem no *front* da batalha pudessem ter em mãos um livro do seu autor infantil preferido para sobreviver às intempéries ambientais. Hitler, intelectualmente imaturo, vendia a imagem de um grande líder.

— Um adulto que lia histórias infantis e que, ao mesmo tempo, atirou sua nação em guerras, que colocou seus adolescentes no calabouço do *front*, que deu ordens para eliminar crianças especiais e odiava crianças judias. Como não ficar perturbado diante desses paradoxos? — concluíram os alunos.

E, para encerrar sua aula, o professor comentou que uma das maiores ambições de Hitler era criar um grandioso museu na sua inesquecível Linz, cidade em que cresceu. O

ditador comprou cerca de 3 mil quadros durante os anos de 1943 e 1944, ao custo de 150 milhões de marcos. E, por absurdo que pareça, mesmo quando estava francamente derrotado, não apenas apontou a relevância da música, mas também das artes plásticas, e gastou mais 8 milhões de marcos nessa empreitada. No fim de 1945, nas minas de sal de Altaussee, na Áustria, os americanos encontraram 6.755 quadros que Hitler adquirira com esse fim.^[49] Para uma plateia assombrada, o professor afirmou:

— Ninguém na história comprou mais obras de artes do que Adolf Hitler. É provável que tenha comprado mais obras que todos os grandes ditadores juntos, desde Alexandre, o Grande, passando pelos imperadores romanos, até os dias atuais.

— Estou perplexa! Como pode um homem com esse viés emocional não nutrir compaixão pelos miseráveis? — questionou Nancy.

Ecoando as palavras de Nancy, uma psicóloga clínica, especialista em psicologia forense, que assistia pela primeira vez a uma aula de Júlio Verne, comentou:

— O que me perturba, professor, em sua apresentação, é que de um lado Hitler tinha necessidades completamente grotescas, de outro, completamente humanas e normais... Tenho pós-graduação em mentes criminosas. Mas nunca vi nem estudei uma personalidade como essa. Como ela foi forjada? Gostaria muito de conhecer um pouco sobre esse assunto.

— Discutiremos a formação da personalidade de Hitler em minha próxima aula. — Em seguida, olhou para a classe e completou: — Vocês podem chamar Hitler de louco, insano, maníaco, psicopata, sociopata, mas não podem deixar de reconhecer a sua complexidade mental. A tese é que, se sua mente não fosse complexa, jamais seduziria a também complexa sociedade alemã.

— Na mente de Hitler convivia simultaneamente o vampiro social e o artista, o monstro e o menino. O carisma e o terror, a afetividade e a destrutividade andavam lado a lado. Essa é a mente do maior tirano da história, que foi eleito pelo voto e que penetrou no tecido emocional da sociedade, seduziu-a e produziu dezenas de milhões de cegos seguidores. Que sociedade moderna teria força para expurgá-la? — concluiu Katherine, e Júlio Verne completou:

— Eis uma pergunta que não pode deixar de ser feita: personalidades como essas podem voltar a eclodir no útero da humanidade?

E com essa pergunta, destituída de resposta, encerrou sua aula. Imediatamente recolheu seus objetos da mesa e a perturbadora carta que recebera, e saiu sem se despedir. Depois dos cumprimentos de alguns alunos, encontrou Katherine no corredor e saiu com a mão direita sobre seu ombro. Banhar-se com essas informações levou os alunos a saírem silenciosos, reflexivos, observando-se.

Deborah era racional, ponderada nas relações interpessoais, mas não com seu namorado. O medo da perda

a controlava e traduzia-se em crises de ciúmes e intermináveis cobranças. Lucas era um garoto gentil com os de fora, jamais levantava a voz para os estranhos, mas paradoxalmente sua gentileza não abarcava seus íntimos, especialmente a avó, que o criara. Reagia grosseiramente diante das suas manias e seu déficit de memória. Gilbert era um garoto dado à espiritualidade, inteligente e socialmente generoso, mas consigo mesmo era um carrasco: punia-se muito quando falhava. Peter era rápido e preciso em seu raciocínio, mas era hipersensível. Vivia a dor dos outros e sofria muito por antecipação. E, se não se reciclasse, poderia desenvolver um importante quadro depressivo.

Esses alunos tinham características excessivamente flutuantes em seu psiquismo. Não colocavam a sociedade em perigo, é verdade. Reconheciam seus erros, também é verdade, mas podiam colocar em risco sua saúde psíquica. O professor, que era abalado pelos seus terrores noturnos, começou a provocar “insônia” em seus alunos.

CAPÍTULO 9

AFASTADO DA UNIVERSIDADE

Júlio Verne e Katherine tiveram uma longa conversa sobre a pequena carta que ele recebera em sala de aula. Mais uma vez, a textura do papel, o tipo de letra, a data e, principalmente, o nome do autor colocaram combustível no caldeirão de dúvidas do casal. Felizmente, naquela noite ele foi poupado de pesadelos.

No dia seguinte, entrou na universidade às 8 horas da manhã. Sua aula começaria às 8h30. Faria mais uma viagem ao passado, mas antes foi desfrutar do presente: passou pela sala dos professores para tomar um café e encontrar colegas e amigos. Katherine se dirigiu para a biblioteca. Júlio Verne, por sua vez, foi cumprimentado com entusiasmo por vários professores. Alguns o admiravam a tal ponto que, quando tinham tempo, frequentavam sutilmente suas aulas. Entretanto, existia oposição fomentada principalmente por Paul. Katherine contara havia apenas cinco dias a Júlio Verne alguns trechos da conversa tensa que tivera com Paul. Este também estava na sala dos professores e não perdeu a oportunidade de perturbá-lo.

— Estão dizendo que você está descompensado, Júlio?

O clima ficou desconfortável, mas Júlio Verne sabia se descontraír.

— Estão? Quem são meus acusadores?

— Alguns alunos.

— Pois eles estão certos. Não sou totalmente equilibrado.

E você é? Perturbado, Paul respondeu:

— Claro que sou!

— Mas por que mudou seu tom de voz na resposta? — indagou Júlio Verne.

Paul teve uma pequena crise de tosse por causa da ansiedade. Mas, para não perder o embate, retrucou:

— Você não é psicólogo clínico. Não tem competência para me interpretar.

— Esqueceu que sou, sim. Mas não disse isso como psicólogo, e sim como um simples observador.

O clima piorou, mas Paul não queria sair do campo de batalha derrotado. Olhando para os demais colegas, tentou humilhá-lo.

— Que crédito tem um professor que é advertido pela reitoria?

— Você tem razão. Não tenho crédito na reitoria, mas talvez tenha com os alunos. Você tem? Seus alunos amam frequentar suas aulas?

Paul interrompeu a conversa e saiu de cena irritadíssimo, pois suas aulas não atraíam os alunos. Eram um convite ao tédio.

Quinze minutos depois, quando Júlio Verne estava se preparando para sair da sala dos professores, Madeleine, a carrancuda secretária do reitor Max Ruppert, que muitos achavam que era sua amante, o chamou:

— Professor, o reitor o convida para ir à sua sala.

— Mas minha aula está para começar. Poderia ir depois do expediente.

— Não, tem de ser agora. E já enviamos um comunicado de que o senhor vai se atrasar.

Os professores se entreolharam. Um deles, velho amigo, Atos, brincou baixinho:

— Está com o moral alto, Júlio.

Atos disse isso porque poucos professores tinham acesso ao temido reitor. Apenas alguns coordenadores de cursos, e, mesmo assim, quando convidados.

— Mas, Madeleine, meus alunos...

— Professor, o senhor não está entendendo. É uma ordem. — Então a secretária contou-lhe a verdade: — Acabou de ser afixado um cartaz desmarcando sua aula de hoje.

— O quê? Sem me avisar! Isso é modo de tratar um professor?

— Não se irrite comigo. Vá se entender com o reitor.

E Madeleine deu-lhe as costas. O clima entre os colegas ficou pesado. Alguns tocaram os ombros de Júlio Verne querendo lhe dar força. Constrangido, ele foi até a reitoria. Sentou-se e esperou ser chamado.

Dez longos minutos de espera até que Madeleine o conduziu à sala da reitoria. Mas Max estava ausente. Só estavam presentes Michael, o coordenador do curso, Antony, o pró-reitor acadêmico, e Paul, que era o mais novo conselheiro acadêmico, informação que Júlio Verne ainda não tinha. Michael estava completamente constrangido.

— Cadê o reitor?

— Max teve outros compromissos — disse Antony, também abatido.

— Sinto muito, professor Júlio Verne — falou Michael, que admirava muito o professor e que por duas vezes assistira às suas intrigantes aulas. Infelizmente, se calara no momento em que mais deveria defendê-lo. Preferiu salvar sua pele para não perder o importante emprego. E, pior ainda, por ser advogado, o reitor o pressionara a redigir uma carta de afastamento. Paul tomou a carta das mãos de Michael e, indelicadamente, leu-a ele mesmo:

Professor Júlio Verne,

Por indisciplina, polêmicas e por sofrer processo de calúnia da parte dos alunos e até colocar em risco a instituição, o senhor está suspenso por um mês das suas atividades acadêmicas. Seu comportamento e sua didática serão avaliados por um conselho formado por notáveis professores. Tal conselho decidirá o seu destino nesta instituição: a renovação do seu contrato ou seu desligamento.

Sem mais para o momento,

Reitor Max Ruppert

— Sinto muito, Júlio Verne. É a vida — expressou Paul, com ar de ironia. E entregou-lhe a carta.

Max poderia despedi-lo e não o advertir. Mas, por temor dos alunos que admiravam o mestre e para evitar sofrer algum processo por discriminação, disse que Júlio Verne seria avaliado por um conselho de professores —, professores esses que liam a sua cartilha.

Não havia o que discutir com Antony; seu destino estava traçado.

— Não concordo com essa decisão — falou Michael. — Mas quem sabe o conselho renove o seu contrato.

Júlio fitou Michael e se lembrou dos que silenciaram perante as vítimas do Holocausto. E agradeceu:

— Eu ainda estou livre; posso sair, andar, respirar.

Depois disso, o professor meneou a cabeça, deu um leve sorriso, cumprimentou Antony e Michael, e lhes disse:

— Preservem seus empregos. É melhor assim.

E fitou os olhos de Paul como se estivesse dizendo: “Você conseguiu, mas ainda sou livre”.

Ao sair pelos corredores, encontrou o grupo de alunos que mais participavam de suas aulas. Eles se tornaram amigos uns dos outros e, de vez em quando, se reuniam para debater as ideias do professor nas cervejarias e lanchonetes, enfim, fora do ambiente da universidade. Logo que o viram, o cumprimentaram. Pensaram que a aula fora desmarcada por motivos de força maior, não sabiam o que se passava. O reitor não fazia ideia do tanto que o amavam.

— Olá, professor! Quando será a próxima aula? — perguntou Evelyn.

— Nas ruas, nas praças, em qualquer lugar, Evelyn, menos aqui.

— Como assim? — indagou Peter, empurrando sua cadeira de rodas para bem perto dele.

— Acabei de ser afastado da universidade! — falou, aborrecido. Não bastavam os acontecimentos enigmáticos à sua volta, ainda tinha de lidar com o possível desemprego. Provavelmente muitas universidades o receberiam de braços abertos, mas seriam outros alunos, outro começo.

— Faremos um movimento a seu favor. Colheremos assinaturas. Infernizaremos a reitoria! — disse categoricamente Lucas. Mas ele interveio:

— Por favor, não façam isso. Não há mais ambiente para mim nesse espaço. Recuso-me a ser policiado. Quando o preço da liberdade é mais alto do que o preço do seu salário, a única saída é se demitir.

— Professor, e os nossos debates? — indagou Deborah.

— Não nos deixe órfãos justamente agora que percebemos a diferença entre assistir e participar das aulas, entre ouvir e construir o conhecimento — pressionou Brady.

Júlio Verne olhou para aquele grupo seletivo de alunos e foi sensibilizado por sua motivação. Então resolveu esperar um pouco, mas certamente seria despedido. E depois, devido aos acontecimentos perigosos que o estavam envolvendo, não

era conveniente colocá-los em risco. Cumprimentou-os um a um afetuosamente e partiu.

Ao deixar a porta central da universidade, mais uma surpresa. Gritos de um senhor de 65 anos, com cabelo grisalho, dirigidos a ele.

— Professor, professor! Tenho aprendido muito com suas aulas.

— Muito obrigado. Mas quem é o senhor e que curso faz?

— Sou segurança da instituição. Nas minhas folgas, passei a assistir às suas aulas. Jamais havia lido um livro, não sabia nada sobre o Holocausto nem sobre as garras de Hitler. Agora passo seis horas por semana na biblioteca. Estou pensando em cursar história ou direito.

— Parabéns! Os livros nutrem o cérebro tanto quanto os alimentos ao corpo, mas sua digestão é mais demorada.

E desse modo partiu, para nunca mais voltar. Katherine tentou consolá-lo. Depois de refletir com sua mulher sobre a desconfortante carta de Max Ruppert, sentiu que ela poderia vir ao encontro da sua necessidade de não se expor publicamente até que os riscos cedessem e os fenômenos fossem esclarecidos.

Professor calado é professor morto. Ensinar é seu mundo, seu ar, seu solo, seu sentido existencial. Com o passar dos dias, Júlio Verne começou a ficar abatido, deprimido, isolado. Katherine ponderou que deixar de ensinar poderia comprometer ainda mais a sua saúde mental. No fim de semana, reagiu. Reuniu os mais íntimos dos seus alunos e

fez-lhes uma proposta. Formar um pequeno grupo de estudos em sua própria casa, duas vezes por semana. Mas a proposta precisaria ser aprovada por Júlio Verne.

— Um grupo de estudos em nossa casa, Kate? Não seja utópica, os alunos não viriam.

— Eles já concordaram, Júlio — falou sorrindo: — E com um entusiasmo que nunca vi em universitários.

Júlio respirou profundamente e se animou. Os alunos, de fato, estavam exultantes com essa possibilidade. Desconheciam os perigos que os aguardavam.

CAPÍTULO 10

A INFÂNCIA DE HITLER

O grupo de estudo seria a saída ideal para Júlio Verne continuar se sentindo vivo como professor. Era formado por dez integrantes, incluindo ele e Katherine. Apesar das limitações dos dados históricos, o professor procurou mergulhar num assunto em que sempre quisera se aprofundar — o que era difícil em grandes plateias —, um assunto pouco explorado: o processo básico da formação da personalidade de Hitler, o desenvolvimento de sua psicopatia, de sua necessidade neurótica de poder, e o nascedouro das sofisticadíssimas técnicas de manipulação de massa que utilizou. Reuniram-se na terça-feira às 20 horas. E, logo após os cumprimentos e a acomodação, o professor começou a discorrer sobre um frágil menino que deixaria pasmo o mundo.

— Vinte de abril de 1889 era uma data destituída de importância na minúscula localidade de Braunau, na Áustria, a não ser porque mais uma criança fora expulsa do útero materno para o complexo útero social. Nasceu o bebê Adolf Hitler.

— Nasceu um psicopata nessa data? — interveio Evelyn.

— Não, Evelyn! Nasceu uma criança. Choro, movimentos musculares bruscos, expressão facial dolorosa, reações comuns a todos os inofensivos bebês. Não havia os mínimos traços psíquicos de um monstro, mas de uma simples criança, cuja existência deveria ser pautada por alegrias e angústias, perdas e ganhos, aventuras e rotina.

— Mas a psicopatia não é genética, professor? — indagou Lucas.

— Os fatores genéticos podem influenciar a formação da personalidade, mas não determinam ou condenam um ser humano. Os fatores educacionais, o meio ambiente e o desenvolvimento do eu como gestor psíquico podem atuar para regular e moldar as influências genéticas.

— Então, em sua opinião, ninguém nasce psicopata, mas forma-se, ainda que haja alguma influência genética para sê-lo — sintetizou Peter.

— Sim, essa é a minha convicção. E, se acreditarmos no contrário, poderemos incorrer nas teses nazistas de querer eliminar cérebros menos aptos para purificar a espécie humana. Um erro cruel. O código genético é o mais democrático de todos os fenômenos da natureza. Entre brancos e negros, palestinos e judeus, americanos e asiáticos, há diferenças genéticas diminutas, como fâcies, cor da pele, estatura; na essência, somos iguais. Temos o mesmo potencial intelectual para desenvolver os mais altos níveis do raciocínio complexo, abstrato, indutivo, dedutivo.

Temos o mesmo potencial para ser autônomos e não autômatos.

— Autônomo e autômato? — perguntou Gilbert, curioso.

— Sim, apesar de palavras parecidas, as diferenças são gritantes. Ser autônomo é construir sua própria história, ter consciência crítica, aprender a fazer escolhas, ter opiniões próprias, ainda que influenciadas pelo ambiente. Ser autômato é obedecer às ordens e não pensar nas consequências das “verdades” ideológicas, políticas, religiosas, abdicar da sua identidade, ser mentalmente adestrado. O templo nazista requeria que seus adeptos não pensassem. Milhões de jovens se tornaram autômatos.

Vendo seus alunos atentos, o professor passou os olhos pelo pequeno grupo e os questionou:

— E quanto a vocês? O quanto são autônomos ou autômatos?

— Eu penso que sou autônoma — afirmou a sempre rápida Déborah.

— Eu nem sempre sou — disse Katherine, honestamente.
— Quando experimento o medo, sou controlada por ele, obedeco às ordens desse cálido sentimento. Quando sofremos um ataque de pânico ou temos uma crise ansiosa, até nosso corpo deixa de ser autônomo: não faz escolhas, tem uma série de reações que nos submetem a ele.

Júlio Verne completou o pensamento de Katherine.

— Uma pessoa que exclui, grita, elimina e tem necessidade que o mundo gravite em sua órbita também não

é autônoma. Parece forte, mas na realidade é frágil. Os nazistas tinham armas e dominavam brutalmente as pessoas, mas no fundo eram escravos das suas crenças, servos de seus preconceitos.

— Mas, se é assim, na sociedade de consumo o marketing pode dirigir ou moldar nossa vontade e nos fazer autômatos. Pensamos que somos livres para decidir, mas no fundo podemos estar obedecendo a ordens — disse Elizabeth, preocupada, pois tinha uma irmã adolescente que era viciada nas últimas novidades da moda e novas tecnologias eletrônicas.

— Exatamente. Por isso o marketing tem de respeitar o direito de escolha do consumidor, e o consumidor tem de ser encorajado a ter um consumo responsável. O marketing político, em destaque o nazista, deveria respeitar a autonomia dos cidadãos, mas o jogo de interesses, calúnias, mentiras domina o cenário.

Os alunos não conheciam esses temas, e introduzi-los nessa seara foi capital para compreenderem alguns fenômenos do psiquismo do jovem Adolf. O professor disse que a mãe de Hitler parecia ter sido uma mulher ajustada, sociável e simpática. Uma camponesa humilde, iletrada, que trabalhava como empregada doméstica na casa de Alois Hitler, seu tio e futuro marido.^[50] Alois usou a relação desigual para seduzir Klara, que se tornou sua amante e terceira mulher, por ocasião da morte da segunda.^[51] Casaram-se em 7 de janeiro de 1885. Hitler nasceria quatro

anos depois, um período sem atropelos. Klara não era uma adolescente, tinha 27 anos, e Alois, 47 anos.

— Há uma acusação de que a mãe de Hitler era supertolerante e encorajava nele o sentido de singularidade, de ser único e destinado a uma história única — disse Katherine.

— Sentir-se singular é saudável para estruturar a identidade, mas sentir-se único no sentido de ser melhor e de se colocar acima dos seus pares é completamente doentio. É provável, Kate, que Klara fosse superprotetora do menino que amamentou, gerando timidez, insegurança, e contraindo a sua autonomia. Mas, ainda que ela tenha dado uma proteção exagerada ao pequeno Hitler, os tempos mudaram quando ele fez 5 anos.

— O que aconteceu? — perguntou Deborah.

— Klara deu à luz uma nova criança. A atenção ficou dividida. Sua mãe não seria mais só dele, o mundo não pertencia somente a ele. Hitler teria de ajustar-se a essa nova realidade.

— Mas penso que esse ajuste nunca foi operado com maturidade — apontou Deborah.

— Correto. Hitler jamais se adaptou a isso. Muitos garotos super-protegidos crescem com a necessidade neurótica de ser o centro das atenções. Não sabem cooperar, dividir afetos, emoções, aplausos — declarou o professor.

— Essa talvez seja a primeira característica doentia da sua personalidade — afirmou Katherine. — O mundo tinha

de girar em torno das necessidades do menino Hitler.

— O pai, Alois, era reservado, circunspeto, de humor contraído. Filho ilegítimo, usava o nome de sua mãe, Schicklgruber, que mais tarde mudou para Hitler. Era funcionário público^[52] — comentou o professor.

— O pai do homem que quis conquistar o mundo era um burocrata que vivia a rotina de um serviço público! Não é um paradoxo?! — disse Brady, que aprendera a valorizar os conhecimentos que não caem nas provas.

— Mas lembre-se, Brady, a mente de Hitler era paradoxal. É provável que a mãe o exaltasse e o pai o diminuísse. Amor e ódio circulavam pelas suas artérias “emocionais”.

— Provavelmente a exaltação do menino por parte da mãe era uma forma de projetar nele uma admiração que não via no seu marido, muito mais velho, pacato, destituído de *glamour* — afirmou Katherine.

— Tem fundamento essa tese, mas o pai de Hitler não era um burocrata engessado. Conseguiu sair da condição de funcionário subalterno da alfândega austro-húngara para uma posição relativamente alta: inspetor-chefe de direitos alfandegários. Alois não era alcoólatra, mas amava a vida e os vinhos e talvez os amasse mais do que a convivência com seus filhos.^[53]

— Nunca me esqueço, Júlio, de que certa vez você me comentou que, embora o pai de Hitler não fosse dado ao grande humor e à sociabilidade, tinha uma relação estreita

com a natureza, particularmente com as colmeias. Até realizou o sonho de comprar uma fazenda com apiário e criar abelhas em grande escala. O que me intriga é que o contato com a natureza deveria abrandar a ansiedade e irritabilidade do menino — comentou Katherine, sempre detalhista.

Durante sua vida, antes de adquirir sua propriedade rural, Alois fora econômico e com suas economias de salários pôde comprar uma casa, que, juntamente com outros imóveis, possibilitou-lhe uma existência financeira confortável.

O professor ficou pensativo. Em seguida disse:

— Mesmo num ambiente isento de grandes estímulos estressantes podem-se não desenvolver funções complexas da inteligência, como a generosidade e a sensibilidade. Algumas vezes o pai de Hitler foi descrito como um tirano, um homem brutal, mas essa descrição é mais para tentar explicar ou justificar de maneira superficial o caráter insano de seu filho.^[54] Não há relatos de abuso sexual, privações, vexame social ou violência doméstica em grande escala. Embora Alois não fosse afetivo, não há provas de que batesse ou espancasse o menino Hitler, nem que o submetesse ao cárcere da humilhação e do desprezo.

Apesar disso, o professor comentou que é provável que o pai fosse um homem radical, com rejeição aos judeus e aos clérigos. Suas últimas palavras antes de falecer de um ataque cardíaco foi uma expressão raivosa, “esses negros”, expressão que remetia aos clérigos reacionários.

— Sinceramente, estou confuso — afirmou Peter. — Uma mãe simples e um pai burocrata, que amava colmeias e aparentemente não tinha um caráter brutal, educaram um homem da ferocidade de Adolf Hitler. Não entendo esse processo.

— Eu também não. Sempre pensei que um ambiente social caótico, saturado de privações e abusos, e uma relação materna e/ou paterna extremamente doentia é que fossem capazes de explicar a formação de um filho psicopata — afirmou Déborah, embora fosse psicóloga social.

— Essa é uma grande questão. Pedagogicamente, é inaceitável que pais “aparentemente normais” possam gerar filhos cruéis. Mas lembrem-se de que “pais normais” podem gerar filhos autômatos, que não saibam fazer escolhas e não tenham consciência crítica, que não saibam pensar antes de reagir nem se colocar no lugar dos outros, caso de Hitler — discorreu Júlio Verne.

— Então, quem tem uma visão simplista de que a psicopatia dos filhos ou a maldade deles tem uma relação direta com a personalidade destruidora dos pais pode se chocar ao analisar a história de Hitler — afirmou Gilbert compenetrado.

Katherine reflexiva completou:

— Essa tese é angustiante, mas em alguns casos tem fundamento: o ser humano não precisa ser devorado na infância para devorar os outros quando adulto... A mente humana é de uma complexidade surpreendente. Se

estudarmos as violências causadas por jovens, inclusive ataques terroristas, nem sempre encontramos pais que de alguma forma as tenham fomentado. Há pais que se esmagam de culpa sem serem culpados.

— O estresse social, o radicalismo político, as crises econômicas, as ideologias fundamentalistas e a apologia da exclusão podem se aninhar no psiquismo de um ser humano destituído de autonomia e gerar verdades absolutas, que o controlarão — confirmou Júlio Verne. E fez nova revelação: — Hitler, Himmler, Goebbels e outros nazistas não viveram na relação familiar um corpo de estímulos estressantes que justificassem se tornar os maiores psicopatas da história, mas se tornaram.

— Como assim? — indagou Gilbert.

Deborah completou a dúvida:

— Você quer dizer, professor, que nem todos os protagonistas do nazismo eram psicopatas?

Lucas, confuso, também indagou:

— Auschwitz tinha 8 mil soldados da SS, nem todos eles foram psicopatas?

— Não! Não é isso que quero dizer. Todos eles foram psicopatas e, por definição, feriram, violentaram, controlaram, escravizaram *e/ou* mataram e não sentiram a dor de suas vítimas, não se posicionaram minimamente no lugar delas, chafurdaram na lama da indiferença. Mas vocês devem saber que há uma diferença enorme entre um *psicopata estrutural*, forjado pelas intempéries psíquicas e

sociais, e um *psicopata funcional*, que não sofreu traumas importantes na infância, porém, ainda assim, desenvolveu uma necessidade neurótica de poder e de evidência social, cuja mente é passível de ser adestrada por ideologias inumanas e, conseqüentemente, de cometer atrocidades inimagináveis.

Em seguida, disparou o professor:

— É provável que somente 2% ou 3% da temível polícia SS, que era comandada por Himmler, fosse formada por psicopatas estruturais, influenciados pela carga genética, agressividade, abusos sexuais, privações, discriminação, *bullying*. Felizmente, a maioria das pessoas traumatizadas se superam. E os demais carrascos da SS o que foram?

Agora seus alunos começaram a entender. O próprio Lucas arrematou:

— Tornaram-se psicopatas funcionais forjados no útero social estressante e por ideologias radicais e inumanas construídas pelos nazistas.

— Mas isso é muito grave — comentou Gilbert.

— O massacre de judeus, de marxistas, homossexuais, na Segunda Guerra Mundial, a destruição coletiva patrocinada por Stálin, o genocídio de Ruanda na década de 90 do século XX, enfim, nossa história é manchada por psicopatas funcionais que, carismáticos, convencem as massas e são capazes de ascender ao poder, seja pela força das ideias ou das armas, e cometer atrocidades impensadas — concluiu Peter com precisão. — E penso que os psicopatas

estruturais, devido às suas limitações intelectuais, dificilmente dominam as massas.

— Mas como preveni-los? Nós também podemos cair nesse artil? — perguntou Brady, assustado.

Segundo Júlio Verne, nas sociedades atuais, se houvesse um botão que pudesse eliminar uma parte significativa da humanidade, algumas centenas ou alguns milhares de pessoas teriam coragem para detoná-lo. Felizmente elas não têm o poder e o carisma de Hitler.

— Lembre-se, Brady, é preciso ser autônomo, ter mente livre, fazer escolhas inteligentes. Se não formos autônomos, poderemos, em circunstâncias especiais, ser seduzidos, calados ou amordaçados por esses líderes — afirmou Elizabeth.

— Mas quem é plenamente autônomo? — indagou novamente.

De repente, interrompendo a conversa, alguém bateu à porta apressadamente. O porteiro do prédio não avisou que alguém estava subindo no apartamento deles. Júlio Verne e Katherine, resgatando de seu inconsciente a angústia gerada pelas estranhas cartas que tinham recebido, ficaram imediatamente tensos. Entreolharam-se. Júlio foi rapidamente até a porta, mas dessa vez havia um personagem. Era Billy, o inspetor de polícia. O casal não fora avisado porque o interfone estava com um pequeno problema, e o mensageiro subiu porque se identificou como policial.

— Olá, Billy, prazer recebê-lo em minha casa — falou Júlio, mais relaxado e num tom um pouco alto, para tranquilizar sua mulher.

Tinham se conhecido havia menos de duas semanas, mas construíram um bom relacionamento. O inspetor estava preocupado, mas não abandonou seu bom humor.

— Acho que meu amigo Renan estava certo.

— Renan? Ah, sim, o que acredita em transporte no tempo. O que aconteceu, foi abduzido? — brincou Júlio Verne.

— Ele não, mas Thomas Hellor, sim.

— Não estou entendendo — falou apreensivamente o professor, e pensou: “Se o assassino fugiu, poderá tentar assassinar outras pessoas, e quem sabe vir atrás de mim”.

— Mas como fugiu? Quem o ajudou?

— Não sabemos. O sujeito desapareceu sem deixar vestígios. Ele estava isolado em uma cela devido à sua periculosidade e, sem que ninguém notasse, como por encanto, simplesmente desapareceu. E tem outra coisa: leia.

— E lhe deu um envelope contendo um laudo pericial.

Júlio Verne o abriu. Katherine deixou os alunos na sala e também se aproximou da porta. Ambos leram juntos o laudo, que dizia que a amostra de tecido do uniforme da SS de Thomas Hellor não era de um tecido atual, mas constituído de fibras confeccionadas nos tempos do nazismo.

— Billy, não vamos delirar — falou Katherine. — Deve haver tecidos como esse espalhados por aí.

— Sim, em raríssimos museus. É uma fibra diferente. Mas não estou afirmando que o sujeito é Thomas Hellor. Ainda não estou comprando um bilhete para me hospedar num hospital psiquiátrico. Mas, brincadeira à parte, tudo isso é muito incompreensível — completou Billy.

— Esse sujeito deve fazer parte de uma sociedade secreta, que de maneira obsessiva queira reproduzir os tempos antigos — disse Júlio Verne, sem querer pensar muito no assunto.

— É o mais lógico — afirmou Billy, mas estava claramente em dúvida.

Confuso e angustiado por se lembrar do algoz que deixou Peter paraplégico, Júlio Verne convidou o inspetor para participar da mesa-redonda sobre a personalidade de Hitler. Afinal de contas, estaria relativamente seguro com o policial. Curioso, o inspetor resolveu aceitar o convite. A bem da verdade, ele estava mais interessado no suco e nos petiscos sobre a mesa. Depois de apresentar o inspetor ao grupo, os debates se encadearam. Billy, que não lia livros nem se interessava por história, ficou admirado logo nos primeiros dez minutos. Recebeu um banho de luz em sua pragmática racionalidade.

— Embora Hitler não fosse diretamente alvo de grandes traumas, é provável que a diferença de idade entre Klara e Alois Hitler, o ciúme doentio e o controle excessivo do pai

sobre a “jovem” mãe tenham afetado o pequeno Adolf. O menino tinha uma ligação intensa com a mãe, mas era incapaz de protegê-la das investidas do pai.

— Talvez aqui tenha começado a se desenhar a característica de “libertador” de Hitler, que mais tarde eclodiria, ainda que desastradamente, como líder político — concluiu Brady.

— Incrível. O homem que queria “libertar” a Alemanha era o mesmo que não conseguiu libertar sua mãe das garras de seu pai — sintetizou Peter.

— Protegido pela mãe, Hitler tinha uma atitude conformista, não amava o trabalho árduo, não era proativo nem líder de grupo; ao contrário, era indolente, passivo, mas gostava de se vestir elegantemente — disse o professor.^[55]

— É surpreendente. Pensei que Hitler desde a infância fosse um dominador, um líder de turma — comentou Billy com a boca cheia, sentindo-se à vontade para se expressar.

— Hitler não era um adolescente brilhante — afirmou o mestre: — A estética o fascinava mais que o conteúdo, inclusive a sua imagem social. Não se sentia atraente, cativante, envolvente. Tinha necessidade de autoafirmação. Até seu estranho bigode, adotado quando adulto, incomum na época, era uma necessidade de fixar sua marca, tal como uma celebridade excêntrica que deseja se distinguir dos demais mortais.^[56] Nasce o homem preocupado com sua imagem social.

Klara percebia que seu filho não tinha grandes projetos. Tentava despertar o interesse dele pela vida e pelo futuro, uma tarefa árdua. Enviou-o para uma escola de artes em Munique, mas ele ficou lá poucos meses. Certa vez, em outra tentativa, deu-lhe dinheiro para visitar Viena. De Viena, com sua péssima escrita, ele lhe enviou postais enaltecendo a grandeza dos edifícios da capital austríaca.^[57] Não tinha uma causa por que lutar.

O pai, percebendo que o filho não tinha aptidão para o trabalho pesado ou para ser um burocrata como ele, havia sugerido há tempos que tivesse aulas de canto. A mãe, por sua vez, deu-lhe permissão para que fizesse aulas de música, o que Hitler fez durante quatro meses, no início de 1907,^[58] mas não administrava seu estresse e seu desânimo. Desânimo esse que marcaria sua história.

Seus discursos teatrais, seus gestos vibrantes, suas decisões marcantes eram reflexo de um ser humano destituído de uma motivação existencial saudável, um homem que procurava sair da sua “insignificância”.

— Não consigo perceber pela sua exposição os traços de um destruidor nesse garoto — comentou Deborah.

— Não subestime a fera que hiberna — disse Júlio Verne.
— O jovem Adolf Hitler raramente dava continuidade ao que começava. Suas reações diante das investidas educacionais da mãe eram sempre fracassadas. Seria esse garoto sem brilho que 25 anos mais tarde assumiria o controle da Alemanha. Tornou-se poderoso, eloquente, agressivo,

combativo, determinado, mas raros eram os que enxergavam que no seu cerne havia uma personalidade frágil, insegura, saturada de complexos.

— Era mais um ator do que um líder. Não é sem razão que gostava de encenar — afirmou Katherine.

— E como foi seu desempenho na escola? Era um bom estudante? — indagou Peter.

— Não. Sua ortografia e pontuação estavam muito abaixo do que se poderia esperar de um rapaz de 17 anos que havia cursado a escola secundária.^[59] Hitler era tão irresponsável que abandonou os estudos sem trancar a matrícula,^[60] um comportamento que demonstrava seu desprazer de entrar em camadas mais profundas do conhecimento — comentou o professor.

— É por isso que ele vai desprezar a formação acadêmica em toda a sua história. Não poucas vezes debochava das escolas e dos professores, pois sabendo que tinha limitações intelectuais, precisava criar argumentos para aliviar seus conflitos — afirmou novamente Katherine.

— Eu também sempre debochei das escolas. Por acaso como eu, ele não gostava de escrever ou ler livros? — perguntou Billy.

— Não gostava de ler nem de escrever, embora tenha escrito dois volumes de um livro que o deixou rico e famoso, *Mein Kampf* — disse o professor. — Por toda a sua vida, deu mais importância à palavra falada do que à escrita. Quando entrou para um regimento de infantaria na Baviera, lá fez

amizade com outro mero recruta, Rudolf Hess, seu grande admirador e companheiro de loucuras. Provavelmente Hess, quando estavam na prisão, foi o datilógrafo de um dos dois volumes de *Mein Kampf*.^[61] Retomando a adolescência de Hitler, vemos que este, sentindo-se sem a proteção de sua mãe, partiu definitivamente para Viena em busca do sonho de ser artista plástico, sonho esse rejeitado pelo pai. Ele se inscreveu tanto na Academia de Artes de Viena como na Academia de Arquitetura, mas, sem qualificação, foi preterido por ambas.^[62]

— Preterido? — indagou Gilbert. — Hitler?

— Sim. A rejeição sempre calou fundo no psiquismo de Hitler; tornava-se uma experiência avassaladora, uma janela traumática inesquecível.

— Janela traumática? Como assim? — perguntou Billy, que era completamente leigo no funcionamento da mente humana, mas que agora despertara.

O professor de história, atuando como mestre em psicologia, comentou com o inspetor de polícia um fenômeno que, segundo acreditava, estava na base da agressividade humana.

— Janelas da memória são áreas de leitura num determinado momento existencial. Interpretamos e sentimos o mundo, e reagimos a ele, através das janelas em que estamos. Nos computadores somos deuses, Billy. Entramos nos arquivos que queremos e quando bem entendemos, sem distorções. Na memória humana, essa

liberdade pode ser saturada de janelas que contêm medo, ciúmes, inveja, paixões, que são verdadeiras armadilhas que asfixiam nossa percepção da realidade. O *Homo sapiens* construiu a matemática, mas seu psiquismo pode ser mais ilógico do que se imagina.

— Incrível, pensei que eu fosse estritamente racional. Talvez, por isso, transformo uma barata num monstro — afirmou Deborah.

— E eu transformo uma prova num foco de tensão. Nem durmo direito — disse Brady, contraindo a face.

— E eu sempre acho que existe um bandido na minha cola — afirmou Billy, esquecendo que estava em público. Mas em seguida tentou se defender: — Muitos policiais ficam paranoicos.

— Hitler nunca teve uma mente livre — continuou o professor. — Era controlado pelos complexos que se desenhavam em sua adolescência, embora na infância tenha sido aparentemente poupado. Se fosse bem-humorado, bem resolvido e sereno, poderia ter absorvido o impacto da rejeição sem grandes traumas. Mas o filho superprotegido, hipersensível e emocionalmente frágil abateu-se muitíssimo. Em Viena, desolado por ter sido preterido, mudou-se para uma pousada suja, de paredes desbotadas e sem isolamento térmico. Não conseguia sobreviver com dignidade, mas não queria retornar à sua casa. Para saciar a fome, arriscou-se fazer anúncios e pintar cartazes para empresas pequenas.^[63]

— Será que não foi nessa época que se desenvolveram as habilidades intuitivas para a propaganda que mais tarde utilizaria? Será que nesse tempo não surgiu o embrião do propagandista de massa? — perguntou Nancy.

— É provável — disse o professor. — Tímido, impulsivo, socialmente retraído, não atraente física e intelectualmente, Hitler tinha uma existência regada a solidão, o que reforçou em seu inconsciente sua necessidade neurótica de estar em evidência social e de controlar pessoas. Mais uma vez há de se assinalar que uma pessoa que se sente marcadamente diminuída pode ter uma sede insaciável de poder se não trabalhar seu complexo de inferioridade. E, pior, quando conquista o poder, pode se tornar, em alguns casos, um verdadeiro carrasco dos seus liderados.

Para ilustrar essa característica da personalidade de Hitler, o professor trouxe à luz uma das suas frases:

— Observem o que o Führer disse para os seus ministros e os líderes das forças armadas: “Nada tinha atrás de mim, nada, nenhum nome ou poder, ou imprensa, nada mesmo, absolutamente nada”.^[64]

O professor adicionou:

— Hitler, e somente ele, tinha de estar no centro das atenções. Ele se dizia mestre de si mesmo, organizador de um partido, criador de uma ideologia, salvador tático, o Führer (condutor, guia, chefe) da Alemanha, e por um decênio foi o epicentro do mundo.

— É incrível, creio que aqui nasceu o ególatra que se pronunciou de maneira deselegante ao presidente Roosevelt antes de deflagrar a Segunda Guerra Mundial — lembrou Brady.

O professor comentou que esse homem megalomaniaco fora um jovem sem consciência crítica, tímido, sem autodeterminação, uma presa fácil do sistema social. Deslocado e sem espaço, arquivou experiências inesquecíveis em Viena. Começou a confeccionar seu asco pela sociedade burguesa e suas normas. E, como a rejeição aos judeus percorria as artérias de muitos ambientes sociais, aos poucos essa rejeição penetrou em seu psiquismo e produziu efeitos desastrosos.

— Como Hitler não se observava nem se mapeava, projetou seu ódio pela sociedade vigente contra um povo que nunca lhe fez mal. O asco aos judeus começou a controlá-lo — afirmou Katherine.

— Nessa época, ele e seu amigo de infância August Kubizek assistiram à ópera *Rienzi*, de Richard Wagner — continuou o professor. — A ópera se passava na Roma medieval. Rienzi, porta-voz do povo, se opõe à aristocracia. Ele quer retroagir um século e resgatar a república da Antiguidade, mas sofre uma conspiração. Sua última batalha é no Capitólio, que desaba, incendiado, à sua volta.

Hitler se comoveu intensamente com o revolucionário Rienzi de Wagner. Em sua ingenuidade intelectual, traçou planos para seu futuro e para a sociedade. Ele via o mundo

não pela realidade deste, mas pelas janelas traumáticas que construíra em seu psiquismo e que expandiam seus conflitos. Ensimesmado e com baixo nível de socialização, seus projetos, ainda que absurdos, se tornaram uma obsessão. Mais tarde, quando liderava o Partido Nazista, disse sobre a ópera de Wagner: “Foi naquela hora que tudo começou”. De fato, ali se desenvolveram três ideias fixas que jamais o abandonaram: a) Linz, a cidade de sua infância, onde ele nunca se destacou; b) a Antiguidade, especialmente na pintura e escultura; detestava a arte moderna; c) Wagner. Wagner, político e artista, tornou-se o ícone de Hitler, o que o levou mais tarde a comentar que não era possível compreender o nazismo sem compreender Wagner. Este rejeitava drasticamente os judeus, hasteava, portanto, a bandeira do antissemitismo e do culto à raça pura, o que deu contornos à visão de Hitler.

Hitler sonhava em escrever óperas. Era a coreografia que o fascinava. Em seu imaginário concebia cenas impactantes, que ultrapassassem as do seu ídolo. E de fato suas coreografias ultrapassaram muitíssimo as de Wagner. Entretanto, nunca foram encenadas no palco de um teatro, e sim no imenso teatro social da Alemanha, quando duas décadas depois se tornaria seu grande Führer. Hitler usou seus dons artísticos para criar a propaganda nazista, desde os uniformes até as bandeiras e os estandartes.^[65] A insígnia foi criada por ele em 1923. A população alemã ficava fascinada com a movimentação das forças armadas nas

festividades, com suas cores vivas, suas bandeiras e centenas de milhares de figurantes em perfeita harmonia.

— Hitler, enfim, era superior a seu ídolo, Richard Wagner. Era “Rienzi”, o ator principal, o libertador do povo, o revolucionário que o conduziria às ilusões do Terceiro Reich. Adolf nunca rompeu nem reciclou seu passado, jamais se tornou um líder maduro e autônomo, mas um líder autômato, que obedecia às ordens dos fantasmas que assombravam sua mente, em especial os da rejeição e da insegurança. O homem que nunca foi dominado por ninguém era um frágil prisioneiro das mazelas que habitavam seu psiquismo — afirmou ainda o professor. — Outro fato relevante que influenciou o jovem Hitler foi quando ele assistiu ao filme *Tunnel*, de Kellermann.^[66]

Continuou o mestre.

— Nesse filme, um agitador social despertou as massas com suas falácias. O frágil e inseguro Hitler ficou dias em estado de êxtase com o poder da palavra falada, um fascínio que moldou seu intelecto e o fez acreditar que poderia ter grande êxito social se a utilizasse, o que acabou fazendo à exaustão. Começou a fazer discursos para pequenas plateias.

— Talvez aqui tenha se iniciado a gestação do grande orador e o manipulador da palavra. O protagonista da grande ópera social — afirmou, com sutileza, Gilbert, com a concordância dos demais membros do grupo.

Desse modo, o seletto grupo de amigos fez um passeio pela infância e adolescência de Hitler, um passeio, sem

dúvida, incompleto e imperfeito, mas impactante. Depois de debater esses temas, o professor, para finalizar, disse que na primavera de 1913, aos 24 anos, Hitler deixou Viena fugindo do alistamento obrigatório. As armas não o atraíam no primeiro momento, sua virulência ainda estava sendo incubada. Foi para Munique, Alemanha. Mas aparentemente era impensável que esse imigrante cultural-intelecto-emocionalmente desqualificado se tornaria o líder máximo da nação. Todos desconheciam os segredos que esse jovem guardava.

— Espere um pouco. Permita-me concluir. O ímpeto pelas artes e, por extensão, pela estética, a predileção pelo marketing, a compulsão pela palavra falada, associados a uma personalidade depressiva, tímida e que tentava se compensar por meio da neurose pelo poder, gestaram um homem que aprendeu a amar espetáculos e, como raros, a dominar as grandes plateias — discorreu Katherine argutamente, que, assim como Júlio Verne, lia quase todas as noites os livros de história à luz da psicologia e sociologia.

— Fascinante arremate — expressaram Deborah e Evelyn.

— É esse o homem que deixou atônita a Europa? Eu, um policial bem informado, não conhecia quase nada dele — afirmou o inspetor Billy novamente com a boca cheia.

— Em Munique ele cristalizou sua obsessão pela problemática judaica — continuou o professor. — Multidões de judeus já eram vítimas de expurgos na Rússia e na Europa

oriental, em especial na Polônia e na Hungria, o que indicava que o antissemitismo já tinha musculatura anos antes do nazismo. Fome, medo, angústia, conflitos sociais faziam parte da história não apenas dos judeus, mas de milhões de europeus nos fervilhantes anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, e continuariam a pulsar ainda mais fortemente até o início da Segunda Guerra Mundial.

Vendo em Munique os problemas sociais inerentes à fuga em massa de judeus de vários países, o jovem Hitler, que também era estrangeiro, em vez de expressar compaixão pelos desprotegidos, começou a fazer coro com os que diziam que eles eram a causa das mazelas da Alemanha. Pouco a pouco, começou a considerá-los protagonistas das desgraças da humanidade.

— Hitler comprou, dilatou e estendeu falsas crenças e soluções mágicas. E qual a diferença entre um remédio e um veneno? — perguntou Júlio Verne.

— A dosagem — afirmou Billy.

— Correto. Existiam falsas crenças contra minorias antes do nazismo, mas a dosagem da propaganda expressa tanto nos discursos de Hitler como nos dois volumes de seu livro, bem como o ministério da Propaganda, capitaneado por Goebbels, empacotaram tais crenças como verdades políticas e sociais absolutas — completou Júlio Verne.

— Nasceu, assim, um dos maiores exclusivistas da história. Um homem incapaz de sentir a dor dos outros — concluiu o futuro jurista Peter, que mais do que qualquer um

do grupo tinha peso para fazer essa conclusão, porque ele mesmo sentia as garras da exclusão por ser paraplégico.

Com tudo o que acabara de dizer e debater, Júlio Verne encerrou aquele dia de estudos de grupo quase sem fôlego. A viagem fora longa, muito longa, e era preciso tempo para digerir os fenômenos que de alguma forma contribuíram para a formação das bases do psiquismo do garoto que um dia destruiria parte da humanidade.

Billy foi o último a se despedir do casal. Antes que ele partisse, o professor sentiu que deveria contar-lhe algo que o estava incomodando e que inicialmente considerara ser um pensamento paranoico sem sentido. Mas diante dos últimos acontecimentos precisava se abrir ao inspetor de polícia. Falou-lhe sobre o carro que ziguezagueava descontrolado e que quase o matara logo após o primeiro grande pesadelo.

— O sujeito estava alcoolizado? — indagou Billy.

— Parece que sim. Ou talvez não soubesse dirigir.

— É difícil um adulto na atualidade não saber dirigir um carro. A não ser que tenha vindo de outro tempo — brincou o inspetor.

— Mas o mais estranho, Billy, é o anel que vi.

— Que anel é esse?

— Um anel de honra da SS. Foi tudo muito rápido, e posso estar enganado, mas parecia ser um anel que alguns membros mais agressivos, graduados e fiéis a Hitler recebiam.

— E por que não me contou isso antes?

— Foi há meses. Não imaginei que pudesse haver alguém em meu encalço.

Em seguida, Katherine tocou no assunto das cartas. Foi até um armário, abriu-o com uma chave e as trouxe. Billy era bem-humorado, bonachão, mas também um policial esperto e respeitado na Scotland Yard. Coçou a cabeça, perturbado, ao tocá-las e lê-las. As datas, os dizeres, o conteúdo, a textura do papel, tudo era muito bizarro. Nunca estivera tão confuso.

— Professor, ou estamos diante do caso psiquiátrico mais complicado da história ou do crime mais enigmático. Mas acalme-se. Acho o senhor uma pessoa de notável inteligência, embora os inteligentes também pirem. Mas esse caso... — E fez uma expressão de espanto. — Tem mais segredos que um museu. Vou ver se consigo identificar o tal motorista.

— Poderia pedir para a perícia criminal analisar as cartas, a tinta, o papel? — solicitou Katherine, apreensiva.

— Sim, claro. Já ia tomar providências. Mas, enquanto isso, se não quiser visitar um cemitério, é melhor que o professor evite sair de casa — disse Billy, irônico e preocupado. Sentiu que a vida dele estava em perigo.

Com essas palavras ele se despediu do casal. Enquanto descia pelo elevador, o inspetor estava pensativo. Não conseguia organizar o quebra-cabeça. Fora o maior solucionador de casos complexos de Londres na última década, mas nunca se sentira tão perdido. Aproximar-se do

professor era um convite a se deparar com mistérios inimagináveis e riscos imprevisíveis. Sherlock Holmes, pensou, se fosse um personagem real, tremeria em seu túbulo diante desses segredos.

CAPÍTULO 11

UM SIMPLES SOLDADO IMPACTANDO A ALEMANHA

Na semana seguinte, Billy apareceu para dar as notícias sobre a investigação do acidente e sobre as cartas. E aproveitou para participar do grupo de estudo que se realizava naquela noite. Antes de se sentar na sala com os alunos, Billy chamou Júlio Verne para uma conversa particular. Estava tenso, sem seu humor característico. O professor, percebendo algo errado, pediu licença para os alunos e solicitou a Billy que conversassem no escritório. Katherine os acompanhou. Foi uma conversa rápida e estressante.

— Em primeiro lugar — disse Billy, lendo um relatório —, o papel das cartas tem uma consistência celulósica que não existe nos dias atuais. Em segundo, a máquina de escrever é de origem alemã e usada nos tempos antigos. Em terceiro, a caneta de quem assina tem uma tinta cuja consistência molecular não é de nosso tempo.

Durante o processo de leitura do intrigante relatório, o casal diluía sua segurança como gelo sob o sol do meio-dia.

— Mas como isso é possível? — indagou Júlio Verne. — Essas cartas com essas características indicam que não fui

eu que as escrevi! Não tenho esse tipo de papel, máquina nem caneta em meu acervo.

— Conspiração! É uma hipótese provável. Talvez o senhor esteja sendo alvo de uma grande conspiração.

— E o motorista? — indagou Katherine ansiosamente.

— O motorista ficou em coma por três dias. Não portava documentos. Suas impressões digitais não o identificaram como nenhum cidadão britânico. Após acordar, ficou muito agitado. Queria de todo modo se levantar e sair do hospital. Precisou ser sedado. Ao todo, ficou uns cinco dias internado até que fugiu. Ninguém sabe do seu paradeiro.

— Mas quem era ele? — perguntou o professor.

— Ele falava um péssimo inglês. Pelo sotaque, parecia de origem alemã, embora não tivesse uma face característica.

— E o anel? — indagou novamente Júlio Verne.

— Por acaso é este?

O anel fora retirado por enfermeiros na unidade de terapia intensiva e guardado. Júlio Verne sentiu um pequeno frio na espinha ao pegá-lo. Analisou-o detalhadamente e confirmou que era o anel de honra da SS. Só não sabia se era falso ou verdadeiro.

— Parece verdadeiro. E, se realmente for, de que museu ele o furtou ou de onde o retirou? — questionou o professor, reforçando a tese de que o motorista provavelmente queria matá-lo.

Mais uma vez, Katherine expressou uma pergunta que estava se tornando um refrão.

— Somos apenas professores. Por que essa perseguição implacável? Qual era o nome do motorista?

— As pessoas que colheram informações disseram que o paciente, enquanto estava sedado e semiconsciente, comentou que se chamava Hey... Heydrich... Rei...

O professor completou o nome que Billy teve dificuldade de pronunciar.

— Reinhard. Reinhard Heydrich...

— Como você sabe?

O professor, perplexo, não respondeu, estava ofegante, mal conseguia respirar. Pediu que fossem para a sala e lá lhes explicaria. Depois de um momento para reorganizar seus pensamentos, comentou, abalado, para seu pequeno grupo de alunos.

— Reinhard Heydrich foi o arquétipo do Partido Nazista: frio, cruel, intolerante, radical, orgulhoso, mas astuto, profundamente astuto em atingir suas metas. Pela função que ocupava na SS, sabe-se que tinha arquivos de todos os nazistas nas mãos, inclusive de Hitler.^[67]

— Que fera! Um nazista, com medo de cair em desgraça, tinha informações privilegiadas das autoridades? Não é muito diferente dos corruptos que amam o poder nos dias atuais — concluiu o inspetor.

Enquanto Billy fazia suas considerações, o professor rapidamente pegou uma das cartas e aumentou sua tensão. Estava assinada por “Reinhard”. Katherine também observou esse detalhe, assombrada.

— Será que o sujeito que o ameaçou pela carta é o mesmo que quase o acidentou nas ruas? — perguntou ela a seu marido. — Como pode alguém, nos dias atuais, querer se passar por esse desalmado?

— Não sei! Estou confuso. Só sei que o Reinhard Heydrich daquele tempo era de uma desumanidade tal que havia um plano em Londres para assassiná-lo.

O professor comentou que líderes tchecos no exílio, morando em Londres, decidiram assassinar Heydrich por suas políticas inumanas na antiga República Tcheca. Provavelmente o governo britânico os tivesse treinado para este fim. Heydrich se tornara dirigente do país quando a Alemanha o invadira.

— Com sua política de compensação, ele aumentou a produção. Usou um cartão de ração adicional com uma mensagem inequívoca: “Colabore e prospere, resista e pereça!” Ganhou notoriedade no rol dos nazistas. Era um homem de habilidades excepcionais, inclusive para esmagar os direitos humanos. Mas como Hitler, seu ídolo, era igualmente paradoxal. Imaginem, herdou talentos musicais de seu pai e podia tocar violino em concertos.^[68] Mais uma vez o paradoxo nazista entre a música e a sinfonia da morte em massa se cristalizou.

Disse ainda que Heydrich era emocionalmente desequilibrado, imprevisível e com baixíssima tolerância aos que pensam diferente. Desde o início, sua história foi incomum. Depois de ser expulso da marinha, foi convertido

ao nazismo em 1931 e apresentado a Himmler. Este, após um teste em que lhe pediu para desenhar um esboço do serviço de segurança, impressionado, o contratou na hora. Heydrich passou então a chefiar o poderoso serviço de segurança e inteligência da SS.^[69] Logo, uma rede de espiões da SS surgia em toda a Alemanha sob suas ordens, o que lhe dava notável poder.

— Heydrich era um antissemita radical — relatou o professor e acrescentou algo que Katherine desconhecia completamente: — Mas tinha medo de que sua aparência nórdica, com nariz proeminente e fâcies triangular, que fugia dos traços arianos, o denunciasses como de ascendência judaica. Esforçava-se desesperadamente por apagar essas suspeitas. Seu pai era Suss, nome que poderia dar uma conotação judia, bem como o nome de sua mãe, Sarah. Investigações posteriores tenderam a indicar que Heydrich não tinha origem judaica, mas ele era tão avesso a essa possibilidade que chegou a apagar o nome Sarah da lápide de sua mãe. Himmler, o todo-poderoso da SS, provavelmente usava perversamente o medo de Heydrich de ser considerado judeu para controlar seus talentos.^[70]

— Que crápula! Desonrou a própria mãe — afirmou o inspetor de polícia.

— Heydrich não foi um crápula qualquer. Tem uma dívida impagável com a humanidade. Com suas mãos, a pedido do homem que recebeu a condecoração máxima da hierarquia militar alemã, Göring, redigiu uma minuta

abrangente para chegar “à solução final do problema judaico”. Esse protocolo foi sancionado na Conferência de Wannsee, em Berlim, presidida pelo próprio Heydrich, em janeiro de 1942, e levou ao assassinato sistemático dos judeus nos campos do Leste Europeu nos anos de 1942-1944.
[71]

— Meu Deus, numa simples conferência, militares sentados em confortáveis poltronas consideraram homens, mulheres, crianças, idosos, indignos da condição de seres humanos — expressou Katherine.

— Sob os aplausos da plateia, Heydrich, como um animal raivoso, bradava: “Nada de Madagascar! Fim aos judeus até o último dos seus descendentes! Vamos varrê-los da Europa e quem sabe do planeta!”.

— Madagascar? — indagou Lucas.

— Madagascar é a ilha tropical para onde a política racial nazista inicialmente pensou em levar todos os judeus da Europa para ficarem debaixo do jugo dos alemães. Mas o ódio de Heydrich e daqueles militares chegou às raias do impensável, não admitia que eles respirassem no teatro do tempo!

— E qual a justificativa? — comentou Billy, assombrado.

— Porque alguns judeus eram ricos? Porque alguns eram agiotas? Porque tinham habilidades para o comércio? Ter dinheiro não era nem é um defeito, ao contrário, uma oportunidade para promover o desenvolvimento, embora a maioria dos judeus da época lutasse para sobreviver. Porque tinham a sua religião, cultura e seus costumes? E qual o

pecado disso? Porque eram de raça diferente dos arianos? Na realidade não existem raças como Hitler e a pseudociência nazista pensavam, mas uma só espécie. Porque tinham relação com o socialismo e com a arte moderna? Não, não havia nenhuma justificativa para o extermínio em massa! — argumentou o professor como um colecionador de lágrimas.

— A espécie humana cortou a sua própria carne, eliminou um pedaço de si mesma sem compaixão alguma, nem sequer anestesia — disse Katherine, pegando na mão direita de seu marido.

— Será que não percebiam minimamente os gemidos dessas pessoas, pelo menos das crianças? Não consigo entender até onde vai a loucura humana! Se não há justificativas externas, professor, por que a mente humana é capaz dessa monstruosidade? — perguntou Peter.

Todos esperavam uma resposta. O professor havia pensado nesse assunto crucial durante anos a fio. Não poucas noites perdera o sono. Respirou prolongadamente. Sabia que a verdade era um fim inatingível, mas não se esquivou de dar uma resposta bombástica, embora somente uma minoria dos alunos a entendesse em suas dimensões mais profundas.

— Lembre-se do que já lhes disse: o pensamento, que é o instrumento básico do *Homo sapiens* para dialogar, ouvir, escrever, debater, conhecer, é de natureza virtual. Portanto, jamais incorpora a realidade do objeto pensado. Por exemplo, tudo que pensamos sobre os outros, por mais

critérios que seja, não incorpora a realidade deles, mas é um sistema virtual que tenta defini-los, caracterizá-los, conceituá-los. Nem mesmo o que pensamos sobre nós mesmos substancializa a realidade das nossas emoções, dos nossos conflitos, da nossa complexidade.

— Isso é incrível! Então, estamos sempre sós! — exclamou Brady, espantado.

— Sim, profundamente sós. Existe a solidão de ser socialmente abandonado, a de ser abandonado por nós mesmos e a solidão imposta pelo pensamento virtual, que é à qual me refiro e que o senso comum não percebe. Estamos próximos e infinitamente distantes de tudo. Essa solidão gera uma ansiedade vital que movimenta os fenômenos psíquicos para produzir diariamente uma imensa quantidade de pensamentos e imaginação para nos aproximarmos da realidade jamais alcançada. Portanto, pensar não é uma opção do *Homo sapiens*, mas um fenômeno inevitável.^[72] Você pode alterar a velocidade e a qualidade dos pensamentos, mas jamais deixa de pensar, mesmo no sono.

— Fiquei perturbado com essa ideia — afirmou Gilbert.
— Mas como podemos provar que o pensamento é virtual?

— A matéria-prima do pensamento raramente foi estudada pelos ilustres pensadores como Freud, Jung, Skinner, Piaget. Se o pensamento não fosse virtual, não poderíamos pensar no futuro, pois ele é inexistente, nem resgatar o passado, pois é irretornável. Na esfera da virtualidade, o *Homo sapiens* conquistou uma plasticidade

construtiva sem precedentes. Até um psicótico é um engenheiro brilhante de imagens mentais, ainda que aterradoras.

— Mas então o fenômeno da virtualidade libertou a mente humana — afirmou Deborah.

— Sem dúvida, sem ele não seríamos quem somos, não teríamos um riquíssimo imaginário.

— Mas onde entra o nazismo nisso? — perguntou Katherine, que, embora fosse psicóloga, precisava se esforçar para acompanhar o raciocínio de Júlio Verne.

— Eis a questão. O mesmo fenômeno que nos libertou também pode nos aprisionar, e muito. Se não temos a realidade do objeto pensado, podemos diminuí-lo ou aumentá-lo — argumentou o professor.

— Entendo. Veja o caso das pessoas tímidas. Como o “pensar” delas não incorpora a sua própria realidade concreta, ainda que muitas sejam notáveis, elas têm tendência a se diminuir e, ao mesmo tempo, valorizar excessivamente o juízo dos outros.

— Espere um pouco — disse Deborah, lembrando-se de um tio cientista. — Por isso é que uma pessoa, ainda que seja um físico brilhante, se tem fobia de ratos, vai transformá-los em dinossauros. O pensamento virtual pode expandir muitíssimo o objeto pensado.

Depois disso, num *insight* que iluminou sua mente, Peter chegou ele mesmo à conclusão da sua pergunta: até que

ponto, mesmo sem grandes justificativas, a mente humana é capaz de monstruosidades?

— E se não temos a realidade dos outros, podemos diminuí-los cruelmente. Os nazistas contraíram na esfera da virtualidade o valor e a dimensão intelectual dos judeus, bem como dos ciganos, homossexuais, russos. — E lembrando-se de que Hitler considerava os judeus como bactérias, arrematou: — Era um ódio psicótico, irracional, insano.

— A mente humana tem facilidade em produzir inimigos que não existem. Outros holocaustos, ainda que em menor escala, podem voltar a ocorrer? — questionou Billy, inquieto.

— Eles já ocorreram, inspetor, e há grandes chances de voltarem a ocorrer. Vocês, policiais, protegem os cidadãos contra criminosos concretos, mas não protegem a mente humana de fabricar seus inimigos. Sem conhecer as armadilhas dos preconceitos e reciclar a influência do estado emocional e social, nem a filtrar as ideologias radicais, podem-se cometer atrocidades contra muçulmanos, judeus, homossexuais, negros, imigrantes, mendigos.

Para Júlio Verne, os nazistas eram intelectualmente superficiais. Não compreenderam a natureza dos pensamentos nem mesmo os fenômenos que estão nos bastidores da mente, que constroem em milésimos de segundos as cadeias de ideias e que, conseqüentemente, gritam que somos essencialmente iguais. Os homens que determinaram a solução final do problema judaico não apenas viveram no cárcere da virtualidade como também

fecharam o circuito da memória. Mais uma vez o professor comentou que a violência não é produzida apenas pelos vilões, mas também pelos que se calam sobre ela por medo, conveniência ou indiferença.

— Os que não concordaram completamente com as teses de Heydrich, Göring, Rosenberg e Himmler, na fatídica Conferência de Wannsee, em Berlim, fizeram do silêncio seu mais gritante erro. O radicalismo intelectual, o fundamentalismo político, o tendencialismo científico produziram uma massa de psicopatas funcionais, mentes adestradas. Um deles que bradasse contra a solução final poderia mudar pelo menos um pouco o curso da história, ainda que sua cabeça fosse colocada a prêmio. O silêncio dos omissos é combustível para a vilania dos canalhas — completou Júlio Verne.

Por alguns instantes, ninguém ousou falar, pois quase todos os presentes já haviam usado de alguma forma o silêncio para se esconder. Em maio de 1942, quatro meses depois da funesta conferência da solução final, Heydrich desfilava orgulhosamente em carro conversível em Praga, no famoso Boulevard Kirchmayer. O grupo de tchecos treinados na Inglaterra o aguardava ansiosamente. O coração parecia que sairia pela boca. Era o momento de eliminar Heydrich. Seu carro foi metralhado, mas, por incrível que pareça, a arma do assassino, uma Sten, parou de funcionar. Heydrich, ferido, tentou persegui-lo, mas o estilhaço de uma granada jogada por outro assassino se impregnou em seu corpo.

Morreu dolorosamente de septicemia, infecção generalizada, que paralisou seus rins e produziu uma coagulação disseminada. Muitos dentro e fora do Partido Nazista ficaram aliviados com sua morte.^[73]

Depois de ouvir esse breve relato histórico, Billy, resgatando seu lado irônico e impulsivo, falou:

— Bom, o Heydrich do passado foi assassinado, e você, professor, está vivo, pelo menos por enquanto. Lá fora há outro Heydrich e talvez uma corja de paranoicos que querem tirar sua pele. — Após falar isso, se deu conta de que estava em grupo. E tentou consertar as coisas. — Brincadeira. O professor ainda vai viver uns bons anos.

Era difícil se recompor depois do comentário de Billy. Mas, mais uma vez, ensinar o fazia respirar. Sob ameaça, suas aulas adquiriam mais *status* emocional e mais densidade histórica. Após falar sobre Heydrich, o professor retomou a discussão anterior sobre a adolescência de Hitler e relembrou sinteticamente as dificuldades que ele atravessara em Viena. Depois, começou a falar sobre sua mudança para Munique, Alemanha, fugindo do alistamento militar.

Em 28 de junho de 1914, ocorrera um grave acidente. O herdeiro da Áustria, arquiduque Francisco Ferdinando, fora assassinado, gerando um tumulto internacional que desencadearia a Primeira Guerra Mundial. O solitário Hitler, o frustrado “artista”, o frágil líder e débil propagandista, que fugira do alistamento na Áustria, num ato de “bravura”, se alistou na Alemanha.^[74]

Enquanto o professor discorria sobre a história, Billy, que tinha certo apreço pelo poder, perguntou, curioso:

— Certamente Hitler deve ter tido um papel de destaque na Primeira Guerra Mundial, um oficial de alta patente.

— Errado, Billy. Hitler teve um papel pequeno, sem notoriedade nem relevância. Na Baviera foi-lhe conferido o papel de encarregado de levar mensagens (*Meldegänger*) do *front* da guerra para o quartel e vice-versa.

— Espere um pouco! Você está me dizendo que o homem que anos mais tarde dominaria os grandes generais, almirantes e marechais da poderosa Alemanha era um simples soldado que corria desesperadamente longas distâncias para levar mensagens? Isso é uma brincadeira? — indagou Billy, perplexo, pois, como inspetor de polícia, sabia o valor da hierarquia.

— Professor. Não é possível que um soldado raso dominasse gigantes das forças armadas — comentou Gilbert.

— Quanto tempo levou esse processo? — indagou Deborah.

— Façam vocês mesmos as contas. A Primeira Guerra terminou em 1918, e Hitler se tornou chanceler em 1933.

— Incrível! Em meros quinze anos — falou Peter.

— Realmente inacreditável. Um estrangeiro inculto e politicamente despreparado dominou em pouco tempo todo um país não com o poder das armas, embora o usasse. Mas com outro tipo de poder, o mais penetrante.

— O poder da palavra — afirmou Gilbert.

— O poder das armas domina o corpo, o das palavras domina a mente. A palavra teatralizada de Richard Wagner começava a influenciá-lo. Durante a Primeira Guerra, Hitler chegava tímida e ofegantemente aos seus líderes, revelava-lhes o que acontecia no *front* da batalha e recebia ordens, correndo para transmiti-las. Não era um intelectual, nem um estrategista. Não tinha nenhuma voz de comando, não chamava a atenção por sua perspicácia ou brilhantes ideias. Entretanto, o simples soldado que mais tarde se tornou cabo teve contato estreito com os que decidiam o destino dos outros. O poder, em destaque o poder das palavras, mais uma vez o fascinava.

— E quais foram os méritos de Hitler na Primeira Guerra? — indagou Elizabeth.

— Ele trabalhou como qualquer soldado. Feriu-se duas vezes e duas vezes recebeu a distinção da Cruz de Ferro por bravura, o que o fascinou. Mas nenhum mérito mais relevante do que as centenas de milhares de jovens alemães que morreram ou se feriram. Entretanto, o conflito penetrou nas entranhas de sua mente, debelou sua frágil capacidade de tolerância e fomentou seu comportamento agressivo, radical e exclusivista.

— Derrotado na Primeira Guerra Mundial, os ataques de fúria e ódio ganharam musculatura no psiquismo do tímido Hitler — ponderou Katherine.

— Exatamente! O estresse social e da guerra avolumaram seus conflitos psíquicos.

— E quando o simples soldado começou sua carreira política? — perguntou Gilbert.

O professor comentou que a Alemanha, derrotada e fragilizada, assinara o Tratado de Versalhes com os vencedores e, entre outras coisas, concordara em pagar indenizações, um peso insuportável para uma economia em crise.

— Nunca pise na cabeça de um derrotado; um dia ele se recupera e se torna uma serpente para envenená-lo. A dor da humilhação é mais penetrante que a física: esta se alivia com o tempo, aquela se torna inesquecível. O Tratado de Versalhes foi o maior erro dos vencedores da Primeira Guerra Mundial, fomentando o ódio alemão e criando espaço social para o desenvolvimento de partidos radicais, um erro corrigido quando os aliados venceram a Segunda Guerra Mundial.

— Li recentemente — disse Peter, que era o mais estudioso dos seus pares — que o governo alemão do pós-primeira-guerra, chamado de República de Weimar, era impopular. Hitler, embora sem cultura, ensaiava lançar um movimento para aniquilar o poder da social-democracia, bem como estilhar a influência dos judeus no país.

— Lembre-se do que já estudamos. O caos político e social, o desemprego em massa, a inflação galopante, a humilhação e o jugo imposto pelo Tratado de Versalhes

construíram um grande útero social para nutrir o embrião das teses nacionalistas e exclusivistas — afirmou o professor.

A ansiedade por mudanças ecoava no povo alemão e nutria as ambições do jovem Hitler de liderar massas descontentes. Ele afastou-se dos combalidos partidos políticos tradicionais, até porque é provável que raramente seria aceito, e usou o Partido Operário Alemão como seu veículo político. Com poucos filiados e baixa qualificação cultural, o ambiente ideal para um débil mas agressivo líder iniciar sua carreira.^[75]

— Quem fundou esse partido? Foi Hitler? E como o desenvolveu? — indagou Billy, que nunca fora interessado em ciências políticas e pela primeira vez mostrava sede de conhecimento nesse complexo campo.

— Não, Billy, não foi Hitler que o fundou. Foi um ferreiro chamado Anton Drexler em 7 de março de 1918, portanto antes do fim da Primeira Guerra. Drexler reuniu os amigos em Munique para fundar o Comitê Operário Livre para uma Boa Paz. No começo não era um partido político, mas um movimento de amigos, amantes de cerveja, que se reuniam nas tavernas enquanto seus compatriotas, inclusive Hitler, ainda estavam no *front*. Eles queriam fazer algo em prol da grandeza da Alemanha, por isso fundaram um partido nacionalista.^[76]

— Mas o movimento nasceu com bases saudáveis? — perguntou, curioso, Brady.

— Todo movimento ou partido nacionalista, Brady, por mais bem-intencionado que seja, torna-se exclusivista, não pensa como humanidade, mas como grupo social. Em nome da defesa nacional, exclui, expurga e até elimina minorias. Embora Anton Drexler parecesse uma pessoa honesta, seu partido já nasceu doentivamente ambicioso. Seus membros estabeleceram um programa de conquista: queriam anexar a Sérvia, a Romênia, a Polônia, parte da Bélgica, a Ucrânia, os países bálticos e a Albânia.^[77] Esse era o programa irônico da “Boa Paz”. Porém, com a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, essa ambição se esfacelou. Com a fragmentação política produzida pela derrota, Drexler fundou o Partido dos Trabalhadores Alemães.

— Políticos tradicionais, filósofos, advogados, líderes sindicais faziam parte da sua formação inicial? — perguntou Lucas, imaginando que, para dominar a Alemanha em menos de 15 anos, grandes formadores de opinião deviam fazer parte do nascedouro desse partido.

— Não. Drexler não conseguiu reunir mais do que quarenta membros, dentre os quais mecânicos, negociadores de cavalos, ferreiros, artesãos, bêbados — afirmou o mestre.

E continuou:

— Entre os objetivos do partido, estava refundar a Grande Alemanha, reunir todos os compatriotas e combater toda a concorrência judaica no comércio e na indústria. Eles elegeram o alvo errado; não atacavam os reais problemas de uma Alemanha combalida econômica e politicamente. O

radicalismo frequentemente pega carona no populismo se inicia num ambiente de baixo nível de conhecimento.

— E como Hitler, um simples cabo e ainda por cima imigrante, entrou para o partido e o dominou? — indagou Peter.

— Deixe-me responder a essa pergunta, mestre — indagou Billy, bem-humorado. — Hitler usou o gatilho dos gatilhos: a palavra. As palavras frequentemente precedem os homicídios. A palavra dispara a ofensa, mas também o fascínio, acaricia a emoção e domina a alma — comentou o inspetor de polícia.

A turma o aplaudiu. Pela primeira vez Billy sentiu-se inteligente em meio a pessoas cujo poder estava não nas armas, mas nas ideias. Após sua fala, o professor propôs uma pausa de dez minutos antes de tocar num assunto saturado de enigmas, um dos seus temas prediletos: as armadilhas que Hitler usou para ascender ao poder. Nenhum dos alunos queria interromper o grupo de estudo, mas ele estava fatigado. Transmitir conhecimento, ainda que resgatasse seu prazer, furtava-lhe energia cerebral. E, somado às notícias que Billy lhe trouxera sobre seus inimigos, o estresse era dantesco.

O professor foi tomar água. A água que lhe refrescava o corpo era insuficiente para refrigerar sua mente, assaltada por ardentes preocupações.

CAPÍTULO 12

O NASCIMENTO E O DESENVOLVIMENTO DO FÜHRER

Em 1919, Hitler estava sem emprego e passando necessidades. Fazia discursos em ambientes nacionalistas para ganhar a vida, o que era uma tarefa difícil. Foi nesse tempo que ele se encontrou com o capitão Ernst Röhm, o homem que se tornaria seu amigo e um dos seus patrocinadores e admiradores. Röhm só não imaginava que, anos mais tarde, quando Hitler ascendesse ao poder, pagaria um preço caríssimo. Após a Primeira Guerra Mundial, depois da dissolução do exército alemão, os oficiais tentavam entrar em contato com o que se chamava de quarto estado, os artesãos, pequenos burgueses. Nesse ambiente, procuravam encontrar meios para formar organizações paramilitares. Objetivavam, entre outras teses, expandir e fortalecer o exército alemão, que, de acordo com o Tratado de Versalhes, não podia ter mais de 100 mil membros regulares.^[78]

Eram tempos difíceis. O capitão Ernst Röhm incentivava Hitler a estimular o sentimento nacionalista entre os homens comuns. Ao saber do novo partido, pediu para Hitler observar suas bases, suas teses, seu movimento, sua

influência social. Essa missão mudaria a história de Hitler. Lá encontrou, reunidos numa taverna, os homens que iriam desempenhar um papel fundamental na primeira fase do nacional-socialismo. Röhm se agradou do novo partido, mas sua envergadura era demasiado pequena para um oficial. Hitler, um simples cabo, começou a frequentar e dominar suas reuniões.

— Não entendo! Como um simples policial tornou-se um dos políticos mais poderosos do planeta? — disse intrigado Peter.

— Em 1919, Hitler filiou-se ao Partido dos Trabalhadores Alemães. Tinha em torno de trinta anos. Sentindo-se útil, logo começou sua jornada para divulgar suas teses. Primeiro, pelas cervejarias, muitas delas nos porões; depois, pelos salões e auditórios.

— O orador agressivo e vibrante deve ter ganhado notoriedade ao tocar a alma dos abatidos pela derrota na guerra e pelo desemprego — ponderou Evelyn.

— Sem dúvida. E por frequentar muitas cidades e lugares onde estava a massa descontente e desesperançada, o imigrante, que estava havia somente seis anos na Alemanha, conheceu as mazelas e os anseios do povo alemão como jamais os políticos alemães, lotados em belos gabinetes, haviam conhecido — afirmou o mestre.

— Foi uma grande estratégia política — declarou Gilbert.

— Não há como não lhe dar esse crédito. Quando assumiu o poder como chanceler (cargo equivalente ao de primeiro-

ministro), em 1933, raras eram as cidades da Alemanha em que ele não havia colocado seus pés e não tinha feito contundentes discursos.

Logo que Hitler penetrou no solo da política, as soluções mágicas, ainda que superficiais, e seus discursos teatrais chamaram a atenção do seu pequeno e radical partido. Em pouco tempo, tornara-se uma estrela entre seus membros. Em julho de 1921, assume finalmente o comando do minúsculo Partido dos Trabalhadores Alemães. Nunca fora chefe de nada, nem de uma cervejaria, e sequer tinha profissão definida, mas agora o ambicioso Hitler tinha um pequeníníssimo partido nas mãos. Passou a ter controle absoluto da sua agremiação. Seus gestos e suas ideias começaram a contagiar a região da Baviera.

— Frequentes pancadarias entre nacionalistas e marxistas eram travadas nas reuniões abertas. Estava formado o Partido Nazista aguerrido, radical e exclusivista. Entre suas metas, a união de todos os alemães numa Grande Alemanha, a anulação do Tratado de Versalhes, a exclusão dos judeus dos cargos públicos e a eliminação da ameaça bolchevique — completou o professor.

— Amante da propaganda, Hitler e alguns amigos afixavam cartazes vermelhos, com a estampa da suástica, em diversos pontos da cidade, em que não apenas falava dos locais das reuniões, mas colocava o resumo dos seus discursos. Criara assim, com as parcas tecnologias de seu tempo, a sua rede social — comentou Katherine.

— É provável que com Hitler a política e a propaganda tenham começado um casamento inseparável, que dura até os dias atuais — disse Lucas.

— Exato, ao assumir em 1921 o controle do partido — continuou Júlio Verne —, começou a deixar à margem os homens que o fundaram, em especial o idealista Anton Drexler, que em 1919 já havia criado a política de repúdio aos estrangeiros, em destaque os judeus. Hitler, querendo imprimir sua marca, mudou o nome do partido para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP, abreviadamente, Partido Nazista).

Ele detestava os marxistas, mas colocou a palavra “socialismo” no nome do ainda incipiente partido, uma estratégia de marketing. Seu notável complexo de inferioridade o levou a sonhar em colocar seu nome na história. Não aceitava o lugar-comum. Fisgar homens, ter grandes plateias, estar envolto por uma corja de bajuladores, excitava o psiquismo do homem que há poucos anos era um jovem rejeitado e sem grandes qualificações culturais e intelectuais.

Em 1924, o partido tinha um número pequeno, mas não desprezível de membros: 10 mil. Em 1926, havia atingido mais que o dobro. Em 1929, quando Himmler se tornou o líder pleno da SS, havia passado de 100 mil. Nessa época, o partido ganhou 12 cadeiras na Câmara dos Deputados.^[79]

O professor fez uma pequena pausa.

— Os acontecimentos políticos tornam-se galopantes — disse Júlio Verne. — Inspirado na bem-sucedida “Marcha sobre Roma”, de 1922, que assinala a chegada de Mussolini ao poder, Hitler, então com 34 anos, após analisar a inflação galopante, chegou à óbvia conclusão, no outono de 1923, de que a economia da Alemanha entraria em colapso.^[80] Era necessário fazer uma revolução, a começar por Munique.

Alguns personagens que marcariam a história da Segunda Guerra Mundial participaram desse famoso levante conhecido como Putsch da Cervejaria de Munique. Hitler reuniu amigos como Hermann Göring e Ernst Röhm, e eles pensaram que, com o uso da força da ainda frágil SA, poderiam tomar o governo regional da Baviera. Como um louco, na quinta-feira, 8 de novembro, um fanático Hitler instigava os homens da SA, bem como bêbados, desempregados e outros radicais, a tomar o poder.^[81]

E continuou:

— “Uma revolução nacional começou a partir de Munique. Neste momento, nossas tropas ocupam toda a cidade” — comentou o professor, imitando a voz de Hitler. — Claro, Hitler, sempre eufórico, megalomaniaco, exagerava.

— É interessante. Cinco anos antes, Hitler era um humilde e tímido cabo, agora era um agitador das massas na cidade mais importante da Baviera. Como os tempos mudam! — comentou Katherine.

— E o plano foi bem-sucedido? — perguntou Lucas.

— Não, o plano foi malsucedido. Hitler, Göring e Röhm eram amadores, em primeiro lugar porque não conseguiram controlar os meios de comunicação. Quando Hitler se tornou chanceler, passou a controlá-los, e desse modo estilhaçou a democracia alemã. Em segundo lugar, confiou em alguns parceiros que não se juntaram a eles no dia do golpe. Anos mais tarde, o Führer se tornaria um perito em eliminar aqueles em quem não confiava. O terceiro erro foi acreditar que venceriam a batalha com muita facilidade. Tanto assim que Himmler, porta-bandeira do partido, havia posado estúpida e ingenuamente para a imprensa como um vencedor.

No dia seguinte, os revoltosos tiveram que enfrentar uma real batalha campal com a polícia estatal e o exército. Três policiais e catorze nazistas foram mortos. Göring ficou ferido e Hitler deslocou um ombro após tropeçar. Quase todos os expoentes do partido fugiram. Hitler foi preso e acusado de alta traição. Em 26 de fevereiro de 1924, sofreu julgamento no tribunal da Escola de Infantaria em Munique.
[82]

— Não entendo. Esse julgamento não seria o fim de Hitler? — perguntou Lucas, que estava finalizando o curso de direito e desejava se tornar criminalista.

— Em tese, era para Hitler ser sepultado com esse malogrado golpe. Mas ele mostrou uma notável habilidade em manipular fatos a seu favor para transformar o caos em oportunidade criativa. Num golpe de propaganda, Hitler

assumiu total responsabilidade pela liderança das tropas de assalto, as SA, no malogrado golpe.

— Mas como um imigrante assumiu a responsabilidade pelos alemães? — assinalou Peter.

— Sim! Hitler usou o evento para se tornar o que jamais fora, o “alemão dos alemães”, para mostrar um patriotismo que seus pares não tiveram. Foi um golpe no inconsciente coletivo do partido e da nação. Ao mesmo tempo que “protegeu” Göring, Himmler, Röhm, ele os subjugou com sua intrepidez. Como toda a imprensa nacional noticiava o caso nas primeiras páginas, a fragmentada Alemanha encontrou um “herói”, um homem que, embora forasteiro, parecia ser um grande defensor da pátria. Observem o que o outrora frágil adolescente e tímido soldado falou agora, como líder de um partido pequeno, para a poderosa corte que o julgava:

Não são os senhores que nos julgam. O julgamento cabe ao eterno tribunal da história... Esta corte não nos perguntará: “Os senhores são culpados ou não de alta traição?”. Esta corte nos julgará... como alemães que unicamente desejavam o bem de seu povo e de sua pátria; que desejavam lutar e morrer... Se assim for, os senhores podem pronunciar mil vezes a nossa culpa...[83]

— É surpreendente a capacidade dele de manipular as pessoas. Um imigrante que estava havia cerca de dez anos na Alemanha se colocou como o mais devotado dos alemães — comentou Katherine.

— Os juízes, fascinados com Hitler e seu patriotismo, se compadeceram dele e dos revoltosos. Desaprovavam suas ações, mas exaltaram suas intenções. Desconheciam as teses que ele defendia, não prestaram atenção no monstro em gestação.

Hitler era um líder fracassado, é verdade, mas, agora, era um líder nacionalmente famoso e não mais um militar que vivia anonimamente. Numa única peça de marketing, ganhou simpatizantes em toda a Alemanha. Com atitudes como essa, que ultrapassam o terreno da política e entram no território da emoção, cativou pouco a pouco a alma da sociedade que, à exceção de uma pequena minoria, depositou nele seu futuro e confiança. Fiéis foram no seu sucesso e fiéis permaneceram na sua flagrante derrota.

Na ocasião, Hitler foi sentenciado a cinco anos de prisão, mas cumpriu apenas nove meses. Uma pena pequena para um delito tão grave. E na prisão tinha mordomias, podia receber amigos, ler jornais e escrever. Além disso, aproveitava para criticar o governo, incapaz de produzir segurança social, controlar a inflação e resolver as pendências humilhantes do tratado que os vencedores da Primeira Guerra Mundial haviam imposto.

Em nove meses, a sede insaciável pelo poder ganhou musculatura. Ele escreveu no cárcere o primeiro volume de seu livro *Mein Kampf*, no qual expõe suas teses: ódio aos judeus, superioridade da raça ariana, representada pelos

alemães, e a predestinação dele como Führer dos alemães para impor o germanismo sobre o resto do mundo.^[84]

Fez uma pequena pausa. Analisou e completou:

— Hitler era o “herói” falastrão de um partido diminuto, mas que tinha a meta de salvar a Alemanha e redimir o mundo. O tempo passou, e a Alemanha continuava frágil economicamente e mais frágil ainda socialmente. Mas o progresso de Hitler foi consistente. Os direitos autorais de *Mein Kampf* fizeram de Hitler um homem rico^[85] — abordou o professor.

— Li que Martin Bormann, o homem a quem Hitler confiou suas finanças, também imaginou outras fontes de renda para seu ídolo. Entre as quais, a destinação de parte do seguro compulsório contra acidentes para os membros do Partido Nazista, que gerava lucros consideráveis^[86] — discorreu Katherine.

— É verdade — disse o professor. — Além disso, foi criado em 1930 o Fundo de Doação Adolf Hitler da indústria alemã. Líderes empresariais, inclusive, na época, judeus, foram aconselhados a demonstrar seu apreço com contribuições “voluntárias” ao Führer. À medida que Hitler ganhava impulso, saía das cercanias da província e defendia ferozmente suas teses nos mais diversos espaços da Alemanha. O ódio mordaz contra os judeus ganhava corpo.^[87]

— Os judeus viviam em grande número na Alemanha? Eram milhões, como o são os islamitas que hoje residem na França e na Inglaterra? — perguntou Billy.

— Não. Eram uma pequena minoria. Representavam pouco mais de 0,5% da população alemã. Não era uma ameaça ao Estado, inclusive numérica. E, mesmo assim, muitos dos 500 mil judeus começaram a migrar em massa dessa explosiva Alemanha. Metade ficou, mas estes jamais imaginariam o fim que teriam. Essa ingenuidade explica por que os judeus não tentaram assassinar Hitler. Não era só o temor das já existentes SS e da SA que os bloqueava, mas seu pacifismo naqueles áridos tempos.

Hitler, que nascera na Áustria, sob o antigo Império Austro-Húngaro, renunciou à cidadania austríaca em 1925. Ficou sete anos um cidadão sem pátria, até que em 1932, com a intenção de se tornar candidato à Presidência da República, resolveu se tornar um cidadão alemão.^[88]

De repente, após o professor dar essa explicação, um barulho ensurdecador arrebentou a porta do seu apartamento. Todos entraram em pânico, muitos alunos caíram no chão. Gritos, medo, tensão, ninguém se entendia. Katherine, sensível aos últimos acontecimentos, com partículas de pó, entrou em desespero. Alguns pensaram que o prédio estava desabando; outros, como Júlio Verne e Billy, pensaram que estavam sofrendo um ataque terrorista. O inspetor sacou sua arma e se preparou para enfrentar inimigos armados.

Um silêncio mordaz tomou conta do ambiente, mas ninguém entrou atirando nos sessenta segundos seguintes. Billy pediu que todos recuassem para os quartos. A polícia

foi acionada por vizinhos, a ambulância já estava a caminho. Quando a poeira abaixou, Billy e Júlio Verne foram lentamente até a porta de entrada ou ao que sobrara dela. Observaram o corredor, que estava completamente vazio. Havia dois apartamentos por andar, e os vizinhos do professor estavam de férias. Este, completamente assustado, olhou para baixo e viu um envelope empoeirado. Seus lábios tremeram. Fez um gesto para pegá-lo. Mas o inspetor o impediu. Ficou com medo de que contivesse uma bomba, mas era tão fino que parecia só ter uma folha em seu conteúdo; não tinha o formato de uma possível bomba. Billy lentamente se abaixou e o pegou, e, depois de examiná-lo, entregou-o para o professor, que visivelmente tenso o abriu e leu.

Júlio Verne, descobrimos sua trama. Sua caça a Hitler falhará. Suas próprias palavras, abaixo, dirigidas à senhora Katherine, assinaram sua sentença de morte:

Querida Katherine,

Não é possível levar Hitler à racionalidade. Ele foi, como você sabe, uma criança superprotegida pela mãe, um pré-adolescente que teve um rendimento intelectual insuficiente na escola, um adolescente arrogante e que nunca se destacou no esporte, um jovem que foi preterido como artista plástico, um adulto que nunca se deu bem com as mulheres, um ser humano sem consciência crítica e com baixo nível de sociabilidade. Por tudo isso, Adolf não admite competidores.

É uma mente doente, com uma necessidade neurótica e incontrolável de poder. Tentarei eliminá-lo antes que se torne chanceler.

Júlio Verne

Alemanha, 1^o de outubro de 1932.

Billy, quase afônico, pediu explicações:

— O que... significa... essa carta, professor?

Júlio Verne estava assombrado.

— Não fui eu que a escrevi. É uma imitação da minha assinatura. Só pode ser!

Katherine, emudecida, se aproximou do inspetor e de seu marido. Este, num rápido movimento, tentou esconder dela o envelope. Mas ela, intrépida, o pegou e leu, em estado de choque, cada palavra.

— Meu Deus, o que está acontecendo, Júlio Verne? Você tem de me dar uma explicação, ou muitas. Parece que estamos vivendo uma psicose coletiva.

Júlio Verne, com as mãos na cabeça e a testa franzida, mal conseguia articular as palavras.

— Não sei... Não sei, Kate. Estou... Estou completamente perturbado.

— Como uma carta falsa pode ser responsável por uma explosão de tal concretude que quase faz desabar o prédio?

— O que significa caçar Hitler, professor?

— Não sei. Não tenho respostas. Só estou desconstruindo a sua imagem — explicou Júlio Verne, e, nesse momento, sentiu calafrios percorrendo suas vértebras, pois resgatou a

mensagem de “Heydrich”: *você escolheu a pior forma de assassinar um homem: desconstruir a sua imagem. Estou em seu encalço.*

— Mas e a data? Por que 1º de outubro de 1932? — insistiu Billy.

— Já disse que não sei! — falou Júlio Verne, exasperado. Depois, mais calmo, ponderou: — Isso só pode ser obra de terroristas. De homens que se fazem passar por Heydrich, Thomas Hellor e quem sabe muitos outros nazistas.

— Não consigo raciocinar diante desse caos — afirmou o experiente inspetor. — Mas de uma coisa sei. Você tem de mudar de apartamento e ficar de quarentena até que a polícia investigue o caso e silenciar-se.

— Calar-me, Billy? Se eu silenciar minha voz, minha mente vai gritar e minha emoção vai se deprimir. Sem liberdade de expressão, não tenho oxigênio.

— E com ela não terá pulmões para respirá-lo, professor! — falou o inspetor, em tom mais alto, para o intrépido e teimoso professor.

— Mas sem liberdade já estou morto! — retrucou Júlio Verne.

Billy não se convenceu. Completou rispidamente:

— Não sabia que o seu caso parece ser o mais complexo e explosivo dos últimos cem anos do departamento de polícia! Não lhe contei, mas há cinco agentes vigiando este prédio dia e noite, e mesmo assim ocorreu esse ataque! Por que você acha que tenho frequentado sua casa?

Júlio Verne não gostou do que ouviu. Indignado, perguntou:

— O quê? Você frequenta minha casa para me vigiar?

Constrangido, o inspetor tentou contornar a situação.

— Não é bem assim. Aliás, sendo honesto, no começo era essa a meta. Mas mudei, encontrei um professor que me ensinou a ter prazer de surfar nas águas da história — falou com humildade, algo raro para o experiente inspetor, que, apesar de ser bem-humorado, era rígido como uma rocha.

Júlio Verne, ao ouvir essas palavras, relaxou e agradeceu sua proteção.

— Desculpe-me, Billy. Ando estressado.

Para o inspetor, Júlio Verne estava sendo alvo de uma tremenda conspiração. Se quisesse sobreviver, teria de mudar de endereço, esconder-se, mudar sua rotina. Parecia não haver leis ou regras para esses agentes do mal, que agiam nas trevas.

Deborah, Lucas, Evelyn, Brady, Gilbert e Peter haviam se aproximado deles e ouvido parte da intrigante conversa, mas não sabiam o que estava acontecendo. Faces tensas, agoniadas, o professor fitou-os e também lhes pediu desculpas, dando-lhes algumas explicações. Entretanto, todas elas os deixaram mais confusos do que estavam. Nesse momento, ele olhou para Peter na cadeira de rodas e teve um tremendo sentimento de culpa. Não conseguiu dizer nada, somente deixou escapar algumas solitárias lágrimas dos olhos.

Peter parecia ter entendido que o atirador na universidade tivera um alvo definido e ele fora o alvo errado. Segurou o braço direito de Júlio Verne e, mais uma vez, disse, agora quase sem palavras:

— Não se culpe, professor!

Subitamente chegou uma tropa de assalto composta de dez homens com armas em punho. Eles invadiram as escadas, corredores e elevadores. Billy os recebeu e pediu-lhes que vasculhassem o edifício, mas guardou o envelope. Os policiais nada encontraram, suspeitos, vestígios nem outras pistas. Os mistérios se avolumavam.

Em seguida, entraram os paramédicos com macas e equipamentos para cuidar dos feridos. Mas felizmente só havia leves escoriações. Corpo intacto, mente fragmentada, assim estavam Júlio Verne e Katherine, que rapidamente pegaram algumas trocas de roupas e foram se abrigar em um hotel indicado e superguardado pela Scotland Yard. O outrora tranquilo casal de professores, que passou a acordar sobressaltado pelos terrores noturnos, agora passaria a ter cada vez mais pesadelos diurnos.

CAPÍTULO 13

A METEÓRICA ASCENSÃO AO PODER

O serviço de inteligência da Scotland Yard, com a ajuda da Interpol, fez uma longa investigação da explosão. Quanto à carta, a textura do papel, a tinta com a qual supostamente alguém assinou em nome de Júlio Verne, a tipografia da máquina que escreveu o texto, enfim, todos os dados remetiam novamente aos tempos da Segunda Guerra Mundial. Longas reuniões periciais e de avaliação de riscos foram feitas com notáveis especialistas, e mais uma vez nenhuma luz clara no horizonte podia se ver. Em uma dessas reuniões, a conversa foi perturbadora.

— Que caso complexo! Estou espantado com a possibilidade de, na cidade, haver pessoas à solta capazes de tudo — afirmou Thomas, um especialista em ataques terroristas.

— Ainda que seja uma possibilidade remota, não podemos deixar de considerar o próprio Júlio Verne como suspeito. Dissimular comportamentos é uma característica dos mais perigosos criminosos — comentou James, outro especialista. — O que acha, Billy?

— Não, não é possível. Júlio Verne é alguém de ilibada generosidade.

— Cuidado, Billy, talvez você esteja fascinado com a inteligência dele e não enxergue o risco que ele oferece. Peço-lhe que seja mais racional — afirmou Robert, o chefe da equipe.

A única conclusão consensual a que chegaram era que o “caso Júlio Verne” era de segurança nacional. Depois de analisar os fatos e ponderar sobre os riscos, os especialistas recomendaram que Júlio Verne e sua esposa interrompessem seu grupo de estudos e ele passasse a ser protegido e não apenas vigiado. O professor ficou arrasado. Quem lhe comunicou a recomendação não foi Billy, mas os próprios Thomas e James.

— Quem não tem medo não mede as consequências dos seus atos. Sabemos que o senhor é ousado, mas deve se proteger — afirmou Thomas.

— Ser ousado não é ter falta de medo, mas gerenciá-lo. Eu tenho medo, mas não posso ser refém dele. Preciso de uma última reunião com meus alunos. Não posso abandoná-los. Não seria bom para a formação deles.

O serviço de inteligência da polícia deu o alvará para essa reunião, e designou Billy para, dali em diante, liderar um rigoroso esquema para protegê-lo. Depois de ponderar, considerou-se que seria mais seguro que o professor fizesse essa última reunião com seus alunos numa sala de reuniões

do Departamento de Justiça do governo, um lugar supostamente muito seguro.

Cinco dias depois, uma quarta-feira, às 19 horas e 30 minutos, eles se reuniram ao redor de uma bela mesa espelhada por um verniz que cobria as estrias de madeira. As poltronas eram ultraconfortáveis, mas ninguém se importava com elas. Todos estavam mais angustiados pela separação do grupo do que preocupados com o conforto ou a segurança. Os vínculos denunciavam que eles eram mais do que alunos e um mestre; eram um grupo de amigos que tinham rompido o cárcere da solidão e, com mente livre, viajavam pelo mundo das ideias. Era uma perda irreparável, e eles esperavam que fosse temporária.

Billy estava presente na reunião. Como o prédio estava sendo completamente vigiado, não havia policial de plantão do lado de fora da sala de reuniões. Antes de começar a fala do professor, o grupo de alunos fez uma homenagem para ele e Katherine. Ao som de um violão, tocado por Peter, cantaram a música “We Are the World!”,[*] que exalta a família humana, composta de todos os povos, raças e culturas, com o objetivo de resgatar a dignidade dos africanos famintos de pão e de liberdade, nutrientes essenciais para a vida humana. Júlio Verne ficou profundamente sensibilizado com a homenagem. Sua comoção era tal que lhe embargou a voz, e por instantes ele não coordenou suas cordas vocais.

Tentando aliviá-lo, Peter iniciou a reunião com algumas indagações.

— Por que o senhor está sendo perseguido? Não consigo vê-lo tendo inimigos. — Mas, se lembrando do reitor e de alguns alunos que o processavam, ele se corrigiu: — A não ser os que o invejam, mas esses não sujarão suas mãos...

O professor gastou os primeiros 15 minutos sintetizando alguns outros detalhes que eles não sabiam. Depois desse resumo histórico, Lucas viu um lado excitante em tudo o que o professor estava passando. Enxergou uma grande aventura.

— Incrível. Parece que inimigos estão viajando no tempo para persegui-lo.

Diante disso, Peter, brincando, fez uma inquietante pergunta para o professor.

— Se você pudesse entrar numa máquina do tempo e destruir Hitler, você o faria?

— Nunca pensei nisso. Mas... para tentar ajudar milhões de pessoas, não me silenciaria — afirmou o professor, perturbado com a proposta.

— Eu também acho que Júlio Verne é alvo de inimigos de outro tempo, de outro mundo! — afirmou Billy, rápida e euforicamente. Mas em seguida, observando os olhos de Katherine, tentou acalmá-la. — É brincadeira. Essa crença é coisa de malucos.

— A realidade é crua, dolorida e dramática. Eu e Katherine podemos perder a vida.

— Pelo tipo e conteúdo das cartas, bem como pelas ameaças, isso parece obra uma conspiração internacional — afirmou Gilbert.

— Sim, é possível. Mas que perigo pode oferecer um professor de história?

— Muitos! — afirmou Peter. — Formar mentes pensantes é mais poderoso do que usar armas. Somos a prova disso.

O professor sorriu, como se estivesse agradecendo a seu aluno.

— Na vida, períodos de acalmia se alternam com turbulências, tranquilidade se alterna com ansiedade, mas eu não imaginava que minha vida virasse de pernas para o ar.

O professor aproveitou esse gancho para comentar que, entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha viveu dias turbulentos.

— Não teve momentos tranquilos nesse período? — questionou Gilbert.

— Houve fagulhas de tranquilidade no período que sucedeu à prisão de Hitler. A Alemanha começou a ter desenvolvimento econômico, o que fortaleceu a democracia e conspirou contra a ascensão do futuro ditador.

— Você quer dizer que a democracia é o regime político da abundância e a ditadura, do caos? — perguntou Brady, levando o professor a refletir nas implicações dessa questão sociopolítica.

— O desenvolvimento socioeconômico fortalece a democracia, e a democracia o promove. Entretanto, o caos é um excelente meio de cultura para a tirania. Hitler observava a crise da Alemanha e considerava a democracia ineficiente para resolvê-la, oferecendo outra forma de governo, o nacional-socialismo, uma verdadeira ditadura, em que os sindicatos seriam abolidos, o direito de greve estancado, a renda do trabalhador controlada, embora o lucro e a propriedade privada fossem preservados.^[89]

Hitler, apesar de não ter apreço pela democracia, estava num regime democrático e, dentro das regras do jogo, preparou seu partido para enfrentar as eleições. Mas, com o desenvolvimento econômico, seu partido já não encantava, seus discursos não inflamavam a emoção e suas ideias, que incentivavam hostilidades contra o governo e os judeus, não causavam mais os mesmos impactos. Hitler quase fora sepultado.

— Eu não entendo a mente de alguns políticos. Quando estão na oposição, torcem para que aqueles que estão no governo se arrebatem ou que a sociedade entre em crise para poderem conquistar espaço — afirmou Lucas.

— Isso se chama necessidade neurótica de poder — declarou Katherine.

— O vírus teve de esperar que o corpo social da Alemanha diminuísse sua imunidade para eclodir uma grave infecção — comentou Júlio Verne.

— Mas quando isso ocorreu? — perguntou Billy, que desconhecia a história da economia mundial.

— Na crise de 1929, com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Em consequência, a América e a Europa mergulharam na depressão econômica. Com o sistema imune comprometido, o vírus do nazismo voltou a se multiplicar descontroladamente. As indústrias começaram a fechar, as pessoas não conseguiam trabalho, o comércio sofreu uma forte queda. Tudo isso se instalou na Alemanha, já fragilizada economicamente.

— Foi nesse período, então, que a classe média e os grandes industriais se alarmaram, o que os levou a apoiar e até mesmo financiar os nazistas, os radicais nacionalistas — concluiu Gilbert.

— Exatamente. E o sucesso apareceu nas urnas. Em 1930, aquele que era um partido desprezível ganhara musculatura e se convertera na segunda força política do país, com 6 milhões de votos. Compare a rapidez com que as datas se sucederam: treze anos antes, em 1918, o tímido Hitler fugia das armas levando mensagens do quartel para o *front*; seis anos depois, em 1924, foi preso como herói no Levante de Munique; e sete anos mais tarde, em 1930, seu partido teve uma votação explosiva. O depressivo Adolf estava eufórico, sentia que poderia abraçar a Alemanha e o mundo — declarou o mestre.

E continuou:

— Hitler tinha agora milhões de adeptos. E não apenas isso, tinha também duas poderosas organizações paramilitares em formação, a SA e a SS. Nos meses e anos seguintes, as organizações paramilitares nazistas não tardaram a agir. Provocaram o caos e o terror social, e a desestabilização da República de Weimar, o que levou à ascensão e queda de chanceleres, obrigando o idoso presidente Hindenburg, com 84 anos, a convocar novas eleições para julho de 1932. Seria um marco para o Partido Nazista. A determinação de Hitler era surpreendente. Numa época em que os aviões e campos de aviação não tinham tanta segurança, fazia cinco voos diários, com discursos de 15 minutos em cada cidade, por todos os cantos do país.^[90]

Nesse ano, quase 7 milhões de alemães estavam sem emprego, a fome e a insegurança social faziam parte do cardápio diário das famílias menos abastadas. Sobreviver era uma arte. O resultado dessa eleição não poderia ser mais favorável a Hitler. Seu partido aumentou 133% o número de votos em apenas três anos. Outro sucesso notável.

— Em tempos de crise, o voto, que deveria ser racional, se torna passional — afirmou Katherine.

Nesse período, Hitler, que detestava todos os demais partidos, aceitou fazer um acordo com a direita alemã, ganhando mais força. Em 1933, sem condições de impedir o acesso de Hitler ao poder, o presidente Hindenburg o nomeou chanceler da Alemanha.^[91]

— A culta Alemanha, a nação que possuía as mais notáveis escolas e os mais ilibados pensadores, finalmente entregava seu destino nas mãos de um estrangeiro truculento, extremista e sem qualificação administrativa — afirmou Júlio Verne.

— Em meros 15 anos, o humilde soldado-mensageiro, que passava completamente despercebido pelos poderosos generais, marechais e almirantes da nação, controlava com mão de ferro todos eles. A velocidade de ascensão de Hitler foi surpreendente — concluiu Deborah, impressionada.

— Eis o homem. Hitler tinha 44 anos ao assumir o cargo de chanceler, era completamente saturado de ambição, irritadiço, ansioso, explosivo, de interiorização limitada, resiliência débil e com baixíssima capacidade para suportar contrariedades, mas com altíssima capacidade de manipular a emoção e influenciar pessoas. Talvez não passasse numa simples prova para avaliar suas habilidades de trabalhar em equipe e gerenciar uma mísera instituição, mas a democracia tem uma característica fundamental: os líderes são avaliados pelo voto. O sociopata prevaleceu — diz Júlio Verne.

— Deveria haver uma análise psiquiátrica prévia para se verificar a sanidade e intenções dos líderes que se candidatam — ponderou Peter.

— Pode ser útil. Mas que parâmetros usar? Como evitar erros? — indagou o professor.

— Hitler dominou a sociedade alemã logo que assumiu o poder? Como os políticos tradicionais se dobravam aos seus

pés? — perguntou Gilbert.

— Logo que estreou na política, Hitler foi alvo de deboches e chacotas pelos mais ilustres personagens da sociedade. “Até onde poderia chegar um homem radical, com ideias bizarras, sem flexibilidade nem habilidade para dirigir uma complexa nação?”, diziam. Os jornais faziam charges ironizando seu poder e sua competência. Nem os líderes de outras nações achavam que Hitler pudesse ir longe. Não o conheciam. Opor-se a ele nutria seu autoritarismo e sua insaciável sede de poder — comentou Júlio Verne.

Os problemas sociais eram graves, e a intervenção estrangeira, através do Tratado de Versalhes, era um desconforto emocional e econômico. Muitos políticos sérios acreditavam que o austríaco que nunca exercera um cargo executivo seria fritado na complexa teia política alemã. Mas a propaganda e a censura começaram. Um conjunto de *slogans* nacionalistas que exaltavam excessivamente o povo alemão, a cultura alemã e a raça ariana começaram a ser propalados na ainda frágil Alemanha nazista.

Em seguida, o professor continuou:

— Pressionado por Hitler, o velho Hindenburg assina, no dia 4 de fevereiro, um decreto “Da proteção do povo alemão”, que dava poderes ao governo de proibir as manifestações políticas e os jornais impressos dos partidos adversários.

Um burburinho começava a assombrar a sociedade germânica. Intervenções predatórias eram deflagradas em todas as direções em que houvesse movimentos suspeitos. Um congresso de artistas e intelectuais, realizado no teatro Ópera Kroll, fora proibido por causa de supostas afirmações ateístas.^[92] Ninguém com ideias diferentes estava seguro.

Como era característico, Hitler, sob a batuta de Goebbels, faz uma poderosa e penetrante propaganda bipolar: atitudes generosas se alternavam com comportamentos violentos, confundindo o psiquismo dos alemães.

Após uma pausa, o professor continuou:

— Hitler, após se tornar chanceler, não foi morar em Berlim inicialmente, mas em Munique. Seu gesto demonstrava renúncia aos seus privilégios de chanceler, inclusive aos seus salários, uma falsa humildade, pois era um homem rico devido ao megassucesso de seu livro, que se tornou uma espécie de bíblia do nazismo, um presente dado até em festas de casamento.

— Era o próprio Hitler que fazia o serviço sujo, que varria os opositores? Ou ele se protegia devido ao seu cargo? — perguntou Katherine.

— Hitler era o arquiteto das atrocidades, mas preservava suas mãos da lama. Cabia a Göring, o cão de guarda de Hitler, cuja corpulência prestava um caráter jovial à agressividade, debelar sem compaixão focos de resistência. Quando Hitler assumiu, Göring fez rapidamente, no corpo administrativo e militar, uma grande varredura. Líderes

eram destituídos e substituídos em massa. No início do governo nazista, mais precisamente em 17 de fevereiro, a agressividade alçou os mais altos voos. Nesse dia, ordenou aos policiais que comandava: “Complacência e cordialidade máxima com grupos nacionalistas, mas “recorrer às armas sem compaixão, se for necessário, tratando-se de grupos de esquerdas”.[93]

“A partir de um serviço secundário na polícia de Berlim, que se dedicava a vigiar movimentos ‘anticonstitucionais’ de marxistas, judeus, jornalistas e políticos descontentes, Göring começou a organizar a Gestapo (a poderosa Polícia Secreta do Estado) — Geheime Staatspolizei. Viu nessa polícia o segredo da perpetuação do nazismo, a tal ponto que seu aparelhamento teria, quatro anos mais tarde, um orçamento quarenta vezes maior. O executor dos sonhos megalomaniacos de Hitler ordenou, já no dia 22 de fevereiro de 1933, a formação de um corpo policial auxiliar de 50 mil homens, composto sobretudo de membros da SA e da SS. A democracia alemã perdeu seu caráter de neutralidade e instalou o terrorismo político-policial.[94] Hitler, através de seus apóstolos, calou a oposição, sufocou vozes dissonantes” — comentou o professor.

— Mas Göring não fez o marketing bipolar de Goebbels no começo de sua jornada? — indagou Lucas, surpreso: — Não mostrou generosidade no palco e agressividade nos bastidores? E a diplomacia do novo governo?

— Göring era o estereótipo do verdadeiro pensamento de Hitler. Os opositores não eram portadores de ideias divergentes, mas inimigos a serem abatidos. O que o carrasco ouvia em segredo do Führer colocava em prática radicalmente. Ouçam o que ele teve a coragem de dizer pouco mais de um mês após Hitler assumir o poder: “Toda bala que sair agora do cano de um revólver é um projétil meu. Se chamam isso de assassinato, então sou eu que assassino; eu ordenei tudo e assumo a responsabilidade”.[95] Ao ouvirem o grande Göring dizer essas palavras, os policiais perderam o medo de matar e cometer crassos crimes — disse o professor.

— Penso que dar poderes inconstitucionais à Gestapo e a outras polícias fomentou toda sorte de atrocidades contra as minorias — comentou o arguto Peter.

— Exato — confirmou o professor: — Mortes sumárias, julgamentos sem provas, humilhações públicas, destruição de famílias inteiras fariam no futuro parte da rotina desses “semideuses”. O dramático incêndio do Reichstag, a Câmara dos Deputados, no fim de fevereiro de 1933, e a culpa que os nazistas impuseram aos socialistas são outros exemplos dessas atrocidades. “Enfim, peguei-os”, disse Hitler espontaneamente, indicando que exploraria o fato até as últimas consequências — comentou o professor.

E continuou:

— Um deputado em Berlim, quando estava sob a mira dos revólveres dos soldados da SS, suplicou pela sua vida. “Por

favor, tenho crianças, minha mulher, meus pais são idosos. Por que eu?” “Porque você é marxista, não merece viver...”, foi a resposta. Médicos, advogados, escritores e políticos comunistas seriam perseguidos, arrancados de suas camas, levados ao cárcere, mortos impiedosamente. Paradoxalmente, esse mesmo Hitler que odiava os comunistas procuraria, anos mais tarde, realizar a qualquer custo um tratado de não agressão com a Rússia para iniciar a invasão da Polônia.

— Em política, a lógica inexistente. Os inimigos tornam-se amigos por contrato — comentou Lucas.

— Nem todos, Lucas. Há muitos políticos honestíssimos — declarou Júlio Verne, tentando aliviar o desânimo com a classe política e flexibilizar o radicalismo de seu aluno.

— Quem assassina dois ou três para se manter no poder toma um caminho sem volta, continuará assassinando dez, cem, mil. Pois, se reconhecesse seus assassinatos, teria de enfrentar dois tribunais: o primeiro, o da sua própria consciência, cuja punição seria deflagrada pelo sentimento de culpa, regado a angústia e depressão; o segundo tribunal é o jurídico, cuja punição é prescrita em lei. Para evitar esses dois tribunais, os ditadores rarissimamente se entregam espontaneamente — comentou Katherine, com fina argúcia.

Nesse momento ela sentiu vibrar o seu celular. Havia se esquecido de desligá-lo. Quando ia fazê-lo, viu que era sua mãe. Pediu licença e foi até o banheiro para atendê-la.

— Kate, ficamos sabendo da explosão em seu apartamento. Estamos preocupadíssimos! Por que você não nos contou?

— Desculpe-me, mamãe, não queria deixá-los preocupados. Mas a polícia já está investigando o caso.

— Investigando? Eles estiveram aqui fazendo uma série de perguntas estranhas, em especial sobre Júlio Verne. Paul também esteve aqui ontem, preocupado com você e com a saúde mental de seu marido.

— Esqueça Paul, mamãe. Perdoe-me, mas estou participando de uma reunião. Depois eu ligo, prometo.

— Espere! — disse a mãe, exaltada. — Não sei o que está acontecendo com você, mas é tempo de cair fora desse casamento. Não é porque Júlio está... está tendo surtos psicóticos, mas agora é pela sua segurança.

Katherine respirou profundamente para não dar uma resposta agressiva a sua mãe.

— Ok, mamãe. Vou pensar no seu caso. — E desligou.

Quando ela se sentou ao lado de Júlio Verne, este indicou com os olhos que queria saber o que estava acontecendo. Tentando ser bem-humorada, ela disse em voz baixa:

— Era mamãe, feliz com nosso casamento.

Em seguida, o professor comentou que toda pessoa ou regime autoritário precisa ter ou inventar inimigos para continuar exercendo seu autoritarismo. Sem eles, os ditadores não se perpetuam no poder nem exercem o controle das massas. No início do governo nazista, o

primeiro grande inimigo foram os marxistas, depois os judeus. A lista dos perseguidos era enorme.

E continuou, falando sobre a arte e a cultura bolchevique. Em 1933, foi feita uma série de exposições em Nuremberg, Dessau, Stuttgart, Dresden, da chamada “arte degenerada”, que era a arte moderna produzida por artistas socialistas. Essa arte, segundo os nazistas, tinha clara influência judaica e era considerada uma ameaça à cultura alemã, uma depravação intelectual e espiritual. Tal postura tinha caráter higiênico. Segundo os nazistas, as obras dos artistas modernos mostram doenças mentais dos seus criadores e incentivam a contaminação da raça por exaltarem as formas de um ser humano imperfeito.^[96]

— Ainda que tenha havido fatores sociais estressantes, parece que foi menos a sociedade caótica do pós-Primeira-Guerra que criou o monstro Hitler e mais o monstro Hitler que moldou a sociedade para ser destrutiva — deduziu Deborah.

— É uma tese interessante — comentou Júlio Verne. — Hitler aflorou e cultivou os instintos agressivos que estão em qualquer ser humano, raça ou cultura. Era um especialista em dominar as pessoas criando um ambiente fantasmagórico. Talvez por isso tivesse clara preferência pela guerra. São dele estas palavras, escritas em *Mein Kampf*: “Na guerra eterna, a humanidade se torna grande; na paz eterna, a humanidade se arruinaria”.^[97] Ao dominar a Tchecoslováquia sem resistência, comentou com suas

secretárias: “Filhas, cada uma de vocês me dê um beijo aqui e aqui... É o maior dia da minha vida. Vou entrar para a história como o maior dos alemães”.[98]

Hitler traiu o próprio povo alemão, que havia depositado nele sua confiança. Sem dúvida, em suas campanhas pré-eleitorais e em seu livro, discorreu sobre seu espírito beligerante; mas, uma vez eleito, procurou escolher as palavras. Os anos se passaram, e como chanceler discursou sobre paz em muitas oportunidades, embora nos bastidores caçasse as “bruxas”. Entretanto, sua sede de poder e sua opção pela guerra nunca foram esquecidas.

Chegou o tempo de acabar com o discurso de paz e atirar toda uma nação e, por consequência, o mundo no calabouço. Num importante discurso feito para um seletivo grupo de espectadores, em especial para dirigentes da imprensa alemã, proferido em 10 de novembro de 1938, revelou a sutil armadilha que, ardilosa e detalhadamente, preparara para Alemanha:

As circunstâncias me obrigaram, durante anos, a quase só falar de paz. Só insistindo, sem cessar, no desejo de paz dos alemães e em suas intenções pacíficas, foi possível conquistar passo a passo a liberdade do povo alemão e dar-lhe armamento indispensável para as etapas seguintes. Essa propaganda pacífica, seguida durante anos, apresenta igualmente seu aspecto negativo: poderia levar muita gente à ideia de que o regime hoje se identifica realmente com essa decisão, essa vontade de manter a paz a qualquer custo.

Isso levaria não só a fazer um julgamento errôneo sobre as finalidades do nosso sistema, mas principalmente a impregnar a nação alemã... de um espírito que terminaria se tornando derrotismo e eliminaria inevitavelmente os sucessos atuais.

Os motivos pelos quais falei de paz durante tantos anos eram imperativos, mas a seguir foi necessário proceder à lenta mutação psicológica do povo alemão, fazê-lo entender que certas coisas devem ser conseguidas à força, se não puderem sê-lo por meios pacíficos...

Esse trabalho [...] foi começado, prosseguido, reforçado conforme os meus planos.[99]

— Jamais imaginei que Hitler tivesse traído sutilmente a sociedade alemã. Para mim, eram os alemães que tinham sede de guerra — declarou Peter.

— A guerra, então, foi planejada estrategicamente por ele. Um dos homens que mais cometeu crimes contra a humanidade era um traficante de emoções — afirmou Billy.

— Menos de um ano depois desse discurso, o conteúdo nele existente se materializou, e a Segunda Guerra Mundial se iniciou. O sequestro emocional da sociedade alemã já havia começado a ganhar grande notoriedade no dia 25 de fevereiro de 1934. Na ocasião, Rudolf Hess, embriagado pela admiração a Hitler, anunciara, em discurso transmitido em cadeia de rádio, a forma de juramento que os políticos, a Juventude Hitlerista, os membros das forças armadas, a SS, a SA, a Gestapo e as pessoas de um modo geral deveriam prestar ao Führer: “Adolf Hitler é a Alemanha, a Alemanha é

Adolf Hitler. Quem presta juramento a Adolf Hitler faz um juramento à Alemanha”.[100] Esse doentio culto à personalidade, que começou em fevereiro de 1934, cristalizou-se após a morte do presidente Hindenburg, no dia 2 de agosto. Hitler nomeou-se presidente, comandante supremo das forças armadas e o grande Führer do Terceiro Reich, “o homem mais capaz, determinado, perspicaz para tirar a Alemanha do obscurantismo” — afirmou o professor.

— Espere — interrompeu Katherine. — Lembro-me de uma famosa frase de Winston Churchill, e ela revela, pelo menos inicialmente, que até ele se deixou seduzir por esse jogo neurótico de Hitler: “Podemos execrar o sistema de Hitler, mas não podemos deixar de admirar seu desempenho patriótico. Se o nosso país for vencido, eu espero que encontremos um campeador tão invejável que nos restitua a coragem e nos devolva nosso lugar no concerto das nações”. [101]

— Bem lembrado, Kate. Churchill, embora fosse o mais ferrenho inimigo de Adolf Hitler, não conhecia os elementos psicossociais que conhecemos hoje. Hitler nunca foi um patriota, nunca serviu à Alemanha, mas às suas próprias ambições. Quando a guerra estava perdida, em vez de se render para poupar milhares de vidas e os meios de sobrevivência da nação, usou a mesma estratégia de Stálin quando invadiu a Rússia: destruir tudo, pontes, açudes, lavouras, inclusive obras de arte. Em primeiro, em segundo e em terceiro lugares estava o próprio Hitler; em último lugar estava a sociedade.

E continuou dizendo o professor:

— Após a Segunda Guerra Mundial, um sentimento de culpa pulsou no psiquismo de dezenas de milhões de jovens e adultos alemães das gerações seguintes: “Por que nossos antepassados elegeram um psicopata? Por que depositaram nele sua confiança? Por que abriram mão de sua autonomia e se tornaram autômatos, sujeitaram-se a uma obediência cega?”. Muitos, por não compreenderem o funcionamento da mente, não entenderam as sutis armadilhas construídas no inconsciente coletivo dos alemães pelo Führer e seus assecclas, que os tornaram servos e não autores da própria história. Não há desculpas para aquela geração, mas há explicações.

De repente, ouve-se um barulho enorme, que parecia vir do andar térreo. Era o estrondo de uma bomba. Parecia haver paredes ruindo e muita gritaria. Não dava para distinguir direito, pois o grupo estava no décimo primeiro andar. Todos ficaram apavorados. Mas Billy interveio:

— Calma, pessoal, este prédio é extremamente seguro. Devem estar fazendo reparos.

Katherine e Júlio Verne se entreolharam, preocupados. Como estava no fim da exposição, o professor concluiu:

— Adolf Hitler, o maior mestre da manipulação da emoção, provavelmente seduziria qualquer povo que não abortasse suas mensagens quando elas ainda estivessem no nascedouro. É fácil abortar um ditador desse naipe em sua

fase embrionária, mas difícilíssimo fazê-lo em sua “maturidade”.

— Ninguém exaltou tanto o povo alemão e, ao mesmo tempo, ninguém lhe cobrou um preço tão exorbitante — concluiu Katherine.

Quando o professor se preparava para se despedir de seu grupo de amigos, subitamente as portas se abriram e, interrompendo a reunião, apareceram três policiais pedindo que se retirassem rapidamente do edifício. O professor, ansioso, indagou:

— O que está ocorrendo?

— Um ataque terrorista.

— Mas este prédio não é seguro? — indagou Peter, olhando para Billy.

— O terror torna qualquer lugar inseguro.

E assim se encerrou a última reunião, o último debate. Após evacuarem o prédio, despediram-se com lágrimas nos olhos. Foi uma despedida rápida, mas comovente. Talvez nunca mais se reunissem novamente. Quando o professor estava no carro da polícia que o levaria para outro lugar, Peter se aproximou com sua cadeira de rodas e lhe disse:

— Não desista de ser professor. Obrigado por iluminar nossa mente. Cuide-se.

O professor estendeu seu braço, tocou uma de suas pernas imóveis e agradeceu. Em seguida, juntamente com os outros amigos, cantou novamente a canção “We Are the World”, à medida que o carro se afastava.

CAPÍTULO 14

UMA ESPÉCIE QUE MATA SEUS FILHOS

Inverno, 24 de fevereiro de 1942. Os soldados da SS atravessaram apressados o jardim da bela casa de Abraham Kurt. Olhos fixos, faces tensas, semblantes agressivos, comportamentos irredutíveis; eram caçadores de humanos. O sol poente era insuficiente para esconder o terror que estava por vir. Bateram violentamente com os punhos cerrados na bela porta central com molduras sobressaltadas que desenhavam a anatomia de galhos e flores. O dr. Abraham Kurt, Rebeca, sua mulher, um casal de filhos, Anne, de 8 anos, Moisés, de 10 anos, e um hóspede interrompem bruscamente o café da manhã. A resposta tardia dos Kurt irritou os soldados, que chutaram a porta, tentando arrombá-la.

O hóspede, recebido no seio da família na noite anterior, não sabia como reagir. Temia que a polícia estivesse em seu encalço. Mas Abraham e Rebeca foram assaltados por outro temor. Sofrendo por antecipação, pensavam obsessivamente no momento em que seriam deportados da Alemanha como plantas arrancadas do solo sem generosidade e sem suas raízes. Notícias de que nazistas estavam transportando

judeus em trens de gado para a Polônia chegavam com frequência. Vizinhos alemães os ajudavam em segredo com os poucos alimentos que lhes sobejavam, mas o cerco estava se fechando rapidamente. Tropas alemãs que voltavam do leste traziam notícias que faziam tremular a alma: judeus tratados como animais, guetos, escravidão nos campos, execuções sumárias.

Rebeca, ao ouvir os violentos toques na porta, teve um ataque de nervos, contraiu o estômago e regurgitou o leite que acabara de beber. O leite regurgitado invadiu a traqueia e gerou acessos incontrolláveis de tosse. Num esforço quase sobre-humano, tentou contê-los comprimindo a boca com a mão direita, enquanto o líquido escorria entre os dedos e era enxugado com um guardanapo de tecido branco. Era preciso dominar-se naquele momento. Mas como? Rebeca era uma mulher forte e bela, mas ultimamente a insônia a punia com rugas em torno de seus olhos verdes.

— Meu Deus! Chegou a hora! — disse ela após cessar sua crise de tosse. Mas Abraham Kurt, pegando em suas mãos, tentou abrandar a indisfarçável ansiedade dela.

— Calma, Rebeca! Calma! Vou abrir a porta. — Em seguida, gritou para os que queriam arrombá-la: — Esperem! Já vou! Já vou! — E deu um sinal para seus filhos se esconderem na parte de baixo da estante em que colocava seus principais livros jurídicos. Parecia que eles haviam sido treinados para aquela ocasião. O hóspede também atendeu ao sinal e rapidamente se escondeu no escritório da casa.

O dr. Kurt, judeu, advogado renomado, morava na casa mais bela do bairro, num terreno de 2.300 metros quadrados ricamente arborizado e afastado do centro da bela Frankfurt. Anne e Moisés tinham muitos amigos loiros e de olhos azuis. Não entendiam por que haviam sido proibidos de frequentar a escola. Com seus amigos alemães faziam reuniões subversivas: reuniam-se para brincar, esconder-se atrás das árvores e jogar água uns nos outros na fonte atrás da casa. Os meninos não tinham a noção de que a Europa ardia em chamas.

O hóspede estava profundamente aflito. “Serei sem dúvida descoberto”, pensou. Tentava gerenciar sua ansiedade, mas era impossível. Sua mente se tornara um trevo de ideias e preocupações. Era um estrangeiro no seio dessa família, mas fora recebido com diletta solidariedade. Seis horas antes, tivera uma conversa franca e particular com o dr. Kurt, um homem aberto, afetuoso, dotado de uma inteligência incomum.

— Não entendo, dr. Kurt, por que o senhor e sua família ainda não foram presos pelos nazistas? — perguntou o hóspede.

— Muitos juízes judeus deixaram sua toga, vestiram o manto da humilhação, foram tratados como criminosos. Brilhantes advogados judeus também foram expulsos dos fóruns sob o coro de vaias. Alguns tiveram de trabalhar em estábulos para ganhar alguns trocados e sobreviver. E destes, os que tiveram sorte emigraram. Os que não

conseguiram foram deportados para a Polônia, inclusive meus pais e irmãos — disse, com o rosto entristecido, os olhos lacrimejando. — Quanto a mim, por ser conhecido internacionalmente por minha luta pelos direitos humanos, tenho sido útil ao Terceiro Reich.

— Como assim? — indagou, curioso, o hóspede.

— Tenho sido obrigado a enviar mensagens para as instituições da Europa falando sobre a preservação dos direitos humanos na Alemanha.

— Mas são mensagens falsas! — afirmou o hóspede, perturbado.

— Sim, mas sou obrigado a assinar os artigos que me trazem sob a mira de um revólver. Além disso, recusar a assiná-los é assinar a sentença de morte de Rebeca e meus filhos. Mas não há como esconder que o governo de Hitler é violador das liberdades individuais. A qualquer momento, serei descartado.

— Mas quais são suas atividades atuais? Como sobrevive?

— Desde 1938 não posso trabalhar como advogado, deixar o país nem a cidade. Vivo numa espécie de cárcere privado. Nos últimos três anos, temos sobrevivido dos bens que consegui vender antes da Noite dos Cristais, em novembro de 1938, quando as vitrines das lojas judias foram estilhaçadas e suas propriedades, saqueadas, inclusive a loja de meus pais. Os bens foram leiloados, as sinagogas queimadas, foi o início do fim dos judeus que moravam na Alemanha.

— Houve espaço para algum protesto? — questionou o hóspede, curioso.

— Espaço para protesto? Você está brincando. Dois anos depois de Hitler se tornar chanceler, seu corpo jurídico elaborou as Leis de Nuremberg, que impediam os casamentos de judeus e alemães ou mesmo relações sexuais entre eles. Como militante em prol dos direitos humanos, tentei protestar. Mas...

O dr. Kurt interrompeu sua fala, comovido. O visitante, ansioso, queria saber o que houve, mas teve de esperar ele se refazer.

— Proclamei: “Somos judeus! Não somos animais! Somos humanos! Pertencemos à mesma espécie que os arianos!”. E, ousado, escrevi um artigo que teve impacto internacional.

Mais uma pausa. O hóspede esperou.

— Não tardou para vir a vingança. Alguns membros da SS me sequestraram quando eu estava nas ruas. Tiraram-me a roupa, me atiraram ao chão, me chutaram, me espancaram e disseram: “Nunca se compare aos animais! Você é inferior a eles!”. E posteriormente me embriagaram e me soltaram nu no centro da cidade. Não me mataram por fora, mas o fizeram por dentro, pois sabiam o que eu representava no meio jurídico. Os discípulos de Himmler jamais tolerariam que um ativista judeu interferisse na tese da purificação da raça ariana.

— Mas vocês não perceberam o monstro que estava em gestação? Por que o senhor não emigrou?

— Por um lado, devido à paixão pelo meu povo; por outro, devido a um erro de cálculo de risco. Como eu poderia supor que um desacreditado chefe de partido periférico, um conspirador contra uma sociedade democrática, um escritor de segunda categoria, de *Mein Kampf*, um portador de teses ultranacionalistas, prosperasse muito tempo nos solos da culta Alemanha?

O dr. Kurt, outros intelectuais, bem como não poucos políticos alemães, éticos e comprometidos com a Alemanha, de fato calcularam mal a engenhosidade de Hitler, Göring, Himmler, Goebbels... O ataque-surpresa era a arma mais poderosa de Adolf Hitler. Como um felino faminto, rapidamente mordida a garganta das suas presas e as asfixiava, sem lhes dar chances para se defender, inclusive as nações que dominou.

— Vivi minha infância nesta rua, me aventurei em minha adolescência nesta cidade, sonhei meus mais belos sonhos nesta pátria. Sempre amei a Alemanha e a considerei o melhor lugar do mundo para se viver. Nem em meus delírios pensei que um dia seria considerado um verme a ser esmagado, uma raça inferior... Os terremotos nos surpreendem — disse metaforicamente, não como advogado, mas, agora, como um simples ser humano.

Enquanto na mente do hóspede passava rapidamente o filme da conversa que horas atrás tivera com o dr. Kurt, este tinha aberto a porta para os carrascos da SS e tentava negociar com eles. Anne e Moisés, amedrontados,

procuravam conter seus movimentos, uma tarefa difícil para duas crianças. Seus pais já os haviam prevenido que algo poderia acontecer, mas para protegê-los não lhes revelaram os detalhes. O dr. Kurt tentou invocar a Constituição do país, mas a Alemanha vivia sob um regime de exceção. As leis serviam ao ditador e não o ditador às leis.

Ao invocar seus direitos constitucionais, foi espancado no rosto e no abdome e empurrado violentamente, caindo sobre a sala. Rebeca tentou socorrê-lo. Mas ambos foram rendidos impiedosamente.

— Onde estão as crianças? — disse o chefe da missão, o oficial da SS que liderava os dez soldados caçadores de judeus.

— Já não se encontram mais aqui! — afirmou o dr. Kurt.

— E o homem que vocês abrigam?

— Não sei do que o senhor está falando.

Mais um tapa no rosto, agora com grande estalido. O chefe da missão deu ordens para os agressivos policiais da SS vasculharem toda a casa. Eram cinco jovens, mas não os encontraram. A pequena Anne viu pela fresta os horrores que se passavam na sala. Quando percebeu que seus pais estavam sendo levados, não suportou, esqueceu todas as técnicas que eles lhes ensinaram e reagiu como qualquer criança diante do abandono. Moisés tentou contê-la, mas não foi possível. Ela abriu a porta e, aos prantos, gritou:

— Mamãe! Papai! Não nos deixem!

Rebeca amava intensamente sua filha, mas seu som era o que menos queria ouvir naquele fatídico momento. Após essas palavras, a pequena Anne saiu ao seu encontro e a abraçou. Moisés também saiu do armário e correu até seus pais. E, com uma bravura que só uma inocente criança possui, ousou tentar retirá-los das mãos dos soldados. Vendo o pequeno judeu tocar seus braços arianos, um policial da SS, que não tinha mais do que 19 ou 20 anos, deu-lhe um bofetão que o atirou longe. Quando ia ser espancado, o dr. Kurt implorou ao chefe da missão:

— Por favor, ele é apenas uma criança.

O chefe da missão deu ordem para o policial se conter. Em seguida, o pai foi até Moisés e o abraçou carinhosamente.

— Querido. Obrigado por sua coragem. Não tenha medo.

O menino teve um leve sangramento no nariz. O pai o limpou com sua bela camisa branca de algodão dos tempos de glória como advogado.

— Não se preocupe, garoto, vocês também farão a viagem — disse, com sarcasmo, o líder do grupo.

A SS era a responsável por implementar as políticas raciais do Terceiro Reich que sancionaram o extermínio em massa de judeus. Sob o manto da insensibilidade, a dor das crianças não lhes retirava o oxigênio emocional nem lhes denunciava que estavam no último estágio da psicopatia.^[102]

Lá fora, os caminhões apinhados de judeus assombrados os aguardavam. Antes de subirem no comboio, o oficial da

missão conferiu os dados que estavam no veículo sobre a casa dos Kurt e, com uma dose de ira, indagou mais uma vez:

— Temos notícia de que vocês receberam um visitante. Onde ele está?

O dr. Kurt fez um movimento rápido com a cabeça de que não havia ninguém. O oficial pegou-o pelos ombros e o chacoalhou, dizendo:

— Não minta para mim, senão todos morrem.

Mas o advogado manteve o silêncio. Mais uma vistoria foi ordenada dentro da casa e nos jardins, e nada encontraram. Os pais e os filhos foram atirados dentro da carroceria de um camburão improvisado, na realidade um caminhão coberto por lona. A família, a “*célula mater*” que Hitler prometeu defender em seu primeiro discurso em cadeia pelo rádio, era dilacerada em mil pedaços. O Führer não apenas destruiu judeus, mas o psiquismo de todos os alemães que ainda conservavam alguma sensibilidade. Depois de participar ou assistir àqueles espetáculos sombrios, ninguém mais estaria plenamente vivo, ainda que seu corpo não estivesse morto...

De repente, um policial que conversou com os vizinhos do dr. Kurt trouxe para o oficial a notícia de que um estranho fora visto na casa havia pouco mais de duas horas. O oficial, num ataque de fúria, mandou descer toda a família. Dessa vez, esperto, perguntou às crianças:

— Há outra pessoa escondida na casa?

Com a cabeça baixa, elas balançaram a cabeça negando. Mas, ferino, o policial deu-lhes um golpe fatal. Fez um gesto para os policiais, para apontarem as armas rente à cabeça de seus pais.

— Vou contar até três, se não nos contarem, seus pais morrerão. Se disserem a verdade, nós os soltaremos. — E para o espanto dos que estavam próximos, contou aos berros: — Um, dois...

Anne, trêmula, cedeu.

— Sim!

— Aonde? Vamos!

Vendo seus pais sob a mira de um revólver, disse chorando:

— No... escritório... do papai!

Mas não precisaram entrar novamente na casa para vistoriá-la. O hóspede veio ao encontro deles, trajando a roupa de um oficial da SS. Ouvira a armadilha que o oficial armara para as crianças e sabia que Anne seria a primeira a ceder. Todos ficaram perplexos com sua aparição. Apontando sua arma para ele, o oficial lhe perguntou:

— Que roupas são essas? — E os demais policiais o agarraram brutalmente, enquanto o oficial refez a pergunta:

— De onde furtou essa farda?

— Larguem-me ou serão punidos. Serão todos fuzilados.

— Mas quem é você?

O hóspede, desgarrando-se deles, lhes mostrou documentos. Um dos soldados arrancou-lhe os documentos

das mãos e os entregou ao oficial, que os analisou, atônito. Mas o inumano chefe da missão era uma pessoa experiente.

— A cópia do documento parece perfeita, mas você é uma cópia barata da raça ariana. Sua face judia não nega sua raça.

— E bradou: — É um espião judeu! Assassinem-no.

E quando iam atirar nele, o hóspede, em vez de se intimidar, reagiu com notável autoridade. Falou algo que perturbou o dr. Kurt e deixou confuso o oficial da SS.

— Não sabia que o poderoso Reinhard Heydrich também tinha aparência judia? Himmler, Adolf Eichmann, Otto Fegelein, o dr. Ernest Kaltenbrunner, saberão dessa infâmia. Estou aqui em missão secreta para investigar esta família.

O oficial ficou inseguro diante desses nomes, não conhecia a todos. Ouvira falar de Heydrich, do general Kaltenbrunner e do poderoso líder supremo da SS, Himmler, mas não os conhecia pessoalmente.

— Se me ferir, irá para a corte marcial — disse o estranho, fitando bem nos olhos o oficial.

De repente, o estranho olhou pelas frestas da carroceria do caminhão e o viu lotado de pequenos meninos, meninas, mães, pais, idosos. A cena lhe esmagou o coração. Ficou tão emocionado que apertou seus olhos para segurar as lágrimas. Tentando disfarçar seus sentimentos, se aproximou do dr. Kurt e de sua mulher e bradou:

— Respeitem a grande Alemanha!

Pensando que ele estava criticando a contaminação da Alemanha pelos judeus, o oficial apontou a arma para os pais

de Anne e Moisés. Mas o hóspede interveio veementemente:

— Respeitar a grande Alemanha é respeitar a honestidade dos seus cidadãos. O senhor é honesto, oficial?

— Sim, claro que sou.

— O maior poder de um ser humano está nas armas ou nas palavras?

— Bom, eu... — falou titubeando, mas, antes de completar sua ideia, o estranho o interrompeu.

— O Führer diria nas palavras. Nunca ouviu seus discursos?

Lembrando-se dos longos discursos de Adolf Hitler que ouvia no rádio, o oficial reconheceu que era nas palavras.

— Eu ouvi a sua proposta feita a essas crianças. Elas foram sinceras ao responder à sua pergunta. Preserve esta família, cumpra sua palavra, respeite a grande Alemanha.

— Mas são judeus... — disse o oficial, perturbado. Porém, aquele ousado estranho o abalou mais ainda.

— Com esse comportamento, jamais ganhará uma Espada de Honra da SS, um Anel de Honra, uma Cruz de Mérito de Guerra, nem sequer uma Cruz de Ferro de segunda classe.

O oficial ficou surpreso com seu conhecimento sobre a indústria de honrarias da SS. Amava essas medalhas e sonhava ansiosamente em ganhar uma delas. Não podia correr o risco de manchar sua história.

— Os pais vão para o caminho. As crianças podem ficar, pelo menos por enquanto. Senhor... — E olhando nos

documentos, citou o nome do estranho. — Senhor Júlio Verne.

Júlio Verne seguia escoltado na cabine do caminhão para que suas palavras e sua identidade fossem verificadas. Enquanto o caminhão transitava pela pista esburacada e chacoalhava seu corpo, ele olhava para a carroceria e sentia que sua mente ia estourar. Sabia o tratamento que essas pobres criaturas em breve teriam. Dois quilômetros à frente, entrou em pânico. Como um louco, mesmo sabendo que poderia ser fuzilado de imediato, gritou sem parar para que o caminhão interrompesse seu curso. Se não tentasse salvá-los, já estaria morto.

— Parem! Parem o caminhão! Que espécie é essa que assassina seus próprios filhos? Parem!

Júlio Verne se debatia na cama desesperadamente. Ofegante e em completo desespero, subitamente despertou de mais um pesadelo. Outra vez sentiu a história pulsar em suas artérias. Dessa vez não se acovardou nem se autoflagelou, mas parecia que estava enfartando. Katherine, vendo-o agitado, trêmulo e com calafrios, abraçou-o e tentou acalmá-lo. Sentiu o suor dele molhando sua pele. O quarto de hotel tornou-se um pequeno cubículo para conter tanta comoção. Sentado na cama, roçou suas mãos sobre os cabelos e, angustiado, disse:

— Eu estive lá, Kate. Eu conheci as crianças.

— Júlio, acalme-se. Foi outro pesadelo.

— Não, Kate, eu conheci Anne e Moisés Kurt!

— Quem?

— As duas crianças que me enviaram a carta.

Foi então que ela se lembrou, assustada, de alguns de seus dizeres:

Querido tio Júlio Verne,

Fique tranquilo, a sra. Fritz disse que cuidará de nós enquanto o papai e a mamãe estiverem na Polônia... Depois que saímos de nossa casa, fizeram um leilão com tudo que tínhamos lá... Levaram também nossos brinquedos e nossas roupas. Anne chora muito. Perdemos tudo. Eu não entendo: por que nos odeiam?... Eu e a Anne não aguentamos de saudades deles... Esse será o inverno mais triste de nossa vida.

Obrigado por ter-nos ajudado. Um beijo de

Moisés e Anne Kurt

Após uma longa pausa Júlio Verne comentou:

— Anne era esperta, meiga, sensível. Moisés era gordinho, belo, corajoso.

E lhe contou o que sonhou. Após o surpreendente relato, Katherine começou a bombardeá-lo com perguntas. Mas ele a interrompeu.

— Por favor, Kate, não me peça explicações. Não as tenho.

Katherine, percebendo Júlio Verne confuso, abalado e ainda taquicárdico, fez a oração dos sábios: o silêncio... Só o

silêncio era capaz de conter as inumeráveis dúvidas que saturavam a mente deles.

CAPÍTULO 15

O MESTRE DOS DISFARCES: SEDUZINDO AS RELIGIÕES

O último pesadelo e os estranhos fatos que envolviam os personagens Moisés e Anne ressuscitaram o temor de Katherine de que o homem que ela escolhera para dividir sua história poderia estar tendo uma doença mental. Estavam num confortável hotel pago pelo governo, e as refeições eram servidas no próprio quarto. O professor, atordado, não conseguiu tomar café naquela manhã. No início da tarde, tentou almoçar. Colocou uma porção de alimentos na boca, mas não sentia o sabor como antes. À noite, seu corpo suplicava por nutrientes, mas sua angustiada emoção continuou suprimindo seu prazer de comer. Mente e corpo se digladiavam na arena do seu estressado cérebro.

— Você não pode continuar assim, Júlio. Tem de se alimentar, senão vai debilitar seu sistema autoimune.

— Eu sei, Kate, mas não sou dono do meu corpo — disse ele se sentindo impotente.

— Mas você pode e deve proteger sua emoção. Afinal de contas, terá um grande compromisso esta noite. Billy logo estará aqui com uma escolta de policiais.

Raramente deixavam as cercanias do hotel onde haviam sido hospedados. Como estavam sob forte proteção policial, só saíam escoltados, algo que os incomodava. Embora um tanto desnutrido, para ele essa noite seria um desafio complexo e inadiável. O famoso Júlio Verne sempre era convidado por diversas instituições para dar conferências, mas, devido às implacáveis perseguições, rejeitava quase todas. A recomendação era que evitasse ao máximo as exposições públicas. Mas não desmarcara o convite daquele dia, às 20 horas. Afinal de contas, era o Primeiro Congresso Internacional sobre Tolerância, Solidariedade e Paz Social, patrocinado pelas mais importantes religiões do planeta. Falaria para uma plateia à qual jamais havia se apresentado, para líderes católicos, protestantes, islamitas, judaicos, budistas, bramanistas e mais dezenas de outras religiões.

Num nobilíssimo gesto, os líderes das mais diversas religiões resolveram criar uma associação internacional para promover a fraternidade, a inclusão social, o respeito incondicional, num mundo onde o preconceito aflorava, o terrorismo se propagava, representantes de diferentes religiões se agrediam, partidos políticos se digladiavam e nações competiam ferozmente pelo mercado. Queriam pôr fim a toda espécie de terrorismo. Era o primeiro grande evento da nova agremiação. Haveria 411 líderes dos mais diversos países, todos portadores de notável nível cultural e dotados de extraordinária influência social. Haveria chefes de Estado participando.

Havia vários conferencistas; Júlio Verne era um deles. Esperavam que o intrigante professor falasse sobre a intolerância, a exclusão racial e a relação de Hitler com a religiosidade. Um tema interessante, mas o professor estava inicialmente distante, tinha vontade de se isolar; antes de dar qualquer contribuição ao mundo, queria tentar reorganizar seu pequeno e perturbado mundo. Billy apareceu às 19h15, como havia marcado. Como tinham que percorrer ruas movimentadas, logo partiram num carro blindado. Billy estava no banco da frente, com um experiente motorista, também policial. Katherine e Júlio Verne estavam atrás. Quatro policiais os acompanhavam em outro carro.

Não tardou para o professor ficar novamente inquieto. Durante o trajeto, apareceu um carro em alta velocidade que ficou por um instante paralelo ao deles. No banco de trás havia um jovem em torno de 25 anos, loiro, cabelo bem aparado, estilo militar, que fez um gesto com as mãos como se estivesse apontando uma arma para Júlio Verne. O professor fixou seu olhar no sujeito e levou um susto: parecia o oficial com que sonhara na última noite, que estava na casa do dr. Kurt e era encarregado de deportar as famílias para a Polônia.

Júlio Verne esfregou seus olhos para ver se não era uma miragem. De repente, em vez de avançar, o carro desacelerou suavemente, e o motorista ficou lado a lado com o professor. Ambos se entreolharam. Mais um ataque de medo. O motorista parecia o homem que quase o matara na

manhã seguinte ao primeiro pesadelo, o suposto Heydrich. E, por incrível que pareça, assemelhava-se ao próprio personagem da história. Em seguida, o motorista acelerou e não causou nenhuma confusão, pelo menos naquela breve fagulha de tempo.

Júlio Verne pensou consigo o que uma mente estressada não é capaz de imaginar. Em seguida, comentou com Katherine:

— Não estou passando bem. Parece que vi o carrasco do meu último pesadelo no carro que acabou de passar por nós.

Billy ouviu.

— Carrasco do último pesadelo? O que está acontecendo, professor?

Não dava para explicar para o inspetor. Este o internaria.

Preocupadíssima, Katherine tentou mais uma vez acalmá-lo.

— Você sabe que os sonhos, ainda que tentem traduzir uma realidade, são meras construções virtuais.

— Claro que sei. A imaginação não se materializa... — E, abatido, admitiu: — Mas talvez eu realmente esteja doente. O que construo em minha mente é o que estou querendo enxergar. Mas o incrível é que o motorista que quase me matou há tempos estava dirigindo o carro. E ele não é virtual.

Contudo, o motorista do veículo em que estavam o interrompeu:

— Percebi algo estranho naquele carro. Tive a impressão de que o passageiro do banco de trás fez um gesto como se sua mão esquerda fosse uma arma.

Júlio ficou aliviado, pelo menos tudo aquilo não era fruto de sua imaginação. Mas isso não resolvia o problema. Contudo, Billy tentou tranquilizá-los.

— Lembre-se, este veículo é blindado. E já sinalizei ao carro que nos acompanha para ficar alerta. Talvez seja melhor desistir da conferência.

— Não. Eu preciso estar lá.

De repente, sob o comando de Billy, o carro que levava o casal, bem como o que levava os policiais que os acompanhavam, fez uma curva brusca e mudou de rota. Seguiram um trajeto não usual para atingir o anfiteatro. Não houve mais atropelos. Chegaram ao local apenas dois minutos além do horário marcado para a conferência, uma heresia para britânicos. Foram recebidos com entusiasmo por Dorothy e pelos demais organizadores do evento, mas o professor estava visivelmente pálido. Logo foi encaminhado ao palco. E, mesmo desconcentrado, ainda era provocador, como sempre. Fez inicialmente a pergunta mais óbvia do mundo, quase sem sentido, pela natureza da plateia.

— Quem crê em Deus, de alguma forma?

Todos levantaram a mão.

— Quem considera aviltantes as ações de Hitler?

A pergunta era mais óbvia ainda, tinha um sabor de ingenuidade, ainda mais pelo nível intelectual do público.

Todos levantaram a mão.

O professor olhou demoradamente para a plateia e, sem meias palavras, os chocou.

— Desculpem-me, mas muitos religiosos como vocês, pessoas do mais alto nível e com as melhores intenções humanitárias, apoiaram Hitler naqueles áridos tempos.

Atônitos, os líderes se perguntaram:

— Como pode ser isso? Impossível! Jamais!

Então o mestre emendou uma pergunta:

— Se vocês tivessem vivido na Alemanha nazista e dispusessem de informações reduzidas sobre as atrocidades que Hitler cometia, resistiriam ao seu poder e influência?

Todos ficaram calados. Katherine achou que Júlio Verne fora um pouco indelicado com aqueles respeitados homens. Achou que ainda estava sob efeito do último pesadelo. Sabia que uma mente depressiva contraía a tolerância, talvez fosse isso que estivesse acontecendo com Júlio Verne, pensou. O professor olhou para a plateia e, como detestava a passividade, provocou-a:

— Por favor, intervenham, discutam e discordem quando e como quiserem de minha fala.

— Sabemos que houve o silêncio de alguns importantes religiosos, mas crer que eles tenham apoiado esse fanático é improvável — comentou o dr. Theo, um bispo da Igreja Anglicana.

— Sim! Crer que um líder religioso de expressão tenha não apenas silenciado como referendado Hitler é inaceitável

— afirmou James, um teólogo católico romano.

Diante disso, Júlio Verne silenciosamente meteu a mão no bolso direito e tirou uma carta escrita por religiosos em elogio a Hitler. A plateia se escandalizou:

[...] O senhor, meu Führer, conseguiu eliminar o perigo bolchevique no país e agora chama nosso povo e os povos da Europa para o enfrentamento decisivo contra o inimigo mortal de toda a cultura cristã ocidental [...] O povo alemão — e, com ele, todos os seus membros cristãos — agradece esse feito ao senhor...

Que o Deus Todo-Poderoso esteja ao seu lado e ao lado do nosso povo, fazendo com que sejamos vitoriosos contra o inimigo duplo que deve ser alvo do nosso querer e agir. A Igreja Alemã comemora, nesta hora, os mártires religiosos do Báltico, de 1918. Ela lembra o sofrimento anônimo que o bolchevismo, como fez com os povos sob seu domínio [...] e está em oração com o senhor e com os nossos valentes soldados [...] para que haja sob sua liderança uma nova ordem e que chegue ao fim toda destruição interna, toda profanação ao sagrado, todo ataque à liberdade de consciência.^[103]

Ao ouvirem aquela carta, os participantes se entreolharam embasbacados; não conseguiam acreditar na sua veracidade.

— Certamente não foi nenhum importante líder religioso que a redigiu, mas algum fanático sem instrução! — rebateu o dr. Theo.

Mas o professor Júlio Verne deu a referência bibliográfica e o endereço.

— Desculpe-me, mas a carta foi escrita pelo Conselho Eclesiástico da Igreja Alemã. E assinada por Maharens, Schultz, Hymmen em 12 de julho de 1941.

Os ícones religiosos perguntavam uns aos outros:

— Como podem renomados religiosos ter escrito essas palavras para Hitler? Como podem suplicar que o Todo-Poderoso esteja ao lado do maior assassino da história?

— Embora Hitler fosse um dissimulado e a Conferência de Wannsee em Berlim, presidida por Heydrich, que construiria a solução final da questão judaica, viesse a ocorrer seis meses depois, em janeiro de 1942, não há desculpas para esses religiosos. Talvez não soubessem dos campos de concentração, mas o expurgo de judeus, as leis de Nuremberg, a Noite dos Cristais e muitas outras barbaridades já tinham acontecido à vista de todos.

E o professor continuou:

— O apoio desses líderes religiosos alemães à guerra contra a Rússia é emblemático. O bolchevismo russo, capitaneado por Lênin, havia eliminado o direito de expressão, inclusive a liberdade religiosa. Mataram os ícones religiosos, proibiram rituais, silenciaram vozes. Quando Hitler invadiu a Rússia, esses líderes se lembraram dos sofrimentos de seus pares e, num ufanismo cego, apoiaram a invasão. Reagiram como qualquer ser humano, pautados pela ação e reação. Nutriram a violência com a violência.

Tais cristãos, que dizem seguir o homem Jesus, rasgaram o tratado de tolerância e solidariedade que ele proclamou em prosa e verso no Sermão da Montanha e que reflete as mais extraordinárias teses pacifistas — afirmou o professor de história Júlio Verne que, embora judeu, conhecia muito bem a história de Jesus.

A plateia ficou novamente emudecida.

— Eu sou budista e concordo com seu pensamento — disse Herbert, um notável líder religioso. — Conheço o livro sagrado dos cristãos e me surpreendo com sua apologia à mansidão, que é totalmente contrária não apenas ao nazismo, mas ao próprio instinto humano: “Felizes os mansos porque herdarão a terra! Se alguém lhe ferir uma face, dê-lhe a outra...!”. Quem herda a terra em seus mais figurados sentidos não são os que exercem o poder, a pressão ou a coação, mas os que exalam a paciência. Infelizmente, alguns religiosos do tempo de Hitler negaram isso.

Os líderes, em especial os cristãos, ficaram chocados com essas conclusões, ainda mais elaboradas por um professor de origem judaica e um líder budista. Fizeram um mergulho introspectivo e começaram a refletir sobre a história e suas próprias histórias. Hitler odiava o marxismo, mas, para invadir a Polônia e não abrir outra frente de guerra, precisava fazer um tratado de não agressão com a Rússia, que também fazia fronteira com a Polônia. Dois anos após invadir a Polônia, Hitler traiu esse tratado. Enquanto a

Rússia enviava carregamentos de alimentos pelas estradas de ferro para a Alemanha, Hitler a estava sorrateiramente invadindo por terra.^[104] Stálin não confiava em Hitler, mas não imaginava que ele fosse romper tão rapidamente o tratado germânico-russo.

Youssef, um líder islamita, que estava na parte central do anfiteatro, interessado em conhecer a estrutura do caráter de Hitler, interveio com uma questão:

— Hitler tinha uma personalidade inabalável? Foi ele titubeante em alguma época?

— Sim! Antes de invadir a Polônia, hesitou diversas vezes, ficou insone, ansioso, aflito, temia a reação da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos e de outros países. Mas, como um vampiro social, à medida que tinha sucesso em suas campanhas, ficava mais forte, ousado, megalomaniaco.

— Sabemos que Hitler tinha uma admiração por Napoleão Bonaparte. A derrota deste, ao invadir a Rússia, não inibiu sua ambição geopolítica? — indagou Thomas, um teólogo protestante.

— O sonho de muitos admiradores é superar seus ícones. Hitler não queria cometer os mesmos erros que Napoleão. Estrategista, preferia, como sempre, os ataques-relâmpago, regados a surpresas. Usou um dos maiores aparatos militares da história: 3 milhões de soldados, 3 mil tanques, 7 mil canhões, 7 mil aviões. Em 24 horas, destruiu 1.500 aeronaves russas. Tudo indicava que seria vitorioso. Para

esse psicopata, os povos eslavos eram uma raça inferior, não mereciam crédito nem sentimentos.^[105]

Contrariando seus estrategistas, Hitler dividiu as tropas em três frentes para dominar Leningrado, Kiev e Moscou. Esperava levar em quatro meses, antes da chegada do inverno, a grande Rússia a capitular. Mas desconhecia as forças da natureza. O avanço, que deveria ser rápido, não tardou a encontrar grandes obstáculos: a fome, a falta de estradas, a diarreia (havia soldados que tinham trinta crises de diarreia por dia), o tifo, os piolhos, as chuvas torrenciais e a lama que grudava como cola nas máquinas alemãs. E, por fim, devido à resistência russa, a campanha atrasou e o intenso inverno chegou. O poderosíssimo exército alemão viu seus piores dias chegarem. Os “demônios” que perturbaram Napoleão e que os alemães tentaram engenhosamente exorcizar os assombraram. Sob as ordens expressas de Stálin, agricultores e moradores dos vilarejos e cidades usavam a estratégia da “terra arrasada”: queimavam tudo que era possível ser ingerido ou usado pelo exército alemão e partiam.

— Mas essa guerra foi um suicídio coletivo — expressou Thomas.

— Foi um verdadeiro suicídio para os jovens alemães. As ações revelam o coração. Hitler nunca amou a juventude alemã e muito menos a raça ariana como tentava mostrar em seus discursos. Centenas de milhares de jovens alemães estavam despreparados para as intempéries ambientais.

Servindo às ambições de um homem, morreram fora de sua pátria. Como vassalos dos generais nazistas, muitos nem sequer sabiam os reais motivos pelos quais seus corpos tombavam numa luta insana. Não poucos daqueles garotos deliravam à beira da morte pedindo os braços de seus pais.

Hariri, um líder hinduísta, sentindo liberdade em expor suas ideias, comentou:

— Em sua gana de destruir o socialismo russo, o líder da Alemanha se esqueceu das crianças que brincavam nessa nação, dos adolescentes que sonhavam, das mães que amavam. E se esqueceu inclusive da dificuldade de dominar o indomável pendor humano pela liberdade.

— Ao invadir a Rússia e outros povos, Hitler inspirou-se no passado da Inglaterra, que dominou povos, em especial a Índia, uma enorme nação, com um número reduzidíssimo de prepostos em relação ao dos habitantes locais — comentou o professor.

O professor ainda comentou que o desastre estratégico na invasão da Rússia preanunciou o começo do fim de Hitler. Na guerra, a emoção embrutece; na guerra nazista, se transformava em pedra. Os soldados alemães se tornaram impiedosos ao encontrar judeus russos.

— Como podem os homens abater seus semelhantes sem os olhar minimamente com os olhos deles? Que mentes são essas que se recusaram a enxergar a dor latente de pessoas inocentes? — indagou Jack, outro líder protestante.

Um rabino judeu, Joseph, um dos grandes estudiosos da Torá, respondeu por Júlio Verne.

— No início, os judeus, homens e mulheres, eram escoltados para as florestas com pás e, sem saber o que fariam, lá cavavam suas próprias sepulturas. Mas Himmler, o carniceiro da SS, achou o método demorado demais. Com isso, mudou a estratégia, começou a usar as valas comuns. E ali assassinava famílias inteiras.

Todos esperavam que o professor continuasse a falar, mas, nesse momento, sua voz se embargou. Detonando o gatilho de sua memória, recordou o primeiro dos seus recentes pesadelos. Recordou-se do pai que olhou nos olhos do filho e das palavras inexprimíveis para consolá-lo.

William, um bispo católico romano, fez uma pergunta que levou o professor a dissipar as imagens dolorosas da sua mente.

— E quanto aos prisioneiros russos? Houve solidariedade mínima para com eles por parte do exército nazista?

— A sorte de centenas de milhares de prisioneiros russos também não foi diferente. O custo para mantê-los, associado ao fato de serem considerados seres de segunda classe, fizeram com que fossem assassinados ou mortos nos campos de prisioneiros pela inanição, por doenças e pelo frio.

— Você começou sua conferência com uma carta. Era comum Hitler recebê-las? — perguntou o dr. Theo.

— As cartas recebidas por Hitler dependiam da sua curva de popularidade. Em 1925, quando era um mero pregador de ideias radicais em ambientes miseráveis, as cartas cabiam numa única pasta de arquivo. No primeiro quadrimestre de 1933, o chanceler recebeu mais de 3 mil cartas. Mas ainda era um líder exótico e visto com desconfiança. No fim desse ano, o sedutor de mentes e corações recebeu 5 mil cartas. Em 1934, recebeu pelo menos 12 mil cartas. Em 1941, no calor da guerra e das tensões sociais, recebeu 10 mil cartas. E, à medida que foi se tornando um tirano derrotado, as cartas começaram a desaparecer.^[106] Em seu aniversário de 1945, o deprimido Hitler recebeu reduzidíssima correspondência, e menos de cem pessoas apareceram para cumprimentá-lo, a maioria das quais pertencia à Juventude Hitlerista.

Em seguida, o professor tirou outra carta do bolso:

A União das Igrejas Livres envia ao senhor, meu Führer, os mais cordiais votos de felicidades pelas vitórias estupendas do leste, na certeza de que o senhor, como ferramenta de Deus, finalmente acabe com o bolchevismo, com o poder do inimigo de Deus e do cristianismo, assegurando não só o futuro da querida pátria alemã quanto o da nova ordem europeia. Reafirmamos nossas preces e nossa incondicional disposição ao sacrifício.

Diretor Paul Schmidt

Bispo Melle, 25 de agosto de 1941.^[107]

Todos os presentes ficaram novamente perplexos ao ouvir os dizeres dessa carta.

— Que admiração é essa? Que fascínio é esse que ele exercia sobre os religiosos? — comentou, indignado, Jack. — Que ousadia é essa em dizer que este crápula era ferramenta de Deus?

— Eu já estudei esse assunto — comentou o dr. Theo. — Hitler foi embalado como uma espécie de semideus para uma sociedade fragilizada política e economicamente. Aliás, Hitler, Göring e Himmler, enfim os principais dirigentes do Partido Nazista, eram envolvidos em práticas místicas ocultistas e visões religiosas.^[108]

— Mesmo Bormann, que cuidava das finanças e do acesso a Hitler, bem como Goebbels e Rosenberg tinham uma queda pelo ocultismo. Goebbels, em especial, apresentava-o como o “Messias da Alemanha”, o grande timoneiro da Europa. Era a religião a serviço do Estado.^[109]

O professor comentou que os comícios do partido eram encenados numa atmosfera quase religiosa.

— Por mais inacreditável que seja, a Alemanha estava tão fascinada por Hitler que o prefeito de Hamburgo teve a ousadia de declarar: “Podemos nos comunicar diretamente com Deus por meio de Adolf Hitler”. Em 1937, um grupo de religiosos já via Hitler como uma espécie de messias: “A palavra de Hitler é a lei de Deus”.^[110]

E comentou que naquele ano mais de 100 mil alemães abandonaram formalmente a Igreja Católica. Não

precisavam de religião, precisavam seguir Hitler. Uma minoria de adeptos católicos e protestantes era praticante. Os jovens haviam perdido a sua consciência crítica. Raros eram os que tinham opinião própria.

— E por mais absurdo que pareça, mesmo após o término da guerra, nos julgamentos de Nuremberg, Baldur von Schirach, o líder da Juventude Hitlerista, ainda não perdia sua fé no messianismo de Hitler. Foi mais longe que muitos apóstolos de Jesus em seus últimos dias. Não o negou, como Pedro.

A plateia se alvoroçou, estava perplexa. E o professor proferiu estas palavras:

— Baldur, o líder da Juventude Hitlerista, disse: “Servir a Alemanha é, para nós, servir verdadeira e sinceramente a Deus; uma bandeira do Terceiro Reich é, para nós, a bandeira de Deus; e o Führer é o salvador do povo que Ele nos enviou”.^[111] Hitler era, portanto, senhoras e senhores, mais do que aquele que uniu os alemães e ofereceu trabalho às massas; ele era o guia, o messias para milhões de pessoas.

Os líderes islâmicos, judaicos, católicos, protestantes, ortodoxos, bramanistas, budistas, hinduístas, conversavam uns com os outros sobre até onde um líder é capaz de dominar o psiquismo de uma sociedade e impor-se como sobre-humano. A arte da “dúvida” sempre foi o princípio da sabedoria na filosofia, e a Alemanha teve uma das filosofias mais profícuas e maduras, mas a capacidade de duvidar foi

abortada pela propaganda de massa e pelos atos engenhosamente encenados por Hitler no teatro social.

Enquanto a plateia estava em alvoroço, de repente um jovem esbelto, loiro, de olhos azuis, que estava sentado na última fileira, junto à porta de saída do anfiteatro, começou aos brados a dialogar em alemão com Júlio Verne. Como apenas alguns participantes, entre eles o próprio professor, sabiam falar o alemão, o público ficou sem entender o que estava ocorrendo, nem mesmo Billy ou Katherine. Atônito, o professor não traduziu o intrigante diálogo para não causar tumulto à reunião.

— Professor Júlio Verne, vim de muito longe para assassiná-lo. Mas depois de tudo que ouvi nesta reunião estou confuso e desesperado. Descobri que nossa mente foi entorpecida pelo Führer.

Tentando manter a calma, o professor perguntou, também em alemão:

— Mas quem é você?

— Como quem sou eu? Estivemos juntos na peça *Irmãos de sangue*.

O professor engoliu saliva e deu um suspiro proeminente.

— Peça? Mas que peça? Nunca o vi antes. Diga-me quem é você realmente.

— Lembra-se, sou Alfred, um dos líderes da Juventude Hitlerista, braço direito de Baldur von Schirach?

O professor teve calafrios ao ouvir essas palavras. Billy e Katherine estavam na plateia. Sabiam que havia algo errado,

mas não entendiam o quê. E, antes de partir, o jovem, aflito, finalizou:

— Nossa juventude está sendo enterrada viva. — E bateu rapidamente em retirada, como se estivesse fugindo de um fantasma ou assinando sua sentença de morte por sua crítica a Hitler.

O professor ficou sem fôlego. Tentou dizer “espere”, mas não deu tempo. Só indicou a Billy para segui-lo, o que o inspetor fez.

Júlio Verne estava no meio do seu tempo de preleção. O professor tinha ainda alguns importantes assuntos a tratar, mas não sabia como se conduzir. Os participantes do evento conversavam uns com os outros para saber o que estava ocorrendo. Ninguém se entendia. Katherine queria ir ao seu encontro, mas ele estava no palco, visivelmente preocupado. Lendo o olhar dela, Júlio Verne pediu desculpas à plateia e solicitou um intervalo de 10 minutos. Seu pedido foi atendido. Começou a temer pela segurança dos presentes. Precisava conversar urgentemente com Billy.

CAPÍTULO 16

AS LOUCURAS DO III REICH

Durante o intervalo, o professor traduziu o incompreensível diálogo para Billy e Katherine. O inspetor, preocupadíssimo, rapidamente acionou os policiais que faziam sua segurança. Depois de vasculharem toda a área, concluíram que o jovem não se encontrava mais no ambiente e não havia mais ninguém suspeito, pelo menos fora do prédio.

— Eu não entendo. O jovem Alfred afirmou que me conhecia.

— Explique melhor. Ele disse que estiveram juntos numa peça teatral?

— Sim. E foi mais longe, disse o nome da peça, *Irmãos de sangue*.

— E você já esteve nessa peça? — indagou o inspetor.

— Não, pelo menos que eu me lembre. E o que é espantoso é que ele disse que a conferência abriu seus olhos, que descobriu que a juventude alemã estava contaminada. Mas se referia à juventude daquela época, dos tempos do nazismo.

— Pelo que eu saiba e pelo que estudei em psicologia social, só houve uma Juventude Hitlerista, na Alemanha de

1933 a 1945 — afirmou Katherine.

— É estranho. Ele se identificou como Alfred, o braço direito de Baldur von Schirach, o líder da Juventude Hitlerista, o mesmo que citei na conferência e que considerou Hitler um messias no julgamento de Nuremberg.

— Mas não há ninguém na lista de participantes com esse nome.

— Parece que estou enlouquecendo.

— Ou então, professor, você é um Indiana Jones dos dias atuais, um viajante do tempo. Renan explica isso — disse, com um sorriso no rosto, tentando relaxar o ambiente.

— Billy!!! — exclamou Katherine.

Subitamente chegaram os seguranças e lhe trouxeram o relato. O sujeito não foi encontrado, nem deixou vestígios.

— Bem, professor. Parece que, se havia perigo, ele foi dissipado. Se você quiser, pode continuar sua conferência — comentou Billy.

Júlio Verne ponderou amedrontado:

— É a primeira vez que os principais líderes mundiais das mais diversas religiões se reúnem para promover a paz, a tolerância e a inclusão social. Imagine as consequências de um atentado aqui!? Eles não se reuniriam mais. A humanidade perderia uma grande oportunidade de respeitar as diferenças e abrandar o terrorismo e suas disputas.

Katherine percebeu o medo estampado na face de seu marido, mas, pensando na sua saúde mental, considerou que seria melhor que ele continuasse sua exposição.

— Lembre-se do que você já nos disse: “Quem não tem nenhum tipo de medo é irresponsável. Coragem não é ausência do medo. É o controle dele”. Domine-o e continue sua preleção. Explicar o que está ocorrendo conosco gerará mais tumulto. Nem nós temos as explicações. Falar para esses líderes é um privilégio, até presidentes de nações queriam ter essa oportunidade. Tente ser breve.

Nesse momento, o professor, e não seu marido, entrou em cena.

— Kate, como eu poderia ser breve numa conferência dessa envergadura sem cair no superficialismo? Muitos desses homens e mulheres são mais cultos que eu em diversas áreas! Eles têm fome e sede de conhecimento. — Porém, respirando profundamente, procurou ouvi-la: — Mas vou tentar.

Billy deu o aval de que reforçaria a segurança, alertaria todos os policiais para intervir em qualquer ato suspeito. O professor, mais calmo, voltou ao palco e se esforçou para ter o mesmo entusiasmo. Precisava ser bombardeado pelas perguntas para se reanimar, o que não tardou.

Nancy, uma teóloga da Igreja Anglicana, após ouvir as primeiras palavras de Júlio Verne, quebrou o clima de apreensão.

— É surpreendente que um homem tosco, grosseiro, radical fosse capaz de seduzir uma das sociedades mais cultas da história. Que técnicas Hitler usou e que poderiam

ser usadas por outros líderes para flertar com novas sociedades em crise, inclusive instituições religiosas?

— Um ser humano em um surto psicótico nunca delira dizendo ser um personagem anônimo da sociedade, tal como um faxineiro. Ele se projeta num ícone social, como um famoso presidente, rei, ditador ou até numa figura religiosa proeminente. A sociedade também pode viver uma espécie de psicose coletiva em tempos de caos socioeconômico, rebaixando sua consciência crítica e se projetando num grande líder portando soluções salvadoras. Notem que palavras profundas ditas por pessoas anônimas podem não ter grande destaque, e palavras débeis ditas por celebridades acabam adquirindo um *status* elevado. Tal injustiça intelectual é reflexo solene do cárcere do processo de interpretação a que podemos nos submeter.

Preocupado com esses mecanismos que asfixiam a liberdade, Kemal, um intelectual do islamismo, concluiu:

— O culto à personalidade que certos líderes e ditadores difundem é um dos maiores instrumentos de controle das massas. É tempo de exaltarmos os anônimos e estimulá-los a ter uma mente crítica para entender que todos os líderes sociais, inclusive nós, existem para servir e não para ser servidos.

A plateia o aplaudiu entusiasmadamente, inclusive o professor, que em seguida comentou:

— De fato, o culto à personalidade imprimido por Hitler era tão insidioso que, quando ele entrava num ambiente,

todos se aquietavam, as risadas eram silenciadas, as vozes, caladas. Era um semideus. Chegou inclusive a substituir a Páscoa e o Natal por festividades nacionais. E a cruz, como símbolo cristão, pela suástica. Ele se serviu da religião para subjugar a sociedade.^[112]

Paolo, um dos grandes teólogos da Igreja Católica Apostólica Romana, PhD em filosofia, perplexo com o holocausto acrescentou:

— A Alemanha era um país majoritariamente cristão. Mas para Hitler as teses sociológicas e humanistas de Jesus eram um tormento. Hitler eliminou doentes mentais, Jesus investiu tudo que tinha nos combalidos. Hitler não admitia opositores, o mestre de Nazaré recomendava a poesia do perdão. Sua afetividade era um escândalo para o nazismo.

O professor sabia disso e completou o pensamento de Paolo:

— Para Hitler, o “Jesus Judeu” ensinava uma “ética feminina de piedade”. Proteger os diferentes e os que viviam à margem da sociedade, como os leprosos e os doentes mentais, era uma heresia inaceitável para Hitler e seus doze apóstolos (Himmler, Göring, Goebbels, Rosenberg, Hess, Ribbentrop, Schirach, Streich, Frick, Funk, Brauchitsch, Ley).^[113] Por isso, os pais alemães foram desencorajados de enviar seus filhos a qualquer escola religiosa que fosse. Para substituir a religião na Alemanha foi instituído o “culto ao Führer, do sangue e do solo”. Hitler, esperto que era, não ia

exteriormente contra a Igreja, mas nos bastidores ele a minava sorrateiramente.^[114]

Houve um alvoroço na plateia. Os religiosos ficaram atônitos com a perspicácia do Führer em influenciar e manipular as crenças do povo alemão. Após essa exposição, Katherine entrou em cena. Como psicóloga social, era uma especialista em ciência da religião.

— Hitler foi supervalorizado em ambientes nos quais deveria ser minimizado, destacadamente nos espaços acadêmicos e religiosos. Seduziu o psiquismo de muitos com uma pesada propaganda que valorizava a sociedade, a autoestima, o bem-estar social e até “Deus”, só que esse deus era criado à sua imagem e semelhança, ele o chamava de “Providência”. Aliás, citou mais de mil vezes a palavra “Providência” em seus discursos públicos e reuniões íntimas.

O professor Júlio Verne fez coro a esse questionamento e comentou que, ao assumir o poder, Hitler observou a febre partidária, as disputas irracionais e a crise social, e fez em 1933, com uma habilidade surpreendente, um apelo dramático pelo rádio conclamando a união nacional com expressões místicas e sociais fortíssimas.

Imitando a voz do Führer, o professor reproduziu alguns trechos do seu primeiro discurso logo após se tornar chanceler.

— “Desde o dia da traição de novembro de 1918”, aqui ele está se referindo à assinatura do Tratado de Versalhes, “o

Todo-Poderoso deixou de abençoar nosso povo”. Tal expressão evidencia que os alemães que assinaram ou ratificaram esse tratado seriam vingados e perseguidos em seu governo. E ele se considerava o único para essa missão: “Vou restaurar a unidade de espírito e de vontade de nosso povo”. E, ludibriando os religiosos, prometeu colocar sob sua proteção “a cristandade, que é a base de toda a nossa moral, e a família, célula *mater* de nosso povo e nação”.[115] Ao prometer defender a religião, a família e o povo, Hitler, mostrou uma notável habilidade para tocar a música que as pessoas queriam dançar. Fascinadas, anos mais tarde ele as atiraria no mais lúgubre abismo.

Inspirado pela exposição de Júlio Verne, William, um teólogo protestante, estudioso do misticismo dos nazistas, comentou enfaticamente:

— Hitler era tão manipulador da religião que tinha a ousadia de terminar alguns discursos usando a estrutura de linguagem semelhante à da oração Pai-Nosso para exaltar a grandeza do seu governo: “Soará a hora em que milhões de seres que hoje nos detestam cerrarão fileiras atrás de nós e saudarão conosco o novo Reich alemão... O Reich da grandeza e da honra, do esplendor e da justiça. Amém!”.[116]

Billy foi mentalmente iluminado com todas essas informações. Conhecia pouco a história geral, mas, instigado a desvendá-la, indagou:

— Afinal de contas, professor, o que é o Terceiro Reich?

Era uma pergunta simples, mas vital para compreender o governo que causou um terremoto social na Europa e arrastou nele grande parte das nações do mundo.

— O III Reich é o nome do Terceiro Império alemão. Representou o delírio de grandeza dos nazistas. Alfred Rosenberg, ideólogo e papa do paganismo, propôs esse nome para o governo nacional-socialista, embora não tenha sido ele o inventor da expressão. Seu autor foi um escriba, Moeller van den Bruch, conhecido como excelente tradutor da obra completa de Dostoiévski. “A ideia do III Reich é uma concepção histórica que se eleva acima da realidade...”, disse Moeller. Ele queria que todos os nacionalistas alemães participassem da sua construção. Rosenberg retomou, promoveu e expandiu as ideias de Moeller.^[117]

— Mas quais foram os dois primeiros Reichs? — perguntou Dorothy, uma das organizadoras do evento.

— O I Reich, segundo Moeller, foi o Santo Império Romano-Germânico (926-1826). O II Reich foi o dos imperadores alemães após a unificação do país (1871-1918), que só se manteve com o gigantismo de Bismarck, mas desapareceu com seu promotor. O III Reich era, segundo Rosenberg, o autêntico Império Alemão, que respondia a todo anseio e expectativa dos alemães. E, nesse magno III Reich, o fundamento seria a raça alemã, e não mais as dinastias ou os líderes políticos. Foi lançado nesse império algo assombroso: a política da supremacia racial. A raça, afirma o filósofo do nazismo, é a alma vista de fora, e a alma

é a raça vista de dentro. Não há loucura maior do que essa. Por quê?

— Porque Rosenberg faz uma unidade inseparável: a raça e a alma são a mesma coisa. A raça é o centro da história biológica e a essência da história da humanidade. Desse pensamento, ele extraiu e vendeu para os nazistas a falsa tese da necessidade de uma raça superior para desenhar um novo capítulo no desenvolvimento biológico e histórico da humanidade — disse Katherine.

— Ao que parece, Rosenberg filosofou, de maneira estúpida, que no III Reich tudo devia se submeter a um grupo racial: a ideologia política, a religião, as artes — disse o dr. Theo.

Todas essas intervenções alegraram o professor, o que fez abrandar seu estresse. A segunda parte da conferência serviu-lhe de terapia e o fez relaxar. Em seguida, ele comentou que Rosenberg influenciou Hitler desde o começo. Marchou com ele no Putsch da Cervejaria de Munique, em 1923, embora sempre fugisse na hora de maior risco. Quando Hitler foi preso, manteve a conexão com os partidários e escreveu artigos e brochuras sobre o programa do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, que continha ideias de Hitler, projetos econômicos de Georg Feder e do próprio Rosenberg.

— Os textos de Rosenberg foram lidos por Hitler na prisão de Landsberg e pautaram as ideias centrais de seu

livro *Mein Kampf*. Com isso, três novos elementos foram introduzidos no programa do partido:[118]

- 1) a doutrina da purificação da raça;
- 2) a doutrina do III Reich;
- 3) a ocupação do leste da Europa, em detrimento da Rússia bolchevista.

Anos mais tarde, todas as ideias de Rosenberg foram reunidas num livro que se tornou, ao lado do livro de Hitler, a bíblia do nacional-socialismo, chamada de *O mito do século XX*. E o prospecto da editora dizia que o Führer considerava essa obra como o trabalho filosófico mais importante da época.

— Mas os alemães daquela época se sentiam superiores a outros povos? — perguntou Kemal.

— Ao contrário do que muitos pensam, o alemão médio sofria, segundo Rosenberg, de um crônico complexo de inferioridade, sentia-se até “inferior a si próprio”; tinha, portanto, uma necessidade vital de autoafirmação e poder, espaço que Hitler soube tão bem ocupar. Ao colocar a questão racial no centro da política nazista, Rosenberg e Hitler perceberam que era necessário elevar às nuvens a autoestima do povo alemão. Foi por isso que o nazismo começou a usar à exaustão expressões como “grandeza da raça”, “o eterno destino da Alemanha”, “o puro sangue”, “somos únicos”.^[119]

Essas expressões falavam muito mais à emoção do que à razão, levando passo a passo à implosão do complexo de inferioridade e à construção do complexo de superioridade, gerando uma exaltação irracional da raça ariana. O nazismo passou a perseguir e massacrar tudo que considerava uma ameaça à pureza racial, inclusive os homossexuais. Não os viam como mentes complexas, como seres humanos que amavam, choravam e sonhavam.

Nancy, a teóloga anglicana, faz um novo comentário:

— Diante dessa exposição, entendo que muitas desgraças da humanidade decorrem de tal distorção filosófica. Toda vez que supervalorizamos uma raça, um povo, uma nação, um grupo religioso ou um partido político, causamos acidentes históricos, preparamos caminho para as atrocidades, o ser humano fica em segundo plano. E confesso que já caí nessa cilada, supervalorizei minha religião e diminuí outras. Não admitia perder membros para outras instituições. Loteei seres humanos sem aplaudir sua liberdade de escolha...

Os brilhantes líderes presentes na Conferência Internacional sobre Tolerância e Paz Social ficaram tocados com a honestidade da respeitadíssima Nancy. Fizeram igualmente um exame de consciência. O rabino Joseph, profundamente impactado, se levantou da primeira fileira e comentou:

— Temos de aprender a ser apaixonados pela humanidade, temos que prestar mais atenção na dor dos

outros. O Artífice da existência deu-nos uma consciência existencial, e no centro dela está a sede de ser livre. E não há como ser livre no teatro social se primeiro não o formos no teatro psíquico. E não há como ser livre no teatro psíquico sem respeitar os que pensam e creem diferentemente de nós.

Karl Marx havia considerado a religião como o ópio que entorpece a mente humana, mas aqueles líderes consideraram que a religião poderia se tornar um importante veículo para libertá-la. Com o mesmo entusiasmo com que aplaudiram Kemal, o líder islâmico, a plateia aplaudiu Joseph, o líder do judaísmo. Júlio Verne, inspirado por esses homens, atingiu o ponto alto da conferência:

— Em minha humilde opinião, deveríamos frequentar grupos, mas não pertencer a nenhum deles. Entre frequentar e pertencer, há uma diferença gritante. Judeus, islâmicos, cristãos, budistas, hinduístas, inclusive membros de partidos políticos, deveriam pertencer em primeiro lugar à humanidade, depois ao seu grupo. Caso contrário, produziremos o fundamentalismo religioso e o radicalismo ideológico, e, conseqüentemente, nunca beberemos o cálice da tolerância nem sentiremos o paladar da solidariedade. O futuro da humanidade poderá ser sombrio.

Com essas palavras, o professor terminou sua preleção e se curvou diante daqueles líderes. A plateia em peso se levantou e irrompeu em aplausos, aclamando em especial

toda a comunidade. Não poucos líderes se aproximaram de Katherine e a beijaram na face. Depois de beijá-la, os participantes abraçaram-se uns aos outros, gerando um clima de notável afabilidade. Billy, que era um pouco machista, nunca fora beijado na face por homens. Olhava para Júlio Verne um pouco constrangido, mas deixou-se levar pelas águas da sensibilidade. Esquecera por instantes que lá fora alguns inimigos poderiam estar aguardando-os.

O professor sentiu-se intensamente realizado nessa noite, aprendeu muito mais do que ensinou. Sua mente foi envolvida por fagulhas de esperança ao ver aqueles líderes mundiais despertando um romance com a humanidade. Finalmente saíram de seu conformismo e começaram a pensar como espécie. Guerras, exclusão, destruição frequentemente foram deflagradas por disputas religiosas.

Ao sair do anfiteatro, Júlio Verne entrou rapidamente no carro, sob os olhares atentos dos policiais que faziam sua segurança. Tudo parecia tranquilo, nenhuma ameaça, nenhum acidente, até que seis quadras antes de chegar ao hotel o pior aconteceu. Um carro passou em altíssima velocidade e os metralhou. O veículo quase tombou. Se o carro que transportava Júlio Verne, Katherine e Billy não fosse blindado, todos estariam mortos. Sentiram o gosto virtual da morte. Foram 25 balas, das quais 18 pegaram o lado da porta em que o professor estava. Os seguranças que iam no carro de trás tentaram persegui-lo, mas a potência

do carro dos assassinos era muito maior que a do deles. E do mesmo modo como surgiu, desapareceu.

CAPÍTULO 17

DEVORANDO A ALMA DOS ALEMÃES: O SUTIL MAGNETISMO SOCIAL DO FÜHRER

Devido ao clima de perseguição implacável que o professor e Katherine viviam, não era recomendável que frequentassem mais nenhum lugar público, pelo menos pelas semanas ou meses seguintes, até que a trama em que estavam envolvidos fosse revelada e os homens que queriam assassiná-lo, presos. Os dias se passaram, e o cárcere privado os angustiava muito. Sempre bateram as asas com liberdade, amavam festas e jantares. Filmes já não os animavam. O canal de história e de ciências era a única coisa que conseguia distraí-los. O professor não era tímido, mas introvertido e, em alguns momentos, tinha necessidade de doses de solidão para se interiorizar e produzir. Entretanto, a solidão que o abarcava era excessiva e punitiva. Katherine, diferentemente dele, tinha necessidade de estresse social para sentir-se viva e produzir. A solidão sob qualquer forma a perturbava. Ela foi se deprimindo. Queria sair, respirar, mas Billy, que estava sempre por perto, era transparente com eles.

— O departamento de segurança não se responsabilizará se vocês saírem deste apart-hotel.

— Por quanto tempo mais? — perguntou Katherine, mesmo sabendo que a resposta inexistia.

— Quem sabe? Nunca vi, nesses vinte anos de polícia, um casal correr tantos riscos e ter tantos fatos estranhos rodeando-os. Há vinte policiais investigando as pistas. E todas elas nos deixam mais confusos.

Depois dessa resposta, o casal teve uma conversa ardente. Estavam abatidos a tal ponto que nem perceberam que Billy estava presente na sala.

— Não vejo a hora de voltar às minhas aulas, aos meus amigos, restaurantes — disse o professor, consternado. E olhando para o luxuoso apartamento vitoriano em que se encontravam, completou: — Não nasci para o luxo, nasci para as ideias.

Katherine, além do tédio que a asfixiava, não sabia o que explicar aos seus pais e aos seus amigos. Até tinha medo de que seu celular estivesse grampeado. Observando o abatimento dela, Júlio Verne sentiu que estar ao lado dele não era um convite ao prazer.

— Desculpe, Kate... Desculpe-me por tê-la metido nessa confusão. Você tem todo o direito de desistir da nossa relação...

— Não fale bobagem.

— Fico pensando se você não estaria mais feliz nos braços de outro homem do que no deste simples professor.

Será que Paul não faria...

Interrompendo sua fala, ela afirmou, irada e entristecida:

— Paul? Não me ofenda. Eu escolhi você, um aventureiro, sem grandes somas de dinheiro, mas um rico mercador de ideias. — Mais uma vez colecionou lágrimas.

— Perdoe-me, querida. — E tocou suavemente sua cabeça.

Ela levantou o rosto e comentou:

— Amanhã é aniversário de nosso casamento, Júlio. Esqueceu-se? Nunca me senti tão insegura ao seu lado e nunca tive tanta certeza de que o amo.

Profundamente emocionado, ele olhou para a sua face e jamais a viu tão linda. E se beijaram. Billy virou o rosto, mas deu uma espiadela. Teve uma inveja saudável deles. Casara-se duas vezes e não tivera filhos. Atualmente estava separado, à procura de um novo romance.

— Queria tanto ter um filho seu! Mas neste clima... — disse ela, insistindo num desejo que havia anos que a controlava.

— Tranquilize-se, querida, chegará o momento.

De repente, num sobressalto, ela disse:

— Espere um pouco! Esqueci-me! Amanhã não apenas é dia do nosso casamento, mas também do Encontro Nacional de Psicólogos Sociais e Cientistas Políticos.

— E você quer ir a esse encontro? Não é seguro, Kate.

— Não eu, mas você. Lembre-se de que você foi o convidado de honra para falar sobre “O Magnetismo Social

de Hitler Cativando o Inconsciente Coletivo”.

— Sim, mas pedi para você desmarcar minha presença há pelo menos um mês e meio.

— Desculpe, estava tão orgulhosa de você que não a desmarquei. Queria que os profissionais da minha área o conhecessem. Até porque esperava que tudo fosse resolvido rapidamente.

— Não! Não! Não! — proclamou Billy, que estava atentíssimo a toda a conversa. — Estou fora.

— Billy, por favor, arme um esquema. Vamos sair disfarçados.

— Não é seguro!

— Você é um policial brilhante, certamente conseguirá nos proteger — insistiu ela, desejando respirar outros ares.

Vendo-o ainda resistente, ainda acrescentou:

— Por favor, não deixe que sua amiga seja envergonhada diante de seus pares...

E virando-se para o marido:

— A não ser que Júlio não queira me dar esse presente de casamento... — disse afetivamente Katherine.

Difícil era, para esses dois homens, resistir a um pedido dessa fascinante mulher. A dívida de agradecimento de Júlio Verne com Kate era grande. Ela vivia ao seu lado sem reclamar. Ele fez um sinal que sim. Em seguida, ela olhou para Billy, fazendo novamente um pedido, agora com os olhos.

— Mulheres, sempre me dominam. Ok! Vou tentar.

Katherine levantou-se e beijou o policial cinquentão, com leve sobrepeso, cabelo um tanto desarrumado, na face esquerda.

Billy brincou:

— Isso é uma declaração de amor, Kate?

Júlio respondeu por ela.

— Uma declaração para ficar a uma milha de distância dela.

— Ciúme de homem é pior que arma de bandido — afirmou Billy.

E todos sorriram. O inspetor sofreu um desgaste enorme para conseguir autorização do Departamento de Segurança. Depois da autorização, começaram a se preparar para mais uma aventura. No dia do evento, pegaram o elevador de serviço, passaram pela cozinha e saíram pelos fundos do hotel. Nenhum suspeito à vista. Dessa vez, dois carros com seguranças, um atrás e outro na frente, os protegiam. Nenhum transtorno pelo caminho. No local do evento, mais dez policiais estavam a postos.

A casa estava cheia. Havia 215 participantes no Salão Nobre, onde o professor faria sua alocução. Logo antes de iniciar sua fala, ficou apreensivo. Fungou o nariz, passeou seu olhar pelo público. Temia que houvesse algum terrorista na plateia. Billy montou um esquema de segurança incomum e desconfortável. Todos os participantes passaram por detectores de metais, o que gerou muita reclamação. Paul, o antigo namorado de Katherine, estava presente no evento e

sabia que todo esse rigoroso esquema de segurança era por causa de Júlio Verne. Queria que ele próprio estivesse em evidência social.

As luzes diminuíram na plateia, em contraste com o foco de luz sobre o professor. Todos atentos. Sua fala gerava expectativa.

— Hitler penetrou no inconsciente coletivo da sociedade alemã com uma refinada propaganda pseudoafetiva de massa, jamais vista na história.

Mas rapidamente ganhou um opositor na plateia, Paul. Paul ainda pensava que Júlio Verne, embora inteligente, estava desenvolvendo uma esquizofrenia. Sua inveja clandestina asfixiava sua mente. Era psicólogo clínico e estava presente no evento dos psicólogos sociais menos para aprender e mais para questionar seu “rival”, o que na primeira oportunidade fez.

— Eu discordo, professor Júlio Verne. Você é muito romântico. Hitler era truculento. Dominou a sociedade alemã do seu tempo pelo clima de terror que imprimiu, pelo uso das armas.

Katherine ficou inquieta com o clima. Mas o professor tinha prazer em ser questionado. Tomou a palavra e falou com brandura, mas sem perder sua arte de instigar o raciocínio.

— Paul, que bom que você está presente, e obrigado pela sua discordância. Sem dúvida, o emprego das armas, em especial pela SS, pela SA e pela Gestapo, para eliminar

qualquer opositor nos bastidores do regime, começando pelos marxistas, criou um silêncio mordaz. Mas o flerte que esse ditador usou para seduzir a sociedade não foi linear, porém multiangular. Ele alavancou a economia investindo poderosamente no rearmamento das forças armadas. Diminuiu o número de desempregados. Atacou o Tratado de Versalhes. Usou símbolos místicos para cativar as religiões. Procurou a unidade política numa Alemanha fragmentada. Tudo isso contribuiu para a supremacia hitleriana. Contudo, outras poderosas armas foram apontadas, mas não destacadas, pelos historiadores — até porque envolvem os meandros da psicologia social — e tiveram uma importância vital para Hitler cativar sorrateiramente o inconsciente coletivo da sociedade alemã. Alguém pode me apontar alguma?

Ninguém respondeu. Paul emudeceu. O professor acusou:

— O “ensopado de domingo”.

— “Ensopado de domingo”? — indagou Billy para Katherine, que também não sabia do que se tratava.

— O “ensopado de domingo” foi instituído pelo nazismo em outubro de 1933, portanto dez meses depois do início do seu governo. No primeiro domingo dos meses de outubro a fevereiro, as famílias alemãs das classes média e rica foram encorajadas a se alimentar somente de um ensopado com poucos ingredientes, e a economia gerada por esse sacrifício era coletada de casa em casa para auxiliar os pobres nos meses subsequentes, de novembro a março, quando o

inverno chegasse. Havia 7 milhões de desempregados, um caos social. A nação se envolveu coletivamente num clima de solidariedade patrocinado pelos nazistas.

O dr. Herbert, professor e doutor em ciências sociais, levantou-se e comentou:

— Desconhecia esses fatos, mas foi incrível a habilidade desse homem para sequestrar o afeto da sociedade. Fico imaginando a cena dos pais tendo de explicar aos filhos as causas e os objetivos daquele pequeno sacrifício.

— É de se imaginar ainda que milhões de pobres ficaram agradecidos com a ajuda que emanava da sociedade, que criou uma rede de fraternidade, ainda que superficial. E, mesmo que essa política não tenha tido nenhuma eficácia para eliminar a pobreza, foi um grande golpe de propaganda — comentou Michael, um especialista em marketing social.

E o professor acrescentou:

— O partido de Hitler não tinha sido majoritário nas eleições. E Hitler tornou-se chanceler por meio de manobras políticas. Muitos políticos tradicionais esperavam que o bizarro Hitler caísse em breve por sua falta de habilidade política, mas num golpe ele começou a penetrar em todos os lares alemães e, mais que isso, na alma deles, inclusive na das crianças e adolescentes.

— Agora estou começando a entender por que um forasteiro magnetizou a sociedade a que não pertencia — disse Billy para Katherine.

— Esse austríaco, despreparado política e intelectualmente, mas muitíssimo bem preparado em marketing, conseguiu, sem usar recursos do Estado, se fazer lembrado mês a mês em cada família alemã, no melhor ambiente, na melhor data — comentou Anna, uma ilustre professora de psicologia social. — Sem dúvida, o Führer penetrou como uma bomba no inconsciente coletivo.

Paul encolheu-se na sua cadeira. E o professor, em seguida, fez uma breve explicação da complexa e insana personalidade de Hitler. O lobo e o cordeiro habitavam na mesma mente. A mesma mão que acariciava era a que matava.

Hitler, sob a sombra de seu ministro de Propaganda, Goebbels, inaugurou o marketing político assistencialista e foi mais competente do que os especialistas da atualidade. Foi inclusive mais criativo do que os ícones socialistas, como Lênin e Stálin, em cativar a população. Os socialistas expurgaram milhões de “opositores”, Hitler seduziu milhões de almas. As portas da Alemanha estavam abertas para a emigração dos alemães, e poucos partiam.

— Hitler sabia como poucos arrecadar impostos e, como raros, arrecadar afetos — comentou Katherine.

— Vejam os efeitos do marketing de Hitler no território da emoção das crianças, numa época em que não havia televisão. Analisem esta carta, produzida em 19 de abril de 1934 — disse o professor:

*Caro senhor chanceler do Reich, Adolf Hitler,
Nós, meninos e meninas hitleristas, não queremos deixar de expressar nossos mais sinceros votos de felicidade no dia do seu aniversário. Desejamos, de todo o coração, que Deus lhe dê muitos e muitos anos de vida, para que possamos nos tornar, sob seu governo, autênticos e corajosos alemães, e para que possamos desfrutar das suas obras na Alemanha recém-despertada, debaixo do sol brilhante da sua magnífica vitória [...].*^[120]

— É surpreendente essa reação desses meninos. Como pode, senhoras e senhores, na Alemanha daquele tempo, haver meninos e meninas *hitleristas*? Que golpe é esse no território da emoção? É provável que a maioria das crianças e adolescentes da atualidade, apesar de toda a mídia disponível, nem sequer conheça o nome dos seus líderes políticos — comentou Vitória impactada, chefe do departamento de ciências políticas de sua universidade.

O professor continuou dizendo que numa época sem TV, internet, Twitter, Facebook, Hitler já havia construído uma rede de relacionamento social não apenas entre os jovens, mas até entre crianças e adolescentes. E num ambiente de insegurança do pós-Primeira-Guerra, medo do futuro, crise econômica, fomentou-se um meio de cultura para os grandes lances de propaganda de Hitler, que levaria pouco a pouco a sociedade alemã, que não era vocacionada para a guerra, a deixar de ficar perplexa com sua ambição psicótica.

Em seguida, Júlio Verne fez esta observação:

— Hitler era um *superstar*, uma celebridade maior do que cantores e atores — afirmou. — E, como tal, quebrava todos os protocolos. Usava golpes afetivos fatais, falava de improviso, tinha reações e gestos incomuns para um presidente, primeiro-ministro, rei, governador. Seus comportamentos eram comentados oralmente no tecido social e geravam uma reação em cadeia. Vejam a outra parte da carta que acabei de ler e tirem suas próprias conclusões...

Soubemos que o senhor é o padrinho de todo sétimo filho. Mas como vai demorar demais para nós [eles eram apenas cinco irmãos], e já que não somos batizados e queremos ser seus afilhados, pedimos que o senhor consagre nosso sentimento divino por meio do batismo e se torne o padrinho de todos nós. O senhor vai atender nosso desejo? Por favor, por favor!

Seus jovens congratulantes, que o adoram sobre todas as coisas:

Gerhad, 11 anos; Horst, 8 anos; Evi, 5 anos;

Dietrich, 3 anos; Sigfried, 2 anos.^[121]

A plateia fez um mergulho introspectivo e mais uma vez ficou embasbacada com a maneira como Hitler sequestrara a inocência daqueles meninos e de seus pais. Não se tratava de jovens, mas de crianças que formavam uma liga de admiradores do Führer.

— Sr. Júlio Verne, se entendi bem, a carta desses meninos queria dizer que Hitler apadrinhava o sétimo filho de toda família alemã numerosa com o ritual cristão do batismo? É

isso mesmo? — perguntou Sam Moore, um colunista político que escrevia para grandes jornais.

— Sim. É isso mesmo.

— Sou especialista em ciências políticas. Que eu saiba, nenhum outro estadista revelou tão entranhado afeto, ainda que falso, no seio da sua sociedade. De quando mesmo foi datada essa carta?

— De 19 de abril de 1934. Menos de um ano e quatro meses depois de ele haver assumido o poder, politicamente ainda frágil, mas com uma popularidade altíssima.

— Essa informação do apadrinhamento não procede — disse Paul arrogantemente. — Como Hitler teria feito isso se a Alemanha tinha mais de 50 milhões de habitantes na época?

Júlio Verne disse, pacientemente:

— A Alemanha tinha na época cerca de 80 milhões de habitantes — corrigiu o professor. — Essa informação não é invenção minha, faz parte de recentes descobertas. E dou a fonte: está no belo livro *Cartas para Hitler*, de Henrik Eberle. Pelo tamanho da população, era impossível o apadrinhamento coletivo das famílias numerosas. Hitler só “apadrinhou” algumas dessas crianças e no início do seu governo. O Führer era um populista. Seduzia e enganava a sociedade, sem nenhum sentimento de culpa, com ideias impraticáveis para se agigantar em seu psiquismo.

— E o que vale para os políticos populistas é a peça de marketing e não a aplicabilidade das suas teses. Essas cinco

crianças terminaram sua carta dizendo “por favor, por favor”, como as crianças da atualidade, quando insistem em ganhar um objeto de desejo, como um celular, um tablet ou um tênis — concluiu David.

A dra. Susan, amiga de longa data do dr. Michael e professora na mesma universidade, disse:

— Completando a ideia, numa única peça de marketing e sem gastar novamente nenhum dinheiro do Estado, ele atingiu três fascinantes objetivos: a) exaltou a religiosidade por valorizar o ritual do batismo cristão; b) estimulou a multiplicação da raça ariana ao valorizar famílias numerosas; c) assumiu a “paternidade nacional” para conduzir a Alemanha ao seu “destino” histórico.

— Os políticos atuais abraçam crianças durante a campanha eleitoral para mostrar afetividade e proximidade. Hitler foi mais longe. Para conquistar o palco social, ele primeiro conquistou os bastidores da emoção — completou David.

A plateia aplaudiu a professora Susan, as ideias de David e do professor. Paul, envergonhado, ficou rubro. Não os aplaudiu.

A professora Ellen em seguida perguntou a Júlio Verne:

— Você acha que todas as ações de marketing de Hitler, que geraram seu magnetismo social, foram planejadas?

— Não creio, professora. Não há dúvida de que Hitler, juntamente com o gênio Goebbels, foram os grandes inventores do “marketing da emoção de massa”. Mas uma

parte de suas ações se misturava com seus conflitos da adolescência, era uma tentativa de superação do complexo de inferioridade de Hitler e da sua sociabilidade contraída.

— Nunca confie na pele de um político antes de analisar seus dentes — disse Billy, arrancando risadas da plateia.

Katherine, que estava ao seu lado, acrescentou:

— O soldado que corria solitário no solo onde se travavam as batalhas corria agora nos espaços mais íntimos da mente dos alemães.

Isaac, professor de sociologia de uma importante universidade em Jerusalém, que viera a Londres como professor convidado desse congresso, fez indagações sobre a flutuabilidade doentia e extrema do psiquismo de Hitler, um tema que o professor já havia discutido em suas aulas:

— Como pode um líder que estabeleceu o “ensopado de domingo” e que, aparentemente, pensava na fome dos pobres alemães, ser o financiador dos campos de concentração que esmagaram de fome milhões de judeus e outros seres humanos? Que homem é esse que apadrinhou as crianças arianas das famílias numerosas e, ao mesmo tempo, foi capaz de levar à morte impiedosamente 1 milhão de crianças e adolescentes judeus? Que mente é essa?

— Essa é a paradoxal mente do maior criminoso da história. Era um homem de dupla face, tal qual Stálin, que era capaz de assassinar seus supostos inimigos à noite e de manhã tomar café com as viúvas como se nada tivesse acontecido.

De repente, um professor, especialista em movimentos sociais, levantou-se e produziu esta pérola:

— O voto é poderosíssimo durante as eleições, mas fragilíssimo depois delas. A sabedoria está em saber quando exercê-lo. Era fácil a sociedade alemã eliminar o candidato, mas não o ditador.

Júlio Verne o aplaudiu, a plateia o acompanhou.

Marc, pesquisador de um instituto de pesquisa social, tocou no polêmico tema.

— Se há exames médicos para ser admitido em uma profissão, por que não um exame psiquiátrico para dirigir uma nação?

— Sua proposta é interessante, mas... — declarou Michael, rebatendo Marc — poderia haver laudos psiquiátricos manipulados, que, inclusive, poderiam vetar pessoas aptas por pensarem diferentemente. A decisão do eleitor é soberana. E a imprensa deve contribuir com ele expondo e criticando a história dos candidatos.

— Mas a imprensa pode ser manipulada! Sem uma imprensa livre, não há sociedade livre — disse Marc, num tom ríspido.

E assim se iniciou uma discussão no evento. Alguns apoiavam a ideia do exame psiquiátrico, outros a condenavam. Minutos depois, começaram a atacar o marketing político na atualidade.

— O marketing político é injusto, depende de quem o financia e de quanto se financia. Ele embala líderes como

mercadorias — disse Douglas, um psicólogo social revoltado com o dinheiro gasto em tempo de eleições.

Uma voz ecoou:

— Concordo! O marketing político algumas vezes presta-se a transformar homens corruptos em líderes palatáveis. Os políticos não deveriam usar propaganda de massa para se promover. Deveriam expor suas ideias e seus projetos em “branco e preto” — afirmou Jefferson, usando uma metáfora.

— Mas o marketing expõe ações, revela propostas, esse é o jogo. É quase impossível, nas grandes sociedades, conhecer os candidatos sem a sua extenuante exposição na mídia — comentou Mary, amiga de Katherine.

Júlio Verne observava o debate. Despreocupado em dar respostas prontas, tentou abrandar o clima. Agradeceu as acaloradas opiniões e, em seguida, relatou que Hitler foi provavelmente o primeiro político a usar à exaustão o mais penetrante meio de comunicação de todos os tempos: o rádio.

— O rádio? Que ingenuidade, Júlio Verne! — discordou Paul novamente, que usou a oportunidade de diminuí-lo. — O rádio não pode ser o maior meio de comunicação de todos os tempos. É na verdade um instrumento tímido. As imagens transmitidas pela TV e pela internet são muito mais poderosas!

Paul achou que dessa vez o pegara. O professor respirou profundamente e, depois de um momento de silêncio,

comentou:

— Obrigado, Paul, mais uma vez. Eu não disse que o rádio é o instrumento mais poderoso, mas o mais penetrante meio de comunicação de todas as eras. A TV e mesmo a internet, por transmitirem imagens prontas, saturam o córtex cerebral, o que pode levar à contração do imaginário. O rádio, por transmitir apenas sons, liberta o imaginário do ouvinte, transformando-o num construtor das imagens que “vestem” os sons, instigando-o a ser um engenheiro de ideias e não um repetidor delas.

Paul se calou, pois nunca tinha pensado nisso antes. E, para confirmar sua tese, Júlio Verne se dirigiu a Paul e depois à plateia:

— Em que época foram produzidos qualitativamente mais pensadores: na era da TV ou do rádio?

Paul novamente nunca tinha refletido sobre isso, nem a maioria dos psicólogos e cientistas sociais. Mas estes aproveitaram para fazer uma breve viagem na história e ficaram surpresos com as conclusões que tiraram.

Edwin, um pesquisador que investigava a relação entre a física quântica e as ciências humanas, concluiu:

— Estilhaçando meus preconceitos, ao que parece foi na era do rádio. Foi nessa época que surgiram Einstein — pai da teoria da relatividade —, Werner Heisenberg — pai da mecânica quântica. E mais, Hubble, Freud, Piaget, Erich Fromm, Sabin, e tantos outros cientistas.

— As grandes teorias surgiram numa época em que o tráfego de imagens prontas não saturava a mente humana. O uso do rádio fomentava a imaginação, o que provocava a criatividade — comentou o professor. — E falando sobre Einstein, ele imaginava-se viajando num raio de luz e observava o que acontecia com o tempo. Ele mesmo confessou que a imaginação era mais importante que o excesso de informação.

Os participantes do evento perceberam que a conferência sobre o magnetismo social de Hitler possuía um leque tão amplo que tinha grandes implicações para o futuro da espécie. Goebbels, o “gênio” do marketing político, tinha um plano. Tal plano previa a utilização mais ampla possível do rádio, uma massificação “que nossos adversários não têm sabido explorar...”, escrevia o chefe da Propaganda.^[122] Ele queria que Hitler fizesse seus discursos em todas as cidades dotadas de emissoras de rádio para atingir o maior número possível de alemães. Mas os discursos deveriam romper o cárcere do tecnicismo político e ganhar ares de um artista plástico.

— São de Goebbels estas palavras — disse o professor:

Nós transmitiremos as mensagens radiofônicas para o meio do povo e daremos assim ao ouvinte uma imagem plástica do que acontece durante nossas manifestações. Eu mesmo farei uma introdução para cada discurso do Führer, na qual tentarei transmitir aos ouvintes o fascínio e o clima geral de nossas manifestações coletivas.^[123]

Continuando, disse ainda:

— E Albert Speer, o arquiteto e grande amigo de Hitler, confirma em suas memórias:

Por meio de recursos técnicos como o rádio e o megafone, 80 milhões de pessoas foram privadas da sua liberdade de opinião. Por conseguinte, foi possível submetê-las à vontade de um único homem.
[124]

E também:

— Quem olha para as atitudes de Goebbels poderia achar que outrora ele não fora uma mente independente. Mas se engana. O Partido Nazista voltou à legalidade em 1925, e Goebbels foi um dos primeiros a filiar-se. No começo, vivia em atrito com Hitler: “Exijo que esse pequeno-burguês Adolf Hitler seja expulso do partido”. Depois anotara em seu diário:

Estou exausto. Quem é esse Hitler, afinal? Um reacionário? Extremamente inábil e volúvel?... Itália e Inglaterra são nossas aliadas naturais... Nossa tarefa é aniquilar o bolchevismo, mas o bolchevismo é uma invenção dos judeus...[125]

Diante disso, Katherine comentou:

— Uns têm habilidade para adestrar animais; outros, mentes humanas. Adolf Hitler tinha habilidade para adestrar homens que antes eram mentes independentes. Anos depois, Goebbels tornou-se apenas uma sombra do Führer.

A discussão nutria paixões, mas o professor olhou para o relógio e viu que havia avançado 10 minutos em seu tempo de exposição, embora os participantes continuassem animados em viajar pela história sob as asas da psicologia social e das ciências políticas. Devido à avançada hora, sintetizou as características do marketing político e dos discursos eletrizantes de Hitler, que alicerçavam seu magnetismo social:

— 1) Tonalidade imponente e teatral da voz; 2) utilização de frases de efeito; 3) supervalorização da crise social e econômica; 4) propagação contínua da ameaça comunista, o que causava pânico nos empresários e produzia uma adesão histórica ao Führer; 5) lembrança constante da humilhação sofrida na Primeira Guerra Mundial; 6) excitação até o ódio aos inimigos da Alemanha, em especial marxistas e judeus; 7) promoção exaustiva da raça ariana e da autoestima do povo alemão; 8) exaltação do nacionalismo e de sua postura como o alemão dos alemães; 9) utilização exagerada das suas origens humildes; 10) verborreia — necessidade neurótica de falar, expressa por monólogos intermináveis.

E explicou:

— Quanto à verborreia, Hitler falava por horas a fio utilizando palavras, expressões e teses para impressionar as plateias e pressioná-las a depositar nele sua confiança.^[126] Não poucos ditadores têm tanto apreço pelas palavras quanto pelas armas.

— Temos de repensar os líderes com tais características — declarou novamente Isaac. — Odeio Hitler até as raízes da minha alma, pois ele quase levou meu povo ao aniquilamento. Mas hoje entendi que ele só fez o que fez por sua finíssima astúcia. No palco, ele afagava; nos bastidores, asfixiava. O monstro foi embalado por seu marketing de massa com características impactantes.

Após esse comentário, Anna, doutora em ciências da educação, fez este comentário:

— A conclusão a que cheguei, professor e diletos colegas, e que me deixa abaladíssima, é que, antes de devorar os judeus, Hitler devorou o psiquismo dos alemães...

Júlio Verne concordou:

— Essa também é minha conclusão: antes de devorar os judeus, Hitler canibalizou a emoção dos alemães.

E Anna acrescentou:

— E fico perturbada em concluir que a humanidade está atravessando e atravessará crises energéticas, insegurança alimentar, aquecimento global, criando um meio de cultura ideal para surgirem novos líderes radicais, sedentos de poder e “sedutores”. Estamos preparados para abortá-los? Será que nossa educação está formando jovens pensadores que saibam fazer escolhas inteligentes e sejam protagonistas da sua própria história? — completou Anna.

Todos a aplaudiram, inclusive o professor. Para ele, não estávamos formando tais pensadores, portadores de mentes livres, pelo menos não coletivamente. Saturar o cérebro de

informações e não estimular as funções mais complexas da inteligência era uma opção educacional perigosa. Ele se preocupava ao perceber que uma criança de 7 anos de idade na atualidade tinha mais informações que um imperador romano no auge de Roma. Esse excesso de informações estressa muitíssimo a psique, pois não é elaborado como conhecimento, o conhecimento como experiência e a experiência como sabedoria.

Para encerrar sua fala, ele comentou o magnetismo de Hitler exibido nas inaugurações e nos shows militares, capazes de gerar um delírio de grandeza:

— A argúcia de Hitler saía do rádio e ia para as ruas. Ele era um especialista em lançar pedras fundamentais e colocar primeiras pás em obras que iriam iniciar. E fez escolas para muitos políticos. Sua notável capacidade de autopromoção também ganhava ares nas forças armadas. Hitler reunia dezenas de milhares de soldados nas grandes praças, que faziam performances espetaculares. Um perfeccionismo rítmico e um exibicionismo que suplantavam os grandiosos espetáculos da atualidade.

E continuou:

— O ponto alto das exibições do regime eram as Honras Fúnebres, quando Hitler atravessava fileiras gigantescas de milhares de soldados rigorosamente organizados. A portentosa homenagem aos que tombaram excitava o cérebro de quem os contemplava, gerando uma comoção fortíssima, provocando o instinto de lutar. A debilitada

Alemanha despertava para seu gigantismo. Os shows militares tornaram-se grandes peças de marketing. Feitos ao ar livre em horários tais que combinavam um jogo de luz e sombra, objetivavam dar contornos messiânicos à imagem do Führer — disse ainda o professor, no fim de sua exposição.

E completou:

— Essa é uma breve história da sofisticadíssima propaganda imprimida por um simples soldado que quinze anos depois de perder a Primeira Guerra Mundial se tornou chanceler e dominou generais e marechais, deixando o mundo assombrado. Sem sua virulência e seus golpes no inconsciente coletivo, patrocinados por seu marketing de massa, nunca sairia do anonimato. O melhor de Hitler era seu desempenho como ator, pois, como ser humano, era ególatra, radical, instável, parcial, agressivo, explosivo, exclusivista, amante de bajuladores, avesso a críticas e ao diálogo. Adolf Hitler queria inscrever seu nome no concerto das nações e gravar com chamas seu nome na história. O homem que teve a ambição de Alexandre, o Grande, a habilidade de discursar de Júlio César e a sede de poder de Napoleão Bonaparte desconhecia que a vida humana, por mais longa que seja, é como a brisa que sorratamente aparece e logo se dissipa aos primeiros raios solares do tempo.

CAPÍTULO 18

MEU AMIGO DOENTE MENTAL

Júlio Verne fez sua última conferência para psicólogos sociais e especialistas em ciências sociopolíticas sem nenhum atropelo, pelo menos externo. Ficou motivado com todas as intervenções e conclusões. Mais uma vez, sentiu que aprendeu muito, tanto ou mais do que ensinou. Não se incomodou com Paul, seu desafeto, que, com sua arrogância, acabou contribuindo para enriquecer o debate. Após sua conferência, os seguranças envolveram Júlio Verne como se fosse uma celebridade, o que afastava as pessoas que tentavam se aproximar. Ele insistia que o deixassem livre para cumprimentar todos os ilustres personagens do congresso. O movimento em torno dele gerava um ataque de ciúme em Paul, que tinha queda pelo assédio social.

Billy não gostou do afrouxamento dos seguranças, mas o momento parecia não inspirar maiores cuidados. Na saída do anfiteatro, Júlio Verne recebeu mais cumprimentos. Alguns participantes chegavam até Katherine e diziam: “Parabéns pela agudeza intelectual de seu marido. Vocês formam um belo casal”. Ela sentia-se orgulhosa. Aqueles cumprimentos, vindos de um grupo de intelectuais da sua área, era uma

ducha que aliviava o dramático estresse que passara ao lado dele nos últimos meses.

Paul, constrangido, tentava se aproximar para cumprimentá-los, mas faltava-lhe coragem. Quando estavam para entrar no carro, subitamente um acidente ocorreu. Apareceu um sujeito estranho, de gestos bizarros, com as mãos e o pescoço tremendo, vestindo em pleno verão um velho e surrado casaco preto que parecia uma peça saída de um museu. De repente, o sujeito se aproximou de Júlio Verne e soltou seu vozeirão:

— Sou um general do Führer! Matem as moscas! Viva...

O professor se assustou. Parecia que o conhecia. Mas, antes que o estranho terminasse sua frase, os seguranças o atacaram. Apesar de restarem poucas pessoas no local, foi um escândalo depois de uma noite tão bela. Os seguranças, muito bem treinados, o renderam à força: agarraram-no, colocaram seus braços para trás e apontaram uma arma para a sua cabeça. Pensaram se tratar de um terrorista disfarçado. Revistaram-no rapidamente, mas não encontraram nenhuma arma. O pobre homem ficou desolado com a violência. O casal foi rapidamente pressionado a entrar no veículo blindado, mas o sujeito identificou o professor e, para seu espanto, pediu ajuda.

— Júlio Verne, meu amigo, socorro!

O professor, que estava com as mãos na porta do carro, voltou-se, olhou bem para o sujeito e ficou pasmo. De outro lado, ao ver a citação do nome dele, os seguranças, confusos,

relaxaram um pouco suas mãos. Foi então que o sujeito soltou sua frase completa:

— Sou um general do Führer! Matem as moscas! Viva os judeus!

O pequeno grupo de psicólogos sociais que ainda estava nas imediações não entendeu nada, muito menos Katherine e Billy.

— Rodolfo? Como é possível? — indagou o professor, como se estivesse vendo um fantasma.

— Sou eu, amigo. Você é um cara famoso, hein?! — disse o estranho, que sabia falar inglês, mas tinha um sotaque marcadamente alemão. — Você precisa voltar. Já salvamos uns vinte dos nazistas. — E batia as mãos na cabeça, fazendo trejeitos como uma pessoa mentalmente desequilibrada.

— Olá, Júlio! — gritou outro sujeito, do outro lado da rua. Também vestindo um casaco azul surrado e rasgado, com o cabelo desgrenhado. E veio ao encontro deles.

Os seguranças apontaram as armas para ele. Mas se arrefeceram quando viram que ele tinha a fâcies de uma pessoa com síndrome de Down.

— Klaus? Não é possível! — exclamou o professor, atônito.

— Falou muita bobagem hoje — disse o personagem em alemão, pois não sabia falar inglês.

Os dois se aproximaram de Júlio Verne e lhe deram um prolongado abraço. No início, o professor resistiu, mas

depois respirou profundamente, reciclou seu preconceito e os abraçou afetuosamente. Parecia um cenário surreal.

Katherine conhecia os amigos de seu marido e sabia que esses dois não estavam no rol deles. Perturbada, perguntou:

— Júlio, de onde você os conhece?

Júlio Verne ficou sem voz.

Ela insistiu:

— Quem são eles?

— Não sei.

— Como não sei? Você citou o nome deles.

— Eu citei, mas não sei de onde os conheço.

Paul estava lá, quase invisível para o casal, e assistia de camarote a todo o confuso enlace. Parecia estar dizendo, com inexprimível júbilo: “Esse Júlio Verne não me engana. Só pode ser um psicótico que alterna períodos de lucidez”.

— Será que não foram seus pacientes quando você clinicava?

— Não. São meus amigos...

— Seus amigos de onde?

— Se eu lhe contasse, não me acreditaria.

— Tente, Júlio. Tente, por favor.

Engolindo em seco, disse:

— Dos meus pesadelos.

Rodolfo era um personagem do asilo de doentes mentais. Tinha amigos judeus desde a infância e, com a exclusão e prisão destes, agudizou sua psicose. Ao confessar de onde conhecia o personagem, o professor não parecia o mesmo

intelectual vibrante e instigante de minutos antes. Katherine, que estava superfeliz com a inteligência dele, começou novamente a desconfiar da sua sanidade psíquica. O psiquismo de Júlio flutuava.

— Ei, Júlio. Diga para ela. Estivemos juntos há poucos dias brincando na neve — comentou Rodolfo.

— Neve, que neve! Estamos no verão! — pensou alto Paul. Todos o ouviram e descobriram sua ferina presença. E ele completou baixinho: — Dois psicóticos em surto.

Katherine ouviu o diagnóstico dele. Teve vontade de avançar em Paul, mas a saúde mental de seu marido era mais importante. Rodolfo olhou para o ambiente e surpreso concluiu:

— É mesmo! A neve sumiu, Júlio. Vou tirar meu casaco. — E deu para Paul segurá-lo. Este, cheirando-o, atirou-o ao chão.

Billy pegou o casaco e o devolveu a Rodolfo, que não gostou da atitude de Paul. Fixou seus olhos nele e disse:

— Que sujeito maluco!? É seu amigo, Júlio?

Constrangido, Júlio Verne, falou:

— Nunca foi.

Paul, sem nenhuma compaixão, se despediu sarcasticamente do casal, mas sem apertar-lhes as mãos.

— Sinto muito, Kate. — E, fitando-o, acrescentou: — Se quiser, me procure...

— Nem que fosse o último terapeuta da Terra — respondeu ela.

— Se quiser pagar uma consulta, eu o atendo — falou Rodolfo para Paul, que saiu bufando de raiva.

Abatido, o professor disse:

— Desculpe-me, preciso ir, Rodolfo. Adeus, Klaus.

— Mas não vamos salvar os judeus? — indagou Rodolfo.

— Em breve... — exclamou, sem saber se estava delirando ou vivendo uma realidade.

Billy não podia sequer investigá-los, não haviam cometido crime algum. Pareciam mendigos sem família e sem proteção social. O casal foi para o carro escoltado pelos policiais. No trajeto, nenhuma pergunta, um silêncio pesado. Katherine, que estava se tornando uma colecionadora de lágrimas, com os olhos úmidos, indagou a si mesma: “Ninguém pode dar uma conferência brilhante, com dados tão bem organizados, se estivesse mentalmente doente, não?”. “Alguma coisa está errada”, pensou ela, contrapondo este pensamento: “Mas os gênios também adoecem”.

Ao entrarem no apart-hotel, despediram-se de Billy. Este, antes de ir embora, tentou confortar Júlio Verne:

— Professor, não sei o que está acontecendo com você, mas sou seu fã. Apreendi mais com você neste último mês do que em décadas na polícia.

O professor agradeceu com movimentos de cabeça.

Depois, fatigado, Júlio Verne tomou um prolongado banho. As gotas de água que escorriam pelo seu corpo eram uma metáfora viva do rio de dúvidas que transbordava de sua mente. Estava profundamente pensativo. Recordou o

pesadelo que tivera com Rodolfo e não chegou a nenhuma conclusão capaz de aliviá-lo.

Encontrou Katherine na sala, também refletindo. Abraçou-a e lhe contou em detalhes esse sonho. Ela o ouviu e não podia acreditar. A mesma frase, a mesma face, o mesmo casaco, o Rodolfo dos sonhos era o Rodolfo que encontrara aquela noite. A única explicação plausível era que ele saía em transe noturno nas noites em que Katherine não pousava em casa e fazia amigos nas ruas e, depois, retornando à cama, dormia e sonhava com os personagens que conhecera como se tivessem saído do passado. Uma explicação pouco palatável à racionalidade.

— Tudo bem. Eu sei que uma pessoa em surto psicótico não reconhece que está doente e muito menos que precisa de ajuda. Mas, Kate, me ajude a pensar em meu caso com isenção. Se me disser que estou tendo surtos, aceitarei. Eu tangencio meus pensamentos? Perco o foco?

— Não — disse ela.

— Perdi os parâmetros da realidade? Minhas ideias estão sem uma sequência lógica?

— Não.

— Perdi a consciência crítica? Deixei de saber quem sou, onde estou e quais são meus papéis sociais?

— Não.

— Ouço vozes? Tenho delírios de grandeza? Acredito em falsas crenças? Tenho ideias de perseguição?

— Não. Estamos sendo perseguidos por personagens reais. Não é uma invenção da sua mente.

— Vejo imagens desconexas com o mundo concreto?

— Não sei. Você assinou cartas como se estivesse vivendo no passado. Você recebeu cartas sem saber da sua origem. Há poucos dias, dialogou com um jovem que interrompeu a conferência e que disse que estava lá para assassiná-lo, mas se arrependeu. E hoje viu personagens que somente existiam em seus pesadelos.

— Mas não eram alucinações. Eram objetos reais e personagens reais e não criados por minha mente. Kate, eu amo o princípio da sabedoria na filosofia, que é a arte da dúvida. Uma pessoa portadora de psicose perde a capacidade de duvidar, inclusive de si mesma. Quem mais duvida ou pergunta do que eu?

De fato, nada se encaixava no quadro psiquiátrico de Júlio Verne. Raramente alguém estava tão integrado à realidade e, ao mesmo tempo, vítima de uma avalanche de fenômenos perturbadores e inexplicáveis. E, para tranquilizá-la, aceitou se consultar com um famoso psiquiatra, o dr. Henry, amigo do pai dela. Foram prolongadas conversas dentro do apart-hotel. Depois de três consultas, o psiquiatra, além de não ter chegado a nenhum diagnóstico, estava mais confuso do que quando o conheceu.

— Talvez você esteja tendo um problema mental, devido a uma síndrome neurológica. Você tem a sensação de que já viu aqueles fatos, mas não os viu; tem uma certeza falsa

devido a alguns problemas neurológicos, quem sabe metabólicos — disse o dr. Henry, despedindo-se de Júlio Verne e de Katherine.

Mas o pai de Katherine já havia avaliado essa hipótese e nada encontrara. Contudo, mais uma vez foi atendido por um neurologista. No outro dia, Júlio estava, com um pesado esquema de segurança, fazendo uma série de exames laboratoriais, inclusive ressonância magnética. E nada, literalmente nada, foi detectado. O neurologista apenas lhe prescreveu um tranquilizante, mas sua mente precisava de outro remédio: respostas. Respostas capazes de levá-lo a minimizar sua portentosa ansiedade, e aquietar as águas agitadas da emoção. Sem elas, não podiam sequer deixar o belo presídio do apart-hotel.

Sempre pediam comida nos restaurantes, mas descobriram que a liberdade realçava o sabor dos alimentos, algo que não tinham. Depois dos resultados neurológicos, resolveram comer algo simples, preparado por Katherine. Ela abriu um vidro com pasta de amendoim e passou no pão de forma, que tinha grãos de trigo e linhaça. Fez também uma omelete com legumes. Ele preferiu um pão com manteiga aquecido no micro-ondas. Não estavam com o apetite aguçado, mas precisavam se alimentar. Ambos tomaram suco de laranja. Enquanto ele bebia, acariciava as mãos dela.

— Sempre tive certeza do que fazia, do que queria, das minhas metas e dos meus projetos. Hoje tudo é inconclusivo

em minha história. Até meu exame neurológico.

Tentando aliviá-lo, disse:

— Veja o lado bom dessa história. Pelo menos você não tem um tumor cerebral ou alguma outra coisa grave. Nós amamos a certeza, mas a existência é uma fonte interminável de dúvidas.

— Tem razão. Pensar é um mistério. Perturbar-se também. Obrigado. O que eu faria sem a mulher mais bela de Londres ao meu lado?

E levantou-se da mesa para ir beijá-la. E, apesar do estresse, se amaram suave e apaixonadamente. Dormiram abraçados. A noite prometia ser uma lagoa plácida, sem turvações, ainda que mínimas. Mas a imprevisibilidade fazia parte da “rotina” desse inteligente casal.

CAPÍTULO 19

UMA JUVENTUDE INFECTADA

14 de maio de 1934 — Turíngia/Alemanha. As poltronas não eram confortáveis, o anfiteatro não era pomposo, mas estava lotado, metade com adultos, metade com crianças e adolescentes, para assistirem a uma tragédia escrita e produzida por Hugo Hertwig.^[127]

Todos se mostravam excitados com o desenvolvimento do espetáculo, mas um espectador na primeira fileira estava sob um ataque de pânico. Coração palpitando, suor excessivo, pulmões ofegantes. Mexia-se na poltrona ininterruptamente. Esfregava as mãos no rosto, queria interromper a peça aos gritos: “Vocês estão loucos! Hitler vai devorá-los!”. Mas havia muitos soldados da SS e da SA assistindo à peça armados e prontos para atirar em qualquer opositor. Além disso, havia tanta gente em pé que não tinha como gritar e sair correndo. Seria esmagado pela multidão.

Tentou relaxar, conter sua ânsia de vômito e abrandar sua raiva, mas era quase impossível. Ao seu lado, um adolescente batia palmas entusiasmado no fim de cada ato. Entre um ato e outro, tentando salvar pelo menos um jovem

do fascínio por Hitler, o homem que odiava a peça perguntou ao adolescente ao seu lado:

— Qual seu nome?

— Alfred Günther.

— O que o atrai mais nessa peça?

— O Führer. Não está vendo? Temos o maior líder da Europa.

— E se ele for um monstro vestindo uma pele de cordeiro?

— O quê, um opositor?! Você não ama o Führer! — disse o jovem e, num ataque de ódio, se levantou subitamente, chamando a atenção de alguns ao seu redor.

— Calma, Alfred, calma! Sente-se, só queria conhecer sua fidelidade a Hitler.

Alfred se sentou, desconfiado. Algumas pessoas também prestaram atenção no estranho espectador. Eis que nos últimos atos os atores mirins aparecem. E aquilo que era ruim se tornou intragável. O incomodado espectador descobriu, para seu completo desgosto, que Hitler já tinha torcida organizada até entre as inocentes crianças. Entrou, saltitante, uma menina que não tinha completado 10 anos, da Liga das Meninas Hitleristas, e um garoto de 9 anos, da Liga dos Meninos Hitleristas:

A menina dizia:

Salve nosso Führer! Salve nosso povo!

Acreditamos no Deus dos Justos!

*Ele nos traz luz do sol, afasta as nuvens cinza,
Presenteia os bons, deserda os maus.
Ser alemão significa: “Sopro divino”.
Os arianos são portadores da cultura!
Os povos da Europa gostam de viver de acordo com os hábitos
alemães;
O modelo de humanidade é você, “alemão”!*

O observador começou a ter ataques de tosse, que inclusive atrapalhavam a atuação da menina. De repente, recebeu um tapa nas costas, de um brutamontes da cadeira de trás.

— Isso vai resolver! Cale-se.

O tapa quase lhe quebrou algumas costelas, aquietando suas crises de tosse, mas não sua mente, cujos questionamentos fervilhavam: “Que palavras são essas?”. A filosofia nazista ganhara ares teatrais em lugares distantes de Berlim. Alfred Günther, bem como seus pais e amigos, que estavam ao seu lado, volta e meia focalizavam o espectador e atestavam que ele não estava apreciando o conteúdo da peça. Este ficou mais perplexo ainda quando o menino de 9 anos começou a atuar:

*O Führer foi enviado pela misericórdia de Deus:
Não apenas para a Alemanha! Também para outras nações!
Somos profetas do Führer
E vamos acabar com as religiões!*

*Somos a juventude e carregamos a igreja no coração.
Carregamos as pedras e acendemos as velas.
Podemos construir as pontes para o futuro da Alemanha.
Que nossos filhos olhem, orgulhosos, para o alto!*

Hitler estava no poder havia um ano e quatro meses quando a peça *Irmãos de sangue* foi encenada. Ela era apenas uma amostra do que ocorria em todo o tecido social alemão. A filosofia barata de Rosenberg, as habilidades de Goebbels, o poder paramilitar da poderosíssima polícia SS, dirigida por Himmler, e da SA, dirigida por Ernst Röhm, exaltavam Hitler a patamares que nem os “Césares” atingiram. Calígula, que sonhava ser deus, invejaria-o.

“Profetas do Führer? O nazismo se converteu numa religião”, pensou. O sonho nazista era que no seio da humanidade deveria existir uma religião, um partido, uma cultura e até uma capital mundial, projetada por Albert Speer.

E, de repente, a peça se encerrou de maneira apoteótica. Uma enorme quantidade de meninos e meninas de 8, 9, 10 anos entravam por todos os lados e anunciavam a uma só voz:

*Alemães! Acreditem em vocês! Acreditem em seus feitos!
A Alemanha é eterna.*

Os tempos do sentimento de inferioridade detectado por Alfred Rosenberg tinham cessado, o humor da sociedade

alemã rapidamente fora para o outro extremo. A própria história do autor da peça, Hugo Hertwig, era um drama. Seu pai morrera durante a Primeira Guerra Mundial vítima de doença incurável. O irmão mais velho fora severamente ferido na guerra. A mãe e seis filhos dependiam da ajuda do governo para não morrer de fome. Projetando suas dificuldades nas dificuldades que Hitler passara durante sua vida, Hertwig a escrevera em homenagem ao salvador da Alemanha.^[128]

Toda a plateia levantou-se e ovacionou o autor da peça e seus atores, com exceção do espectador que não conseguiu deixar de ser fiel à sua consciência. Seria baleado pelos policiais da SS ou linchado pela multidão. Em estado de choque, sabendo que morreria de qualquer maneira, num ato de bravura ele deu um salto e subiu ao palco.

Muitos pensaram que se tratasse de um espectador mais exaltado, excitado com o conteúdo da peça. Ele, observando a massa de crianças e jovens, ficou intensamente sensibilizado. Em breve, a maioria deles perderia a vida nos campos de batalhas, uns pela fome, outros pelas infecções e outros ainda pelos projéteis.

Como um louco, aos brados, perguntou:

— Vocês sabem quem estão exaltando?

A plateia subitamente se acalmou, ficou pasma com a ousadia do espectador, inclusive Alfred. Esperavam mais elogios a Hitler, mas ele sutilmente os contrariou. Imitando

a voz de Hitler, soltou um dos discursos que seria feito muito tempo depois:

Tudo que for essencial à manutenção da vida deve ser destruído... Os suprimentos de alimentos, as fazendas, devem ser reduzidos a cinzas; o gado, morto. Nem mesmo as obras de arte que as bombas poupam devem ser preservadas. Os monumentos, castelos, igrejas, óperas, também têm de ser arrasados...[129]

Em seguida, em sua própria voz, sentenciou:

— Hitler destruirá completamente a Alemanha. A maioria desses jovens perderá suas vidas. Não o amem. — As pessoas não acreditaram no que estavam ouvindo. Hitler, era o Führer, infalível, inatacável, o pai da nação. E o homem completou as últimas palavras antes do seu funeral: — O Führer é um monstro! Milhões de judeus, inclusive crianças como vocês, morrerão em suas mãos.

Quando pronunciou as últimas palavras, gritaram “morte ao judeu!”, foi empurrado por Alfred e, em seguida, atacado pela multidão ao seu redor, antes mesmo que os policiais da SS atirassem nele. Homens, mulheres e adolescentes avançaram sobre ele, o esmurram, chutaram, pisotearam.

— Júlio, acorde! Acorde! Você está sangrando. Acorde! — Era Katherine, apavorada, vendo seu nariz com hemorragia.

O professor não acordava. Estava num sono profundo. Assustado, colocava as mãos sobre o rosto, tentando se proteger do linchamento. Ela, desesperada, tentou abraçá-lo

e protegê-lo. Ele sempre sonhara, mas era a primeira vez que tinha dificuldade de despertar.

— O que aconteceu, Júlio? Estamos aqui, seguros!

E mais uma vez ela o abraçou. Seu homem estava trêmulo, fragilizado, desfigurado psiquicamente. Enfim, ele acordou.

— Acabei de ser linchado, Kate... — E, depois de uma pausa, olhou para ela e lhe afirmou: — Mas não sei qual dor era pior, se a do espancamento do meu corpo ou da minha alma.

Seus olhos misturavam lágrimas com gotas de sangue.

— O que aconteceu, querido?

— Vi belíssimas crianças alemãs dominadas, seduzidas pelo nazismo.

— Felizmente foi só mais um pesadelo.

— Lembra-se daquele jovem que interrompeu a conferência ecumênica?

— Sim, me lembro.

— Ele estava lá, ao meu lado. Foi o primeiro a me atacar.

Ela suspirou e disse:

— Bom, pelo menos você teve contato com ele e depois sonhou com o personagem, não foi como o estranho caso de Rodolfo e Klaus.

— Há muitos policiais me protegendo. Posso fugir do mundo, mas não dos fantasmas da minha mente.

O professor passou as mãos nos lábios, que também sangravam. De repente, o atendente do hotel lhe interfonou

dizendo que tinha uma carta para ele. Esse tipo de carta lhes dava arrepios. Pediu-lhe que a desse para os seguranças avaliarem o seu conteúdo. Estes o analisaram e constataram que se tratava apenas de papel. Katherine olhou para o relógio; eram 8 horas da manhã.

— Espere, eu a receberei.

O envelope da carta era de plástico e não estava selado. O remetente era o reitor Max Ruppert. Após entregá-la a seu marido, este a abriu pacientemente. Katherine estava sentada numa poltrona King esperando a leitura da mensagem, que era curta e direta.

Professor Júlio Verne,

O senhor é o mais popular professor de nossa universidade e, de longe, também o mais polêmico. Amado por alguns e odiado por não poucos. O conselho acadêmico respeita sua maneira de ser e pensar, mas seus serviços profissionais não preenchem a linha pedagógica desta instituição de ensino. A partir de hoje, o senhor está desligado do quadro de professores.

Reitor Max Ruppert

— Como o reitor descobriu este endereço? — indagou Júlio Verne.

Katherine, apreensiva, disse:

— Falei há dois dias para uma amiga íntima, que é próxima de Max, onde estávamos. Foi um desabafo. Quem sabe ela comentou com ele?

Júlio Verne leu de novo a mensagem, respirou longamente e, enquanto irrigava seus pulmões com ar, tentava irrigar sua emoção com serenidade. Mas foi incapaz.

— Hipócritas!

Suas aulas promoviam crises e estilhaçavam paradigmas, mas seus alunos deixavam de ser repetidores de informações.

— Não grave na órbita do reitor.

— Não se trata disso, Kate. — E ele se sentou na cama, indignado: — Acabei de ter pesadelos sobre a massificação de jovens da década de 30 do século XX. E hoje, o que mudamos? Não poucos jovens da atualidade desconhecem a história, não têm cultura geral nem opinião própria. Se eles deliram diante de artistas com quem nunca conviveram, como não ficarão fascinados por um homem carismático como Hitler?

Após dizer essas palavras, começou a sentir um aperto no peito, uma sensação de asfixia e ânsia de vômito. Solto um grito desesperado, como se estivesse às portas da morte.

— Ahhh!

Embora cambaleante, foi rapidamente ao banheiro e começou a vomitar sem parar. Colocava as mãos na garganta, mas parecia que algo impedia a passagem do ar. Seu intestino começou a aumentar o peristaltismo, contraindo-se sem parar. Em seguida, os seguranças entraram no apart-hotel do casal, desesperados. Encontraram Katherine no banheiro tentando socorrer Júlio

Verne. Ela também não estava se sentindo bem. Suava muito e estava taquicárdica.

— A carta deve estar envenenada, sra. Katherine. O agente que abriu está passando mal.

— O quê? Envenenada, então deve ser isso... — disse ela, olhando desesperadamente para o marido.

Se o agente que inspecionou a carta não tivesse usado máscara e luvas, teria morrido envenenado com o gás tóxico que ela liberara. Teve os mesmos sintomas de Júlio Verne. Este só não morreu porque havia pouco gás remanescente. Os outros agentes embalaram o envelope com a carta num recipiente hermético para que se avaliassem os produtos tóxicos nele contidos.

O professor precisou ir com urgência ao hospital e ficou um dia internado na unidade de terapia intensiva. Depois, foi direto para um novo apart-hotel com endereço desconhecido para tentar despistar os conspiradores ou terroristas. Os agentes da Scotland Yard estavam desolados com esse furo no esquema de segurança. Não entendiam como, com todo o aparato policial e as técnicas modernas, não conseguiam prender os suspeitos. Eles surgiam como num passe de mágica e desapareciam com igual maestria.

No dia seguinte, no novo endereço, os dois agentes do serviço de inteligência especializado em terroristas, Thomas e James, juntamente com Billy, foram dar a notícia do laudo pericial ao casal.

— Não entendemos. O gás venenoso que os intoxicou não é mais fabricado na atualidade — disse Thomas.

— Qual é o tipo? — perguntou o professor.

— Zyklon B.

— Não é possível! — falou, intrigado, Júlio Verne.

— Você já ouviu falar dele? — questionou Katherine.

— É um poderoso pesticida. O mesmo usado nas câmaras de gás de Auschwitz.

Todos ficaram calados com esse relato. Mais uma vez os nazistas estavam nessa perseguição implacável. O professor colocou as mãos na cabeça e, depois de um longo suspiro, comentou:

— Cerca de mil homens, mulheres, crianças, idosos, entravam por vez numa pequena câmara de pouco mais de 2.000 metros quadrados pensando que iriam tomar banho. Do alto da câmara, eram atirados grânulos do veneno que, com altas temperaturas, desprendiam o gás tóxico que permeava todo o ambiente.^[130] Depois, prisioneiros judeus eram obrigados a juntar os corpos e os colocavam na fornalha para não deixarem vestígios.

— Meu Deus, que crueldade! — falou Billy.

Katherine abraçou Júlio Verne.

— Eu senti seus sintomas, são horríveis — falou completamente abalado.

Depois de uma prolongada pausa, Katherine, ansiosa, perguntou:

— Será que Max Ruppert está envolvido nessa conspiração?

— Não podemos acusá-lo, por enquanto. Mas é possível que alguém da universidade ou algum mensageiro esteja de alguma forma envolvido — falou James.

Billy se adiantou e colocou as suspeitas que pairavam sobre a equipe de segurança:

— Pode ser que o número de pessoas interessadas em seu assassinato seja maior do que imaginamos. É provável que procurem todas as pessoas que têm acesso a vocês para rastrear seu endereço e atacá-los. Contato zero por enquanto, nem com familiares.

— Como podem dois professores ser alvos de uma conspiração gigantesca, Billy? Será que não somos o alvo errado? — comentou novamente o professor.

— Seria bom que fossem, professor — comentou Thomas.

Os dias se passaram, e o casal continuava num cárcere privado, tentando se esconder de inimigos a quem desconheciam e que tinham uma habilidade incrível para penetrar em labirintos difíceis de ser explorados.

CAPÍTULO 20

O PROJETO ULTRASSECRETO

Vinte horas, verão. Júlio Verne e Katherine andavam abraçados livremente como nos tempos iniciais do candente relacionamento. Estavam disfarçados, ela com um chapéu que cobria parte do seu rosto, ele com barba postiça. Deprimidos, entediados, não suportavam mais a rotina extenuante de “refugiados” no apart-hotel. Nem aguentavam mais ser vigiados. Fazia duas semanas que nada acontecia. Fugiram, pelo menos por uma noite, para sair das fronteiras do tédio e respirar liberdade, uma liberdade patrocinada pelos disfarces. Arejaram a emoção, estavam razoavelmente felizes. Ora a mão esquerda dele tocava o ombro dela, ora deslizava sobre seu cabelo. Nesse clima, ele segredava aos seus ouvidos o quanto a amava, palavras intraduzíveis. O ambiente só se rompia quando algum som diferente os envolvia. Olhos atentos, mentes sobressaltadas, denunciavam o baixo limiar para enfrentar estímulos estressantes.

— O que foi isso? — disse ele, preocupado.

— Não sei. Parece que um objeto metálico caiu em um desses escritórios.

Ela colocou a mão sobre a cintura dele e o empurrou suavemente, querendo dizer “esqueça, vamos em frente”. Passaram pelo BigBen e nunca o tinham visto tão lindo. Cruzaram o rio Tâmis, andaram duas quadras, viraram à esquerda, percorreram mais 250 metros até que chegaram a um restaurante francês de sua preferência.

Os pais de Júlio Verne haviam falecido havia mais de dez anos, num acidente de carro. Eles não apenas amavam os escritores franceses como também apreciavam a cozinha francesa. Filho único, o professor aprendera, nos tempos de abundância com os pais, a também apreciá-la e, mais que isso, contemplar suas cores, seus odores e seus sabores. Rejeitava o *fast-food*. Comer, para Júlio Verne, era um ritual lento e prazeroso, um convite a uma boa conversa. O problema era que o contraído salário de professor nem sempre permitia essas aventuras, ainda mais agora: ele desempregado, ela de licença. Precisavam relaxar e pensaram que nada melhor do que um prato francês acompanhado de um bom vinho.

— Você continua linda, Kate — disse ele na porta do restaurante.

— Tenho de reconhecer que você não é míope — brincou ela.

— De baixa autoestima você não vai morrer — disse ele beijando-lhe os lábios e, romântico, agradeceu-lhe de modo especial. — Obrigado por existir e invadir minha história. Eu te amo.

Ao entrarem no restaurante, procuraram deixar fora toda ideia de perseguição, reações fóbicas, insegurança, mistérios inquietantes. Apesar disso, pediram um ambiente mais isolado. Um garçom os levou até a mesa ao fundo, no canto esquerdo. Enquanto percorriam o ambiente, observavam as vidraças estampadas com monumentos parisienses: Torre Eiffel, Arco do Triunfo, Louvre... Era um pedaço da França dentro de Londres. Frequentavam esse restaurante três vezes ao ano, para comemorar o aniversário deles e o de casamento. O garçom que os introduziu à mesa pediu que aguardassem um momento até que viesse com a carta de vinhos e dos pratos. Sentaram-se, e Katherine, tomada de uma envolvente emoção, repousou suavemente suas mãos sobre as dele.

— A liberdade é como o ar. Tão invisível, mas tão fundamental. Perdê-la é morrer por dentro, é tirar oxigênio da emoção — comentou ela, em estado de júbilo.

— Só sabe seu valor quem a perde — disse ele, fascinado, como se a tivesse resgatado, pelo menos por alguns instantes.

Depois ela mudou de assunto.

— É uma pena que este restaurante não caiba com frequência no bolso dos professores.

— Mas tudo que é raro se torna especial. — E acrescentou: — Você é uma mulher rara.

— E você é um homem complexo.

— Isso é um elogio ou uma crítica?

— O que você acha? — disse ela instigando-o, como ele fazia com seus alunos.

— Hummm. Deixe-me ver, um homem complexo pode ser profundo, mas imprevisível, inteligente, mas com preocupações tolas, ousado, mas capaz de sofrer estupidamente pelo futuro. Complexo e complicado são duas características muito próximas.

— Está se descrevendo?

— Talvez — falou ele com um suave sorriso.

— Você acha que eu me apaixonaria por um homem comum? — ela o questionou.

— Creio que não.

— Toda mulher inteligente escolhe homens complicados para se relacionar — disse ela com seu refinado humor. Ele deu uma gargalhada e a interrompeu.

— Sou um homem complicado, mas eu te amo — falou, num tom mais alto, para que quem estivesse próximo ouvisse.

— Fale baixo — disse ela, embebida em alegria, mas constrangida. Ele abaixou o tom de voz, mas continuou a melodia.

— Obrigado por não desistir de mim.

— Para onde eu fugiria? Se durmo, você está em meus sonhos; se viajo, levo-o comigo; se estou tensa, você faz parte da minha ansiedade...

— Eu sei. Sou um homem pegajoso.

E a delicada conversa se estendeu por longos vinte minutos, como se não se encontrassem dentro de um restaurante, como se tivessem fome de afeto, sede de entrega. E nenhum garçom apareceu para perturbá-los.

— É estranho, mas nenhum garçom apareceu até agora — disse Júlio Verne, tomando conta da situação.

— Talvez tenham vindo, mas, distraídos com nosso amor, não os ouvimos, e, discretos, não nos atrapalharam — disse ela, se despreocupando com fatos inusitados e procurando esquecer o tumulto das últimas semanas.

Ele tentava chamar os garçons, mas nada, pareciam ignorá-los. Levantou-se para ir ao encontro de algum deles. Mas não foi necessário, logo que deu os primeiros passos, vieram três garçons ricamente trajados ao seu encontro, um deles trazia um vinho que ele amava, que custava pelo menos duzentas libras a garrafa e que só tomara na casa de alguns amigos riquíssimos.

— O senhor está enganado. Eu não pedi esse vinho! Aliás, não pedi vinho algum.

— Mas sabemos que o senhor o aprecia muito. Ele já foi pago pelos que o convidaram.

Nesse momento, abriram-se as janelas tensionais do seu cérebro. Preocupado, afirmou:

— Não fui convidado por ninguém! Vim aqui por iniciativa própria.

Katherine, igualmente ansiosa, começou a achar que haviam descoberto a identidade deles. Começou a observar

ao seu redor para ver se algum inimigo os cercava.

— Relaxe! — disse ele.

Mas, pensando tratar-se de mais um atentado, Katherine se levantou subitamente. Ele a acompanhou.

— Espere, senhor. Tenho um recado de seus alunos!

— Alunos?

Sem dar maiores explicações, o garçom leu a frase:

Os livros nutrem o cérebro tanto quanto os alimentos ao corpo, mas sua digestão é mais demorada. Que você tenha uma excelente digestão, professor! Pensem em seus alunos: Deborah, Lucas, Gilbert, Evelyn, Brady.

E ele se lembrou de que era o autor desse pensamento.

— Que incrível! Meus alunos me seguiram e prepararam uma festa para um professor desempregado.

— Isso é demais — disse ela, sentando-se e relaxando.

O professor sabia que Lucas e Deborah eram muito ricos. Ele também se sentou aliviado, suspirando suave e demoradamente. Os garçons se apresentaram. O de cabelos grisalhos, cerca de 60 anos, de voz imponente e estatura alta, se chamava Hermann; o segundo mais velho, cerca de 50 anos, também alto e moreno, chamava-se Theodor; e o terceiro, mais jovem, cerca de 40 anos, com leve sobrepeso, de estatura mediana e perfil mais agitado, chamava-se Bernard. Em seguida, eles trouxeram as entradas. Antes que Júlio Verne e Katherine fizessem o pedido dos pratos

principais, os garçons lhes trouxeram. E eram justamente os pratos que mais amavam.

— Surpreendente. Só com Lucas eu havia comentado sobre nossas preferências na culinária francesa. É impressionante como são generosos — expressou o professor.

— Mas esses pratos são muito caros, não? — comentou Katherine.

— Fiquem tranquilos. Nesta noite, os senhores têm *full credit* — disse Hermann, que parecia o *maître*.

Júlio Verne, que estava apresentando uma branda anorexia, retomou seu apetite. Borbulhando de alegria, comeu prazerosamente. Tomaram toda a garrafa de vinho, acompanhado de água Perrier. Ao fim do jantar, após uma sobremesa de frutas flambadas regada a conhaque e um saboroso café, se preparavam para ir embora. Entretanto, não tardou a aparecer outro garçom, diferente dos que os haviam servido. E trouxe o inesperado.

— A conta, senhor!

— Quatrocentas e noventa libras? Nós temos *full credit*. Fomos convidados para estar aqui.

— Onde estão as pessoas que os convidaram?

— Não sei, mas o *maître* me disse que tudo estava pago.

— Como isso é possível? Neste tempo de dificuldades econômicas, alguém o convida sem aparecer e lhe dá liberdade para gastar o que quiser? O senhor está brincando

com a minha cara — exclamou o garçom, incrédulo, achando que Júlio Verne queria lhe aplicar um golpe barato.

Katherine ficou constrangida.

— Mas alguns alunos é que estavam financiando o jantar.

— Alunos? Onde estão eles?

Não havia como explicar. Irritado, o garçom perguntou:

— Qual é o nome do garçom que lhe fez essa afirmação?

— perguntou, profundamente desconfiado.

— Hermann, Theodor e... — disse ele, tendo indigestão.

— Bernard... — completou ela o terceiro nome.

— Hermann, Theodor, Bernard? Não há ninguém na casa com esses nomes. Olhe para nossos garçons e os identifique, por favor.

— Estranho. Não os vejo.

O casal se entreolhou, pasmo, e novamente detonou o gatilho cerebral que resgatou o trauma do terror. Sentiram um incontável desejo de sair correndo. A conta era o problema.

— Não é possível! O que está acontecendo? — perguntou Katherine novamente, com olhos umedecidos.

— Eu é que pergunto ao senhor o que está acontecendo, senhora. Qual é sua profissão, senhor? — questionou o garçom ríspidamente.

— Sou professor!

— Como pode um professor explicar tantas coisas aos alunos e dar uma explicação tão esfarrapada para não pagar sua conta!?

O garçom os abalou. Suas razões eram pífias. Grosseiro, saiu de cena para tomar providências. Júlio Verne, que tinha pesadelos dormindo, estava agora em um pesadelo acordado, no restaurante que mais amava. Teve saudades de Billy.

— Como sou ingênuo! Vamos pagar a conta e sair o mais rápido possível.

Para sua surpresa, enquanto ficara de pé para rapidamente procurar o garçom que lhes cobrara, três homens trajando *smokings* impecáveis, que estavam sentados a uma mesa a apenas 8 metros de distância, se levantaram e foram em sua direção. O professor e Katherine, pasmos, os identificaram:

— Mas vocês não eram os garçons que nos serviram?

— Sim, somos seus serviçais — afirmou Hermann.

— Mas o que isso significa? — perguntou Katherine.

— Permitam-nos sentar que vamos nos explicar.

— Desculpe-nos, mas temos compromissos — disse ele, temendo que fossem nazistas disfarçados. Mas os três não pareciam terroristas, se é que estes têm rosto. Embora também não parecessem confiáveis.

— Acalmem-se. É um grande prazer estar com o senhor, professor Júlio Verne, e com a senhora, professora Katherine.

— Mas vocês nos conhecem?

— Como não conhecer o aventureiro das salas de aulas, que abala alunos e rompe paradigmas? — afirmou Theodor.

E se apresentaram, exibindo suas credenciais.

— Eu sou Theodor Fritsch, doutor em teoria da relatividade, chefe do Departamento de Física Aplicada do... Bom, isso é outra etapa.

— Eu sou Bernard Gisevius, doutor em física quântica.

— Eu sou Hermann Klee, general de carreira.

— Um general? — disse, impressionada, Katherine.

— Sim, mas também sou engenheiro e especialista em mecânica quântica. Sou chefe do projeto que vamos lhes explicar. Somos todos alemães, creio que nosso sotaque nos denuncia um pouco.

— Físicos de renome? Foram vocês que nos convidaram para esta refeição? Não foram nossos alunos? Que brincadeira de mau gosto é essa? — indagou o professor.

— Sim, fomos nós que os convidamos — disse o general.

— Mas... e a frase que você leu de Júlio, antes de nos servir, e o nome correto dos alunos? — indagou, deveras desconfiada, Katherine.

— Conhecemos muito bem suas histórias, suas teses e suas frases. Sabemos de seus alunos. Citamos uma de suas frases e, ao fim, dissemos “pensem em seus alunos”, mas não que eles os tivessem convidado.

Nesse ínterim, chegou o gerente do restaurante com a conta e a deu novamente para o professor. O general pegou-a.

— Não se preocupe, a conta é nossa. Ele é nosso convidado. Qualquer dúvida, fale com o dono do restaurante.

— E passou seu cartão.

Impressionado, Júlio Verne esperava por respostas. Pelo menos dessa vez não teria de explicar o inexplicável. Mas não tocou no assunto dos terroristas. Não sabiam até então em que terreno estavam pisando.

— Podemos nos sentar? — indagou novamente Hermann.

— Não é sempre que recebo um general — disse o professor.

Os três pediram desculpas pelo transtorno que lhes causaram, mas disseram que tinham planejado tudo aquilo para abrir-lhes a mente para outras possibilidades. Hermann tomou a frente e disse-lhes:

— O caos é dramático, mas pode ser um momento único para novos começos. Quem tem medo dele se enterra nos pântanos do conformismo.

E com seu olhar pediu para Theodor dar mais explicações.

— Há fenômenos aparentemente inexplicáveis, mas nem por isso irreais. Mostramos que éramos reais, depois desaparecemos, mas estávamos bem próximos de vocês, e vocês não nos viram, a não ser quando nos desvendamos.

— Não estou entendendo nada — disse Katherine, sincera como sempre. Theodor continuou.

— Do mesmo modo, na física há fenômenos reais, mas que não são captados pelo nosso sistema sensorial. Estão presentes, mas não conseguimos explicá-los com um raciocínio simples ou unifocal. Você tentou explicar ao garçom a nossa existência e ele achou que você delirava. Mas

não somos um delírio, somos reais. Para muitos, alguns fenômenos que não conhecem ou não entendem são loucuras, preferem ignorá-los.

— Eu os entendo. Tenho enfrentado alguns fenômenos que parecem loucura — afirmou Júlio Verne com certo alento. Se ele estava ficando maluco, aqueles três, ao que parecia, também estavam.

Katherine sentiu-se confusa e estúpida depois dessa explicação. O professor sabia que aqueles bizarros homens queriam dizer algo. Mas também sabia que se metera em mais uma confusão dos diabos.

— Aonde vocês querem chegar? — disse ele, curioso.

— Queremos falar sobre uma das mais fantásticas loucuras da física — afirmou Bernard.

— Mas vocês estão enganados. Não sou dessa área. Sou professor de história.

— E eu de psicologia social. Não temos nada a ver com a física — comentou Katherine.

— Errado. A história e a física sempre foram divorciadas. Mas chegou o dia em que essas duas áreas do conhecimento farão o mais surpreendente casamento — afirmou Theodor.

— Aliás, a física poderá corrigir a história — disse orgulhosamente Hermann em tom messiânico.

— Corrigir a história? Não se corrige o passado, só se corrige o presente — disse o professor, contraindo os músculos do nariz como sempre fazia quando estava em desacordo com algo. — Sou crítico do sistema cartesiano.

Para mim, os alunos estão entulhados de informações lógicas, o que tem esmagado o raciocínio complexo e a sensibilidade deles. E vocês vêm me falar da supremacia da física.

— Nós sabemos o que você pensa, professor — disse Hermann, e brincou: — Inclusive o que você gosta de comer e beber. Também cremos que as ciências humanas são fundamentais e somos críticos do tecnicismo nas universidades.

Essa posição surpreendeu Júlio Verne.

— Mas, afinal de contas, quem são vocês? O que físicos alemães querem com meu marido? — perguntou Katherine, completamente insegura.

— A fama de Júlio Verne ultrapassou as barreiras do seu país. Procurávamos um judeu que tivesse um notável conhecimento sobre a Segunda Guerra Mundial, cujas palavras espumassem ansiedade e inquietassem seus ouvintes.

— Por quê? — questionou o professor.

A resposta foi direta e absurda.

— Para tentar corrigir a história da humanidade.

Júlio Verne sorriu, sem muito controle.

— Desculpem-me, senhores. Eu já disse e afirmo o que é de senso comum. Não se corrige o passado. Estão loucos?

— É aí que entra a física quântica e a teoria da relatividade geral.

O professor tossiu duas vezes.

— É muito para a nossa cabeça. Por favor, vamos parar de elucubrar. Sejam claros — falou Katherine, estressada, tal qual fazia com Billy.

Mas, de repente, Júlio Verne trouxe à sua memória a peça que os convidados haviam lhe pregado. Falou alto: “Eles apareceram, depois sumiram, em seguida reapareceram, mas já estavam presentes. A existência deles parecia improvável, mas não irreal”. Sentiu um calafrio na coluna vertebral. Lembrou-se das cartas, das perseguições implacáveis, dos agentes estranhos que queriam sua cabeça, que apareciam e desapareciam como num passe de mágica. Ficou excitado e confuso. Os homens que estavam em sua mesa não eram psicóticos. Por instantes, pensou que, se Billy estivesse ali, já teria embarcado na fantasia desses homens.

Hermann foi direto ao assunto.

— Trabalhamos num projeto ultrassecreto patrocinado pelo governo alemão. Unindo a teoria de Einstein com a mecânica quântica, construímos a mais admirável máquina de todos os tempos, uma corda cósmica. Em outras palavras... Construímos finalmente a máquina do tempo...

Júlio Verne e Katherine quase caíram da cadeira. Entreolharam-se sem dizer nenhuma palavra. Só queriam descobrir aonde aqueles homens queriam chegar.

Então Theodor sentenciou:

— O ser humano pode viajar no tempo.

Hermann tomou novamente a frente e disse:

— Não podemos entrar em detalhes, mas durante muitos anos trabalhamos numa máquina que pode distorcer o espaço-tempo a tal ponto que se torna possível fazer uma curva no tempo e voltar ao passado, ou viajar para o futuro.

— Viajar ao passado? O passado é irretornável. Transportar-se para o futuro? O futuro é inexistente. Desculpe-me, mas isso parece coisa de malucos — exclamou Katherine, querendo ir embora. E acrescentou: — Nossa vida já tem tido fatos estranhos demais para embarcarmos em mais uma arriscada aventura. Vamos, Júlio. — E ameaçou se levantar.

Mas Júlio hesitou.

— Espere, por favor. Vocês têm o direito de pensar que isso é absurdo. Era isso que queríamos demonstrar quando os servimos como garçons. O improvável não é impossível. Nosso laboratório, a um preço altíssimo, produziu a mais fantástica loucura da física — afirmou Bernard.

— E como saberei que vocês não estão delirando? — perguntou o professor.

— Venham e vejam com os próprios olhos.

— E o que vocês querem de mim? — questionou novamente.

— Precisamos de um herói capaz de tentar mudar a história! — falou Theodor.

— Eu, um herói? Mudar a história? Estou mais para covarde do que para homem mediano, que dirá herói.

— Sabemos quem você é. É você que procuramos.

— Mas se eu me recusar?

— Tem todo o direito.

— Vocês não têm medo de que contemos esse seu segredo para os outros?

— Não! O garçom que cobrou a conta já o chamou de louco porque não conseguiu explicar seus “convidados” invisíveis. Imagine se um professor de história e uma professora de psicologia disserem que há uma máquina de tempo com a qual é possível viajar pela história.

— Certamente me internarão! — afirmou o professor.

— Somente Billy e Renan acreditarão nessa bizarrice — disse Katherine.

— Mas mudar que capítulo da história?

Houve um silêncio na mesa. O casal percebeu algo estranho no ar. O general Hermann foi evasivo.

— Quem sabe mudar guerras.

O professor deu uma gargalhada de nervosismo. E, olhando para eles, tentou se conter:

— Desculpe-me, mas por essa não esperava.

Katherine, inquieta, esfregou suas mãos.

— Vocês querem que um simples professor que provoca a mente de alguns alunos mude o curso da história? — E olhando para seu marido, lhe pediu desculpas e completou: — Querem que um homem que não mata uma mosca silencie bombas e canhões?

Theodor, observando a incredulidade do professor, espetou-o na raiz da sua alma:

— Com uma mão um mestre escreve na lousa, com a outra muda o mundo quando muda a mente de um aluno. Não é isso que o senhor afirma? Você não confia no poder de um professor...?

Ele e sua mulher se calaram. O general Hermann se levantou e foi mais longe em feri-lo:

— Pensávamos que você era um professor de história apaixonado pela humanidade e crítico das injustiças sociais. Pensávamos que teria curiosidade em conhecer outras camadas da ciência. O senhor disse ousadamente em sala de aula que se sentia um covarde por não ajudar, em seus pesadelos, as pessoas de sangue do seu sangue, carne da sua carne.

Júlio Verne pensou: “Como eles sabem de todos esses detalhes?”. O general completou seu bombardeio:

— Não acho que seja um covarde, professor, caso contrário, não causaria tumulto em suas plateias. Mas no mínimo é um mestre enterrado em seu conformismo, que não honra a investigação científica. E quem não a honra não é digno de grandes descobertas, morrerá em sua mediocridade.

E então eles os deixaram. Júlio Verne e Katherine, silenciosos, não conseguiam olhar um para o outro. Quando os três personagens estavam perto da saída do restaurante, Júlio Verne não se aguentou, bradou o nome de Hermann. Mas nesse momento um garçom veio ao encontro deles para

atendê-los. Estava trazendo uma bandeja coberta com um lenço branco, que escondia uma das suas mãos.

Ao se aproximar, o professor reconheceu assombrado que era a mesma face do motorista que quase o matara logo após o primeiro pesadelo... Sem demora, o suposto garçom tirou uma arma e apontou para ele, que só teve tempo de dizer.

— Espere!

Mas o garçom não queria perder um segundo. Quando ia disparar seu revólver à queima-roupa, foi contido por uma arma sofisticada que paralisou a sua musculatura. Essa arma era do general Hermann. O suposto assassino caiu trêmulo no chão. Era um intruso, não fazia parte do corpo de garçons do restaurante. Era um nazista que estava no encalço do professor. Em pânico, disse:

— Obrigado, general! O que está acontecendo?

— Também não sabemos.

De repente, apareceu outro sujeito tentando matá-lo. Era Thomas Helor, o mesmo que deixara Peter paraplégico. Se não fosse a arma secreta, agora de Theodor, o casal, bem como o general, teria sido assassinado.

— Vamos embora rapidamente deste lugar — recomendou o general. E partiram em seu carro. Katherine estava abalada. O general sabia que coisas estranhas estavam acontecendo nas últimas semanas com o casal, mas não conhecia muitos detalhes. Após chegarem a um lugar seguro, perguntou se tinham vivido outras situações de riscos. O professor, mais confiante, se abriu, contou detalhes

das incríveis experiências que havia tido, das cartas às tentativas de assassinato.

Os três forasteiros entreolharam-se, pasmos com os relatos. Preocupadíssimos, não tinham uma explicação completa do que estava ocorrendo, mas algo imprevisível e, provavelmente, incontrollável parecia estar em andamento. Theodor, sem esconder sua ansiedade, ligou um sofisticado aparelho digital com hologramas e entrou em contato com o comando central do laboratório encarregado do megaprojeto em que trabalhavam. Passou diversos dados por meio de um sofisticado sistema de códigos. Houve um cáustico momento de silêncio enquanto analisavam os fatos. Hermann estalava os dedos, Theodor fazia movimentos com a perna e Bernard movia os lábios sem parar. Estavam estressados. Minutos depois, veio a resposta. Theodor leu o relatório como quem vislumbrasse um fantasma. Não resistiu e fez uma observação em voz alta, olhando para seus dois amigos.

— O processo já começou. Mas como isso é possível? Ele nunca esteve no laboratório.

Em seguida, conversaram algumas palavras em código, numa língua desconhecida pelo casal. Júlio Verne e Katherine, completamente perdidos, sentiram que um vírus mortal os havia infectado.

— Mas como? O que o desencadeou? — indagou o general, agora em inglês.

— Não sabemos. Ninguém sabe — afirmou Theodor.

Em seguida, o próprio general olhou bem nos olhos de Júlio Verne e, levantando-se imediatamente, disse-lhe sem meias palavras:

— Professor Júlio Verne, o senhor não está enlouquecendo. As suas gritantes e inquietantes perguntas serão respondidas. Podemos esclarecer todo o inferno que o senhor está passando. Mas talvez as respostas que lhe daremos não sejam menos perturbadoras do que pensar que passa por uma psicose.

— Como assim?

— Sua vida está por um fio.

— Disso eu sei.

— Sinto muito, mas não podemos revelar o que está acontecendo sem que antes o senhor participe das reuniões em nosso laboratório e conheça de perto o projeto. Vocês decidem, e tem de ser agora.

Júlio Verne olhou para Katherine, que queria pelo menos mais um pouco de dados.

— Não terá respostas, senhora. São duas as opções, ou ficam mergulhados no mar de dúvidas ou têm a possibilidade de encontrar as respostas que tanto procuram.

Ela ficou paralisada por alguns momentos e, em seguida, indicou com a cabeça que ele deveria decidir.

Júlio Verne, ainda inseguro, solicitou:

— Aceito, mas com uma condição: Katherine tem de me acompanhar e participar de todos os diálogos que se sucederão.

Theodor sorriu. E Katherine observou:

— Preciso de seis horas para me comunicar com nossos amigos e parentes e arrumar nossas malas.

— Acho que vocês não estão entendendo o que está acontecendo. Terão seis minutos. Não se deram conta de que há algo estranhíssimo nessa perseguição implacável? Não perceberam que houve uma distorção no tempo e que a qualquer momento podem morrer? Não poderão se comunicar com ninguém. Apenas quando estiverem em segurança, em nossa base — afirmou categoricamente o general.

— Mas... e minhas roupas? — revelando um toque de vaidade no meio do caos.

— Temos muitas roupas do seu estilo e tamanho.

— E... — disse ela.

— Sra. Katherine, sinto muito, não tem “mas” nem “e”. Vocês estão à beira de um precipício e tememos que possam arrastar nosso projeto junto. Ou aceitam partir agora e terão a nossa proteção ou nós os abandonamos para sempre.

“O que poderiam perder? Em que a situação poderia se agravar? O que era pior do que a falta de liberdade e o risco iminente de morrer?”, pensaram. Usaram apenas um minuto para aceitar a proposta do jeito como fora colocada à mesa; afinal de contas não suportavam mais o cárcere privado. No caminho, absorto em sua mente, Júlio Verne, ainda incrédulo, perguntou a si mesmo: “Máquina do

tempo? Só em ficção científica!”. Em seguida, não se aguentou e perguntou ao general Hermann:

— Por que não fizeram essa proposta a outros?

Hermann voltou a face para ele e desferiu estas palavras:

— Já fizemos para onze personalidades. Algumas foram e não voltaram.

Vendo-o apreensivo, tentou consertar as coisas.

— Brincadeira. Não preencheram os requisitos.

Katherine gelou. Será que era mesmo brincadeira? Ela, que era saturada de curiosidade, teve medo de fazer novas perguntas. Sabia que o conhecimento que abrandava a emoção é o mesmo que pode excitar a ansiedade.

— Júlio Verne, o senhor é um privilegiado, fará parte da maior aventura em que um ser humano já embarcou — afirmou Bernard, tentando aliviar a tensão que o perigoso projeto poderia causar. — As aventuras de Indiana Jones e Marco Polo serão brincadeiras de criança perto da que o senhor experimentará.

— Devo relaxar ou me perturbar com sua tese?

— Depende do ângulo que você olha.

Perplexo pelos seus terrores noturnos, assombrado com a proposta e confuso pelas possibilidades à sua frente, o professor Júlio Verne resolveu, afinal, honrar o seu nome e dar a volta em um mundo completamente desconhecido.

CAPÍTULO 21

O TÚNEL DO TEMPO

Katherine e Júlio Verne voaram de Londres num jato particular para uma região secreta na Alemanha. Nada lhes foi dito sobre a cidade nem a região. Tudo era sigiloso e permanecia sob um manto de mistérios. Júlio Verne tentou fazer perguntas durante o voo, em especial sobre os capítulos da história que tencionavam mudar, mas Theodor indicou-lhe que nenhuma resposta mais profunda lhe seria dada. Deveria aguardar a reunião com os principais membros do Projeto Túnel do Tempo. O ousado professor tentava aquietar seus pensamentos, mas naquele clima não era um eficiente gestor da sua ansiedade.

O aeroporto era extremamente guardado, um espaço fora dos grandes centros e que pertencia às forças armadas. Após pousarem, entraram num ônibus blindado, guardado por vinte fuzileiros em pé e a postos. Dirigiram-se para o interior do aeroporto. Todos os passageiros tiveram que ser identificados e escaneados em sofisticadas câmeras de raios X. Suas retinas foram lidas e identificadas também. Pelo número de seguranças e pelo sistema de identificação, o professor percebeu que o projeto poderia não ter eficácia,

mas os três cientistas que o encontraram em Londres não estavam brincando.

Após esse processo de identificação, tomaram um trem subterrâneo que, depois de 20 quilômetros, saiu do subsolo e os introduziu numa região cercada de montanhas e com falésias imensas. A vegetação era belíssima, jardins suspensos, lagos e cachoeiras. Não parecia um laboratório, mas um oásis. Entraram num edifício pequeno, com grossas paredes de concreto. Lá havia um elevador que os conduziu aos imensos andares subterrâneos, ricamente iluminados e intensamente protegidos. Após saírem do edifício, andaram um longo trajeto em carro elétrico no quinto andar, onde as portas abriam-se e fechavam-se. O casal olhava espantado para toda aquela tecnologia. Tudo era automático e digital. Foram diretamente à reunião em que o “conselho” os aguardava.

Sempre escoltados por uma dúzia de fuzileiros em outros carros elétricos, desceram do veículo, percorreram mais 50 metros, até que chegaram finalmente ao destino, uma imensa sala, onde os membros principais do projeto estavam reunidos. Os nomes de Júlio Verne e de Katherine estavam em lugares definidos, no centro do espaço, um em frente ao outro.

Do encontro participaram seis cientistas, dos quais duas eram mulheres, Angela Feder e Eva Groener, e seis membros de alta patente das forças armadas. Todos alemães. Estavam

sentados ao redor de uma imensa mesa redonda de mogno africano bem avermelhado com estrias claras.

Arthur Rosenberg, um brigadeiro, deu boas-vindas a Júlio Verne e a Katherine. E, como militar, tomou a frente e pediu que todos se apresentassem. Depois desse breve momento, o general Hermann se apresentou como chefe-geral do Projeto Túnel do Tempo e Theodor, chefe científico. O general, pragmático que era, não gostava de rodeios. Foi direto ao assunto:

— A Alemanha, em especial as forças armadas do pós-Primeira Guerra Mundial, ao submeter nossa mente ao comando de um estrangeiro teatral e rudimentar, Adolf Hitler, cometeu o maior erro de sua história. Todos sabemos disso, inclusive nossas crianças. Hoje, somos um dos povos mais pacifistas no rol das nações. Mas não estamos satisfeitos.

Júlio Verne diminuiu sua respiração, tentou analisar seu pensamento, mas não entendeu aonde o general queria chegar. Katherine, observadora, tentava captar cada detalhe da sua expressão facial e da sua fala. Em seguida, Arthur Rosenberg completou sua ideia:

— Temos consciência de que cada judeu, cigano, homossexual, marxista, eslavo que o nazismo vitimou pertencia muito mais do que a um grupo cultural, mas à humanidade. A proximidade estreita do código genético entre os povos declaram que não existem raças humanas como pensava o nazismo e alguns grupos radicais da

atualidade; somos todos pertencentes à família humana, como o senhor gosta de dizer, professor.

O brigadeiro se expressou com delicada afetividade, algo não esperado pelo casal de psicólogos de um militar de alta patente.

Júlio Verne os interrompeu com uma pergunta que não conseguia segurar.

— Desculpem-me! Vocês querem mudar o capítulo da Segunda Guerra Mundial? — indagou assombrado.

— Sim! É o que pretendemos! Se vamos conseguir, já não sabemos! — disse o general, sem rodeios.

Katherine perdeu a voz. Júlio Verne ficou pálido. Emocionado, o general comentou:

— Conhecíamos mil causas da ascensão de Hitler, mas todas elas reunidas não formavam um corpo de ideias capaz de explicar por que entregamos nossa alma a esse crápula. Mas depois passamos a conhecê-lo. Tivemos acesso a todas as suas aulas pela internet. E não poucas foram assistidas presencialmente por membros de nossa equipe. Suas conferências nem de longe resolveram todas as nossas indagações, mas compreendemos um pouco mais a personalidade de Adolf Hitler e as estratégias sofisticadas que ele usou para penetrar e se agigantar no inconsciente coletivo da Alemanha e se tornar predador de nossas emoções.

Katherine, ao ouvir essas palavras, ficou orgulhosa de seu marido. Foi a primeira vez que ela e Júlio Verne viram um

militar com a voz embargada. Não foi a derrota na Segunda Guerra Mundial, mas a consciência de seus erros que transformou os militares alemães na casta mais humana e sensível de todas as forças armadas das nações modernas. Contribuiu para isso a atitude generosa dos aliados que venceram a guerra. Diferentemente dos vencedores da Primeira Guerra, estes cobraram pouco e se doaram muito, e investiram na reestruturação da Alemanha, o que diminuiu as animosidades e cultivou o altruísmo. Eles viveram as máximas: “Nunca pise no pescoço de um vencido porque um dia ele se transformará numa víbora. Estenda-lhe a mão que terá solenes aprendizados”.

Depois de pigarrear levemente, Theodor, sob o olhar incentivador do general Hermann, continuou:

— Como o general Hermann lhes disse, desenvolvemos um projeto ultrassecreto chamado Túnel do Tempo. Foram gastos mais de 12 bilhões de dólares durante árduos quinze anos. Temos evidências reais de que ele funciona.

— Mas é possível se transportar no tempo? Parece uma ficção que cheira ao delírio — exclamou Katherine, assustada com toda essa história.

Theodor, dessa vez, deu-lhes mais detalhes.

— Se estudarmos acuradamente os buracos negros, a mecânica quântica e a teoria da relatividade de Einstein, verificaremos que o tempo não é uma linha reta entre o passado e o futuro. Ele pode ser distorcido, acelerado ou mesmo desacelerado.

— Não entendo! Para mim, o tempo sempre foi uniforme. O que a plasticidade do tempo tem a ver com o transporte ao passado? — comentou o professor.

— À medida que nos aproximamos da velocidade da luz, o tempo se torna mais lento. Usando uma máquina que faz as partículas entrarem num vórtice, elas o circundam e se aceleram tanto que distorcem a linha do tempo dentro do anel, criando um “túnel” pelo qual podemos retornar ao passado — afirmou dessa vez Angela Feder, especialista em aceleração de partículas.

— Esse é um relato sintético de como essa sofisticadíssima máquina funciona. E, se funciona, podemos viajar no tempo. E, se podemos viajar no tempo, é possível mudar a história, ainda que seja uma possibilidade remota. E, se é possível mudar a história, podemos escolher qual período e qual capítulo queremos tentar mudar — explicou o brigadeiro Arthur.

E Hermann se antecipou e falou da grande meta:

— E escolhemos eliminar Hitler. Se for possível, queremos mudar não apenas a história das forças armadas alemãs, mas a história do mundo. Enfim, queremos varrer Hitler e a Segunda Guerra Mundial das páginas de nossos livros, das páginas de nossas lembranças, dos textos da humanidade! — exclamou enfaticamente o general Hermann.

Júlio Verne colocou as duas mãos sobre a cabeça. Não sabia se estava febril ou eufórico. Taquicárdico, ofegante,

sudorético, enfim, foi assaltado por sintomas psicossomáticos. Nem em sua imaginação de criança fora tão longe.

Katherine acabara de ouvir a ficção científica mais louca e brilhante que já ouvira. Com dificuldade de articular a voz, ela disse:

— Vocês não são deuses! E, além disso, eu pensava... que a... Alemanha já tivesse resolvido a sua culpa.

O professor também interveio.

— Desculpe, Katherine, como você sabe, o sentimento de culpa é fundamental. É um dos fenômenos psíquicos que mais nos torna humanos. Se a culpa for intensa, deprime o psiquismo; se inexistente, financia o instinto animal; mas se for dosada, é de uma pedagogia fascinante. Todavia, apesar de ser um especialista em Segunda Guerra, jamais culpei a sociedade alemã atual pelas loucuras do nazismo. Os filhos não podem ser encarcerados pelos erros dos pais.

— Nós sabemos disso e concordamos, mas quem controla plenamente seu psiquismo? Após a Segunda Guerra Mundial, nossas gerações olharam para esse período envergonhadas pelos erros que aquela fatídica geração cometeu. A Alemanha já pediu desculpas ao seu povo pelo Holocausto judeu e por outras atrocidades. Mas nós, membros do Projeto Túnel do Tempo, queremos mais do que reconhecer nossos erros, queremos corrigir a “própria história”. Sabemos que não somos deuses, mas seres humanos imperfeitos e limitados, e como tais é que queremos tentar...

O brigadeiro Arthur, sincero, declarou:

— Nós, militares, toda vez que estudamos a história sentimo-nos profundamente desconfortáveis com nossos pares do passado.

O almirante Hans Oster rompeu seu silêncio e também comentou:

— É provável que a sociedade alemã tenha resolvido sua angústia histórica. Mas nós não conseguimos olhar para as páginas da história sem nos perguntar “por quê?”. É quase inacreditável que os militares tenham se curvado a um homem maníaco, portador de uma filosofia irresponsável e infantil. O Projeto Túnel do Tempo pode aliviar a dor dos mutilados, das crianças às suas mães, dos adolescentes aos idosos.

— Mas temos esse direito? — perguntou Katherine, que era uma mulher espiritual.

Eva Groener, especialista em física quântica, respondeu:

— A ciência modifica o presente e reescreve o futuro. Agora ela tem a possibilidade de reescrever o passado. Não há nenhum problema ético nisso. É nosso dever!

— Em que eu posso ser útil para esse projeto? — disse Júlio Verne, com o coração palpitando.

Tomando a palavra, Angela Feder foi clara. Fez uma pergunta surpreendente ao intrépido professor Júlio Verne.

— Se você tivesse a oportunidade de retornar no tempo, eliminar Hitler e mudar a história, você o faria?

Katherine ficou emudecida. O destemido Júlio Verne vacilou por segundos.

— Eu, um assassino?

Nesse momento, detonou o gatilho da sua memória, abriu a janela que tinha a proposta de Peter, feita em tom de brincadeira: “Se você pudesse entrar numa máquina do tempo e destruir Hitler, você o faria?”. O professor lhe havia respondido: “Não me silenciaria...”. Agora a pergunta era feita em tom de seriedade, o que lhe gerou um enorme dilema. Ser ou não ser, ir ou ficar.

— Suponhamos que a máquina do tempo transportasse alguém de fato para o passado? Quais seriam as consequências? Quais os efeitos colaterais? Qual a margem de erro? — indagou Katherine.

— Não é o momento de entrar nessa matéria agora! — falou contundentemente Eva Groener, com ar de rispidez perante uma aluna que atravessou a cadeia de eventos.

Katherine a enfrentou.

— Como não?! Não é possível seguir trajetórias sem conhecer os riscos nelas implicados, pelo menos os que são passíveis de se conhecer!

— Desculpe-me. Seremos transparentes com vocês. Só lhe pediria um pouco mais de paciência — esclareceu Eva, num tom mais brando.

Júlio Verne tinha muitas dúvidas sobre o projeto, mas uma certeza também tinha: se esse projeto fosse real, não queria ser um covarde diante da possibilidade de mudar a

história. Não podia ser um ativista dos direitos humanos de quinta categoria, como alguns que berram nos palácios dos governos, mas são incapazes de correr riscos para aliviar a dor dos outros.

Angela, sabendo da influência de uma mulher sobre um homem, foi mais arguta que os demais cientistas e militares.

— Os gemidos das crianças nos campos de concentração não a tocam, Katherine? O trabalho escravo em Auschwitz não a desespera? Se você fosse uma aluna de Júlio Verne e derramasse uma gota de lágrima por qualquer um deles, teria nota máxima do professor...

A cientista usou uma das expressões de Júlio Verne para diminuir a resistência dela, que de fato ficou emudecida e emocionada. As palavras de Angela Feder transportaram Júlio Verne para as imagens de seus pesadelos. Ele colocou a mão direita na testa, apoiando a cabeça. Depois a levantou e começou a contar seus pesadelos.

Contou especialmente os detalhes do primeiro da série. Comentou que famílias inteiras de judeus eram obrigadas a tirar suas roupas e, então, eram fuziladas sem a mínima piedade. Falou sobre o pai que beijou todos os seus filhos antes de morrerem e do diálogo inaudível com o filho de 10 anos. Após relatá-lo, mais uma vez tornou-se um colecionador de lágrimas. A equipe desse megaprojeto, por acompanhar a história de Júlio Verne, já sabia de seus pesadelos.

— Mas por que eu?

— Porque você viveu sua infância na Alemanha antes de ir para a Inglaterra. Seu alemão é perfeito. E também porque você é um dos maiores especialistas na Segunda Guerra Mundial. Portanto, conhece detalhes históricos como nenhum de nós. Teria mais eficácia na operação. E, além disso, achamos que seria melhor um especialista de origem judaica para corrigir a própria história perpetrada pelo nazismo — afirmou Hermann.

Em seguida, Theodor fez a pergunta fatal:

— Você aceitou conhecer o projeto. E agora, aceita entrar para a missão? Aceita entrar na máquina do tempo?

O projeto trazia o mais belo e excitante convite para um humanista, em especial para um professor de história. Ele olhou fixamente para os olhos de Katherine e respondeu:

— Como posso recuar?

Todos os membros da equipe relaxaram e deram um suave sorriso, embora ele ainda não tivesse dado uma resposta definitiva. Mas foi um grande passo. Entretanto, Theodor, estranhamente, em vez de comemorar, começou a falar dos riscos. Parecia que queria dissuadi-lo. Era esse o método do projeto, e seguiam à risca o protocolo de escolha.

— A máquina que criamos demanda quantidades absurdas de energia para criar um pequeno buraco negro. Esse processo é muito instável e difícil de manipular. Portanto, há riscos.

— Quais? — perguntou Katherine, ansiosa e, ao mesmo tempo, animada por tocarem nesse assunto.

Honesto, Theodor enumerou-os:

— Risco de o viajante no tempo ter hemorragia cerebral. Risco de se alterar seu código genético e a multiplicação das células e, portanto, desenvolver câncer.

Júlio Verne e Katherine foram ficando pálidos. E Eva continuou.

— Risco de se desintegrar com a radiação.

Júlio Verne continuou olhando para Katherine sob a aura de um estresse pós-traumático cujos “inimigos” estavam no campo das possibilidades. E para o espanto do casal o relatório dos riscos continuou.

— Sabemos que o tempo desacelera um pouco quando você se aproxima de grandes massas. Se viajar dentro do buraco negro, dependendo da corda cósmica e da velocidade que atingir, poderá ir a milhares de anos no futuro ou a milhares de anos no passado. O espaço-tempo pode sofrer uma distorção a tal ponto que pode ir ao início da história do universo, ouvir o estrondo do Big Bang, a grande explosão cósmica inicial — falou o general Hermann.

— E quais as implicações de tudo isto? — perguntou Katherine, perplexa. Júlio Verne, tenso, não queria ouvir a resposta.

— O risco é você ficar preso na barreira do tempo. Fixar-se em qualquer época e lugar do espaço-tempo. Poderá, por exemplo, ser enviado à Era do Gelo e ficar lá — comentou Theodor.

A ousadia de Júlio Verne derreteu como gelo ao sol do meio-dia. Nunca se sentiu tão frágil. Engolindo saliva, ele pensou em se esquivar.

— Mas há tantas pessoas que odeiam o nazismo e que conhecem os movimentos econômicos, políticos e sociais que o nortearam. Por que eu? — novamente perguntou.

Os proponentes da mais incrível viagem se entreolharam. Chegara a hora de lhes contar o último segredo.

— Você também foi escolhido por seus pesadelos — afirmou Angela.

— Como assim?

— De acordo com a teoria da relatividade, nada supera a velocidade da luz. Mas descobrimos que um fenômeno é capaz disso...

Um silêncio envolveu o ambiente. O que poderia ser?, questionou a si mesmo Júlio Verne.

— A velocidade do pensamento e da imaginação. A velocidade da luz é constante, mas a do pensamento pode ser acelerada e ou desacelerada — afirmou Theodor.

O professor não entendeu nada, nem mesmo aonde o cientista queria chegar. Mas em seguida ficou perturbadíssimo e, ao mesmo tempo, trêmulo.

— Precisamos da energia dos seus pensamentos, em especial da armazenada em seus pesadelos, como botão de *stop* para interromper o transporte na história. Não há como frear o processo de retorno ao passado, a não ser que a energia metafísica dos pensamentos entre em...

— ... sintonia com a energia física da máquina do tempo e... interrompa o retorno do tempo num determinado espaço — concluiu o professor, assombrado.

— Exatamente — confirmou Theodor.

— Esperem um pouco. Vocês estão querendo dizer que os terrores noturnos sobre os horrores do nazismo alojados no inconsciente do meu marido vão direcionar a atividade da máquina do tempo? — ponderou Katherine.

— Sim. É o que acreditamos — afirmou Erich.

— Vocês acreditam? Mas a ciência não pode sobreviver de crenças — falou, indignada, Katherine.

Ela tinha razão. Eram renomados cientistas, haviam feito inúmeras pesquisas, mas não conheciam todas as etapas da misteriosa máquina.

— Temos evidências bastante seguras de que a energia mental poderá guiá-lo dentro do buraco negro nos momentos históricos que queremos, ou melhor, que sua mente ou sua imaginação quer — afirmou o chefe científico da missão, Theodor.

— Meu Deus, um medicamento demora pelo menos dez anos para ser lançado no mercado. Testes e mais testes são feitos para saber sua eficácia e seus efeitos colaterais, e vocês querem me colocar numa máquina tremendamente instável, perigosa e sem botão de controle — ponderou Júlio Verne.

— Mas vale o sacrifício! — afirmou Hermann.

A ansiedade da equipe tinha uma justificativa. Produzir um pequeno buraco negro dentro da megamáquina não apenas demandava uma quantidade absurda de energia como era difícil controlar as consequências deste buraco negro no presente. Sentiam que ela estava ficando cada vez mais instável. Precisavam enviar um “herói”.

— Mas não sou um messias, general — afirmou Júlio Verne. — Sou um ser humano saturado de defeitos e abarcado por diversos medos.

— Mas é um professor de história indignado com as loucuras da humanidade. Estamos lhe oferecendo a chance que qualquer historiador ou professor de história jamais teve ou sonhou: a de visitar *in loco* os eventos do passado que são meros textos nos livros. Estamos lhe oferecendo a possibilidade de reescrever a história. Não há causa tão nobre — esclareceu Arthur Rosenberg.

— Além disso, professor Júlio Verne, o senhor não pode recusar a missão — falou incisivamente o poderoso chefe-geral do projeto, general Hermann.

Katherine ficou indignada com o general. Parecia que a democracia não funcionava nesse laboratório. Irritada, comentou:

— Como não? Não somos seus prisioneiros. Pelo menos supomos que não.

— Esperem. Não me julguem precipitadamente — disse o general. — Você não é nosso prisioneiro, professor, mas, infelizmente, é prisioneiro do tempo...

Fez-se um silêncio pesado na plateia, e o casal não arriscou perguntar nada. Esperava mais dados. E eles vieram por meio de Theodor.

— Você não pode recusar a missão de viajar no passado porque simplesmente já esteve lá.

— Que loucura é essa? — indagou Júlio Verne.

— A carta a Goebbels que você escreveu, a carta das crianças Anne e Moisés e as demais cartas, todas com datas e materiais gráficos daquela época, indicam que o senhor já esteve lá e abriu de alguma forma uma corda cósmica, uma janela do tempo — disse Hermann.

— Vocês estão brincando comigo — exclamou confuso o professor. — Eu nunca estive em nenhuma máquina do tempo, nunca estive aqui, nunca vivi essas aventuras.

— Não sabemos direito o que está acontecendo, mas o senhor já viajou por meio da máquina do tempo no futuro e abriu o transporte de coisas e pessoas do passado...

Numa crise de nervos, Katherine cortou as palavras do general Hermann e se antecipou.

— Vocês estão afirmando que os homens que querem nos matar são verdadeiros nazistas que foram transportados por essa janela do tempo? Uma janela que Júlio Verne abriu?

— Temos fortes indícios de que sim. Júlio Verne não está mentalmente insano, como alguns pensam, inclusive um desafeto chamado Paul. Ele tem pesadelos com fatos reais que viveu em sua viagem ao passado. E, além disso, através da corda cósmica que sua energia mental de alguma forma

cria, tem transportado nazistas dos tempos de Hitler para os dias atuais, gerando uma perseguição jamais vista. Notem que eles não têm identidade, usam métodos do passado, aparecem e desaparecem com incrível facilidade — afirmou Theodor.

O professor, como se tivesse sido iluminado, respirou profundamente aliviado e disse, em tom mais alto:

— É isso mesmo! Só pode ser isso! Ter viajado no passado é a única coisa que explica os estranhíssimos fenômenos que me envolveram nesses últimos meses. É isso, Kate! — falou comovido, pegando nas mãos dela. Sentiu que tirou uma tonelada de peso do seu cérebro.

Confirmar que a confusão na sua mente não era sinal de loucura por um lado abrandou sua ansiedade, por outro ateou fogo em seus questionamentos.

— Eu conheci Rodolfo? Ajudei a resgatar alguns doentes mentais? Vivi com os pequenos Moisés e Anne? Enviei carta para Katherine dos tempos da Segunda Guerra para os dias atuais? Tive contato com Thomas Hellor? De alguma forma conheci o crápula Heydrich? Ele tentou me assassinar! Ah, se eu soubesse que era ele... Mas como isso é possível? Nunca consenti em viajar no tempo.

— Não se lembra desse fato porque essa permissão aconteceu no futuro, ainda que esse futuro seja daqui a algumas horas ou dias — afirmou Theodor.

— Além disso, o transporte desses nazistas indica que o senhor não apenas já viajou através da máquina do tempo

como alterou o passado de alguma forma. Esses fatos estranhos demonstram claramente que a máquina funciona e que a energia mental é o mecanismo de localização espaçotemporal — confirmou Angela, entusiasmada. Todos bateram palmas para essa confirmação.

— Desculpe-me por fazer uma última pergunta — disse, dessa vez delicadamente, Katherine: — E se Júlio se recusar a entrar na máquina, o que pode acontecer?

O general, depois de fitar seus colegas, disparou uma bomba.

— Como há uma corda cósmica aberta e com endereço mental do professor, numa situação de intenso estresse, talvez se crie um buraco negro virtual capaz de sugá-lo definitivamente para o passado. Assim como nazistas continuarão se transportando para o presente, ele poderá ser transportado para o passado.

— Sem a máquina?

— Provavelmente. O senhor pode negar o transporte no presente, mas não poderá negá-lo no futuro.

Os cientistas confessaram que mexeram na caixa-preta do tempo e envolveram o casal. Pediram desculpas, mas elas de pouco adiantavam.

O professor sempre tinha lutado em sala de aula para formar alunos que tivessem as funções mais complexas da inteligência bem desenvolvidas em seu psiquismo, como capacidade de expor e não impor suas ideias, proteger sua emoção, gerenciar seu estresse e, acima de tudo, fossem

autores autônomos e autores da sua própria história e, assim, contribuíssem para o “Holocausto nunca mais”. Agora era um fugitivo, em nenhum lugar estaria seguro. Faltava-lhe habilidade para proteger sua psique e sua integridade, bem como da sua mulher.

— Infelizmente, mesmo dentro de um presídio de segurança máxima, esses carrascos podem persegui-lo — disse o brigadeiro Arthur.

— Então, somos mortos-vivos — afirmou Katherine em pânico.

— Talvez não — disse Hermann. — É preciso fechar essa corda cósmica. A única possibilidade de você sobreviver, professor, é tentar retornar ao passado e, quem sabe, conseguir eliminar Hitler.

— Se vocês estiverem corretos e minha mente funcionar como controle da viagem do tempo e realmente cair numa sociedade nazista, como é que eu, um judeu com fâcies de judeu, biótipo de judeu, sobreviverei? Serei morto por aqueles malucos caçadores de meu povo.

— Para essa eventualidade, preparamos documentos e uniformes falsos, semelhantes aos dos oficiais da SS — afirmou Hermann.

Nesse momento, o professor se lembrou de que em seus pesadelos trajava tais uniformes. Theodor, pragmático, adicionou:

— Sofrerá pequenas cirurgias corretivas e de preenchimento, para disfarçar seu biótipo. E incorporará em

seu dicionário linguístico uma série de expressões da época.

— E para minimizar os riscos e maximizar as possibilidades de sucesso do Projeto Túnel do Tempo, desejamos transportá-lo à infância de Hitler e não para a Alemanha nazista — falou sem titubear Arthur.

— Vocês não estão pensando...? — exclamou trêmulo Júlio Verne.

— Será mais fácil eliminar uma criança do que um adulto — adicionou o brigadeiro.

Nesse momento, Júlio Verne partiu para o ataque.

— Matar uma criança? Eu? Como pode um professor que afirma que os frágeis usam a agressividade e os fortes a generosidade assassinar uma criança? Hitler se tornou o maior psicopata, criminoso e vilão da história, mas não há crianças psicopatas.

— Pense bem. Será uma criança contra 1 milhão de crianças judias, isso sem contar as crianças inglesas, polonesas, russas — disse o pragmático Bernard.

— Por favor, Bernard, não é uma questão de números. Imaginem que eu tenha êxito. Assassinei uma criança para mudar a história. E quais serão as sequelas disso em meu psiquismo? Matarei em primeiro lugar minha consciência. Cobertores não me aquecerão. Antidepressivos não me animarão. Primaveras não terão mais perfumes nem cores para mim. Andarei errante dia e noite.

— Tentar eliminar um Hitler adulto é arriscadíssimo — falou em bom som o general Hermann. — Não se esqueça de

que ele é blindado pela SS e tem milhões de discípulos. Todo nosso trabalho poderá ser invalidado.

— Se eu eliminar uma criança, ainda que seja o pequeno Adolf, não serei diferente dos nazistas. Deve haver alternativas.

Katherine pegou nas mãos de seu homem e as acariciou. Ele estava visivelmente transtornado. Ela suplicou a eles:

— Por favor, deixe-o pensar. Júlio precisa se reorganizar.

E assim terminou a longa reunião. Era preciso pensar em todas as possibilidades. Afinal de contas, o sonho belíssimo de corrigir a história poderia se transformar no seu mais angustiante pesadelo, capaz de furtar sua tranquilidade ao dormir e ao levantar. Jamais seria o mesmo... “Brincar” de deus era uma responsabilidade insuportável.

CAPÍTULO 22

EIS O HOMEM CERTO!

O casal de professores foi conduzido a um confortável aposento. Cama macia, *king size*, travesseiro do tamanho e da maciez que gostavam, cortinas esvoaçantes, estampadas com tulipas brancas da preferência de Katherine, uma escrivaninha de mármore de Carrara para a leitura, uma biblioteca particular com os livros que Júlio Verne se deliciava em ler. Havia frutas sobre uma pequena mesa ao lado da escrivaninha, entre elas, as uvas, peras e papaias que o casal apreciava. Havia até suculentas atemoias, uma fruta tropical brasileira considerada pela inglesa Katherine a rainha das frutas. Sob a cama, sandálias macias para circularem do banheiro para o quarto.

— Eles pensaram em tudo, Júlio.

— É surpreendente. Acho que nos conhecem muito mais que nossos amigos.

— Talvez preparassem tudo isso por causa do sentimento de culpa de nos terem atirado no coliseu do tempo.

— É provável. Nunca pessoas tão bem-intencionadas causaram tantos transtornos a simples professores. Sinceramente, cheguei a pensar que estava surtando.

— Em alguns momentos tive certeza de que você estava. Pensei que teria de interná-lo — exclamou Katherine sorrindo. Em seguida, refletiu sobre o antes e o depois desses transtornos.

— Sinto-me completamente insegura.

— Kate, não estamos aqui nem por minha culpa nem por sua. É hora de enfrentarmos esse deserto...

Ela parou, pensou e concordou:

— Tem razão. É tempo de parar de se lamentar. Não podemos fazer nosso enterro antes do tempo.

— Ei, essa frase é minha — brincou com a mulher que amava.

— Conceda-me a honra de vivenciá-la — disse, esforçando-se para ser bem-humorada.

Essa atitude deu uma guinada no combalido ânimo do casal. Ainda viveriam períodos de agudas incertezas, encenariam lágrimas no teatro do rosto, medos sulcariam o território da emoção, mas resolveram assumir o caos social e encontrar nele oportunidades criativas. Gastaram horas debatendo e estudando os livros de história sobre a escrivania para construir alternativas à proposta do grupo de eliminar a criança Hitler. Entraram num dilema ético que jamais tinham pensando em adentrar.

— Já pensou se você conseguir eliminar o Führer? Você, que é meu herói, será meu super-herói — brincou ela.

— Tenho pânico em ouvir o estampido de um revólver. Como farei isso? — disse ele, sentindo-se fragilizado.

— A julgar pelos que querem escalpelá-lo, você não é tão fraco assim. Deve ter causado muito tumulto no passado.

Júlio Verne ergueu os ombros e olhou para si, hesitante. Era difícil ele se convencer de que tivesse perturbado tanto os nazistas.

Depois de muito conversarem, foram orquestrando alternativas extremamente motivadoras. Fatigados, precisavam descansar. O estresse e os sobressaltos das últimas semanas contraíam a entrega um ao outro, o prelúdio, o afeto, as palavras íntimas e únicas. Foram dormir, mas não conseguiram deslocar-se da realidade crua para ter um sono repousante. Às 5h30, Júlio acordou assustado. Teve novamente um episódio de intenso estresse.

— Descanse, meu herói — brincou ela novamente.

Abraçando-a, conseguiu dormir novamente. Ninguém os chamou pela manhã. Acordaram espontaneamente às 10 horas. Minutos depois, ouviram toques suaves na porta, diferentes do que os amedrontavam. Mesmo assim, apreensivo, Júlio vestiu seu roupão branco e foi observar quem era pelo olho mágico da porta. Era um garçom oferecendo um rico café da manhã com omelete com verduras, frutas flambadas, salada de frutas, tudo regado a suco de uva natural, sem açúcar, como eles gostavam. Eram porções generosas, que podiam satisfazer duas pessoas famintas. E naquele dia, por estarem mais relaxados, o apetite deles se avolumou. O professor colocou a corrente na porta para abrir somente uma fresta.

— Fique tranquilo, seu Júlio. Passei pelo serviço de segurança.

Júlio abriu completamente a porta pedindo desculpas. Depois do agradável café, saíram para a reunião com os cientistas e militares, que ainda estavam apreensivos com a possibilidade de o professor recuar. O casal se sentou em seus lugares na grande mesa oval. Segundos depois, o general Hermann, direto como sempre, indagou:

— Então, professor. Qual a sua decisão?

Júlio Verne, diferentemente do militar, gostava de fundamentar sua resposta. Em vez de falar da sua decisão, fez um relato sobre o terror noturno que tivera na primeira noite no laboratório. Não havia ainda comentado o episódio com Katherine.

— Sonhei que estava preso em Auschwitz. Fui poupado das câmaras de gás e me tornei um dos trabalhadores escravos na indústria química IG-Farben. Os nazistas nos usavam como corpos descartáveis até exaurir a energia da última célula.^[131] Estava magro, abatido, deprimido, desanimado. Eis que apareceu um nazista e pediu que o meu grupo de companheiros se reunisse para tirar uma foto.^[132] Talvez fôssemos seu troféu para mostrar quando retornasse à Alemanha.

— Mas por que você não me falou desse pesadelo, Júlio?
— perguntou Katherine, intrigada, pois entre eles não havia segredos.

— Não queria estragar uma das melhores noites dos últimos tempos.

Os membros da equipe se entreolharam e gostaram de ouvir que se sentiram bem. Na sequência, o professor completou seu marcante relato.

— Não parecíamos homens, mas esqueletos vivos. Vi médicos, professores, empresários, bancários, funcionários das empresas, magérrimos, com as costelas sobressaltadas, sem musculatura, pernas flácidas que mal conseguiam se colocar de pé. Eles não trajavam camisas, calças e sapatos, mas sandálias com solado de madeira e um velho e esgarçado blusão listrado que havia meses não era lavado. Alguns não tinham sequer roupas íntimas por baixo. Fazia muito frio e com esses farrapos tentávamos nos aquecer, uma tarefa impossível, que levava à morte os mais debilitados.

E ainda disse que na foto os personagens expressavam um leve e irônico sorriso no rosto, como se estivessem se despedindo da vida, se preparando para o último ato existencial. Após esse relato, o professor, para espanto dos presentes, inclusive de Katherine, abriu um envelope e tirou uma foto em que os miseráveis estavam estampados. Era supostamente a mesma foto que o nazista havia tirado do grupo de Auschwitz em 1942. O papel de impressão era antiquíssimo.

Quando Katherine a pegou em suas mãos, observou-a e fez uma expressão de pânico.

— Júlio, querido, você está aqui! Não é possível, meu Deus! — Colocando a mão direita na testa, descreveu sua localização: — É você no canto esquerdo, ao fundo.

A foto passou de mão em mão. Todos ficaram embasbacados, não parecia ser montagem. Profundamente condoído, não por ele, mas pelos judeus de Auschwitz, discorreu:

— Éramos um amontoado de lixo para os policiais da SS e não seres humanos. Para eles, não tínhamos aspirações, sentimentos, desejos, não existíamos. Qualquer comunicação uns com os outros ou mesmo um tropeço por fraqueza muscular era suficiente para receber uma bala. Não havia a mínima compaixão. Os membros da SS perderam sua humanidade e asfixiaram a nossa. Alguns, ao dormir, deliravam que estavam conversando com seus filhos e suas mulheres. Brindavam a afetividade em seu imaginário. A psicose para muitos era um presente para sair das fronteiras da realidade. Mas os *capos*, criminosos encarregados de nos vigiar, ouvindo-os, os matavam e ordenavam aos seus companheiros que fizessem a limpeza.

Depois dessa descrição, as palavras do colecionador de lágrimas não conseguiam mais fluir. Theodor, indignado, perguntou:

— Como é possível manter um organismo vivo de trilhões de células com míseros pedaços de pão e um caldo ralo de sopa por dia, meses a fio?

E o tom do questionamento subiu. Agora por parte do general Hermann:

— Como é possível não ter ataque de fúria contra Hitler ao ver um capataz com luvas grossas e casaco de couro gritar para desnutridos prisioneiros realizarem trabalhos insuportáveis sem agasalhos e numa temperatura de -20 °C?

E o tom dos horrores subiu mais ainda. Agora por parte de Angela:

— Como é possível suportar o estresse de estar carregando o próprio cadáver sendo que em breve morreria de inanição ou seria atirado numa câmara de gás do outro lado da cerca elétrica? Os nazistas gostavam quando algum judeu procurava fugir para treinarem suas habilidades de caça.

— E como resistir à tentação de não se deixar ser eletrocutado e terminar a dor física e emocional quando um dia parecia tão longo como a eternidade? — indagou o próprio professor Júlio Verne, olhando para Katherine. Esta ganhou uma força irresistível e também questionou:

— Sim, como é possível suportar o trabalho escravo, se havia forte desconfiança de que os filhos e a mulher já tinham sido aniquilados nas câmaras de gás do campo em que estavam?

Os homens e as mulheres dos campos de concentração foram grandes heróis da história, embora quisessem apenas ter o direito de ser simples seres humanos. Angela ficou

impressionada com a sensibilidade e atitude de Katherine. Não parecia a mesma mulher atônita da véspera.

Depois dessa sequência de apontamentos cruéis, o professor queria, mais do que qualquer pessoa, entrar naquela máquina do tempo, mesmo que tentassem impedi-lo. Por isso, aumentou seu tom de voz, levantou-se e confirmou:

— Eu aceito a missão.

Recebeu os aplausos calorosos da equipe. Mas em seguida ponderou:

— Mas não eliminarei o pequeno Adolf! Tentarei eliminar o Adolf Hitler adulto, o homem culpado, o crápula social, antes de ele ascender ao poder ou de desencadear a Segunda Guerra.

Todos receberam uma ducha de água fria. Trinta anos de pesquisa e dez anos de construção do portentoso laboratório. Cerca de 2.500 pessoas trabalhando direta ou indiretamente para executar o Projeto Túnel do Tempo, embora a grande maioria delas não soubesse o que construíam, e agora tudo era colocado em risco por causa de uma febre humanista. Como evitar as frustrações? O general Hermann o lembrou dos atentados frustrados que Hitler sofreu.

— Em um desses atentados, Hitler escapou com escoriações, em seguida foi ao rádio, mostrou que estava vivo e ordenou uma perseguição impiedosa, raramente vista.

— Eu sei dessa perseguição, general. Hitler não apenas caçou os que atentaram contra ele, mas os pendurou em

frigoríficos e pediu para filmar o evento. Depois, com uma crueldade épica, matou seus pais, suas mulheres e seus filhos, enfim todos os parentes. E, ao dar a ordem de ceifar toda a família, ainda teve a pachorra de dizer que tal extermínio era diferente dos expurgos que Stálin praticava. [133]

Katherine saiu de sua aparente segurança para um clima de intensa indignação.

— O quê? Hitler eliminou crianças, mulheres e idosos alemães para se vingar dos que tinham conspirado contra ele?

Apesar do clima criado, Júlio Verne não cedeu.

— General, não adianta tentar me dissuadir. Não vê que estou sendo perseguido pelos discípulos de Hitler? O que isso indica? Que eu viajei no tempo no período em que ele era adulto. Indica também que quanto a isso não mudei minha opinião no futuro, que não concordei em assassinar uma criança, que não tomei o mesmo cálice dos ditadores.

Todos tiveram que concordar com o professor. O argumento tinha fundamento, o que os levava a ouvi-lo com distinta atenção.

— Se serei um viajante no tempo, quero, então, atacar os pontos de mutação da história!

Criou-se um burburinho no ambiente.

— Pontos de mutação? — indagou, curioso, o general Hermann. — Nunca ouvi falar desse fenômeno.

— Pontos de mutação da história são curvas existenciais, os nós pelos quais ela se amarra, se desenvolve e se

alavanca. Metaforicamente falando, um evento marginal muda um parágrafo da história, mas um ponto de mutação muda um capítulo. Se mudarmos um ponto de mutação, podemos mudar inclusive todo um contexto histórico, quiçá a Segunda Guerra Mundial.

— Ainda não estou entendendo, professor — disse honestamente Eva. Ela não era apenas uma brilhante cientista da física quântica, mas também tinha notável cultura geral. Ficou desconcertada com aquela expressão. Pensou, por instantes, que ele estivesse se esquivando de sua responsabilidade.

— Não se mudam as grandes ações da história com um evento marginal, mas pelos pontos de mutação ou centrais. Precisamos encontrar esses pontos de mutação e eliminá-los, ou mudar sua curvatura.

Angela Feder, que detestavase sentir-se ignorante, foi direta:

— Defina claramente esse fenômeno e nos dê um exemplo inteligível.

— Ponto de mutação é o ponto de deslocamento de uma grande sequência de eventos. Se eu destruo uma metralhadora, posso mudar um parágrafo da história, mas se destruo uma fábrica de armas, ataco um ponto de mutação, posso mudar um capítulo da guerra.

Finalmente, foram iluminados.

— No início do Projeto Túnel do Tempo, se eu eliminasse um soldado, atacaria um evento marginal e, portanto,

estéril, mas se eliminasse o general Hermann, o projeto teria chance de ser abortado — brincou Theodor. Alguns sorriram, trazendo um leve refrigério ao denso clima.

— Perfeito. Assassinar Hitler é um grandioso ponto de mutação, mas há outros pontos de mutação mais fáceis que, se atingidos, produzem os mesmos efeitos. Temos de achá-los e elegê-los. Eu e Kate garimpamos alguns — afirmou o professor.

O general Hermann, apesar de ser sempre cético, gostou da ideia. E até palpitou:

— Evitar que o Partido Nazista tenha uma maciça votação pode ser um deles, mas será difícil atingi-lo numa Alemanha em crise financeira, política e social. Quem sabe não é melhor caluniar Hitler, eliminar Goebbels ou subornar o juiz que o condenou para dar-lhe dez anos de prisão sem direito a abrandamento da pena.

— Perfeito! — confirmou o professor.

— Quais são seus pontos de mutação? — perguntou o circunspeto almirante Hans Oster para o professor.

— Dantzig! Sim, Dantzig é um deles.

— A cidade de Dantzig! Ótimo — disse o almirante.

— Hitler era combativo, radical, aguerrido, tinha apreço pela guerra, mas, antes de invadir a Polônia e deflagrar em agosto de 1939 a Segunda Guerra, fora inseguro e titubeante. Suas guerras-relâmpago só surgiram com o sucesso das primeiras campanhas. Tinha fobia em pensar que uma

invasão da Polônia fizesse com que a França, a Inglaterra e até a Rússia entrassem em guerra com ele.

A partir da primavera de 1939, as ambições geopolíticas de Hitler começaram a pulsar incontrolavelmente. Ele reivindicava a pequeníssima cidade de Dantzig da Polônia, que fora anexada por esta na Primeira Guerra Mundial. Dantzig não tinha importância estratégica para a Polônia: era uma cidade alemã, sua separação fora uma concessão do Tratado de Versalhes. Claro que Dantzig não era fundamental para a economia alemã, mas conquistá-la havia se tornado uma obsessão para Hitler, um “brinquedo” para nutrir sua autoestima e a da Alemanha.^[134]

E continuou, dizendo que Ribbentrop, o ministro do Exterior, havia convocado o embaixador da Polônia em Berlim, Josef Lipski, e lhe propusera uma conversação a respeito de uma compensação germano-polonesa. Ele insistiu em velhas reivindicações, entre as quais a restituição da cidade de Dantzig e o estabelecimento de uma via extraterritorial, através do Corredor Polonês.^[135]

— Esse é um ponto de mutação da história — disse por fim Júlio Verne. — Se o líder polonês cedesse, talvez não houvesse a Segunda Guerra.

— Mas as reais intenções de Hitler não eram Dantzig. A cidade não passava de um pretexto para ele estender o domínio germânico até a Polônia — afirmou o general Hermann.

— O senhor tem razão. Mas Hitler, por meio de Ribbentrop, fez uma oferta que, se aceita pela Polônia, teria alguma chance de abrandar, pelo menos temporariamente, as ambições de Hitler. Em troca das reivindicações, ofereceu à Polônia uma prorrogação de 25 anos do Pacto de Não Agressão de 1934 e a garantia formal de que não se tocariam as fronteiras da Polônia.^[136]

— Sem dúvida, valeria a pena “pagar” para ver se Hitler trairia esse pacto — afirmou o brigadeiro Arthur.

— O Führer queria mostrar sua força diante de 80 milhões de alemães, a população da época — disse Júlio Verne e comentou que a Alemanha não estava em condições de sustentar uma guerra de longa duração, tanto do ponto de vista político quanto material e psicológico. — E o Führer sabia disso.

O princípio fundamental é a liquidação da Polônia — começando com um ataque a ela —, mas só teremos sucesso se o Ocidente ficar fora do jogo. Se isso for impossível, será melhor atacar o Ocidente e aproveitar para liquidar a Polônia... A guerra contra a França e a Inglaterra será uma guerra de vida ou morte... Não entraremos em guerra contra a nossa vontade, mas se ela for inevitável.^[137]

— E qual foi a resposta da Polônia diante das ofertas de Hitler? — perguntou, curioso, o cientista Theodor.

— Não podia ser pior. Acolheu-a com extrema irritação. O sonho secreto da Polônia de participar com igualdade no tabuleiro político da Europa e de ser uma grande potência

estava na recusa seca e irracional do ministro do Exterior, Józef Beck. Como um Dom Quixote, negava o poderio militar da Alemanha. Para ele, Dantzig era um símbolo da sua política. Perdê-la, bem como aceitar outros pedidos de Hitler que eram suportáveis, era furtar a identidade da Polônia como futura potência.

Irritado com a recusa de Beck, Hitler libertou os monstros que habitavam em sua mente. Tornou-se mais obsessivo ainda em invadir a Polônia. E, quando o fez, foi com força brutal: simplesmente esmagou a Polônia.

— Você sabia do pedido apaixonado e até suplicante do embaixador francês para que Beck aceitasse o pedido de Hitler, inclusive para ceder à Alemanha um corredor de passagem na Polônia, no caso de um embate contra a Rússia? — disse o general Hermann, que conhecia alguns detalhes da Segunda Guerra Mundial.

— Os líderes da Polônia responderam com incrível arrogância: “Com os russos perdemos a liberdade, com os alemães perdemos a alma”. Proponho, portanto, convencer Beck a aceitar a oferta alemã! — concluiu o professor.

Depois disso, Júlio Verne comentou outro ponto de mutação da história. Hitler havia quebrado a espinha dorsal do Partido Comunista na Alemanha. Ele odiava os comunistas e, por extensão, a Rússia, e Stálin sabia disso. Mas só invadiu a Polônia após conseguir um Tratado de Não Agressão Germano-Russo. Invadir a Polônia poderia criar conflitos com a Rússia, algo para o qual ainda não estava

preparado. Selar esse tratado foi um grande triunfo da diplomacia alemã, um fenômeno fundamental para quebrar a inércia megalomaniaca do Führer.

— Hitler havia dado um ultimato à Polônia. O tempo urgia. Como não dissuadira a Polônia, a França, bem como a Inglaterra, sabiam que era fundamental fechar um acordo com Stálin antes de Hitler. Enviaram representantes para negociar com o secretário do Partido Comunista. Só que cometeram uma falha grotesca, imperdoável, que facilitou o início da guerra.

Todos se olharam, novamente curiosos, querendo saber qual seria o ponto de mutação. O professor comentou:

— É quase inacreditável. Nessa corrida contra o tempo, enquanto o ministro do Exterior da Alemanha, Ribbentrop, pegava um avião para selar o acordo com Stálin, os embaixadores francês e inglês pegaram um vapor.^[138]

— Não é possível!? Na era do avião, pegaram um navio?
— exclamou Hermann, batendo novamente na mesa.

— Demoraram dias preciosos, dias que mudaram o destino da história. Como podem, nessa corrida contra o relógio, ter sido tão lentos? Acaso a França e a Inglaterra queriam fazer economia?! — falou indignado Theodor.

— O fato é que a Inglaterra e a França lutaram como leões para evitar a Segunda Guerra Mundial. Mas não foram perfeitas — afirmou o professor.

— Se o professor Júlio Verne entrar na máquina do tempo e conseguir encontrar os embaixadores inglês e francês e

convencê-los a pegar um avião antes de Ribbentrop, terão chances de abortar o Tratado de Não Agressão Germano-Russo. É um belíssimo ponto de mutação da história — comentou euforicamente o general Hermann, que começou a achar que atacá-los era um desafio mais humano a perseguir do que sua proposta inicial.

Vários outros *pontos de mutação* foram discutidos, o que animou muitíssimo os membros da equipe do Projeto Túnel do Tempo. Foi feito um relatório dos principais fatos que poderiam ser repaginados. O professor, sensível que era, optou por investir naqueles que poderiam mudar o curso da história sem derramar uma gota de sangue. Era romântico, era ingênuo, não imaginava os incríveis fenômenos que o aguardavam. Teria uma semana para se preparar para a inexprimível jornada.

CAPÍTULO 23

UM ROMANCE EM GRANDE RISCO

No quinto dia em que o professor e Katherine estavam hospedados no laboratório, mais um grave acidente ocorreu. Cinco nazistas conseguiram entrar no prédio de segurança máxima do edifício onde havia a máquina do tempo. Balearam dez soldados, dos quais três morreram. Depois tentaram invadir os aposentos onde se encontravam Júlio Verne e Katherine. Os invasores eram todos membros da SA e SS. Não se sabia se eles desconheciam que havia câmeras espalhadas por todos os corredores ou se eram destemidos. Só queriam eliminar seu alvo.

Metralharam a porta do quarto de Júlio Verne e Katherine, mas, como era de aço, não se rompeu. Ao tentar explodi-la conseguiram entrar no quarto, mas eles haviam escapado por uma passagem secreta. Mais de cem policiais que faziam a segurança do laboratório central e da máquina do tempo começaram a perseguir os inimigos do casal. Depois de 30 minutos, cessou a perseguição, como que por encanto. Os nazistas desapareceram subitamente. Entraram pelo portal do tempo e sumiram. Deixaram uma antiga

metralhadora portátil, um rifle e sangue espalhado pelos corredores.

Júlio Verne precisava partir. Provavelmente não apenas a segurança de Katherine dependia do sucesso da missão como também a de toda a equipe do laboratório e quem sabe muito mais. Embora estivessem convictos de que Júlio Verne era o homem certo para viajar no tempo, se sentiam desconfortáveis em não relatar a ele e a Katherine outros riscos que a viagem poderia trazer. Riscos que até agora não tinham sido discutidos.

Os membros do projeto fizeram uma última reunião antes de o professor partir. O general Hermann novamente se antecipou, mas dessa vez foi lacônico.

— A chance de você morrer é grande. Mas, se não for, já estará morto. Subitamente, repetiu mais uma vez uma das primeiras perguntas que fizera à equipe. Tinha dúvidas se eles haviam sido completamente transparentes:

— Estou atolado até o pescoço neste projeto. Sejam honestos, por favor. Vocês já enviaram algum militar para assassinar Hitler?

Hermann engoliu saliva e, numa das raras vezes em que ficou inseguro, comentou:

— Enviamos três...! Mas eles não retornaram...

— E por que não retornaram? — perguntou, inquieta, Katherine, apertando a mão direita do marido.

— Provavelmente, como dissemos, não tinham o *stop* da máquina do tempo e se perderam em algum lugar no

espaço-tempo.

Em seguida, mostraram uma caixa cheia de relíquias do Egito dos tempos de faraós, da Pérsia, da Grécia, de Israel. Todas datadas com o carbono 14, mostrando seu período histórico. Seu pai era um aficionado pelas artes antigas, paixão que ele também tinha. Havia inclusive os originais do “Mito da caverna” de Platão. Fascinado, ele os examinou.

— Quem os trouxe?

— Um comerciante de artes muito habilidoso. Ele foi e voltou duas vezes com sucesso, na terceira vez nunca mais apareceu.

Nesse momento, Theodor acionou um dispositivo, abriu-se uma cortina enorme e no fundo foi projetado um filme magnífico em 3-D sobre cordas cósmicas e universos paralelos. Mostrou-se a curva do espaço-tempo e suas distorções. Revelou-se o interior de buracos negros e a contração do tempo. Tudo parecia surreal de tão belo.

Ao término da exposição, Angela Feder, pragmática, comentou honestamente sobre o paradoxo do avô.

— Temos a máquina do tempo, mas sinceramente não temos convicção de que será possível mudar a história. A teoria do “paradoxo do avô” diz que não. — Na realidade, todos os passos que davam, bem como todos os comentários, eram programados.

— Paradoxo do avô? Nunca ouvi falar sobre isso — perguntou, curiosa, Katherine.

— Essa teoria defende que, se um viajante do tempo encontrar seu avô antes de seu pai nascer e o assassinar, seu pai, portanto, não nascerá, e o viajante no tempo, conseqüentemente, não existirá. Não existindo, tem-se um paradoxo irreconciliável.

— Mas teorias são teorias. E você as confirmará — disse categoricamente o brigadeiro Arthur, tentando não desanimar seu homem.

— O amor pela ciência, o amor pela humanidade, têm de movê-lo, professor. Há muitos pontos inseguros, mas fizemos nossa parte, tente ao máximo fazer a sua — afirmou Theodor.

Depois de ouvir atentamente toda a abordagem, surgiu uma questão filosófica vital no último instante e que o grupo não estava preparado para responder.

— E se eu tiver sucesso em mudar a história? Se conseguir eliminar Hitler, vocês saberão quem eu sou? Iremos nos encontrar novamente? Poderemos nos abraçar pelo sucesso da missão?

Angela franziu a testa, contraiu os lábios, olhou fixamente para o professor Júlio Verne e comentou o dilema:

— Pensamos nisso. E sinceramente não temos respostas. Apenas possibilidades. Se você tiver sucesso, talvez não estejamos mais nesta sala ou quem sabe jamais iremos estar nela, pois nem sequer chegará a existir.

Eva completou o mar de dúvidas:

— Não sabemos se teremos consciência de quem você é. Você falou sobre os pontos de mutação, e talvez eles expliquem parte da resposta. O tipo de deslocamento da história desencadeará uma sequência de eventos que poderá mudar tudo. Mas são só hipóteses.

Katherine emudeceu.

— Deslocar a história é muito sério. Nossas maneiras de ser, de ver e reagir poderão ser mudadas. Minha glória, em caso de êxito, talvez seja solitária — afirmou Júlio Verne.

— Talvez não receba aplausos, nem reconhecimento, ou crédito algum — comentou o sempre ponderado Theodor.

— E se sair contando meus atos, aí é que serei tachado de louco — afirmou novamente Júlio Verne e brincou: — Bom, louco já sou só de participar deste projeto. Mas quem sabe eu me torne o louco mais feliz da história.

Todos o aplaudiram entusiasticamente, com exceção de Katherine, que o fez discretamente. Após a reunião, o casal saiu abraçado pelos longos jardins de tulipas e margaridas. Ela amava a humanidade, mas estava inconformada.

— Estamos quase no meio do século XXI e Hitler continua fazendo vítimas. Eu sou uma delas. Talvez nunca mais o veja.

— Não, Katherine. Eu te amo. Encoraje-me. Se eu conseguir resgatar uma criança, já valeu a pena.

— Você sempre disse que “o amor é marcadamente ilógico, nos faz ver o invisível...”. Seu amor pela humanidade é belíssimo, eu sei disso e o apoio. Mas não tenho vocação

para ser heroína, deixe-me ser gente por um momento. Permita-me ser um ser humano como qualquer outro — falou ela, profundamente comovida e intensamente temerosa.

Ele pegou as duas mãos dela e percebeu que a estava impedindo de expressar seus mais íntimos sentimentos.

— Kate, querida, fale sem medo o que você tem em mente.

Ela, mais confiante, ainda que não quisesse desanimá-lo, rasgou a sua alma.

— Depois de tudo que ouvi, tenho sérias dúvidas sobre nosso futuro. Creio que nunca mais nos veremos.

— Kate, não! Nós...

— Espere, Júlio. — Ele se controlou, e ela completou: — Sonhei em ter um filho com você, acompanhá-lo nos cafés quando um dia envelhecermos, viajar pelos mais diversos países e pelo mundo das ideias. Será que hoje não estamos assistindo ao enterro do nosso romance?

— Jamais isso vai acontecer!

— Será? Já pensou nas consequências desse projeto? É provável que sejamos o primeiro casal que morrerá enterrado vivo, sem vestígios, enclausurado no tempo.

E, como colecionadora de lágrimas, ela voltou a chorar. Seu cabelo longo, levemente ondulado escondia um rosto ferido.

— Como assim? Não estou entendendo...

E não estava mesmo. O fascínio pelo projeto estava turvando sua mente. Nesse momento, delicadamente, ela tirou a venda dos olhos:

— Não quero ser egoísta. A humanidade vem em primeiro lugar, a dor dos outros também, mas, como sou parte dela, também estou sofrendo. Já parou para pensar? Se você entrar na máquina do tempo e falhar, será morto ou jamais retornará. E eu ficarei só. E, se tiver sucesso, distorcerá os eventos do tempo e talvez nunca me reconheça. E, nesse caso, também ficarei só...

O momento era de indescritível reflexão, Júlio Verne estava atônito. De repente, o general Herman apareceu acompanhado do cientista Theodor e alguns soldados armados com metralhadoras e estranhas armas portáteis e subitamente interrompeu o emocionante diálogo do casal.

— Precisamos ir, professor!

Entretanto, Júlio Verne não podia partir sem tentar confortá-la, ainda que suas palavras dificilmente abrandariam as turbulentas águas da sua emoção. Percebendo o gritante conflito de Katherine, o general permitiu que ela os acompanhasse até a área de segurança mais próxima da complexa e temível máquina do tempo.

— Se desejar, senhora Katherine, será um prazer nos acompanhar pelo menos até o espaço permitido.

Em silêncio, ela caminhou ao lado do homem que amava. Seus olhos fixos no horizonte denunciavam seus temores. O professor, por outro lado, a cada passo que dava,

mergulhava nas cálidas palavras da mulher que arrebatara sua emoção e seus sonhos. Estava pensativo, perturbado, confuso.

Perdê-la jamais esteve em seus planos. Era um sacrifício insuportável. Enquanto transitavam por longos corredores, passavam por inúmeros policiais que faziam a segurança da área central do laboratório. Ao se aproximarem, ficaram perplexos, impressionados. Ainda que estivessem protegidos por uma grossa cortina de vidro, a luz que emanava da máquina do tempo era intensa, ofuscava os olhos. Uma esfera girava a uma velocidade espantosa. Júlio Verne respirou com mais frequência e ansiedade. Titubeou. Aventurar-se com o transporte no tempo, para um simples mortal, poderia trazer consequências inimagináveis.

O general Hermann estava ansioso para introduzi-lo na máquina e prosseguir com a experiência, mas sob o olhar suplicante de Júlio Verne, ele e os que o acompanhavam se afastaram por breves instantes do casal, deu-lhe liberdade para uma despedida solene. Depois de um prolongado suspiro, ele, fitando apaixonadamente os olhos dela, quase sem voz lhe disse:

— Minha querida Kate, obrigado por tolerar minha ansiedade, compreender minhas loucuras e ter me amado com todos os meus defeitos. Lembre-se das cartas que lhe enviei do passado. Se de fato estive lá, não perdi minha identidade nem deixei de amá-la. Sem você, meu céu não

tem luares, minhas noites não têm descanso... — E a beijou suavemente.

Depois desse beijo, ela afastou levemente a cabeça dele, olhou bem nos seus olhos e lhe deu uma das mais importantes notícias de sua vida.

— Estou grávida!

— Pare, Kate! Não brinque com isso! — disse ele, espantado e com um sorriso entre a crença e a desconfiança. Havia pelo menos três anos tentavam e não conseguiam ter filhos.

Ter um filho era um forte desejo dele e um intenso sonho dela, que inclusive o acalentava em suas noites maldormidas. Não poucas vezes ela imaginou a cena de um filho e uma filha correndo pelos campos, escondendo-se atrás das árvores e gritando: “Mamãe! Mamãe! Venha me procurar!”.

— É verdade! Estou grávida. Talvez, por me sentir perseguida, tenha esquecido a obsessão de engravidar e, por fim, aconteceu. Foi no apart-hotel em que estávamos.

Tentando conter sua emoção, ela mais uma vez foi de ilibada delicadeza:

— Desculpe-me por revelar isso neste momento de partida. Mas você não poderia fazer essa viagem sem saber que vai ser pai.

— Meu Deus! Finalmente terei um filho. — E também verteu lágrimas, embargou a voz e novamente a beijou. Por

fim, segurando-a pelos ombros e olhando fixamente para ela, proclamou:

— Eu viajarei no tempo, mas, ainda que ande pelos ermos da terra ou pelos vales da sombra da morte, ainda que beba o cálice da sabedoria ou me embriague com a taça da loucura, eu lhe prometo, Kate, que voltarei... Atravessarei os umbrais do espaço, transporei os portais do tempo e a procurarei como o mais apaixonado dos amantes, como o ofegante à procura do ar, como o deprimido em busca de fagulhas de alegria, como o romancista que garimpa ansiosamente mais uma vírgula nas curvas da sua imaginação para continuar a escrever a sua mais sublime história de amor... Eu a amei, eu a amo e a amarei.

O medo da perda, essa argamassa tão primitiva e tão atual, que molda e transforma o ser humano, foi utilizado como um memorial eterno para selar o amor entre Katherine e Júlio Verne, um amor sem dúvida sólido e que havia passado por muitos testes de estresse, mas que não se sabia se resistiria ao mais invisível e penetrante dos fenômenos: o tempo.

E assim, Júlio Verne caminha e entra na poderosa máquina. Aquela que poderá mudar a História, pelo menos a sua própria história...

PARTE 2

EM BUSCA DO SENTIDO DA VIDA

CAPÍTULO 24

NO NINHO DOS DOENTES MENTAIS

Alemanha, inverno de 1941.

Enquanto a Europa vivia um inferno, um homem encontrava-se prostrado na densa neve, atônito, estafado, destituído de energia física e mental para se reerguer. Não era perseguido pelos nazistas, pelo menos por enquanto. Era assombrado por outros monstros, mais sutis, mas não menos agressivos, dentro da sua mente... Perdera os parâmetros tempo-espaciais. Não sabia onde estava nem em que tempo se encontrava. Mãos gélidas, lábios trêmulos, olhos assustados. A brancura do gelo por toda parte lhe invadia a retina e confundia-lhe o raciocínio. “Ontem eu estava na primavera, mas isto aqui é inverno...”, pensou perturbado. A neve caía como plumas sobre seu corpo caído no solo.

Seu uniforme militar não era suficiente para aquecê-lo: 9 °C abaixo de zero, mas a sensação térmica era de 15 °C negativos. Seu coração entraria em estresse e colapso. Morreria de frio se não se exercitasse rapidamente. Mas logo teria motivos para se movimentar. Latidos de cães pastores alemães famintos vinham em sua direção. Confuso,

movimentou o pescoço e depois a coluna e os membros inferiores. Tinha pavor de cães bravios.

Havia uma pistola em seu coldre. Todavia, esqueceu-se de meter as mãos na cintura e sacá-la. Nunca havia usado uma arma. Sua arma eram as palavras, mas as palavras eram estéreis diante de predadores vorazes. Seu nome? Júlio Verne. Sua profissão? Professor, o mais notável professor de História do seu tempo. Especialista em eventos que norteavam a Segunda Guerra Mundial. Como muitos intelectuais, estava completamente desprotegido numa Europa em chamas. Sempre procurara dar um sentido digno para a sua vida. Agora, morreria sem qualquer sentido, serviria de carne fresca para animais que ladravam pelos ermos, desesperados para sobreviver mais um dia.

Os cães aproximaram-se rapidamente. Seu instinto gritava “saia correndo”, mas com a racionalidade contraída, atolado na lama e paralisado pelo medo, não conseguia se erguer. Péssimo atleta, arrependeu-se naquele instante de ter desprezado os esportes e se dedicado apenas aos livros. Movia-se com enorme dificuldade. Ao se levantar perdeu o equilíbrio, tombou novamente ao chão. Os cães o rodearam rosnando para dar o golpe final. Lembrou-se felizmente da pistola. Mas ela parecia pregada ao coldre. Quando conseguiu sacá-la, era tarde. Os cães o atacaram.

Um mordeu-lhe a mão esquerda; outro, o braço direito; e ainda um terceiro, a perna direita. Eram tempos de guerra. Tempos de fome: aos homens cabia uma ração de animal,

aos cães restos, quando existiam. Tempos em que os instintos prevaleciam sobre a sensibilidade. Os cães abandonados à própria sorte começaram a ter corpos humanos tombados pelo chão em seu cardápio. Um quarto cão se preparava para morder a jugular do moribundo Júlio Verne. Era seu fim...

De repente, um estranho homem apareceu de longe, bradando raivoso.

— *Heil* Hitler! *Heil* Hitler! Morte aos cães!

Em seguida começou a atirar.

Dois cães morreram, dois outros partiram famintos, ladrando inconformados.

O estranho se aproximou lentamente do professor, apontou-lhe a arma sobre o peito. O coração de Júlio Verne parecia que iria explodir antes de ser estourado pelo projétil. Antes do disparo, viu que seu algoz trajava um uniforme da polícia SS, a mais temível polícia alemã, responsável por caçar judeus em toda a Europa^[139], dirigida por um dos maiores carrascos que a humanidade já conheceu: Himmler. O símbolo da SS o motivou a gritar:

— Sou também da SS! Sou um oficial! — E limpou rapidamente as inscrições do seu uniforme que se escondiam sob a neve.

— Melhor ainda! Há tempos quero pegar um miserável nazista.

“Que loucura é essa!”, pensou o professor. Quando o sujeito fez um gesto de que ia apertar o gatilho, Júlio Verne

novamente gritou:

— Espere! Sou judeu! Sou judeu.

O soldado disse:

— *Heil* Hitler! — E atirou, mas a 15 centímetros da cabeça do professor. Em seguida deu uma farta gargalhada.

Júlio Verne jogou a cabeça no travesseiro de neve e respirou aliviado. Depois, para seu espanto, ouviu o soldado dizer:

— *Heil* Hitler, matem os cães! Vivam os judeus!

Júlio Verne se sentiu nos labirintos de um filme de ficção. Parecia já ter vivido essa cena. Teve *flashes* mentais, como se aquilo lhe soasse familiar. Era um homem sonhador, poderia estar numa cama confortável imaginando um caos inexistente. Abriu e fechou os olhos para ver se não se achava sob a égide de um pesadelo. Levou as mãos aos olhos e viu sangramento. A crua realidade gritava que estava acordado.

— Estava testando seu coração, judeu — expressou em seguida o estranho.

Repousou o rifle sobre o ombro esquerdo e estendeu a mão direita para o professor, que, absorto pelo medo, ficara insensível ao frio e às feridas impostas pelos cães. Júlio Verne começou a entender que viajar no tempo era um convite à loucura. Tentou prestar atenção no rosto de quem o apoiava, mas a noite lhe turvava a visão, embora a lua estivesse em sua plenitude. Por instantes teve a sensação de conhecê-lo.

— Vamos para casa! — disse o desconhecido para o professor, que não sabia o que responder. O homem que brilhava em sala de aula estava mudo, fechara o circuito da sua memória, perdera sua fluência.

Os bizarros gestos do soldado não pararam por aí. Ele batia na cabeça com a mão direita compulsivamente, como se quisesse espantar fantasmas mentais, e fazia trejeitos como se estivesse trançando as pernas de bêbado. Em seguida começou a cantar alegremente “Mais um, mais um”.

“Será que sou um troféu desse maluco?”, pensou o professor.

Em menos de dez minutos tivera duas chances reais de morrer, era recomendável segui-lo calado. Ferido e estressado pela longa viagem, caminhava abraçado ao estranho personagem, um alemão de 1,90 m, cabelos bem loiros, magro, rosto comprido, ao redor de 35 anos. No caminho o soldado teve que atirar em mais três cães que os atacaram. Também dois ladrões que vagueavam pela noite em busca de algo que pudessem comer ou furtar os assaltaram. Usaram facas, mas o soldado não recorreu às armas, e sim aos punhos. Abandonou Júlio Verne por instantes sobre a neve e trocou socos com seus agressores. Forte, em menos de um minuto levou-os a perder a consciência.

Depois desses episódios caminharam vagarosamente por 200 metros, até que encontraram uma pequena vila. Os

habitantes conheciam o soldado. Alguns personagens, sob a fraca luz das lamparinas a querosene, bradavam:

— *Heil* Hitler, Rodolfo! Morte aos inimigos!

— *Heil* Hitler! — gritava o soldado que o apoiava, como se estivesse saudando os moradores.

— Vida longa ao *Führer*, Rodolfo! — bradavam outros habitantes exaltando o grande líder da Alemanha.

— Longuíssima vida ao *Führer*, como um jato urinário! — falou irreverentemente o soldado em tom mais baixo. Parecia zombar dos adeptos de Hitler que habitavam na vila. O professor seguia-o sem entender seus gestos.

Em seguida, o intrépido soldado começou a cantar uma música alemã que ele mesmo inventara, exaltando a cerveja. No refrão, debochadamente mostrava que a revolução nazista começara dentro de uma cervejaria, um episódio histórico conhecido como Putsch da Cervejaria de Munique^[140]. Os intelectuais nazistas tinham tanta competência quanto os alcoólatras dos pubs. Rodolfo cantava olhando para as estrelas. Largou novamente o professor e começou a dançar. Fez da neve um palco. Alguns adolescentes que ainda não haviam se alistado nas forças alemãs saíram de suas casas e começaram a dançar e a cantar com o irreverente soldado. O professor mais uma vez apertava seus músculos para sentir se tudo era real. Logo a festa acabou.

— Seu bando de moleques! Respeitem o grande *Führer*! — bradou um homem de cabelos grisalhos, apoiado numa

bengala, que veio furiosamente ao encontro deles.

O idoso homem os espantou como a pássaros. Parecia ser alguém que todos temiam na vila. Na realidade era um veterano da Primeira Grande Guerra, um homem amargo, incapaz de sorrir, que jamais admitira que a Alemanha tivesse perdido a guerra e que jamais aceitara que ela pagasse indenizações aos vencedores e sofresse sanções impostas pelo Tratado de Versalhes[*]. Trazia duas medalhas de bravura fixadas à direita, na parte superior do casaco que vestia.

Era um coronel, portanto, tinha uma patente muito superior à de Hitler, que na Primeira Guerra havia sido um simples soldado que corria desesperadamente do quartel general ao *front* da batalha levando mensagens. O maior golpe de Hitler não foi invadir países como a Polônia e a França com ataques-relâmpago militares, mas os ataques-relâmpago emocionais que o levaram a invadir o inconsciente coletivo da sociedade alemã. Nunca o marketing pessoal e os discursos ensaiados dominaram tanto uma plateia. O austríaco inculto, rude, radical, mas tremendamente carismático, asfixiara o pensamento crítico da nação mais culta do seu tempo, um fenômeno social que o professor Júlio Verne temia que se repetisse no futuro.

Passo a passo, o veterano de guerra que era fascinado por Hitler e que o conhecera pessoalmente se aproximou de Rodolfo e do professor. Quando a lua evidenciou o uniforme

da SS de Júlio Verne, o idoso ficou entusiasmado. E bradou para toda a vizinhança ouvir.

— Um oficial do *Führer*! Um oficial do *Führer*! *Heil* Hitler!

Várias pessoas abriram as portas e janelas dos dois lados da pequena rua e gritaram em coro:

— Vida longa para o *Führer*! *Heil* Hitler!

Constrangido, Júlio Verne os saudou com as mãos, mas sem entusiasmo. Deu um magro:

— *Heil*.

— Vida longa como um jato...!

O idoso pegou sua bengala, laçou com o cabo o pescoço de Rodolfo e apontou sua velha pistola para ele. Rodolfo percebeu que não era o momento de brincar, mesmo diante de seu tio Allen. Corrigiu-se:

— Vida longa como jato prolongado de água...

Momentos depois o coronel da reserva se aproximou de Júlio Verne. Seu entusiasmo começou a se desfazer. Observou-o prolongadamente. Bateu com a mão direita na face esquerda do professor, revelando uma delicadeza bruta, típica de oficiais experientes diante de jovens imaturos que aspiravam defender a grande Alemanha. Ficou intrigado.

— Estranho, mas não parece ser um... belo exemplar ariano. Esse nariz, esse rosto... Essas roupas... Humm... Onde as conseguiu?

Titubeando, um tanto sem fôlego, o professor apenas comentou:

— Foram dadas pessoalmente por Himmler...

Batendo repetidamente na cabeça, expressando intenso nervosismo, Rodolfo comentou:

— Ele é poderoso. Respeite-o tio Allen...!

— Cale a boca, Rodolfo. Sou mais poderoso que ele! Tenho acesso direto ao *Führer* — expressou convictamente. E acrescentou: — Qual é o seu nome?

— Otto Hamburger, é um amigo de infância — disse o sobrinho se antecipando.

— Não perguntei a você, Rodolfo! Deixe-me ver seus documentos.

Engolindo saliva e olhando para Rodolfo, o professor disse:

— Eu os perdi quando fui assaltado. Rodolfo me salvou.
— Mostrou suas feridas.

— Ele lutou como um leão contra alguns ladrões e depois contra alguns judeus fugitivos. Veja as feridas.

Depois de observá-las e achando que o professor estava trêmulo de frio, embora este estivesse mais tremendo de medo, o veterano Allen pronunciou as palavras que deixaram o professor aliviado:

— Vá logo, Rodolfo, senão Otto não resistirá ao frio.

— Adeus, bondoso tio Allen!

— Cuide-se, Rodolfo. — Cuspindo na neve, o coronel completou: — Seu histórico de ser amigo de doentes mentais e de judeus me envergonha e levará à morte da sua família. *Heil* Hitler.

— Só ando com puro-sangue! *Heil* Hitler! *Bye*, Hitler!

— *Bye*, Hitler?

Rodolfo, esperto, saiu-se bem.

— Sim, *bye*, Hitler, tio Allen. O *Führer* deve partir para dominar a Europa, a Ásia, as Américas, o mundo, a lua, o sol. *Bye*, Hitler!

Allen saiu coçando a cabeça, não sabia se seu sobrinho estava caçoando ou zombando do grande líder. Rodolfo era imprevisível e dotado de um senso de humor incomum para os alemães, em especial naqueles áridos tempos. Logo que o tio saiu de cena, Rodolfo deu outra gargalhada. Parecia não ter consciência de que a Alemanha já estava em chamas.

CAPÍTULO 25

HERÓI OU PSICÓTICO?

O comportamento de Rodolfo e o fato de ele ser amigo de doentes mentais induziram o professor a desconfiar que a vila poderia ser um hospício rural. Seu diagnóstico não estava distante da realidade. Quando chegaram em sua casa, Rodolfo socou a porta, como se fosse arrombá-la.

— Calma, Rodolfo! Calma — gritou uma senhora de dentro da residência, que rapidamente se dirigiu à porta, com medo de ficar sem ela. Foram recebidos pelos pais de Rodolfo. O pai, observando a visita, logo se adiantou.

— Mais um, filho...? — perguntou, tenso, sob uma aura de contrariedade.

— Mais um... Este seria comida de cães, papai — comentou brava e brevemente o filho.

Mas o pai, passando os olhos pelo uniforme do professor, tirou uma pistola de dentro da camisa e rapidamente a apontou para Júlio Verne, que mais uma vez se viu ameaçado.

— Mas e esse uniforme? — indagou esbravejando.

— Ele não tem as expressões bem definidas de... de... — disse a mãe, que interrompeu a palavra proibida “judeu”.

O professor franziu a testa e Rodolfo intercedeu.

— Não tem cara, mas tem jeito e tem cheiro de judeu, mamãe...

— Mas há algo errado! — disse o pai, tenso, sabendo que se fosse um nazista que enganara Rodolfo, todos seriam fuzilados.

— Papai, um nazista morreria, mas jamais se passaria por um judeu. Ele confessou! — afirmou Rodolfo em tom exasperado.

— Calma, filho! Não se irrite, só estou dizendo que não parece. — Temeroso, o pai se aproximou do professor e com a arma apontando para a cabeça dele, perguntou:

— Quem foi o profeta que introduziu Davi como rei de Israel? Cinco segundos para acertar e viver ou errar e ir para o inferno. Cinco, quatro, três, dois...

— O quê?... Samueeeel...!

— Quem construiu o primeiro templo em Jerusalém? Cinco, quatro, três...

— Salomão.

— Essa foi fácil. Quantos capítulos tem o livro de Êxodo? Cinco, quatro, três, dois, um...

— Não me lembro! Mas sei que Êxodo vem depois de Gênesis...

— Humm... Não parece um judeu inteligente, mas acho que é legítimo — confirmou o pai.

Júlio Verne novamente respirou aliviado, mas raramente ficara tão perturbado. Fora alvo de exaltação na vila porque o

reconheceram como um oficial da SS. Agora era salvo por informações sobre a História de Israel. “Que loucura era essa? Onde estava? Quem seriam essas pessoas?”, indagava para si, agitado. O estranho era que os que o salvaram pareciam arianos e não judeus.

— Muito prazer, meu filho. Eu sou Anna, meu marido é Günter Merkel.

— Eu sou Rodolfo Merkel — afirmou o filho, soltando mais uma risada desproporcional, indicando que tinha um problema mental. Além disso, continuava com seu comportamento bizarro. Às vezes falava sozinho.

— E o seu? — indagou a mãe, sempre num tom suave.

— Júlio Verne.

— De onde você vem? — perguntou ela mais uma vez. O professor engoliu saliva.

— De outro mundo... — confessou.

A delicada senhora, pensativa, meneou a cabeça e solidarizou-se.

— Eu entendo... Muitos judeus perderam tudo. Ficaram tão perturbados que se sentem como se estivessem em outro universo... Mas venha aqui! Sente-se no estofado ao lado da lareira para se aquecer. Vou buscar um cobertor e lhe trazer uns deliciosos biscoitos.

De repente, Rodolfo começou a dançar desajeitadamente e, em seguida, arriscou-se novamente a cantar:

— Sou uma fera! Sou um caçador de judeus! — Subitamente ficou ansioso. Olhou rapidamente para o teto de

madeira e gritou: — Aviões vão nos bombardear! Escondam-se. — Rapidamente empunhou seu rifle, apontou para o alto e disparou duas vezes.

Júlio Verne, assustado, olhou para o teto mas nada viu, nem escutou o som angustiante de aviões em campanha militar.

— Pare! Não atire, meu filho, os aviões já se foram! — bradou Günter, o pai. Em seguida pegou o filho pelo colarinho e disse aos berros: — Você quer nos matar! Atire, vamos!

A mãe entrou em pânico. Em lágrimas impediu que seu marido espancasse o filho, embora fosse mais frágil que ele.

— Não, Günter, não o agrida. Tenho alguma reserva para consertar o teto.

Júlio Verne voltou a se sentar, perto da lareira, mas estava ofegante. Não passaram duas horas e já havia tido mais sobressaltos do que jamais poderia imaginar. Em seguida, veio a explicação da mãe para o comportamento de Rodolfo.

— Não ligue para ele, judeu. Meu filho é um bom homem, mas, desde que Hitler assumiu o poder, ficou com as ideias perturbadas.

Quando tudo estava mais calmo, mais um sobressalto. De repente, ouviram-se toques apressados e fortes na porta. Todos ficaram inquietos. O casal de idosos se entreolhou, aflito. Günter, ansioso, foi atender. Fez um gesto ordenando para Rodolfo ficar quieto.

— Olá, Allen.

Era o irmão de Günter. O veterano que desconfiara de Júlio Verne. Allen morava a 30 metros do local.

— Que barulho foi esse?

— Minha arma disparou quando eu a estava limpando — explicou Rodolfo.

— Ahhh! Günter, não convida um irmão para entrar em sua casa?

— Sinto muito, mas estou muito ocupado.

— Ocupado? Protegendo doentes mentais?

— Estou com minha família.

— Sua família? Espero também que não esteja cometendo a loucura de proteger judeus.

Günter ficou trêmulo. Tentou disfarçar sua ansiedade, mas era impossível.

— Loucura, Allen, é você desconfiar de seu irmão. Se papai estivesse vivo, ele o repreenderia. *Heil Hitler!* — Após essa saudação foi imediatamente fechando a porta.

Allen o impediu com a bengala.

— Não traia sua pátria.

— Não traia sua família.

E assim se despediram. Günter se aproximou da lareira e sentou-se numa cadeira com dois braços de madeira torneados. O preço para fazer o bem era muito alto.

Günter Merkel e sua esposa Anna eram de uma generosidade invejável. Eles haviam cuidado por anos de uma instituição para doentes mentais. Infelizmente não

sabiam que Hitler, querendo purificar a raça ariana, iniciara uma das maiores atrocidades do mundo contra as pessoas indefesas do seu próprio povo, uma “eutanásia racial”.

Em 1º de setembro de 1939, o dia em que a guerra com a Polônia começou, Hitler, que raramente assinava ordens letais para não abalar a opinião pública alemã, assinou um memorando liberando os portadores de doenças incuráveis para terem a concessão para morrer, uma concessão falsa, pois era imposta pelo partido governante, o partido nazista. O programa se chamou dissimuladamente de “ação eutanásia”. Não era a eutanásia no sentido clássico, consentida por uma pessoa em fase terminal e em dramático sofrimento.

Esse programa, por incrível que pareça, foi apoiado não apenas pelos médicos fanáticos da Liga dos Médicos Nacional-Socialistas, mas por muitos outros. Foi inclusive aceito por psiquiatras, que sob a insana influência nazista também o aprovaram e elegeram pacientes doentes mentais para serem eliminados^[141]. Médicos clínicos e psiquiatras “enlouqueceram”. Crianças especiais e pacientes psiquiátricos de origem ariana foram eliminados em função da purificação racial. A humanidade chorou.

A sociedade alemã desaprovava a eutanásia na República de Weimar, antes de Hitler tornar-se chanceler. Mas, após a ascensão do nazismo, a utilização do marketing de massa para exaltar a supremacia racial numa sociedade que perdera a Primeira Grande Guerra, que tinha baixa autoestima,

desemprego em massa, insegurança alimentar, altíssima inflação, tudo associado à ação das polícias, como a SS e a SA, tropa de assalto do movimento nacional-socialista, que impunham um terrorismo de Estado, levou Adolf Hitler a fomentar os instintos mais primitivos que se alojavam no cérebro humano, inclusive no cérebro de intelectuais, por isso, não poucos deles abortaram sua consciência crítica.

Entretanto, muitos alemães, como os pertencentes à família Merkel, estavam decepcionados com Hitler; alguns, inclusive, tinham asco por ele, mas o clima de terror era de tal monta que silenciou suas vozes. A violência era tão surpreendente e avassaladora que amordaçou inclusive a capacidade de reação da grande maioria dos judeus. Como ovelhas mudas, foram para o matadouro.

O professor Júlio Verne, um judeu pacifista, gentil, que nunca tivera vocação para ser um herói, acreditara ter sido enviado do futuro para romper a inércia judia. Acreditava ter a missão de eliminar o poderoso, paranoico e superprotegido Adolf Hitler e assim, mudar a História. Parecia estar em surto psicótico, cujo sintoma mais proeminente era um delírio de grandeza, pois na realidade era incapaz de matar uma mosca. Ao que parecia, ele não tinha força sequer para mudar a sua própria história, que dirá a história da Segunda Guerra Mundial.

CAPÍTULO 26

VIAGENS MENTAIS

Depois que o irmão de Günter saiu, um prolongado momento de silêncio se instalou. Em seguida Júlio Verne perguntou:

— Como é possível para alemães protegerem judeus?

— Não somos os únicos — afirmou Anna, e deu uma belíssima explicação filosófica. — Não protegemos judeus, protegemos a família humana, a nossa espécie, e os judeus fazem parte dela, embora o *Führer* os considere inimigos do regime. Além disso, os dois melhores amigos de Rodolfo durante a infância e adolescência eram judeus: Victor e Otto Hamburger.

O professor lembrou-se do nome Otto. Em seguida Anna completou:

— Os pais desses jovens também eram nossos diletos amigos.

— E o que aconteceu com eles?

Rodolfo deu um murro na mesa, raivoso ao ouvir a pergunta.

— Toda a família foi presa! Presa há dois anos!

— Calma, Rodolfo! — pediu o pai, temendo uma nova crise.

— Talvez estejam em alguma prisão. Logo serão soltos e poderão voltar a ser felizes — comentou Anna, insegura, sempre querendo abrandar a ansiedade de seu filho. Anna estava com 70 anos. Era uma intelectual generosa, formada em biologia, pesquisadora de genética e, além disso, era professora universitária.

— Poderão voltar a ser felizes, mamãe? Santa ingenuidade! Foram eliminados — expressou Rodolfo tristemente. Tinha seu transtorno psiquiátrico, mas não era tão romântico como Anna.

Nesse momento passaram pela mente de Rodolfo os momentos finais em que os soldados da SS invadiram a casa dos amigos. Enquanto os arrastavam para fora, Rodolfo tentara segurá-los. Fora espancado na cabeça, caíra e, no solo, havia sido chutado. Desmaiara e fora dado como morto. O episódio piorou suas crises. Sentia-se perseguido e perseguidor de nazistas.

Tentando amenizar o clima, a mãe perguntou ao visitante:

— Qual seu nome todo?

— Júlio Verne Weissman.

— O que você faz? — perguntou Günter.

— Sou professor de História.

— Eu também... Sou um intelectual — afirmou alegremente Rodolfo.

— De que cidade você vem? — insistiu mais uma vez Anna.

— Bem, eu venho de Londres... sou um viajante do tempo — Júlio respondeu com um leve sorriso, sabendo que não acreditariam, menos Rodolfo, que rapidamente reagiu.

— Puxa, encontrei mais um maluco.

Günter e Anna se entreolharam.

— Em que ano você vivia? — indagou Anna, desconfiada.

— No século XXI.

Rodolfo bateu palmas e disse:

— Papai, esse cara é mais louco que eu e viaja mais, também... Uauu!

— Belo disfarce — disse Günter, e adicionou: — Comportar-se como doido tem suas vantagens!

Júlio Verne levou a conversa para outro lado.

— Vocês têm judeus escondidos aqui?

— Não. Mas já os tivemos — afirmou Anna.

— Para onde foram? — indagou o professor.

— Alguns partiram na calada da noite... — disse Anna, que em seguida aquietou-se sobre o resto da história.

— Dois foram mortos a quinhentos metros daqui. E um tornou-se comida dos cães famintos do vilarejo — relatou Günter. — Essas mortes traumatizaram mais ainda Rodolfo.

Foram tantos os acontecimentos em cadeia que, embora Júlio Verne não tenha perdido o foco, não teve tempo de fazer a pergunta fatal. Mas no fundo parecia que estava evitando fazê-la. Se não conseguira enfrentar cães, míseros

ladrões nem um idoso veterano de guerra, como poderia cumprir sua missão de eliminar Hitler? Nunca se sentira tão impotente. Entretanto, tentando dominar temporariamente o instinto de sobrevivência, perguntou bruscamente:

— Que data é hoje?

Todos acharam estranha a pergunta. Günter comentou:

— Não sabe que estamos em dezembro, dia dez?

Ofegante, o professor novamente indagou:

— Mas em que ano?

— 1941! — afirmou Anna, achando que Júlio Verne não estava simulando ser um doente mental que perdera os parâmetros tempo-espaciais. Ela ficou convicta de que ele estava mesmo mentalmente perturbado. Pensou que provavelmente era devido à perseguição implacável a que os judeus eram submetidos.

Júlio Verne cria que seus pesadelos no “século XXI” eram reproduções fiéis das experiências de quando viajara no tempo. Estava convicto de que já estivera na casa dos Merkel. Os personagens, a casa, o ambiente externo, tudo parecia conhecido. Algumas doenças neurológicas propiciavam essas falsas convicções, mas ele não acreditava que eram convicções destituídas de realidade. Havia uma concretude em sua perceptividade. Entretanto, as datas não batiam, o que o levou agora a crer que seus pesadelos não eram retratos fiéis das suas viagens ao passado. Havia distorções. Em seguida, ao recordar-se dos objetivos de sua “missão”, seus olhos lacrimejaram.

— Não! Não é possível! Em minhas “viagens mentais” estive aqui em 1939 e não em 1941. E, salvo engano, no final do ano.

— Você esteve aqui? Onde? Na vila? — perguntou Günter.

Rodolfo apenas observava Júlio Verne com o cotovelo sobre a mesa e as mãos apoiando o rosto. O anormal não lhe era estranho.

— Não! Estive em sua casa.

— O quê? Você fundiu a cabeça, judeu! Não o conhecemos. Nunca o vimos! Jamais falamos com você — afirmou Günter, inconformado.

O professor não se importou com o espanto de Günter e Anna. Estava abalado demais com os eventos da Segunda Guerra que já haviam iniciado e que ele não conseguiria impedir.

— Tem certeza de que estamos em dezembro de 1941?

— Claro — afirmou Anna.

— Cheguei cinco meses depois — disse ele completamente inconformado.

Nesse momento Júlio Verne teve uma visão dos comboios de trens transportando crianças, idosos, mulheres e homens judeus para os campos de concentração. Eram transportados em condições piores que animais. Não havia alimentos, água, cama. E, quando chegavam aos campos, eram mortos nas câmaras de gás. Uma minoria tinha o privilégio de trabalhar como escravo e viver mais alguns meses. Transformara-se num colecionador de lágrimas...

A família Merkel, confusa, assistia àquele homem em prantos. Em seguida, ele lhes contou os motivos pelos quais chorava. O mundo dormiu enquanto judeus e outras minorias eram esmagados por atrocidades inimagináveis. Do mesmo modo, os principais líderes mundiais também assistiram passivamente ao genocídio de Ruanda no final do século XX e se tornaram espectadores passivos das atrocidades cometidas contra o povo sírio em 2012 e 2013. *As palavras têm o peso do ar, as ações, o peso do corpo, para os frágeis líderes é mais fácil discursar do que agir...* Tais líderes terão uma dívida impagável com a humanidade.

Os detalhes que o professor Júlio Verne comentava eram tão ricos, com tantas informações sociais e geográficas, que se tornava difícil para Anna e Günter crerem que tudo não passava de fruto do seu imaginário.

— No fim de 1939, meses depois da invasão da Polônia, começaram as deportações dos judeus para os guetos poloneses, mas a clara decisão de Hitler sobre o extermínio em massa só apareceu na campanha contra a Rússia^[142]. O discurso de 31 de março de 1941 sobre a “missão particular” de Himmler para os altos oficiais na zona de retaguarda representou a primeira indicação de um plano de extermínio em larga escala. Meu Deus, meu povo está sendo mutilado nos campos de concentração e eu não consigo fazer nada. A maior máquina de destruição em massa da História já começou a entrar em ação — disse Júlio Verne batendo na mesa fortemente várias vezes, tal como Rodolfo.

— Alfred Rosenberg, o estúpido ideólogo do partido, escreveu em seu diário uma frase que mostrava seu estado de espanto diante dessa atrocidade: “Jamais esquecerei o que não vou anotar hoje”^[143]. O *Führer* ordenou o assassinato em massa — afirmou Rodolfo batendo várias vezes em sua própria cabeça. Estava também em lágrimas. E completou atônito: — Hitler, seu miserável! Solte meus amigos!

— Como você sabe disso, meu filho? — indagou Anna em estado de choque.

— Livros... de... história, mamãe.

— Que livros, meu filho? Estamos no presente e você fala em história.

— Eu estive no século XXI. Li vários autores, como Yan Kershaw e Joachim Fest.

Agora não apenas Günter e Anna se perturbaram muitíssimo, mas o próprio Júlio Verne se abalou, pois conhecia esses brilhantes autores e sabia que eles escreveram sobre a Segunda Grande Guerra muito tempo depois de ela ter terminado. Nesse momento a mente de Júlio Verne se abriu e voltou-se para um estranho episódio que vivenciara no futuro. Quando saía de um evento de psicologia onde era o conferencista, um personagem bizarro, vestindo uma roupa surrada, gritou-lhe o nome. Ele tinha a face, o biótipo e os trejeitos de Rodolfo. Como podia ter tido acesso aos livros de história? Como Rodolfo fora para o

século XXI, se vivia na primeira metade do século XX? Como retornara do século XXI para o seu tempo?

O professor colocou as mãos na cabeça. Mais uma vez sentiu que todos esses eventos pareciam surreais. Mas antes que as perguntas que entalavam na sua garganta ganhassem sonoridade, Anna interveio.

— Como é possível, meu filho? Que máquina o transportou para o século seguinte? Que loucura é essa?

Convencer o pai de Rodolfo não era tão difícil, pois era um homem dado ao misticismo, tal qual Hitler e alguns dos seus discípulos. O complicado era vencer a racionalidade da bióloga, Anna.

— Não sei como encontrei Rodolfo no futuro, mas o encontrei — declarou Júlio Verne. — Os autores que ele leu são admirados em meu tempo e escreverão seus estudos históricos décadas depois do ano em que estamos agora. Talvez a mesma máquina do tempo que abriu uma janela cósmica para me levar ao passado o tenha transportado para o futuro?

— Mas como ela o trouxe de volta? Você entrou em alguma máquina, meu filho? — indagou Günter, atônito.

— Não — afirmou Rodolfo.

— Parece-me que minha viagem no tempo distorceu a cadeia de eventos sociais. Parece ainda que as minhas imagens mentais acionaram o teletransporte da máquina do tempo. Ao que tudo indica, eu estive aqui primeiro, como estou agora, e esse fato é que abriu a janela cósmica para

que Rodolfo fizesse a viagem ao futuro. E assim ele entrou em contato comigo.

Anna esfregava as mãos em seus cabelos brancos. Tudo era muito irracional. Mas tentou ordenar suas ideias.

— Quer dizer que passado e futuro se entrelaçam como uma corda cujas pontas estão amarradas, o começo e o fim estão no mesmo círculo? — indagou ela, tentando dar uma brisa de lucidez àqueles fatos incompreensíveis.

— Não sei... Talvez... É possível que depois de acionada, a máquina crie cordas cósmicas que teletransportam algumas pessoas que tenham contato no passado, como aconteceu com Rodolfo — ponderou Júlio Verne, perturbado. Em seguida, acrescentou: — A não ser que tudo aqui seja uma ilusão. Vocês são reais?

— Sim, claro — afirmou Günter, batendo algumas vezes na mesa para ouvir os estalidos.

— Eu não sei, não. Às vezes penso que sou uma ilusão, papai — comentou Rodolfo.

O pai deu um beliscão em Rodolfo.

— Ai, pai!

— Ilusão não sente dor. Não deixe o clima mais louco do que já está, meu filho.

A confusão era tamanha que Júlio Verne, apesar de perplexo, teve de dar vários detalhes históricos que aconteceram para convencê-los de que não eram um bando de loucos. Falou inclusive de detalhes das reuniões do partido nazista, da qual Günter era filiado. Depois de vários

argumentos, Júlio Verne, que não era apenas professor de História, mas também um inteligente psicólogo, dissecou o caráter do *Führer*:

— Hitler tinha o hábito de traduzir tudo o que o preocupava em longos e prolixos discursos. Como muitos ditadores, era um homem incontrolável nos gestos e nas palavras. Tosco, radical, paranoico, ansioso, tinha baixo nível de diplomacia, falava o que lhe vinha à mente diante da sua corja de bajuladores que salivavam uma admiração irracional. Não escondia sua vulgaridade e beligerância. Entretanto, a indústria de destruição sistemática dos judeus nos campos de concentração era tão horrenda e destituída de quaisquer justificativas políticas, sociais e científicas, que foi ordenada por Hitler e seus colaboradores discretamente. A falta de registros eloquentes dessa decisão perturbou alguns historiadores. Hitler, apesar de ser megalomaniaco, tinha certa preocupação com a opinião pública mundial.

O professor disse que chegara cinco meses atrasado porque no dia 31 de julho de 1941 o todo poderoso Göring havia comunicado ao chefe da Segurança, Reinhard Heydrich, a ordem de “proceder à solução final da questão judaica”^[144]. Assim como no diário de Rosenberg a mensagem era subliminar, também nos discursos nazistas as ordens de exterminação em massa eram dissimuladas.

— A Alemanha, berço de brilhantes filósofos, como Kant, Hegel, Schopenhauer, Nietzsche, portadora da melhor educação clássica, está sendo vilipendiada em sua identidade

essencial. Comparar os caçadores nazistas com os caçadores de animais pode ilustrar a loucura nazista — expressou o professor.

— Como assim? — indagou Anna, curiosa.

— Os Jivaros no Equador, os Ianomâmis na floresta Amazônica e os Kuka-Maku na Colômbia^[145] eram caçadores de animais. E, quando encontravam uma tribo rival, guerreavam com o objetivo de raptar suas mulheres ou para ter maior espaço para a caça. Eram implacáveis com inimigos, mas o objetivo era sobreviver. Os nazistas foram incomparavelmente mais longe: caçaram seres humanos. Motivo? O simples prazer de os abaterem. Destruíam seus pares pelo simples fato de os encontrarem em seus caminhos. A higiene racial era uma desculpa. Abateram não os concorrentes, mas os frágeis. Esse fenômeno levou a humanidade às raias da loucura, ao último estágio da insanidade social — discorreu o professor.

Diante disso, Anna chorou. Momentos depois, a brilhante bióloga concluiu:

— O *Homo sapiens* desonrou completamente sua capacidade de pensar para se tornar o *Homo bios*, um ser instintivo e irracional... — E completou tristemente: — Eu fui professora universitária. O que me machuca é que a educação clássica em tempos de estresse social intenso não foi suficiente para nos vacinar contra a irracionalidade dos nazistas... Aonde chegamos?

Depois de uma pausa, ela ainda comentou:

— Se você vem do futuro, professor, se não está delirando, se seus olhos enxergam o passado... Será que no seu tempo a educação está cumprindo seu papel para produzir pessoas autônomas e que tenham opinião própria?

Era uma grande questão. Anna não sabia, por não ser pesquisadora da psicologia, que, se a educação não desenvolvesse um Eu como autor da própria história, em tempos de estresse social fechar-se-ia o circuito da memória, impedindo-o de acessar milhares de janelas da memória com centenas de milhares de dados para dar respostas inteligentes.

A crise econômica, o desemprego em massa, a inflação em alta, a insegurança alimentar e o Tratado de Versalhes fecharam o circuito da memória de milhões de alemães. Esses fenômenos psicossociais diminuíram as defesas do inconsciente coletivo, propiciando que o vírus do hitlerismo se propagasse rápida e descontroladamente numa sociedade que não lhe pertencia. O austríaco tosco, rude, radical e inculto autoproclamou-se um semideus para “salvar” a pátria.

Júlio Verne ficou admirado com a perspicácia de Anna e mais ainda com a pergunta que ela fez. Honesto, disse:

— Tenho minhas dúvidas, Anna, de que em meu tempo a educação é mais nobre do que a do seu tempo. Os professores são profissionais de ilibado valor, mas o sistema educacional está doente, formando pessoas doentes, para uma sociedade doente. Não mudou...

Anna ficou abalada. O professor ainda adicionou:

— No meu tempo, o sistema educacional está formando muito mais repetidores de informações do que pensadores. Com raras exceções, estamos formando meninos com diplomas nas mãos. Meninos que conhecem milhões de dados sobre o mundo exterior, mas não conhecem o planeta psíquico.

— Estou estarecida, professor Júlio Verne. Pensava eu que nas décadas futuras a educação seria berço da formação de pensadores e não de repetidores de dados. Acreditava em minhas noites de insônia e reflexão que a humanidade nos séculos seguintes jamais assistiria às atrocidades que hoje fazem jorrar sangue pelas ruas e fazem desfalecer nossas almas: polícia secreta, opositores do regime considerados como inimigos a serem abatidos, imigrantes excluídos, doentes mentais eliminados, judeus considerados como escória, supremacia racial...

Para Júlio Verne, a educação precisava mudar sua agenda.

— As funções mais complexas da inteligência para se conquistar uma mente livre e uma emoção saudável não estão sendo trabalhadas no solo do psiquismo dos alunos, por exemplo, pensar como espécie, colocar-se no lugar dos outros, pensar antes de reagir, proteger a emoção, gerir o intelecto, a resiliência, ter autonomia, opinião própria e prazer solene no altruísmo, em promover o bem-estar dos outros.

O professor comentou ainda com os Merkel algo que eles não entenderam. Disse que a juventude mundial do seu tempo, na década de 2040, educada aos pés de algo chamado internet e embriagada pelas redes sociais, estava atravessando as labaredas do aquecimento global, da insegurança alimentar e da escassez de recursos naturais. Havia risco de ser seduzida por sociopatas carismáticos e teatrais, portando soluções mágicas e inumanas, à semelhança de Adolf. Não era possível dizer “Holocausto Nunca Mais”.

CAPÍTULO 27

NO CAMINHO DA INCERTEZA

A madrugada iniciou-se sorrateira, calma por fora, mas turbulenta no território psíquico dos presentes. Anna e Günter foram para a cama, mas a cama deixou de ser um lugar de descanso, pelo menos naquela cálida noite. As notícias que o forasteiro lhes dera extorquiram-lhes as fagulhas de tranquilidade. Às vezes parecia-lhes que Júlio Verne era um doente mental; em outros momentos, um intelectual. Não sabiam defini-lo. Não sabiam o que dizer também sobre a convicção de Rodolfo de ter viajado no tempo, afinal de contas seu filho sempre viajara sem sair do lugar...

O professor foi dormir no mesmo quarto que Rodolfo. Mas quem disse que Rodolfo queria dormir?

— O que você faria se pegasse Hitler, Júlio?

— Você nem imagina — comentou o professor.

— Eu lhe daria uns sopapos na cara, um gancho de direita no rosto, um chute nas bolotas e um convite para o inferno.

O professor teve um momento de descontração. Deu um breve sorriso. Rodolfo continuou com suas bravatas:

— Segure-me, Júlio, se não vou para Berlim para pegar esse crápula. Amarre-me na cama. Vamos.

Percebendo que tudo era teatro, o professor o incentivou.

— Vai! O que o impede? O que lhe falta?

— Um parceiro de coragem!

Júlio Verne engoliu em seco. Tentou dormir. Sono tenso, entrecortado, não reparador. Teve pesadelos horríveis e neles não era um herói, mas um covarde: bom nas palavras, péssimo nas ações.

Às sete horas da manhã estavam todos à mesa. Café, um bolo de farinha de trigo e pães ázimos, sem fermento, do jeito que os judeus ortodoxos apreciavam. Mas Júlio Verne não era ortodoxo, apreciava uma boa comida, o que em tempos de guerra era uma raridade.

Rodolfo comia sem modos. Enfiava pedaços exagerados de bolo na boca, migalhas caíam pelas laterais dos lábios. Era seu jeito de ser. Era um gênio, mas como muitos sobredotados tinha inabilidades sociais. Era reservado, dosado, compenetrado, estudioso, amante dos livros. Depois de desencadeado seu transtorno psiquiátrico, tornara-se mais bem-humorado. Tinha depressão bipolar, que naquele tempo não era assim diagnosticada. Os portadores dessa doença eram isolados, alguns amarrados e submetidos a terapia de choques.

O humor de Rodolfo flutuava: ora tinha tempos de depressão, desânimo, isolamento, ora vivia períodos de exaltação, grandeza e palavreado excessivo. Mas mesmo

nesses períodos não perdia seu bom humor. Dizia: “Sou um general de Hitler. Morte às moscas, salvem os judeus!”. Não havia ninguém na Alemanha que zombasse tanto do poderoso *Führer* quanto ele. Era para ter sido morto, à semelhança de milhares de doentes mentais, mas como era querido na vila e seus pais bem conhecidos, até agora fora protegido.

Rodolfo não apenas fantasiava, mas dava crédito às fantasias, como se fossem reais. Conversava com os personagens que criara e agora tinha o professor para dialogar.

— Diga-me, Júlio Verne, onde você aprendeu a ser maluco?

— Bom, eu... Você acha que eu realmente sou doido?

— Doido não, doidão.

— Bom, eu aprendi minhas maluquices com... com uns cientistas e uns militares do meu século.

Rodolfo, por sua vez, comentou como havia aprendido as suas doidices.

— Já eu... eu aprendi com os nazistas. Veja isso...

Levantou-se e na frente dos pais e do professor imitou um soldado nazista marchando: flexionava o joelho para o alto e para baixo e depois saldava imaginariamente o *Führer*.

— “Bye”, *Führer*! “Bye”, *Führer*! — Marchava e fazia sinal de tchau, sorrindo.

— Suas bobagens são perigosas — comentou Günter.

Anna o acalmou.

— Deixe o menino. Ninguém na vila liga para ele. É preciso se divertir nesse hospício social.

Júlio Verne conseguiu dar mais um breve sorriso, o que parecia irrealizável para quem tinha uma missão quase impossível. Em seguida Rodolfo, mais espirituoso ainda, pegou o cabo de madeira de uma vassoura e, como se fosse um microfone de uma rádio, impostou a voz e imitou Goebbels, o ministro da Propaganda de Hitler:

— Essa é sua rádio germânica! A rádio das vitórias do *Führer*. Somos privilegiados por ter um grande líder, o maior de todos. Nesta manhã matamos todas as raposas e gaviões e conquistamos mais um galinheiro! Uaaaau, somos o melhor exército do mundo! — Em seguida, fez um som de uma rajada de metralhadora: — Rata, tá, tá, tá, tá, tá. Ninguém canta de galo no mundo como nós: Cócórócóóó — e continuou: — Em breve conquistaremos toda a Europa, depois as Américas, a Lua, Marte, o Sol, o Universo. Somos nazistas, somos arianos. Somos donos do mundo!!! Aaaah! Não desliguem, caros ouvintes. Em breve mais vitórias para embelezar seus ouvidos e entorpecer seu cérebro. “Bye”, Hitler! Tum, tum, tum. “Bye”, Hitler.

O professor não conseguiu se conter. Relaxou e dessa vez deu uma gargalhada do deboche de Hitler, o “louco” mais persuasivo que o mundo já conhecera.

E então indagou:

— Onde aprendeu a ser radialista?

— Com Goebbels! Ensinou-me uma vez.

— O quê? Você conheceu o gênio do mal que promoveu Hitler?

— Sou amigo do seu sobrinho, Max! Mas detesto Goebbels! Disse-lhe com ódio que ele era bom para embalar e vender o *Führer*!

— E ele?

Rodolfo mostrou as marcas no rosto de uma impiedosa e impulsiva bofetada que recebera.

— E por que Goebbels não o matou?

— Ele apontou a arma para mim, mas Max interveio. Disse que eu era louco.

— Ainda tinham compaixão dos doentes mentais naquele tempo — comentou Anna.

Lembrando-se da sua missão, o professor, animado, rapidamente indagou:

— Mas onde Goebbels mora?

— Berlim, a 500 quilômetros daqui — respondeu Günter.

Júlio Verne fez um sinal de desapontamento, seu alvo estava muito distante. Havia tantas barreiras para chegar até Hitler, ainda mais no dramático inverno em que estavam. Perdeu o ânimo.

— Mas soube que estará na semana que vem na casa dos pais.

— Onde eles moram?

— Moram na cidade mais próxima. A uns vinte quilômetros daqui.

— A cidade preparará uma grande festa para receber Goebbels — comentou Anna, não entendendo as intenções de Júlio Verne.

O professor novamente alegrou-se. Imaginou que poderia chegar até Goebbels. Mas eliminá-lo não mudaria os rumos da Segunda Guerra, pois a Europa já estava em chamas. “Mas quem sabe seria um ponto de mutação da história? Ou quem sabe ele me leva até Hitler?”, pensou.

Subitamente Rodolfo começou a falar sozinho. Conversava com seus fantasmas. Júlio Verne esperou que ele terminasse a conversa e pediu:

— Leve-me até Max, seu sobrinho. — Mas em seguida indagou: — Goebbels costuma vir só?

— Nunca só! Depois da fama, vem sempre com uma grande escolta.

O professor afagou a cabeça com a mão esquerda, contraiu os músculos da face. Havia se preparado para atacar os pontos de mutação que antecedessem o início da Segunda Guerra para barrar a sequência das atrocidades que seriam deflagradas. Mas se interrompesse a trajetória de Hitler ou de alguém importante do governo, poderia pelo menos evitar a morte de milhares de inocentes, o que já teria feito sua missão valer a pena.

À noite, sozinho no quarto de Rodolfo, ensaiou escrever uma carta para marcar um encontro com Goebbels. Estava eufórico. Escreveu e reescreveu diversas vezes o pequeno texto. Não queria terminar a carta dizendo “vida longa ao

Führer” como era comum nas correspondências da época. Exaltar Hitler, mesmo que falsamente, o deixava angustiado. Preferiu uma carta simples:

Sr. Goebbels, gostaria de ter um encontro com o senhor por ocasião da visita à sua mãe em minha cidade. Gostaria de discutir ideias de seu estrito interesse, inclusive novas técnicas de propaganda veiculadas pelo rádio. Certo de que serei atendido, subscrevo-me.

Júlio Verne e Rodolfo Merkel

Após chegar ao texto final e relê-lo, sua mente se abriu. Pasmado concluiu que era a mesma carta que recebera anonimamente quando estava em pleno século XXI, após ter um dos seus pesadelos. Pensara naquele tempo que a escrevera sob um ataque de sonambulismo e que a enviara para si mesmo. Mas agora teve plena certeza de que não estava “louco”, que a carta fora escrita nos tempos de Hitler. E que de alguma forma a máquina do tempo estava distorcendo os eventos.

Anna entrou no seu quarto sem bater na porta. Trouxe-lhe uma xícara de chá e o viu abatido. Respeitosa, não lhe perguntou nada. Nem ele queria dar mais explicações sobre sua confusa missão. Após Anna sair, foi invadido por uma aura de tristeza. Pensou consigo: “Se eu recebi essa carta no futuro, então Goebbels não a recebeu. Consequentemente, ela foi ineficaz”.

Preocupado em corrigir as distorções dos eventos, procurou tomar precauções para que a carta realmente chegasse ao seu destinatário. Queria ser senhor do tempo, mas o tempo, sempre cruel, abatia generais, fragilizava heróis, furtava o vigor dos mortais. Júlio Verne era um homem perturbado, portador de uma missão colossal, que queria dar passos largos, mas sentia-se minúsculo, um caminhante que atolava os pés na lama da incerteza.

CAPÍTULO 28

NAZISTAS CAÇADORES

O asilo de doentes mentais de que o casal Merkel cuidava tinha uma porta de acesso pelos fundos da casa. Lá estavam abrigados mais de 30 doentes. A maioria fora abandonada pelos seus familiares. Júlio Verne começou a visitá-los e ficou impressionado com a afetividade que o casal lhes dedicava. Eles os abraçavam e beijavam no rosto. Havia uma cozinheira e um enfermeiro idoso que os ajudavam. Não podia viver como um foragido, tinha de dar um propósito a sua vida. Junto com Rodolfo, começou também a ajudar no asilo. Contava piadas, brincava, dava comida, banho e procurava relaxar os pacientes.

A eutanásia racial ainda não havia batido às portas do asilo dos Merkel. Ingênuos, nem sabiam que Hitler tinha dado ordens para eliminar todos os doentes mentais da Alemanha.

Num fatídico dia algo aconteceu. Cinco policiais da SS apareceram enquanto Júlio Verne fazia uma visita. Três deles portavam submetralhadoras. Depois de analisarem os documentos do asilo e checar lista dos internos, os compeliram a ser transportados para um hospital de melhor

qualidade. Três furgões os aguardavam. Era comovente ver aqueles inofensivos e indefesos seres humanos desalojados. Alguns estavam naquele abrigo há anos, expressavam rituais obsessivos, mal andavam, tinham o corpo curvado e travado.

Júlio Verne ficou trêmulo, não apenas pelo medo de ser reconhecido, mas também porque sabia que iriam para a câmara da morte. Ele não suportou, tentou contra-argumentar.

Um policial apontou-lhe uma pistola.

— São ordens do *Führer*, senhor — apenas afirmou.

Os Merkel não sabiam para onde os levavam nem o porquê da intervenção do professor. “Será que ele tinha informações secretas?”, pensaram. Resistiram, pois amavam aqueles desprotegidos.

— Nós cuidamos bem deles. Não precisamos dar esse peso para o Estado — comentou Günter.

— Você não entendeu. São ordens do *Führer*, senhor. Eles vão para um lugar melhor — disse com voz imponente outro policial jovem, de cerca de 25 anos.

— Mas eles são como nossos filhos. Não queremos que os levem — afirmou Anna.

Sem se importar com os olhos umedecidos do idoso casal, os policiais ainda comunicaram:

— Nós precisamos levar também seu filho.

Onde ele está? Rodolfo estava na sala com eles. Deveria manter-se calado, mas mais uma vez mostrou sua inocência.

— O *Führer* me procura? Que privilégio! — exclamou com deboche.

Os policiais fizeram um sinal para que também os acompanhasse, pois tinham informação de que ele era um doente mental.

Previendo o pior, Júlio Verne interveio.

— É melhor o doutor Rodolfo continuar ajudando os pacientes dessas bandas.

— Doutor Rodolfo? Quem é ele? — indagou um dos policiais.

— O mais brilhante médico dessa região — disse Júlio. — Médico como eu.

Em dúvida, os policiais o deixaram. Não podiam assassinar um médico do calibre de Rodolfo.

Depois de levarem todos os doentes do asilo, Anna e Günter caminhavam desolados pelo prédio vazio. Ela então fez uma pergunta fatal para o professor:

— Para onde os levaram?

Ele nada disse. Apenas abaixou a cabeça. Anna e Günter choraram. Já não ouviriam mais a voz de seus filhos... Ficaram deprimidos.

— Quem sabe não estão num lugar melhor, Anna? — indagava o professor, tentando aliviá-la.

Dois dias depois Júlio Verne descobriu que havia mais dois judeus na aldeia, um jovem casal, que há apenas cinco meses tinham se casado às escondidas: Simeão e a bela Sarah. Simeão era sobrinho de uma amiga de Anna, Mirian,

cujas raízes judias eram guardadas a sete chaves. Simeão e Sarah viviam nos porões da bela casa de Miriam.

À noite, sorrateiramente, o jovem casal foi, junto com a tia Miriam, até a casa dos Merkel, conhecer Júlio Verne e Rodolfo. O risco era grande, mas Simeão e a esposa não suportavam mais a “prisão” do porão. Longas conversas, diletos afetos. Momentos emocionantes cercaram o diálogo de Júlio Verne, Rodolfo e o jovem casal.

— Meus pais foram presos há três meses. Em outra cidade. Fugimos para cá. — contou Simeão, abatido.

— Os meus pais foram fuzilados porque se recusaram a entrar no comboio de trem — afirmou Sarah. Em seguida, com os olhos marejados de água, completou: — Meus dois irmãos foram presos e levados para a Polônia. Os nazistas, destilando ódio e deboche, propagandeavam para os judeus deportados que iam para uma terra que emana leite e mel, uma terra onde se pode praticar esportes, ouvir músicas e trabalhar livremente. Mas todos nós acreditamos que iam para o corredor da morte. Parece que fizeram da Polônia o depósito das suas monstruosidades.

Anna, Günter, Miriam, o professor e Rodolfo ouviam sensibilizados aqueles relatos. Rodolfo, tentando animá-los, fez suas piadas. Mas era difícil relaxar minimamente que fosse naquele clima. Nesse ínterim, Simeão perguntou pela identidade de Júlio Verne. Ele não quis entrar na celeuma de falar da sua missão. Ririam dele.

— Sou um simples professor de História perturbado pelo desejo de entender que espécie é essa que elimina seus próprios filhos sem que esses ofereçam ameaças.

Foram longas duas horas de conversa. Logo antes de o casal partir com a tia e voltar para o confinamento do porão, a suposta tranquilidade derreteu como gelo na primavera. Um grupo de policiais da SS muito tensos apareceu na pequena vila de uma rua só. Três deles seguravam cães numa das mãos e submetralhadoras na outra. Caçavam judeus.

Tinham recebido uma denúncia de Allen, o tio de Rodolfo. Entraram direto na casa de Günter e Anna. Bateram na porta com incrível violência. Todos entraram em pânico, e o desespero chegou às alturas quando ouviram os latidos dos cães. Segundos depois arrombaram a porta, pegaram os judeus em flagrante tentando sair da residência para se esconder.

Apontando suas metralhadoras, os policiais ordenaram que ninguém se movesse e que colocassem as mãos para o alto. Os nazistas passaram os olhos sobre o grupo reunido na sala e separaram a safanões o jovem casal de judeus do meio deles. Ficaram na dúvida se Júlio Verne era um judeu. Ele estava com um uniforme da SS e, por enquanto, não o perturbaram.

Em seguida, indagaram os nomes dos idosos e renderam Miriam, a tia do casal. Tinham um relatório de que ela era de

origem judia. Günter implorava por compaixão. De repente um soldado lhe disse:

— Compaixão? Vocês envergonham nossa raça protegendo judeus.

Günter tentou interceder por Miriam, que estava petrificada.

— Essa mulher contaminou a raça ariana, seu velho! — retrucou um dos policiais e deu-lhe uma bofetada que o atirou longe.

Em seguida apontaram armas para os três. Iriam fuzilá-los à queima-roupa na própria sala dos Merkel, queriam que eles limpassem a sujeira. Júlio Verne recuou assombrado. Estava taquicárdico, queria sair correndo. Esse episódio não estava no *script* dos seus “pesadelos”. Fechou o circuito da memória, não conseguia pensar em mais nada a não ser em sobreviver. E, além disso, o medo de cães o paralisava.

Rodolfo, ao contrário, era destemido. Tinha baixo limiar para compreender o perigo. Inconformado, socorreu seu pai e se preparava para intervir, mas, de repente, uma cena cortou o coração de todos, menos dos nazistas. Simeão superou os vales escabrosos do medo e disse com intrepidez aos soldados:

— Deixem-me dizer minhas últimas palavras a minha esposa.

Vendo sua sólida determinação, os militares permitiram.

— Sarah, não perca jamais sua fé! Saiba que ainda que nos retirem os olhos, jamais nos impedirão de ver! Ainda

que extraíam nossa língua, jamais nos impedirão de falar! Ainda que explodam meu coração e me matem, jamais deixarei de te amar!

E se desfez das garras de dois soldados e a abraçou. Os cães começaram a ladrar, pareciam invejar um amor inimaginável que só os humanos poderiam sentir.

— Eu te amo, Simeão! Agradeço a Deus por ter te conhecido. Nem a morte silenciará meu amor... — Sarah falou chorando.

Simeão fez uma oração em silêncio ao Deus de Israel e Sarah o acompanhou. A morte iminente não extirpara sua crença, ao contrário. Júlio Verne presenciara muitos casos onde a vida estava em risco altíssimo e de forma atroz e injusta. Nesses episódios, a espiritualidade deveria ser completamente asfixiada, mas florescia em pleno deserto. Esse fenômeno fez o pensador Júlio Verne refletir que o ateísmo floresce mais em tempo de abundância.

O professor foi às lágrimas ao ver o amor borbulhante do jovem casal. Lembrou-se da mulher da sua vida, Katherine. Ele prometeu silenciosamente a Kate que um dia romperia o cárcere do tempo, voltaria para o século XXI e a encontraria novamente, custasse o que custasse. Os soldados nazistas, ao contrário do professor, debocharam do casal.

— Que lindo! Judeus também amam!

Ávido para ver sangue, um deles disse:

— Agora vamos à nossa declaração de amor. Declaro que os vermes devem ser eliminados da Terra! Declaro, portanto,

que vocês não merecem viver!

E sob os aplausos dos outros soldados, ele e mais dois policiais apontaram as armas para cabeça de Simeão, Sarah e Mirian. Quando ia apertar o gatilho, alguém interferiu:

— Espere! Deixe eu mesmo terminar com esses judeus!
— falou o tímido Júlio Verne, para o desespero dos Merkel.

Rodolfo, esperto que era, logo entrou em sintonia com o professor. Exaltando-o sobremaneira, disse:

— Ele é um general de Hitler! — E lhe prestou continência.

O professor fez um sinal com as mãos para que Rodolfo diminuísse sua euforia e lhe abaixasse a patente, caso contrário, os soldados desconfiariam de que tudo era teatro.

— General não. Ele é um coronel do *Führer*! Um homem que não apenas caça os judeus, mas também nazistas estúpidos.

“Menos!”, expressou Júlio Verne com os olhos, querendo apenas que Rodolfo calasse a boca.

— Sim, sou um coronel da SS.

“Um coronel da SS naquele vilarejo, fazendo o quê?” Só podia ser balela, passou pela mente dos policiais. Afinal de contas, eles eram de baixa patente da mesma polícia. Em seguida, querendo mostrar autoridade, o professor começou a farejar os policiais que iam matar os inocentes como cães, assim como os superiores fazem com subalternos. Os cães rosnaram como se quisessem atacá-lo. Tentando contornar o medo desses animais, disse a Rodolfo:

— Faça esses cães se calarem, cabo.

— Cabo?

Rodolfo queria que ele subisse sua patente.

— Sargento Rodolfo, silencie esses cães agora ou irá para a corte marcial.

— Sim, senhor! — gritou Rodolfo.

E súbita e destemidamente deu um tapa na cabeça do cão mais agressivo, que de medo se comportou como um gato. Todos os cães se esconderam timidamente atrás dos soldados.

Os soldados ficaram confusos com os dois malucos. “Será que o sujeito estranho era um oficial da poderosa SS? Será que esse tal de Rodolfo era mesmo um sargento?”, pensaram. A atitude dos dois, apesar de atabalhoada, deu certo, pelo menos naquele instante não estouraram os miolos de Simeão e sua esposa. Mas três dos seis policiais apontaram as armas para os dois, embora demonstrando certo temor, pois ambos trajavam uniformes de elite militar. Todos na sala torciam para que os dois desajeitados “policiais” tivessem sucesso.

— Seus documentos, senhor — pediu o cabo, que era chefe dos policiais, para Júlio Verne.

— Você não consegue enxergar um superior, soldado! — falou com autoridade o professor.

— Comunique o nome dele a Himmler, senhor! “Bye”, Hitler! — bradou Rodolfo. Himmler era o líder máximo da SS, uma das polícias mais inumanas e agressivas da história,

responsável inclusive pela “higiene” racial e pelo extermínio em massa nos campos de concentração. Himmler, com seu colossal aparato policial, era o cão de guarda de Adolf Hitler.

— Sim, sargento, Himmler gostará de saber da petulância desse policial — afirmou o professor.

O cabo engoliu saliva, ficou ofegante. Em seguida, para não haver dúvidas quanto a sua identidade, o professor tirou do bolso alguns documentos e os mostrou. Eram documentos falsos, mas muito bem elaborados pelos que o haviam enviado do futuro. Os policiais fizeram continência imediatamente para o “coronel”. Rodolfo idem. Mas um policial não engoliu a trama.

— Mas, senhor, o que estava fazendo aqui com esses judeus?

Sem titubear, o professor pediu a Rodolfo:

— Anote o número do policial. Ele conversa demais. Não sabe minimamente o que significa o serviço de espionagem.

— Sim, senhor — novamente assentiu Rodolfo, tomando nota do sujeito.

O cabo, esperto, resolveu testar o “coronel”.

— Desculpe-me, senhor! Em tempos de guerra nossa insegurança aflora. E como o senhor não é um traidor da pátria e solicitou matar esses judeus, por favor, tome minha pistola!

Mirian começou a ter vertigem. Sarah e Simeão entraram em pânico. Anna e Günter estavam emudecidos.

Júlio Verne pegou a pistola e começou a suar frio. Apontou para a cabeça de Simeão. Esse abaixou a cabeça, não tinha como pedir clemência para seu amigo. Chegara a vez de testar a coragem do homem que queria mudar a História. Quando ia atirar, subitamente o professor abaixou a arma e começou a examinar a pistola. Empostando a voz, declarou:

— Vocês estão usando armas rudimentares, policiais! Eu tenho uma arma mais poderosa. — Tirou do bolso um pequeno aparelho e pediu para os soldados se aproximarem.

Curiosos diante de um oficial da SS, eles chegaram mais perto. Em seguida Júlio Verne emitiu um tremendo choque em três deles, que caíram imediatamente semiconscientes. Rodolfo deu um chute nos testículos do quarto. E num salto impressionante, Júlio Verne deu um choque no quinto, que estava apontando uma arma para ele. Rodolfo chutou as mãos do sexto e último policial, o cabo, que perdeu sua arma. Profundamente tenso, este deu um soco no queixo de Rodolfo, que ficou abobalhado. Em seguida, atacou Júlio Verne, mas o outrora tímido professor esquivou-se do golpe como um valente e o atingiu com um gancho de direita. Doe-lhe a mão, mas valeu a pena. O cabo desmaiou.

Quase que simultaneamente os cães os atacaram. Quando o primeiro pulou sobre o professor, este o atingiu com seu aparelho. E o grunhido de dor foi tão grande que levou os outros dois cães a fugirem como vira-latas espantados.

— Esse é o meu general! — falou alegremente Rodolfo, tentando se agarrar no sofá. Ingênuo, não sabia que a

corajosa atitude de Júlio Verne colocara toda sua família em risco. Não poderiam mais viver ali.

Alguns policiais, inclusive o cabo, estavam acordando, mas o professor lhes deu seguidos choques, fazendo-os desmaiar completamente.

— Você mandou o cabo para o túmulo — declarou Rodolfo.

— O quê, eu o matei? — indagou desesperado o professor.

Todos perceberam que não estavam diante de um militar, mas de um simples civil espantado com a morte de um assassino profissional pelas suas mãos.

Rodolfo, tentando aliviar-lhe a culpa, disse-lhe:

— Não se preocupe, coronel. Eu esmaguei os testículos daquele outro.

Günter rapidamente comentou.

— Ou eliminamos todos eles e escondemos seus corpos ou devemos nos mudar imediatamente desta vila. Como não somos assassinos, devemos nos mudar.

— Além disso, é impossível não deixar rastros — disse Simeão.

O professor sabia que deveriam se separar.

— Sarah, Simeão, isso foi o máximo que pude fazer por vocês. Fugam para o mais longe possível.

Eles ficaram apreensivos, não só por eles mas pela tia que os acolhera. Agora ela seria perseguida pelo nazismo.

— Vão, meus queridos, eu os abençoo. Procurem um lugar no campo, é melhor que na cidade. — E Mirian lhes deu um endereço a 15 quilômetros, numa região montanhosa, onde tinha uma amiga que poderia dar-lhes abrigo temporário. — Quanto a mim, voltarei para casa.

Anna interveio.

— Não, Mirian, você vai conosco para a casa de uns parentes numa cidade distante daqui. Vamos, peguemos o mínimo necessário e partamos.

E assim Simeão e Sarah os abraçaram e partiram. As chances de sobrevivência deles eram irrisórias, mas a esperança faz a vida pulsar. *Sem esperança, se morre, ainda que vivendo; com ela se vive, ainda que morrendo.* Júlio Verne, que era colecionador de lágrimas, começara a se transformar num pequeno colecionador de esperanças. Em seguida, ele tirou do bolso um aparelho minúsculo e começou a encostá-lo na cabeça dos policiais vivos. Uma luz ultravioleta era emanada.

Vendo a atitude do professor, Rodolfo indagou:

— Você está matando os desgraçados?

— Não, apagando a memória deles.

O aparelho apagava temporariamente a memória, tal qual ocorre quando se sofre um acidente.

Anna e Günter haviam se casado no final do século anterior, em novembro de 1899. Foram 42 anos de um bom casamento. Tiveram o único filho Rodolfo após sete anos de matrimônio. Eles amavam a Alemanha, agora teriam de ser

fugitivos em sua própria pátria. Anna estava cansada. Cansada da guerra, de presenciar inocentes serem perseguidos e mortos, de ver seu povo seguir os caprichos de um sociopata. Teria de caminhar sobre a neve e se aquecer naquele inverno rigoroso, mas nada lhe aqueceria a alma. Era uma mulher forte, mas teve uma crise de choro. Temia mais pelo filho do que por si.

— Que tecnologia é essa? — questionou Günter sobre a arma que o professor usara.

— Uma tecnologia de outra era! — Mas Júlio Verne não queria novamente entrar no assunto “viagem do tempo”. Não era compreensível nem haveria tempo para isso.

Anna olhou para Günter e se lembrou das informações que ele dera sobre Göring e a solução final. Ficou convicta de que aquele misterioso homem era portador de informações cruéis, mas concretas. Júlio Verne disse que deveria seguir sua missão. Tentaria marcar o encontro com Himmler. Rodolfo insistiu em ir com ele, mas Júlio não permitiu.

— Respeite seu coronel. Você deve proteger seus pais, sargento. Em breve nos encontraremos.

Rodolfo bateu continência, embora não fosse o que queria. Após afetuosos abraços, o professor agradeceu a todos. Nunca imaginara que se tornaria amigo de alemães em plena Segunda Guerra Mundial.

— Obrigado, Rodolfo, em breve nos veremos.

— Nós venceremos essa guerra, coronel.

— Numa guerra nunca há vencedores, apenas perdedores
— afirmou o professor.

E assim se despediram, cada grupo seguindo seu próprio destino. Cansado, o professor repousou num estábulo a cinco quilômetros da casa dos Merkel.

Dormia, quando uma fresta de luz incidiu sobre seus olhos, fazendo-o despertar. Eis que ao acordar estava sob a mira de vários soldados da SS.

— Esse é o falso líder da SS apontado pelo veterano Allen.

O tio de Rodolfo pedira que averiguassem quem era Otto Hamburger, o nome com o qual Júlio Verne fora identificado quando se conheceram. Otto Hamburger era um amigo de Rodolfo que já estava morto. Era um judeu, cujo pai era alemão. Allen era um bom fisionomista e um ótimo desenhista. Desenhara a imagem do rosto de Júlio Verne e a entregara a um grupo de nazistas, diferente do que estivera na madrugada anterior na casa dos Merkel. Não queriam apenas alvejá-lo com um projétil, desejavam fazê-lo sofrer por ter ludibriado a SS.

— Está tremendo, seu canalha! Os judeus estão ficando espertos.

E antes que Júlio pudesse dar qualquer explicação, foi espancado. Não havia como escapar da morte. Após os primeiros chutes e murros, a dor foi tanta que a mente de Júlio Verne se abriu. Uma luz imensa surgiu e uma fenda cósmica se abriu. Algo inimaginável aconteceu.

CAPÍTULO 29

PRIMAVERA DE 2045

Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na Lua, disse: “Este é um pequeno passo para um homem, mas um grande passo para a humanidade”. A viagem para a Lua era um passo rumo ao futuro. Agora, outro homem, Júlio Verne, daria um passo incrivelmente mais ousado e muitíssimo mais perigoso, um passo rumo ao passado.

Júlio Verne, um professor de História, culto, determinado, brilhante orador, capaz de deixar seus alunos de cabelo em pé com suas intrépidas e teatralizadas aulas, revolveu aceitar o convite para fazer a mais fascinante viagem que um ser humano poderia empreender nessa brevíssima trajetória existencial: uma viagem no tempo. Uma viagem para o período mais dramático e vergonhoso da história da humanidade: os tempos de Adolf Hitler.

Sua missão, mudar a História. Uma missão apaixonante e saturada de armadilhas e de consequências imprevisíveis. Loucura ou não, esse plano foi levado adiante...

Notáveis cientistas e militares alemães gastaram bilhões de euros nesse projeto ultrassecreto e, mais que isso, gastaram sua saúde física e mental, consumiram noites

intermináveis de sono. Refizeram o projeto 87 vezes, realizaram 1.342 reuniões e debates acalorados. Foram 14 anos, 7 meses e 16 dias de experiências, testes e ajustes. Tudo isso para reunir os parâmetros da teoria da relatividade de Einstein e a teoria quântica de Rosenberg para construir a magna, única e arrebatadora máquina, a máquina do tempo: uma esfera circular de cerca de 20 metros de diâmetro.

Os membros da equipe, tomados por uma incontável euforia, observavam atentamente e em 3D, através de múltiplas câmeras, o professor adentrar a máquina. Pareciam meninos mordendo os lábios de ansiedade nos instantes finais da grande partida do seu time esportivo.

Sob as chamadas da emoção, esqueceram-se por instantes de que estavam digladiando com o tempo. Esqueceram-se de que o tempo é um ditador implacável, transforma generais em tímidos garotos, celebridades em meros anônimos, ricos em completos miseráveis. Não se lembraram das armadilhas em que poderiam cair.

Pareciam ter injetado doses elevadas de adrenalina nas veias. Todos estavam se sentindo sobre-humanos. Mas duas pessoas estavam apreensivas. Elas representavam a parte mais altruísta e inteligente da humanidade, as mulheres. Ângela Feder e Kate, a esposa de Júlio Verne, alternavam no território da emoção generosos golpes de excitabilidade com penetrantes golpes de apreensão. Afinal de contas, a História poderia sofrer rupturas com o envio de personagens, como Júlio Verne, ao passado?

Enquanto Júlio Verne fazia uma longa caminhada pelos túneis e elevadores que o levavam à máquina do tempo, Ângela mais uma vez partilhou sua insegurança com seus pares do projeto:

— E se Júlio Verne alterar eventos passados, quais serão as consequências para a cadeia de eventos futuros, inclusive para eventos corriqueiros? Até onde ele, nós, os membros do Projeto Túnel do Tempo, bem como a Europa e toda a humanidade, seremos afetados?

— Temo que adulterando a História estejamos agindo como deuses. Talvez a viagem no tempo possa levar alguns, aqui, a cometerem um suicídio existencial — insistiu Kate, completamente insegura. E tinha motivos inquestionáveis para isso.

Katherine era uma especialista na área da psicologia social. Era uma intrusa no projeto. Só estava ali porque seu marido fora escolhido entre milhares de intelectuais e militares de todo o mundo para ser o protagonista da incrível viagem. E Júlio Verne fora escolhido porque a máquina do tempo tinha um grave problema: não havia tecnologia extraída da teoria da relatividade ou da física quântica que pudesse realizar o teletransporte com segurança para um passado específico, ou seja, para um determinado dia, mês e ano, bem como para um espaço pré-agendado. Talvez nunca fosse possível desenvolver tal tecnologia.

Entretanto, de acordo com testes incansáveis feitos durante anos a fio, os notáveis cientistas do projeto chegaram à conclusão de que o botão de “stop” da complexa máquina do tempo deveria ser acionado pela mais poderosa e pouco domável de todas as energias, a energia mental do usuário. Dependendo da cultura, do pensamento reinante e da motivação do viajante, ele conseguiria modular a sua viagem para um determinado tempo-espço. Como um dos maiores especialistas do mundo em Segunda Guerra Mundial e como um dos mais excelentes peritos na personalidade de Hitler e nas técnicas de marketing de massa do *Führer* e de Goebbels, o professor Júlio Verne fora escolhido. O fato de ter ascendência judia também contou a favor da escolha, embora não fosse um item central.

O professor, que dava brilhantes aulas nas universidades na década de 2040 do século XXI sobre as atrocidades nazistas, agora testaria seu heroísmo em sua viagem no tempo. Mas ele nunca fora herói. Além disso, sua mente, como a de qualquer pessoa, não era completamente lógica e gerenciável. Ela o traía frequentemente. Levava-o a lugares e tempos indesejáveis.

Viajar na máquina do tempo era, portanto, arriscadíssimo. O protagonista poderia se perder no tempo-espço. Poderia, por exemplo, ir para os confins do universo ou vagar na era dos dinossauros. Essa era uma das preocupações de Kate. Os membros do projeto, incluindo os cientistas e os militares, embora fossem brilhantes

especialistas em física, química e matemática, estavam igualmente inseguros. Só não confessavam isso.

— O que você quer dizer ao afirmar que ao mudar os eventos da história podemos causar um suicídio existencial?

— Theodor, líder entre os cientistas, indagou para Kate. O notável especialista em física quântica tinha raros conhecimentos sobre o princípio da incerteza, mas as incertezas sobre a vida o perturbavam.

— Estudo a teoria das relações sociais com detalhes. Suponho que mudar os eventos do passado pode mudar a teia das relações e a cadeia dos fatos subsequentes: o encontro dos amantes, a união dos pares, a concepção e, conseqüentemente, a existência de nossas vidas. Alguns de nós poderiam não vir a existir. Essa possibilidade não os abala?

Os cientistas e militares de alta patente já haviam discutido esse fenômeno, mas não profundamente. E não chegaram a conclusões importantes. Estavam tão cegos pelo determinação de eliminar Hitler e varrer sua influência das páginas da história que consideraram que o risco valia a pena. Mas a esposa de Júlio Verne foi tão direta e inteligente que os fez suspirar. Entretanto, o general Hermann, o líder máximo do projeto, que também era um cientista brilhante, conhecedor íntimo da teoria da relatividade, achava que a possibilidade levantada pela “intrusa” não tinha fundamento.

— Isso é impossível, senhora Kate. Estamos aqui vivos no presente, somos concretos, reais e não um delírio existencial. Se somos concretos no tempo presente, nenhuma alteração na cadeia de eventos do passado pode nos abortar.

— Será? — duvidou novamente Kate.

— Tenho convicção física e filosófica de que, se Júlio Verne tiver sucesso, de alguma forma os eventos passados serão reorganizados para que nossos pais se encontrem de alguma forma, concebam, gestem e eduquem essas criaturas lindas que fazem parte do mais incrível projeto da humanidade — disse convictamente o general.

Todos os notáveis membros do Projeto Túnel do Tempo deram risadas com o tom do chefe. Mas no fundo ninguém tinha certeza de nada. Theodor comentou ainda:

— O ser humano sempre teve medo das novas tecnologias e na grande maioria dos casos esse medo era uma tecnofobia infundada. Cientistas devem ser ousados, devem caminhar por trajetórias nunca antes percorridas e chegar a metas nunca antes alcançadas. Claro que devem fazer tudo dentro dos limites da ética.

— Mas é ético tentar mudar a História? — indagou Kate. Enquanto isso Júlio Verne estava se preparando para a primeira viagem no tempo.

— É ético ver um paciente morrendo e não socorrê-lo? — retrucou Hermann, alterado.

— Não — afirmou Kate.

— Qual a diferença entre socorrer um paciente do tempo presente ou do tempo passado? Se nós desenvolvemos essa tecnologia, embora seja ultrassecreta, ao não usá-la não estaríamos em hipótese alguma sendo éticos. Eu creio em Deus, e, se ele nos dotou de tal capacidade, não deveríamos dar tudo o que temos pela humanidade, servir ao próximo, ainda que esse próximo esteja num passado distante? — ponderou Theodor.

Ângela Feder aquietou sua ansiedade. Concordou e tentou aliviar a ansiedade da esposa de Júlio Verne:

— Kate, se uma criança pudesse ser resgatada da câmara da morte de Auschwitz, a existência do projeto valeria a pena!

Escolhido para ser o protagonista da missão, convencido de que o projeto não era fruto de cientistas psicóticos, mas da mais sofisticada engenharia moderna, e tendo contornado a sua gigantesca resistência inicial, Júlio Verne, apoiado por Kate, apresentara algumas questões filosóficas aos membros da equipe, as quais Kate novamente trouxera à tona. Embora ela estivesse ali há algum tempo, inclusive para que Júlio Verne se preparasse para a missão, tudo ainda era muito novo para ela. Depois das colocações do general Hermann e dos cientistas Theodor e Ângela Feder, entretanto, Kate se calou. Embora fosse sempre muito generosa, percebeu que naquele momento estava sendo egoísta.

Júlio Verne foi conduzido à máquina do tempo por três pessoas que não conhecia. A ansiedade abateu-lhe a emoção.

Queria fazer algumas perguntas, relaxar, mas seus condutores eram militares técnicos e frios, especialistas em cumprir ordens e não em discuti-las. Desceram de elevador até um imenso túnel no subsolo. Respiração profunda, coração galopante, ondas de calor pela pele, mente inquieta, tensão subjacente, sofrimento por antecipação faziam parte do cardápio psíquico e psicossomático do professor, agora um frágil viajante.

Ao sair do elevador, ficou deslumbrado. O local era surreal, completamente iluminado, cujo espectro de luz era quase tão forte quanto a irradiação do sol sobre a Terra; se não estivesse protegido com um macacão de tecido especial, ele se queimaria. Dentro da máquina poderia tirar o macacão e ficar com as vestes que trajava por baixo, de um oficial da SS. Se queria encontrar Adolf Hitler, teria que usar disfarces muito bem planejados.

A fonte de energia não advinha de um reator de ficção nuclear, mas de fusão nuclear, muito mais poderosa, capaz de substituir a luz solar. Colunas indescritíveis de materiais translúcidos se espalhavam pelo ambiente. Havia paredes revestidas por uma espécie de espelho sem recortes que refletia a luz para todos os espaços. Olhar para as paredes sem óculos protetores era um convite a ficar cego, o brilho lesava irreversivelmente as células da retina. Minutos depois da decida, após caminharem 200 metros, chegaram ao centro do laboratório.

A máquina do tempo era uma esfera enorme, com quase 20 metros de diâmetro, que circulava em alta velocidade. Júlio Verne teve um leve ataque de pânico, faltou-lhe o ar, colocou as mãos na garganta. “Como entrarei na esfera?”, pensou.

De repente recebeu instruções em 3D projetadas no ar do seu lado esquerdo. Entraria na máquina do tempo através de um veículo auto-propelido que circularia na mesma velocidade dela. As velocidades se anulariam e o professor teria a sensação de que estaria parado, embora só o estivesse em relação à porta de entrada da esfera. Supercomputadores dentro da máquina controlariam todos os processos, até os órgãos vitais de Júlio Verne.

Então, sobrevoando pelo alto, surgiu o veículo que o conduziria ao lugar de acesso à máquina. Ele entrou na pequena aeronave, que o conduziu até a metade superior da esfera e começou a girar rapidamente ao redor da máquina. Quando atingiu a mesma velocidade da esfera, a porta do veículo e da esfera se abriram automaticamente. Júlio Verne foi para o interior do engenho. Não havia nada, nenhum controle digital, nenhum instrumento.

Sentou-se na poltrona e imediatamente seu corpo foi vestido por uma espécie de manta de proteção em forma de gel. Só sua face ficou descoberta, embora as laterais da cabeça ficassem protegidas. A manta vestiu o contorno de seus braços e pernas. Uma imensa energia seria gasta para produzir um pequeno “buraco de minhoca”, uma corda

cósmica para ejetá-lo ao passado. O aplicativo para a viagem do tempo exigia a energia do pensamento. Como perito em eventos da primeira metade do século XX, Júlio Verne teria que canalizar sua energia mental para uma época desejável para cumprir sua missão. Mas dentro da sofisticada máquina sentiu-se controlado pela insegurança e pela ansiedade.

A máquina começou a girar numa velocidade inimaginável, parecia que seu corpo se desintegraria. Segundos pareciam ser eternos. Mal conseguia pensar em seu alvo, tudo parecia loucura. De repente, como se deslizesse num imenso tobogã, sentiu que estava caindo ou flutuando livremente no tempo e no espaço.

Subitamente ouviu-se um grande estrondo onde a máquina do tempo se encontrava. Luzes digitais acendiam e apagavam e uma sirene ensurdecadora ecoava por todo o ambiente. Algo errado acontecera. Júlio Verne estava há pouquíssimo tempo dentro da máquina. Procuraram retirá-lo rapidamente, repetindo o processo de entrada. Um militar muito bem treinado subiu no pequeno veículo, que girou em torno da máquina. E depois de atingir a mesma velocidade, as portas se abriram e finalmente ele retirou Júlio Verne.

Júlio Verne sangrava pelo nariz. Tinha hematomas em várias partes do corpo, inclusive edema ao redor do olho direito. Estava desesperado. Lutava como podia, dava socos no ar. Minutos depois se acalmou. Pensou que estivesse numa câmara de gás e estivesse morrendo. Sentiu faltar o ar.

Os membros da equipe acompanhavam seu resgate, viram alguns dos seus traumas e ficaram preocupadíssimos. Kate mordida os dedos, seus olhos lacrimejavam.

— O que aconteceu com Júlio? — perguntou ela para a equipe.

Ninguém respondeu, ninguém sabia de nada. Médicos entraram em ação. Levaram-no numa maca, correndo, para receber os primeiros atendimentos. Ninguém podia entrar na sala de atendimento ultramoderna. Feito alguns exames, constatou-se que ele não corria risco de morrer. Horas depois, ainda todo dolorido, Júlio Verne acordou. E disposto, queria falar com toda a equipe. Os militares e cientistas ficaram animados com sua disposição. O general Hermann pediu desculpas e agradeceu sua coragem.

— Infelizmente, professor, houve um problema com a máquina do tempo. O campo de energia não foi suficiente para produzir um campo magnético para gerar um refluxo no tempo, enfim, para ejetá-lo em outra época. Mas temos certeza de que o problema será contornado.

— Como assim? — indagou espantado Júlio Verne. — Eu viajei no tempo! — afirmou para a perplexidade de todos.

Todos os membros da equipe se entreolharam, inclusive Kate. Pensaram que os efeitos da máquina estavam turvando seu raciocínio.

— O senhor não saiu de dentro da máquina do tempo — comentou Theodor.

— Vocês estão enganados. Fiquei uma semana na casa dos Merkel, numa pequena vila. Convivi com Günter, o pai, Anna, a mãe, e Rodolfo.

— Mas como é possível? Você passou menos de um minuto dentro da máquina — afirmou Theodor.

— Um minuto? Não é possível!

— Mais precisamente cinquenta e seis segundos — confirmou outra cientista, Eva Groener, envolvida por um ceticismo frio. — Será que o senhor não sonhou enquanto estava dentro da máquina?

— Vivi situações reais. Meus hematomas por acaso são sonhos? Não estou louco! — falou ele, agitado. — E mostrou suas feridas nas costas, nas pernas, além das que estavam visíveis na face.

Todos ficaram perturbados do outro lado do vidro que separava a sala de atendimento de outra sala para “visitantes”. Alguns cientistas pensaram que esses hematomas eram sequelas da vibração e rotação da máquina ou uma automutilação.

De repente Júlio piscou os olhos e firmou seu campo visual: identificou Kate entre os presentes.

— Kate, querida, senti tantas saudades de você! Conheci um casal, Simeão e Sarah, apaixonados um pelo outro. Raramente vi um amor tão grande, a não ser o nosso.

Kate ficou surpresa com a observação. Pela rapidez da experiência, ela não tivera tempo de sentir saudade dele,

mas experimentara grande temor quando ele havia entrado na complexa máquina.

Júlio Verne completou:

— Felizmente, quando Simeão e Sarah estavam para ser fuzilados pelos nazistas, eu e Rodolfo intervimos e os salvamos, pelo menos temporariamente.

Kate, ansiosa e repleta de dúvidas, indagou:

— Júlio, meu amor, em que ano você esteve?

— Quando entrei na máquina tentei me concentrar em 1921, antes do início da formação do partido nazista. Queria encontrar Hitler ainda frágil e desconhecido, mas fui enviado para vinte anos depois, para dezembro de 1941, uma data cinco meses depois que a ordem da solução final da questão judaica já havia sido dada.

A ordem da solução final era a autorização para o assassinato em massa de judeus, não importando a idade e a identidade.

— Falhei, Kate, falhei. Os campos de concentração já haviam se transformado em fábricas de extermínio em massa. Falhei — ele repetiu.

Todos os membros da equipe do Projeto Túnel do Tempo mostraram um semblante aflito e carregado de dúvidas. Inúmeras perguntas passaram na mente deles. “Como é possível Júlio Verne ter viajado por uma semana no passado se no presente passou-se menos de um minuto?”, indagavam-se.

Mas, ao mesmo tempo, sentiam-se animados com a possibilidade de estarem errados. Se o professor não delirava, a máquina do tempo funcionara. Não havia notícia mais vibrante do que essa. O general Hermann e o físico Theodor haviam afirmado ao casal que a máquina já havia funcionado. Entretanto, as provas não eram incontestáveis. A experiência era saturada de riscos, alguns incalculáveis.

CAPÍTULO 30

A GRANDE DECISÃO

Os membros do Projeto Túnel do Tempo buscaram provas de que Júlio Verne realmente viajara no tempo, como tecido antigo, substâncias químicas, DNA de outras pessoas, mas infelizmente nenhuma prova concreta encontraram, a não ser os traumas espalhados pelo corpo do professor, que ficou dias se reestabelecendo.

O estresse mental intenso que sentira na casa de Rodolfo, o sentimento de indignação pelas atrocidades cometidas pelo nazismo e principalmente o risco iminente de morrer produziram ondas cerebrais que acionaram uma corda cósmica que se conectara com a máquina do tempo e o fizera retornar ao seu presente. Pelo menos era nisso que o professor cria. Mas a ciência não sobrevive de crença, todos sabiam disso.

Reestabelecido parcialmente, Júlio logo foi encaminhado a uma avaliação psiquiátrica/psicológica detalhada. Descobrir se ele estava mentalmente confuso ou apresentando comportamento dissimulatório era importante para os líderes da equipe, afinal de contas uma fortuna enorme havia sido investida no megaprojeto, sem contar que

centenas de pessoas há mais de uma década vinham depositando sua inteligência e sua história na execução dele.

Para não constranger o professor, não foi dito que pairava desconfiança sobre sua sanidade intelectual. Asseguraram-lhe tratar-se apenas de procedimentos de rotina. O dr. Runner, um neuropsiquiatra sisudo, pouco flexível, impaciente, que parecia mais um general do que um profissional de saúde mental, auxiliado por uma psicóloga afável, Laura, aplicaram-lhe inúmeros testes. Depois fizeram centenas de perguntas qualitativas e quantitativas. O professor começou a desconfiar do tipo de diagnóstico que os profissionais, que eram membros das Forças Armadas, estavam desenhando sobre sua saúde mental.

Os profissionais que o interrogaram não eram qualificados para dizer se ele viajara ou não no tempo, mas eram responsáveis para dizer se seu raciocínio e pensamento críticos estavam preservados. Depois de todo o processo analítico que durou oito longas horas, veio o resultado. Deu inconclusivo. Mas o dr. Runner, chefe da equipe, apresentou seu laudo:

Apesar de o senhor Júlio Verne ter uma mente culta e um raciocínio arguto, que se esforça para se integrar aos parâmetros tempo-espaciais presentes, há uma grande possibilidade de ele estar desenvolvendo uma esquizofrenia paranoica, caracterizada por ideias persecutórias marcantes. Seu inconsciente é de grande fertilidade, criou imagens mentais de que esteve no passado, mais

especificamente, nos conturbados períodos da Segunda Grande Guerra, e seu consciente crê, sem margem de dúvidas, que foram experiências irrefutáveis, portanto, verdadeiras.

Dr. Runner Brant

Major do Exército e especialista em psiquiatria forense.

O professor não era o exemplo solene de uma pessoa calma, mas era muito ponderado, dosado e portador de um raciocínio lógico invejável. Fez questão de ter acesso ao laudo. E o leu a sós num escritório ao lado do seu quarto. Ficou indignado, tenso, deu um murro na mesa. Vários objetos caíram.

— Esse psiquiatra é um maluco! Quer me internar!

Em seguida respirou profundamente e tentou se controlar. Pegou os objetos caídos um por um e eis que um bilhete apareceu flutuando no ar e ele o pegou. Leu e ficou atônito, emudecido:

Caro Júlio Verne, a maior loucura é viver sem um sentido existencial. Sem sentido vivemos por viver, a vida não tem brilho, o caos não nos amadurece, a cultura não nos remete à sabedoria. Sem propósito, a mesa, por mais farta que seja, nutre o corpo, mas deixa faminta a alma. Sem propósito, vivemos num campo de concentração mental, ainda que rodeado por jardins. Não tenha medo de morrer em Auschwitz, tenha medo de viver uma existência sem sentido.

Assinado Viktor Frankl

Júlio Verne se sentou, completamente perturbado.

— Não é possível! O doutor Viktor Frankl morreu há mais de meio século. Era um médico vienense e foi preso em Auschwitz, mas escapou daquele inferno. Um dos motivos que o levaram a escapar foi porque construiu em sua mente esperança em meio ao caos, “flores no deserto”, motivação para viver quando só era possível enxergar desgraças, corpos magros, mortes sumárias, injustiças intoleráveis. O doutor Frankl libertava seu imaginário para resgatar um sentido de vida, mesmo quando milhões de células do seu corpo eram esmagadas pela fome. Sonhava em sair vivo daquele esgoto humano e abraçar as pessoas que lhe eram caras, mesmo sabendo que provavelmente estariam mortas. Elas estavam vivas dentro dele...

Baixou os olhos para o papel e releu-o.

— O que significa essa mensagem? Encontrar sentido para a vida em Auschwitz? Nunca estive preso nesse campo! Estava na casa de Rodolfo, Günter e Anna!

E depois, num raro momento de insegurança, acrescentou, sempre falando consigo:

— Será que estou enlouquecendo, meu Deus? Não é possível que tudo tenha sido criado pela minha mente!

De repente Kate entrou na sala. Como a esposa sempre resistira a que ele entrasse na máquina do tempo, escondeu o bilhete. Precisava refletir mais sobre aquilo. Se Kate o descobrisse ficaria muito mais aflita, talvez pensasse que o bilhete era produto de seu delírio.

Kate leu o laudo psiquiátrico e ficou indignada também.

Os líderes da equipe, embora apreensivos com o laudo, o olharam com reservas. Não podiam supervalorizar a avaliação feita, caso contrário, descartariam o escolhido. Além disso, o projeto era saturado de estímulos estressantes e, portanto, era quase impossível não ficar um pouco perturbado com os eventos que o envolviam, ainda mais Júlio Verne, que estava no epicentro deles. A verdade é que todos estavam marcadamente ansiosos. Júlio Verne também não podia mostrar para os membros do projeto o estranho bilhete, pois nunca estivera num campo de concentração, sua história era outra. Era melhor, nesse clima psicótico, preservar um pouco de sanidade.

Não havia um membro do primeiro escalão militar ou dos cientistas que atuavam diretamente no projeto que não tivessem diminuído o limiar das expectativas para a frustração. Pequenas contrariedades invadiam o território da emoção, irritavam-nos.

— Para mim o professor está confundindo viagens no tempo com viagens mentais, pesadelo com a realidade.

— Eva! Você sempre chafurda na lama da dúvida! — afirmou Theodor sem afetividade. Como explica os ferimentos no corpo do professor?

— Tudo isso está me deixando louca. As consequências que estão aparecendo não me deixam dormir — afirmou Ângela.

Eva assentiu com um gesto de cabeça, concordando que também estava insone.

— O medo é o pior cárcere humano. Temos de reciclar nosso medo e levar o projeto às últimas consequências, custe o que custar — afirmou Arthur Rosenberg, outro militar de alta patente que atuava no projeto. Lúcido, determinado e pragmático, o brigadeiro não admitia falhas.

De repente chegaram Júlio Verne e Katherine para uma reunião. Todos silenciaram. Logo tomaram posições à grande mesa oval. Como ninguém ousava iniciar a conversa, o professor tomou a palavra e sua primeira reação foi novamente se punir. Colocou-se como um anti-herói.

— Fui derrotado. Sequer encontrei um ponto de mutação da história...

— Mas essa pode ter sido apenas a primeira missão. Se quiser, poderá continuar tentando — o general Hermann o encorajou, torcendo para que Júlio Verne jamais desistisse.

— A realidade é mais cruel do que nossos livros de história nos contam, incluindo os que eu escrevi. *Os livros traem a realidade crua quando em palavras frias traduzem a dor dos outros.* O leitor, por mais criterioso, não resgata as mazelas humanas.

E Júlio comentou que a Alemanha vivia uma psicose coletiva. Os nazistas tinham perdido completamente a sensibilidade humana. Viviam um primitivismo inimaginável. Não pensavam como espécie, não se colocavam minimamente no lugar dos outros.

— Mas ainda podemos derrotar o velho Adolf. Sua missão, embora difícil, ainda poderá ser coroada de êxito! — afirmou Theodor, tentando dar-lhe um choque de ânimo.

Theodor não teria a coragem do professor de entrar na máquina e, mesmo se entrasse, sua cultura sobre a Segunda Guerra e sua energia mental não eram suficientemente calibradas para voltar aos tempos de Hitler. Perder-se-ia no tempo, vagaria errante no espaço.

O professor olhou bem nos olhos de Theodor e depois nos de toda a equipe, inclusive Kate, e revelou sua fragilidade.

— Como vou mudar a história da humanidade, se mal evitei a morte de um jovem casal que encontrei? Como vou escapar das garras do nazismo, se não consegui escapar de simples policiais que me espancaram? Não sei se sou o homem certo...

— Professor, a humanidade não precisa de heróis, mas de seres humanos conscientes das suas limitações. Quem mais contribuiu para mudar a história da humanidade, seja na ciência, na filosofia ou na espiritualidade, foram pessoas de carne e osso e que em alguns momentos atravessaram o caos — disse Eva Groener, tentando colocar combustível no ânimo do professor.

— Veja o exemplo de Jesus. Ele não teve vergonha de chorar na frente dos seus discípulos e bradar “Afasta de mim esse cálice!”, mas depois aceitou sua missão... “Não se faça a minha vontade, mas a sua vontade” — emendou Ângela Feder.

— Você se esqueceu de que sou judeu.

— Oh, desculpe — falou Ângela. — Usei esse exemplo porque houve um tempo em que não acreditavam em Jesus como o Cristo.

— Não se preocupem. Conheço a história de Jesus e o admiro muitíssimo. Ele se colocou como messias, embora eu não o veja desse modo. E, quanto a mim, nunca tive vocação messiânica. Morro todos os dias um pouco. Sou assaltado pelo medo. Não apenas o medo de morrer, mas... também o medo... de matar... — Júlio Verne falou com a voz embargada. E, olhando firmemente para Kate, quis lhe confessar algo que o asfixiava. — Kate eu... eu...

— Fale, querido...

— Eu matei um homem...

— Quando? — perguntou ela, perturbada.

— Nessa minha viagem... Eu matei um nazista, um cabo, com minha arma de choque elétrico. Foi horrível.

O general Hermann, embora tivesse dúvida de que realmente Júlio Verne houvesse viajado no tempo, tentou abrandar-lhe a culpa, ainda que o fato tivesse ocorrido, a princípio, só na imaginação dele.

— Provavelmente o nazista que você supostamente matou já havia sujado as mãos dezenas de vezes pelas mortes que causou.

— Mas eu não sou um assassino, general, sou um professor. *Um general arregimenta jovens para a guerra, enquanto os professores lavram os solos da mente dos alunos para*

que eles se coloquem no lugar dos outros, valorizem a vida e não façam guerras...

O general quase perdeu o fôlego diante dessa tese poética.

— Pense deste modo: você não matou um assassino, você salvou muitos judeus de serem mortos.

Júlio Verne passou as mãos na cabeça, tentando aliviar-se. Em seguida, comentou algo que o abalara.

— Hitler hipnotizou a juventude alemã com técnicas de marketing de massa. Todos sabemos disso. Mas o que ninguém fala é que os alemães não eram belicosos nem se sentiam uma raça superior. Tinham, na realidade, complexo de inferioridade.

— Por quê? — indagou Eva Groener, que nunca tinha pensado nisso.

O professor completou:

— Os alemães sentiam-se marcadamente inferiores pela perda da Primeira Guerra Mundial, pelo desemprego em massa, pela insegurança alimentar, pelo Tratado de Versalhes. Em três anos de propaganda massificadora sob a orquestração nazista, os alemães saíram do complexo de inferioridade para o complexo de superioridade.

— Se os alemães que eram o topo da cultura do seu tempo foram vitimizados pelo marketing de massa, que povo na atualidade está livre disso?

— Essa é minha tese, Eva, uma tese que me tira o sono. É por isso que tenho escrito livros. Mas parece que sou uma voz solitária numa sociedade digital, embora tenha muitos

leitores e alunos que me admiram. Novos holocaustos poderão surgir se não tivermos uma juventude autônoma, que tenha opinião própria e pensamento crítico. Novos sociopatas surgirão usando as redes sociais. Será que não é melhor prevenir os “Hitlers” do futuro que eliminar o Hitler do passado?

— Eu também penso assim! — falou Kate rapidamente.

O general Hermann olhou bem nos olhos de Júlio Verne e deu-lhe um golpe fatal.

— Se você viajou mesmo no tempo, sentiu um pouco da dor que nossos semelhantes experimentaram sob as garras do nazismo. Essa dor não é suficiente para romper o cárcere do egoísmo e fazê-lo tentar aliviar o sofrimento dos outros?

O professor respirou pausadamente. O general tinha razão. Ele pensou não apenas nos milhões de judeus, marxistas, eslavos, ciganos e homossexuais que foram mutilados pelo nazismo, mas também nas famílias alemãs.

— Provavelmente há milhares de famílias como a dos Merkel que conservaram seu altruísmo. Elas estavam sendo esmagadas por Hitler. Todavia, elas não tiveram... não têm poder algum. Se voltar no tempo, terei de trabalhar sozinho ou no máximo com alguns malucos brilhantes como Rodolfo.

— Rodolfo? — questionou Kate.

— Um psicótico amigo, mais inteligente que alguns intelectuais.

Todos se mantiveram calados. Depois Erich, outro cientista da equipe, quebrou o silêncio e insistiu:

— Não desista. Lembre-se de que a ciência não pode viver de uma experiência inválida. É preciso repeti-la.

Nesse momento o professor de História respirou profundamente e sentiu dor na coluna cervical, dez centímetros abaixo do pescoço, onde o atingira o chute de um nazista, quando tentava proteger o rosto.

— Ai! Aquele miserável me acertou sem dó!

Em seguida confessou:

— Um dos meus terrores noturnos acionou a interrupção da viagem no tempo. — E contou o motivo pelo qual fora parar na casa dos Merkel. Mas disse que houve uma distorção nas datas.

— Fantástico! — expressou Ângela. — Criamos na hipótese de que as ondas cerebrais são os mecanismos que ejetam um viajante do tempo num lugar e momento específicos. Eis a prova viva.

— Vocês criam nessa hipótese? Não tinham certeza? Eu entrei na máquina achando que havia uma certeza científica!

Mais um momento de silêncio. O professor sentiu-se uma cobaia. Theodor tentou dar suas explicações.

— Professor, o que difere a ciência do misticismo é a organização dos dados, a análise deles, a oportunidade de verificar as hipóteses e a predição de fenômenos. Tudo isso tem de expandir a probabilidade de acerto.

— Caro Theodor, você tem um brilhante discurso que no fundo disfarça que você não tem certeza de nada... Sou uma cobaia do Projeto Túnel do Tempo... Por favor, me digam

honestamente. Alguém, de fato, ou mesmo um animal, ou alguma coisa, já foi e voltou?

Eles se calaram. O professor sentiu o gosto amargo da traição. Kate também se sentiu traída. Vendo-a angustiada, Júlio Verne tentou abrandar sua indignação e aliviar o estresse da equipe, afinal de contas eles estavam empenhados em contribuir com a humanidade.

— Eu pelo menos voltei, senhores e senhoras. — falou, tentando dar um toque de humor no clima tenso.

Kate tomou a palavra.

— Mas digam-me honestamente. Se Júlio Verne retornar outra vez, não experimentará o cardápio de terror que aconteceu em seus pesadelos?

Ninguém deu uma resposta rápida. Após uma breve pausa, Theodor disse ao casal:

— Da próxima vez pode ser diferente. A força de vontade do professor capitaneada pela sua ilibada cultura pode levá-lo não ao epicentro dos episódios históricos que foram representados em seus terrores noturnos, mas para um ponto de mutação ou de virada da história. Ele pode ser colocado cara a cara com o *Führer*. É uma hipótese viável.

O professor Júlio Verne mais uma vez respirou profundamente. Só que dessa vez o seu temor era maior que a dor da coluna cervical.

— Bom, a hipótese mais viável é que preciso descansar.

Os analgésicos e o estresse o haviam esgotado. Os edemas e os hematomas não cederam facilmente, o que exigiu mais

alguns dias de recuperação. Durante o processo, o professor pensou e se perturbou muito. A próxima viagem poderia ser um suicídio. Sempre tinha dito que a melhor maneira de contribuir para ser feliz era investir no bem-estar dos outros. “E agora?”, pensava. Recuar era ir contra essa tese emocional.

Teve longas conversas com a esposa, mas não revelava o que se passava dentro de si, em especial sobre sua decisão. Após tomar uma refeição, teve vontade de fazer uma declaração de amor para Kate. Afinal de contas, se partisse, poderia nunca mais vê-la.

— Kate, você é inesquecível e insubstituível. Não sou poeta, mas quem precisa manejar palavras se a mulher que ama é sua própria poesia?

Ela o beijou, mas estava ansiosa por sua resposta. E parecia que ele a estava dando de maneira subliminar.

— Você decidiu?

— Sim... — Fez uma pausa, depois completou. — Preciso tentar, Kate.

Ela ficou com os olhos cheios de lágrimas e não suportou.

— Não é uma atitude insana, querido?

— Talvez... Os loucos podem delirar... mas são mais honestos do que os que se consideram normais. — E nesse momento lembrou-se do estranho bilhete que aparecera flutuando no seu aposento. Acrescentou: — Depois de tudo o que vivenciei, preciso dar um sentido mais nobre à minha

vida. Não suportaria apenas discorrer sobre a História, preciso respirá-la.

— Há poucos dias comuniquei a você que estou grávida. Você foi às nuvens. Não me deixe, Júlio, nem a essa criança com que você sempre sonhou...

— Kate, jamais os abandonarei. Eu voltarei...

Sua esposa estava inconformada. Tentando dissuadi-lo ainda, disse:

— Tudo aqui é estranho, Júlio. As pessoas, esse projeto, essa máquina. Nada é normal. Ouvi alguns cientistas dizerem em tom baixo que a máquina está cada vez mais instável. Ela o feriu...

— Será que nem você crê em mim? Não foi a máquina que me feriu! Foram policiais que encontrei na viagem...!

— Acalme-se, querido...

Ela colocou as mãos sobre o ombro dele, tentando relaxá-lo.

— Não espero que você me compreenda Kate, apenas... apenas... — Não completou a frase, expressou outra: — *Estou sendo fiel à minha consciência... Quem não é fiel à sua consciência tem uma dívida impagável consigo mesmo. Não quero morrer com essa dívida.*

Logo em seguida, percebeu que fora ríspido:

— Desculpe meu tom de voz, ando muito tenso. Mas não esqueça jamais que eu te amo... Eu prometo. Eu voltarei.

Ela pensou: “Como?”. Em seguida balbuciou:

— Eu também te amo...

Respirando profundamente, o professor pegou o interfone, ligou para a equipe e deu a sua resposta.

— Eu entrarei na máquina do tempo novamente.

Cientistas que eram sempre tão discretos fizeram festa. Deram uma salva de palmas e em coro disseram:

— Esse é o cara!

Até os militares, sempre formais, quebraram o protocolo e revelaram incontida alegria.

Júlio Verne ainda acrescentou:

— Preciso aprender algumas técnicas de lutas marciais. Bem como ter armas mais poderosas.

Seu pedido foi atendido. Teve mais duas semanas para se preparar. Treinou à exaustão, cerca de dez horas por dia, com os melhores lutadores do Exército. Também aprendeu a usar armas pequenas, mas de grande eficácia.

CAPÍTULO 31

A SEGUNDA VIAGEM NO TEMPO

Primavera de 1942.

No momento programado, Júlio Verne fez o mesmo ritual. Desceu pelo imenso elevador e realizou os mesmos procedimentos para entrar na máquina do tempo. Todavia, duas horas antes, num ambiente completamente silencioso, tentara se fixar nos pontos de mutação da história que queria atingir. Pensara em Hitler como simples soldado na Primeira Guerra, no Putsch da Cervejaria de Munique, no período de formação do partido nazista, no candidato derrotado ao cargo de chanceler. Em posição de meditação, tentara recapitular a história, senti-la, respirá-la.

Logo antes de entrar na máquina do tempo, fez mais alguns exercícios mentais para recordar esses pontos vitais. Precisava dirigir a viagem tempo-espacial. Era um sonho, um delírio, um pesadelo...

Tudo escureceu novamente. Ouviu um grande estrondo. Parecia que seus tímpanos estourariam. Pior do que da primeira vez, teve uma sensação de morte. O coração batia forte e intensamente. Como um bebê expulso do útero, fora lançado para algum lugar do passado. Estava confuso,

assustado, teve vontade de gritar, chorar, mas não podia respirar. Sentia-se imerso em um líquido. Voltando à plena consciência, percebeu que estava mergulhado n'água, a quatro metros da superfície.

Desesperado, debateu-se e sentiu as mãos tocarem algumas paredes laterais. Estava num túnel de água. Tentou encontrar a superfície e emergir. Achou que não ia conseguir. Seus pulmões pareciam que iriam estourar. Quando já não suportava a falta de oxigênio, finalmente colocou a cabeça para fora d'água e respirou como um asmático profundamente asfixiado que reencontra ar.

— Aaahhh! Onde estou?

Agarrou uma corda cuja ponta estava amarrada a um balde. Estava num poço! Sentia-se tão sem energia que não conseguia se recompor para escalar a cisterna. Subia um metro e caía. Subia dois metros e novamente despencava.

Olhou para o alto e viu o ambiente iluminado. Pela luz do sol e pela temperatura da água deduziu que pelo menos não era inverno. Gritou, pedindo ajuda. Mas nada, ninguém aparecia. Procurou descansar. Uma hora depois reuniu forças para de novo tentar sair. O poço tinha 7 metros de profundidade e 1,20 metro de diâmetro. Logo que escalou metade dele, ouviu gritos. Aquietou-se e tentou calibrar sua audição.

— “Será que são nazistas?”, perguntou-se em pensamento.

Mas de repente os sons abrandaram sua ansiedade e tornaram-se música para seus ouvidos. Eram crianças brincando. Pareciam felizes, livres, soltas, correndo sem medo. Sorriu. Animou-se a terminar a escalada. Ficou tão eufórico que não conseguia se equilibrar. Usava os braços para erguer-se com a ajuda da corda e os pés na parede do poço como apoio.

Quanto estava a um metro da superfície, a velha corda rompeu-se. Caiu, bateu as costas na lateral do poço e a cabeça no balde. Ferido e sem local para se apoiar, iria se afogar. A máquina do tempo produziria uma morte precoce.

Subitamente uma menina aparentando uns 8 anos, Anne, ouviu o barulho, aproximou-se do poço e gritou.

— Tem alguém aí?

— Tem, sim! Por favor, ajude, estou me afogando!

Ela levou um susto com a resposta e desapareceu. Júlio Verne, quase sem força para boiar, estava para imergir. Quando ia se entregar, eis que uma pequena boia foi atirada para baixo. Ele a agarrou como o mais imprescindível e valioso objeto do mundo.

Agora um menino, Moisés, de 10 anos, colocou a cabeça dentro do poço e gritou:

— Agente firme! Vamos tirá-lo daí.

Um minuto depois o menino chegou com o pai e a mãe. Ambos estavam ofegantes pela corrida. O pai indagava, perturbado, como alguém podia ter caído no antigo poço, raramente utilizado pela família.

Para resgatá-lo, jogou-lhe uma corda. E ele, seus dois filhos, sua esposa e três idosos alemães que chegaram em seguida lentamente puxaram Júlio Verne. Quando este apontou a cabeça para fora, viu que a cabeceira do poço era construída em forma de margarida.

Júlio Verne se agarrou nas pétalas mas, debilitado, mal conseguiu se segurar. Sentiu que iria cair novamente. Os que o haviam puxado rapidamente deixaram a corda e o agarraram pelas mãos e, com muitíssimo esforço, o retiraram. Não foi dessa vez que fechou seus olhos para a vida, mas o pior estaria ainda por vir.

O professor, após ser socorrido, estava tão fatigado que ficou prostrado no chão. Seu tórax movia-se rápida e intensamente. Tossia e expelia a água que engolira. Procurava oxigênio para se reabilitar. Exausto, como muitos quase afogados, não tinha condições de falar. Surpreso, o pai, que se chamava Abraham, observou o homem com um uniforme nazista. “Será um desertor?”, pensou. Ansioso, rapidamente o levantou e, apoiando-o, o conduziu para dentro de casa.

— Ninguém viu nada — disse para os filhos, a esposa e para os idosos amigos que o ajudaram. Todos entenderam o recado. Depois chamou à parte sua esposa e recomendou tacitamente: — Não fale nada com o estranho, pois tudo o que disser pode nos comprometer. Apenas cuide das feridas dele.

Rebeca, sua esposa, também entendeu as ordens. Um marido não devia dar ordens a sua esposa a não ser nas relações doentes, mas eram tempos de guerra. A gentileza, nutriente fundamental das relações felizes, dera lugar às frases curtas carregadas de tensão e cobranças.

O professor estava no quarto de visitas deitado sobre uma confortável cama. A casa em que se encontrava era uma mansão. Abriu bem os olhos e observou admirado os desenhos dos vitrais, bem como os lustres de cristais e o acabamento de madeira que contornava o teto. “Esse homem não tem o biótipo de um ariano clássico, mas deve ser um alemão riquíssimo”, pensou. “Talvez seja um empresário ou um banqueiro.”

Rebeca colocou-lhe uma faixa apertada sobre a região torácica, para diminuir sua dor. O professor gemia durante o tratamento. Ela pensou que o estranho podia ter quebrado ou trincado algumas costelas.

— Em que ano estamos? — Júlio Verne se arriscou a perguntar.

Rebeca achou estranhíssima a pergunta. Optou pelo silêncio. Ele insistiu, indagando de novo. Mas seguindo a recomendação do marido, ela apenas disse:

— Precisa se recuperar. Não gaste energia com perguntas.

— Desculpe-me. Qual é o seu nome? — indagou Júlio Verne. Mas nenhuma resposta obteve.

Quinze minutos depois o marido dela reapareceu, parecendo preocupado com as feridas do estranho e mais ainda com sua identidade.

— Bom dia! Eu sou Abraham.

Em seguida os filhos, curiosos, também vieram:

— Eu sou Moisés

— E eu Anne. Prazer em conhecê-lo.

O dr. Abraham Kurt era um advogado muito bem-sucedido, especialista em direito penal e militante dos direitos humanos da Alemanha. Mas tinha um grave problema: era judeu. Morava numa ampla e arborizada casa num distrito de Frankfurt. Anne e Moisés eram seus adoráveis filhos. Tinham sido proibidos de frequentar a escola e não entendiam os reais motivos dessa exclusão, mas seus pais evitavam explicar-lhes o inexplicável.

De repente, ao ouvir o nome das crianças, o professor abriu as comportas da sua memória. Começou a ter lampejos de imagens mentais que o perturbaram. Parecia que já conhecia aquele ambiente. Mas estava confuso, não conseguia organizar suas lembranças e suas ideias. Procurou gerenciar seu estresse.

— É um prazer também conhecê-los e muitíssimo obrigado por terem me salvado — falou e contraiu a face de dor, pela pequena mudança de posição.

— Qual seu nome?

— Meu nome é Júlio Verne.

— Ah! Você é o homem que dá volta ao mundo em oitenta dias! — disse o dr. Abraham, lembrando-se do escritor francês Júlio Verne. Tentava descontrair o ambiente.

— Pois é, sou um viajante do tempo — brincou o professor.

— Você é um oficial da SS?

Essa pergunta detonou o gatilho da memória do Júlio Verne. Se o anfitrião sabia o que o uniforme representava, certamente tinha voltado nos tempos do nazismo. Sentiu um frio na espinha dorsal. A máquina do tempo novamente funcionara. Esboçou um sorriso, mas, em seguida, ficou deveras apreensivo. Tentando se controlar, fitou os olhos de Abraham e perguntou-lhe:

— Qual a razão da pergunta? Você admira a polícia secreta de Hitler?

— Ela presta um grande serviço ao *Führer* — falou Abraham, tentando desconversar. Em seguida, fez um sinal com as mãos para todos os demais saírem do quarto.

— Sem dúvida! Sem ela a grande Alemanha não estaria de pé.

— Desculpe-me a pergunta. Como caiu no poço? Você é um desertor? O professor gelou. Se ele pensava assim, esse homem que falava um alemão impecável provavelmente já o denunciara.

— Novamente, qual é a razão de sua pergunta? Você apoia desertores? — retrucou Júlio Verne, usando mais conversas subliminares.

— Apoio a justiça... os direitos humanos... Sou advogado — disse o anfitrião com um nó na garganta e a voz embargada, sintomas comuns de quem está em crise de ansiedade.

Júlio Verne achou estranha sua perda de espontaneidade. Respondeu:

— Caí no poço porque andava pelos jardins procurando por judeus. Ao olhar fixamente dentro do poço, escorreguei na margarida de concreto e caí.

O dr. Kurt quase perdeu a voz. Mas como sempre fora um advogado ousadíssimo, elevou o tom de voz e tentou se recompor:

— Você acha que os judeus devem ser exterminados? Por quê? Que mal eles fizeram à sociedade alemã?

Júlio Verne sentou-se na cama com dificuldade. Sacou sua arma, que não sabia sequer se ainda funcionava, depois de estar mergulhada no poço.

— Você acredita que os judeus são seres humanos iguais aos alemães!

— Sim... Acredito... — afirmou o dr. Kurt, o suor pingando da testa, mas não abriu mão da sua honestidade e consciência. Ao mostrar que não se intimidava na sua própria casa, acabou com as dúvidas do professor sobre sua honestidade.

Os filhos, que estavam escondidos atrás da porta e que ouviram tudo, começaram a chorar. Num ímpeto, entraram novamente no quarto e imploraram:

— Por favor, nós o salvamos!

Sorrindo, o professor pediu um abraço. A menina, Anne, sem entender nada, o abraçou. Faria tudo para preservar a vida do pai. Júlio Verne verteu lágrimas. Em seguida, estendeu sua mão direita para o dr. Abraham Kurt e o cumprimentou.

— Muito prazer, eu sou um ser humano. Eu também sou judeu!

Abraham ficou felicíssimo. Apertou suas mãos.

— Nós também somos judeus — afirmou Moisés. E abrindo um largo sorriso, também abraçou o estranho.

CAPÍTULO 32

O QUE FIZERAM COM OS FILHOS DA ALEMANHA?

Quando Júlio Verne se apresentou como ser humano e afastou a ameaça que pairava por trajar a veste de um oficial da SS, Rebeca fez uma expressão de alegria, exclamou uma saudação judia que quer dizer “paz”.

— *Shalon!* Deus é bom! Mas se acalmem, crianças. O senhor Júlio Verne está ferido.

Todavia, Júlio Verne, curioso, indagou para o casal.

— E os três idosos que nos ajudaram? Não eram alemães?

Rebeca era uma notável enfermeira, especialista em traumas ortopédicos, mas havia seis anos, quando os tentáculos do nazismo passaram a controlar todo o tecido social, deixara de exercer sua profissão, pelo menos em hospitais. Generosa, passara a cuidar gratuitamente da vizinhança germânica e, em especial, dos jovens feridos na guerra. Gentil, afetiva e hipersensível, vivia a dor dos outros e ficava horrorizada em ver o que tinham feito com os filhos da Alemanha, o país em que nascera e que sempre considerara seu, embora ultimamente nele viesse se sentindo um corpo estranho.

A dócil enfermeira não entendia por que os caprichos de um homem, Adolf Hitler, levava uma nação ao caos. Jovens de todas as idades, inclusive adolescentes, eram alistados cada vez mais novos nas Forças Armadas. Percebia que eram considerados apenas números no *front*, e não seres humanos de inigualável complexidade. Nem sabiam a verdadeira causa pela qual lutavam. “Serviçais não podem pensar”, essa era uma das teses de Goebbels, o ministro da Propaganda nazista.

O medo de morrer sempre foi mais racional do que o heroísmo, mas ele é demonizado em tempos de guerra. Por ouvirem frases de efeito de que a nação estava em risco, os alistados eram constrangidos a dar seu sangue sem pensar. Todos os ditadores usavam essa tática, embora não conhecessem os mecanismos mentais que a sustentavam. Não sabiam que em situação de altíssimo risco fecha-se o circuito da memória, o que leva o “Eu”, que representa a capacidade de escolha, a não ter acesso a milhares de janelas com milhões de informações no córtex cerebral para dar respostas inteligentes em situações estressantes, o que, por sua vez, facilita o adestramento da mente humana. Milhões de jovens alemães foram adestrados para obedecer a ordens e não raciocinar, um mecanismo sutil que tem se repetido em outras nações.

Hitler e Goebbels, espertíssimos, além dessa tática, usaram o seu reverso. Por um lado reforçavam a ideia do sentimento de ameaça e de humilhação por terem perdido a

Primeira Guerra e serem submetidos às penosas condições do Tratado de Versalhes, por outro vendiam a tese de que a nação estava destinada a ter supremacia mundial. O marketing que flutuava entre o céu e o inferno, a humilhação e a exaltação, a insegurança e o poderio militar era devastador no inconsciente coletivo, entorpecendo a consciência crítica. Não apenas drogas viciam, mas o marketing de massa também.

A paranoia de Hitler de dominar a Europa, inclusive o Leste europeu e a Rússia, levava a frequentes campanhas suicidas. Hitler era um irresponsável com seus jovens, embora seus ataques-relâmpago funcionassem temporariamente. Soldados pobres, feridos nessas campanhas, retornavam para suas casas sem assistência do governo. Na região de Frankfurt, não poucos foram cuidados por Rebeca.

Quando Júlio Verne perguntou sobre a identidade dos três idosos que o ajudaram a tirá-lo do poço, ela mesma respondeu.

— Eles são alemães e são meus pacientes. Sou enfermeira. — Acrescentou: — Hitler silenciou a voz da maioria dos alemães, mas não calou a sensibilidade de alguns.

O dr. Kurt estava fascinado em encontrar um judeu. Pensava que todos já tinham sido deportados.

— Não sabia que ainda havia outros judeus na região de Frankfurt.

— Por que você diz isso? — indagou ansioso o professor. Em seguida, caindo em si, novamente desejou ardentemente saber em que ano estava. Mas antes de fazer a pergunta, o dr. Kurt deu-lhe uma informação que lhe atravessou a mente como uma adaga.

— Porque os judeus que não foram mortos foram deportados para a Polônia.

Caiu o semblante de Júlio Verne. O dr. Kurt, pela ausência de informação, não sabia que na Polônia estava instalada a maior indústria de destruição humana da história. E essa máquina mortífera não apenas eliminava judeus, mas também escravos, marxistas, poloneses, ciganos, políticos opositores e outras minorias.

— Oh, meu Deus, não! Em que ano nós estamos? — perguntou ofegante.

O dr. Kurt olhou para a esposa, achando que Júlio Verne estava mentalmente confuso.

— Não sabe que estamos em maio de 1942? — disse a pequena Anne.

— Oh! Não...! Não...! Não é possível! Estou adiantado novamente no tempo — falou inconformado o professor.

— O que você quer dizer com isso? — indagou o advogado.

Júlio Verne não tinha ânimo para responder. Sua missão novamente estava praticamente fracassada. O holocausto já havia se iniciado. Perdera a oportunidade de encontrar os pontos de mutação da história, de interferir nos grandes

eventos que alterariam os destinos da Segunda Grande Guerra.

— Por favor, o que você quer dizer com “estou adiantado no tempo”? — insistiu o dr. Kurt.

Inconsolado, Júlio comentou com a voz embargada pela frustração:

— Eu sou um professor. Sou especialista em dar explicações... Mas se lhes explicar o que faço aqui vocês não entenderão...

— Tente. Se não tentar nunca saberá se somos ou não capazes de entendê-lo — falou pacientemente Rebeca.

— De que escola você veio? Onde você mora? — perguntou o garoto Moisés.

Completamente desanimado, o professor falou duas frases sem escolher as palavras.

— Vim do futuro, do século XXI, com a missão de mudar a História. Sou um fracassado viajante do tempo.

O anfitrião novamente olhou para a esposa e filhos e fez um sinal para não julgá-lo.

— Que legal. Um viajante do tempo, papai — disse Anne.

Para o dr. Kurt, entretanto, aquela resposta apenas confirmava sua suspeita. Era quase impossível não ter uma mente perturbada diante das atrocidades do nazismo. Certamente aquele pobre homem tivera seus sonhos, profissão, família e seu sentido de vida mutilados. Medo e solidão deviam fazer parte diária do seu cardápio emocional. Era um crime exigir dele um raciocínio lógico.

Enquanto o dr. Kurt tentava entender a miserabilidade psíquica de Júlio Verne, este foi subitamente iluminado sobre sua viagem no tempo. Conseguiu reorganizar a memória e resgatar lembranças. A energia mental de um de seus pesadelos guiara novamente a máquina do tempo. Sabia onde estava e quem eram aqueles personagens. Surpreendeu o chefe da casa.

— Você disse que é um advogado... Eu sei que é um perito em direitos humanos e com fama internacional.

— Como você sabe disso? Já foi um dos meus clientes?

— Não — disse o professor. — Mas também sei que sua filha tem oito anos e seu filho dez.

— Mas isso não é difícil de concluir — interferiu a mãe.

— Seu pai, Rebeca, se chama Isaías e foi um comerciante de tecidos em Berlim, antes de se mudar para Frankfurt. Você tem um casal de irmãos.

— Como você sabe disso? — questionou ela, surpresa.

— E você, doutor Kurt, tem três irmãs, uma mora na Inglaterra e as outras duas foram deportadas em 1940.

— Não é possível!

— Você escreveu três livros e um está semi-acabado, mas foi furtado pelos nazistas há exatos... deixe-me fazer as contas... há exatos seis meses.

— Não, há dez meses — comentou o advogado, impressionado com a riqueza de detalhes que Júlio Verne conhecia.

O professor se corrigiu e, em vez de clarificar a mente deles, os perturbou mais ainda:

— Espere um pouco. Você tem razão, em meus pesadelos estive aqui em janeiro de 1942 e não em maio. Portanto com cinco meses de diferença.

— Pesadelos? — indagou Rebeca, rubra e ansiosa.

Júlio Verne pediu para as crianças saírem, pois tinha coisas para revelar que não era lícito às crianças ouvirem.

O dr. Kurt novamente ficou apreensivo. Fez um sinal e seus filhos foram para o jardim.

Júlio Verne então contou sobre sua incrível história, o Projeto Túnel do Tempo e sua inimaginável missão: varrer Hitler da face da Terra.

O dr. Kurt e Rebeca não sabiam se riam ou se choravam, estavam inseguros. Mas a riqueza de detalhes que Júlio Verne sabia revelava que ele não era daquele mundo, pelo menos do mundo dos normais. E, apesar de tudo parecer loucura, eles pelo menos não estavam completamente desamparados. Havia um “maluco” disposto a eliminar o maior louco da história, o ditador da Alemanha.

Em seguida o professor mostrou algumas de suas armas eletrônicas, com construção de imagens em 3D. Foi então que o casal percebeu que Júlio Verne tinha uma tecnologia que jamais pensaram que existia. Após convencê-los razoavelmente, ele comentou:

— Há outras famílias judias em Frankfurt e seus arredores e os nazistas os estão caçando como ratos. Em

breve baterão à sua porta e os deportarão para um campo de concentração. Sua fama, seus serviços, seu conhecimento de nada adiantarão. Que dia é hoje?

— 23 de maio!

— Meu Deus. A Máquina pode ter distorcido o mês, mas não o dia e a hora. Os nazistas provavelmente baterão nesta casa amanhã às 10 da manhã.

O casal ficou taquicárdico.

— Sinto muito, mas Anne e Moisés serão separados de vocês. A não ser que façamos algo que rompa o cárcere dos eventos históricos... — O professor então completou seu pensamento elevando o tom de voz: — Por favor, partam! Partam o mais breve possível!

— Mas como ter a certeza disso?

— Partam! Por amor às crianças, não percam tempo! — bradou Júlio Verne, descontrolado.

— E partir para onde? A Alemanha tornou-se um quintal do nazismo e somos completamente estranhos nesse ninho.

— Você bateu a cabeça muito forte, Júlio Verne — falou a enfermeira, Rebeca. De fato havia um “galo” ou edema na região occipital, na parte de trás do crânio. — Seu trauma craniano talvez o tenha deixado confuso. — E Rebeca imediatamente saiu do quarto. Não queria viver mais aquele clima. Júlio Verne estava fazendo terrorismo psicológico.

O dr. Kurt relaxou após o comentário da esposa sobre o trauma craniano do forasteiro, achando que ela podia estar certa. Não deveria comprar aquela paranoia de viagem no

tempo, pois uma crença errada e uma atitude incorreta poderiam colocar em risco a sua família. Afinal de contas, havia anos estavam estáveis em Frankfurt, embora vivessem com grandes dificuldades financeiras. Era melhor deixar o hóspede descansar.

No corredor, ele e Rebeca trocaram um breve diálogo.

— O estresse social e o trauma físico estão produzindo essas ideias de perseguição de Júlio Verne. Não é possível que seja de outro mundo — disse ela a Kurt. — Conheci vários judeus com esses sintomas.

— Mas as informações que ele possui são inacreditáveis! — afirmou ele.

— Eu sei. Não tenho resposta para isso. A Alemanha virou um hospício e parece que eu, você, os alemães, o professor, enfim, todos enlouquecemos.

Júlio Verne entendeu a reação do casal. Não dava para exigir muito deles. A Alemanha tornara-se um hospício coletivo. O fantasma do medo gerava pesadelos noturnos e os vampiros da SS produziam assombros diurnos.

CAPÍTULO 33

UMA FAMÍLIA DESTRUÍDA

O dr. Kurt, sentado no sofá, tentava relaxar lendo textos do filósofo alemão Immanuel Kant, sobre a crítica da razão pura. Para Kant, que nascera em 22 de abril de 1724 na pequena Königsberg, não existia o “objeto em si”. O objeto é fruto da experiência (*a priori*). Os objetos, portanto, são fenômenos percebidos pelo intelecto e sujeitos a um delicado processo de interpretação que, por sua vez, é influenciado por fatores sociais, culturais, emocionais^[146].

Como brilhante advogado que era, o dr. Kurt procurava aplicar os conceitos de Kant nas ciências jurídicas, demonstrando que a discriminação e a exclusão sociais feriam dramaticamente os direitos humanos. Eram frutos, fossem quais fossem os argumentos, de uma distorção doentia do processo de interpretação. Ele cria, tal qual o professor Júlio Verne, que quem não respeitasse os diferentes não seria digno da maturidade psíquica.

Todavia, contrariando o pensamento de Kant, os nazistas determinavam que a verdade era absoluta e não um fenômeno da experiência, o que perturbava muitíssimo o dr. Kurt. Para Hitler e seus discípulos, a verdade existia fora da

mente humana e não era fruto desta. Em especial para o ideólogo nazista Alfred Rosenberg, a mente apenas captava a realidade, era uma expressão desta. Esse argumento filosófico havia preparado o caminho para o terrorismo.

Se para os nazistas a verdade era inquestionável, “a coisa em si”, e não fruto de uma interpretação e, portanto, não sujeita a distorções, uma vez que eles, os nazistas, determinaram que os arianos eram uma evolução da espécie humana e os judeus e outras minorias eram raças inferiores, os superiores deveriam eliminar os inferiores. Essa tese absurda e irracional tornara-se uma verdade irrefutável para eles. Uma “verdade” que passara a ser proclamada em escolas, universidades, shows, peças teatrais, cinema, rodas intelectuais e, em especial, nas rádios, por meio de uma propaganda massificadora.

Os arianos saíram do complexo de inferioridade, de um estado de contração da autoestima pela perda da Primeira Guerra Mundial, para um salto irracional de superioridade, considerando-se predestinados primeiro a dominar o teatro da Europa e depois o palco mundial e, assim, estabelecer uma nova ordem geopolítica e geocultural.

Se todos os seres humanos estudassem a última fronteira da ciência, o mundo onde nascem os pensamentos, a humanidade nunca mais seria a mesma. Ficariam perplexos ao descobrir que o processo de construção de pensamentos passa em milésimos de segundos por um complexo sistema de encadeamento distorcido, capitaneado por múltiplas

variáveis, entre elas o estado emocional do interpretador (como estou), seu ambiente motivacional (o que desejo), o tipo de personalidade (o que sou) e o ambiente social (onde estou). A verdade, portanto, é um fim inatingível. Mas não para os líderes nazistas. Eram meninos no poder que criam que o ato de pensar deles incorporava a verdade absoluta. Ninguém podia mais ter opinião própria na Alemanha nazista. E a terrível polícia SS, bem como a SA e a Gestapo, sempre onipresentes, garantiam esse silêncio mordaz.

Nenhum ser humano é proprietário da verdade, seja um pai, um professor, um político ou um executivo. Nós só podemos contribuir com o outro quando o respeitamos e o ensinamos a se respeitar, a ser autônomo, a ter opinião própria e pensar criticamente. E sequestrar esses direitos é a base para se estabelecer uma ditadura. Toda ditadura esmaga a tese de Immanuel Kant, legitima a agressividade contra os inimigos do regime e abole o sentimento de culpa. As ideias dos filósofos alemães estavam nos livros empoeirados, mas a ideologia nazista conquistou a alma de muitos.

Infelizmente, mesmo nas democracias maduras, há microditaduras, inclusive em ambientes insuspeitos. Em algumas universidades, religiões, partidos políticos, condena-se a autonomia de maneira velada ou subliminar. Quem tem opinião própria ou pensamento crítico ou diferente sofre punições. Há milhões de casais que vivem debaixo de uma microditadura, levada a cabo pelo ciúme

excessivo, a necessidade neurótica de controlar o parceiro ou a parceira, a dificuldade doentia de reconhecer erros e de pedir desculpas. O *Homo sapiens*, quando não sabe se colocar no lugar do outro e não pensa antes de agir, comete atrocidades de dar inveja aos mais ferinos predadores.

O dr. Kurt, pelos seus livros e pela fama internacional de defensor dos direitos humanos, fora preservado até ali das garras do nazismo. Mas não deixava de ser judeu e, como tal, sua eliminação era uma questão de tempo. Sabendo disso, advogados de diversos países escreviam para as embaixadas alemãs pedindo notícias de seu paradeiro. A pressão internacional o havia mantido vivo até agora. Não o mataram fisicamente, mas assassinaram sua liberdade... “Se não me matam o corpo, mas me matam a liberdade, matam o sentido fundamental de existir. Logo, não estou vivo...”, ele dizia para si.

Enquanto se concentrava na leitura dos textos de Kant, detonou um gatilho psíquico, abriu uma janela em sua mente com alto volume de tensão e que financiou uma preocupação angustiante. “Se Júlio Verne é um judeu, se está trajando um uniforme da SS e está fugindo da polícia... Se o encontrarem aqui, os nazistas terão todos os motivos para eliminar minha família ou no mínimo deportá-la para um campo de concentração. A previsão sombria que ele fez da minha família se cumpriria, mas não por minha causa, e sim por causa dele!”, pensou. Parecia uma profecia, mas não a

de um louco, e sim a de um homem que amava seus filhos e esposa.

Precisava colocar Júlio Verne para fora da sua casa de alguma forma. Começou a olhar paranoicamente para a rua a cada dez minutos, para ver se a policia se aproximava. Não conseguia relaxar minimamente. Pediu para as crianças se aquietarem e, depois, suplicou a Júlio Verne para não dar as caras nas ruas ou no jardim por enquanto. Jantaram sem muito barulho. Mas a pequena Anne quebrou a rotina.

— Júlio Verne, eu adoro ir à escola. Mas judeus não podem mais frequentá-las... Certa vez eu tentei...

— Eu também — comentou Moisés, interrompendo-a. — Fugimos de casa e fomos à escola. Mas os professores, que antes nos admiravam, nos expulsaram. Colegas com os quais brincávamos, zombaram de nós. Dois cuspiram em meu rosto, falando “O que você faz aqui, judeuzinho? Aqui não é chiqueiro...”

Até alguns pré-adolescentes já tinham sido contaminados pelas “verdades” absolutas do nazismo. Um menino de 12 anos tinha feito Anne tropeçar. Ela sangrara nos joelhos e começara a chorar, e fora socorrida por algumas meninas.

— Ainda tenho amigas que gostam muito de mim — contou a pequena Anne, que mal começara a vida e já sentia o amargo sabor de um dos maiores conflitos humanos: a exclusão social.

Júlio Verne ficou sem palavras. Não conseguia consolá-los. Moisés expressou sua indignação:

— Não entendo. Que crime nós cometemos? — falou, não apenas como um garoto, mas como filho de um advogado.

— Eu já lhes disse. Não culpe seus colegas, filho. Hitler é culpado — disse a mãe.

— Abaixei o tom, Rebeca — recomendou o dr. Kurt. Hitler era um nome proibido de se dizer nos lares judeus.

— Professor, conte-nos algumas histórias que você viveu no futuro — pediu Anne, crédula e ansiosa.

— Não, filha, Júlio Verne está cansado. E já é hora de dormir.

Mas delicado, embora abatido, o professor, disse um “tudo bem” para o dr. Kurt e arriscou-se a alegrar o ambiente.

Escolheu não uma história do seu tempo, mas uma piada que Rodolfo, seu amigo doente mental, lhe contara. Três amigos naufragaram e ficaram presos por muitos meses numa ilha no meio do oceano. Eram um judeu, um inglês e um alemão. Estavam morrendo de fome e de sede. De repente, apareceu uma garrafa. Desesperados, eles a abriram, e subitamente, dela surgiu um gênio. Todos se assustaram. O gênio era desequilibrado, impaciente. Logo disse que realizaria apenas um desejo de cada um dos miseráveis da ilha.

— O judeu pensou, refletiu, parou... e, por fim, pediu para ir para um hotel cinco estrelas em Nova York, cheio de garçons, carne de carneiro, frutas tropicais e outras coisas. O gênio realizou seu pedido e ele desapareceu. O inglês, depois

de muito analisar, pediu para ir para uma mansão em Londres, com uma adega cheia de vinhos e também comida em abundância. Quando chegou a vez do alemão, ele ficou muitíssimo aborrecido por seus amigos terem se esquecido dele. Possuído de raiva, disse ao gênio: “Traga os dois de volta para esta ilha e os transforme em meus empregados”.

E todos deram risada da estupidez do alemão da piada, inclusive o dr. Kurt, que então comentou:

— A Alemanha tinha tudo para brilhar social, educacional e tecnologicamente no teatro internacional, mas sob o controle de uns tolos fez tudo errado. Esta não é uma nação de sociopatas. Parafraseando Rousseau: *Os alemães nasceram bons, os nazistas os contaminaram.*

A tese do filósofo Rousseau é que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe^[147].

— Nas mesmas condições sociais, que nação não se contaminaria com esse vírus? — indagou a enfermeira Rebeca.

Anne não entendeu nada do que os pais disseram, mas, esperta, comentou:

— Se eu encontrasse o gênio pediria para todas as crianças frequentarem a escola e serem muito felizes.

— Muito bem, Anne — aplaudiu Júlio Verne.

— Mas é hora de dormir. Vamos, crianças — disse o dr. Kurt, levantando-se da mesa.

Nenhuma anormalidade parecia haver naquela noite, a não ser na mente do dr. Kurt. O brilhante advogado teve

pesadelos. Acordou ofegante às 2, às 3 e às 5 horas da madrugada. Via-se sentenciado à morte.

Júlio Verne também teve o sono entrecortado.

Como Anne e Moisés ficavam enfiados o dia inteiro em casa ou no máximo brincavam nos jardins da casa, eles acordavam cedo, ansiosos para fazer algo para superar o tédio. Foram ao quarto de Júlio Verne antes do magérrimo café da manhã, que raramente tinha um pedaço de pão, torta ou bolo. A família não estava num campo de concentração, mas, devido à dieta de baixa caloria, todos já haviam emagrecido. O dr. Kurt perdera dez quilos, Rebeca oito. Anne e Moisés, embora estivessem em fase de crescimento, emagreceram três quilos cada um.

Anne levou uma folha em branco e pediu que o professor fizesse um desenho da sua face, embora ele fosse um péssimo caricaturista.

— Não sou tão feia assim, professor — reclamou Anne depois do desenho pronto.

— Não mesmo! Você é linda! Mas vamos arrumar seu nariz.

— Arrume também meus olhos! Estão muito fechados. Pareço uma chinesa.

— Ah! Claro.

— Professor, conte-nos mais histórias — solicitou Moisés.

Júlio Verne não estava animado. Sua emoção tensa tornava estéril sua mente. Preso em suas preocupações, não

conseguia deixar de pensar no que em breve poderia acontecer com o futuro dessas crianças. Mas aos poucos relaxou e sentiu que deveria fazer Anne e Moisés felizes pelo máximo de tempo possível, ainda que fossem horas ou dias...

De repente, bateram à porta central da sala fortemente. Pareciam querer arrombá-la. Júlio Verne, recordando seu pesadelo, lembrou-se de que os nazistas invadiram a casa quando todos estavam tomando café. “Será que a máquina do tempo produziu outras distorções?”, pensou aflito.

As crianças foram para a sala, pois o quarto delas ficava na parte de cima do sobrado. O pai fez-lhes um sinal e elas rapidamente entraram num armário embutido na parede. O espaço era tão pequeno que não caberiam dois adultos ali. E, se não se prestasse bem atenção, não se veria que era um armário, pois não havia maçanetas externas, dando a impressão de que era a continuidade da própria parede.

Júlio Verne, advertido pelo dr. Kurt, também se escondeu. Trêmulo, o advogado abriu a porta. Rebeca tentou manter a calma, fingindo arrumar as almofadas do sofá estofado. Era um grupo de policiais da SS. Estavam caçando, aprisionando e deportando as poucas famílias de judeus que viviam escondidos na região, e a família do dr. Kurt estava na lista. Também se achavam à procura de fugitivos. Em especial de um homem com farda da SS, pois tinham ficado sabendo que um estranho frequentava a casa do dr. Kurt.

Por instantes, o advogado titubeou. Se falasse a verdade, Júlio Verne morreria. Se negasse e o achassem, sua família

corria sérios riscos.

— Não sei do que estão falando — tentou desconversar.

— Onde está o fugitivo?

O dr. Kurt negou novamente e os instigou a procurá-lo. Vasculharam sala, quartos, cozinha e nada.

— E os filhos?

— Saíram — disse Rebeca visivelmente abalada.

— Saíram? Você está mentindo!

— Eles estão distantes, na casa de alemães amigos — afirmou o dr. Kurt.

— Alemães não são amigos de judeus!

E um dos soldados deu-lhe uma bofetada. O advogado caiu ao chão. Anne ouviu tudo e ficou aflita, mal conseguia respirar.

— Você nunca mais vai ver seus filhos! Vasculhem a casa — o chefe da missão ordenou a cinco soldados. Mas nada encontraram.

Ao ouvir que seus pais seriam levados à prisão, Anne não suportou. Moisés tentou tapar sua boca, mas ela começou a chorar. O medo da separação fechou o circuito da memória e seu mundo desabou. Esqueceu-se de todas as recomendações e treinamentos do pai para essa ocasião. Abriu o armário e gritou:

— Mamãe, mamãe! — E correu para os braços de Rebeca.

— Que lindo! — disse o chefe da missão.

Alguns jovens policiais, arianos bem definidos, deram gargalhadas. Outros dois tentaram disfarçar o desconforto.

Cumpriam ordens, mas sem prazer.

De repente, aos prantos, também saiu Moisés e abraçou seu pai.

— Soltem meu pai! Ele é um famoso advogado! — disse o menino.

— Um advogado famoso, meu pequeno herói. Estamos precisando dele num depósito de lixo. — E o militar lhe deu um pequeno empurrão.

Quando o dr. Kurt tentou reagir contra o policial que o maltratara, um deles apontou-lhe o fuzil e ele se aquietou. Todos foram levados para fora. Os adultos foram colocados num caminhão apinhado de gente. Num outro caminhão o futuro da humanidade era transportado: crianças assustadíssimas, algumas chorando ininterruptamente tanto pelo medo quanto pela separação dos seus pais.

— Papai, mamãe! — gritavam Anne e Moisés antes de subirem no caminhão.

O dr. Kurt, quase sem voz, também gritava:

— Em breve nos veremos!

— Jamais esqueçam... Eu os amo. Eu os amo! — bradava a mãe em prantos. Foi uma cena emocionante.

Enquanto isso, no local em que estava escondido, Júlio Verne passou as mãos no chão e pegou um papel envelhecido que encontrou. Como havia uma fresta de luz, ele o leu. Novamente ficou perplexo. Era uma mensagem dirigida a ele, supostamente escrita e assinada pelo famoso dr. Viktor Frankl.

*Júlio Verne. Não desista da vida, pois ela nunca desiste de você.
Busque um sentido para sua vida, mesmo que todas as células do seu
corpo estejam morrendo. É a melhor maneira de ficar consciente e
manter-se vivo.*

Viktor Frankl.

O professor começou a sentir falta de ar. Ficou tenso, ofegante, taquicárdico. Queria sair para tentar proteger a família do dr. Kurt, mas sentia-se o mais covarde dos homens. Fora da casa o clima só piorava. Quando os últimos policiais terminaram de fazer uma nova busca pelo forasteiro, o chefe da missão teve uma ideia tenebrosa. Gritou:

— Parem. Traga os pais. E aproximem as crianças.

O dr. Kurt, Rebeca, Anne e Moisés desceram do comboio e se aproximaram novamente.

— Muito bem, vocês amam papai e mamãe?

As crianças menearam a cabeça dizendo que sim.

— Se me disserem onde está o fugitivo, eu os solto. Mas se não me disserem, eu os mato. — E apontou a arma para a cabeça do casal de adultos...

Anne arregalou seus olhos saturados de lágrimas, seu irmão fechou os dele. Crianças que deveriam escolher sempre a vida, decidiriam quem deveria morrer...

Anne delatou o professor:

— Está debaixo da cama no quarto de hóspedes. No fundo falso. Mas ele é uma boa pessoa.

— Boa menina. Boa menina...

CAPÍTULO 34

O CAOS DE JÚLIO VERNE

Ao saberem onde provavelmente estava o forasteiro, quatro soldados viraram-se rapidamente para ir até o local. Mas não precisou, Júlio Verne já havia aberto a porta central da sala. Trajando uma farda de oficial da SS com várias condecorações, ele desceu as escadas. O chefe da missão daria uma lição a todos os presentes. Ordenou o fuzilamento sumário do impostor ou traidor. O que menos importava era sua identidade. Mas o professor empostou a voz e, aos brados, disse:

— Sabe qual a pena por assassinar um oficial da SS?

E foi se aproximando. Todos ficaram atônitos com sua ousadia.

— Sabe como matamos impostores, seu canalha. — E o chefe do grupo deu-lhe uma coronhada na cabeça. Júlio Verne quase caiu. — Matem-no!

— Himmler cortará seu pescoço. Pegue meus documentos e veja quem sou...!

Quando o ouviu citar Himmler, o temível e todo-poderoso da SS, o chefe da missão, que não era oficial, titubeou. Arrancou do bolso direito do uniforme do professor um

papel de identificação. À medida que o lia, ficava assombrado.

A identificação revelava: *Franz Josef Huber*. Posto: *SS-Brigadeiro-Führer*. Nascimento 902. Número da SS: 107999. Condecorações: *Cruz de Mérito de Guerra de Segunda Classe com Espadas*; *Cruz de Mérito de Guerra de Primeira Classe com Espadas*; *Espada de Honra da SS*; *Anel de Honra da SS*.

Fritz, o chefe da missão, viu o anel de Honra da SS no dedo do professor; já ouvira falar que era uma peça valiosa. Ao analisar o documento, percebeu ser bem produzido. Não parecia um documento falso. Mas como explicar um homem escondido na casa de um judeu? Era difícil dizer que o homem à sua frente era um oficial de alta patente, condecorado e, ainda por cima ariano.

— Você não me parece um ariano — comentou o policial Fritz. O seu número da SS era 433447. Entrara muito depois do suposto Franz Huber, o nome falso do professor. E, diferentemente dele, nunca recebera uma condecoração.

Quando o professor ouviu que não parecia um ariano, partiu para o ataque. Num estado de fúria impressionante, gritou.

— O quê? Você julga um ser humano ariano pela aparência e não pela essência? Que absurdo! — E, como se quisesse debochar dele, afirmou: — O *Führer* não tem aparência de ariano. Nunca notou? Goebbels, o ministro da Propaganda, é franzino e anda mancando. Tem ele aparência de ariano?

Intimidado, o policial ficou inseguro. Nunca tinha pensado nisso, como milhões de jovens também jamais haviam refletido sobre o assunto. No fundo, nem sabiam por que estavam encenando essa peça de terror. Não eram autônomos, não tinham opinião própria. Matavam judeus impiedosamente, eram mentes adestradas. Franz buscava uma medalha, ainda que fosse de segunda classe. Mas seu sonho era o Anel de Honra.

— Você só pode ser um desertor.

O que faz na casa de um judeu? O professor havia estudado as técnicas dos políticos do seu tempo: “Nunca responda a perguntas diretamente, tangencie as respostas”.

— Não percebe que estou em missão especial? Sou um infiltrado.

— Como assim?

— Que absurdo! Você não teve técnicas de infiltração no seu treinamento? — E, observando o uniforme do policial de perto, indagou com desdém: — Nenhuma medalha?

— Ainda não!

— Vou recomendar. Mas voltando à sua pergunta. Infiltrei-me na família de judeus por dois motivos: para descobrir seus ninhos e testar a fidelidade e eficiência dos policiais da região de Frankfurt. Enquanto vocês faziam esse arrastão, coloquei meu uniforme. Se não me achassem, denunciaria todos vocês por incompetência. Deixe-me ver seus documentos.

O chefe obedeceu à ordem. O professor olhou, colocou o documento contra a luz. Fez um sinal de descontentamento. O dr. Kurt, sua esposa e filhos ficaram perplexos. Estavam começando a acreditar que também haviam sido enganados pelo infiltrado.

— Um ariano puro da SS pode considerar sua missão estúpida, mas é um seguidor cego e fiel do *Führer* — disse o professor.

Os jovens policiais SS não entenderam se foram elogiados ou zombados.

— Já participei de encontros de segurança máxima com Heinrich Himmler *Chef der Deutschen Polizei*. Você conhece Himmler, Fritz?

Himmler era o todo-poderoso da SS.

— Pessoalmente não. Mas estudei sua biografia.

— Ah, ótimo. Então sabe que nosso grande líder nasceu dia 23 de maio de 1900, sendo apenas dois anos mais velho que eu. E morreu em 23 de maio de 1945.

O dr. Kurt engoliu em seco. Sentiu que ele não era um infiltrado.

— Morreu em 1945? Mas...

Júlio Verne estava tão acostumado com as datas do futuro que dera a data de morte de Himmler, alguns anos depois. O chefe da missão de novo ameaçou estourar seus miolos. Vendo-se em saia justa, Júlio saiu pela tangente.

— Parabéns, policial! Passou no teste. Vida longa a Himmler.

— Cite elementos da história de Himmler — incitou Fritz. Estava caindo na história do professor, mas agora começava a ficar novamente desconfiado.

— Está me testando, policial? Vou lhe calar a boca. Condecorações que Himmler recebeu: Ordem de Sangue número 3; Emblema de Ouro do Partido; Emblema de Honra da Juventude Hitlerista em Ouro com Folhas de Carvalho; Cruz de Tempo de Serviço da SS, 12 anos. E entre muitas outras decorações, há um mês, em julho de 1942, Himmler recebeu a Medalha Combinada de Piloto e Observador em ouro com diamantes.

O nazismo tinha uma farra de medalhas que seduziam os policiais. A simbologia não se restringia às suásticas estampadas em todos os estandartes da SS ou em suas braçadeiras, mas abrangia antigos ícones, como a Cruz de Ferro e a Cruz de Cavaleiro. A riquíssima simbologia de condecorações gerava no inconsciente coletivo a busca insaciável pela premiação. A natureza do mérito era torpe, mas ser fiel ao partido nazista, proteger a ideologia do *Führer* e disseminá-la no tecido social era o que importava, por quaisquer meios.

O líder da missão sabia dos detalhes que cercavam Himmler. Conhecia mais sobre seu chefe-mor do que sobre Adolf Hitler. Começou a ceder. Pediu mais minúcias de seu ídolo. E Júlio Verne esbanjou conhecimento. Comentou:

— Himmler nasceu em Landshut, Baviera, numa sólida e respeitável família de classe média. Seu pai era diretor de

uma escola, um conservador. Himmler recebeu seu primeiro nome, Heinrich, em homenagem ao padrinho, o príncipe Heinrich da Baviera, de quem seu pai foi tutor. Aplaudiu a entrada da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, mas só pôde se alistar em janeiro de 1918 como cadete oficial do 11º Regimento de Infantaria. Dedicou-se até certo ponto aos estudos de agronomia. Filiou-se ao partido NSDAP, futuro partido nazista, em 1923. Participou do golpe frustrado liderando uma coluna pelas ruas de Munique. Como era bem posicionado não foi preso, diferentemente de Hitler. Em 1925, tornou-se oficial local do Partido e começou a liderar uma minúscula SS em seu distrito.

O policial começou a pingar suor pelo rosto ao ouvir o relato de Júlio Verne. Era tudo verdade. O dr. Kurt e Rebeca se entreolharam. Se todas as informações estavam corretas, somente um fanático por Himmler poderia reuni-las. “Seria Júlio Verne um fanático por Himmler disfarçado?”, pensavam. Novamente ficaram desconfiados do professor.

Júlio Verne sabia muito mais coisas sobre Himmler, mas não podia contar tudo ao policial que o idolatrava, nem à pequena plateia que o ouvia, pois esse relato deporia contra o caráter do carrasco. Não podia relatar que Himmler não sofrera traumas, como Hitler sofrera, perpetrados por um pai austero e por ser excluído na adolescência da escola de Belas Artes de Viena. Apesar de não ter tido um corpo de estímulo estressante na infância, provavelmente fora superprotegido, não desenvolvera resiliência, capacidade de

lidar com contrariedades, nem outras funções complexas da inteligência, como capacidade de pensar antes de reagir, de colocar-se no lugar dos outros e de expor, e não impor, suas ideias.

Himmler era inseguro, obsessivo, não era um brilhante orador como Hitler. Além disso, destilava três necessidades neuróticas: de poder, de cobrar os outros e de estar sempre certo^[148]. Se fosse competir numa sociedade civil normal, sem a proteção e as benesses que o partido nazista lhe concedia, Himmler passaria despercebido, pois não tinha brilho próprio, era um intelectual medíocre. Mas sob a liderança da poderosa força paramilitar SS, tornou-se um carrasco de uma monstruosidade indecifrável. Seus subordinados tremiam aos seus pés. Tal como Hitler, era um homem mal resolvido emocional e socialmente, tinha complexo de inferioridade na juventude e, como muitas pessoas mal resolvidas nessas áreas quando assumem o poder, sentia ter-se tornado um deus, o poder o infectara, transformara seu complexo de inferioridade numa necessidade absoluta de controlar os outros. O poder para uma pessoa mal resolvida emocionalmente torna-se uma bomba. Por isso, a maioria dos líderes é indigna dele.

Himmler foi ao lado de Hitler um dos maiores carrascos da história da humanidade. Himmler profissionalizou e industrializou a brutalidade contra minorias de um modo nunca visto. Sua psicopatia foi inimaginável. Mas, para espanto da psiquiatria e da psicologia, Himmler era homem

que não tinha em sua personalidade traumas que justificassem ter se tornado um destruidor de massas. Porém, em uma análise crítica de sua biografia, percebe-se que não era autônomo e que, portanto, não tinha opinião própria nem consciência crítica da realidade^[149]. Não fora um psicopata em sua adolescência no sentido clássico, que feria sem sentir a dor do outro, mas sua mente, por não ser autônoma, fora adestrada pela ideologia racial do partido nazista que, inclusive, ele mesmo ajudou a criar.

— Estou impressionado com seus conhecimentos — expressou o policial da SS ao suposto Franz Josef Huber.

— Qual seu nome, mesmo, policial? — indagou com autoridade o professor.

— Fritz...

Nesse momento o professor olhou para o dr. Kurt, que, atônito ao ouvir as informações de Júlio Verne, não suportou. Com firme voz, o advogado comentou:

— Eu desconfiava que você não era nem judeu nem um desertor da SS!

— Desconfiava, doutor Kurt? Eu estava testando esses meninos da SS. Queria saber por que até hoje não tinham prendido um crápula como você.

O dr. Kurt cuspiu no chão. Quando Fritz ia matá-lo, o professor o repreendeu.

— Calma, Fritz! Este homem não merece uma bala. Parece que você não conhece os métodos de Himmler de extermínio em massa.

Fritz recolheu seu fuzil. Júlio Verne começou a debochar sutilmente de Himmler. Foi então que o dr. Kurt entendeu o recado.

— Himmler, senhor Fritz, era um homem inteligentíssimo. Era tão inteligente que certa vez morou no campo e fez experiências com a reprodução de frangos^[150].

— Não sabia que ele era um cientista que criara frangos, senhor Huber.

— Não? Pensei que conhecia detalhes da biografia de Himmler. A sabedoria conquistada com as galinhas foi transportada para a SS. Ele começou a selecionar soldados como vocês pelos critérios biológicos e de pureza racial. Analisava os olhos, os cabelos, a caixa craniana. Se bem que selecionou alguns desempregados e burgueses preguiçosos no começo. Olhem para vocês, são de inigualável beleza e inteligência!

Constrangidos, os soldados se entreolharam e se mostraram agradecidos pelos elogios. Dava para entender como eram manipuláveis. Havia 12 policiais pasmados e dominados por Júlio Verne, incluindo os dois motoristas do comboio.

CAPÍTULO 35

PRESERVANDO AS CRIANÇAS

O professor comentou ainda que foi Himmler quem persuadiu Hitler a concordar com as linhas elitistas e de pureza racial com as quais desejava desenvolver a SS. Hitler, contanto que Himmler oferecesse uma fiel guarda de segurança para protegê-lo das conspirações da SA e de outros inimigos, incentivava o sonho de Himmler^[151].

— Mas como você sabe de tudo isso? — indagou um tímido jovem da SS que mal completara 18 anos. No começo da guerra haviam sido admitidos jovens mais maduros, de 25 a 30 anos. Agora, garotos eram adestrados.

— Sei disso e de muito mais. Sei até que Himmler se preocupa com uma raça-matriz, uma futura elite alemã capitaneada pela SS, que será implementada por uma grande rede de maternidade do programa *lebensborn*, ou fonte de vida — disse o professor Júlio Verne.

O ideal de pureza racial era tão estúpido quanto insano. *Himmler, um homem que mal entendia de reprodução de frangos, iria aprimorar a raça humana...* Em seguida, o professor deu uma tossida e completou:

— E pessoalmente recomendarei vocês para fazerem parte dessa raça-matriz.

Os jovens policiais ficaram orgulhosos do que ouviram. E, com incrível liberdade, Júlio Verne bateu carinhosamente no rosto do carrasco encarregado daquela missão, como se fosse um pai ou professor, e disse:

— Vocês são fortes, belos, superiores. Uma raça superior não deve destruir os desprotegidos. Vocês são arianos ou não?

— Sim! — responderam coletivamente.

— São fortes ou fracos? — bradou o professor.

— Fortes! — proclamaram em coro.

— Os fortes são generosos, os fracos são agressivos.

Eles se entreolharam. Viram o rosto de Anne e Moisés. Viram também o rosto abatido e amedrontado das demais crianças que lotavam o segundo caminhão.

— Soltem todas as crianças! — ordenou Júlio Verne. — Uma raça superior mostra compaixão e não exclusão!

Ansioso, Fritz concordou:

— Soltem as crianças!

Sabia que, se precisasse, seria fácil prendê-las novamente, mas não deixou de ser essa atitude uma fagulha de sensibilidade.

— Os adultos também! — ordenou firmemente o professor.

— Os adultos? Há ordens expressas de prendê-los! — retrucou agressivamente o líder da missão, agitando seu

revólver para Júlio Verne, achando que fora enganado.

O professor respirou profundamente. Olhou para o dr. Kurt e Rebeca, que pareciam gritar: “Salve as crianças e não se importe conosco”.

— Passou no teste de novo, Fritz! Mais uma vez passou!
— disse Júlio Verne. Não podia exagerar e colocar tudo a perder.

Trinta e sete crianças entre 4 e 9 anos saíram dos comboios e aplaudiram os soldados. Os bebês estavam acompanhando seus pais no outro caminhão. Foi uma cena de indecifrável comoção. Aquelas crianças que deveriam estar correndo atrás das borboletas e dos esquilos eram tratadas de modo pior que os cães sem proteção nas ruas. Algumas estavam com as faces sujas de terra. Assustadas, muitas choravam pedindo os seus pais; outras, as mais velhas, tiveram um gesto ímpar: vieram abraçar Júlio Verne, que mais uma vez se tornou um colecionador de lágrimas. Mas, disfarçando sua dor, procurou se tornar um colecionador de esperanças. Pelo menos aquelas crianças não iam para os campos de concentração, não naquele dia.

Cinco crianças agarraram Fritz, e também Hanz, o segundo em autoridade entre os policiais. Agarraram-nos como se fossem meninos dos orfanatos suplicando para serem adotados. Fritz ficou comovido, tentou não chorar na frente dos seus liderados, mas foi impossível esconder algumas lágrimas. Os homens da SS, numa rara oportunidade, perceberam que estavam ceifando a vida de

inocentes, crianças da sua própria espécie. Saíram das fronteiras da obediência cega e se deixaram emocionar. Alguns, comovidos, afagaram os cabelos de meninos e meninas de 5 e 6 anos. Pareciam dizer: “Desculpem-nos por levar seus pais”.

Alguns alemães que estavam sequestrados dentro de suas casas se arriscaram a levar alimentos para aquelas crianças famintas, que sem demora os devoraram. Moisés e Anne as levaram para sua casa. Ficariam ali até quando? Não se sabia se mais um mês, uma semana, um dia ou algumas horas. Pelo menos tinham migalhas de liberdade...

— Senhor, o que será dessas crianças sem seus pais? — indagou Hanz para o chefe da missão. Os fortes têm compaixão.

— Soltem um casal — bradou Fritz.

Foi uma cena comovente. Um casal foi solto. Mas não escolheram o dr. Kurt porque havia ordens expressas de deportar o “perigoso” advogado. Quando as crianças já tinham entrado na casa de Anne e Moisés, três policiais, desconfiados de que tinham sido ludibriados e completamente embriagados com o ideal nazista, de repente assassinaram a sangue-frio seu chefe, Fritz. Logo em seguida os três foram assassinados por Hanz e por homens fiéis a Fritz. Foi um horror. Sobraram 9 policiais, dois portavam submetralhadoras. O casal solto, pasmado, olhou a cena pela janela frontal da casa de Moisés e Anne. Torciam para que os carrascos nazistas partissem.

Em seguida, os policiais levaram os prisioneiros adultos e os bebês para serem deportados. Júlio Verne teve de acompanhá-los para esclarecer melhor sua história, ainda mais depois desses assassinatos. O professor não atacara um ponto central de mutação da história, mas um ponto marginal. Pelo menos aliviara a dor de algumas crianças por algum tempo. O que o aborrecia é que ele parecia tratar dos sintomas e não das causas.

Chegaram a uma estação de trem. O movimento de gente e a agitação no processo de deportação eram tão grandes que havia mais de mil policiais da SS envolvidos.

Hanz, o policial de patente imediatamente abaixo da de Fritz, o que morrera, disse ao professor:

— Temos ordens para partimos juntos no comboio de trem. Claro, vamos de primeira classe.

— E os judeus irão em vagões de gado sem água, comida e espaço sequer para se sentar? — indagou o professor.

— São ordens, senhor — afirmou Hanz.

— E para onde esse comboio de trem vai? — indagou Júlio Verne, perturbado. Hanz ficou intrigado que ele, como oficial, não o soubesse. Achou que estava sendo testado.

— Para a Polônia.

Seu semblante caiu.

— Polônia? Em que lugar?

— Auschwitz.

— Auschwitz?

Júlio teve calafrios. Sabia o que o aguardava. Se escapasse das balas dos oficiais, não escaparia de Auschwitz. Teria de tentar uma fuga do trem. A máquina do tempo lhe proporcionaria outras desagradabilíssimas surpresas.

— Mas não posso ir, Hanz. Tenho outras missões.

Em seguida, chegou um bilhete às mãos de Hanz. Era uma ordem expressa para uma reunião urgente com o estranho personagem Franz Huber, ou melhor, o professor.

— Temos de conversar com três oficiais, senhor. Estão nos aguardando.

Júlio Verne, tenso, inseguro, achou que não duraria nem para chegar a Auschwitz. Era melhor partir do que enfrentar uma máquina de interrogatório. Dificilmente ludibriaria essa casta de nazistas, ainda mais se descobrissem que ele preservara as crianças. Tentou fugir, mas Hanz, que era acompanhado por cinco policiais, colocou a mão na pistola. Júlio Verne entendeu o recado. Tinha de passar pelo inferno nazista outra vez.

De repente, apareceu um sujeito por detrás do professor e, em tom altissonante, bradou:

— “Bye”, Hitler!

O professor gelou. Só podia ser uma pessoa, e era: Rodolfo. Ambos se abraçaram. Os policiais da SS que ali estavam não sabiam inglês, por isso não entenderam que “Bye” Hitler significava “Adeus” Hitler, que era uma forma de despedi-lo do teatro da Alemanha e quem sabe do planeta.

Rodolfo, que trajava seu uniforme de sargento da SS, afastou-se um passo de Júlio Verne e prestou continência. Mas mais uma vez exagerou:

— Grande general!

O professor fez sinal com as mãos para ele baixar sua patente.

— O senhor é um coronel brilhante, mas tem pulso de um general. Hanz achou estranha a relação entre os dois personagens, mas como Rodolfo tinha o porte físico de um ariano, alto, loiro, de olhos azuis, mais uma vez pensou que muito provavelmente estava diante de uma autoridade da SS.

— Rodolfo, meu amigo, onde estão seus pais?

— Plantando cenouras.

— Franz Huber, vamos.

— Franz Huber? — indagou Rodolfo.

O professor teve calafrios. Em seguida, Rodolfo, que apesar de sofrer uma doença mental era inteligentíssimo, consertou o fora.

— Não é Franz Huber, é *coronel* Franz Huuuber!

E para a angústia do professor, Rodolfo se convidou:

— Eu também vou!

— Você fica, sargento! — E Júlio lhe fez continência.

Rodolfo ficou a contragosto. O professor temia que os dois fossem fuzilados. Ainda mais se Rodolfo abrisse a boca. E assim se despediram, pelo menos temporariamente.

CAPÍTULO 36

A FARSA É DESCOBERTA

Os judeus enfileirados entravam silenciosamente um a um nos comboios. Alguns tentavam escapar de seu destino saindo das longas filas. Fugiam sem saber que os soldados da SS apreciavam uma caça à distância. Treinavam tiro ao alvo com corpos humanos. O professor viu um homem, Willi Berger, do centro do seu escritório na estação de trem, atirando em judeus fugitivos. Depois pedia o troféu: as obturações de ouro do abatido.

Willi Berger, comandante da SS, recebeu junto com dois outros oficiais a Hanz, Júlio Verne e outros dois policiais. Fora do escritório havia um batalhão fazendo segurança. Era praticamente impossível escapar. O professor ficou do lado de fora. Não fora chamado ainda, era apenas escoltado. Ao tentar escapar, dois policiais que o ladeavam o ameaçaram. Enquanto isso Willi começava o interrogatório dentro da estação.

— Onde estão as crianças, policial?

Tremendo e quase sem voz, Hanz disse:

— Nós as soltamos, senhor.

— Traidores!

Willi Berger, o exterminador de humanos, ficou pasmado ao saber que as crianças judias tinham sido deixadas para trás. Sob um ataque de raiva, acrescentou:

— Não sabem que os judeus contaminam o solo da Alemanha? Isso é traição à causa da SS e à purificação de nossa raça! Serão fuzilados.

— Um oficial de alta patente da SS, Franz Huber, recomendou que as soltássemos.

— O quê? Um oficial da SS deu essa ordem? Cadê esse maldito ariano?

— Está lá fora.

Trouxeram o professor. Willi Berger olhou assustado para o sujeito com uniforme da SS e várias condecorações, inclusive a adaga de serviço e a faixa de punho prateada. Engoliu saliva. Passado o sentimento de cobiça por aquelas insígnias, perguntou:

— Quem é o senhor?

— Franz Josef Huber. Posto: SS-Brigade-Führer. Número da SS: 107999.

— Há quanto tempo está na SS, de onde o senhor é e o que faz aqui?

— Não reconhece minha adaga de serviço de 1933?

Willi revelou sua ignorância. Ficou inseguro. Júlio Verne, percebendo o momento de incerteza do outro, tentou controlá-lo. Partiu para o ataque.

— Quais condecorações o senhor tem...?

— Bem, eu tenho a Cruz de Mérito de Guerra de Segunda Classe com Espadas.

— Pois além da Segunda Classe tenho a Cruz de Mérito da Guerra de Primeira Classe. E além disso tenho a Espada de Honra da SS.

Em seguida lhe deu seu documento de identificação. O comandante ficou boquiaberto. Parecia tudo real. Começou a crer que estava diante de um ícone da polícia política. E ficou mais abalado ainda quando o professor tirou um anel do dedo e lhe mostrou. Como era mais culto que Hanz, perdeu a voz. Pegou o anel de Honra da SS, que tinha gravados uma caveira e símbolos rúnicos. Sabia que o próprio Himmler lhe conferia significado místico, com poderes especiais. Assim como Fritz, que morrera, o sonho de Willi Berger era um dia possuir o anel.

— Como o conseguiu?

— Só há um meio. Fidelidade, fidelidade, fidelidade... O senhor é fiel ao *Führer*? — Júlio bradou em voz imponente.

— Sim, sou! — Em seguida os três oficiais saudaram: — *Heil Hitler!*

O professor, é claro, bradou “*Bye*”, Hitler.

— É isso que vim verificar. A pedido de Himmler eu estava disfarçado para pegar um advogado judeu proeminente e também porque fomos informados de que nessa região há membros da SS com inclinações antinazistas.

— Longe de nós, senhor. Somos fiéis ao *Führer*.

— Você, como fiel ao *Führer*, se considera um grande líder?

— Procuro ser — disse Willi, perturbado.

O interrogado inverteu o jogo. Os demais oficiais o analisavam com a testa franzida.

— E sabia que um grande líder deve em primeiro lugar ter compaixão pelos miseráveis?

O comandante deu de ombros. Não sabia o que dizer.

— Vi você atirando em judeus através da janela.

— Eles fugiam.

— Aprisionar judeus é cumprir ordens do *Führer*, mas maltratá-los ou atirar em alguém desarmado é uma atitude inferior. Não está à estatura da raça ariana. Concordam ou não, senhores? — falou Júlio, querendo engolir os olhos dos outros dois oficiais.

Willi Berger ficou perturbado. Era um dos piores carrascos da SS. Tinha prazer na dor dos outros. Júlio Verne sabia que não podia fazer quase nada para aliviar o drama dos judeus e de outras minorias se não atacasse um ponto de mutação da história. Nesse momento olhou para a janela e viu novamente os judeus subindo no trem. Percebeu que o Projeto Túnel do Tempo falhara. Era uma questão de tempo até ser descoberto.

Já que não podia atacar um ponto de virada da história, como eliminar Hitler ou Himmler, desesperado, resolveu atacar um ponto marginal. Poderia ao menos aliviar a dor de

alguns judeus, como fizera com as crianças que temporariamente havia salvo.

— Mas as ordens... — estava retrucando Willi quando foi interrompido.

— As ordens de Himmler são para aprisionar, e não maltratar. Dê-me as ordens para eliminar as crianças.

— Não as tenho.

— O Anel de Honra da SS é dado apenas aos fiéis, senhor Willi.

Na realidade havia ordens de eliminar todos os judeus, inclusive as crianças, mas elas eram mais orais do que documentais, e o professor de História sabia disso.

— Tomarei providências, senhor Huber, para conter os maus-tratos — disse o carrasco sem nenhum sentimento de culpa.

— Excelente. Darei recomendações expressas a Himmler acerca de sua competência e fidelidade.

O professor saiu do interrogatório aparentemente por cima. Cinquenta metros à frente encontrou um casal que havia pouco fora fichado e estava entre os enfileirados que iam pegar o comboio. Eram o dr. Kurt e Rebeca. Rebeca estava abatida, inconsolável por estar distante de Anne e Moisés. Sem forças, ela tropeçou. Um policial a chutou. Júlio Verne instintivamente empurrou o policial e a levantou.

Willi Berger contemplou de longe o comportamento daquele estranho, Franz Josef Huber. Minutos depois

chegava às mãos de Júlio um bilhete que o convidava, ou melhor, o “intimava” para se hospedar na casa do oficial.

Naquela noite Júlio Verne teve uma mordomia inacreditável. Enquanto morriam de fome mulheres, homens e crianças nos campos de concentração, os líderes alemães tinham carne, ovos, leite, coalhada, tudo em abundância, inclusive vinhos. Ser chefe da SS era enriquecer com facilidade. Subornos, joias, materiais dos judeus que eram expropriados nem sempre entravam nos cofres da SS.

O professor fez amizade com os dois filhos de Willi. Fazia tempo que ambos não riam diante de um personagem tão carismático. Apesar de tudo, o professor era vigiado 24 horas por dia. E percebia isso.

Willi mandou pesquisar com urgência o nome de Franz Josef Huber. O relatório demorou dois dias. Chegou à tardezinha, quando ambos estavam em sua casa. Havia alguns oficiais presentes. Ninguém sabia do que tratava o documento. Willi se retirou e o leu, perplexo.

— O nome é verdadeiro. As condecorações que recebeu são verdadeiras. O numero da SS é verdadeiro. É verdadeiro também que Franz Huber conhece Himmler e participou de encontros de segurança máxima com Himmler. Mas a pessoa é falsa. Franz Josef Huber é chefe da Gestapo em Viena, na Áustria. Nunca esteve em uma missão especial a serviço do escritório central da SS nesta região. Fui enganado por esse miserável. Ou é um inglês espião, um judeu terrorista ou é um alemão subversivo.

Sem demora foi ao encontro do professor, que estava na varanda da casa, conversando com os dois oficiais amigos de Willi. Queria assassiná-lo impiedosamente diante da plateia. Mas seria horrível sujar sua varanda de sangue. Sentiu-se humilhado, mas inegavelmente chegara a admirar a inteligência do impostor que nesses dois dias lhes dera notáveis aulas de história. Apontou sua pistola para o professor, que levou um susto.

Todos pensaram se tratar de uma brincadeira. Mas Willi não era um homem de brincar, ainda mais com uma pistola nas mãos. Logo chegaram os militares do pelotão de fuzilamento que ele havia acionado. Hanz o comandava. Queria mostrar com esse pelotão sua autoridade, fosse diante do miserável impostor, fosse diante dos seus amigos. Como a cúpula da SS, tinha a necessidade neurótica de evidência social.

Ao ver o pelotão, o professor recolheu seu sorriso. Percebeu que a farsa tinha sido descoberta. Mas ficou mais perplexo ainda quando percebeu que entre os policiais que lhe cravariam uma saraivada de balas estava Rodolfo. Se Rodolfo usasse sua arma contra os policiais, seria morto facilmente. Não era um especialista. Era impossível salvar sua pele e ainda mais a de seu exótico amigo.

CAPÍTULO 37

OS BRUTOS TAMBÉM SE EMOCIONAM

O professor foi levado para o imenso jardim da casa. Willi sem demora ordenou que os policiais apontassem seus fuzis. A qualquer momento disparariam. Hanz estava visivelmente perturbado. Aprendera a gostar de Júlio Verne. Mas antes disso, Willi, com o relatório nas mãos, bradou:

— Franz Josef Huber, seu maldito impostor. O senhor conhece pessoalmente Himmler, o poderoso *Reichsführer-SS*?

O professor lembrou-se de sua amada Kate. O sonho estava se acabando, morreria em mais alguns segundos. Passou pela sua mente a imagem de si mesmo correndo prazerosamente atrás de Kate. Viu-se em seu imaginário beijando-a e eternizando seu amor. Ela estava certa: a máquina do tempo colocara um fim na sua história. E agora? Agora deveria tentar manter a farsa, ainda que fosse descoberta. Gerar a dúvida era a melhor forma de continuar respirando.

— Sim, eu conheço Himmler! — afirmou com voz

— Eu tenho um relatório aqui, seu crápula, que o desmente.

Mas antes que Willi lesse algo do relatório mostrando que o professor era um espião hipócrita, este o bombardeou com uma rajada de dúvidas.

— Sou oficial lotado em Viena. Sou chefe da Gestapo. Estou em missão oficial, mas secreta. Cheguei aqui de avião. Ninguém a não ser Himmler, Göring e seus subordinados diretos sabem que estou aqui. Ah, Walter Huppenkothen, comissário criminal da Gestapo, também sabe que estou aqui. Telegrafe para ele.

Willi Berger ficou novamente perturbado. “Como o sujeito saberia de tudo isso?”, indagou para si. Como o viu hesitante, o professor o fisgou com uma voz imponente:

— Vai me dizer que não conhece Walter Huppenkothen, Willi?

O comandante titubeou. Já havia ouvido falar desse nome. Enquanto isso Rodolfo suava. Não se aguentando, tentou proteger seu amigo judeu:

— Eu já ouvi falar de Walter Huppenkothen, senhor. — E abaixou sua arma.

— Mantenha sua posição, policial, se não você também vai ser fuzilado! — disse Willi aos gritos.

Por instantes, o carrasco ficou inseguro de dar ordem para o pelotão de fuzilamento.

Outro oficial, amigo de Willi, afirmou:

— Eu conheço Walter Huppenkothen.

— Conhece? Se o conhece sabe que Walter é o comissário criminal da Gestapo — disse o professor. — E se o conhece,

deve saber que ele ficou famoso porque recebeu ordens de Himmler de investigar a conexão do poderoso Göring com o círculo de resistência durante um atentado a bomba contra o Hitler.

Todos ficaram pasmados com essa informação. Em seguida, Júlio Verne acrescentou:

— Claro, não havia nenhuma evidência de conspiração por parte de Göring. Ah, mas esse assunto é secreto. Oficiais menos graduados não devem saber desses detalhes, isto inclui você, Willi. — E assim se calou.

O oficial amigo de Willi que dissera conhecer Walter Huppenkothen ficou rubro, começou a suar, pois sabia dessas informações e elas eram realmente secretas. E fez sinal com a cabeça para Willi, querendo dizer: “O cara é real. Abaixе as armas, caso contrário você é que será fuzilado”.

Willi Berger mais uma vez se via desarmado diante do tal Franz Huber. Então, espertíssimo que era, decidiu usar a mais incrível máquina da verdade para saber se de fato o professor era um alemão comprometido com a purificação racial ou um espião ou um judeu disfarçado. Mandou imediatamente trazer dois judeus de um camburão. Eles vieram caminhando e quanto mais se aproximavam, mais o professor entrava em pânico. Eram o dr. Kurt e Rebeca, seus amigos. Hanz conduziu o casal até eles sob a mira da sua pistola.

Quando o professor os viu, era tangível seu espanto. Ficou condoído. Sabia o que estava por vir e queria estar em

qualquer lugar do mundo, mas não ali. Arrependeu-se naquele instante de ter entrado na máquina do tempo. Sentiu-se um anti-herói. Olhou para Hanz, o superior imediato de Fritz, o que havia sido assassinado na frente da casa do dr. Kurt, e sua expressão foi de quem queria devorá-lo. Hanz pareceu balbuciar:

— Sinto muito...!

Não fora ele quem denunciara o casal. Foram os olhos espertos de Willi que os fotografaram no primeiro dia, quando vira Rebeca sendo socorrida pelo estranho oficial. Sem demora, o carrasco disse:

— Está vendo esses belos espécimes de judeus? Se você é um oficial da SS, não terá dificuldade de me ver dar ordens para o pelotão fuzilá-los, mas, se for um judeu e quiser poupá-los, estará demonstrando quem realmente é, sua verdadeira identidade. — E virou-se para o pelotão: — Apontar! Um, dois...

Rodolfo estava no meio do pelotão e quase paralisado pelo medo. Algumas vezes movia levemente sua arma para a esquerda, para onde estava Willi. Mas seria suicídio qualquer tentativa de matá-lo. Quando iam fuzilar o casal, subitamente o professor interveio.

— Não precisa contar mais, Willi...! Aponte todos os fuzis para mim! — E deu alguns passos na direção dos três oficiais. E, ousado, disse algo só para eles ouvirem. — Mas antes de me matar, pense um pouco. Eu enganei você. Mas pior do que ser enganado, é ser enganado por um judeu...

Os policiais em formação não ouviram a “piada”, nem o dr. Kurt e sua esposa. Os dois oficiais riram de Willi. Era a maior verdade. O brutal oficial da SS teve vontade de engolir o professor vivo. De ímpeto, apontou sua pistola para estourar-lhes os miolos.

— Calma, homem — disse o professor: — Já pensou se espalhar por toda a SS dessa região e até por toda a Alemanha que Willi Berger hospedou um judeu por dois dias em sua casa? Um judeu que comeu sua comida e bebeu seu vinho. Certamente Himmler o perseguirá como conspirador.

Willi Berger respirou fundo e percebeu que o inteligente judeu tinha razão. O oficial que conhecia Walter Huppenkothen confirmou:

— É, chefe, todos cairemos em desgraça.

— Ninguém está sabendo disso! — Willi protestou, em tom mais baixo para que suas palavras não contaminassem os ouvidos dos policiais do pelotão.

— Não? Lembra-se da foto que tiramos no primeiro dia, eu, você e seus dois amigos?

— Sim... — Willi reconheceu, enraivecido.

— Tenho um informante em Berlin, que está com uma cópia de nossa foto.

Dessa vez foi Willi quem suou frio. As pernas de seus amigos bambearam. O professor, diante disso, prosseguiu:

— Tenho uma proposta. Não mate o dr. Kurt e Rebeca. Nem a mim. Deixe-nos viajar nos comboios de trens até a Polônia.

Willi titubeou.

— E tem uma coisa — acrescentou Júlio.

— O quê? — indagou o carrasco, que jamais pensara que negociaria com um judeu.

— O anel de Honra da SS. É seu, homem. Ele não é falso e me custou uma fortuna.

O oficial da SS queria ansiosamente se apossar dele, mas controlou sua ambição.

— Não negocio...

— ... com judeu? Mas vai negociar. Você é violento, mas não é estúpido.

— Louco! — exclamou Willi diante dos amigos furiosos.

— Eu não tenho nada a perder. Pode me matar. Mas vocês serão mortos por alta traição.

Willi nunca tivera tanta vontade de sacar sua pistola e puxar o gatilho. Mas, sem sombra de dúvida, um escândalo dessa magnitude o levaria a cair em desgraça. Por muito menos antinazistas sucumbiram na política de terror do Terceiro Reich. Ninguém estava seguro.

— Aceito.

— Aceita? Mas tem outra exigência. Quero dialogar com o pelotão.

— O quê? O que dirá?

— Você vai ouvir.

Ele ficou entre o casal de judeus e o pelotão de fuzilamento. As armas, agora, estavam apontadas para ele. Com uma incrível intrepidez, o professor falou àqueles

jovens cujas mentes tinham sido adestradas pela propaganda de massa de Hitler, Goebbels e Himmler. O dr. Kurt e Rebeca ficaram preocupadíssimos com a atitude de Júlio Verne. Parecia que já havia salvado sua pele. Ele queria provar mais o quê?

— Qual é o instrumento básico do intelecto humano? Respondam!

Willi deu ordens para eles responderem.

Ninguém sabia, exceto o excêntrico Rodolfo, que, depois do silêncio, respondeu:

— O pensamento!

— O pensamento! Parabéns, ariano! E como construímos pensamentos?

Ninguém soube responder.

O professor disse:

— Vocês conhecem os pensadores alemães, como Heidegger, Hegel, Nietzsche, Kant?

Eles não conheciam.

— Todos os grandes pensadores, alemães ou não, usaram o pensamento pronto para produzir ciências políticas e filosofia, mas não se estudou, pelo menos sistematicamente, a natureza e o processo de construção de pensamentos. Através dos pensamentos amamos e odiamos, aplaudimos e vaiamos.

Willi e seus amigos oficiais ficaram atônitos com a cultura do judeu, mas não sabiam onde ele queria chegar. O

professor de História e mestre em psicologia parecia estar em sala de aula e continuou:

— Antes de disparar o gatilho do rifle, primeiro dispara-se o gatilho do pensamento.

Aqueles militares nunca tinham pensado sobre o pensamento. Eram meninos com armas nas mãos, disparando em primeiro lugar o preconceito e depois as balas... Eram mentes adestradas por Hitler. O professor estava querendo desarmá-los de dentro para fora. Como amordaçara Willi, queria fazer uma experiência única com os jovens nazistas. Uma experiência jamais tentada, mas que todo pesquisador de psiquiatria, psicologia e sociologia gostaria de fazer. Será que os alemães eram agentes do mal?

— Qual é mais poderoso? O pensamento ou as armas? — indagou o professor.

Willi estava espumando de raiva, mas um dos seus amigos apreciava o debate.

— Os pensamentos! São eles que fazem as armas — respondeu Hanz.

— Parabéns, ariano. Para construir os pensamentos, você entra em milésimos de segundo na sua memória e sem usar um mapa encontra os elementos, como pronomes, verbos, substantivos, que os constituem. Essa incrível façanha só os arianos fazem? Esse casal de judeus não a fazem também?

— Sim, claro — disse Rodolfo.

Os outros policiais não responderam.

— Eles estão longe de seus filhos. A saudade e a solidão que eles sofrem não são patrocinadas pela mesma construção de pensamentos que a dos pais de vocês? O medo da perda dos filhos deles não é tão sofisticado como o que os seus pais sentiram quando vocês saíram de casa? Eu sou judeu! Mas não penso como judeu, não sinto como judeu, não amo como judeu, mas penso, amo e sinto como ser humano...

Nesse momento, Júlio Verne olhou bem nos olhos daqueles garotos nazistas e parafraseou Jesus de Nazaré:

— “Quem nunca cometeu erros, atire a primeira pedra...”

— Como professor de História, conhecia e admirava muitíssimo os textos do Mestre dos mestres. — Após ouvir-me, rogo-lhes, sejam honestos em seus pensamentos! Quem não me vê como ser humano atire a primeira bala...

De repente, um por um, começaram a abaixar suas armas. Foi uma imagem de rara beleza filosófica. O dr. Kurt e Rebeca derramaram lágrimas. Os jovens alemães que haviam fechado o circuito da memória pela propaganda de massa nazista eram seres humanos por detrás da couraça. Eram ávidos para amar, dialogar, superar a solidão, correr atrás dos seus sonhos. O professor Júlio Verne constatara uma tese que um dia lera e que o orientava: *“Todo ser humano é um cofre. Não existem mentes impenetráveis, mas chaves erradas”*.^[152]

O dr. Kurt pensou consigo que toda guerra era uma fábrica de monstros. Não havia ganhadores, apenas menos

perdedores. Tanto carrascos como vítimas adoeciam.

Willi permanecia insensível. Subitamente pegou sua pistola e impetuosamente atirou no peito de Hanz. O professor curvou-se sobre o corpo do alemão e tentou ajudá-lo. Hanz teve a sensibilidade e a coragem de dizer.

— Eu sou cristão. Fui convocado para amar meus inimigos, ainda mais pessoas inocentes. Obrigado por ter me tirado desse inferno...

E assim fechou seus olhos.

— Desculpe-me — falou o professor.

— Bom, já matei um admirador de judeus, agora estou louco para estrangulá-lo — disse Willi para Júlio. — Vou ceder, mas você e seus amigos serão transportados para Auschwitz como animais...

E pegou o anel do professor. Era seu trunfo. Desse modo foi selado um pacto entre um judeu e um carrasco. Mas esse pacto teve seu preço. Willi não matou, mas espancou, socou e chutou Júlio Verne na frente de seus amigos.

O professor tremulava de dor. Tinha duas costelas trincadas. Mal conseguia respirar. Depois desse episódio, ele e o casal de amigos judeus foram conduzidos para os comboios de trens. O professor, debilitado pelo espancamento, não conseguiu subir no vagão. Rodolfo, sempre disfarçado de nazista, o ajudou, juntamente com o dr. Kurt.

Voltando a face para Rodolfo, Júlio agradeceu por tê-lo ajudado.

— Eu também vou nesse trem — afirmou Rodolfo resolutivo.

— Não! Você é mais útil vivo do que morto. Ajude as crianças.

E lhe falou o endereço onde estavam os filhos do dr. Kurt e de Rebeca. E assim se despediram, com lágrimas nos olhos.

CAPÍTULO 38

UM DIA COMO ANIMAL

A grande maioria dos que entraram nos comboios de trens caiu numa armadilha. Ninguém sabia exatamente para onde iam nem o que os aguardava. Alguns acreditavam que seriam recebidos no Leste europeu e teriam dignidade, trabalhariam, teriam sua família, suas camas e casas de volta. Ledo engano. Logo tiveram péssimo presságio.

Não havia bancos, nem sequer espaço para sentarem-se. Tinham de ficar em pé devido à superlotação de pessoas. Os vagões foram trancados pelo lado de fora. À noite se ouviam as rodas de ferro atritando-se nos trilhos. Outrora um som agradável, os “gritos” metálicos sufocavam vozes e tornavam-se fantasmagóricos. Dominados pela desesperança e pelo medo, ninguém falava ou fazia qualquer gesto. Alguns choravam de medo.

As janelas tinham sido tapadas com tábuas, restavam apenas algumas frestas para entrar ar e luz. Sentiam sede e quase não conseguiam respirar. No vagão onde se encontrava Júlio Verne penduraram num canto um cobertor, atrás do qual as pessoas faziam suas necessidades. Não

demorou muito para o cheiro tornar-se insuportável. Muitos adormeceram de cansaço, mesmo em pé.

Eram longas 32 horas até Auschwitz, se tudo corresse bem. Não havia água, pão, apenas uma massa de humanos. O mau cheiro das feridas contaminadas, a falta de higiene dos capturados em lugares inóspitos, os gemidos dos mutilados tornavam o próprio comboio um campo de concentração. Alguns idosos e feridos não suportavam a longa viagem e desfaleciam.

Os livros de história têm uma dívida impagável com a realidade crua experimentada pelos atores que respiraram os fatos. O professor Júlio Verne sabia disso. Ensinara história e procurava teatralizá-la para diminuir essa dívida, para procurar fazer com que seus alunos entrassem um pouco nela, mas agora, ao vivê-la, estava perplexo.

Cria em Deus, mas, diferentemente de Kate, sua esposa, não era um homem religioso, raramente fazia orações. Agora, mexia os lábios continuamente em sacrifício ao Autor da Existência. Mas ao olhar nos olhos abatidos das pessoas ao seu redor, alguns eram médicos, comerciantes, advogados, mães, pais, crianças, enfim, gente inocente, sua fé se perturbava muitíssimo. Dizia para si.

— Por que meu Deus? Por que tanta violência?

No final da viagem começou a entrar no terreno do ateísmo, como não poucos dos que passaram por tais atrocidades. Indagava-se, num tom baixo:

— Onde está Deus? Deus não pode existir! Se existisse, não admitiria esta violência!

Um senhor idoso, de uns 70 anos, brilhante médico e que estava quase desfalecendo, ouviu suas palavras e o abalou com o que lhe disse:

— Se Deus não existir meu filho, os sociopatas que feriram a humanidade venceram.

— Por quê? — indagou Júlio Verne com lábios secos, destituído de fé.

— Para quem sofre grandes injustiças e dores insuportáveis, crer em Deus... torna-se o fenômeno mais lógico da mente humana, meu filho.

— Como assim? — indagou o professor, perplexo diante do homem quase desfalecido.

E, abalando um dos mais notáveis intelectuais do século XXI, o misterioso médico completou:

— Se Deus não existir, ninguém cobrará a crueldade dos sociopatas nem aliviará a dor dos feridos... Mas, se Ele existir, a alma é real e imortal, e a vida, por mais curta ou longa, tornar-se-á um pequeno texto... e a morte, por mais violenta que seja, se converterá apenas numa vírgula.

— Uma vírgula?

— Sim! Pois o texto continuará a ser escrito na eternidade... Cedo ou tarde a justiça poderá ser feita. Hitler e seus asseclas serão punidos.

Ao dizer essas palavras, o idoso homem expirou. E parecia sorrir ao se despedir da vida. O professor,

completamente atônito, tentou segurá-lo com suas mãos, mas não tinha forças. Algumas pessoas ajeitaram o corpo num canto do vagão.

Nada alimentou tanto a fé de Júlio Verne do que as palavras daquele homem. E ele as guardou como pérolas em seu espírito. Parecia um anjo que o retirara do inferno emocional. Mais uma vez o colecionador de lágrimas tornou-se um colecionador de esperanças. Faltavam duas horas para chegar a Auschwitz, mas não foram as horas mais tristes. Tais palavras mexeram com o imaginário de Júlio Verne, que começou mais uma vez a sonhar com Kate. Pensou no filho que ela gestava e fazia-lhe juras de amor. Talvez estivesse delirando, mas nada lhe foi tão agradável.

Diferentemente dos demais judeus, o professor sabia que a verdade era implacável. Quando chegou a Auschwitz, estava quase sem forças. Foram aconselhados pelos que usavam roupas listradas a se manterem despertos, com a pele viva, corada. Pediram que beliscassem o rosto.

Se demonstrasse fraqueza, os médicos fariam um sinal e ele imediatamente seria assassinado. Em Auschwitz, as câmaras de gás eram produzidas não pelo gás carbônico, mas por um gás mortal emanado de um pesticida chamado de Zyklon B,^[153] que asfixiava os pulmões. Quando o professor chegou ao campo, elas ainda não haviam sido instaladas. Semanas depois ficariam prontas. Se mostrasse disposição, conseguiria se livrar de uma bala de fuzil e

poderia se tornar um escravo nas fábricas químicas do campo.^[154]

Depois de separados em grupos, os prisioneiros passaram em fila dupla por um dos médicos mais famosos da história do nazismo: Josef Mengele, o carrasco de Auschwitz. Mengele fazia experiências cirúrgicas com judeus sem anestesia. Não se importava com a dor dos outros. Fazia ainda experiências atrozes com gêmeos. Não se importava com os filhos da humanidade. Jogara no lixo o juramento de Hipócrates.

Mengele observava a postura e a cor da pele dos judeus que passavam por ele em longas filas e nada dizia, apenas virava o dedo polegar para a esquerda ou para a direita. Determinava desse modo quem iria morrer e viver.

Ao se aproximar do carrasco da medicina, o professor ficou abaladíssimo ao reconhecê-lo. Seus lábios começaram a tremer de medo e de ódio. Medo de não passar no grosseiro teste e ódio porque aquela seria uma oportunidade de avançar em Mengele e tentar feri-lo ou quem sabe eliminá-lo. Mas estava debilitado, sem forças. E o pior era que sua atitude poderia trazer graves consequências. Se Mengele fosse ferido ou quem sabe morto, a SS poderia impor uma brutal vingança: talvez nenhum judeu sobrevivesse naquele dia ou nos dias posteriores.

Ao passar por Mengele, diminuiu a marcha e fitou-o bem nos olhos, querendo comê-lo vivo. Mengele o poupou, mas como Júlio o havia encarado, sofreu uma coronhada que o

atirou longe. Quase desmaiou e foi morto. Felizmente suportou a dor.

Os que sobreviviam recebiam um surrado jaleco listrado. O ritual no campo era medonho. Bem cedo iam para os trabalhos forçados nas fábricas de Auschwitz III; à tarde, quase esgotados, retornavam para seus péssimos alojamentos. Os que tropeçavam durante o trajeto ou no trabalho e não conseguiam se levantar rapidamente eram mortos no ato. Ao sair e ao entrar no alojamento, eram conferidos um a um.

Era proibido conversar uns com os outros enquanto trabalhavam ou caminhavam enfileirados, sob pena de serem mortos sumariamente. A rara oportunidade de conversar era com seus companheiros de cama. Mas mesmo lá havia um carrasco, um *Kapo*, proibindo qualquer relacionamento ou motim.

Os *Kapos* eram frequentemente criminosos recrutados pelos nazistas para manterem a ordem nos imensos barracões[*]. Quando se dá poder a um líder sobre a vida e a morte dos liderados, um poder divino, ele se mostra frequentemente o pior tipo de deus possível. Os *Kapos* eram implacáveis com os miseráveis dos campos de concentração.

O professor refletia sobre o destino que todos teriam no campo. Não havia chance de escapar. Não adiantava usar qualquer habilidade intelectual no campo. Os nazistas eram surdos, só sabiam cumprir ordens. Era início de junho de 1942, o campo foi extinto em 1945, quando a Alemanha

perdeu a guerra. O professor desconhecia registros de alguém que tivesse entrado em 1942 e escapado com vida. Os escravos duravam apenas alguns meses, devido aos maus tratos e à ração insuficiente, cerca de 500 a 700 calorias por dia^[155], sendo que a necessidade diária para um adulto que executava trabalhos pesados era de mais ou menos 3600 calorias.^[156]

Nos prisioneiros, por viverem em altíssima situação de risco de vida, aflorava o instinto de sobrevivência, o que contraía os níveis de solidariedade entre os “confinados”. Ninguém prestava muita atenção na dor do outro, cada um lutava por seu pedaço de pão. Isso era o que diziam os livros de história, mas o professor se surpreenderia. Afetividade também nasce no caos.

Os primeiros dias em Auschwitz pareciam levar os escravos à loucura. Os prisioneiros eram empilhados em suas camas como se fossem objetos. Como era possível acomodar em cada uma das três camas do traliche nove pessoas, deitadas uma ao lado da outra? Insônia, dores musculares, ansiedade, angústia eram a pauta de cada noite.

Se de noite era um martírio, de dia era um inferno. Nesses currais humanos não havia livros para ler, rádios para ouvir, ruas para caminhar, flores para contemplar, brisa para sentir. Uma rotina massacrante asfixiava a mente daqueles homens. Nenhuma atividade intelectual e emocional a não ser pensar, pensar, pensar... e esperar o pior. A tortura mental era tanto ou maior que a física. Os

nazistas eram os inimigos externos e os pensamentos mórbidos, os internos.

O dr. Kurt dormia no primeiro lance da triliche, ao lado de Júlio Verne. Querendo escapar do ambiente inumano de Auschwitz, o advogado indagou para o professor:

— Conte-me essa história sobre a viagem no tempo. Como é seu mundo?

Os que os ouviram pensaram que os dois eram loucos. O professor estava desanimado, mas também precisava fugir um pouco da realidade. Sentou-se na cama e com a voz baixa para o *Kapo* não ouvir começou a contar a sua história. Ficou mais de uma hora narrando, parecia viajar em seu imaginário. Tudo o que o professor dizia era tão absurdo para os ouvintes famintos e angustiados prisioneiros que os distraiu.

Falou do sentimento de indignação das forças armadas da Alemanha do século XXI por terem os militares desse tempo, o tempo do nazismo, confiado o destino da Alemanha às mãos de um homem grotesco, falastrão, inculto e sociopata, Hitler. Todos os judeus se deliciavam ao ouvir o professor. Um tanto sem jeito, ele também discorreu sobre a máquina do tempo.

— Máquina do tempo? — repetiu Josué, um médico clínico geral saturado de ódio e com todas as razões para odiar. — E qual a sua missão ao viajar no tempo?

O professor parou, pensou... Sabia que não era recomendável revelá-la. Mas já havia contado para o dr.

Kurt, portanto, não dava para esconder.

— Eliminar Hitler... — comentou timidamente.

Mais risadas...

— Um judeu herói? Um judeu com sua força e com sua inteligência foi enviado para eliminar Hitler...? Era só o que faltava. Estamos perdidos — expressou Herbert, um advogado perspicaz e inteligente como o dr. Kurt. Ao ouvir a tese do professor, não sabia se ria ou se chorava.

O circo sempre é necessário, mesmo quando não há motivos externos para sorrir. A história e a missão de Júlio Verne tornavam-se uma piada até diante de seus olhos. Nada era mais bizarro do que suas palavras, mas pelo menos elas aliviavam um pouco aqueles miseráveis e anestesiavam temporariamente sua dor, inclusive a física. Não podia tossir que sentia dores terríveis no tórax. Desse modo, começou todas as noites a ser o centro das atenções dos moribundos ao redor do seu tépido leito. Todavia, procurava calibrar sem tom de voz, falar sem alarde. Poderiam ser mortos por conspiração.

— No meu tempo há celulares, computadores pessoais, internet.

E explicava como funcionavam esses aparelhos.

Uma semana depois, os baixos níveis de carboidratos e de proteínas começaram a turvar a consciência de muitos, o que os fazia, pelo menos alguns deles, crer que o pobre professor era de fato um enviado de outro mundo, embora, ao que

tudo indicava, tivessem escolhido o homem errado. Era um agente vergonhosamente frágil.

De repente, Samuel, que fora um rico comerciante, desconfiado de que Júlio Verne era um maluco que contaminava os demais companheiros com ideias tolas, o colocou contra a parede. Fez uma pergunta fatal:

— Já que você é do futuro, diga-nos: quem ganhará a guerra?

— Os aliados.

— O que acontecerá com Hitler, Göring, Himmler, enfim, com os principais homens do nazismo? — questionou novamente Samuel.

O professor pensou prolongadamente na resposta. As notícias poderiam agradar, mas a data em que morreriam os principais nazistas decepcionaria muitíssimo os prisioneiros que não sabiam se viveriam mais um dia. Olhou profundamente nos olhos fundos dos seus colegas de cárcere e primeiro falou sobre Hitler.

— Hitler se suicidará...

A plateia de judeus esqueléticos e magérrimos sorriu, ainda que a notícia parecesse fantasiosa. Antes que perguntassem qualquer coisa, Júlio Verne comentou alguns fatos históricos que cercaram esse suicídio.

— Em seus últimos momentos, o carrasco, antes de morrer, disse ao seu brilhante arquiteto e amigo Albert Speer: “Resolvi permanecer aqui... Não lutarei. Não desejo que meus inimigos desonrem meu corpo. Ordenarei minha

cremação. Eva Braun deseja partir comigo, e antes atirarei em Blondi...”^[157]

Hitler queria poupar sua cadela de estimação de sofrer, mas não se importava que milhões de seres humanos sofressem nos campos de concentração. Que paradoxo! Até na hora da morte Hitler era marcadamente egoísta. O professor fez uma pausa, olhou para o teto e recordou a imagem das crianças mutiladas pelo nazismo. Foram mais de um milhão. Em seguida disse as palavras finais do *Führer* a Speer:

— “Acredite, Speer... um breve momento e estarei livre de tudo, liberto desta dolorosa existência...”^[158]

Ao ouvir essas palavras, os combalidos judeus de Auschwitz rangeram os dentes diante da insanidade do homem que levava o mundo ao caos e os judeus ao matadouro. Muitos perderam toda sua família: pais, filhos, irmãos, irmãs, primos, amigos. Alguns presenciaram a morte deles por fuzilamento.

— O homem que mais imprimia dor na humanidade considerou sua vida uma “dolorosa existência”? Hipócrita! — concluiu Herbert rapidamente.

— Nós é que vivemos a dolorosa existência — expressou o médico Josué, que vira toda sua família sendo dizimada.

— Hitler tem uma mente doente... — comentou o professor, mas essa expressão causou a ira de alguns companheiros.

— Doente? Doentes estamos nós... Ele é a encarnação do mal — disse Samuel.

— Ele é um verme — falou categoricamente Herbert.

— Ele é o maior carrasco da humanidade — afirmou Josué.

De repente, o dr. Kurt fez a pergunta que não queria calar, uma pergunta que Júlio Verne não podia responder.

— Quantas pessoas morrerão em Auschwitz? Sairemos vivos deste inferno?

O professor engoliu saliva, teve um acesso de tosse e intensas dores no peito. Por instantes quase não conseguiu respirar. O ar comprimia seus pulmões, mas ele hesitava em articular a voz e responder. Todavia, não podia deixar a pergunta sem uma resposta, ainda que incompleta.

— Auschwitz é um território polonês anexado pelos alemães em 1939. Na primavera de 1940 foi criado o campo de concentração onde antes funcionava um antigo quartel.^[159] A partir daí tornou-se uma instituição estatal administrada pela SS. Em 14 de junho de 1940, as autoridades alemãs destinaram a Auschwitz o primeiro transporte de presos poloneses, a maioria políticos. Depois dos judeus, os poloneses representaram o maior número de vítimas desse campo.^[160]

— Quantos judeus vão ser deportados para cá? — perguntou o exaltado Herbert.

Até poucos dias antes, um *Kapo* que cuidava da disciplina do alojamento vinha ouvindo as histórias do professor e até

se sentira cativado por suas palavras. Aquele homem rude fora aos poucos se mostrando menos agressivo e passara a ser mais complacente com os judeus, pelo menos com o grupo que envolvia o misterioso Júlio Verne. Mas aquele *Kapo* adoeceu e fora substituído por outro. Não tardou para que esse novo funcionário considerasse como um grupo de rebeldes os que conversavam em surdina no alojamento. Nessa noite, ao perceber os ânimos exaltados em torno do professor e pensando tratar-se de uma conspiração, aproximou-se dele e o espancou. Fez-se um profundo silêncio, e todos se encolheram nas camas. Júlio Verne estava dolorido, mas fora poupado de responder.

Entretanto, a rotina era tão angustiante que eles não se esqueceram da pergunta. Na noite seguinte, sedento por resposta, foi a vez de Josué indagar ao professor, mas dessa vez o fez num tom mais baixo, embora não menos tenso.

— Diga-nos, quantos judeus virão para este inferno?

Após um suspiro profundo, o professor disse-lhe:

— A partir de 1941, os nazistas deportaram cidadãos de outros países. Durante seu funcionamento, os alemães enviaram para este campo cerca de um milhão de judeus, quase cento e cinquenta mil poloneses, vinte e três mil ciganos, quinze mil prisioneiros de guerra soviéticos e vinte e cinco mil pessoas de outras nacionalidades.^[161]

— O quê? Tudo isso? — disse perplexo Manasses, um rabino atuante em muitas sinagogas alemãs, que de tão

magro e desnutrido que estava deu crédito aos números do professor.

— Infelizmente.

Não precisou muito para eles fazerem as contas da quantidade de pessoas que morreriam.

— Onde está Eloin?^[162] Que silêncio é esse? — exclamou Herbert indignado, clamando um dos nomes do Deus de Israel.

— Deus foi uma utopia dos nossos antepassados? — comentou abatido Esaú, um judeu que praticamente se tornara ateu depois de assistir às atrocidades contra seu povo. Em seguida, projetou sua raiva em Júlio Verne. — Hitler escapou de muitos atentados, parece um messias do mal, e você é um louco enganando outros tolos.

Observando que muitos dos seus companheiros estavam perdendo a fé, adentrando num círculo ateuista como o de Esaú, Júlio lhes repetiu as palavras que o intrigante homem idoso lhe dissera no final da viagem para Auschwitz, momentos antes de fechar seus olhos para a vida.

— *Se Deus não existir, ninguém cobrará crueldade dos sociopatas nem aliviará a dor dos que eles feriram... Mas, se Ele existir, a justiça poderá ser feita, pois nesse caso, a vida tornar-se-á um pequeno texto e a morte, por mais violenta que seja, se converterá apenas numa vírgula, pois o texto continuará a ser escrito na eternidade...*

Manasses comentou:

— Sábias palavras. Uma mensagem viva do Altíssimo. — Em seguida recitou o salmo do Rei Davi: — “O Senhor é meu pastor... Deitar-me faz em verdes pastos... Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo...”^[163]

De repente, um judeu que ninguém conhecia e que se achava um pouco distante, mas que ouvia tudo calado desde o primeiro dia, abriu a boca como um mestre:

— A vida no palco desta terra, por mais curta ou longa que seja, é apenas uma brevíssima peça que perante a eternidade não passa de breves segundos. Se perdermos a nossa fé, os fortes de fato prevalecerão e os frágeis existirão apenas para servi-los.

Depois dessas palavras ninguém disse mais nada. Foram dormir. Naquela noite não ouviram os gemidos dos companheiros do alojamento, nem se incomodaram com os piolhos que os infestavam, nem muito menos com a fome e com o odor fétido do ambiente. Tiveram uma rara noite de descanso.

Reconfortado pela noite anterior, o dr. Kurt, por tudo o que ouvira, tinha quase certeza de que aquele misterioso homem era mesmo um viajante do tempo. Animado com a notícia de que Hitler não sobreviveria, pediu:

— Conte-nos mais sobre o destino final do crápula da Alemanha!

O professor o fez.

— Mais perto da meia-noite, a ex-amante e agora companheira, Eva Braun, enviou uma mensagem da SS para convidar o arquiteto Speer, que ao longo dos anos fora quase um confidente de Hitler, para tomar um drinque com ele. Hitler lhe disse: “Que tal um champanhe como despedida?”. E enquanto beliscavam um bolo e alguns doces conversaram a respeito de Goebbels, Bormann e os russos.

— Sua tese não se sustenta. Se Hitler já era um derrotado, por que não fugiu? Tinha dezenas de aviões ao seu dispor — questionou Esaú.

— Hitler não é um gigante. É um homem depressivo, pessimista, extremista, impulsivo e hiperfalante. Tem necessidade neurótica de poder e de evidência social. Quando contrariado, se desfigura. Não é um herói. Ia bater em retirada, mas Goebbels, o fanático e altamente eficiente propagandista do nazismo, que durante anos passou a imagem de Hitler como o alemão dos alemães, o messias de um novo tempo, convenceu Hitler a ficar em Berlim. E, se fosse necessário, deveria morrer em Berlim, pois, segundo ele, o *Führer* tinha de cumprir seu papel histórico e não fugir como um frágil homem.

Goebbels foi quem introduziu nos meios de comunicação de massa a ideia de que uma mentira contada cem vezes torna-se uma verdade. De fato, o registro constante de uma ideia ou tese na memória, se não for filtrada constantemente por um pensamento crítico, forma uma plataforma de dados na MUC (Memória de Uso Contínuo) que sequestra o Eu e o

leva a perder a sua autonomia ou capacidade de ter opinião própria. Esse vírus contaminou não apenas a sociedade alemã, mas o próprio Goebbels.

O gênio do marketing caiu na própria armadilha. Embora conhecesse as fragilidades de Adolf Hitler, seu biótipo não ariano, sua cultura tosca e rude, falou tanto da grandeza do *Führer* e do seu papel messiânico no teatro das nações que suas falsas teses tornaram-se ao longo de mais de dez anos verdades inquestionáveis para ele. E, mesmo sabendo que a Alemanha estava completamente derrotada, ainda vendia a ideia para o sugestionável Hitler de que ele tinha um papel reservado na História.^[164] Depois dessa exposição, o professor comentou:

— Goebbels disse que o *Führer* não deveria fugir. Morrer em Berlim era um privilégio, o que culminou com o seu suicídio. Goebbels e sua esposa também se suicidaram. E, infelizmente, levaram as suas inocentes crianças também à morte. Nunca o marketing foi tão poderoso, nunca o marketing chegou às raias da loucura como naquele momento...

CAPÍTULO 39

O ENCONTRO COM VIKTOR FRANKL

Na noite em que o professor discorreu sobre o fim de Hitler, o *Kapo* tirou do alojamento três pessoas que gemiam de dor. Nunca mais voltaram. Quanto ao grupo de Júlio Verne, o que todos tiveram medo de perguntar era quando o *Führer* da Alemanha morreria. Que dia? Que mês? Que ano? Ninguém ousou indagar isso, bastava sentir as fagulhas da esperança daquela noite.

No dia seguinte, como sempre, o trabalho foi pesado. As refeições insuficientes os faziam perder massa muscular. Não tinham forças para carregar peso, mas tinham de transportar produtos químicos e colocá-los nas caldeiras. Sob os gritos e cassetetes dos policiais da SS, eram obrigados a obedecer. Os que não conseguiam eram eliminados. Era uma violência inimaginável.

À tarde voltaram para o alojamento. Josué, muito debilitado, não estava suportando andar. Júlio Verne, ao seu lado, sabia que ele poderia morrer. Encorajava-o. Em voz baixa, disse:

- Vamos, Josué, o alojamento está perto.
- Não vou conseguir...

Passado algum tempo, percebendo que ele estava se entregando, Júlio insistiu.

— Vamos, só faltam cinquenta metros. — E vendo que ele ia cair, o segurou.

Um policial deu-lhe um soco e o atirou ao chão. Ia matar os dois. O professor, bom de argumento que era, disse-lhe:

— Como pode matar dois dos melhores escravos do *Führer*? Somos especialistas em produtos químicos. Estamos esgotados porque trabalhamos mais do que esses cadáveres que estão de pé! Confirme com os policiais que nos controlam.

O policial pensou por alguns momentos e depois recuou. Recolheu sua arma e mandou que entrassem na fila novamente. Ambos se levantaram com dificuldade e com sacrifício chegaram ao alojamento. Naquela noite o professor não estava animado para dar mais uma aula de história, mas o sempre dócil Manasses indagou:

— Quando acontecerão esses fatos? Quando Hitler vai morrer?

Era a pergunta que o professor não queria responder para aqueles cadáveres ambulantes. Inseguro, comentou:

— 30 de abril.^[165]

— 30 de abril? Estamos no final de junho. Um dia parece uma eternidade neste ambiente fétido. Morreremos todos — disse com toda razão o dr. Herbert. — Mas em que...

Herbert ia perguntar qual era o ano. Júlio Verne o cortou. Queria retardar a triste notícia. Continuou o relato daqueles

últimos momentos.

— Espere, Herbert... Espere... Nos derradeiros momentos, Hitler se despediu dos amigos e assessores mais próximos. Do lado de fora estava a velha guarda: Bormann, Goebbels, Artur Auxmann, fundador da Juventude Hitlerista, o embaixador Hewel. Horas depois, após a cerimônia de casamento em que juraram ser arianos puros, Eva Hitler rompeu e engoliu uma cápsula de cianureto. Hitler, após usar a pistola Walter 7.65 mm contra ela, atirou também em si, logo depois de ingerir uma cápsula igual.^[166]

A plateia de prisioneiros ouvia os fatos atentamente. Quando alguém de novo ia fazer a pergunta fatal, “em que ano?”, o professor continuou sua fala:

— Hitler dará as ordens para queimar seu corpo. Göring será preso no final da guerra e, como muitos outros, será sentenciado à morte. Himmler morrerá dia 23 de maio...

O dr. Kurt não se aguentou:

— Pare, professor. Em que ano? Em que ano tudo isso acontecerá?

O colecionador de lágrimas verteu água dos olhos.

— 1945.

Aqueles homens cadavéricos, moribundos, miseráveis, que quase não tinham mais líquido no saco lacrimal por estarem desidratados, choraram copiosamente.

— Não, não é possível. Somente daqui a três anos? — disse o dr. Kurt.

— Você é um louco. Todos os dias sonhamos que os aliados vencem a guerra e você fala em 1945 — comentou David.

— Quem suportará três anos neste inferno? — indagou Herbert.

Ninguém suportaria, ninguém sobreviveria, a não ser que eles rompessem o cárcere da história, mudassem um de seus capítulos, através da intervenção do estranho agente chamado de Júlio Verne.

— Não sobrará um judeu na Europa — disse Manasses, dessa vez desesperançado.

— Não, Manasses. Haverá. Muitos morrerão, mas não poucos sobreviverão — disse Júlio, embora soubesse que o objetivo de Adolf Hitler era o genocídio.

— A morte pode ser um prêmio para quem vive nesta masmorra, mas a vida é um prêmio para quem tem uma mente livre — disse com uma voz delicada alguém que ouvira em silêncio tudo o que o professor dizia havia noites. Era o mesmo personagem desconhecido do grupo que dias atrás falara: *“A vida no palco desta terra, por mais curta ou longa que seja, é apenas uma brevíssima peça que perante a eternidade não passa de breves segundos”*.

Com a face emagrecida como os demais, cabelos quebradiços pela falta de nutrientes, o debilitado homem era diferente. *Parecia ver orvalho no deserto, brisa no calabouço, esperança nos vales do desespero*. Era um vendedor de esperança para uma plateia desanimada.

— É o sonhador da semana passada — disse, irritado, Josué.

— Não temos opção: ou acreditamos na vida ou já estamos mortos antes de morrer.

— Utopia homem, ninguém vive de utopia — disse agressivamente Herbert. — Se Júlio Verne não é um maluco chafurdando na lama dos seus delírios, estamos completamente abandonados.

— Não, não estamos. O Autor da Existência chora as nossas lágrimas, abate-se em nossas fadigas, tremula em nossa dor, nos convida a erguermos os olhos e olhar a seara verdejante num campo de pedras.

— Mais um louco — afirmou David.

— Qual seu nome? — perguntou Júlio Verne, curioso, como se no futuro, no tempo em que nasceria, já houvesse saboreado ideias semelhantes a essas.

— Eu? *Eu sou um simples médico que quando não enxergo esperança ao meu redor, a construo dentro de mim...* — Não é possível!

Não me diga que você é... Viktor Emil Frankl?

— Sou eu — afirmou Viktor Frankl, admirado por ter sido reconhecido, mesmo tendo consciência de que antes de ser preso, humilhado e vilipendiado pelos nazistas, já era doutor em medicina e um respeitado neurologista e psiquiatra.

Júlio Verne ficou chocado. Começou a fazer viagens mentais. Lembrou-se da mensagem que misteriosamente recebera de “Viktor Frankl”: uma no futuro, que

misteriosamente aparecera no laboratório do Projeto Túnel do Tempo, e outra no passado, na casa de Kurt. Começou a suar frio. Elas o encorajavam a ser fiel a sua consciência e a buscar com todas as forças um sentido para sua vida.

Sabia que Viktor Frankl era um personagem real da história e não invenção da sua mente. Sabia que fora preso num campo de concentração e que fora uma das raras pessoas a sair com vida. O dr. Frankl parecia “delirar” em imaginário enquanto estava no campo de concentração. Ele via o que as imagens não revelavam, era capaz de enxergar flores num ambiente onde só havia arame farpado, cercas elétricas e violência.

A busca de um sentido maior para sua vida, mesmo quando ela valia menos que a de um animal, nutria sua esperança e revigorara suas forças para suportar o caos e sobreviver a ele. Depois que saiu do inferno nazista, o dr. Frankl se tornou nas décadas seguintes um dos mais brilhantes psiquiatras do século XX. Todavia, Júlio Verne jamais imaginara que o encontraria em Auschwitz. Por momentos, ao receber as mensagens, assinadas por ele, pensara que elas eram uma construção realizada por sua própria mente durante seus pesadelos com a Segunda Guerra.

Júlio Verne esfregou as mãos no rosto. Estava ansioso para perguntar se Frankl lhe escrevera as mensagens. “Mas ele vai me achar insano...” Porém, não suportou a curiosidade.

— Viktor Frankl, parece loucura perguntar, mas você enviou duas mensagens para mim?

— Eu? Desculpe-me, mas não o conheço.

O professor ficou abalado com a resposta negativa. Mais uma vez a sua própria mente o traía. Todos torceram o nariz para o professor.

— Mas era assinado por você. Poderia, por favor, fazer sua assinatura, ainda que no ar?

Viktor a desenhou.

Júlio Verne ficou chocado. Tinha contornos semelhantes... Mas não podia dizer que recebera as mensagens, uma em 1941 e outra um século depois. Nem podia afirmar que eram do psiquiatra vienense. Seus amigos estavam começando a lhe dar algum crédito. Se dissesse que recebera tais mensagens, o considerariam um louco irremediável. Era melhor ficar calado.

Dr. Frankl ficara impactado com a inteligência de Júlio Verne. E, observando que seus amigos estavam colocando suas informações em xeque, disse:

— Talvez ainda as vá escrever para você, meu bom amigo.

E procuraram repousar. No dia seguinte, continuariam sua jornada nas fábricas alemãs. Se quisessem viver mais um dia, tinham de trabalhar, seja feridos, doentes ou debilitados. A nação estava em guerra e precisava dos produtos fabricados pelos escravos judeus. E os policiais da SS que os vigiavam eram implacáveis. A consciência da

morte deveria se tornar um cálice para embriagá-los com sabedoria e compaixão, mas a necessidade neurótica de poder embebedava-os com arrogância e insensibilidade. O poder sempre viciou e destruiu mais que as drogas.

CAPÍTULO 40

Um BANQUETE INTELECTUAL INIMAGINÁVEL

O professor ficou abalado ao encontrar aquele médico que um dia se tornaria famoso. Por instantes resgatou sua memória. Estava diante do dr. Frankl, um homem de 37 anos, dilacerado, abatido, magérrimo, que antes de chegar a Auschwitz, havia poucos dias, tinha passado pelo campo de Theresienstadt.^[167]

Numa das poucas vezes que teve um breve momento de relaxamento, Júlio Verne abriu um sorriso naquele curral humano, pois sabia que Viktor Frankl sobreviveria ao campo. Enquanto tomavam uma rala sopa de batatas, o professor lhe disse:

— Nem todos nós morreremos. Alguns aqui superarão o caos e tornar-se-ão estrelas numa sociedade escura — falou simbolicamente.

— Não sei se vou morrer, professor, mas jamais desistirei de viver. Eu agradeço a Deus a cada momento o dom gratuito da vida: o ar que respiro, as células que trabalham incansavelmente, o coração que pulsa no meu peito e até esta mísera comida que ingiro.

Sensibilizado com sua motivação para a vida, o professor fez um relato surpreendente ao dr. Frankl.

— A História lhe reservará um lugar de honra. Será libertado pelo Exército norte-americano em abril de 1945. Depois deste inferno, dr. Frankl, você se tornará chefe do departamento de Neurologia do Hospital Policlínico de Viena, fará seu doutorado em filosofia e se converterá em um dos maiores pensadores do século XX. E terá muitos discípulos...

Dr. Frankl deu risadas.

— A loucura tem suas vantagens... — brincou com Júlio Verne. Agora ele mesmo achava aquilo impossível.

O dr. Frankl pensava que a fértil imaginação do professor era uma estratégia para tangenciar a realidade e, assim, aliviar sua dor. Era um homem movido pela busca de um propósito para a vida. Considerava que a mente tinha ferramentas subutilizadas para reanimar sua esperança...

A medicina, a filosofia e, em especial, as mazelas emocionais que o dr. Viktor Frankl vivenciara em Auschwitz o levaram à prática de um exercício intelectual diário para suportar a tortura física e psíquica, o que o incentivaria a fundar mais tarde a Logoterapia que, depois da psicanálise de Freud e da psicoterapia individual de Adler, passou a ser chamada de “terceira escola vienense de psicoterapia”.

— Por acaso foi meu paciente? — indagou Viktor Frankl para o professor, já que ele era tão gentil e dissera que recebera mensagens dele.

— Não, mas li textos das suas teses. E trago-lhe uma grande notícia, essas teses trarão força para o cansado, coragem para o abatido, ideias para mentes férteis — derramou-se Júlio Verne novamente em elogios.

Viktor Frankl ficou intrigado com o professor. Mas sua resposta foi singela.

— O futuro é uma possibilidade, o presente é minha realidade. Quero apenas transformar este deserto em um lugar suportável...

À noite, Herbert, que ouvira a conversa entre eles enquanto tomavam a sopa, insistiu novamente nas questões fatais.

— Diga aí, homem do futuro, se esse Frankl sobreviverá, eu escaparei? Quantos mais sobreviverão nesta casa de loucos?

Todos os mais próximos insistiram na resposta. Colocavam-no contra a parede para reanimar minimamente suas emoções fragmentadas e desesperançadas.

Júlio Verne engoliu em seco. Não tinha coragem de revelar as informações que dava em sala de aula. Somente na indústria de destruição humana de Auschwitz mais de 2 milhões de judeus morreriam.^[168] Foi a maior destruição, concentração de dor e desespero por metro quadrado da História. Nos outros campos o drama não seria muito diferente: 200 mil faleceriam em Majdanek, 800 mil em Treblinka, 600 mil em Belzec, 340 mil em Chelmo e 250 mil em Sobibor. E milhares de outros em outros campos

menores. Se o professor dissesse que morreriam cerca de 6 milhões de judeus e sobrariam cerca de 2 milhões e 900 mil judeus apenas, diria em outras palavras que por pouco não ocorreria um genocídio completo^[169] na Europa.

Vendo Júlio Verne perturbado com a possível resposta, Viktor Frankl o salvou.

— Números... Os números asfixiam nossa motivação para viver. Matam-nos com o coração pulsando. Júlio Verne é um simples mortal. Não o matem antes do tempo...

Completamente fatigado após sua breve aula, o professor deitou-se na cama dura e começou a viajar pelo século XXI. Resgatou algumas de suas reações em salas de aulas. Seus contemporâneos tinham comida, mas não a honravam; tinham liberdade, mas não a exaltavam; podiam amar, mas muitos não amavam nem a si mesmos... O maluco do alojamento pelo menos trouxera algum alento para aqueles homens desesperançados.

No outro dia à tarde, antes de retornarem para o alojamento, um policial da SS, formando seu arquivo pessoal, ordenou que vários judeus ficassem de pé para uma foto. Guardava os retratos como se fossem troféus. Os personagens abatidos esboçavam uma expressão facial difícil de descrever. Raramente se tirou uma foto tão melancólica...

Ao se posicionar para a foto, Júlio Verne olhou ao redor, viu aquelas pessoas magérrimas se posicionando para

satisfazer a vaidade de um caçador de homens e subitamente levou mais um choque. Exclamou consternado:

— Não, não é possível. Eu já vivi essa cena.

Ninguém entendeu nada. Ora levavam a sério o suposto homem do futuro, ora ninguém se importava com ele.

— Silêncio...! — ordenou o policial, um jovem alto, de olhos azuis, loiro, com menos de 20 anos de idade.

O espanto do professor se devia ao fato de ter se lembrado que vivera aquele momento em um de seus pesadelos no futuro, nos aposentos do laboratório da máquina do tempo. Ficou abalado ao concluir que a energia mental sobre aquele momento histórico o havia transportado para dentro dele. Fora capturado pelo seu inconsciente, tornara-se uma vítima de seus pesadelos. “Será que tudo isso é um sonho?”, pensou.

Após a foto, Viktor Frankl percebeu o estado angustiante em que se encontrava Júlio Verne. Durante a magra refeição, colocou a mão direita sobre o ombro esquerdo dele e tentou consolá-lo usando as teses que um dia o tornariam famoso:

— *Ouso dizer que nada no mundo contribui tanto para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que nossa vida tem um sentido.*

O professor estava abalado pela conclusão de que seu inconsciente conspirava contra ele e de que seu maior inimigo talvez não fosse o nazismo, mas ele mesmo. Respirou profundamente e refletiu sobre a tese do dr. Frankl. Mas David interrompeu sua reflexão:

— Esperança? Sentido? Que sentido pode haver neste campo de extermínio, dr. Frankl? A vida aqui vale menos do que uma bala.

— *Quem não consegue mais acreditar no futuro está perdido num campo de concentração maior ainda*^[170] — ponderou Frankl. O psiquiatra vienense defendia a tese de que havia um campo de concentração que poderia ser instalado no território da mente humana e poderia ser pior que Auschwitz. Muitos suspiraram diante desse pensamento, mas nem todos.

— Você é um mercador de utopia, dr. Frankl. Olhe para nós. Não conspiramos contra Hitler nem contra a Alemanha, mas somos considerados vermes e não seres humanos — comentou Herbert.

Mas o fascinante médico vienense continuou a brilhar no breu da mente de seus amigos do campo de concentração.

— *Há pessoas que têm meios para viver, como esses soldados que nos policiam, mas não têm nada por que viver. Os que têm muito e não têm sentido de vida podem ser mais miseráveis que nós.*^[171]

Herbert bateu no prato e o derrubou, fazendo um som estranho no silencioso refeitório. Estava resistente em aceitar essas teses.

— Estamos morrendo de frio, de fome e de angústia. Nossa ração diária mal alimenta um cão — expressou o brilhante advogado, que já não acreditava em mais nada.

Mas Frankl não se intimidou, pois se calasse, já estaria morto, pelo menos por dentro.

— *Se não encontrarmos um sentido para nossa dor, enlouqueceremos, já estaremos mortos. Quando não conseguimos mudar a realidade somos desafiados a mudar a nós mesmos...*^[172]

— Como? Crendo no Deus de Israel? — disse engolindo em seco Esaú, destituído de fé.

Viktor Frankl, mostrando uma força que fluía do seu espírito, do território mais cáldo da sua emoção, expressou:

— E por que não, Esaú?

— Eu fui um fervoroso religioso. Frequentava semanalmente as sinagogas. — E, para mostrar sua descrença na justiça de Deus e dos homens, citou o filósofo francês Voltaire. — Mas agora tenho dúvidas. “Ou Deus não existe ou a humanidade é um laboratório fracassado e Ele a abandonou”.^[173] Nunca leu Voltaire?

Manasses tomou a palavra e respondeu para Viktor Frankl.

— Eu li Voltaire e vou responder ao seu questionamento. *Para mim Deus não é um delírio da mente humana. Deus existe e não abandonou o projeto humano. Ele não está alienado de nossa dor, Ele tremula em nossa musculatura flácida, chora nossas lágrimas secas e grita “Espere! Em breve Eu o retirarei do parêntese do tempo”...*

Júlio Verne, lembrando-se de Kate, que tinha mais fé que ele, e Viktor Frankl aplaudiram suavemente as palavras de Manasses. Em seguida, o professor lembrou-se das palavras

intrigantes do médico que desfalecera em seus braços no comboio de trem para Auschwitz. Parafraseou-o:

— *No teatro do tempo, a existência, por mais dura ou suave que seja, é uma brevíssima peça que por instantes é encenada e logo é encerrada quando se fecham as cortinas. Se Deus existir, o espetáculo continuará na eternidade... Se Ele não existir, a eternidade será um delírio, o espetáculo não continuará. E, se não continuar, os diretores do script que nos encerrou nessa peça de terror não serão cobrados.*

Viktor Frankl sorriu e completou:

— *A questão é mais do que se Deus existe ou não. Ele precisa existir para aliviar a dor dos miseráveis! Por isso é mais fácil produzirem-se ateus em gabinetes confortáveis do que nos fétidos infernos desta existência.*

Ali, no campo de concentração de Auschwitz, no refeitório onde serviam uma fétida e indigna refeição, alguns poucos magérrimos seres humanos que estavam entre a vida e a morte desfrutaram de um banquete que os homens mais abastados da Alemanha e Polônia não imaginavam existir.

O dr. Kurt, que estava sentado na frente deles, animado com o que escutara, tomou a palavra.

— Eu sou especialista em direitos humanos e creio na justiça humana. Mas infelizmente em nossos tribunais não mais do que vinte ou trinta por cento dos crápulas da humanidade vão às barras da justiça e são condenados à altura dos seus crimes. Se não há um tribunal divino para

reparar as falhas da justiça humana, é melhor sucumbir ao desespero.

O medico vienense mais uma vez foi arguto.

— *Penso que Deus espera que não o decepcionemos e que saibamos sofrer e morrer, não miseravelmente, mas com orgulho. Quanto mais uma pessoa não viver em função de suas mazelas — dedicando-se a servir uma causa — mais humana será e mais realizada também.*

— Morrer com orgulho? Não decepcionar Deus, o Autor do Tempo, num tempo em que ele permitiu que nos retirassem tudo? Como isso é possível? — indagou Herbert. Mas em seguida entendeu que do ponto de vista lógico não era possível servir a uma causa naquele maldito cárcere. Como se estivesse saindo do cárcere físico, ele e seus amigos entenderam que nos solos da sua mente poderiam libertar seu imaginário para enxergar o invisível e ouvir o inaudível. Poderiam ter gana para viver na terra do nada, conquistar fagulhas de dignidade no palco do vexame.

“Viktor Frankl foi um dos maiores colecionadores de esperanças no cáustico ambiente da Segunda Grande Guerra”, pensou o professor Júlio Verne. Ele sabia e ficou mais convicto ainda depois de todo aquele embate que a mente humana possui mecanismos incríveis para nos aliviar mesmo quando o terror desaba sobre nós. Para isso, eram necessárias doses elevadas de imaginação e criatividade, mas sem ultrapassar os parâmetros da realidade. Nunca a loucura e a sanidade estiveram tão próximas.

Herbert apoiou a cabeça nas mãos diante de tudo o que ouvira. Mas não estava mais indignado, embora continuasse perplexo. Expressou com brandura:

— Não sei sonhar acordado! Sou lógico demais!

Apesar de não haver unanimidade, todos ficaram positivamente abalados com as palavras do sereno médico. Em seguida, todos foram cumprir o turno vespertino. Foi uma tarde única. Eles conseguiram ver a vida pulsando além dos arames farpados, cercas elétricas e chicotes. Os nazistas escravizavam seus corpos, mas não suas mentes...

CAPÍTULO 41

O CÁRCERE DOS JOVENS ALEMÃES

Os ensinamentos de Viktor Frankl e de Júlio Verne contaminaram alguns dos prisioneiros, mas a grande maioria dos encarcerados de Auschwitz estava infectada com um pessimismo incurável, o que era completamente compreensível. Milhares de seres humanos abatidos, desnutridos e apinhados num pequeníssimo espaço sob pressão constante para o trabalho forçado eram um convite à psicose e a reações agressivas. Disputavam instintivamente um pedaço de pão.

A ruptura completa da realidade não era o objetivo desses dois pensadores. Mas as condições aviltantes levavam o processo de construção de pensamentos de muitos a se desorganizar. A leitura da memória já não tinha uma linearidade coerente: dançava por múltiplos arquivos, perdia os parâmetros da lógica, financiando alucinações (imagens irreais) e delírios (pensamentos destituídos de realidade). Alguns alucinavam e comiam frutas, fartavam-se com manjares, deliciavam-se com pães e vinhos que só existiam em suas mentes. Outros saíam da crua fragilidade e deliravam como se fossem grandes personagens militares.

— Venham lutar, seus crápulas. Ajoelhem, seus merdas — diziam eles como se fossem poderosos generais aos radicais e inumanos nazistas dos campos. Eram assassinados imediatamente. Abatiam-nos com uma simples bala, sob um sorriso sarcástico de quem sentia prazer por ter varrido mais um judeu da face da Terra.

Outros ainda cristalizavam os sentimentos persecutórios. Sob uma psicose paranoica, ao caminhar para o trabalho carregando seu debilitado corpo, ouviam vozes e viam nazistas em seu encalço a cada momento. Sob o calor do medo, abandonavam as fileiras e fugiam para lugares imaginariamente “seguros”. Rompiam, assim, as normas de comportamento. Igualmente abatidos, serviam de exemplo para subjugar os demais infelizes.

A higiene pessoal era feita em fétidos banheiros coletivos. Mas faltava água, sabão, não havia papel higiênico e muito menos toalhas. Piolhos, sífilis, lesões na pele, corpo febril faziam parte da rotina dos encarcerados. Um abrigo de animais teria mais dignidade. O mau cheiro recorrente ofendia a sensibilidade nasal. Os filhos da humanidade, os alemães nazistas, tratavam seus pares como indignos de encenar a peça da vida no teatro da existência. Abortavam o pensamento crítico para não refletirem sobre as atrocidades que cometiam contra os escravos dos campos de concentração. Cegos, não viam que a existência, por mais longa que seja, é efêmera como a flor que seca sob o calor do sol.

Júlio Verne já dera aulas vibrantes para universitários. Embora fosse um fascinante orador e um brilhante intelectual, não tinha a menor ideia da tortura física e mental ocorridas nesses currais humanos. Quando estava no século XXI, conhecera os museus do holocausto, visitara Auschwitz algumas vezes, mas era fácil discursar sobre o extermínio em massa tendo jantado na noite anterior, dormido numa cama confortável, lido jornais, respirado ar puro, saboreado imagens na TV.

Enquanto trabalhava na fábrica química no campo III de Auschwitz-Birkenau, observava os movimentos dos policiais. Era difícil não ficar pasmado. A maioria era formada por garotos de 18 a 20 anos. Sisudos, rígidos, faces petrificadas, músculos contraídos, olhares ferinos. Eram marcadamente infelizes. Não eram sociopatas clássicos, forjados pelos traumas do passado, mas eram sociopatas funcionais, adestrados para destruir.

O professor sabia que a Alemanha perderia a guerra e que esses jovens, por estarem sob as ordens diretas dos superiores mais graduados, não seriam condenados, pelo menos a maioria. Mas já estavam condenados. Toda vez que matavam ou tratavam com brutalidade um prisioneiro nos campos de concentração arquivavam janelas Killer ou traumáticas no seu córtex cerebral.

Tais janelas são inapagáveis. Os carrascos seriam asfixiados em seu psiquismo e, mesmo que negassem as atrocidades que cometeram e viessem a sorrir, jamais

poderiam refletir profundamente sobre a vida sem entrar em colapso emocional, sem vivenciar o último estágio da dor humana: a depressão. Adolf Hitler matara os judeus por fora e milhões de alemães por dentro.

— Meu Deus, eles também estão encarcerados — concluiu o professor.

Viktor Frankl esfregou suas mãos na cabeça e disse para alguns amigos:

— O que acontecerá com a mente deles quando saírem deste maldito campo? O que acontecerá quando deixarem o estereótipo de super-homens e se posicionarem como simples mortais?

— Se pudesse, eu os colocaria numa masmorra sem pão nem água — disse Herbert com dores pelo corpo e cada vez mais magro e, portanto, muito próximo da morte. Ele se esforçava para ter esperança no caos, mas quando olhava para os carrascos nazistas se mordida de raiva.

— Mas eles já são prisioneiros, Herbert — afirmou o professor.

— Eu os mataria um a um — comentou David.

— Mas eles já estão mortos, David — afirmou Viktor Frankl.

— Pare de filosofar, doutor Frankl — pediu Herbert mais uma vez irritado.

— Mas não é filosofia, é uma realidade mental — insistiu Viktor Frankl, que fazia uma parceria com o professor para tentar transformar o ódio pelos nazistas que seus amigos

possuíam num desejo ardente pela vida. Os que desanimavam logo enfraqueciam, contraíam doenças ou eram baleados. Todos os dias duas a três pessoas do seu grupo morriam no alojamento ou no trajeto para trabalhar nas fábricas químicas.

— Você quer dizer que tanto os carrascos como as vítimas são violentados em sua humanidade? — perguntou o dr. Kurt para o dr. Frankl.

— É o que penso. As vítimas vivem no cárcere físico e os carrascos, no cárcere psíquico.

E, para o espanto dos amigos, o professor se antecipou no tempo e comentou:

— Quando terminar a guerra, os líderes nazistas serão julgados pelo tribunal de Nuremberg. Alguns serão enforcados e outros serão absolvidos. Mas no fundo ninguém será absolvido no território da emoção. Enfrentarão o tribunal da sua consciência. Haverá sequelas intermináveis.

— Em nós, os que sobrevivermos, também haverá incríveis sequelas — disse Herbert.

— Mas, se sobrevivermos, poderemos viajar para dentro do universo psíquico sem medo de sermos seres humanos, sem culpa, sem autopunição... — afirmou Viktor Frankl, pensando em sintonia com Júlio Verne.

Houve silêncio naquela noite. Não falaram mais nada.

Os pensamentos de Viktor Frankl e de Júlio Verne não aliviavam a dor física dos seus amigos, mas aliviavam, pelo

menos um pouco, a dor emocional, o humor marcadamente depressivo e pessimista.

Na noite posterior, o professor comentou:

— Somos a única espécie que pensa e tem consciência que pensa, mas o pensamento é uma ferramenta que pode destruir ou construir, libertar ou aprisionar. Em meu tempo, no século XXI, muitos são escravos dos seus pensamentos: sofrem por antecipação. Estamos nós preparados para utilizar bem essa ferramenta?

O dr. Viktor Frankl respondeu:

— Frequentemente não. Falhamos ao longo da História em usar o pensamento como instrumento para promover uma paz duradoura. Não houve períodos onde sucessivas gerações viveram em harmonia. Guerras, genocídios, discriminação, disputas irracionais, competição predatória, necessidade neurótica e cega pelo poder sempre fizeram parte da historicidade humana.

— Pensar com responsabilidade, colocando-se no lugar dos outros, é nosso grande desafio — afirmou o professor, que, de repente, se levantou e mostrou algumas rachaduras no alojamento, sempre disfarçando seus movimentos, para não dar ar de uma reunião.

Seus amigos o acompanharam, olhando para o alto ou para o lado, para não perceber que dialogavam. Ele completou:

— Nossas universidades, com raras exceções, nos preparam para ver erros tangíveis ou externos. São

tecnicistas, preparam profissionais para o trabalho, mas não para serem seres humanos capazes de se interiorizar, mapear seus fantasmas, reciclar suas fobias, repensar sua arrogância e ansiedade. Culpa, mágoas, decepções, medos, conflitos ficam alojados nos bastidores da mente por anos ou décadas... Levamos para nosso túmulo os nossos conflitos.

Quando acabou de dizer essa frase, eis que apareceram cinco policiais da SS, de cerca de 18 ou 19 anos de idade, que pareciam mesmo literalmente querer levá-lo para o túmulo. Aos brados, perguntaram:

— Quem é Júlio Verne?

Ninguém respondeu nada. Nesse momento ameaçaram.

— Quem é Júlio Verne ou Franz Huber?

Mais um momento de silêncio. Júlio Verne era querido e “famoso” no alojamento.

— Apresente-se ou todos morrerão!

E apontaram as submetralhadoras.

Júlio Verne, que já estava de pé, temendo que alguém morresse por sua causa, declarou:

— Sou eu...!

— Um recado do oficial Willi Berger: “Peguei-o, seu miserável...!” O professor tremeu de medo. Os policiais se aproximaram dele e o espancaram impiedosamente. O dr. Kurt tentou protegê-lo, foi golpeado na cabeça e sangrou. Herbert gritou:

— Ele não fez nada!

E os policiais responderam.

— Mas você fez.

E o metralharam, para desespero do professor. Outros judeus mais próximos também foram espancados, dois deles que não faziam parte do círculo de amigos morreram dois dias depois. O professor não foi morto, pois recebeu uma punição pior que a morte. Uma punição recomendada pelo carrasco Willi Berger, o oficial que ele enganara em sua última viagem na máquina do tempo: ficar longos dias dentro de uma solitária, para morrer à míngua.

Morrer de fome era uma punição plausível para o rebelde. A ração que já era reduzida foi diminuída. Água não dava para hidratá-lo o suficiente; não havia cama nem banheiro, fazia suas necessidades no piso de um quarto mal iluminado de seis metros quadrados.

O homem que no século XXI fora escolhido a dedo pelo altíssimo conhecimento que tinha sobre a Segunda Guerra Mundial para repaginar a história, mais uma vez tornou-se um colecionador de lágrimas. Só que agora chorou lágrimas secas devido à desidratação. Ele, que andava em busca do sentido da vida nos solos inumanos de Auschwitz, não via sentido algum em estar naquela solitária. E, o que era pior, tinha de carregar a culpa de que por sua causa seus amigos foram espancados e mortos.

Kate estava certa. Aceitar o convite para ser o protagonista do Projeto Túnel do Tempo era brincar de Deus. O projeto estava falido, pelo menos até aquele momento...

CAPÍTULO 42

O SURTO PSICÓTICO DO PROFESSOR

Ao ser confinado numa espécie de solitária, a tensão mental do professor atingiu níveis insuportáveis. O campo já era um inferno; agora viver quase sem luz, sem se mover e praticamente sem comida era um convite à morte iminente. Aos poucos começou a perder conexão com sua história. Sua mente ficou pouco a pouco confusa. Sem alimentos, sem paisagens, sem Kate, sem fé, sem nada...

O colecionador de lágrimas tremia os lábios e soluçava sem parar.

— Que espécie é essa...? Meu Deus... eu não suporto... Vou apodrecer... nesta masmorra... sem dignidade! A humanidade não é viável...! Que espécie é essa que mata seus próprios filhos?

O dr. Viktor Frankl aprendera a gostar de Júlio Verne. Raramente vira uma mente tão brilhante e altruísta como a dele. Sabia que naquele cárcere desenvolveria uma grave psicose ou morreria de fome. Preocupado com sua saúde mental, subornou o *Kapo* do alojamento e escreveu duas mensagens para ele em dias alternados nos 15 dias em que ficou preso.

A primeira mensagem era pequena e tinha estes dizeres:

Júlio Verne, quando todas as células do seu corpo estiverem morrendo, encontre ainda assim um propósito para viver. Caso contrário, você já estará morto.

Assinado Viktor Frankl

Ao ler a mensagem, Júlio começou a gritar sem parar:

— Eu já estou morto, Victor! Eu já estou morto! Só não me enterraram!

Mas essas poucas e sábias palavras lhe causaram um impacto. Lia-as mais de mil vezes por dia.

A segunda mensagem, dois dias depois, tinha este conteúdo:

Caro Júlio Verne, a maior loucura é viver sem um sentido existencial. Sem sentido, vivemos por viver, a vida não tem brilho, o caos não nos amadurece, a cultura não nos remete à sabedoria. Sem propósito, a mesa, por mais farta que seja, nutre o corpo, mas deixa faminta a alma. Sem propósito, vivemos num campo de concentração mental, ainda que rodeados por jardins. Não tenha medo de morrer em Auschwitz: tenha medo de viver uma existência sem sentido.

Assinado Viktor Frankl

Ao receber o segundo bilhete nadando em cima da sopa rala, Júlio o leu, passou-o de uma das mãos para a outra. Leu de novo, apesar da baixa luminosidade. Lembrou-se de

que era o mesmo bilhete que havia recebido quando estava no futuro, cerca de cem anos à frente das labaredas indomáveis de Auschwitz.

Deu um leve sorriso. Pregou a mensagem na parede com a própria “cola” da sopa.

— Viktor Frankl parece um louco querendo me contaminar com a loucura da busca de um sentido da vida — murmurou.

E dava risadas. Nada tão absurdo para alguém que estava às portas da morte, mas essa mensagem pouco a pouco o animou. Era preciso encontrar um sentido no caos, pelo menos morreria menos dolorosamente. As mensagens o levaram mais uma vez a lembrar-se das palavras do judeu mais famoso da História, o carpinteiro de Nazaré: “Não só de pão viverá o homem...”.

— Mas eu estou morto! — E sorria... E de repente começou a dizer para si: — Não, eu ainda não estou morto. Preciso de sonhos... de imagens mentais... de alucinações...!

Conseguiu derramar uma gota de lágrima, apesar de desidratado. Descobriu, que enquanto todas as suas células morriam precisava nutrir-se com sonhos, imaginação, saudade, esperança. Viktor Frankl havia aprendido esse segredo. Até os miseráveis de Auschwitz podiam sonhar... Sonhar com o impossível. Nunca a loucura fez tão bem à vida.

Lendo continuamente as mensagens de seu amigo, Júlio Verne começou a libertar sua imaginação e criar

personagens como mecanismo de defesa para não morrer de solidão, para manter-se desperto, conectado consigo. Sorria, contava histórias, debatia com esses personagens. Era um ser humano tentando espantar suas loucuras com doses elevadas de “loucuras” e esperanças.

Seus sonhos o levaram a lutar pela vida, mesmo quando todas as suas células morriam. Mas não aceitou morrer, pelo menos não sem dignidade. Para sobreviver por mais um dia precisava de um mínimo de proteínas. Naquela masmorra fétida e fria, os insetos, como aranhas e baratas, começaram a se transformar em guloseimas. Ingeriu todos que podia.

Tentava se manter lúcido, mas era difícil, pois seu metabolismo cerebral agonizava. Imaginou inúmeras vezes que estava com Kate num restaurante, deliciando-se com vinhos, farta comida e seus delicados beijos. Imaginou o parto de sua esposa, imaginou-se segurando-lhe as mãos. Viu seu filho crescer e correr atrás dele entre as árvores. Essas imagens nutriam sua mente.

Viktor Frankl tornou-se para ele *um vendedor de esperança*. À medida que os dias passaram, começou a dar crédito aos seus personagens. Já não sabia o que era real ou fruto da sua confusão mental. A máquina do tempo foi cruel com o singelo professor. Willi Berger, o oficial da SS a quem enganara, queria que ele morresse aos poucos, pois uma bala na cabeça lhe seria um prêmio. Ninguém saía vivo daquela masmorra. Mas, motivado pelas suas imagens mentais, teimou em viver. Quando saiu da solitária era um farrapo

humano. Estava confuso, desidratado, só pele e ossos. Foi conduzido vagarosamente ao seu alojamento. Perturbado, indagava para seus amigos:

— Quem sou? Onde estou?

O dr. Kurt, condoído por ele, afagava sua cabeça e tentava animá-lo.

— Você? Você é um brilhante professor, um viajante do tempo.

— Eu? Humm... Um viajante do tempo? Onde está meu quarto?

— Aqui é seu belo quarto — disse, constrangido, o dr. Frankl.

— Frankl! Que bom vê-lo. Onde está minha TV?

— TV, o que é TV? — indagou o médico vienense.

— Não sabe o que é uma TV? Chame a Kate.

— Quem é Kate?

Ele não respondeu. Caiu em si, silenciou sua voz. Estava tão magro e abatido que já não se lembrava da sua missão. O passado e o futuro se mesclavam e pareciam ser uma massa atemporal. O dr. Kurt começou a desconfiar que Júlio Verne sempre tinha sido um inteligente lunático e nada mais. Todos os fatos que descrevera eram irreais.

Viktor Frankl não desistiu do professor. Subornou o *Kapo*, que também já tinha certo apreço por Júlio Verne, para conseguir uma ração extra. E subornou também os policiais da SS que contavam diariamente os prisioneiros com um anel de ouro, que guardara rigorosamente, para que Júlio

Verne ficasse alguns dias no alojamento sem trabalhar. Debilitado do jeito que estava, ele seria baleado. E, além disso, começou dentro dos limites da prisão a ajudá-lo terapeuticamente. Começou com exercícios mentais. Júlio parecia distante, tinha um olhar vago e alienado.

— Não deixe que destruam sua identidade, Júlio Verne.

— Humm...

— Pense na História. Quando você nasceu?...

— Em 2012...

— Em que ano estamos hoje?

— 2048.

O dr. Viktor Frankl achou que ele estava delirando.

— Pense no que você mais ama e no que crê.

Júlio começou a gritar por sua esposa, mas sua voz estava muito fraca.

— Kate...! Kate...!

— Silêncio — pediu o dr. Frankl. Não queria chamar a atenção no alojamento.

Foi uma tarefa difícil, mas pouco a pouco começou a dar resultado...

— Traga à sua mente o que lhe pode dar esperança.

Ele trouxe as imagens que havia construído na solitária. Era fácil perder a humanidade e a racionalidade naquele curral inumano, mas pouco a pouco Júlio Verne começou a voltar a se animar e a viver e pensar coerentemente. Com o passar dos dias, começou a discorrer sobre os fatos históricos que conhecia para continuar se conectando com a

realidade. O dr. Frankl observava perplexo seu conhecimento. Ou ele era uma grande fraude ou era um homem suprinteligente. Dizia para o psiquiatra vienense:

— Em 1939, logo depois da invasão da Polônia, começaram as deportações para os guetos poloneses, mas a clara decisão de Hitler sobre o extermínio em massa apareceu na campanha contra a Rússia.

E continuava retirando dos porões da memória mais recordações. Respirava fundo, meditava e depois dizia:

— O Discurso de 31 de março de 1941 sobre a “missão particular” de Himmler aos altos oficiais na zona de retaguarda representava a primeira indicação de um plano de extermínio em larga escala. — Conversando consigo mesmo, o professor expressou: — Em 31 de julho de 1941, Göring determinou ao chefe da segurança, Reinhard Heydrich, a ordem de “proceder à solução final da questão judaica”, o extermínio em massa.^[174] Göring, seu psicopata brutamontes, estou aqui por sua causa! — Em seguida começou a cuspir nas mãos e a alisar seus cabelos com a saliva. E depois continuou a dar aula para si mesmo e para seus amigos.

Os demais prisioneiros, que eram seus amigos, ouviam a conversa dele com o dr. Frankl e começaram a ter compaixão. David falou para o dr. Kurt:

— Verne pirou.

— É melhor assim. Os loucos são mais felizes — disse Esaú.

O diálogo terapêutico entre o dr. Viktor Frankl e Júlio Verne continuava, apesar de todas as limitações de tempo e liberdade. O dr. Frankl começou a dormir mais próximo de Júlio Verne para que pudessem continuar a ter esses breves diálogos. Eram dois intelectuais que debatiam ideias.

O dr. Frankl e o famoso professor conheciam milionários, cada um em seu tempo, que se sentiam deprimidos e sem qualquer motivação para viver. Eram ricos por fora, mas miseráveis por dentro. Júlio Verne sabia que no futuro, no século onde nascera e vivera, as estatísticas eram perturbadoras:

— Uma pessoa a cada quarenta segundos tira sua vida e uma pessoa a cada quatro segundos tenta o suicídio. Milhões de pessoas vivem naquele tempo num campo de concentração emocional. Os traumas existenciais, os conflitos sociais e os fatores genéticos não conseguem explicar completamente esse campo de concentração emocional, que atinge não apenas ricos, mas todas as camadas sociais.

— Por que a miserabilidade psíquica não é um privilégio apenas da primeira metade do século XX? — indagou o dr. Frankl para Júlio Verne, tentando testá-lo e estimular sua consciência crítica.

— Os seres humanos modernos não sabem proteger sua emoção como a mais excelente propriedade. Eles fazem seguro de tudo, mas não seguro emocional. Ficam décadas da pré-escola à pós-graduação, mas não aprendem

minimamente a filtrar estímulos estressantes, a gerenciar seus pensamentos, a contemplar o belo. A humanidade, em especial a juventude mundial, está entristecendo no apogeu da indústria do entretenimento.

Os amigos, mesmo o psiquiatra vienense, não sabiam se Júlio Verne delirava ou tinha uma imaginação fértil. O fato era que suas ideias tocavam profundamente o psiquismo daqueles homens combalidos.

— Qual a diferença entre contemplar o belo e admirar o belo? — indagou o dr. Frankl.

— Até psicopatas como Adolf Hitler sabem admirar o belo — disse Júlio Verne, para espanto dos que o ouviam.

— Impossível! — protestou, exaltado, Esaú.

O professor explicou-se:

— O *Führer* é capaz de acariciar sua cadela Blondi atenciosamente, mas ao mesmo tempo também é capaz de dar telefonemas para exterminar inúmeras pessoas nestes fétidos campos de concentração da Polônia. Contemplar o belo exige refinar o processo de observação, colocar-se no lugar dos outros e fazer das pequenas coisas um espetáculo aos olhos.

Finalmente seus amigos entenderam esse fenômeno psicológico. Hitler fora um dos maiores colecionadores de quadros e obras de artes da história. Admirava o belo, mas não o contemplava.

— De acordo com a teoria das janelas da memória, contemplar o belo forma uma plataforma de janelas Light,

que se torna um núcleo da habitação saudável do Eu, dando estabilidade e profundidade emocional — comentou Júlio Verne, agora não como professor de História, mas como um instigante psicólogo. — Em meu tempo há muitos miseráveis morando em palácios, pois não aprenderam a contemplar o belo.

O mundo não sabia mais contemplar o belo. Viktor Frankl e o professor usaram mecanismos de defesa para cultivar o belo em suas mentes e transformar o inferno de Auschwitz não em algo prazeroso, mas minimamente suportável. O sentido da vida nascia não do ambiente fétido e inumano do campo de concentração, mas do território da emoção e dos solos da imaginação deles.

E assim as noites se seguiram. O professor continuava a falar sobre o maior sociopata da história, o que o fortalecia e o conectava com a realidade.

— Hitler é emocionalmente débil, intelectualmente rude, de baixo nível de diplomacia..., fala o que lhe vem à mente diante de uma corja de bajuladores cegos... que admiram sua oratória e liderança...

O professor era tão envolvente que os magérrimos judeus fisicamente próximos entravam em seu delírio, o aplaudiam. Felizmente estavam tão debilitados que os estalidos das palmas não despertavam o *Kapo*.

Certa noite, após uma exposição do professor, Viktor Frankl entrou em cena e completou seu raciocínio:

— Pior que um líder estúpido é a corja de adutores que não tem opinião própria. Hitler não esconde sua vulgaridade, sua beligerância, mas a indústria de destruição sistemática de nossa raça... é de tal monta horrenda e destituída de quaisquer justificativas políticas, sociais e científicas, que são completamente insanas...

Júlio Verne, respirando profundamente, acrescentou:

— Os patrocinadores desse sadismo social dissimulam o destino dos longuíssimos trens que deportam nosso povo. Somos judeus. Somos seres humanos, pensamos com a mesma dignidade e complexidade que qualquer outro povo. Temos o direito à vida...

Mais algumas palmas. O professor completou:

— São muitos os que choram. Nem os próprios judeus ao subir nesses comboios sabem para onde vão. Boatos ardilosamente tentam enganá-los.

— Quais são os reais motivos para nos deportar e eliminar? — indagou David.

— Segundo os nazistas, os judeus são portadores de doenças contagiosas, são resistentes ao regime, são responsáveis pela crise econômica... — disse inconformadamente o professor.

— Que doenças portamos? — questionou Esaú.

— Que perigo ao governo oferecemos? — indagou o dr. Kurt.

— Que crise econômica causamos? — interrogou David.

Tinham sede e fome de explicações, mas estavam em estado de inanição intelectual. Não havia respostas que explicassem o fato de terem sido transformados em escravos. De repente, o *Kapo* se aproximou da turma de amigos. Preocupados, todos foram dormir. Os olhos fecharam-se, mas a mente não se aquietou. Todos tiveram insônia.

CAPÍTULO 43

PESADELOS DE UM INTELLECTUAL

No século XXI havia pessoas que não acreditavam que os campos de concentração existiram e, se existiram, que tivessem sido tão dramáticos. Isso sempre perturbava Júlio Verne. Agora que experimentava ao vivo e em cores o drama do campo de concentração, mais uma vez sentia-se envergonhado pelas aulas de história que dava no século XXI. Embora suas aulas expositivas fossem didáticas, eloquentes, não estimulavam o pensamento crítico o suficiente. Não geravam mentes livres, pensadores autônomos. Só começara a mudar esse quadro quando passara a teatralizar suas aulas, o que tinha ocorrido após ter pesadelos com a Segunda Guerra.

Lembrava-se de tudo isso agora. Certa noite foi-lhe particularmente angustiante, em especial porque se recordou de que os países aliados demorariam para perceber que o genocídio judeu estava em pleno processo.

— Eles são lentos! Lentos!

— Eles quem? — indagou David.

O professor começou a contar que os governos, como o da França e da Holanda, subjugados pelo poder nazista, se

tornaram colaboracionistas. Continuavam a prender e deportar judeus das suas terras. A Finlândia recusaria entregar seus 2 mil judeus. Na Dinamarca, a população escondeu seus 7 mil judeus. Não poucos foram enviados para a neutra Suécia.^[175]

Júlio Verne, ao citar esses dados, demonstrava que tinha recobrado plenamente sua serenidade, mas uma serenidade que não era confortável. Ele debatia ideias com Viktor Frankl para tentar se aliviar. A certa altura, fez um interessante e inteligente paralelo entre a filosofia dos Estados Unidos e da Europa e o porquê dessa filosofia norte-americana não ter produzido uma paz social estável e duradoura.

— Will Durant, autor norte-americano do livro *A História da Filosofia*,^[176] tentou explicar nessa obra porque a Europa tinha uma filosofia mais rica e madura do que a dos Estados Unidos: “A Inglaterra demorou 800 anos desde sua fundação até seu Shakespeare e a França também demorou 800 anos da fundação até seu filósofo Montaigne. Os EUA não tiveram tempo para ter uma filosofia madura porque tinham de lavrar minas, arar a terra”.

— Os EUA tiveram de arar suas terras e explorar suas minas para sobreviver, enquanto o abundante continente europeu teve tempo para filosofar — afirmou Viktor Frankl, mas comentou inconformado: — É incrível como a Europa, berço dos mais incríveis pensadores, tornou-se palco do mais inimaginável terror.

— A rica filosofia europeia, capitaneada por Spinoza, Kant, Descartes, Locke, Rousseau, Voltaire, Schopenhauer, Kant, Hegel, Nietzsche, e tantos outros, não se tornou uma vacina eficiente para prevenir o drama da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais. E a filosofia europeia falhou por quê? Porque não conseguiu sair das páginas dos livros para penetrar nas páginas do psiquismo da juventude das nações desse nobre continente, não formou líderes nacionais em quantidade e qualidade suficientes.

— Você tem razão, Júlio. É fácil culpar o sistema político-social pelas atrocidades cometidas nos solos deste velho continente. Mas a própria filosofia, em destaque os produtores de conhecimento e seus transmissores, têm de fazer um exame de consciência, têm de reconhecer seus erros. Eles ficaram encastelados nas universidades.

— Na Europa do meu tempo, doutor Frankl, os líderes, preocupados com que jamais outra guerra assolasse o continente, uniram a moeda e as tarifas e permitiram o livre trânsito de pessoas e produtos. Foram atitudes acertadas, mas não promoveram o ensino sistemático dos mais nobres pensadores, não promoveram uma educação que contemple a capacidade de pensar como humanidade e não apenas como povo, cultura ou raça. Na era de ouro do consumo de produtos, o consumo das ideias está perdendo seu privilégio. A filosofia perdeu encanto. O país “Europa” é unido pela moeda, mas não em sua alma: continua dividido em sua

essência, é um barril de pólvora que, se não for desarmado, é passível de estourar no século XXI ou XXII...

Em seguida, o professor começou a comentar como Hitler sequestrou a sociedade alemã e porque esse sequestro poderia se repetir no futuro. Em 21 de março de 1933, Hitler não era unanimidade. Ele havia assumido o poder há pouco e era considerado ainda um líder bizarro, rude, falastrão, o que levou a imprensa internacional e não poucos alemães a pensarem que ele logo cairia. Mas nessa fatídica data, ele criou o primeiro campo de concentração para confinar seus desafetos políticos, os alemães considerados perigosos, os inimigos do regime nazista. Muitos marxistas, que formavam o grupo político que mais combatia os nazistas, foram ali torturados e mortos.

— Mas não foram Hitler e seus asseclas que inventaram os campos de concentração. Eles apenas os construíram industrialmente. Construíram mais de 1.800 campos, dos quais apenas alguns ficaram famosos.

Embora os nazistas tenham levado a violência e a crueldade até as últimas consequências nesse campos, os Estados Unidos também construíram os seus. Milhares de japoneses que eram cidadãos estadunidenses foram confinados em campos de concentração depois que o Japão atacou Pearl Harbor. Não foram mortos e torturados, mas foram feridos em sua liberdade fundamental.

No Brasil, o governo Getúlio Vargas, bem como outros países latino-americanos, incluindo a Argentina, era

simpático ao fascismo de Hitler. Mas em 7 dezembro de 1941 o Japão cometeu seu maior erro de política internacional: atacou Pearl Harbor, o que levou os EUA a declarar guerra a Alemanha, Itália e Japão.

Representantes de 21 países das Américas se reuniram na Conferência do Rio de Janeiro, no Palácio Tiradentes, para debater a urgência de garantir a navegabilidade do Atlântico. Oswaldo Aranha, então ministro das Relações Exteriores do Brasil, rompeu relações diplomáticas com o Eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão.^[177] Era 28 de janeiro de 1942. Mas o país continuava formalmente neutro.

O alinhamento do Brasil com os Aliados despertou a ira do intolerante Hitler. Em um ataque de raiva, ele ordenou a seus submarinos que torpedeassem os navios com bandeira brasileira. Era tanto uma forma de retaliação como de prevenção, pois temia que tais navios suprissem a necessidades dos Aliados no Atlântico. O Brasil passou a ser considerado um inimigo a ser abatido.

Ao todo, 35 navios brasileiros foram atacados de 1941 a 1944 — 33 afundaram, com 1.081 mortos, um número significativo. Mais de 25 mil brasileiros participaram da Força Expedicionária Brasileira e combateram na Segunda Guerra Mundial, em especial na Itália. Dos militares brasileiros, 42 eram judeus e tinham um motivo a mais para libertar a Alemanha do jugo de Hitler.

Depois dessa exposição do professor, Viktor Frankl comentou:

— O instinto de preservação da espécie humana está inscrito em sua carga genética, em destaque na relação entre pais e filhos. Relatos dizem que frágeis mães africanas enfrentaram leões para proteger seus filhos. Mas na Alemanha nazista esse instinto de preservação foi abortado.

— O ser humano, quando ameaçado, privado, pressionado, enfim, quando se acha sob os focos de tensão, se não tiver um Eu educado para ser gestor da sua História, entra numa janela Killer, cujo volume de ansiedade fecha o circuito da memória e bloqueia milhares de janelas saudáveis — discorreu o professor.

— Você está desculpando os alemães, professor — protestou David. — Eles são mil vezes culpados. São maus na sua essência.

— Não. Não são. Hitler devorou o inconsciente coletivo dos alemães para depois nos devorar, David. Esses jovens que nos açoitam e nos matam também são escravos da síndrome do circuito fechado da memória.

— Que explicação é essa? Os policiais da SS são monstros! Nasceram monstros! — afirmou Esaú.

— Não, Esaú. Essa teoria genética é justamente a teoria em que os nazistas acreditam.

Em seguida Júlio discorreu sobre a teoria multifocal da inteligência, que incluía a teoria das janelas da memória. Foi fundo:

— *Os psicopatas clássicos são escravos de janelas traumáticas ou Killer, localizadas pontualmente no córtex cerebral. Tais*

janelas são forjadas pelas intempéries na infância e adolescência, como privações, perdas, violência infantil, abusos, frustrações graves. Enquanto os psicopatas funcionais ou não clássicos, caso de Hitler, Himmler e milhões de outros nazistas, não foram forjados por traumas específicos na infância e adolescência, mas por um sofisticado aprendizado patrocinado por ideologias sociopolíticas radicais e fundamentalismo religioso, cultural ou filosófico. Tais ideologias constroem uma plataforma de janelas traumáticas diferentes das janelas traumáticas do psicopata clássico, tanto em quantidade quanto em qualidade, o que os diferenciava, por exemplo, de psicopatas como Jack, o Estripador. Este fechava o circuito da memória diante de algumas vítimas específicas, enquanto aqueles, os nazistas, desenvolveram uma plataforma doentia de habitação do Eu. São capazes de matar uma criança judia e minutos depois discutir música clássica com seus pares, beijar seus filhos, irrigar suas flores. Aliás muitos nazistas amam música, tocam instrumentos, mas, ao mesmo tempo, também são maestros da maior sinfonia de terror da história. Os psicopatas funcionais, diferentemente dos clássicos, não precisam, portanto, de um foco de tensão ou um ritual específico para abrir suas janelas Killer e ferir suas vítimas. Elas são tão inumeráveis e pulverizadas em grandes áreas do córtex cerebral que se abrem espontaneamente em situações corriqueiras.

Compreendendo essa nova teoria, o dr. Kurt, notável jurista e um ícone como defensor de direitos humanos, ficou pasmado. Comentou:

— Agora entendi porque milhões de jovens e adultos desta nobre Alemanha, essa pátria encantadora que abracei como minha e que tinha um povo pacífico, tornou-se protagonista das atrocidades que hoje vemos e presenciamos. Meu Deus, até onde nossa espécie pode chegar!

O professor prosseguiu suas complexas explicações:

— Um relato de Wladyslaw Szpilman, descritas num livro a ser escrito no futuro, mas sobre fatos que estão ocorrendo hoje, intitulado *O pianista*^[178], é eloquente sobre o fechamento do circuito da memória sem a necessidade de importantes focos de tensão. A descrição de Szpilman sobre os psicopatas funcionais é de cortar o coração:

Um menino de cerca de 10 anos apareceu correndo pela rua. Estava tão pálido e assustado que se esqueceu de tirar o boné a um policial alemão que vinha em sentido contrário. O alemão parou, tirou o revólver sem dizer uma palavra, encostou-o à têmpora da criança e disparou. O policial meteu calmamente o revólver no coldre e seguiu seu caminho. Olhei para ele; não tinha feições particularmente brutais, nem parecia zangado. Era um homem normal, tranquilo, que desempenhara um dos seus muitos pequenos deveres diários.

Viktor Frankl chorou com a exposição do professor e com a descrição desse último relato. Os demais amigos também ficaram atônitos com sua explicação. Em seguida Júlio

comentou que os psicopatas clássicos ferem alguns, mas raramente as massas, pois suas limitações intelectuais os impendem de conquistar o poder numa sociedade.

— Enquanto os psicopatas funcionais podem conquistar as massas, seja pelo voto ou pelas armas — concluiu o psiquiatra vienense.

— Exatamente — confirmou Júlio Verne. — E, além disso, usam inumeráveis argumentos para justificar suas atrocidades. Quando tais líderes assumem o poder, mesmo não conhecendo a teoria das janelas da memória, eles usam estratégias para plantar janelas Killer no inconsciente coletivo e adestrar a mente de seus seguidores: reforçam conflitos socioeconômicos existentes, criam inimigos da sociedade e se autopromovem como messias generosos para resgatar seu povo. Geram um cárcere emocional da sua sociedade. Foram esses fenômenos psicológicos que fizeram com que a culta Alemanha pré-nazista abortasse sua consciência crítica e vendesse sua liberdade para esses toscos e incultos nazistas — assinalou.

Iluminado, Manasses concluiu:

— Um ser humano não precisa ser devorado na infância para se tornar um devorador dos outros quando adulto. Infelizmente ele pode aprender brutalidades inimagináveis, incompatíveis com seu passado.

— Himmler foi mentalmente adestrado e é um adestrador de mentes incautas ao dirigir a maior indústria de destruição humana da História: a SS — assegurou o

professor. — A SS, que hoje nos escraviza, começou tímida, como uma pequena guarda pretoriana de proteção pessoal a Hitler, inicialmente composta de oito homens, e se expandiu assustadoramente. Himmler dedicou sua vida à expansão da SS. Em 1934, pouco tempo depois que Hitler havia ascendido ao poder, já contava com uma força de 200 mil policiais.^[179] Himmler a comandava com mão de ferro. Não era um comandante, mas um deus diante de asseclas ou seguidores cegos, capazes obedecê-lo sem questioná-lo. A SS tornou-se uma força militar particular de proporções gigantescas para proteger não apenas pessoalmente Hitler, mas também para guardar o ideal nacional-socialista e lutar por ele com unhas e dentes. Entre os policiais da SS só se admite um biótipo, o de “alemão puro”.

— Os nazistas foram sequestrados no único lugar em que deveriam ser livres: dentro de si mesmos — afirmou o dr. Kurt.

— Nossas escolas estão doentes. Nossos alunos tornaram-se gigantes na ciência, mas meninos na maturidade psíquica — afirmou Viktor Frankl.

— Nossos alunos aprendem a matemática numérica, mas não a matemática da emoção, em que dividir é aumentar: dividir as lágrimas aumenta a capacidade de superá-las — confirmou Júlio Verne em sintonia com o psiquiatra vienense.

— Nossos jovens aprendem a física lógica, onde ação gera uma reação, mas não aprendem a física da emoção, na qual

uma ação gera a capacidade de pensar antes de reagir e não uma reação imediata — concluiu Esaú com sensibilidade.

— Quem vive em função do fenômeno bateu-levou torna-se um animal, não um ser pensante — afirmou o dr. Kurt.

Foi por meio dessas fascinantes viagens intelectuais que Viktor Frankl e o professor Júlio Verne, bem como seus amigos mais próximos, embora fossem escravos severamente maltratados, tornaram-se livres. Livres no único lugar em que não é admissível ser um escravo. A sabedoria brotou no solo da loucura...

CAPÍTULO 44

QUERENDO ELIMINAR HIMMLER

Na noite posterior o professor, ao recordar alguns fatos históricos, começou a ter calafrios, mas de preocupação e não porque estava febril. Estava preocupado não apenas com a sua sobrevivência, mas com a de seus amigos e de seu povo. Subitamente perguntou:

— Que dia é hoje?

Era uma pergunta recorrente para alguém que dizia que viajava no tempo. Mas dessa vez seus amigos não sabiam ao certo. Todos haviam perdido a noção do tempo. Os dias eram os mesmos, poluídos, massacrantes, esgotantes. Não havia fins de semanas, festas, feriados. Havia uma luta pela sobrevivência. De repente, um judeu matemático que teimava em contar os dias e esperava a redenção de Israel pelo messias ou, no mínimo, que a Alemanha perdesse a guerra, comentou.

— 16 de julho de 1942.

— Não, não é possível! Amanhã Himmler fará uma visita a Auschwitz! Amanhã, 17 de julho.^[180]

Seria a segunda visita de Himmler a Auschwitz. Na primeira, que ocorrera no dia 1º de março de 1941, ele havia

inaugurado junto com dirigentes da IG Farben as fábricas químicas Buna-Monowitz. Na ocasião, oferecera a mão de obra mais barata possível, 40 mil prisioneiros-escravos.^[181] Nessa segunda visita ao campo de Auschwitz, a dose do terror chegaria às alturas. Viria inspecionar diretamente se as câmaras de gás e os crematórios estavam sendo ampliados conforme suas ordens.

— Himmler estará aqui? — indagou o dr. Kurt. — Fazendo o que, neste depósito de corpos magérrimos?

— Ele... Ele... — O professor não podia contar qual era o objetivo da missão do carrasco, caso contrário, todos teriam um colapso nervoso.

Pela data Júlio Verne sabia que uma fábrica de destruição em massa de judeus e de outras minorias estava sendo testada. Essas fábricas de extermínio foram ordenadas pelo próprio Himmler depois de uma visita a campos de extermínio por fuzilamento.

Os carrascos que fuzilavam pessoas inocentes, embora se tornassem sociopatas profissionais, não ficavam emocionalmente imunes às atrocidades. Não poucos se deprimiam; alguns, inclusive, se suicidavam. O próprio Himmler ficara histérico e quase tivera um colapso ao presenciar um fuzilamento.^[182] Fragmentos das vítimas baleadas o atingiram. Mas ele não interrompeu o processo de extermínio, ao contrário, pediu a um “engenheiro” da SS, Artur Nebe, para aperfeiçoá-lo.

Himmler encorajou Nebe a desenvolver um método menos penoso, mas não para as vítimas, e sim para os executores.^[183] Nebe ficou abalado quando Kohn, seu motorista, atentou contra a própria vida. Kohn, por causa do horror que presenciava diante das atrocidades cometidas contra os judeus, ficou mentalmente deprimido, confuso, desorientado. Não suportou, suicidou-se.

Nebe começou a fazer experiências usando gases de exaustão do seu carro, um Horch de oito cilindros. Cinegrafista amador, filmou com entusiasmo o resultado. Matar seres humanos em massa excitava-lhe o cérebro. Depois que terminou a guerra, uma filmagem contendo uma câmara de gás produzida com a exaustão de um caminhão foi achada em Berlim. Artur Nebe, que nasceu em 3 de novembro de 1894, teve a morte, não confirmada, em 3 de março de 1945. Alguns suspeitaram que não morreu, assumiu uma segunda identidade.

Especialistas em técnicas de extermínio a gás foram assessorar a construção de câmaras de gás no campo de concentração de Belzec, cuja capacidade de matar era pequena no começo. O objetivo inicial era eliminar judeus incapacitados para o trabalho na área. Somente aos poucos ficou claro que a meta era liquidar todos os judeus poloneses. As operações de matança em massa em Belzec começaram na primavera de 1942 e em Auschwitz, no outono daquele ano.^[184]

Assassinatos em massa em furgões a gás iniciaram-se com doentes mentais e físicos e depois se estenderam a toda população de judeus. Era o cumprimento de *Mein Kampf*, o livro de Hitler. Em maio de 1924, Hitler já trabalhava no primeiro volume, elaborando ideias durante e imediatamente após seu julgamento. Na época, estava preso pelo levante contra o governo, conhecido como o Putsch da Cervejaria de Munique.^[185]

O título inicial do livro de Hitler não era atraente: *Quatro anos e meio de luta contra mentiras, estupidez e covardia*.^[186] Somente na primavera de 1925 veio a ser substituído por *Mein Kampf* (Minha Luta). Ideias radicais, extremismo ideológico e noções débeis de ciências políticas e econômicas permeavam sua obra. Inúmeras melhorias estilísticas foram feitas para torná-lo mais palatável ao leitor.

O primeiro volume tinha características mais autobiográficas e o segundo, escrito após sua saída da prisão em 1926, tratava mais extensamente sobre a natureza do Estado. Foi a própria editora do partido nazista que o publicou. Dificilmente Hitler teria chance de publicá-lo em uma editora séria. Os anos se passaram e *Mein Kampf* não fez o sucesso que Adolf esperava. Até 1929, o primeiro volume vendeu 23 mil exemplares e o segundo, 13 mil numa Alemanha de 80 milhões de habitantes, que mesmo fragilizada economicamente, apreciava ler. Hitler foi frustrado, mas não derrotado.

O sucesso do partido nazista em 1930 deu fôlego à obra. Os dois volumes alcançaram 80 mil exemplares em 1932. E, a partir de 1933, quando Hitler passou a ser o chanceler da Alemanha, tornou-se um mega *best-seller*, o que fez dele um homem rico. Tinha tanto dinheiro que, num gesto de propaganda demagógica, rejeitou seu salário de chanceler.

Até 1945, mais de 10 milhões de exemplares foram vendidos na Alemanha, e milhões de outros no exterior. Não foi o conteúdo da obra em si que a fez alçar voo, mas o poder político. *Mein Kampf* se tornou a matriz ideológica de um partido de extrema direita, que tinha baixo nível de planejamento estratégico político, social e econômico. Dependia da força de um homem que hipnotizava uma nação pelos gestos e pelo terror. Por incrível que pareça, até os deficientes visuais podiam lê-lo: em 1936 já havia uma versão em braile.

— Por que você parece tão abalado com o dia de amanhã, professor? — indagou David.

Júlio Verne tentou disfarçar seu temor. Sua mente ainda estava confusa pelos deprimentes dias de confinamento. Sabia que em Auschwitz as câmaras de gás não eram alimentadas pelo gás carbônico, mas por um pesticida terrível, que asfixiava os pulmões.

— Estou abalado porque quero matar Himmler.

Todos os seus amigos deram risadas... O herói magérrimo não tinha forças para matar uma mosca.

Vendo que todos achavam sua missão impossível, tentou provocá-los para que colaborassem com ele. Comentou:

— Hitler já produzia ideias radicais e exclusivistas em 1919 e 1920. E tais ideias foram desenvolvidas em seu livro. Em 1920 ele já falava em eliminar a tuberculose racial matando “o agente causador, o judeu”.

As imagens bacterianas demonstravam que os judeus deveriam ser tratados do mesmo modo que os vermes, pela eliminação. Em *Mein Kampf*, Hitler escrevera: “A nacionalização de nossas massas só terá sucesso quando, além de toda a luta positiva pela alma de nosso povo, seus envenenadores internacionais forem eliminados”.

— Somos considerados bactérias nesse esgoto. Vamos ficar calados? Hitler quer o genocídio! — concluiu Júlio Verne.

Quando falou a última palavra, todos aqueles homens ficaram mais perplexos do que já estavam. Se desconfiassem que Hitler almejava o genocídio judeu, teriam usado de todos os meios para fugir da Alemanha antes de ele assumir o poder, como muitos judeus haviam feito. Mas foram muitos os que não acreditaram nas ameaças desse radical e teatral político. Júlio Verne sabia que em qualquer sistema político, mesmo nas democracias maduras, esses políticos existem, só não têm o meio de cultura adequado para se desenvolver.

Eram quase 10 horas da noite. Precisavam descansar para enfrentar mais um dia fatigante. Ninguém se animou a fazer uma conspiração contra Himmler. Primeiro porque achavam

que o professor não era muito digno de crédito, a história da viagem no tempo era-lhes mais uma diversão para amenizar a dor em Auschwitz do que digna de crédito, por mais que em alguns momentos o achessem um gênio. Segundo porque, se mal conseguiam carregar o peso do corpo, mal conseguiriam empunhar uma arma, que dirá furtá-las. Além disso, havia um contingente de 8 mil policiais da SS armados até os dentes servindo em Auschwitz. Qualquer rebelião produziria uma carnificina como retaliação.

Nos últimos dias o número de judeus dentro do campo estava desaparecendo rapidamente. As câmaras de gás eliminavam não apenas quem chegava nos comboios de trens, mas também os escravos mais debilitados. A crueldade dos nazistas chegava às raias do impensável. Além de matar os judeus em massa, eles debochavam de sua crença, uma crença que, por paradoxal que fosse, havia influenciado toda a sociedade alemã. Na entrada da câmara de gás, eles colocavam a insígnia: *Neste lugar entram os retos do Senhor*. Alguns entravam chorando, outro fazendo suas orações.

No dia seguinte, 17 de julho de 1942, logo pela manhã, mais uma vez as imensas filas duplas dos prisioneiros de cada alojamento foram formadas. Eram contados e como sempre caminhariam até as fábricas químicas.

Subitamente apareceram seis policiais da SS que vieram procurar um judeu específico. Quem os liderava era um oficial com um uniforme impecável, um quepe bem

posicionado, tinha ar de um deus. Todos ficaram apreensivos. O oficial bradou com voz altissonante.

— Quem é Júlio Verne?

Mais uma vez o professor foi procurado. Não podia olhar para quem gritava pelo seu nome, pois quem deixava a formação da fila era punido com uma bala. Ele havia passado a noite se imaginando pegando Himmler numa emboscada. Ao ouvir a citação do seu nome, pensou “Descobriram-me...?”. Mas quem? Não era possível que o tivessem denunciado ou lido o seu pensamento. Pensou, então, que Willi Berger viera pessoalmente junto com Himmler a Auschwitz para cortar sua garganta.

— Quem é Júlio Verne? — novamente indagou esbravejando o oficial alemão, pois não conseguia identificar ninguém naqueles corpos magros.

Vendo que o oficial ia puxar sua arma para começar a matar judeus indiscriminadamente até que lhe contassem, o professor se apresentou, o coração palpitando.

— Sou eu, senhor!

O oficial se aproximou passo a passo, tirou sua pistola do coldre e a encostou na nuca do professor. Em seguida, lhe disse:

— General! Você está irreconhecível.

Júlio Verne sentiu as pernas tremerem e os olhos lacrimejarem, mas não de desespero, e sim de alegria. Conhecia aquela voz. Era de Rodolfo... Seu amigo gênio, mas que tinha comportamentos de um doente mental. Rodolfo

que era sempre espalhafatoso representava bem em Auschwitz. Sabia que se quisesse resgatar seu amigo, tinha de ter a disciplina militar.

Eis que nesse momento um batalhão de soldados da SS caminhava lado a lado de uma celebridade militar. Era o próprio Himmler. Havia um alvoroço em torno desse carrasco. O professor, ao vê-lo com sua face redonda, o reconheceu e seus lábios começaram a tremer. Era seu ponto de mutação da história. Morreria na tentativa, mas se eliminasse Himmler poderia mudar eventos importantes.

Himmler, o cão de guarda de Hitler, caminhava passo a passo, tinha a necessidade neurótica de evidência social, amava ser bajulado. Carregava seu chicote e de vez em quando o batia na bota de couro preto amaciado, enviando uma mensagem subliminar a todos os subordinados. O todo poderoso da SS passou entre os escravos do campo, olhou-os de cima a baixo como se fossem insignificantes e tivesse poder sobre a vida deles. Aos poucos Himmler se aproximou do professor. Este não teve dúvidas, fez um pedido suicida a Rodolfo, mas num tom baixo.

— Dê-me seu revólver, Rodolfo!

Mas Rodolfo, apesar do seu transtorno psiquiátrico, resistiu. Estava particularmente consciente naquele dia. Retrucou:

— Se tiver êxito, não restará um judeu neste campo hoje. Todos morrerão.

Rodolfo talvez estivesse certo. Quando Reinhard Heydrich, o mesmo que Göring encaminhou para “proceder a solução final da questão judaica”, fora assassinado no ano anterior, em 1941, uma represália dantesca ocorrera na cidade de Lídice. Seus 1.700 habitantes masculinos, mesmo os que não tiveram nada com o caso, foram assassinados. O saldo da morte de Himmler poderia ser inimaginável. Mas o professor estava cego.

— Dê-me o revólver, Rodolfo!

Como Rodolfo titubeou, Júlio Verne reuniu suas poucas forças e o tomou de suas mãos. Todavia, imediatamente foi atacado e derrubado na frente de Himmler por dois policiais. O chefe da SS ficou surpreso com a ousadia daquele judeu. Os judeus frequentemente eram passivos, mesmo às portas da morte.

— Que verme ousado! Deixe que eu mesmo o elimine!

Quando ia atirar na cabeça do professor, Rodolfo interveio.

— Não senhor, não faça isso.

Himmler imediatamente apontou a arma para ele.

— Um traidor da causa ariana!

Mas Rodolfo, intrépido, bateu continência e disse:

— Senhor, eu sou oficial médico! Este judeu fétido está contaminado por uma terrível bactéria! Veja os olhos amarelados deles. Observe aqueles pontos pretos na sua pele. Se o matar aqui ele contaminará todo o campo, inclusive o senhor.

Himmler olhou para Júlio Verne e, como era sugestionável, emocionalmente imaturo, obsessivo e tinha mania de doenças, enxergou o que o tal médico da SS comentara.

— Cadê o Josef Mengele?

Josef Mengele era o terrível médico de Auschwitz, que fazia experiências cirúrgicas com judeus sem dar anestésias.

— Nem quis vir aqui para não ser contaminado — afirmou Rodolfo.

Júlio Verne comprou a ideia de Rodolfo de que estava infectado com uma bactéria mortal. Teatralizando seus gestos como se estivesse morrendo, suplicou com a voz pastosa e rouca:

— Estou morrendo... — E dissimulando, pediu: — Mate-me...! Himmler, receoso, deu ordens:

— Mate esse miserável e bem longe deste acampamento.

Querendo salvar outros, o professor apontou para seus amigos.

— Eles também estão contaminados...

Insensível, Himmler passou os olhos nos judeus mais próximos e saiu de cena imediatamente para não ser contaminado com o ar que eles respiravam.

CAPÍTULO 45

O SABOR DA LIBERDADE

Rodolfo pediu que somente um motorista e dois policiais os acompanhassem, pois o risco de contaminação era grande. Dez indivíduos foram selecionados, entre eles o dr. Kurt, Esaú, David e outros. Rodolfo queria levar mais, mas os policiais que inspecionavam seu comportamento no processo de seleção começaram a ficar desconfiados. Viktor Frankl não foi selecionado. Naquele dia se atrasara 30 segundos para entrar na fila, o que o levou a estar a 15 metros de distância do grupo dos “contaminados”.

Júlio Verne virou-se, tentou suplicar por ele, mas não foi possível. Não viram nele os mesmos sintomas presentes no professor. Júlio acabou se conformando, pois sabia pela história que o médico sobreviveria ao caos. Desse modo, partiram para algum lugar distante três quilômetros do acampamento. Durante o trajeto, Júlio Verne indicou que seriam salvos. Seus amigos mais uma vez pensavam que ele delirava.

O professor estava apreensivo. Os dois policiais e o motorista poderiam matar a todos. “Como Rodolfo vai

dominá-los? Será que vai matá-los? Ele é tão desastroso”, foi pensando durante o trajeto.

Três quilômetros à frente, chegaram a um determinado ponto onde havia uma grande vala. Levas de judeus já tinham sido ali enterradas. Era uma cena de inigualável tristeza. Rodolfo, como era chefe da missão, pediu para os judeus ficarem frontalmente um ao lado do outro.

E deu uma ordem para os dois jovens.

— Atenção. Apontar...

Júlio Verne ficou angustiado. Com as armas apontadas era quase impossível que não morressem. “Por que Rodolfo não termina logo com isso?”, pensou.

— Fiquem eretos! — gritou Rodolfo. — Vamos novamente. Atenção soldados de Hitler. Apontar e... abraçar.

E, de repente, os dois soldados e o motorista correram para abraçar os miseráveis que estavam tremendo de medo. Ninguém entendeu nada... Não eram policiais da SS, mas jovens loucos com a injustiça fomentada por Adolfo Hitler. Os policiais eram filhos de mães judias com alemães. Eram arianos impuros, viviam na clandestinidade, embora tivessem traços alemães. E, tal qual Rodolfo, não eram mentalmente “normais”.

— Você quase nos matou de susto, Rodolfo!

— Queríamos testar seus corações, general. “Bye” Hitler!

— “Bye” Hitler!

Havia meses os miseráveis de Auschwitz não sorriam, mas quando ouviram a saudação “Tchau, Hitler”,

começaram a rir loucamente. Contemplaram as árvores e nunca lhes pareceram tão lindas. O vento sul envolveu seus corpos e nunca deram tanto valor à brisa. Com lágrimas nos olhos, tocaram as folhas, os troncos, o solo. Respiraram a liberdade e sentiram que seu sabor é indecifrável. “Um dia livre vale mais do que cem anos presos”, pensaram.

Como ninguém do grupo retornou a Auschwitz, a SS descobriu a trama e passou a caçá-los por toda a região. Sabendo que eram perseguidos, percorreram mais de 150 quilômetros em regiões inóspitas. Procuraram uma região cujas fazendas tinham pastos associados à grande cobertura florestal, pois era mais fácil se esconder. Por onde passavam o ambiente era de beleza única. A liberdade os encorajava a contemplar o belo.

Passaram a dormir no caminhão. Como não tinham dinheiro para comprar alimentos nem cobertores, começaram a praticar furtos para suprir suas necessidades básicas. Foram denunciados e tiveram de bater em retirada. Os dias se passaram e eles foram ganhando peso e saúde. Por fim, percorreram uma região de difícil acesso até que encontraram uma velha casa aparentemente abandonada devido aos bombardeios que sofrera quando Hitler tinha invadido a Polônia. Um casal de idosos lá vivia e os rendeu com suas armas.

— Rezem porque vocês vão para o inferno — disse o idoso homem.

Todos ficaram apreensivos. Rodolfo o questionou:

— Você ama ou detesta Hitler?

— Odiamos aquele canalha.

— Nós também. Somos fugitivos — afirmou o professor.

Dissipada a resistência do casal, foram recebidos com festa.

No jantar, o homem lhes disse que dois grupos de policiais da SS já tinham estado naquele lugar procurando fugitivos. Todos ficaram apreensivos.

— Eles chegaram até aqui? — indagou o dr. Kurt.

— Temos que nos dividir até que a Inglaterra vença a guerra — sugeriu o dr. Kurt.

Se os pegassem, na melhor das hipóteses os levariam de volta para o inferno de Auschwitz. Talvez os pendurassem de cabeça para baixo diante de todos os prisioneiros. O grupo resolveu se dividir de dois em dois e se espalhar pelos campos. Teriam assim mais chances de sobreviver. Pela primeira vez na história um continente ficara pequeno demais para abrigar um povo. Não havia lugar seguro na Europa.

Quando o dr. Kurt falara sobre a Inglaterra vencer a guerra, Júlio Verne tinha esboçado um leve sorriso de ironia. Sabia que os aliados ainda demorariam quase três anos para vencê-la. Uma eternidade quando se é caçado.

Rodolfo e o professor formaram uma dupla. Como as armas eram poucas, as deixaram para seus amigos.

Dois meses se passaram desde que saíram de Auschwitz. O professor ganhou 12 quilos. Pediu perdão a Deus por fugir

dos preceitos da Torá e comia tudo que via na frente, pois não sabia se no outro dia haveria algum alimento. Lembrar-se da fome que passara no campo de concentração fechava o circuito da sua memória e o tornava desesperado por comida.

Na madrugada de 17 de setembro de 1942, o professor e Rodolfo dormiam numa casa mutilada pelo tempo à beira de um rio de dez metros de largura. Júlio Verne estava mergulhado num sono profundo. Teve múltiplos pesadelos naquela noite. Sonhou com a missão do Projeto Túnel do Tempo. Aceitara a magna missão de intervir nos fatos históricos e tentar revertê-los, mas agora se sentia o mais fracassado dos homens. O extermínio em massa dos judeus e outras minorias estava em pleno funcionamento, e ele era apenas um fugitivo querendo salvar a própria pele.

Não mudara um capítulo da história, nem sequer uma página, pois os miseráveis “contaminados” que saíram de Auschwitz não foram salvos por ele, mas por Rodolfo. E, além disso, provavelmente a maioria deles já teria sido capturada. Em seguida, sonhou com Kate e pediu-lhe desculpas por não tê-la ouvido.

— Desculpe-me Kate. Sou um anti-herói. Desculpe-me.

Acordou assustado. Rodolfo, muito mais tranquilo que o professor, dormia profundamente. Minutos depois Júlio voltou a adormecer, mas seu sono foi agitado, sem qualidade. Vinte minutos após ter fechado os olhos, a âncora da sua memória se fixou em áreas do seu córtex cerebral que

tinham registros de fatos históricos que ocorreram antes da deflagração da Segunda Guerra. Parecia que, apesar de ser um anti-herói, seu inconsciente conspirava para encontrar soluções para o drama que a humanidade estava vivendo.

Teve um pesadelo particularmente agitadíssimo com o ministro do Exterior e homem forte da Polônia, Józef Beck. Antes de invadir a Polônia e começar a Segunda Guerra, Hitler fizera uma proposta aos líderes poloneses, a qual, se eles aceitassem, talvez evitasse de a Polônia ser invadida. A Inglaterra e a França não declarariam guerra à Alemanha e, portanto, a Segunda Grande Guerra não aconteceria. Era uma aposta interessante, valeria a pena pagar para ver, embora Hitler fosse ambicioso e dissimulado.

Em seu pesadelo, o professor discutia com Beck para que este aceitasse a proposta dos nazistas de devolver a pequena cidade polonesa de Dantzig, que antes da Primeira Guerra pertencia à Alemanha. E também a proposta de ceder um corredor de passagem para a Alemanha numa eventual guerra com a Rússia, pois Hitler detestava os comunistas. Mas Beck era resistente.

Júlio Verne suplicava-lhe em favor das futuras dezenas de milhões de vítimas... Mas nada. Beck não acreditava nessa história de outra guerra mundial nem de milhões de vítimas. Desde quando Hitler se tornara um chanceler, os líderes poloneses achavam que ele era um engodo, político radical e estúpido, que em breve iria cair. Mas não caiu. O predador se armou. Sem eficácia diplomática e mentalmente abalado, o

professor perdeu a estribeira, começou a gritar com o ministro das Relações Exteriores da Polônia:

— Você é louco, Beck! Você vai atear fogo na Europa!

Acordou assustado, estava ofegante, enquanto seu companheiro de choupana continuava a roncar relaxadamente. Meia hora depois voltou a dormir. Eram 5 horas da manhã. O astro que comanda a orquestra do dia logo os despertou com suas frestas de luzes. Os dois companheiros começaram os preparativos para o “café da manhã”, sem pão, leite, manteiga, apenas um suculento peixe de dois quilos feito na brasa, pego na tarde anterior.

Enquanto devoravam o peixe, perceberam um barulho estranho nos arredores. Olharam pela janela e viram dois policiais da SS se aproximarem. Prenderam a respiração de medo. Como estavam sem armas, sabiam que se os descobrissem teriam de lutar. Apagaram rapidamente o fogo, esconderam o peixe e tentaram se encolher atrás de alguns móveis estropiados. Mas os policiais tinham visto de longe a fumaça saindo pela chaminé.

Sem pedir licença, arrombaram a porta e começaram a procurar os habitantes. Havia dois cômodos na casa, uma sala-cozinha e um pequeno quarto. Como ninguém se apresentou e não encontraram uma viva alma na sala, desconfiaram que no aposento ao lado se escondiam os fugitivos que haviam enganado o poderoso Himmler.

Não tiveram dúvida. Metralharam o quarto. Matariam os presentes e depois perguntariam aos defuntos quem eram.

Ação típica dos nazistas. Mas o professor e Rodolfo estavam em cima de um triliche, não foram pegos pela saraivada de balas. Quando os policiais entraram, eles pularam como predadores em cima deles e iniciaram uma luta corporal. Derrubaram-nos e começaram a socá-los, mas os nazistas eram bem treinados e fortes. Logo reverteram a desvantagem e começaram a espancar o professor e Rodolfo.

Um dos policiais, o que lutava com o professor, conseguiu retirar o revólver do coldre e apontou para o peito dele. O estado de tensão do professor foi às alturas. Eram seus últimos segundos de vida... Quando o policial ia disparar, subitamente ouviu-se um estrondo no pequeno aposento e uma luz irradiou-se intensamente. Uma corda cósmica abriu-se. A máquina do tempo de alguma forma novamente foi acionada pelo estado de pânico do professor e o transportou para um lugar imprevisível, ainda na Polônia.

Não se sabe o que ocorreu com Rodolfo, mas o professor, pelo menos por enquanto, escapara da morte. E, dessa vez, finalmente, o mais inteligente e frágil dos heróis se encontrava em um ponto solene de mutação da história... Teria sua grande oportunidade de mudar os eventos da Segunda Grande Guerra.

CAPÍTULO 46

A POLÔNIA ANTES DO CAOS

Um homem moribundo estava deitado numa praça. Era Júlio Verne, com hematomas no olho direito. Eram 3 horas da madrugada. Um vento frio roçava seu peito, mas não o despertou. Parecia esgotado, sem energia para levantar e caminhar. Acordou com o sol das 7h30 incomodando sua face e os sons dos caminhantes perturbando seus ouvidos.

— Onde estou? — perguntou espantado para si.

Olhou ao redor e percebeu que estava numa cidade importante, com um trânsito fervilhante de carros a motor e de tração animal. Perguntou para um passante idoso onde se achava.

— Está na bela capital da Polônia, em Varsóvia, homem de Deus — disse o idoso diante do confuso mendigo.

O poliglota professor entendeu a língua do generoso homem.

— Não é possível! Se fui transportado, tinha de estar no futuro! — afirmou Júlio Verne, perplexo. E batia no rosto para sentir se tudo era real ou mais um pesadelo. A dor na pele não deixava dúvidas.

— Que futuro, homem? — perguntou o idoso, curioso, para o “doente mental”.

Mas ele não respondeu, apenas fez outra pergunta.

— Por favor, em que data estamos?

Sabendo que o mendigo variava, mas que pelo menos parecia querer se integrar à realidade, o estranho foi gentil com ele.

— Hoje é 26 de agosto de 1939.

— Vinte e seis de agosto de 1939? Então a Segunda Guerra Mundial não começou.

— Segunda Guerra? Do que você está falando? — indagou o senhor de cabelos grisalhos que lutara como capitão na Primeira Guerra. Sabia que a Europa não suportaria mais uma guerra mundial.

Júlio Verne não respondeu. Levantou-se num sobressalto, animado, e começou a dar pulos de alegria.

— Ainda dá tempo! Ainda dá tempo!

A Segunda Guerra Mundial se iniciaria dali a exatos sete dias, dois dias após 1º de setembro de 1939, quando ocorreria a invasão da Polônia pelas forças nazistas. No dia 3 de setembro, a Inglaterra e a França declarariam guerra à Alemanha.

O tempo conspirava contra o professor, teria sua grande chance de contribuir com a humanidade, mas precisaria tomar atitudes urgentes. O seu último pesadelo havia contribuído para ele ser transportado para esse fundamental ponto de curvatura da história. Teria de encontrar Józef

Beck, o influente, resistente e teimoso ministro do Exterior da Polônia e convencê-lo de que em breve a Europa arderia em chamas se ele não cedesse às reivindicações de Adolf Hitler.

Júlio Verne precisava de roupas novas, fazer o cabelo, barba, enfim estar minimamente apresentável para uma futura audiência com o líder polonês. Hábil em furtar alimentos, furtou roupas e algum dinheiro para dar um trato na aparência. Enquanto se vestia, pediu desculpas em voz baixa para as pessoas que havia lesado, era em prol da humanidade. Cortou o cabelo, arrumou-se e depois de obter informações precisas e traçar um plano, foi para o palácio do governo.

Józef Beck estava numa sala de reunião a 20 metros do seu gabinete, discutindo justamente as propostas do *Führer*. A reunião começara à noite e tinha varado a madrugada. O ministro espumava de raiva.

— Hitler é um louco. Está blefando. Não terá coragem de invadir a Polônia! Além disso, a Alemanha ainda está debilitada. Não tem todo esse poderio que anuncia — dizia para os líderes poloneses, que incluíam membros das Forças Armadas, um grupo seleta de deputados e empresários da indústria bélica.

A maioria, influenciada por ele, concordava com a insanidade da exigência do *Führer*. O chefe do Estado-Maior, numa atitude grandiloquente, disse:

— Temos poderio para enfrentar Hitler!

Mas a necessidade neurótica de poder embriaga a racionalidade e faz ver o que não existe. A Polônia tinha soldados valentes, alguns tanques e aviões e muitos cavalos. Seria arrasada em poucos dias pelos tanques de guerra e pela poderosa aviação militar alemã.

Do lado de fora da porta da sala de reunião havia vários soldados fazendo guarda. Fora, no pátio e nas cercanias do palácio presidencial, mais de cem soldados faziam a segurança dia e noite. Era um lugar que exigia o máximo de segurança, pois temiam-se atentados por parte da terrível polícia secreta nazista. O professor usou de incrível *expertise* para adentrar a fortaleza.

Beck, após extenuante reunião, retornou ao seu gabinete para pegar alguns papéis e ir para casa descansar. Era 1 hora da madrugada. Subitamente uma cena deixou perplexo o líder polonês. Vislumbrou um homem bem trajado sentado em seu macio sofá marrom de couro de búfalo, recheado com plumas de ganso. O estofado era o assento preferido do dirigente, que ali costumava sentar-se para admirar o belíssimo jardim vitoriano do palácio.

Quando ia chamar os guardas, o professor suplicou.

— Por favor, não chame os seguranças. Estou desarmado.

Mas três soldados, tendo ouvido a conversa no gabinete e sabendo que Beck entrara sozinho, invadiram o espaço de armas em punho. Protegido, Beck cresceu.

— Quem é você?

— Não sou nazista. Sou um amigo da Polônia.

O interrogatório continuou.

— Identifique-se e diga o que faz aqui! — ordenou o líder polonês.

— Eu? — Júlio pensou e resolveu que não tinha tempo a perder. Era melhor ser transparente, por mais maluca que parecesse sua missão: — Eu sou um enviado de um governo amigo para tentar evitar a invasão da Polônia pela Alemanha.

— Enviado de quem? Você está maluco?

Não podia dizer que era um enviado da Alemanha, não esta do tempo dos nazistas, mas da Alemanha do futuro, da Alemanha que queria corrigir sua história. O imbróglio seria tão grande que Beck pensaria que o professor era um nazista dissimulando seu comportamento. Então Júlio mentiu.

— Sou enviado da Inglaterra.

— Da Inglaterra? Mostre suas credenciais.

Engolindo saliva, o professor confessou:

— Não as tenho. Perdi durante a trajetória para furar o bloqueio para estar aqui.

— Você certamente é um espião nazista.

— Não, não sou! Sou Júlio Verne. Vim avisá-lo de que em dez dias a Alemanha invadirá a Polônia e a devastará.

Imediatamente recebeu um bofetão de Józef Beck. A Polônia que pleiteava ser um ator de peso no tabuleiro das nações não podia ser devastada por nenhuma outra nação, pensava o poderoso ministro. Debilitado, o professor quase desmaiou, mas não perdeu ânimo, pois pela primeira vez

tinha a oportunidade de atacar um evento importantíssimo que contribuiria para deflagrar a Segunda Guerra. Mas sabia que como suas explicações eram destituídas de consistência, tinha grande chance de ser morto por fuzilamento, afinal “invadira” o gabinete do paranoico líder da Polônia. Tentou outra estratégia.

— Senhor Beck, eu fui enviado do futuro para tentar evitar a Segunda Guerra Mundial.

— Enviado do futuro? Segunda Guerra Mundial? Você está doido. Não vou perder meu tempo. — E deu ordens para os guardas: — Leve-o para o cárcere.

— Por favor, me ouça. Eu atravessei a barreira do tempo e do espaço para avisar que se o senhor não ceder Dantzig e o corredor de passagem proposto pelo *Führer* da Alemanha, Hitler, esse crápula megalomaniaco em poucos dias invadirá a Polônia e deflagrará a Segunda Grande Guerra Mundial. A Europa tornar-se-á um grande cemitério. Mais de setenta milhões de pessoas morrerão.

O outro soldado ia espancá-lo, mas o professor, fraco ainda pelo período que ficara confinado em Auschwitz e pelas agruras da fuga, protegeu o rosto com as mãos e suplicou-lhe:

— Por favor, não... não sou inimigo...

Beck conteve a ira do soldado. Ficara impressionado com os argumentos de Júlio Verne, por ele haver citado Dantzig e a questão do corredor de passagem. Não era tão maluco assim. Era bem informado.

— Como você sabe dessas propostas, se são secretas? Como sabe sobre Dantzig? — indagou veementemente o líder polonês.

Hitler tinha obsessão em recuperar a pequena cidade de Dantzig da Polônia. Não era por estratégia militar ou econômica, mas por uma questão de honra nacional. Assim como o Tratado de Versalhes era considerado uma desonra nacional, pois impunha punição econômica e militar à Alemanha após ter perdido a Primeira Guerra, saber que Dantzig pertencia à Polônia era para o *Führer* um vexame nacional.

— Sei de muitas coisas. Sei que ontem, 25 de agosto, Londres assinou o Pacto de Assistência à Polônia no caso de uma invasão da Alemanha.

Beck ficou impressionado com esses dados, pois o assunto ainda não havia saído na imprensa, já que o pacto fora assinado no final da tarde do dia 24 de agosto. E, além disso, o fato não fora alardeado no rádio para não colocar em pânico a população. O professor clamou a Józef Beck:

— Em nome da humanidade, eu lhe suplico que ceda essa pequena cidade e o corredor de passagem para esse psicopata da Alemanha. A soberania e a identidade da Polônia não serão comprometidas. E, além disso, poderá ter a renovação do Tratado de Não Agressão proposto por Hitler.

Todas essas propostas foram peças importantes no grande jogo que antecederam a Segunda Guerra. Se Beck não fosse radical, se tivesse bom senso e cedesse, a história

mundial teria a possibilidade de ser reescrita. Antes da invasão da Polônia, Adolf Hitler ainda era contido e um pouco temeroso. Não era o predador que em dias invadia um país e o dominava. Por isso, talvez as ideias do “professor do futuro” dessem certo, até porque nada poderia ser pior do que as atrocidades que seriam perpetradas na Segunda Guerra Mundial. Mas Beck zombou do professor.

— Você é ingênuo! Jamais me curvarei às propostas de Hitler. Leve-o à prisão — ordenou aos soldados. — Será julgado.

O professor derramou lágrimas. E, enquanto era arrastado contra sua vontade por dois soldados na frente e outro com uma arma apontada na sua nuca, deu sua última cartada:

— Espere, ministro. Ribbentrop, seu colega ministro do Exterior da Alemanha, há três dias conseguiu um pacto russo-germânico de não agressão. Era o que Hitler precisava para invadir a Polônia. No início de setembro, o caos começará.

De fato, Hitler, apesar de detestar o socialismo russo, tinha feito um pacto de não agressão com Stálin para que este não pensasse que a próxima nação a ser invadida pela Alemanha seria a Rússia. Stálin, ingênuo, acreditara na ética nazista. Mas não tardaria para o *Führer* colocar suas garras sobre a Ucrânia e a Rússia.

Beck abalou-se com a informação do professor, quase ficou sem respiração, mas também deu sua última cartada.

Proferiu uma importantíssima frase, mas pouco difundida na história:

— *Com os russos perdemos a liberdade, com os alemães perdemos a alma.*

Essa frase foi proferida algumas vezes, inclusive diante de diplomatas franceses e ingleses que haviam pedido para Beck refletir sobre as propostas de Adolf Hitler. Mas obstinado, radical, pertinaz, aferrado a velhos conceitos, Beck preferia olhar para o próprio umbigo e não para a sociedade polonesa.

Diante do radicalismo do ministro das Relações Exteriores da Polônia, veio à mente de Júlio Verne o sofrimento das crianças e mães judias mortas nos campos de concentração, dos soldados mutilados em combates. Perturbadíssimo, cerrou os dentes e teve um ataque de raiva.

Respirava ofegante como uma fera acuada prestes a atacar. Imaginou-se avançando em Beck, tomando-lhe a arma e matando-o. Tentou se soltar, mas dois brutamontes o seguravam. Além disso, a arma direcionada à sua cabeça poderia ser disparada. Procurou gerenciar seu estresse. Teria alguns dias para tentar um milagre, arrumar outra estratégia.

Enquanto era levado, o colecionador de lágrimas gritava:

— Um grande líder tem de ter coragem para avançar e mais coragem ainda para recuar! Os filhos desta nobre nação serão serviçais! A Polônia será palco do maior horror da

humanidade! Campos de concentração serão construídos e brutalmente eliminarão milhões de seres humanos...

Beck ficou louco ao ouvir os brados do professor no corredor. Gritou para os soldados interromperem a marcha. Aproximou-se dele e berrou em seus ouvidos, quase o levando à surdez.

— Somos a grande Polônia! Nunca dite ordens para um líder! — E o ministro deu-lhe duas bofetadas violentas na cara.

Ditar ordens para um líder insensato é o mesmo que fazê-lo se aferrar àquilo em que acredita, ainda que sua crença seja intelectualmente estúpida e sociologicamente inumana.

Um policial se preparou para assassinar o professor, mas Beck o interrompeu.

— Não. Leve-o para posterior investigação.

Dez metros à frente, enquanto era levado, Júlio passou pela lixeira do gabinete de Beck e sentiu cheiro de comida. Desesperado, fechou o circuito da sua memória e reagiu por instinto. Atacou a lixeira que tinha restos de alimentos e algumas cascas de banana. Para alguém que vivera em Auschwitz, aqueles restos eram um manjar. Mastigou-os como um animal faminto diante dos olhos espantados dos soldados e do ministro polonês.

CAPÍTULO 47

UM NOVO ATAQUE DE PÂNICO

O professor, por ser considerado um criminoso perigoso, ficou sozinho numa cela. Embora tivesse uma alimentação incomparavelmente melhor do que em Auschwitz, seu estado depressivo frente à própria impotência de impedir a Segunda Guerra Mundial dominou o instinto da fome, não sentia prazer em comer. Não parava de pensar na invasão da Polônia. Ao derrotar o país, a Alemanha intensificaria a caça aos judeus alemães e iniciaria as deportações dos judeus poloneses para os guetos de Varsóvia. Tais acontecimentos tornar-se-iam uma mola propulsora para a formação de Auschwitz e de outros campos.

O professor sabia que algo precisava ser feito urgentemente. Era 28 de agosto de 1939. Em três dias, dia 1º de setembro, seriam ouvidos os sons infernais de bombas, canhões, bombardeios. A Alemanha invadiria e massacraria a Polônia. Sabendo disso, o professor segurava as barras da cela com as mãos e tentava impotentemente chacoalhá-las. Era impossível romper os grilhões de ferro e os grilhões do medo. Estava perdendo a oportunidade de ouro para atacar outro ponto de mutação da história e evitar a Segunda

Guerra Mundial. Seu cérebro estressado fazia seus pulmões terem dispneia, falta de ar, e seu coração pulsar incontrolavelmente:

— Tirem-me daqui! Levem-me até Beck! A Polônia vai arder em chamas!

— Cale a boca — gritavam alguns presos.

Pensar em crianças como Anne e Moisés, no dr. Kurt, em Herbert, Esaú e Rodolfo o levava ao desespero.

— A Polônia vai capitular. Tirem-me daqui!

Gritava e chorava, chorava e gritava.

— Calem esse louco — outros presos bradavam.

Vieram dois guardas e lhe deram uma surra.

Mas era impossível silenciar a voz da sua mente. Ainda que o amordaçassem, ele gritaria em seus pensamentos. Foi então que começou a dar aulas de dentro da sua prisão. E mais uma vez ele irrigou a sensibilidade daqueles que o ouviam, pelo menos de alguns. Eram criminosos, mas também eram seres humanos. Como caçador de pérolas, o professor conseguia explorar tesouros em terrenos inóspitos.

Ele começou a dar aulas sobre a Polônia e a Alemanha. Comentou sobre as condições sociopolíticas que se instalaram após a Primeira Guerra e os riscos de ocorrer outra guerra mundial. Os presidiários começaram a ficar desesperados com a fala daquele culto homem.

Hitler era um homem mundialmente famoso e admirado, em especial por pessoas radicais, fascistas e de partidos de

extrema direita. Muitos criminosos de várias raças o tinham como ídolo, inclusive na prisão em que o professor estava. Mas a razão começou a prevalecer sobre a emoção. Ao mostrar a personalidade do *Führer* alemão, sua intolerância racial, beligerância, brutalidade, capacidade de vender sua imagem no palco social e, ao mesmo tempo, cometer atrocidades em seus bastidores, foi seduzindo alguns da plateia de criminosos. Ele não negou sua raça, disse que era judeu e comentou as mazelas que os judeus vivenciariam.

— Ribbentrop, ministro do Exterior alemão, manifestou o desejo de assentar todos os judeus da Europa na ilha de Madagascar sob o comando alemão, mas com administração judaica. Alguns estudos foram feitos para isso. Em meados de agosto de 1940 pensou-se em mais detalhes do plano para pôr quatro milhões de judeus nessa ilha mas, agora, sem a autonomia administrativa judaica. Os judeus estariam debaixo do controle estrito da SS. A ilha tornar-se-ia um megacampo de concentração. Os planos foram abortados. Preferiram eliminar os judeus, das crianças aos idosos.

E, em seguida, o professor contou-lhes sobre os campos de concentração. Discorreu que Hitler e outros fanáticos nazistas desenvolveram um antissemitismo maníaco, reflexo de uma atrofia da mentalidade humana. Alguns criminosos choraram.

— Eu sou um assassino! Cometi um latrocínio. Ao roubar, matei quando fui confrontado. Sou culpado, mas jamais ouvi falar que crianças e mulheres inocentes poderiam ser mortas

gratuitamente! Como isso é possível? — falou indignado um prisioneiro.

— Hitler em poucos dias dominará a Polônia e eliminará os prisioneiros.

— Por quê? — indagou outro prisioneiro inconformado.

— Para esvaziar as prisões e ter espaço para encarcerar líderes políticos da Polônia.

O impacto foi tão grande em alguns criminosos que eles queriam sair do cárcere a qualquer custo e libertar Júlio Verne, mas o presídio era uma verdadeira fortaleza. O infeliz professor nunca se sentiu tão impotente. Na noite de 30 de agosto contava cada minuto, pois sabia que no dia seguinte perderia sua própria guerra. Seu cérebro estava stressadíssimo. Os criminosos também estavam agitados. Descontrolado, Júlio proclamava:

— Guardas, é madrugada de 1º de setembro. Não dá mais tempo! Não dá mais tempo! — dizia aos prantos. E bradava: — Deus! Por que não me ajuda? Por que não tem compaixão dessa humanidade doente? Deus, onde está você? — proclamava sem parar.

Suava frio, estava perturbadíssimo, delirando. Atirava seu corpo contra as grades, querendo rompê-las. Tinha risco de morrer traumatizado. Os presidiários das celas ao lado estavam com compaixão dele e temerosos. Os mais distantes, sem saber o que se passava, amaldiçoavam o maluco.

— Cale a boca, maldito. Nós o mataremos. Queremos dormir.

Num ataque de raiva, o outrora dócil professor sentenciou aos brados:

— As bombas os ensurdecirão e os fuzis os matarão. — E se sentou inconsolado no frio chão da prisão.

Não relaxava um segundo. Qualquer barulho parecia o som estridente de bombas. E sentado, mais uma vez se tornou um colecionador de lágrimas. Sua mente continuava a ser assaltada por todas as imagens que presenciara em Auschwitz. Quase que involuntariamente citava em voz sofrida o nome de seus amigos.

— Rebeca, Dr. Kurt. Desculpem-me. Eu falhei... Eu falhei...

Era um homem completamente fora de si, profundamente descontrolado. De repente, seu estado de pânico, tensão mental e humor trucidado pela dor foram tão agudos e intensos que levaram sua mente a acionar novamente uma corda cósmica. Um estrondo gigantesco aconteceu na prisão. Sem saber o que estava acontecendo, o professor foi transportado no tempo. Dessa vez não precisou passar por um pesadelo, pelo menos não dormindo.

Foi transportado estranhamente apenas para dias antes do tempo em que estava. Encontrava-se num imponente porto na costa francesa. Mas trajava as engraçadas roupas listradas de um presidiário polonês. Confuso, deparou-se com dois homens que se aproximavam. Falavam em inglês.

Os homens, muito bem trajados, estavam sendo escoltados à distância por três outros policiais.

Os homens ficaram atônitos com a imagem do personagem que viram dez metros à sua frente. Ao se aproximarem, notaram não apenas que trajava roupas bizarras, mas havia hematomas e lesões na face. Condoídos, jogaram algumas moedas para o mendigo.

— Onde estou? — perguntou Júlio para eles.

— Na França, oras — respondeu um deles, que parecia francês.

— França? Em que dia e ano estamos?

Um olhou para o outro. O inglês resolveu falar, pois o estranho perguntara na sua língua.

— 18 de agosto de 1939.

O professor sorriu.

— Felizmente ganhei mais alguns dias.

O outro, com sotaque francês, acrescentou à fala do primeiro:

— Vamos, Michael, não temos tempo para perder. Precisamos nos antecipar a Hitler.

O professor olhou bem para aqueles homens, pareciam diplomatas. De repente sua mente se abriu e ele disse para si: “Não é possível! Será que são eles?” Quando os dois já se encontravam a cerca de 15 metros de distância, o professor gritou:

— Michael Key!

Um deles se voltou espantado para o professor, como se esse fosse seu nome.

— Nicholas Dominique?

— Sim, sou eu — confirmou o que tinha sotaque francês.

Com um sorriso incomum para um mendicante, num estado de êxtase, Júlio disse para si: “Minha mente está conspirando para mudar a História”. O professor estava diante de mais um ponto de mutação.

— Os dois brilhantes diplomatas da Inglaterra e da França encarregados de interromper o acordo germânico-russo que deu ousadia a Hitler para invadir a Polônia. Hitler sabia que Stálin conhecia sua aversão pelos marxistas. Ele os varreu da Alemanha quando se tornou chanceler. Sabia que se invadissem a Polônia seria quase como declarar guerra à Rússia, pois ambas dividiam as fronteiras.^[187]

Os dois homens ficaram atônitos com as informações do bizarro professor, mas valorizavam o trivial e não o essencial.

— Como sabe nossos nomes? — indagou Nicholas.

— E como você sabe que esse tratado está em curso? — acrescentou Michael.

— Sou um homem muito bem informado, senhores.

— Nicholas, acho que estamos ficando famosos — brincou Michael e perguntou ao professor: — Quem é você?

— Pareço um mendigo, mas sou um professor de história.

— Em que podemos ajudá-lo? — indagou Nicholas.

— Senhores, vocês podem mudar o curso da História. Um acordo entre a Alemanha e a Rússia vai atear fogo nas ambições de Hitler e acalmar Stálin, o paranoico secretário geral do Partido Comunista. Impedir esse tratado poderia conter o ímpeto megalomaniaco de Hitler e mudar os acontecimentos que estão por vir. Eu lhes rogo: não peguem um vapor, peguem um avião, cheguem na frente para impedir o tratado de não agressão entre Hitler e Stálin.

— Calma, Stálin sabe que Hitler detesta os comunistas — afirmou Nicholas. — Não fará um acordo às pressas.

— Está enganado, senhor. Em cinco dias o ministro do Exterior de Hitler, Ribbentrop, selará um acordo de dez anos de não agressão entre a Rússia e a Alemanha.

— Quando? — indagou Michael descrente.

— No dia 23 deste mês de agosto.^[188] — e, suando frio, o homem do futuro confessou: — A Polônia será invadida no dia 1º de setembro. E seus países declararão guerra à Alemanha, deflagrando a Segunda Guerra Mundial. Por amor à humanidade, sejam rápidos. Antecipem-se a Ribbentrop.

— Como você sabe que isso ocorrerá?

— O fato é que sei e sei que, se vocês falharem, a Segunda Grande Guerra matará mais de setenta milhões de pessoas. Será um desastre sem precedentes para este continente e para a humanidade. Eu lhes suplico: peguem um avião, não vão de navio. Convençam Stálin antes de Ribbentrop.

O professor estava diante do maior ponto de mutação da história que já presenciara. Sabia que se convencesse os

diplomatas francês e inglês, a Segunda Guerra Mundial poderia não acontecer. Como sempre, cinco minutos poderiam mudar a História para o bem ou para o mal. Infelizmente, Michael olhou para Nicholas e franziu a testa como se estivesse diante de um homem mentalmente perturbado.

— Ribbentrop? Aquele falastrão vai fazer um acordo com Stálin? Duvido. — E depois zombou do professor: — É inegável que estamos diante de um mendigo intelectual, mas que conhece pouco a diplomacia alemã.

— Fique tranquilo, cuidaremos de Ribbentrop — afirmou Nicholas.

Mas o professor era obsessivamente insistente.

— Senhores, não estou tranquilo, estou a ponto de ter um colapso. Mesmo que Stálin não seja um crápula como Hitler, se não impedir esse tratado, Hitler alçará voo em sua ambição geopolítica. Ele invadirá a Polônia, e o sucesso dessa campanha o fará conduzir ataques-relâmpago por todo o continente.

Júlio Verne tinha razão. A vitoriosa campanha contra a Polônia colocaria combustível na megalomania do *Führer*. Não fazia muito tempo que o próprio Hitler havia confessado que era um simples soldado na Primeira Guerra, um simples corredor que transmitia informações. Mas a Alemanha perdera a guerra e, agora, esse soldado resgataria o império ao qual acreditava que a Alemanha estava destinada. Ele havia dito: *“A vitória que jogamos fora em 1918 será agora*

recuperada em alto e bom tom. O corredor que vai do front para o quartel general agora se acha predestinado a resgatar a Alemanha e reacender o sonho imperialista nascido no fim do período bismarckiano”.^[189]

Hitler sabia da fragilidade das Forças Armadas alemãs diante da possibilidade de uma coalizão inimiga. Por isso, precisava abrandar os ânimos da Rússia. Não podia sustentar guerras de longa duração. Era preciso concentrar-se em ataques curtos em focos determinados, de maneira a expandir aos poucos sua economia e indústria bélica e seu sistema de defesa, até que tivesse condições de enfrentar uma guerra mundial. Tais ataques rápidos e maciços foram chamados de ataques-relâmpago[*].

Mas, antes de lançar os alemães nessa estratégia militar, Hitler usou a estratégia de exaltar constantemente a raça ariana e propagandear a sua superioridade. Sob o calor de uma autoestima exaltadíssima sustentada pela indústria de propaganda de Goebbels, milhões de jovens alemães se entregaram à sua ideologia.

Depois da vitória sobre a Polônia, no discurso de 23 de novembro de 1939, quando queria preparar os altos comandos para invadir o mais breve possível outros países do Ocidente, mais uma vez mostrou sua falsa modéstia ao exaltar a si mesmo acima de todos os alemães. Dizia que nenhum ariano se comparava a ele. Considerava-se único para dirigir a Alemanha. O austríaco rude, inculto e falastrão vendia sua imagem como ninguém.

Após ouvir sobre o poder bélico de Hitler e seus possíveis ataques-relâmpago, Nicholas, com o orgulho francês ferido, afirmou categoricamente para o professor:

— Hitler é um engodo, uma ilusão. Sua máquina militar não tem poder para aventuras. Não seja tolo, homem.

— Senhor, a França capitulará em uma semana.

— Você está louco — reagiu agressivamente o diplomata francês: — Nossa frota naval é mais poderosa que a da Alemanha! Nosso Exército e Aeronáutica são mais poderosos que os dela.

A irritabilidade e autossuficiência de Nicholas, embora desprezassem a engenhosidade do estrategista Hitler, tinha seus fundamentos. Antes de 1º de setembro de 1939, dia da invasão da Polônia pela Alemanha, a Marinha alemã não só era inferior à esquadra inglesa, mas também à francesa.^[190] Além disso, o Exército de Hitler consistia em 102 divisões e só metade estava ativa e disponível.

Entretanto, a Aeronáutica nazista era fortíssima. Dispunha da quantidade gigantesca de 3.298 aparelhos. Depois da campanha contra a Polônia, as reservas de munição ficariam reduzidas à metade, de modo que uma continuação ativa da guerra não teria sido possível por mais um mês. Portanto, um ataque em conjunto das potências ocidentais, aqui incluindo não apenas a França e a Inglaterra, mas também os Estados Unidos — que só entrariam na guerra no dia 7 de dezembro de 1941 após o Japão destruir Pearl Harbor —, teria provocado um

afundamento das forças alemãs e a consequente decadência de Hitler. Mas o Ocidente não se uniu para dar uma resposta rápida e cabal contra o nazismo. O preço da inação sempre foi mais caro que o da ação.

Os diplomatas francêss e inglêss tiveram uma lentidão imperdoável para evitar o acordo entre a Alemanha e a Rússia. Zombaram de Júlio Verne. Nicholas instigou seu colega inglês a seguir seus planos.

— Vamos, Michael. O navio nos espera.

— Sim, vamos. Precisamos de uma viagem relaxante. Afinal de contas temos trabalhado muito — afirmou Michael.

— Na era do avião, com um mundo prestes a estar em chamas, pegarão um mísero vapor para ir à Rússia? Isso é uma heresia diplomática — falou o professor, abalado, rilhando os dentes de ansiedade. — Senhores! A Segunda Guerra Mundial vai implodir a Europa.

— Calma, homem, diplomacia exige serenidade — comentou Michael.

— Mas exige também rapidez. Quase seis milhões de judeus vão morrer. Marxistas, eslavos, homossexuais, ciganos, maçons serão mutilados. A França será humilhada mais que os alemães o foram pelo Tratado de Versalhes. Cidades inglesas serão arrasadas. E, além disso...

Nicholas olhou para Michael, depois de novo para o professor, e disse:

— Pare com essas fantasias!

— Você é louco? Derrotaremos Hitler com extrema rapidez, se ele invadir a Polônia — afirmou Michael.

E ambos se foram.

O professor continuava a ranger os dentes de raiva. Uma viagem, uma simples viagem, poderia, se tivesse sucesso, evitar o sofrimento de milhões de seres humanos. Um ponto altíssimo de mutação da história estava sendo dissipado diante de seus olhos. Perturbado, Júlio Verne perdeu a noção de perigo e num sobressalto tentou pegar a arma de um dos guardas para pressionar aqueles diplomatas a mudarem de ideia.

— Assassinos! Vocês querem o conforto de uma viagem de navio enquanto o ministro do Exterior da Alemanha toma um avião para seduzir Stálin? Estouro seus miolos de não mudarem de ideia.

Estava tão transtornado que não viu outro soldado à paisana se aproximar. Foi golpeado na nuca, caiu ao solo e começou a ser espancado, chutado. Foi levado à prisão quase morto por tentativa de assassinato de duas altas lideranças da diplomacia anglo-francesa. O crime era grave. O relógio não interrompia sua marcha. O tempo adquiriu sabor, as horas tornaram-se amargas como fel.

O Projeto Túnel do Tempo era mais uma vez frustrado. A mente do professor o apoiava a mudar a História, e até que conseguia mudar pontos periféricos dos acontecimentos, mas os capítulos centrais pareciam imutáveis. A história embalada pelas atitudes humanas seguia inexoravelmente

seu próprio curso. Milhões de vidas foram silenciadas por alguns minutos de decisões erradas... Minutos fundamentais, mas que poucos conheceram...

CAPÍTULO 48

O RETORNO AO FUTURO

A prisão francesa era menos escura, lúgubre e fria do que a polonesa, mas não menos asfixiante, pois ele mesmo, Júlio Verne, se punia por não ter tido habilidade intelectual suficiente para convencer os diplomatas francês e inglês a pegarem um avião para fechar um acordo com Stálin. Conseguiu mudar o pensamento de um *Kapo* e de alguns nazistas, mas não dos cultos diplomatas.

O professor estava física e mentalmente esgotado. As agressões que sofrera nas últimas semanas, a responsabilidade de mudar a História, seu sentimento de impotência e seu comportamento autopunitivo produziam uma sobrecarga cerebral dantesca. Um ser humano pode desenvolver transtornos psiquiátricos, mesmo que tenha tido uma infância saudável. Basta estar sob estresse acima dos limites suportáveis e por um tempo prolongado, caso do professor Júlio Verne. A máquina do tempo tornar-se-ia para ele uma máquina de doença mental.

O outrora dosado e lúcido professor estava transtornado e desequilibrado. Esqueceu-se do seu amigo Viktor Frankl e da busca do sentido existencial. Ele nem se importava se estava

doente ou saudável, pois a Segunda Guerra tornaria o mundo um hospício global. Sem nenhum gerenciamento sobre seus pensamentos, o professor começou a gritar na prisão, como se a tonalidade da voz pudesse ter algum efeito sobre a História, ou pelo menos sobre a sua, particular.

— Loucos! Tirem-me daqui. A França vai capitular. Tirem-me daqui. — E batia seu corpo novamente contra as grades. Era o mais frágil dos heróis. Esquecera-se do provérbio militar dos membros do Projeto Túnel do Tempo: *não me pergunte se sou capaz, dê-me minha missão que darei cada gota de energia para alcançá-la.*

O professor já não tinha energia para pensar em nenhuma outra estratégia. Estava num campo de concentração mental. Dividia a sua cela com dois outros assassinos. Ao ouvir os gritos do professor, os dois o espancaram. Silenciaram sua voz. Para sobreviver, calou a boca, mas não a mente.

Sabia que a França cairia um dia, e quando o marechal Pétain, chefe do Estado francês, colaborasse com Hitler, haveria deportação em massa de franceses judeus para os campos de concentração. Mas teria algum tempo ainda para tentar fugir da prisão. Pensar em viver um só dia novamente num campo de concentração dava-lhe pavor, mas falhar em mudar a História provocava-lhe pânico.

Sentava-se num canto da cela e libertava seu imaginário. Kate tinha razão. Tentar mudar a história era brincar de

Deus. O professor não era Deus: sentia-se o mais mortal de todos os seres humanos. Era um homem ferido.

Os dias se passaram e aos poucos ele começou a conquistar aqueles assassinos durões e radicais com seus gestos, palavras e ensinamentos. Recobrou sua lucidez e reconciliou-se com sua missão. Contribuir com o aprimoramento psíquico dos dois assassinos o levou a resgatar seu sentido de vida. Mais uma vez constatou a tese que o controlava: “Todo ser humano é um cofre. Não existem mentes impenetráveis, mas chaves erradas”.^[191]

Comia muito, inclusive restos de comida dos outros companheiros de cela, não apenas porque estava com fome, mas pela crise de ansiedade que o solapava. O campo de concentração havia alterado sua relação com a comida, produzindo-lhe uma fome compulsiva. Mas com a alimentação que conseguira após sair de Auschwitz, mesmo na prisão polonesa e agora na francesa, recuperara quase todo o peso que perdera.

À medida que o tempo passava, aumentava sua ansiedade em sair do presídio. O prazo para fazer qualquer coisa para evitar a guerra novamente estava se esgotando. Pediu ajuda para os amigos de cela, mas eles sentiam-se igualmente impotentes.

Queria correr pelas ruas de Paris até o palácio presidencial ou pelas avenidas de Londres para alertar as autoridades sobre o sangue que os filhos da Europa verteriam e a dor que os faria gemer. Mas aparentemente só

conquistara os miseráveis com sua eloquência e suas aulas de História.

Um dia conseguiu afinal criar um tumulto, colocar fogo no seu colchão. A confusão foi tamanha que agitou a prisão. Seis policiais entraram na cela e começaram a espancá-lo. Afinal de contas, o professor era considerado altamente perigoso. Matá-lo seria um alívio para aquele inferno, serviria de exemplo para os demais prisioneiros.

Subitamente, o estresse mental dos episódios recentes, somado à brutalidade que sofria, abriu mais uma vez uma corda cósmica, transportando o professor para outro tempo.

Ele não soube inicialmente onde estava. O ambiente era escuro. Havia oxigênio, mas seus pulmões reclamavam por ar. Mal enxergava suas mãos. De repente uma escotilha se abriu e uma luz intensa entrou e agrediu sua retina. Rapidamente tampou seus olhos com as mãos, procurando olhar apenas por entre as frestas dos dedos.

Quando menos esperava, dois homens vestidos com uniformes brancos citaram seu nome:

- Professor Júlio Verne, permita-nos ajudá-lo.
- Onde estou?
- De onde nunca saiu, professor.
- Como assim?
- Dentro da máquina do tempo.
- Como assim?
- Eu não respondo perguntas, senhor. Mas ao que parece a máquina novamente falhou.

— Quanto tempo fiquei na Máquina?

— Apenas dois minutos, senhor.

— Não é possível!

Mas dois minutos no presente haviam sido uma eternidade no passado para o professor.

Foi então que se deu conta de que retornara ao futuro, a sua própria era. Estava na máquina do tempo.

— Por favor vista a sua roupa.

— Que roupa?

— A que o senhor tirou dentro da máquina.

Foi então que o professor percebeu que estava nu. Não sabia o que acontecera com o uniforme da prisão francesa. Foi coberto com um manto e quando saiu da máquina do tempo vestiu novamente seu macacão especial.

Logo que saiu do ambiente, encontrou Kate, que o beijou:

— Querido, o que aconteceu? Você está todo ferido!

— Eu falhei, Kate. Eu falhei.

— Falhou como? Você ao que parece não viajou no tempo.

— Se eu contar você achará que estou ficando louco.

Em seguida, os cientistas do projeto pegaram nos braços de Kate, pedindo que ela se afastasse de seu marido. Ele precisava ficar internado o dia todo se recuperando.

Júlio permaneceu 36 horas incomunicável. Fez uma série de exames de sangue, queriam saber como estavam suas células. Fez uma série de testes bioquímicos. Fatiaram mil vezes seu cérebro com um sofisticado programa 3D. O

professor, apesar de desidratado, dos hematomas faciais, no tórax e nos membros inferiores, estava bem.

Depois desse período, Kate pôde visitá-lo. Ela ficou perplexa com tudo que seu marido lhe contou. Fez mil perguntas. Era difícil para ela acreditar em todos os fatos que sucederam no passado, já que no presente parecia que ele não saíra do lugar. Se ela não o conhecesse, pensaria que não era um professor de história, mas um inventor de ficção.

O professor novamente passou por uma bateria de testes psiquiátricos e psicológicos, com os mesmos profissionais que o atenderam na primeira viagem. O neuropsiquiatra dr. Runner, novamente muito frio, fazia perguntas com rispidez. Parecia que seu diagnóstico já estava selado desde a primeira vez que o interrogara. Ele era o chefe da equipe; Laura, a psicóloga, o auxiliava. Como militar, ela obedecia às ordens do dr. Runner, embora não concordasse com ele. Para o neuropsiquiatra, o paciente havia enlouquecido:

O sr. Júlio Verne apresentou piora no seu estado mental geral. Embora continue loquaz e comunicativo, não expressa pensamento crítico. Sua racionalidade tangencia a realidade, persistindo num marcante conteúdo persecutório: crê que quase morreu diversas vezes pelas mãos de algozes nazistas e de policiais poloneses e franceses. O que é mais grave, acredita também, e sem margem de dúvida, que sua mente possui poderes sobrenaturais para teletransportá-lo de uma realidade para outra, de um tempo para outro. Assim, além da psicose paranoica, apresenta delírios de grandeza como tentativa de

superar os fantasmas que ele mesmo criou. Portanto, recomendamos que sejam interrompidas imediatamente as experiências com o professor, sob o risco de ele desorganizar irreversivelmente sua mente.

Dr. Runner Brant

Major do Exército e especialista em psiquiatria forense.

CAPÍTULO 49

BOMBARDEADO PELOS MEMBROS DO PROJETO

Na manhã do outro dia, às 10 horas, todos os cientistas e militares responsáveis pelo Projeto Túnel do Tempo estavam reunidos ao redor da grande mesa vermelha de mogno. Todos já tinham lido o diagnóstico do dr. Runner e estavam apreensivos. Não precisaram olhar para os livros de história para checar que o professor falhara em mudá-la. Para eles, a máquina que construíram apresentara falhas no teletransporte. Haviam mentido para o professor que já haviam feito experiências com sucesso. As experiências não foram completas e plenamente confiáveis. O professor era a grande cobaia. No fundo, o esperto Júlio Verne sabia disso. Mas era um homem apaixonado pela humanidade e achava que valia a pena o risco para contribuir com ela.

A primeira impressão que tiveram na presença do professor era de que ele estava combalido. Parecia mesmo ter estado em uma guerra, mas talvez tivesse sido uma guerra consigo mesmo. Estava mais magro, ferido, desidratado, parecia um moribundo que perambulava pelas ruas.

Júlio Verne começou a contar suas perturbadoras aventuras. Por ser professor, procurou ser didático. Abordou caos por caos, crise por crise. Eles o ouviam com distinta atenção e se entreolhavam, confusos. Júlio iniciou falando do encontro com a família do dr. Kurt e depois descreveu seu drama no campo de Auschwitz. Comentou sobre o dr. Viktor Frankl e narrou os incríveis diálogos que tiveram no fétido cárcere.

Enquanto contava suas fascinantes e horripilantes experiências, os membros do projeto acharam estranhos alguns dos seus comportamentos que antes não haviam se manifestado. Com a memória debilitada, faltava-lhe precisão nas ideias. Repetia algumas informações...

— Eu já disse isso? — perguntou aos presentes.

— Sim, professor — falou Eva delicadamente.

— Ah, me desculpem.

Enquanto percorria seus relatos, dava alguns tapinhas de leve na cabeça, como se estivesse testando se realmente estava ali vivo, real, presente na reunião. Receava que esse encontro estivesse sendo uma armadilha do seu imaginário. Parecia perturbado.

— Incrível. Simplesmente incrível todo esse relato. E você trouxe alguma evidência que comprove que esteve em todos esses lugares? — perguntou o general Hermann Müller, o líder militar do Projeto Túnel do Tempo.

— Prova? Não, senhor... Mas espere. Tente encontrar o nome das pessoas que eu e Rodolfo ajudamos. Eles saíram de

Auschwitz vivos.

Eles aceitaram a sugestão. Acionando o supercomputador do projeto, eles procuraram os nomes de todos os judeus libertados: Dr. Kurt, Herbert, David, Esaú...

— Infelizmente, todos eles foram mortos em Auschwitz. Ninguém está vivo.

— Que pena... Todos foram recapturados... — Júlio falou comovido, com lágrimas nos olhos.

— Recapturados? — repetiu Theodor, o chefe da equipe dos cientistas. — Mas não há relatos de que fugiram e depois foram recapturados.

— Naquele inferno havia poucos relatos. E os nazistas, sabendo que cometiam um crime contra a humanidade, queimaram as informações que possuíam.

— Precisamos de uma prova, professor Júlio Verne. O senhor ficou apenas dois minutos dentro daquela bendita máquina — falou irritado Hermann.

— Não fui a uma viagem de pesquisa — retrucou também irritado o professor, mas depois se recompôs: — Desculpe-me, general. Não estou bem.

— Quer encerrar a reunião e reiniciá-la amanhã? — ofereceu Ângela Feder com paciência. Mas o professor trocou seu nome.

— Não, Eva... ou melhor, Ângela. Podemos continuar. Talvez minhas roupas pudessem ser a prova de que viajei no tempo, mas não sei o que aconteceu. Fui vestido e voltei nu.

— Você se debateu muito dentro da máquina — comentou Ângela.

— Parece que ficou tão agitado que tirou sua roupa.

— Em dois minutos?

— Desculpe-me, professor, mas em dois minutos dá para fazer muita bobagem — afirmou o brigadeiro Arthur Rosenberg, outro militar de alta patente do projeto.

— Olhe meus hematomas. E não estou cinco quilos mais magro?

— Automutilação, desidratação, evaporação, radiação. Há muitas explicações para isso — afirmou general Hermann.

— Vocês estão achando que meu marido está louco? — questionou Kate, tomando as dores de Júlio Verne. — Suas histórias parecem absurdas, mas o próprio projeto é absurdo, beira a loucura.

— Apenas queremos provas, senhora Kate. Nós, mais do que qualquer pessoa no mundo, queremos acreditar nas histórias dele. Mas somos cientistas, e, por sermos militares, temos uma disciplina lógica rigorosa.

— Apesar do raciocínio do meu marido estar levemente fragmentado, ele ainda é um homem eloquente, vibrante e profundo. Sua história no campo de Auschwitz é crua, convincente, chocante.

— Eu senti meus olhos se encherem de lágrimas enquanto ouvia o relato — disse o general Hermann. — Suas palavras penetraram em nosso sistema auditivo e invadiram literalmente nossos cérebros. Mesmo assim, precisamos de

provas. Temos um laudo psiquiátrico que depõe contra Júlio Verne.

— Laudo? Eu sabia. O dr. Runner, com o perdão da palavra, parece um médico... — Júlio ia falar nazista, mas estaria sendo impiedoso. Corrigiu-se a tempo. — ... radical. Ele valoriza o trivial e não o essencial.

— É a função dele — afirmou Theodor e acrescentou uma pergunta: — Quanto tempo você acha que ficou em Auschwitz?

— Mais de um mês, seguramente.

Os cientistas se entreolharam desconfiados.

— E na prisão polonesa e francesa?

— Na prisão polonesa fiquei preso do dia 26 ao dia 30 de agosto de 1939. Na prisão francesa entrei no dia 18 e lá permaneci até 27 de agosto de 1939.

— Espere um pouco, você foi primeiro à Polônia, depois foi preso do dia 26 ao dia 30 do mês de agosto e depois sua mente abriu uma corda cósmica e você foi preso do dia 18 ao dia 27 de agosto. Você esteve preso em dois lugares diferentes ao mesmo tempo — assinalou Erich, o mais jovem cientista.

— Isso é impossível! — afirmou Arthur Rosenberg.

Fez-se um silêncio na plateia. Nesse momento parecia que tudo que o professor dissera era fantasia da sua cabeça, verdadeiro surto psicótico. Mas o professor contra-argumentou.

— Eu não sei como. Estive em dois lugares diferentes, mas não ao mesmo tempo. Estava preso no tempo-espaço polonês e depois fui transportado para o tempo-espaço francês. Eram dois tempos diferentes. A máquina entra em sintonia com meu estresse mental e produz distorções que não compreendo. Mas de uma coisa sei, louco eu não sou. Embora talvez esteja ficando...

Em seguida, deu mais alguns tapas leves na face. Parecia não se importar com a observação dos outros. Parecia alienado em seu mundo. Kate começou a chorar. Estava vendo o psiquismo do marido se deteriorar. Talvez o dr. Runner tivesse razão: a experiência da máquina do tempo estava destruindo o homem que amava. Precisava ser interrompida.

— Os tempos são equivalentes. Dois minutos no presente foram vivenciados como quase sessenta dias no passado — concluiu Eva Groener. E acrescentou: — Eu sou especialista em estatística. Seus relatos ferem as leis da matemática. Nossa máquina não está projetada para ser acionada por uma mente criativa.

Perturbada com essa informação, Ângela, que tinha grande apreço pelo intelecto do professor, tentou defendê-lo antes de selarem o diagnóstico. Deu alguma explicação:

— Talvez a energia mental do professor tenha sofrido uma alteração pela energia da máquina do tempo. Ela mesma se tornou uma micromáquina do tempo capaz de ser acionada nos focos de tensão.

— Mas como isso é possível, Ângela? — questionou Bernard, outro notável cientista.

— A energia mental de quem é introduzido na máquina do tempo pode retornar a uma corda cósmica já existente e, assim, pegar uma carona no pequeno buraco negro criado por ela. E, desse modo, ir e voltar ao passado, criar, portanto, uma corda cósmica própria. Nunca pensamos nisso. Parece um delírio.

— Vocês me colocaram neste projeto. Corri risco de vida, fui preso, torturado, esmagado pela fome e pela culpa e, agora, passo por um mentiroso? — questionou o professor, profundamente magoado.

Theodor virou-se para ele:

— Desculpe, professor. A ciência está acima das nossas paixões. Estamos fazendo apenas conjecturas sobre nosso conhecimento do tempo e espaço.

Após um breve momento, o general Hermann disse:

— Professor, o senhor é honestíssimo. Não temos dúvida de que de fato viajou. Só estamos em dúvida se viajou concretamente ou em sua mente.

— Não sabemos. Mas, assim como o senhor viajou em seus pesadelos, a máquina do tempo pode ter ativado suas memórias e simulado viagens como se fossem reais — acrescentou Eva Groener.

Ângela tinha elevados conhecimentos de biologia molecular. Levantou-se, pediu licença e examinou os traumas de Júlio Verne.

— É estranho, mas a coloração de alguns hematomas e sua densidade indicam que eles foram produzidos nas últimas semanas e não nos últimos dois dias.

— A radiação pode mudar a evolução natural dos hematomas — comentou Theodor. — Não é uma prova concreta.

O diplomata inglês, Michael, o francês, Nicholas, o ministro das Relações Exteriores da Polônia, Józef Beck, o carrasco nazista, Willi Berger, o Dr. Kurt, bem como seus amigos do campo de Auschwitz, todos tinham invejado sua mente, mas também, alguns mais, outros menos, o consideraram impostor. Agora, os membros do mais arrojado e complexo projeto científico que a humanidade já produziu entraram na fila dos seus algozes.

O limiar de tolerância a frustrações do professor estava quase zerado. Mas ele se lembrou do pensamento do grande amigo que muito o ajudara, Viktor Frankl: *“Se você não tiver esperança, estará num campo de concentração pior do que o Auschwitz”*. Era normal essa descrença, talvez ele mesmo desconfiasse de alguém que portasse uma história semelhante à sua. Mais tranquilo, lembrou-se das mensagens que recebera do dr. Frankl quando estivera na masmorra do campo. Respirou profundamente, recostou-se na cadeira e pela primeira vez relaxou, pelo menos minimamente.

Todos perceberam que seu semblante mudou, inclusive Kate. Ângela, querendo poupar o professor, se antecipou e

quis dar fim no projeto.

— Será que é possível mudar a História? Somos homens e não deuses.

— Eu sempre acreditei que *quem vence sem riscos sobe no pódio sem glórias...* — expressou-se poeticamente Hermann, algo incomum para um general. — Mas agora vejo que os riscos são enormes. Podemos destruir a mente de nossos heróis. — E depois se voltou para o professor e se desculpou: — Sinto muito por tê-lo colocado nessa situação.

— Mas, general, e todos os acontecimentos que eu vivi? Lembre-se dos nazistas em meu encalço. Do anel da SS e tantos outros elementos.

— Eu sei, professor. É inegável que houve uma distorção no tempo e espaço propiciando os fenômenos incompreensíveis que o senhor tem vivenciado. Sempre o achei inteligentíssimo, desde o primeiro dia em que o convidei para nos conhecer, mas estou, e creio que todos aqui estão, mais perturbado do que seguro depois de que o senhor entrou na máquina do tempo. Ela está instável. Parece afetar o cérebro do usuário. É melhor adiar o projeto, antes de abortá-lo. Muitos ajustes, que talvez demorem anos, têm de ser feitos para o projeto continuar.

Kate se alegrou, mas o professor, depois que saíra do palco da sala de aula e vivera as atrocidades patrocinadas pelos nazistas, não era mais o mesmo, não queria desistir. Mesmo que o tachassem de louco, resolveu de novo insistir em que mudara a sorte de alguns nazistas, inclusive de um

Kapo, e de vários prisioneiros poloneses e franceses. Em seguida, comentou:

— Depois de tudo que vi e vivi, não posso desistir desse projeto. Vocês poderão ir a restaurantes e comer com prazer, mas minhas refeições nunca serão as mesmas depois de Auschwitz. Vocês poderão dormir e se aquecer com seus cobertores, mas não haverá cobertores que me libertem do inverno da minha emoção.

Após essa emocionante fala, para espanto de todos, Júlio assegurou com todas as letras:

— Eu me lembrei. Tenho uma prova de que estive em Auschwitz. Tenho uma prova de que a máquina do tempo funciona.

Todos ficaram paralisados. Ele pediu licença e foi pessoalmente em busca de sua prova. Era a mensagem do dr. Frankl, escrita para ele quando estivera na solitária. A mensagem que também aparecera misteriosamente no seu quarto.

Caro Júlio Verne, a maior loucura é viver sem um sentido existencial. Sem sentido vivemos por viver, a vida não tem brilho, o caos não nos amadurece, a cultura não nos remete à sabedoria. Sem propósito, a mesa, por mais farta que seja, nutre o corpo, mas deixa faminta a alma. Sem propósito, vivemos num campo de concentração mental, ainda que rodeados por jardins. Não tenha medo de morrer em Auschwitz: tenha medo de viver uma existência sem sentido.

Assinado Viktor Frankl

Quando o professor trouxe o bilhete, todos ficaram impressionados com o papel envelhecido. Era uma textura diferente, com palavras escritas e assinadas pelo dr. Frankl. Agora eles tinham um material a ser analisado. A viagem no tempo não seria apenas um discurso, poderia ser colocada em xeque. Tinham como fazer a datação do carbono e ver a idade do papel. Podiam fazer um exame grafotécnico e comparar com a letra do dr. Frankl, morto no século anterior.

Todos estavam ansiosos com o laudo, que não tardou a chegar. Vinte e seis horas depois, ao abrir na frente de todos o conteúdo do laudo, o general Hermann fez uma expressão de insatisfação. Na verdade, foi uma tentativa de brincar com a sua equipe, cujos cérebros estavam marcados pelo esgotamento e pelo estresse. Mas, em seguida, disse altissonante:

— “A textura do papel não é mais fabricada nos dias de hoje. Suas fibras foram produzidas numa região específica da Polônia na primeira metade do século XX. O exame grafotécnico é completamente compatível com a caligrafia do dr. Frankl, o famoso médico vienense. A tinta, ao mesmo tempo em que parece fresca, paradoxalmente não é mais produzida na atualidade.” Senhores, podemos comemorar: a máquina do tempo funciona!

Todos se levantaram e aplaudiram o professor, que não disse nada, apenas derramou lágrimas de comoção. Kate também estava emocionada. Ela e o filho que se desenvolvia

em seu útero tinham de correr outros riscos, tinham de esperar para ter seu marido e pai de volta. Júlio Verne faria outra viagem...

Ele olhou para a esposa e disse:

— Depois de tudo que passei, todas as minhas células clamam para que eu fuja da máquina do tempo, mas depois de tudo que vivi e vi, minha vida não teria sentido se eu não tentasse mais uma vez mudar a História. Uma vida sem sentido é um céu sem estrelas, vazio e frio.

— Mas você não é um messias — disse Kate angustiada.

Todos ouviam atentos o embate do casal.

— Eu sei, sou um simples e imperfeito mortal. Mas se eu recuar, os alimentos que hoje comerei não me darão prazer, minha casa não me dará conforto, minha cama não me dará descanso. — E, lembrando-se de Anne e Moisés, ele acrescentou: — Nem mesmo os sorrisos do meu filho ou filha me alegrarão.

— Mas você não tem controle sobre a máquina do tempo.

— Estou estressado e amedrontado, mas talvez não tenha usado as ferramentas certas. Eu quero eliminar Hitler. Eu quero atacar o mais bombástico ponto de mutação da História...

— Resolveu tentar assassinar o Hitler criança? — indagou Hermann, deixando transparecer sua expressão de alegria, pois essa era sua primeira opção como militar.

— Não! Quero eliminar Hitler antes de ele se tornar o poderoso e impiedoso chanceler alemão. E tenho uma

estratégia.

Júlio Verne não era um herói, mas lembrou-se de uma frase que sempre trouxera consigo e que Hermann também já mencionara: “*Quem vence sem riscos e derrotas, subirá no pódio sem glórias...*” Riscos dosados fazem parte da história de um vencedor. Entretanto, riscos insuportáveis aguardavam o professor.

CAPÍTULO 50

A GRANDE ESTRATÉGIA PARA RETORNAR AO TEMPO CORRETO

O paradoxo do avô que sempre perturbara os membros da equipe do Projeto Túnel do Tempo parecia vivo. Esse paradoxo evidenciava que um neto não poderia viajar no tempo, pois se numa dessas viagens ele encontrasse seu avô antes de ele ter tido filhos e, ainda que involuntariamente, o eliminasse, seu pai inexistiria e ele, o neto, também. Portanto, seria impossível viajar no tempo.

Entretanto, a mensagem de Viktor Frankl para o professor era uma prova concreta de que ele viajara no tempo, o que excitou muitíssimo toda a equipe. Mas alguns, lá no íntimo, embora não confessassem, criam que só era possível mudar pontos marginais e não pontos centrais da História.

A energia para fazer funcionar a máquina do tempo era dantesca e estava cada vez mais instável. Uma explosão poderia ser catastrófica, colocaria em risco não apenas o laboratório, mas o estado e quem sabe todo o país. Os militares, os cientistas e Júlio Verne não tinham muito

tempo a perder. Precisavam enviá-lo no tempo certo, num momento único para eliminar Hitler. Mas como fazê-lo?

O maior problema não era a instabilidade da máquina do tempo, mas a instabilidade de outra máquina, mais complexa e difícil de ser controlada, a mente humana, a mente de Júlio Verne. O professor sabia que sua energia metafísica é que dirigiria a viagem através do “buraco de minhoca”, a corda cósmica. Por isso, na reunião seguinte, sem demora comentou:

— Meu desafio é conseguir uma sobrecarga mental com o psiquismo de Hitler para dirigir a máquina do tempo e fazer com que me leve até o tempo em que ele era o “cabo boêmio”, quando era um sujeito desprotegido, e assim pegá-lo, antes de ele se projetar nacionalmente. Não posso viajar para o tempo em que Hitler saiu-se vitorioso nas urnas, pois o encontraria rodeado de capangas da SS. Gostaria de viajar para o tempo do Putsch da Cervejaria de Munique.

— O que foi esse episódio? — indagou Bernard, confessando que história não era sua especialidade.

O professor comentou que, inspirado na bem-sucedida “Marcha sobre Roma” de 1922, que assinalou a chegada de Mussolini ao poder, Hitler, diante de uma inflação galopante, chegara à conclusão, no outono de 1923, de que a economia da Alemanha entraria em colapso. Reuniu seus amigos, como Hermann Göring e Ernst Rüdiger, e arquitetaram que com o uso da força da SA tomariam o governo regional

da Bavária. Na quinta-feira, 8 de novembro, um fanático Hitler instigou os homens da SA, bem como bêbados, desempregados e outros radicais a tomar o poder. A fracassada revolução e o julgamento em que seduziu os juízes a lhe dar uma pena branda o tornaram famoso.^[192]

Ao falar sobre esses assuntos e destacar o Putsch da Cervejaria de Munique, o professor Júlio Verne ponderou que se Hitler não tivesse promovido esse levante, fosse por uma simples gripe ou porque estivesse num cárcere privado, ou ainda, se tivesse sido punido de maneira exemplar pelos juízes em Munique caso houvesse participado do Putsch, a história mundial poderia ter sido outra.

Após o professor descrever esse episódio, Ângela perguntou:

— Mas como a máquina vai levá-lo a esses momentos fundamentais da História? Pelo que você nos contou, ela o levou a tempos indesejados, nos quais a História seria irreversível, como quando já havia sido instalado o campo de Auschwitz. Qual a estratégia para sua mente não traí-lo ou surpreendê-lo?

O professor respirou profundamente, passou as mãos sobre o rosto e a testa e deu sua contundente resposta:

— Minha estratégia é conquistar uma sobrecarga psíquica sobre a personalidade de Hitler antes que ele assuma o poder.

— Como assim? — indagou curioso o general Hermann para o intrépido professor.

— Precisamos debater sobre as características doentias da personalidade de Hitler: psicopatia, falácias, radicalismo, arrogância, necessidade neurótica pelo poder. Todas essas informações poderão ser registradas de maneira privilegiada em minha memória, formando uma plataforma de janelas que, quando eu estiver na máquina do tempo, me conduzam diretamente ao Hitler em ascensão ou quem sabe ao cabo frágil que lutava na Primeira Guerra Mundial, que transmitia informações do quartel para o *front*. Para eu ter sucesso em eliminá-lo tenho de retornar a uma época antes da formação da poderosíssima SA, a polícia paramilitar do partido, e a SS, a polícia de proteção de Hitler e da “raça ariana”.

— A estratégia é boa — concordou Theodor.

— Também acho. E, por incrível que pareça, pensei muito nessa noite exatamente nesse método — comentou Eva Groener. — Sugiro que todos nós pesquisemos sobre o psiquismo de Hitler e façamos um debate caloroso ao redor desta mesa na presença de Júlio Verne.

— Brilhante ideia — afirmou Bernard.

— Mas não temos muito tempo para semanas de pesquisa — comentou o general Hermann.

De fato, o tempo conspirava contra os membros da equipe. Foi então que a psicóloga Kate deu sua instigante sugestão:

— Que tal a participação de psiquiatras forenses?

— Não estou entendendo a proposta — afirmou Ângela.

— Já que não há tempo a perder e Júlio Verne não pode errar o alvo, que tal convocar pelo menos três notáveis psiquiatras forenses para dar seu diagnóstico sobre a mente doentia de Hitler? Penso em dois ou três psiquiatras porque a opinião de um único profissional não produziria um debate acalorado.

— Excelente ideia — comentou Júlio Verne, pegando nas mãos da esposa. — Essas informações me ajudarão a formar de maneira mais rápida e consistente uma plataforma de janelas da memória de que preciso.

— Tem minha aprovação. Esses profissionais poderiam discutir conosco seu pensamento, em destaque com Júlio Verne, e esquentar o clima emocional e afetá-lo positivamente em sua viagem — comentou Ângela Feder.

— Tempo, eis a questão. Devemos nos apressar — disse o brigadeiro Arthur.

— Não apenas o tempo, Arthur, mas sigilo absoluto é nosso dilema — lembrou o chefe militar, general Hermann: — Todos sabem que o Projeto Túnel do Tempo é ultrassecreto. Se a sociedade e a imprensa o descobrirem estaremos acabados. O difícil será assegurar que esses psiquiatras emitam seu parecer sem jamais saberem o porquê de estarem sendo convocados.

— Bom, podemos convocar o doutor Runner, o psiquiatra do projeto. Muitos o consideram um gênio, um especialista em mentes de sociopatas. Ele sabe sobre nossas pesquisas, sabe sobre a máquina do tempo, mas não sabe do propósito

que temos de eliminar Hitler. O bom é que está sob sigilo militar. Quanto aos outros dois psiquiatras, precisaremos manter o máximo de discrição.

— Não gosto desse doutor Runner. O homem crê que sou um psicótico. Sonha em me internar — comentou rapidamente Júlio Verne.

Ele foi tão contundente que todos deram risadas.

— Talvez não gostar dele seja uma vantagem para ter uma sobrecarga mental adicional sobre a personalidade de Hitler.

O professor meneou a cabeça, concordando. Além do dr. Runner, outros dois famosos psiquiatras foram convocados. Theodor argumentou que seria melhor dizer a eles que participariam de uma mesa-redonda patrocinada pelas Forças Armadas para analisar perfil de grandes ditadores. Esse estudo teria uma função pedagógica para prevenir a ascensão de outros psicopatas no mundo moderno, seja na Europa ou em outros continentes.

O professor Júlio Verne ficou satisfeito com o apoio que recebeu dos membros do projeto. O corpo de informações que receberia sobre a mente de Hitler poderia ajudá-lo não apenas a retornar no tempo adequado, mas também arquitetar táticas para varrê-lo da história.

CAPÍTULO 51

O PRIMEIRO PSIQUIATRA: A PERSONALIDADE ESQUIZOIDE DE HITLER

Escolheram a dedo os outros dois psiquiatras. Ao convocá-los, explicaram-lhes os “motivos” da missão e lhes deram 72 horas para estudarem dia e noite a personalidade de Adolf Hitler. Foram previamente convocados porque já eram especialistas em mentes criminosas e já haviam escrito artigos sobre a mente do *Führer*.

Na data combinada, os três ilustres psiquiatras forenses entraram na sala de reunião. Foi-lhes dada plena liberdade para se expressarem. A condição era que enquanto fizessem sua abordagem pudessem ser questionados pela equipe presente.

Júlio Verne estava convicto de que o objetivo central desse debate sobre a mente de Hitler não era encontrar conclusões absolutas, pois sabia que no campo da psiquiatria e da psicologia o conhecimento total era um fim inatingível, embora não poucos profissionais de saúde mental acreditassem em verdades puras, imutáveis.

Foi uma interessantíssima experiência reunir argutos psiquiatras numa mesa com notáveis cientistas da física e

brilhantes e pragmáticos militares para fomentar um caldeirão de emoções sobre o homem que colocara a Europa e o mundo em pânico. Tudo isso sob o olhar de um crítico professor de História. Ninguém imaginava previamente que Adolf Hitler tinha uma personalidade mais sofisticada do que supunham.

Cada psiquiatra faria sua exposição num período do dia: manhã, tarde e noite. O debate esquentou logo de manhã com a exposição do primeiro psiquiatra, Runner Brant, de 47 anos, o mesmo que participava do projeto. O dr. Runner era lúcido, lógico, contundente, tinha um raciocínio esquemático e opiniões fortíssimas. Não era um homem de fazer concessões em seus argumentos. Viu Júlio Verne no centro da mesa-redonda e ficou incomodado. Mas sem meias palavras comentou:

— Adolf Hitler, o homem que dominou esta nação e tinha ambição de dominar este continente e o mundo, não havia perdido os parâmetros da realidade, ao contrário, tinha consciência dos seus atos e planejava milimetricamente suas atitudes. Em minha convicta opinião, o *Führer* da Alemanha tinha um *transtorno de personalidade esquizoide*.

— É uma psicose? Uma esquizofrenia? — perguntou Eva Groener.

— Não, não é uma psicose esquizofrênica. — E nesse instante Runner olhou para Júlio Verne, como se quisesse dizer “eis aqui um esquizofrênico!”, e completou seu raciocínio: — Como disse, Hitler sempre esteve integrado à

realidade. Tais personagens são incompreendidos e costumam ser muito inteligentes.

— Quais são os sintomas desse transtorno? — perguntou curiosa Ângela Feder.

— Os portadores de *personalidade esquizoide*^[193] possuem uma cadeia de sintomas bem definida. — E, como dr. Runner era professor universitário, procurou enumerar didaticamente cada um dos sintomas. — Primeiro: poucas atividades lhes produzem prazer.

O psiquiatra explicou que Hitler era um homem intimista, dado a reflexões. Poucos estímulos irrigavam sua emoção com alegria, à exceção das artes e das grandes vitórias.

O professor Júlio Verne interrompeu o raciocínio do dr. Runner e discordou parcialmente dele.

— Hitler gostava de animais, sempre os teve, inclusive durante a Primeira Guerra Mundial. — E citou informações que o próprio psiquiatra não tinha. — O cabo Adolf Hitler tinha um cachorro chamado Foxl, provavelmente um fox terrier. O próprio Hitler comentou sobre esse cão: “Como eu gostava daquele bicho. Sempre que alguém encostava em mim, Foxl ficava furioso. Nas trincheiras, todos o amavam. Durante as marchas corria ao nosso redor; tudo observava, nada o distraía. Compartilhávamos tudo. À noite dormia ao meu lado”.^[194]

Todos ficaram impressionados com o conhecimento de história de Júlio Verne, apenas o dr. Runner não ficou confortável, pois teve de engolir a crítica do professor. Júlio prosseguiu:

— Hitler vivia numa masmorra psíquica. Amava animais e tinha apreço pelas artes, aliás foi o político que mais colecionou obras de artes da história,^[195] mas discordo que era um homem dado a reflexões, pelo menos profundas. Vivia na superfície intelectual, tinha uma existência sem grande sentido existencial. Amava cães e pinturas, mas não seres humanos. Mas tinha outros prazeres, típicos de uma pessoa mentalmente doente: a necessidade neurótica de evidência social e de controlar os outros.

O dr. Runner ficou impressionado com o raciocínio do homem que ele diagnosticara como psicótico. Mas teve um ataque de raiva por ter sido criticado logo na abordagem do primeiro sintoma de Adolf Hitler. Porém, como militar, procurou manter a disciplina.

— É surpreendente que esse homem tenha tido uma relação marcadamente afetiva com cães e tão destrutiva com seres humanos — comentou o general Hermann.

— É mais fácil lidar com cães. Eles obedecem à ordens, não pensam, general — afirmou Eva Groener.

Em seguida, o dr. Runner abordou o segundo sintoma da personalidade esquizoide de Hitler, que citou como sendo frieza emocional, afetividade distanciada ou embotada.

— Hitler desenvolvia seus projetos e comandava as batalhas com uma afetividade distanciada, como se a dor humana não existisse. Um comportamento típico de um líder com sólidas convicções.

— Concordo — disse Júlio Verne. — Mas você, doutor Runner, aborda essa característica e a explica num tom de voz como se ela fosse positiva, como se admirasse Hitler.

O psiquiatra fechou o circuito da memória, não suportou a afronta. Bateu irado com o punho direito na mesa.

— Você está me provocando, seu, seu...

— Seu doente mental, é isso? Quem se mostra desequilibrado é o senhor — retrucou Júlio Verne.

— Acalmem-se, senhores. Estamos num debate civilizado — interferiu Theodor, o chefe da equipe de cientistas.

Olhando para seus superiores, o dr. Runner se controlou.

O professor, depois de uma pausa para respirar, completou.

— Hitler detestava a Alemanha.

— Eu discordo — expressou o dr. Runner com veemência: — Os métodos de Hitler podem ser questionados, mas ele amava a grande Alemanha.

— Amava uma ova, doutor. Hitler era capaz de olhar mapas e encaminhar exércitos para o *front* sem se importar minimamente com os filhos da Alemanha. Ele levou milhões de jovens arianos ao suicídio. Ele detestava a Alemanha.

O clima esquentou novamente, para a felicidade dos membros da equipe, pois o embate poderia ser útil para o professor Júlio Verne viajar no tempo.

O psiquiatra continuou a revelar os sintomas do transtorno que Hitler tinha.

— Em terceiro lugar, citaríamos a capacidade limitada para expressar sentimentos ternos, calorosos. Hitler não vendia bem sua imagem emocional, tinha dificuldades de evidenciar seus sentimentos mais cálidos.

Logo que o dr. Runner citou e explicou esse sintoma, Júlio Verne discordou sem meias palavras.

— Não concordo, doutor Runner. Ele foi o maior marqueteiro da história. Mostrava sentimentos calorosos quando lhe convinha. Ele se deixava fotografar em posições que mostravam afeto, simplicidade, cuidado com a natureza. Além disso, era considerado o solteirão mais cobiçado da Alemanha nazista. Curvava-se diante das mulheres da alta roda e beijava-lhes as mãos, mostrando inigualável gentileza,^[196] mas em seguida telefonava para eliminar milhares de inocentes mulheres judias nos campos de concentração. No entanto, concordo num ponto dessa característica: como psicopata clássico, Hitler não internalizava e não expressava sentimentos profundos, como sentimento de culpa e arrependimento.

O dr. Runner deu uma tossidela, queria comer o professor vivo. Entretanto, defendeu sua tese:

— Hitler tinha dificuldade de mostrar afeto. Com algumas pessoas que o admiravam e em ambientes controlados, mostrava sentimentos fraternos. Você não estava dentro dele para julgá-lo, professor. Seu preconceito é estúpido.

— E você, entrou em mim para me julgar como um psicótico, doutor? Você me reduziu a um diagnóstico de maneira não menos estúpida.

Em seguida, o general Hermann entrou em cena e fez esta observação:

— Em ambientes controlados, como as reuniões de cúpula política ou militar, Hitler de fato mostrava sentimentos calorosos, contava piadas, era engraçado, mas, se contrariado, perdia o controle.

— Exato, general. O homem que dirigia a Alemanha não dirigia sua própria mente. Era emocionalmente imaturo — afirmou o professor.

Entretanto, para espanto de todos os que participavam daquele debate, o dr. Runner sempre parecia dar descontos a Hitler.

— A personalidade do *Führer*, general, não é muito diferente da personalidade de muitos líderes da atualidade que detestam críticas e raramente reconhecem seus erros e pedem desculpas.

— É verdade, a maioria dos líderes da atualidade se infecta com o poder, está despreparada para exercê-lo, tem a necessidade neurótica de ser perfeita — interveio o professor. — Mas a diferença, doutor Runner, é que quem discordasse de Hitler caía em desgraça. Hitler não admitia competidores.

O psiquiatra, constrangido com a assertiva de Júlio Verne, abordou mais um sintoma da personalidade esquizoide de

Hitler.

— Quarto lugar: indiferença a elogios ou críticas. O *Führer* achava que tinha um destino, uma missão, uma meta existencial a ser cumprida. E acreditava nela. Independentemente de nós o aprovarmos ou não, ele era um grande líder. E como grande líder, as críticas e os elogios não o desviavam de sua trajetória — concluiu com certo ar de satisfação.

O professor olhou bem nos olhos do psiquiatra, passou as mãos na cabeça e, indignado, disse-lhe:

— Se liderasse máquinas, Hitler poderia ser considerado um grande líder, mas como liderava seres humanos, tornou-se um monstro. Doutor, quem não é capaz de ouvir críticas não é digno do poder de que está investido. Ele se colocava como um messias inumano.

A brilhante psicóloga social e professora universitária Kate, que era cristã praticante, interveio mais uma vez. Comparou dois grandes messias históricos.

— Um dos maiores conflitos de Adolf Hitler era que o homem mais admirado na Alemanha era um judeu: Jesus. Espertíssimo, ele usou um intenso marketing de massa para destruir a imagem do Jesus-judeu no inconsciente coletivo dos alemães e, aos poucos, se colocar como messias de uma nova Alemanha, o protagonista de uma nova ordem mundial, na qual a raça ariana teria supremacia.

— É por isso que dizia constantemente *eu* sou o alemão dos alemães, ninguém ama mais a Alemanha que *eu*, *eu* a

retirei do calabouço econômico, *eu* a libertei da humilhação do Tratado de Versalhes. Ele propagandeou a cultura do eu — afirmou Júlio Verne.

Ângela Feder ficou impressionada com essa observação.

— Fico pensando como o messiânico Hitler tinha ódio das biografias de Jesus, os chamados evangelhos. Era difícil ele engolir que Jesus jamais passou por cima de um ser humano para executar sua missão, enquanto ele fazia isso constantemente.

O dr. Runner parecia se contorcer em sua poltrona. Estava impaciente. Kate, em sintonia com Ângela, disse-lhe:

— Correto, Ângela. Jesus não impediu nem mesmo seu traidor, Judas Iscariotes, de traí-lo. No último jantar, deu-lhe um bocado de pão e lhe disse: “O que tendes para fazer, faze-o depressa”. Era tão generoso que corrigia em particular e elogiava em público. Horas depois, no Jardim das Oliveiras, chamou o mesmo Judas de amigo no ato da traição. Ele não tinha medo de ser traído, tinha medo, sim, de perder um amigo. *Nunca alguém tão grande se fez tão pequeno para tornar os pequenos grandes.*

— É por isso que Hitler considerava a sensibilidade e ética de Jesus como características femininas — comentou o professor.

Theodor, que era um ateu, ficara comovido com a exposição de Kate. Concluiu:

— Para o homem Jesus, o ser humano estava em primeiro lugar. Mas para o sociopata psicopata Adolf Hitler,

a meta estava em primeiro lugar.

Adolf Hitler tinha a necessidade neurótica de ser aplaudido e aprovado, mas com o passar do tempo nem os elogios o animavam. Vivia de migalhas de prazer. Quanto às críticas de seus generais e marechais, Hitler tinha reações antagônicas, ou se enfurecia com elas ou simplesmente as ignorava. Nada o detinha.

O dr. Runner comentou que o poder isola as pessoas.

— Hitler era um homem solitário e infeliz. Detestava a rotina da política. Era um homem pouco compreendido — afirmou, para explicar mais um sintoma da personalidade esquizoide do líder nazista, que seria a preferência quase invariável por atividades solitárias.

— Concordo com o senhor com ressalvas — expressou o professor de história. — Hitler amava grandes eventos, espetáculos militares, óperas, mas não tinha apreço pela interação interpessoal. O poder de fato é um convite à solidão, isola as pessoas. E, em Hitler, esse isolamento foi às alturas. O *Führer* fazia reuniões de trabalho a contragosto, vivia em seu *bunker*, encarcerado em seus pensamentos.

— Ele incentivava o esporte?

— Muito. Era um homem que desejava que o corpo dos alemães fosse saudável.

— De fato, Hitler incentivava o esporte, mas não o praticava, pois se dizia um péssimo esportista. Como tinha a necessidade de ser o centro das atenções, qualquer coisa que o colocasse em segundo plano era descartada.

— Verdadeiramente um homem estranho com uma personalidade... Como é o seu diagnóstico mesmo, doutor Runner? — indagou o general Hermann.

— Esquizoide.

— Terminou ou há outros sintomas que caracterizam a personalidade esquizoide? — perguntou o compenetrado militar Arthur.

— Sim, há outros — confirmou o dr. Runner. — Mas não se encaixam muito em seu perfil psicológico. Trata-se da preocupação excessiva com a fantasia e a introspecção.

— Se encaixa, sim — afirmou Júlio Verne. — Hitler frequentemente ficava horas deitado num divã, numa atitude sombria de meditação. Chafurdava na lama de suas ideias mórbidas, permanecia com espírito distante, alienado do presente, com um filhote de sua cadela Blondi. Acariciava com uma das mãos o cachorrinho e com a outra dava ordens para eliminar crianças da nossa espécie... Mais de um milhão de crianças e adolescentes judeus foram mortos pelos nazistas.

À exceção do psiquiatra, todos ficaram perplexos com esse paradoxo doentio expresso na personalidade de Hitler. Em seguida o dr. Runner abordou o penúltimo sintoma da personalidade esquizoide, a falta de amigos íntimos ou confidentes.

— Esse sintoma — afirmou o psiquiatra — com certeza Adolf Hitler não possuía. Ele tinha muitos amigos e alguns confidentes.

— Os amigos são fundamentais para regular nossas ações, questionar nossas verdades — afirmou Theodor, impressionado com a complexidade da personalidade de Hitler. — Por que as pessoas não o dissuadiram de entrar em guerra, de eliminar doentes mentais alemães, de assassinar em massa os judeus, eslavos, ciganos, homossexuais?

— Na realidade não o influenciaram porque entraram em seu delírio — comentou o professor. — Desde o Putsch da Cervejaria de Munique, Hitler passou a ter uma corja de bajuladores e não amigos.

— Lembremos que Goebbels, o gênio da propaganda nazista, se matou junto com seus filhos para não abandonar Hitler quando este foi derrotado — comentou Ângela. — Goebbels não era um amigo, mas um serviçal.

— Pelo fato de Hitler ser deprimido, compenetrado, que expressava pouco suas emoções, seus bajuladores pensavam que estavam diante de uma pessoa madura, ricamente introspectiva, sem ter consciência de que tinham um menino dirigindo a nação — afirmou o professor.

— Você está exagerando! — protestou o dr. Runner. — O que o faz ter tantas convicções de que Hitler foi um monstro?

— Esqueceu? Eu sou doutor em história. E quer mais: eu estive lá...

Os militares torceram o nariz, pois Júlio Verne deveria manter em sigilo o projeto. Mas como o dr. Runner já o

havia entrevistado, eles se acalmaram. O psiquiatra aproveitou o ensejo.

— Você já esteve lá... É por isso que fechei meu diagnóstico.

— De quem? De Hitler ou o meu?

— Ambos.

O clima fervilhava e Kate, sempre altruísta, tentou abrandá-lo:

— Até no inconsciente coletivo da sociedade como um todo o gesto de levantar o braço direito e saudar “*Heil Hitler*” era a forma de exaltar um homem que vendeu a imagem de um líder único, espetacular.

— Mas aos olhos das ciências sociais ele não tinha nenhum preparo para dirigir sequer um pub — afirmou Eva Groener.

— Acho que a senhora não lê História, senhora Eva — comentou o psiquiatra com ironia. — Hitler, em poucos anos, conseguiu trabalho para sete milhões de desempregados. A inflação altíssima foi controlada. A economia debilitada deu um salto.

— Acho que você também não lê História, doutor Runner. Hitler de fato levou a economia a um salto. Investiu em destaque na indústria bélica, como nenhum outro. E fez uma dívida enorme. Se a guerra não explodisse, a economia alemã iria implodir. Onde está o estadista? Onde está o homem que pensa a longo prazo? — indagou rapidamente o professor.

E, por fim, o dr. Runner comentou o último sintoma de uma personalidade esquizoide, a insensibilidade marcante para normas e convenções sociais.

O psiquiatra não quis discorrer sobre esse sintoma. Sabia que seria bombardeado. O professor, com um nó na garganta, também não quis explaná-lo. Estava entristecido demais. Apenas disse:

— As regras jurídicas, a constituição do país, não tinham qualquer valor para esse deus...

Seu olhar parecia viajar no tempo. Lembrou-se de que os nazistas consideravam os doentes mentais, como seu amigo Rodolfo, e as crianças especiais alemãs que precisavam tanto de atenção e proteção como uma classe inferior, destinadas a ser eliminadas. Lembrou-se das crianças judias como a pequena Anne, do dr. Viktor Frankl e de todos os miseráveis de Auschwitz. Seres humanos belíssimos e complexos foram considerados leprosos sociais. Cansado, fez um sinal com as mãos de que para ele o debate daquela manhã estava encerrado.

CAPÍTULO 52

O SEGUNDO PSIQUIATRA: A SOCIOPATIA DE HITLER

Às 2 horas da tarde, o segundo psiquiatra entrou na sala e logo depois das apresentações formais começou sua exposição. Era mais jovem, mais articulado, ousado, conciso, intrépido. Walter Lepsius tinha 35 anos e era professor doutor de psiquiatria na Universidade de Berlim, além de especialista em mentes de sociopatas. Foi direto ao diagnóstico sobre a personalidade de Hitler, para depois defender seu ponto de vista com extrema segurança.

— Há anos tenho analisado a história do protagonista do holocausto judeu. Estou plenamente convicto de que Adolf Hitler tinha um *transtorno de personalidade antissocial*.^[197] Foi um sociopata de primeira grandeza. Um sociopata é um psicopata potencializado, capaz de colocar em risco toda uma sociedade.

— Hitler, na atualidade, passaria num teste de sanidade mental? — questionou Bernard.

— Se na atualidade a personalidade de Hitler fosse analisada por psiquiatras e psicólogos, ainda que medianos, ele não estaria apto a entrar na carreira política, ser

candidato a nada. Mas, na época, a grande maioria dos psiquiatras se calou vergonhosamente sobre seu potencial de destrutividade, incluindo o brilhante filósofo Heidegger. A ciência tem uma dívida impagável com a História.

— O doutor Walter Lepsius tem razão sobre a grave sociopatia de Hitler. Mas discordo de que nos dias atuais ele não iludiria alguns psiquiatras e psicólogos. Hitler era teatral, mentalmente sofisticado, carismático e acima de tudo dissimulador — afirmou o professor Júlio Verne.

— Quando o *Führer* assumiu o poder, a maioria dos psiquiatras não apenas silenciou, mas colaborou com as ideias nazistas — comentou Kate.

— Perfeitamente, Kate. Perderam sua autonomia, suas opiniões pessoais. Os próprios psiquiatras entregaram seus doentes mentais para serem mortos para purificar a raça alemã. Negaram o óbvio: que os doentes mentais são tão complexos quanto os “sãos”. E quem é verdadeiramente “são”? — indagou o professor Júlio Verne, que, em seguida, deu números estarrecedores.

Os nazistas assassinaram pelo menos 200 mil alemães, entre crianças, mulheres e homens, com overdose de remédios e principalmente em câmaras de gás, porque tinham alguma deficiência física ou mental. Além disso, 400 mil cidadãos alemães considerados geneticamente inferiores foram esterilizados entre 1933 e 1939. E, desses, 5 mil morreram no pós-operatório. Havia pelo menos nove doenças ou alterações que obrigavam um alemão a ser

esterilizado contra sua vontade, entre eles: alcoolismo, epilepsia, deficiência mental, esquizofrenia, má-formação física, nanismo, surdez, cegueira.^[198]

— Falando em cegueira, os nazistas eram corjas de cegos!
— disse estarecida a inteligente cientista Ângela Feder.

— O incrível é que Adolf Hitler, querendo purificar insanamente os alemães, se esqueceu de que estava abaixo da média. Sequer passou no teste de alistamento militar em 5 de fevereiro de 1914, em Salzburg — afirmou o general Hermann. — Eis o veredicto: “Inapto para o serviço militar e para tropas auxiliares; muito fraco. Incapaz de carregar uma arma”.^[199]

— Mas o mais incrível, general, é que quinze anos depois que a Primeira Guerra Mundial terminou, esse simples, radical, mas teatral e esperto soldado estava dominando os militares da mais alta patente das Forças Armadas da Alemanha — comentou o professor.

— Meu Deus, até onde vai o marketing de massa! Se na época havia apenas o rádio, imagine hoje na era da internet e das redes sociais — falou Kate, que era especialista em relações sociais.

Júlio Verne argumentou que já terminara o tempo em que se fazia necessário um grande líder, partido, sindicato ou meio de comunicação para arregimentar as vozes. Agora estava em curso a revolução dos anônimos, mas, ao mesmo tempo, ele acreditava que, se não houvesse uma capacidade

de filtrar as informações, as redes sociais poderiam perder autonomia, servir de massa de manobra.

O psiquiatra Walter Lepsius, ao ouvir toda essa discussão, ficou impressionado com o nível intelectual do grupo. Mas retomou a palavra para discorrer sobre Hitler.

— Após ser rejeitado, Hitler retornou a Munique e saudou a declaração de guerra em 1º de agosto com estas palavras: “Meu coração, como milhões de outros, transborda de alegria e orgulho”.^[200] Sua personalidade antissocial estava borbulhando na juventude. — E começou a citar os sintomas básicos para defender tal diagnóstico: — Em primeiro lugar, indiferença pelos sentimentos alheios.

O psiquiatra comentou que a dor dos outros não tocava a emoção do *Führer*.

Diante desse sintoma, o professor fez um comentário:

— Quando Hitler estava perdendo a guerra e milhões de vidas já tinham sido perdidas, inclusive alemãs, ele não expressava qualquer peso na consciência. Reclamava que tinha sido demasiado generoso com seus inimigos.

— O mundo girava em torno das suas necessidades, o resto era resto — afirmou Eva Groener. — Só não entendo como milhões de alemães se deixaram persuadir por esse louco.

— Hitler tinha múltiplas faces, Eva. Com uma das mãos ele acariciava, com a outra enfiava o punhal. Com uma das mãos escrevia poesias, com a outra dava ordens para matar crianças.

E, para assombro dos presentes, incluindo Walter Lepsius, o professor discorreu sobre uma face de Hitler que poucos conheciam: a de “poeta”. Ele declamou:

*Frequentemente sigo em noites frias
Ao Carvalho de Odin no calmo bosque
Tecendo com negra magia uma união
A lua traça runas com seu feitiço
E sua mágica fórmula humilha
Os que se enchem de orgulho à luz do dia!
Forjam suas espadas em fulgurante aço
— mas, em vez de lutar,
Congelam como estalagmites.
Assim se distinguem as almas — as falsas das verdadeiras
Penetro um ninho de palavras
E distribuo dádivas aos bons e aos justos
E minhas mágicas palavras lhes trazem bênçãos e riquezas.^[201]*

— Em que época ele escreveu essa poesia, professor? — perguntou o psiquiatra.

— Durante a guerra das trincheiras, em 1915. Hitler estava com 26 anos — relatou Júlio Verne.

— Portanto, já tinha uma personalidade estruturada. Nessa poesia, ele declara sua marcha como um caminhante na soturna noite social: “Frequentemente sigo em noites frias”... E debocha dos líderes que vivem à luz do dia.

Considerava-os falsos, hipócritas: “Mas em vez de lutar, congelam”... — interpretou Walter Lepsius.

— E nessa poesia declara seu messianismo: “E distribuo dádivas aos bons e aos justos... Minhas mágicas palavras lhes trazem bênçãos e riquezas”... — declarou Kate.

Em seguida o dr. Walter Lepsius comentou outro sintoma da personalidade antissocial do *Führer*: as atitudes flagrantes e persistentes de desrespeito às normas, regras e obrigações sociais.

Ângela ponderou que os dois primeiros sintomas apareciam também no *transtorno de personalidade esquizoide* defendido pelo psiquiatra dr. Runner. Júlio Verne concordou e, em seguida, discorreu:

— Em minha opinião, doutor Lepsius, na base da construção desses sintomas está a educação de Klara Hitler, a mãe.

— Explique-se melhor, professor — solicitou o compenetrado almirante Hans Oster, outro militar do projeto. Um homem de poucas palavras e muitas ações.

— Muito provavelmente Hitler não passou por importantes privações e violências que justifiquem sua personalidade doentia. Mas mesmo bons pais podem contribuir para gerar filhos doentes. Sua mãe era uma mulher afetiva, dedicada e tinha grande apego ao pequeno Adolf. Pelos elementos históricos de que dispomos, ele foi superprotegido. Mesmo quando nasceu mais um filho,

quando Adolf tinha cinco anos, ela não deixou de dar-lhe atenção.

— Mas isso por si só não explica sua sociopatia — questionou Hans Oster.

— Correto. Mas pode explicar o embrião da formação desse transtorno — discorreu Júlio Verne, agora não apenas como professor, mas como um intelectual da psicologia. — Um menino superprotegido tem possibilidade de desenvolver três características doentias em sua personalidade. Primeiro: baixo limiar para suportar frustrações ou contrariedades. Segundo: desrespeito aos limites e, portanto, às normas sociais, pois quer tudo na hora e ao seu modo. Terceiro: indolência e falta de garra para trabalhar, pois a superproteção não leva um adolescente a precisar fazer grande esforço para provar seu valor.

— E Hitler tinha essas características na juventude — confirmou o psiquiatra. — Hitler nunca teve um trabalho sério e produtivo, nem quando adulto. Mas compensava sua preguiça mental com uma eloquência agressiva, com tons teatrais.

— Exato, doutor Lepsius, e, infelizmente, essa característica foi interpretada erroneamente como a de um grande líder e de um grande orador. Observe como ele discursava. Ele socava o ar para disfarçar seu complexo de inferioridade.

Em seguida o dr. Walter Lepsius apontou outro sintoma, a incapacidade de manter relacionamentos, embora não houvesse dificuldades em estabelecê-los.

— Os íntimos tratavam Hitler por “*du*”, o equivalente alemão do “*tu*”. Somente cinco pessoas tinham liberdade de tratá-lo dessa forma, entre elas Albert Speer, Rudolf Hess, Göring, Himmler — discorreu o psiquiatra.

— No contato inicial, Hitler era muito simpático e cativante. Inclusive seduziu até membros da família real inglesa, como William de Ropp, que estabeleceu uma relação pessoal com Hitler. Mas posteriormente sua sociopatia se revelava — comentou Júlio Verne.

— Até as mulheres com as quais Hitler conviveu adoeciam — disse Kate.

— Espere um pouco. Não concordo com sua interpretação. Não podemos descaracterizar a personalidade de Adolf Hitler só porque queremos eliminá-lo. Pelo que sei, teve uma boa convivência com Eva Braun — comentou Eva Groener, que nutria certa simpatia pela amante de Hitler, cujo primeiro nome era igual ao seu.

— Ele nunca amou estável e profundamente Eva Braun — afirmou o professor. — Ele a usou como uma peça de marketing social. Sua relação era tão doentia que só se permitiu casar com ela quando a Alemanha estava derrotada e o *Führer* era a sombra de um líder. E como presente de casamento deu a sua amante cianureto, levou-a ao suicídio.

[202] — Em seguida, acrescentou: — Mas posso lhe apontar,

Eva, algumas características saudáveis de Hitler: determinação, capacidade de agregar uma sociedade, eloquência diante de grandes plateias, capacidade de vender sua autoimagem. Entretanto, as doências são gritantes. Sabia que Hitler tinha certo pendor para o suicídio?

Compenetrada, a cientista Eva Groener fez um sinal de que não sabia.

— E o senhor, sabia, doutor Lepsius?

— Sim, mas, por favor, me dê os dados históricos. O senhor parece uma enciclopédia.

Todos sorriram. Por sua cultura ser tão notável é que Júlio Verne havia sido escolhido como viajante do tempo.

— Hitler não apenas praticou o suicídio quando perdeu a guerra, mas o tentou após o Putsch da Cervejaria de Munique em 1923, e possivelmente depois de determinar a morte do seu amigo Ernst Röhm. — Júlio ainda adicionou: — Uma de suas namoradas, Mimi Reiter, tentou suicídio em 1926. Geli, sua sobrinha e amante, se matou em 1931. O que pensa disso, Eva? Coincidência? E as relações traumáticas não pararam por aí. Renata Müller, outra amiga, tirou a própria vida em 1937.^[203]

— Conviver com Hitler era um convite à autopunição e à perda do encanto pela vida — afirmou o psiquiatra, que logo citou outra característica da sociopatia do *Führer*: baixíssima tolerância à frustração, acompanhada de baixo limiar para descarga de agressão, incluindo a violência. — Hitler tinha

uma personalidade marcada por ataques de fúria, em especial quando estressado — comentou.

— Mas o senhor sabia, doutor Lepsius, que Hitler teve uma formação religiosa acima da média? — disse o professor, revelando outro dado para mostrar os paradoxos da personalidade de Hitler.

— Sinceramente desconheço esses fatos históricos da personalidade dele.

— O pequeno Adolf Hitler, então com seis anos de idade, serviu como coroinha e coralista numa igreja.^[204] Vocês podem imaginar uma criança cantando no coral para Deus, exaltando a sua compaixão, e três ou quatro décadas depois estar destruindo a humanidade?

— Incrível. Quem poderia imaginar isso? — concordou o cientista Theodor.

O professor comentou ainda que Hitler, mais tarde, com 15 anos, havia sido crismado na catedral católica romana de Linz, conforme o desejo de sua mãe, que tinha esperança de que seu filho se tornasse um monge. Adolf adorava a mãe e, quando o câncer a vitimou em 21 de dezembro de 1907, chorou amargamente.

Eva voltou sua artilharia para Walter Lepsius e questionou abertamente seu diagnóstico:

— A formação religiosa de Hitler e o choro pela perda da mãe indicam que ele tinha sensibilidade. Isso não contraria o primeiro sintoma, a indiferença pelos sentimentos alheios?

— Um sociopata e mesmo um psicopata não é destituído de sentimentos. Pode até chorar em algumas circunstâncias e proteger determinadas pessoas do seu círculo, mas sua sensibilidade é pontual. Quando fecham o circuito da memória praticam atrocidades impensáveis — esclareceu o psiquiatra.

O professor o apoiou:

— A dor de Hitler não lapidou sua capacidade de resiliência. Alguns se reciclam quando sofrem, outros se fecham numa masmorra. Uma personalidade antissocial nem sempre surge quando há influência genética, lares desagregados, famílias fragmentadas e privações na infância.

— Concordo com o professor, embora sejam casos mais infrequentes — afirmou Lepsius.

Para defender sua tese, o professor comentou alguns aspectos psicossociais da história da formação da personalidade de Adolf Hitler. Ele teve um pai, Alois Hitler, financeiramente estável, um funcionário público, que gostava da natureza, criava colmeias. É provável que o pai expressasse ciúme da esposa, havia duas décadas de diferença entre eles, e isso tenha afetado o pequeno Adolf. Mas nada que fosse muito diferente de milhares de casais que têm conflitos de relacionamento.

Hitler não era filho único. Teve vários irmãos, inclusive alguns não de sangue, para se relacionar. Klara Polzi era uma mãe afetiva e sensível e o estimulava a pintar, a

desenvolver as artes plásticas. No cômputo geral, Hitler viveu numa família razoavelmente estruturada, não muito diferente de milhões de outras do seu tempo. Portanto, sua sociopatia não se explicava apenas pelo útero familiar. Era necessário observar o útero social, bem como as características de seu próprio mundo psíquico.

— A superproteção, a necessidade de ser o centro das atenções e a insegurança de Hitler canalizadas através de uma agressividade explosiva distorceram sua visão da realidade — abordou o psiquiatra.

— É o que penso — afirmou o professor convictamente. — A postura da mãe de Hitler e sua formação religiosa não explicam seu ódio obsessivo pelos judeus, nem o traço de antissemitismo que possivelmente seu pai possuía. Hitler aprendeu a odiar os judeus posteriormente. O que é muito grave. Pode-se aprender a ser um monstro, mesmo não tendo sido devorado na infância. A psiquiatria tem de repensar seus paradigmas.

O professor discorreu que o clima tenso do pré e pós Primeira Grande Guerra tornou-se uma fábrica de transtornos emocionais. Munique não era generosa com os judeus e os imigrantes. Alguns começaram a culpá-los pela perda da Primeira Guerra. A crise econômica que se seguiu também teve os judeus como bodes expiatórios. Além disso, havia propaganda antissemita fazia séculos na Europa.

— Esses fenômenos foram moldando a personalidade de Hitler, fomentando radicalismo, exclusivismo, humor

flutuante, intolerância a estímulos estressantes e incapacidade de se colocar no lugar dos outros — concluiu Júlio Verne.

— Obrigado, professor. Você resolveu algumas das minhas dúvidas sobre o caráter desse devorador de humanos — afirmou Theodor.

— Acho que vou contratá-lo para minha clínica — brincou Walter Lepsius, surpreendido com o raciocínio de Júlio Verne. Momentos depois descreveu outro sintoma da personalidade de Hitler, a incapacidade de experimentar culpa e de aprender com a experiência, em especial com a punição. — Hitler não aprendia com seus erros, perdas e frustrações — afirmou.

— Uma pessoa só amadurece emocionalmente se utiliza suas falhas para se repensar. Quem tem medo de reconhecê-las terá sempre uma personalidade infantil. Esse é um dos motivos que faz com que muitos líderes estejam despreparados para o poder, seja ele político, empresarial, religioso ou no mundo acadêmico.

Ninguém argumentou mais sobre esse sintoma. Adolf Hitler o possuía em prosa e verso. Em seguida, o psiquiatra comentou o penúltimo sintoma do transtorno de personalidade antissocial: propensão marcante para culpar os outros por seus fracassos ou conflitos.

— Hitler era um grande dissimulador. Quando perdia batalhas não voltava à realidade senão para culpar os outros^[205] — comentou Walter Lepsius.

O professor franziu a testa e recordou um fato histórico para corroborar as ideias do inteligente psiquiatra.

— Certa vez, num almoço em 1942, com convidados especiais como Himmler, Hans Heinrich, chefe da Administração da Chancelaria do Reich, e o coronel Kurt Zeitzler, chefe do Estado-Maior do Exército, Hitler teve a coragem de dizer: “Os judeus devem deixar a Europa. Do contrário não se alcançará nenhum acordo com os europeus. Quando penso nisso, penso que sou extremamente humano... Por mim, restrinjo-me a dizer que devem partir... Todavia, caso eles se recusem a fazê-lo de modo involuntário, não vejo outra solução senão o extermínio... Afinal de contas, por que os judeus começaram essa guerra?”[206]

— Eu não conhecia esse episódio presenciado pelo chefe do Estado-Maior do Exército — falou indignado o general Hermann. — Como Hitler pôde ter sido tão hipócrita a ponto de proclamar que os judeus começaram a guerra? Ele mentia para si mesmo. E como pôde o coronel Kurt Zeitzler ter aceitado esses argumentos tão insanos? Sinceramente, quanto mais conheço os bastidores da Segunda Guerra Mundial, mais tenho nojo dos meus pares do passado.

— Ao observar as palavras do *Führer* vemos que não tinha nenhuma dignidade como um líder. Era uma farsa, uma peça teatral. Ele atirava e escondia sua mão assassina. E ainda se achava extremamente humano — sentenciou Kate.

— Fico imaginando, Kate... — comentou Júlio César. — Quando Hitler disse tais palavras num almoço regado a vinho e a finas iguarias, Auschwitz já era uma fornalha que consumia seres humanos inocentes diariamente, seja pela fome ou pelo gás mortal... Para meu amigo Viktor Frankl, o líder da Alemanha e seus milhões de seguidores abriram mão de sua humanidade, esmagaram completamente seu sentido existencial.

E, por fim, o ilustre dr. Walter Lepsius descreveu o último sintoma de um quadro caracterizado como sociopatia de Adolf Hitler: os discursos superficiais ditos a viva voz ou gravados para explicar ou justificar comportamentos agressivos, atitudes violentas e destrutividade.

— Alguns sociopatas, por meio de discursos prolongados feitos a viva voz ou gravados, tendem a explicar o inexplicável, tendem a justificar o injustificável. Hitler, ao mesmo tempo que tinha apreço pelo isolamento, quando estava em público amava um microfone, tinha a necessidade neurótica de estar em evidência — discorreu o psiquiatra.

— Longos e enfadonhos discursos fizeram parte da história de muitos ditadores. Quanto mais nos aprofundamos na mente desse homem mais percebemos que sua mente, apesar de impulsivamente doente, de modo algum era simplista — afirmou o professor. — O homem que se escondia no *bunker* enquanto os jovens perdiam suas vidas nos campos de batalha tinha múltiplas faces e sofisticados disfarces.

CAPÍTULO 53

O TERCEIRO PSIQUIATRA: O TRANSTORNO PARANOICO DE HITLER

Todos os membros do Projeto Túnel do Tempo estavam cansadíssimos após o debate com o dr. Runner Meissner e o dr. Walter Lepsius. A fadiga mental contrastava com a excitação emocional de conhecer Hitler de um modo que nunca tiveram oportunidade antes. Querendo aproveitar ao máximo a discussão, transferiram o terceiro debate para a manhã seguinte.

No outro dia, bem cedo, às 8 horas da manhã, o terceiro psiquiatra, Alfred Fromm apresentou seu diagnóstico sobre a personalidade de Hitler. Fromm tinha 60 anos bem vividos, era loiro, de olhos azuis, culto, sereno. O mais velho dos psiquiatras parecia o mais jovem emocionalmente. Com a voz vibrante de quem vivera mais de três décadas analisando mentes criminosas, ele deu início à exposição.

— De todas as mentes que estudei, confesso que a de Hitler é uma das mais difíceis de compreender, seja pela escassez de dados, seja pela multipolaridade do seu psiquismo. Em minha análise, o transtorno mental de Hitler passeia por múltiplos diagnósticos, mas se enquadra mais

no *transtorno de personalidade paranoide*.^[207] E adianto que ele não tinha uma psicose paranoica. O austríaco Adolf Hitler não era um psicótico, pois se o fosse não teria consciência dos seus atos nem responsabilidade sobre eles.

E, em seguida, comentou que entre uma psicose paranoica, capitaneada pela crença absoluta em delírios persecutórios, e uma personalidade paranoica, pela qual o indivíduo se sente perseguido, mas está integrado à realidade, há uma diferença dantesca.

— Como ele não era psicótico, poderia evitar sua agressividade se o desejasse? — foi rapidamente perguntando Eva Groener.

O professor Júlio Verne tomou a frente e deu sua opinião:

— A consciência do comportamento é a base fundamental para alicerçar o Eu, que representa a capacidade de escolha, para ser gestor dos seus atos e, conseqüentemente, se tornar autor da própria história.

— Não há possibilidade de ter havido uma psicose coletiva na Alemanha nazista, que levava Hitler e seus discípulos, ou até os soldados subalternos, a perderem os parâmetros da realidade e serem mentalmente incapazes de decidir? — indagou Theodor.

— O clima era tenso, as pressões sociais, enormes, mas nenhum estímulo estressante seria capaz de abortar a consciência crítica. Eles feriram e destruíram porque quiseram — afirmou Alfred Fromm.

— Foram irracionais, mas não inconscientes. Quanto aos subalternos, é mais fácil obedecer às autoridades do que à própria consciência — discorreu Júlio Verne, cuja tese foi aprovada pelo psiquiatra, que começou a enumerar os sintomas de uma personalidade paranoica:

— Em primeiro lugar, a tendência a guardar rancores persistentemente, a recusa em perdoar injúrias ou insultos. Hitler não conseguia superar suas mágoas. Elas ficavam depositadas por anos a fio. Ele jamais esqueceu os tempos de escassez financeira e humilhação social em Viena e Munique. Não conhecia o pensamento solene dos grandes líderes: a maior vingança contra um inimigo é compreendê-lo e perdoá-lo — comentou o psiquiatra.

O professor, em sintonia com Fromm, relatou um fato histórico:

— O *Führer* sofreu um atentado a bomba, engendrado por um grupo de militares alemães. Ele conseguiu sair quase ileso, apenas com leve problema auditivo. Sua reação foi ordenar uma perseguição implacável a esses oficiais. E foi tão cruel que mandou dependurá-los num frigorífico e, como gado, foram abatidos um a um.^[208] Profundamente sádico, pediu para filmar as mortes e depois assistiu a elas.

— Que crueldade, meu Deus. A agressividade humana pode chegar a limites inimagináveis! — lamentou Ângela Feder.

— E a capacidade de Hitler de armazenar rancores foi mais longe, Ângela — comentou o professor.

— Nada pode ir mais longe que isso...

— Infelizmente pode. Hitler não apenas assassinou atrozmente os conspiradores, mas teve a coragem de mandar aprisionar todos os seus familiares, incluindo crianças, mulheres, pais e avós, que nada tinham com a conspiração. Em seguida, ordenou que esses inocentes alemães fossem igualmente assassinados. Queria varrer a genética deles do tecido da sociedade.

O dr. Alfred Fromm ficou chocado com o que ouvira. Em seguida, citou outro sintoma do transtorno de personalidade paranoica.

— É marcante também a desconfiança contínua, acompanhada de um sentimento de que há sempre alguém querendo lhe puxar o tapete. A paranoia é uma característica típica dos ditadores. Um homem que fere o direito dos outros, sempre pensa que alguém está tramando algo contra ele, por isso faz expurgos, exclui, mata — afirmou ele.

O professor aproveitou o ensejo e contou um caso chocante que confirmava essa característica doentia de Hitler. Ele conhecera Ernst Röhm em 1920, aos 31 anos de idade. Herói de guerra, obstinado, cruel, Röhm fundara a sociedade secreta Punho de Ferro, que congregava militares de extrema direita, à qual Hitler se uniu. Tornaram-se amigos. Röhm ajudou a custear o desempregado Hitler e depois o apresentou a militares e políticos influentes. Depois que Hitler se infiltrou no Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP), Röhm também se filiou, tornando-se o número 623.

De baixa estatura, obeso, faces desenhadas por cicatrizes, esse oficial agressivo tornou-se grande amigo de Hitler. Diziam que Röhm era homossexual.^[209] Hitler era um homofóbico violento. Infelizmente o preconceito era o cardápio diário que nutria o cérebro dos nazistas. Para Hitler e seus discípulos os homossexuais, assim como os judeus, não choravam, não pensavam, não sonhavam nem sentiam solidão ou possuíam uma mente complexa como qualquer ser humano.

Em 1931, Röhm tornou-se o comandante da Tropa de Assalto (SA) do Movimento Nacional-Socialista.^[210] Em 1934, essa terrível polícia teria nada menos do que 4,5 milhões de membros. Hitler, agora chanceler, temia os tentáculos do poder de Röhm. Paranoico, não via o momento de desbancar o amigo. Não tardou para que Röhm caísse em desgraça e fosse considerado traidor. Entretanto, Hitler, mostrando grande “benevolência”: em vez de mandar assassiná-lo, mandou-lhe oferecer uma arma para suicidar-se. Achava, assim, que Röhm, que o apoiara por longos anos, teria uma morte mais digna. Röhm recusou o suicídio. Foi assassinado.

Depois dessa narrativa de Júlio Verne, o psiquiatra citou outra característica do quadro de paranoia: a tendência a distorcer as experiências por interpretar erroneamente as atitudes neutras ou amistosas dos outros e considerá-las hostis ou desdenhosas.

— Hitler, por ter uma personalidade paranoica, era um cão farejador de traição. Vislumbrava ameaças que só estavam na sua cabeça. À mínima contrariedade, mesmo de um fiel general, via um ato persecutório — comentou o psiquiatra.

— Eu conheço alguns intelectuais, inclusive amigos meus, que têm comportamento paranoico. Parece que são mal resolvidos. Sempre interpretam críticas como se fossem algo pessoal, um ato contra eles e não contra suas ideias. Sentem-se vítimas nos departamentos das universidades, por exemplo — afirmou Eva.

— Hitler era um especialista em distorcer o processo de interpretação durante sua ascensão e mais ainda no período de queda — afirmou o professor.

Em seguida, comentou que em 30 de janeiro de 1945, exatos 12 anos após ter sido nomeado chanceler, o *Führer* fez seu último discurso. Interpretando mais uma vez de modo errôneo a realidade, produziu frases como “espírito de resistência” e “invencível vontade”, que refletiam o delírio de grandeza de um homem que jamais se dobrara perante a verdade.

— No mesmo dia, Albert Speer dirigiu uma mensagem a Hitler, dizendo-lhe que a guerra estava perdida — completou Júlio Verne.

— Um arquiteto, Albert Speer, teve de alertar o grande estrategista militar, Hitler, de que a Alemanha estava

derrotada? Esse homem era uma empáfia! Que líder que tivemos, meu Deus! — expressou o general Hermann.

— E, em vez de assumir seus erros, o combalido *Führer* não apenas não propôs negociação, mas teve a coragem de sentenciar que “a humanidade era péssima” para que ele continuasse a viver.^[211] Não reconhecia que ele era o monstro, não a humanidade. Segundo ele, a humanidade não o merecia — citou o psiquiatra, que continuou a expor o transtorno do homem que causara a Segunda Grande Guerra Mundial. Ele mencionou, em seguida, outra característica do transtorno psíquico: um combativo e obstinado senso de direitos pessoais em desacordo com a situação real.

— Esse sintoma — afirmou Júlio Verne — explica por que em 1944, num clima de desespero, em vez de retroceder Hitler lançou mão de numerosas divisões de “granadeiros do povo”, tropas sem grande experiência, como se fossem paredes humanas, que acabam se autodestruindo. Ao mesmo tempo ordenou que as divisões tradicionais derrotadas fossem reenviadas à linha de frente e que “sangrassem até a última gota”.^[212]

Nesse momento, o austero militar Arthur Rosenberg comentou:

— Compreendo claramente hoje que o homem a quem a Alemanha confiou seu destino tinha graves conflitos mentais. Seu espírito combativo para defender suas ideias, que parecia uma virtude, no fundo era reflexo de um ególatra, de alguém que só pensava em si. Em 12 de janeiro

de 1945, as forças militares da Rússia que invadiram a Alemanha não eram superiores em qualidade, mas a superioridade numérica era gritante. Qualquer estrategista, por mais estúpido que fosse, teria proposto uma negociação para poupar a população. Mas Hitler não poupou nossos jovens.

— Para o obstinado Hitler era insuportável o efeito desmoralizante de uma derrota, mesmo que destruísse uma nação. E era tão vingativo que, em vez de ter a mínima dignidade de reconhecer sua derrota, propôs a política da “terra arrasada”, ou seja, destruir pontes, indústrias, estradas, para que seus inimigos não as utilizassem. Mais uma vez demonstrou que jamais amou a Alemanha, sua sociedade, seus filhos. Muito menos amava a raça ariana que tanto defendia. Amava a si mesmo, o mundo girava em torno de sua ambição. Porém, essa insana estratégia não foi corroborada por alguns dos seus fiéis escudeiros, que mesmo no caos ainda raciocinavam e tinham afeto pelo seu povo — disse o professor.

Momentos depois o dr. Alfred Fromm apontou outro sintoma do transtorno paranoico de Hitler: as suspeitas recorrentes, sem justificativa, com respeito à fidelidade sexual do cônjuge ou parceiro sexual.

— Esse sintoma reflete que um dos parceiros sexuais desconfia da infidelidade do outro sem que haja motivos. Geralmente acomete homens, que fazem uma tortura mental com suas mulheres. Homens paranoicos pressionam, fazem

chantagens, acusam e até levam suas parceiras a confessar uma traição que não cometeram. Esse comportamento doentio tem dupla via, tanto excita a libido do portador do transtorno de personalidade paranoica como o leva a exercer um controle aviltante sobre sua parceira — comentou o psiquiatra.

— Não podemos afirmar o que se passava entre quatro paredes entre Hitler e suas parceiras, mas, como comentamos, as tentativas de suicídio que cometeram evidenciam que eram infelizes e sujeitas a torturas psíquicas — discorreu o professor.

— O carrasco dos judeus e de outras minorias também o era com as mulheres que passaram pela vida dele — afirmou Kate, recordando-se dos comportamentos autoritários do *Führer* com a namorada Mimi Reiter, com a sobrinha Geli e Eva Braun.

— Outro sintoma — prosseguiu o psiquiatra — é a tendência a querer experimentar autovalorização excessiva, manifesta por uma frequente autorreferência. Em seus discursos, o emprego excessivo da palavra “eu” indica uma autovalorização doentia, um egocentrismo exacerbado. O mundo tinha que girar em sua órbita.

Em sintonia com esse sintoma, o professor fez um interessantíssimo relato histórico:

— Por favor, ouçam essas palavras ditas por Hitler: “Resta um único fator e que devo incluir com toda a modéstia e que é minha pessoa: sou insubstituível. Nenhuma

personalidade militar ou civil poderia me substituir. Os atentados como o de 8 de novembro de 1939, no Bürgerbräukeller, podem se repetir. Estou seguro da força do meu cérebro e da minha capacidade de decisão. As guerras nunca devem terminar a não ser pela capacidade de total aniquilamento do adversário... O inimigo não concluirá a paz se as reações de força nos estiverem desfavoráveis. Portanto, nada de compromisso. Dureza consigo mesmo. Vou atacar e não capitular. O destino do Reich depende de mim e eu agirei em consequência dele”.^[213]

Ângela, emocionada com tudo que ouvia, opinou sobre as palavras de Hitler e o fez com muita propriedade:

— Como ser humano todos somos insubstituíveis, mas como profissionais ou líderes, todos podemos ser substituídos.

— O raciocínio militar messiânico de Hitler era delirante. Evidenciava o abandono da racionalidade e o apego a decisões imediatistas — afirmou Kate categoricamente.

— Na esteira do extraordinário sucesso da primeira fase da guerra, Hitler desenvolveu uma euforia cega para invadir nações e dominar a Europa e o mundo — comentou o general Hermann.

Por fim, o dr. Alfred Fromm comentou o último sintoma de uma personalidade paranoica: a preocupação excessiva com explicações conspiratórias.

O psiquiatra concluiu que Hitler possuía claramente essa característica.

— Ele se perdia em meio a discursos sobre movimentos conspiratórios contra a Alemanha. Perdia-se em afirmações de que existiam intenções conspiratórias contra sua própria pessoa. Era um homem perturbado, inquieto, ansioso. Vivia com medo de ser envenenado, inclusive por seus médicos ou cozinheiros, ou de sofrer um atentado.

— Mas não podemos deixar de considerar que os vencedores da Primeira Guerra criaram o monstro que deflagrou a Segunda Guerra — afirmou o general Hermann.

— Eu discordo — disse o psiquiatra.

O professor, apesar de ter aversão ao *Führer*, saiu em defesa do general.

— Os vencedores da Primeira Guerra pisaram na cabeça dos vencidos, em especial da Alemanha, com um tratado insuportável, o Tratado de Versalhes, que impunha entre outras cláusulas, uma punição financeira severa e o controle das Forças Armadas. Além disso, a crise econômica, a inflação galopante e o desemprego em massa, em torno de trinta por cento, que se seguiram à perda da Primeira Guerra, criaram o meio de cultura para surgir um homem extremista, paranoico, mas ao mesmo tempo teatral, carismático e portador de soluções mágicas.

Culta, Eva Groener contribuiu para o caldeirão de ideias.

— Os extremistas se desenvolvem frequentemente em ambientes inóspitos. Relatos dizem que muitos ditadores surgiram em ambientes geográficos de alta escassez hídrica, menos de quinhentos milímetros cúbicos de água por ano.

Se a Alemanha vivesse um ambiente de segurança alimentar, social e de emprego, Adolf Hitler não se aninharia no seio social.

— A Europa é o continente mais sangrento do planeta — comentou o general Hermann. — O país “Europa” não pode ser fragmentado, caso contrário, pode se tornar um novo barril de pólvora. A Europa, mais do que qualquer outro continente, deve lutar para manter sua unidade, socorrer os países em dificuldades. Uma Terceira Guerra Mundial seria insuportável.

O debate com os três psiquiatras finalmente foi encerrado. Todos os membros do Projeto Túnel do Tempo perceberam a complexidade da mente de Hitler.

— Qual psiquiatra estava correto? — indagou Ângela. — Que diagnóstico poderia ser mais adequado para descrever a personalidade do *Führer*?

Todos estavam corretos, concluiu Júlio Verne, os militares e os cientistas do projeto. Ele deu o fechamento no complexo debate.

— Hitler tinha uma personalidade esquizoide, antissocial e paranoica e, possivelmente, outras mais. Por exemplo, além desses três transtornos, Hitler tinha características marcantes de uma personalidade histriônica: autodramatização, teatralidade dos gestos; expressão exagerada das suas emoções em seus discursos e apelos; afetividade lábil, que mudava com frequência ao sabor do ambiente e dos estímulos estressantes; necessidade de ser o

foco das atenções sociais e preocupação com a atratividade física. Hitler exaltava a raça ariana e amava ser fotografado. Sua sociopatia e psicopatia eram multilaterais. Tinha de ser uma mente altamente doentia, com uma incrível capacidade de dissimular, se vender e se reinventar para conseguir primeiramente devorar o inconsciente coletivo de dezenas de milhões de alemães para depois devorar os judeus, os socialistas, os eslavos, o mundo... Foi esse o homem que deixou o mundo perplexo e ateou fogo na humanidade.

CAPÍTULO 54

O RELATÓRIO FINAL SOBRE A PERSONALIDADE DE HITLER

Os membros do megaprojeto tinham agora elementos para fazer um relatório final da personalidade do austríaco Adolf Hitler. Almejavam que tal relatório produzisse uma carga de tensão mental no psiquismo do professor Júlio Verne capaz de direcionar seu transporte na máquina do tempo para um momento especial. Um momento em que tivesse condições de varrer Hitler das páginas da história.

O professor mesmo compilou, a partir de todas as suas anotações, esse relatório. E ficou tão impactado que, ao lê-lo na presença de toda a equipe do projeto, da sua esposa e dos três psiquiatras que participaram do debate, deu uma importante sugestão:

— Sugiro que este relatório seja divulgado em todas as universidades de todos os países do mundo com o objetivo de alertar os professores e alunos de todas as culturas a jamais serem seduzidos por líderes com as características de personalidade de Adolf Hitler. Quem sabe esse relatório poderá se tornar uma vacina para prevenir a ascensão de novos sociopatas no rol das nações com algumas

características semelhantes às da Alemanha do pré-guerra, em especial em tempos de aquecimento global e de escassez de recursos humanos? Não podemos nos esquecer de que Adolf Hitler, embora detestasse a democracia, foi gestado num regime democrático.

A sugestão do professor foi aceita por todos. O único que não se mostrou um entusiasta da solicitação foi o dr. Runner, o primeiro psiquiatra. Fez-se um silêncio forçado.

Relatório final das 30 principais características doentias da personalidade de Adolf Hitler, algumas das quais presentes nos líderes que cometem crimes contra a humanidade.

1. Frieza emocional, afetividade distanciada ou embotada.
2. Capacidade limitada para expressar sentimentos ternos e calorosos.
3. Indiferença a elogios ou críticas.
4. Preferência quase invariável por atividades solitárias.
5. Falta de amigos íntimos ou confidentes reais.
6. Insensibilidade marcante para com normas e convenções sociais.
7. Baixa capacidade para sentir prazer.
8. Indiferença pelos sentimentos alheios.
9. Incapacidade de manter relacionamentos, embora não haja dificuldades em iniciá-los.

10. Humor flutuante: o céu e o inferno emocional estão muito próximos.
11. Baixa capacidade de tolerância à frustração.
12. Incapacidade de experimentar culpa.
13. Dificuldade de aprender com a experiência, em especial com os erros.
14. Propensão marcante a culpar os outros por seus fracassos ou conflitos.
15. Tendência a guardar mágoas persistentemente.
16. Recusa a perdoar injúrias, difamações ou insultos.
17. Desconfiança contínua de que há sempre alguém querendo lhe “puxar o tapete”.
18. Tendência a distorcer a realidade de acordo com sua conveniência.
19. Tendência em interpretar erroneamente as atitudes dos outros, ainda que amistosas, e considerá-las hostis ou desdenhosas.
20. Necessidade de autovalorização manifesta por uma frequente autorreferência e pelo uso do pronome “eu”.
21. Comportamento messiânico ao se considerar único portador de uma missão histórica, o que é diferente da saudável busca de um sentido nobre para a existência.
22. Combativo e obstinado senso de direitos pessoais em desacordo com os direitos dos outros.
23. Autodramatização, teatralidade dos gestos e gosto excessivo por discursos.

24. Expressão exagerada das suas emoções em seus apelos.
25. Afetividade lábil, que muda com frequência ao sabor do ambiente e dos estímulos estressantes.
26. Necessidade de ser o foco das atenções sociais.
27. Preocupação em ser objeto de atração social.
28. Suspeitas recorrentes e sem justificativa da fidelidade dos mais íntimos, incluindo a fidelidade sexual do cônjuge ou parceiro sexual.
29. Preocupação excessiva com conspirações.
30. Atitude de considerar opositores não como mentes divergentes, mas como inimigos a serem abatidos.

Além dessas 30 características doentias de personalidade, havia 22 necessidades neuróticas expressas no psiquismo de Adolf Hitler. O professor Júlio as incluiu no relatório.

1. Necessidade neurótica e compulsiva de falar.
2. Necessidade neurótica de vender sua autoimagem.
3. Necessidade neurótica de se ouvir e não ouvir os outros.
4. Necessidade neurótica de bajuladores e não debatedores.
5. Necessidade neurótica de se colocar acima dos seus pares.
6. Necessidade neurótica de poder.

7. Necessidade neurótica de se colocar como messias político.
8. Necessidade neurótica de controlar os outros.
9. Necessidade neurótica de não reconhecer erros.
10. Necessidade neurótica de sublimar sentimentos de culpa.
11. Necessidade neurótica de impor e não expor as suas ideias.
12. Necessidade neurótica de aplausos.
13. Necessidade neurótica de evidência social.
14. Necessidade neurótica do culto à personalidade.
15. Necessidade neurótica de se sentir perseguido.
16. Necessidade neurótica de espalhar boatos falsos.
17. Necessidade neurótica do prazer sádico nas falhas dos opositores.
18. Necessidade neurótica de não reconhecer as qualidades dos desafetos.
19. Necessidade neurótica de crer que os meios justificam os fins.
20. Necessidade neurótica de reagir sem pensar nos focos de tensão.
21. Necessidade neurótica de se referir com exagero às origens humildes.
22. Necessidade neurótica de solidão, apesar de amar ser o centro das atenções quando está em grupo.

O professor ainda frisou bem que algumas dessas necessidades neuróticas e características doentias de personalidade podiam estar presentes em muitas pessoas que não apresentavam riscos para a sociedade, embora tais características devessem ser recicladas por não serem saudáveis. Aliás, os próprios membros da equipe do Projeto Túnel do Tempo também tinham algumas delas.

O menino Adolf não nascera geneticamente sociopata ou psicopata. Acreditar nisso seria acreditar na teoria nazista de que crianças potencialmente destrutivas deveriam ser eliminadas. Sua história não era muito diferente da de milhões de outros jovens.

— A vida não foi cruel na infância de Adolf Hitler, mas ele aprendeu com requintes de detalhes a arte de ser cruel. Um ser humano portador de uma psicose não tem consciência dos parâmetros da realidade. Hitler tinha plena consciência dos seus atos, por isso não era um psicótico. Era um psicopata que executava suas atrocidades com impressionante detalhismo. Se quisesse, poderia reciclar-se, mas deliberadamente as praticava como se fosse um deus que tivesse em suas mãos a vida e a morte de outros seres humanos — concluiu o professor profundamente emocionado após a leitura final do relatório.

Enquanto o dr. Alfred Fromm e o dr. Walter Lepsius meneavam a cabeça em sinal de aprovação, o dr. Runner demonstrou insatisfação com essa conclusão.

— Todo psicopata se retroalimenta. Depois de matar um ou dois, eles não voltam mais atrás. Matar cem ou mil tanto faz — afirmou o general Hermann.

— Jamais devemos vender ou entregar nossa liberdade nas mãos de um homem, um líder, um partido político, uma ideologia social, uma nação ou um grupo filosófico. Os riscos são seriíssimos. Devemos frequentar grupos, defender seus ideais, mas jamais pertencer exclusivamente a um deles. Devemos, sim, pensar como espécie, pertencer à humanidade — arrematou Ângela, sob os aplausos de todos.

Os psiquiatras não sabiam do Projeto Túnel do Tempo. Mas ficaram comovidos com a possibilidade de o relatório ser difundido mundialmente nas universidades e outras instituições sociais. O dr. Lepsius e o dr. Fromm se despediram e agradeceram a oportunidade de expor suas ideias para um grupo de intelectuais argutos. Eles ensinaram e aprenderam muito. O dr. Runner, que era militar, ficou. Foi o último a agradecer a oportunidade.

De repente, para espanto de todos os presentes, logo na saída da magna sala, ele elevou o tom de voz e chocou os presentes com essas palavras:

— Vocês estão cometendo um grande erro.

— O que você quer dizer com isso? Que erro, doutor Runner? — indagou rapidamente o general Hermann. Pois até onde sabia, o major Runner, respeitado médico psiquiatra das Forças Armadas da Alemanha, desconhecia os segredos do Projeto Túnel do Tempo.

— Viajar no tempo para eliminar Adolf Hitler não é corrigir um grande erro da História...

Todos ficaram atônitos por ele demonstrar estar a par daquilo. E o psiquiatra completou seu raciocínio:

— Vocês vão cometer um dos maiores erros da História e um gravíssimo e imperdoável erro científico.

Fez-se um silêncio pesado. Nem mesmo o professor Júlio Verne, que sempre se perturbara com os laudos implacáveis do dr. Runner sobre sua saúde mental, disse alguma coisa. Desconfiava de seu apreço pelo *Führer*.

E virando-se para o próprio Júlio Verne, Runner desferiu essas palavras:

— Antes que o professor faça seus julgamentos precipitados, quero confessar que sempre admirei Hitler, mas não o Hitler assassino, não o promotor dos campos de concentração, não o iniciador da Segunda Guerra Mundial, mas o líder que retirou a Alemanha do caos, do desemprego maciço, na casa dos trinta por cento, do vexame do Tratado de Versalhes. Ele foi o agregador do sentimento nacional e o exaltador de nossa cultura. Era um homem, em minha visão, com uma personalidade esquizoide, mas ainda assim um grande líder, pouco compreendido.

Todos ficaram chocados ao ouvir essas palavras. Não acreditavam que estavam diante de um admirador do líder nazista, ainda mais sendo ele um militar. À medida que o dr. Runner fazia seus comentários, se aproximava mais ainda da porta de saída, provavelmente querendo bater em retirada.

— Depois de todo esse debate e de todo esse relatório, como você pode ainda ter apreço por Hitler, mesmo que como líder? — perguntou irado o professor.

O psiquiatra, visivelmente tenso e ofegante, respondeu:

— Confesso também que tudo o que ouvi aqui, inclusive dos meus colegas, abalou minhas convicções. Seus penetrantes argumentos, professor, fundamentados em fatos históricos, desfiguraram Hitler como líder para mim. Estou abalado.

Todos relaxaram ao ouvir isso. E o psiquiatra adicionou:

— Não imaginava que o grande *Führer* era um homem com inúmeras necessidades neuróticas, marcadamente ególatra, que fomentava o culto à personalidade e que pensava em primeiro lugar em si. Compreendi que Hitler nunca amou a Alemanha, mesmo quando a defendia, mas usou-a.

Quando todos pensavam que o dr. Runner deixaria o ambiente cabisbaixo e arrependido, ele meteu a mão no bolso do seu jaleco branco, inesperadamente sacou uma pistola e apontou-a para todos.

— Entretanto, — afirmou ele — retornar ao tempo e tentar eliminar Hitler, insisto, é um grande erro. Um erro imperdoável.

— Por quê? — indagou apreensiva a sempre sensível Ângela.

— Por quê? Cerca de setenta milhões de pessoas perderam suas vidas na Segunda Grande Guerra. A grande

maioria na Europa. Se Júlio Verne tiver sucesso em evitar esse conflito, o aumento populacional será explosivo e insuportável. Teríamos hoje pelo menos mais duzentas milhões de bocas para alimentar. A Europa não terá recursos naturais para nossos filhos. Toda a espécie humana sofrerá.

— Mas a humanidade poderá encontrar soluções para seus problemas — afirmou o professor. — Acredite na humanidade.

— O ser humano é lento na busca pelas soluções sustentáveis. A Segunda Guerra Mundial foi inumana, mas retardou a implosão do planeta e patrocinou grandes descobertas científicas. Mas olhem! Um século se passou e o aquecimento global está diminuindo a fertilidades das nossas terras. Nem o Brasil nem os países africanos estão dando conta das demandas mundiais. O preço das *commodities*, em especial dos alimentos, está caríssimo. Não acredito na humanidade, professor. Não acredito em você nem nesse projeto.

O general ficou com um nó na garganta. Júlio Verne prendeu a respiração. O dr. Runner sem dúvida alguma usaria sua arma. De repente, ele apontou para o peito do professor, mas num reflexo rápido o general desviou sua atenção e acionou o alarme. O professor deu um mergulho no chão tentando evitar ser alvejado. O dr. Runner disparou duas vezes. No tumulto, uma bala acertou o tórax de Theodor, o cientista líder do projeto, e outra acertou o ombro de Eva.

Perturbado com o alarme e com os disparos, o dr. Runner bateu rapidamente em retirada. Kate, Arthur e Bernard socorreram Eva, cujo ferimento não lhe tiraria a vida, embora lhe causasse grande sangramento e muita dor. O general Hermann, Júlio Verne e Ângela socorreram a vítima mais próxima, Theodor. Infelizmente seu ferimento foi fatal. Mas, antes de morrer, ele teve tempo de olhar para o professor e lhe fazer um pedido solene.

— É sua última oportunidade. A máquina está instável. Você... nos disse que uma vida sem sentido existencial... é um céu sem estrelas, vazio e frio. Não me deixe... morrer sem sentido...

O professor lhe disse:

— Eu prometo, Theodor. Mas poupe energia...

Não deu tempo. O inteligente cientista expirou.

A partir desse momento começou uma implacável busca para prender o dr. Runner, mas, esperto, ele havia planejado uma fuga para um lugar em que jamais seria encontrado: a máquina do tempo. Como tinha todas as senhas e era um militar de alta patente, conseguiu furar o cerco. Duas horas depois de ter atirado em Eva e Theodor, o dr. Runner não estava mais em seu século. Viajara para um lugar desconhecido.

Ao saber disso, o general Hermann e toda a sua equipe ficaram preocupadíssimos, para não dizer desesperados. Fizeram uma reunião de emergência e o general disse solenemente:

— Theodor estava corretíssimo. A máquina está instável e corre o risco de implodir. — Depois se voltou para o professor e comentou: — Vamos desligar a máquina em uma semana. O Projeto Túnel do Tempo será encerrado. De fato esta é sua última chance.

CAPÍTULO 55

MUNIQUE: O GRANDE PONTO DE MUTAÇÃO

Dois anos após a derrota na Primeira Guerra, Hitler começou a seduzir os habitantes na região da Bavária, em especial Munique. O orador agressivo e vibrante começou a ganhar notoriedade ao tocar a alma dos abatidos, desempregados, arruaceiros, alcoólatras. Por frequentar lugares onde se encontrava a massa descontente, o austríaco que estava apenas havia pouco mais de seis anos na Alemanha conheceu as mazelas e os anseios do povo alemão como os políticos em seus gabinetes não conheceram. Amava discursar nas cervejarias.

As teses radicais, a proposta de soluções mágicas e os discursos vibrantes de Hitler o levaram, em julho de 1921, a assumir pela primeira vez a chefia de algo: o controle do minúsculo e radical Partido dos Trabalhadores Alemães. Amante da propaganda, Hitler e alguns amigos afixavam cartazes vermelhos com o resumo dos seus discursos.

O idealista Anton Drexler, que fundara o partido em 1919, já havia criado a política de repúdio aos estrangeiros e aos judeus. Sob o controle de Hitler, o diminuto partido mudou de nome e passou a ser chamado de Partido Nacional-

Socialista dos Trabalhadores Alemães. Estava formado o Partido Nazista, que, entre outros pontos, lutava pela união de todos os alemães numa Grande Alemanha, a anulação do Tratado de Versalhes e a exclusão dos judeus dos cargos públicos. Os discursos de Hitler se intensificaram, e frequentes pancadarias contra os marxistas aconteciam nas reuniões.

Um ex-cabo, desempregado, combativo, explosivo, que tinha afinidade com a palavra falada, mas era despreparado política e intelectualmente, se tornaria um ativista político sedutor. Inspirado na bem-sucedida “Marcha sobre Roma” de 1922, que assinalou a chegada de Mussolini ao poder na Itália, Hitler, então com 34 anos, após analisar a inflação galopante, chegou à óbvia conclusão no outono de 1923 de que a economia da Alemanha entraria em colapso.^[214]

Reuniu amigos, como Hermann Göring e Ernst Röhm, e juntos arquitetaram que com o uso da força das SA, as Tropas de Assalto do Partido Nacional-Socialista, que tinha poucos membros na época, tomariam o governo regional da Bavária, episódio histórico que ficou conhecido como Putsch da Cervejaria de Munique. Na quinta-feira, 8 de novembro, um fanático e ingênuo Hitler instigava os homens da SA, bem como bêbados, desempregados e outros radicais, a tomar o poder.^[215]

Enquanto isso, um século mais tarde, Júlio Verne despedia-se rapidamente de Kate, que pela primeira vez não

estava excessivamente aflita. Ela torcia para que seu marido tivesse sucesso em sua magna e difícilíssima missão.

— Minha emoção pede para você ficar, Júlio, mas meu intelecto suplica-lhe: vá e ceife o homem que odiou a humanidade — disse Kate emocionada.

— Eu voltarei e ainda verei meu filho crescer em seu útero. E quando ele for expulso para o útero social, serei seu melhor amigo nos invernos da vida e seu melhor companheiro nas primaveras da existência. Não sou o marido e o pai mais perfeito, mas serei o homem que mais amará sua esposa e seu filho — expressou Júlio Verne, como a mais solene promessa, esquecendo momentaneamente os vales sórdidos da história que o aguardavam.

— Nós o educaremos juntos com os tesouros da sabedoria. Transferiremos um tesouro que reis não transferiram e milionários não souberam dar: o capital das nossas experiências — afirmou a psicóloga social.

E em perfeita sintonia com ela, Júlio Verne comentou:

— Sim, falaremos das nossas lágrimas para que ele aprenda a chorar as dele.

— Comentaremos nossas aventuras para que ele rompa o cárcere do tédio e faça da sua vida uma grande aventura — disse ela, como se tivesse se libertado da masmorra do medo.

— Muito obrigado, Kate, por existir e irrigar minha história com amor.

— Sem você, Júlio, minhas manhãs não teriam orvalho, minha emoção não teria júbilo.

Foi um momento de rara sensibilidade. Beijaram-se apaixonadamente. Mas de repente, para quebrar o clima, o inteligente mas austero general Hermann tocou os ombros de Júlio Verne e disse-lhe claramente:

— Já lhe disse. Meu desejo é que você retorne ao tempo quando Hitler era uma criança. E nesse momento pense em todos os milhões de seres humanos que morreram por causa desse crápula. Não titubeie, assassine-o!

O general Hermann dava importância significativa à educação, mas era um homem pragmático. Deixava sua emoção em segundo plano.

— Nunca! Nunca! Se encontrar Hitler criança, minha opção será a via educacional e não militar.

— Educação, educação! Ela é importante, mas as armas resolvem mais rápido — disse tenso o general.

— As armas resolvem os sintomas, mas não atacam as causas — afirmou o professor.

— Não seja romântico! — alertou o brilhante cientista Bernard. — Pense na dor...

Antes que Bernard terminasse, o general interveio.

— Um deve morrer no lugar de milhões...

O chefe militar não queria em hipótese alguma que o Projeto Túnel do Tempo falhasse. Muito dinheiro, muito tempo foram gastos, sem falar nas consequências do êxito ou do fracasso do projeto para a história da humanidade.

Júlio Verne, um amante de educação, insistiu efusivamente:

— Eu já disse. Vou encontrar Hitler adulto e culpado. Somente nessa fase optarei pela via militar.

Em seguida, cumpriu o mais rápido possível todo o ritual para entrar na máquina do tempo. Dentro do aparelho giratório, procurou recordar os pontos principais do relatório sobre a personalidade de Hitler. Libertou seu imaginário para se fixar nas características mais doentias e num período histórico em que elas começaram a se manifestar. Veio-lhe à mente o Putsch da Cervejaria de Munique.

A máquina do tempo girava numa velocidade tão espantosa que parecia que o corpo do professor iria se desintegrar. Seu cérebro parecia que estava perdendo a identidade e a memória. Momentos depois, seu corpo já não se encontrava dentro do aparelho.

Um homem completamente estafado achava-se deitado num canto de uma cervejaria. Parecia ter levado uma surra. Era Júlio Verne. Mal conseguia se mover, mas ouvia os discursos inflamados de um agitador social.

— Vamos tomar a Bavária! Abaixo o humilhante Tratado de Versalhes! Somos alemães, somos combativos, somos os melhores.

Quase incrédulo, Júlio Verne se levantou, se aproximou do balcão e pediu uma cerveja, embora não tivesse dinheiro

para pagar. Havia tanta gente apinhada no ambiente que ele não conseguiu ver o rosto do agitador, mas o som não era estranho. A voz parecia conhecida das gravações do rádio e da TV.

— A hora é agora! — proclamou o líder, que já havia feito cinco discursos naquele dia. Este era o último.

Subitamente começou a sair do ambiente para fazer o levante. E então, à medida que as pessoas começaram a se dissipar pelas ruas, o professor viu-se olhando diretamente para o político. Era Adolf Hitler, a somente cinco metros de distância. Seus olhares se encontraram como se ambos tivessem uma dívida com a história. O professor não sabia se ria ou se chorava. Deu um tapa no próprio rosto para ver se tudo era real. Estava fascinado pelo fato de que sua estratégia de chamar psiquiatras para debater sobre o psiquismo de Hitler tinha funcionado. Sua mente regulara a misteriosa máquina e ele viajara para o tempo que programara.

Júlio Verne, eufórico, quase sem respiração, procurou sacar sua arma para matar Hitler, ali mesmo, sem demora. Extremamente tenso, pegou o sofisticado aparelho retangular que cabia na palma da mão. Ninguém naquele tempo desconfiou que era uma arma poderosa capaz de paralisar o coração de Hitler. O líder nazista vinha em sua direção e Júlio esperou que ele se aproximasse, mas quando ia atirar foi atropelado pela multidão que o espremia. O aparelho caiu e foi pisoteado. O professor, como estava

debilitado, também caiu ao chão e também começou a ser atropelado pelos admiradores cegos do líder do pequeno e barulhento Partido Nacional-Socialista.

Logo se levantou e foi ao encalço de Hitler. Não podia perdê-lo de vista. Como não o assassinara no pequeno bar, teria de fazê-lo em espaço aberto. Mas precisava de uma arma para atirar à queima-roupa, pois tiro ao alvo passava longe da especialidade do professor.

O levante para tomar o poder em Munique estava em plena ebulição. O Exército se achava de prontidão para conter a revolta. Uma batalha nas ruas seria inevitável... Participar dela ao lado de Hitler era um risco grande, mas valia a pena procurar estar próximo dele.

Hitler liderava a revolta junto com seus amigos Göring e Rhöm, mas ninguém era tão destemido e ousado quanto o austríaco. Afinal de contas, não tinha nada a perder, não tinha curso superior ou qualificação profissional e, ainda por cima, era um desempregado numa Alemanha com poucas oportunidades. Hitler também não tinha cidadania alemã, era um estrangeiro. Era um jogador que partia para o tudo ou nada.

CAPÍTULO 56

O EMBATE NO TRIBUNAL ENTRE O PROFESSOR E HITLER

O professor, como vivia no futuro, sabia que o plano dos revoltosos seria malsucedido. Hitler, Göring e Röhm eram amadores, não conseguiram controlar os meios de comunicação. Erro que, quando Hitler assumiu o poder, nunca esqueceu. O líder nazista prometia heroica e ingenuamente que venceriam a batalha em Munique com muita facilidade. Tanto assim, que Himmler, porta-bandeira, já havia posado orgulhosamente para a imprensa como um vencedor.

Os revoltosos tiveram que enfrentar uma real batalha campal com a polícia estatal e o Exército. Antes do enfrentamento, o professor pegou uma arma emprestada de um dos amotinados que estava embriagado.

— Dê-me essa arma, soldado! Sou um oficial. Viva a Bavária! — disse aos brados.

O alcoólatra, que nem sabia o que estava fazendo ali, deu-lhe uma velha espingarda e bradou:

— Viva!

Em seguida, tropeçou e levou um belo tombo.

O ser humano quando está em grupo frequentemente contrai sua consciência crítica: minimiza sua fragilidade e maximiza seus poderes. O bando que seguia Hitler estava sob incontrolável euforia. Rapidamente o professor começou a procurar por Hitler em meio a centenas de pessoas que soltavam o grito de vitória.

Furando o cerco com dificuldade, de repente se deparou com Hitler a sua frente, caminhando a passos largos e soltando gritos encorajadores.

— Avante, soldados! Somos imbatíveis! Viva a pátria!

Todos bradavam em coro suas palavras. Quando chegou a quatro metros de Hitler, o professor, sempre caminhando, apontou a velha espingarda para a nuca daquele que seria o maior carrasco da história. Tinha de apontar a arma e andar ao mesmo tempo. E, quando com dificuldade se preparava para atirar, alguém veio por detrás e deu-lhe um empurrão com toda a força. O professor caiu e sua arma disparou na direção do Exército, atingindo um soldado no ombro. O professor olhou para quem o empurrara e viu um rosto conhecido. Era o dr. Runner Brant, o psiquiatra que entrara na máquina do tempo.

O dr. Runner pegou sua pistola.

— Como esperei este momento! É seu fim, professor. A História tem de seguir seu curso!

Mas, quando ia assassinar o professor, a batalha campal começou. A polícia estadual e o Exército, socorrendo o soldado ferido e vendo a obstinação dos revoltosos,

começaram a atirar contra eles. O tumulto foi tão dramático que uns atropelavam os outros. O dr. Runner, empurrado por todos os lados, não conseguiu alvejar o professor. Ao contrário, segundos depois, ele mesmo foi alvejado. Um projétil o atingiu na cabeça, o que o levou à morte imediata.

Três policiais e catorze nazistas foram mortos, incluindo o dr. Runner. Göring foi ferido e Hitler deslocou um ombro após tropeçar. Acusados de alta traição, eles sofreram em 26 de fevereiro de 1924 o julgamento no tribunal da Escola de Infantaria em Munique.^[216] O professor também foi preso e, como na investigação descobriu-se que fora o primeiro a dar um tiro, foi considerado um dos líderes entre os revoltosos e acusado não apenas de alta traição contra a pátria alemã, mas também de tentativa de assassinato.

Era para Hitler ser sepultado com a fracassada revolta. Mas o austríaco mostrou sua incrível habilidade de manipular fatos a seu favor. Num golpe de propaganda e de coragem, assumiu total responsabilidade pelo levante. Sua atitude penetrou como um raio na mente dos alemães. Ele, um estrangeiro, chamava a responsabilidade para si e, desse modo, protegia os alemães, incluindo Göring, Himmler, Röhm e outros nazistas.

Chegou finalmente 26 de fevereiro de 1924, o dia do grande julgamento no tribunal de Munique. Hitler e o professor Júlio Verne estavam no banco dos réus, um separado do outro por cerca de 6 metros de distância.

Naqueles tensos momentos, o professor viajou no tempo, mas não na famigerada máquina do século XXI, e sim em outra mais complexa, a sua mente. Viajou 18 anos a frente, para 1942, o período em que conhecera a pequena Anne, Moisés e seu pai, o dr. Kurt. Lembrou-se de que as crianças que ajudara não sobreviveram. Recordou que elas e um milhão de outras crianças seriam ceifadas sem piedade no inferno dos campos de concentração. Reviveu em seu imaginário as dores e as privações terríveis que ele e seus amigos sentiram em Auschwitz.

Lembrou-se ainda de seu amigo Viktor Frankl. Perguntou para si qual era o sentido de estar naquele tribunal. Nada seria tão digno quanto expurgar Hitler e prevenir o sofrimento inimaginável pelo qual a humanidade em breve passaria. Estava no tribunal de infantaria de Munique, próximo do seu ponto de mutação, mas, ao mesmo tempo, tão distante dele. Se tentasse pegar uma arma e atentar contra Hitler, seria assassinado a sangue-frio pelos policiais do tribunal.

Ficou abatido por instantes. Porém, logo pensou numa brilhante estratégia, mais factível: descaracterizar a imagem de Hitler e levá-lo a uma condenação maior do que Munique lhe dera. Era preciso convencer o juiz de que Hitler era um sociopata, um homem perigoso para a Alemanha, um barril de pólvora para a Europa.

Se fosse eficiente, Hitler receberia uma punição severa, o que o levaria a ficar anos confinado. Isso deslocaria a

sequência de eventos da história. Hitler teria sua ascensão política abortada.

Toda a imprensa da Alemanha noticiava o caso nas primeiras páginas. O débil líder de um partido pequeníssimo era notícia do momento. Num determinado momento do julgamento, o professor, ao ser inquirido, aproveitou o ensejo para se acusar e, ao mesmo tempo, dissecar a imagem de Hitler:

— Meritíssimo Juiz e demais membros da corte, gostaria de confessar meus erros. Sou um traidor da pátria, mas meu companheiro Adolf Hitler também o é.

Os presentes se agitaram com essas palavras. Colocaram seus ouvidos à disposição do corajoso réu, mas quando ele comentou sobre a megalomania de Adolf Hitler todos deram gargalhadas.

— A intenção de Hitler é assumir o poder absoluto da Alemanha. Todos os presentes, dos jurados ao espectadores, olharam para o estranho austríaco e não conseguiram se conter. Quase morreram de rir diante da afirmação de que aquele soldado bizarro, sem cultura, expressão nacional ou representatividade política, aspirasse ao poder absoluto na Alemanha democrática. Inclusive o juiz sorriu da anedota.

Constrangido, o professor alertou:

— Não se enganem! Esse simples cabo em menos de nove anos poderá assumir o controle total das Forças Armadas.

Mais risadas. Nunca ouviram tantas piadas num tribunal e nunca se enganaram tanto. Todos que estavam no tribunal

da infantaria de Munique sabiam do poderio limitado da Alemanha, principalmente depois do Tratado de Versalhes. Hitler, no levante pelo qual estava sendo julgado, sequer conseguira mais do que centenas de bêbados e arruaceiros para segui-lo. Como poderia assumir a liderança total das Forças Armadas? O tribunal virou um circo. Só Hitler não sorria. Demonstrava que odiara o deboche, mas, ao mesmo tempo, gostava de ser o centro das atenções.

Como ninguém dava qualquer crédito ao professor, ele, que sempre fora ponderado, começou a perder o controle. Aumentando o tom de voz, alertou:

— Não se enganem. Esse homem odeia a Alemanha, suas preocupações sociais são falsas. Ele vai deflagrar a Segunda Guerra!

— Cale-se, senhor Júlio Verne. O senhor é réu nesse crime contra o Estado. O senhor disparou o primeiro tiro, agora dispara acusações contra seu companheiro de rebelião!

— Não estou brincando, meritíssimo, sou um homem ligado à História. Hitler ateará fogo na Europa. Milhões de judeus serão exterminados, bem como marxistas, ciganos, eslavos.

As risadas continuaram. Mas ao ouvir as palavras de que milhões de judeus e marxistas morreriam, Hitler pôs-se de pé e aplaudiu Júlio Verne. Parecia que o professor tocava música para seus ouvidos. Era inimaginável que o radical e tosco soldado que Júlio Verne apontava tornar-se-ia um dos maiores criminosos da humanidade. Não levaram em

consideração as palavras virulentas que Hitler proferia para as massas nas cervejarias da cidade. Desprezaram a noção de que um invisível vírus podia matar um enorme paciente.

Hitler olhou para Júlio Verne, fez um sinal de uma arma apontada para a cabeça dele, fingiu disparar e moveu os lábios, formando silenciosamente a palavra:

— Judeu!

Júlio Verne era mestre de grande eloquência, mas qualquer coisa que falasse de Adolf Hitler parecia completamente distante da realidade daquele público. O juiz nunca vira dois companheiros se acusarem. Para não ferir o direito de igualdade, pediu para Adolf Hitler também se pronunciar. Hitler, perito em oratória, começou a seduzir a plateia.

— Sou acusado por um homem que detesta a Alemanha, um homem que desconheço. E também sou julgado por este nobre tribunal. Mas *meu julgamento, senhores, cabe ao eterno tribunal da História... Essa corte não nos perguntará: “Os senhores são culpados ou não de alta traição?” Eu amo a Alemanha. Essa corte nos julgará como alemães que unicamente desejavam o bem de seu povo e sua pátria; que desejavam lutar e morrer... Se assim for, os senhores podem pronunciar mil vezes a minha culpa...”*.
[217]

Hitler, com essas palavras e outras mais, conquistou a simpatia não apenas do juiz, mas de todos os presentes e de grande parte da sociedade alemã.

O professor reagiu.

— Não se deixem iludir. Esse homem mente! É radical, quer acabar com os demais partidos políticos, quer instalar uma ditadura. E, se tem uma qualidade em que é um especialista, é em marketing de massa! Ele vai devorar o território da emoção dos alemães — gritou ansiosamente.

Marketing de massa? Ninguém sabia do que se tratava esse termo. O rádio estava em plena expansão, mas ninguém o usava para outra função se não para noticiar fatos e tocar músicas. Goebbels, o gênio da propaganda de Hitler, daria outro destino a ele.

— Você é um judeu! — afirmou Hitler, bem alto.

Quando Hitler pronunciou a palavra “judeu”, Júlio Verne, pego de surpresa, não o negou. Houve um alvoroço na plateia.

— Eu sou alemão dos alemães! Eu sangro por esta pátria! Enquanto os judeus, sua raça, são a razão de estarmos falidos social e economicamente. Amo os arianos até o impensável — disse Hitler.

Muitos aplaudiram. O *Führer* já começava sua ascensão.

O juiz bateu seu pequeno martelo na mesa, impondo ordem no tribunal. Alguns jornais de expressão nacional cobriam o evento. A fragmentada Alemanha, destroçada política e socialmente, encontrava um herói, um homem que embora forasteiro, tinha coragem de brandir sua língua contra o Tratado de Versalhes e de defender com sua vida a pátria. Seu nome: Adolf Hitler. As palavras distorcem as intenções, e, às vezes, o que é pior, disfarçam segredos.

Abatido e inconformado, o professor bradou altissonante.

— Hitler é radical, insensível, esterilizará milhares de alemães, eliminará crianças especiais, asfixiará doentes mentais e assassinará todos os que se atreverem a levantar a voz contra ele... Não julguem um homem pelas palavras, julguem-no pelas ações!

Ninguém ouviu mais nada do professor. Batiam o pé no tribunal. Começaram a odiá-lo. Teve de ser tirado da corte para não atrapalhar o julgamento. Mas antes de sair, Hitler, com um sorriso sarcástico, olhou para Júlio Verne e lhe enviou um bilhete que foi transmitido por seu advogado.

“Obrigado, judeu, por me encorajar a seguir meu glorioso caminho. Obrigado por acreditar que eu posso dominar a Europa e quem sabe o mundo...”

Júlio Verne tentou avançar sobre Hitler, queria esgoelá-lo, mas foi contido por cinco policiais. Sempre fora um homem inteligente e ponderado, mas a máquina do tempo parecia tê-lo esgotado mentalmente. Sua passagem por Auschwitz, os espancamentos que sofrera, a responsabilidade da missão, o abandono de Kate e do filho, tudo isso era um caldeirão fervilhante de angústias e tensão que lhe furtava a energia e o equilíbrio mental. E, para aquecer ainda mais esse estressante caldeirão, o professor sempre fracassava em sua missão de mudar a História. Sentia-se o mais frustrado dos homens.

Agora, para completar seu cáustico deserto, sua intervenção no tribunal de infantaria de Munique, em vez de destruir a imagem de Hitler, realçara-a e fomentara nele a ambição geopolítica de dominar a Alemanha e a Europa. Júlio sentiu-se assaltado pela culpa. Foi para a cadeia como um louco, um traidor da Alemanha, um traidor de um companheiro, um judeu digno de ódio, enquanto Hitler permaneceu no tribunal e foi para a prisão como um herói, o mais devotado dos alemães.

Os juízes, fascinados com Hitler, com seu patriotismo, se compadeceram dele e dos revoltosos, à exceção de Júlio Verne. Desaprovaram as ações dos revoltosos, mas exaltaram suas intenções. Não quiseram ver o monstro em gestação. O austríaco, num golpe ímpar de propaganda, começou a perturbar e fascinar uma sociedade que não lhe pertencia.

Hitler foi sentenciado a cinco anos de prisão, mas cumpriu apenas nove meses. Na prisão, aproveitava para criticar o governo incapaz de produzir segurança social, controlar a inflação e resolver as pendências humilhantes do Tratado de Versalhes.

Júlio Verne foi considerado por todos os seus comportamentos uma ameaça social. Foi condenado a 25 anos de reclusão.

Em 9 meses, a sede insaciável de Hitler pelo poder ganhou musculatura. Escreveu no cárcere o primeiro volume de seu livro *Mein Kampf*,^[218] em que expôs suas teses: ódio

aos judeus, superioridade da raça ariana representada pelos alemães e a predestinação do *Führer* para impor o germanismo, que seria conhecido como o Terceiro Reich, sobre o resto do mundo. O “herói” tosco, radical e falastrão, mas carismático, que queria salvar a Alemanha da crise, a mergulharia num caos inesquecível.

O tribunal de Munique perdeu a grande oportunidade de julgar com imparcialidade o maior réu da história...

CAPÍTULO 57

O EMBATE ENTRE JÚLIO VERNE E HITLER NA PRISÃO

O professor, como foi considerado violento, ameaçador, insolente, ficou isolado numa pequena cela. Estava a 15 metros da de Hitler. Nos dias que seguiram, tentou desesperadamente subornar os guardas para escapar, mas não conseguiu. Não tinha dinheiro. Tentou usar estratégias e técnicas psicológicas para seduzi-los, mas dessa vez falhou. Os carcereiros estavam alertados sobre sua periculosidade. Além disso, todos eram admiradores de Adolf Hitler.

Quando ficou sabendo da pesada pena que recebera, entrou em estado de pânico. Mofaria nas próximas duas décadas naquele presídio lúgubre, tempo suficiente para que Hitler cometesse todas as suas barbaridades. Tenso, tentou chacoalhar sua cela como um louco para destruir seus grilhões. Mas nada. Esmurrou as paredes de raiva. O ponderado professor estava incontrolável. Sua chance de mudar a História estava lhe escapando pelas mãos. E, para piorar sua crise de ansiedade, Hitler procurou torturá-lo de sua cela.

— Eu farejo um crápula judeu a milhas de distância — afirmou o nazista.

— Só um cego não enxerga que no trivial somos diferentes, na essência somos iguais. Somos seres humanos!

— Judeus são sub-humanos!

— Você é louco Hitler! Um filho mimado por sua mãe, Klara Polzi! Um sujeito que teatraliza seus gestos para esconder um complexo de inferioridade.

Hitler ficou impressionado e furioso com a citação do nome de sua mãe.

— Não coloque o nome de minha mãe em seus lábios sujos!

— Seu fim será a derrota e depois o suicídio — afirmou Júlio Verne.

— Eu? Matar-me, seu verme? Serei o senhor da Europa. E, se você soubesse o que estou escrevendo em meu livro sobre sua raça, teria um colapso cardíaco — bradou Hitler com uma risada fantasmagórica.

O professor sabia muito bem o que Hitler estava escrevendo em *Mein Kampf*. Seu povo estava sendo sentenciado ao genocídio. Num ato desesperado, agarrou as grades, tentando chacoalhá-las e gritando, para o espanto de todos os presidiários.

— Qual é o sentido de fazer inocentes sofrerem?

— Ninguém é inocente! — devolveu Hitler.

— A necessidade neurótica pelo poder embriaga seu raciocínio?

— O poder? Ah... Eu amo o poder. Posso usá-lo para remover as bactérias da humanidade.

— Crianças, idosos, mulheres não são bactérias. São pessoas que pensam como você, sonham como você, amam como...

Hitler interrompeu raivosamente o raciocínio do professor Júlio Verne. Não queria assimilar que os judeus eram seus semelhantes.

— Mentira! Mentira! Eles infectam a raça ariana. Não são nossos semelhantes!

Os prisioneiros que estavam ouvindo atentamente o debate romperam o silêncio e aplaudiram o destemido Adolf Hitler, um político em ascensão.

Mentalmente agitado, o professor lembrou-se das palavras do brilhante médico que desfalecera em seus braços quando estavam no comboio de trem em direção a Auschwitz.

— Guarde essa tese, seu monstro: *Se Deus não existir, sociopatas como você raramente serão punidos à altura das suas atrocidades, mas se Deus existir, e creio que ele exista, a alma é imortal e a morte das crianças e de todos os inocentes não será um ponto final, mas apenas uma vírgula, pois o texto continuará a ser escrito na eternidade.* Quando você colocar fogo em seu corpo em 1945, sua morte também não será um ponto-final. E eu não queria estar na sua pele quando sua história for avaliada...

Hitler entrou em crise, cuspiu no chão e num ataque de raiva proclamou altissonante:

— Eu... o odeioooo! Eu serei lembrado na História... como aquele que desinfetou a humanidade das raças inferiores. A providência divina me louvará...

Hitler usara inúmeras vezes as palavras “providência divina” em seus discursos ao longo dos anos, indicando que criara um deus à sua imagem e semelhança, um deus que, segundo ele, aprovava suas vaidades e louvava suas loucuras. Quando assumiu o poder e começou a usá-lo com mão de ferro, ele considerou o Jesus-judeu que transformava prostitutas em rainhas, que era amigo de infectados leprosos e que proclamava em prosa e verso a arte de perdoar e amar seus os inimigos um grande obstáculo para se agigantar na mente dos alemães e desenvolver o nazismo. Por isso, desencorajou os alemães de frequentarem as igrejas e se colocou, com a ajuda do gênio do marketing de massa, Goebbels, como o messias de uma nova ordem mundial.

Hitler não suportava mais ouvir a voz de Júlio Verne. Subornou os carcereiros para espancá-lo, matá-lo ou transferi-lo para uma cela muito distante da dele. O professor resistiu. Precisaram reduzir-lhe a comida e a bebida como punição para que diminuísse sua agitação mental. Isolado e angustiado, se autopunha dizendo mais uma vez para si:

— Eu falhei, eu falhei...

O colecionador de lágrimas vertia gotas que serpenteavam no teatro do rosto. Era digno de compaixão. Certa noite, estava tão estressado pela derrota e abatido pelo espancamento que adormeceu profundamente. E, nessa madrugada, teve um sonho completamente diferente de tudo que sonhara com Adolf Hitler. Não teve pesadelos com campos de concentração, com privações nem com os erros insanos dos nazistas. Sonhou com o erro grave que uma pessoa muito importante cometera: ele mesmo. Um erro real ocorrida na sua carreira como professor. Júlio Verne, que sempre fora dosado e inteligente como mestre, também falhara, e muito. Chegara a vez de dissecar suas mazelas.

CAPÍTULO 58

A GRANDE FALHA DO PROFESSOR JÚLIO VERNE

Em seu pesadelo, o professor estava no corredor da imensa universidade em que lecionava. Já era um escritor famoso e um intelectual admirado. Como professor, poucos dos seus colegas tinham uma eloquência como a dele. Subitamente vê um aluno vindo em sua direção, desanimado e cabisbaixo. Ao se aproximar, o aluno levantou o rosto, mas não o cumprimentou. Mas Júlio Verne o reconheceu.

— Peter, meu querido aluno. Há quanto tempo não o vejo?

— Dez aaa...anos pro...professor. Péssimos aaa...anos.

Sabia que Peter tinha dificuldade de expressão verbal, mas ao que parecia havia piorado muito. Condoído e preocupado, o professor perguntou:

— Você era mais seguro. O que aconteceu? Por que está com tanta dificuldade de pronunciar as palavras?

O aluno fitou bem os olhos do professor e o deixou perplexo com a resposta:

— Uma das cau...causas... foi... foi... vo...você... mee...mestre.

— Eu, Peter? O que lhe fiz? — indagou Júlio, assombrado.

Foi então que Peter lhe contou lenta e dificilmente que ao ler um texto diante da classe, a pedido de Júlio Verne, não conseguira articular uma palavra. Querendo ajudá-lo, Júlio Verne insistira que ele voltasse e repetisse a palavra. Peter não conseguiu. O professor não percebeu que Peter estava sequestrado por uma janela Killer ou conflitante, cujo volume de tensão bloqueava milhares de outras janelas, fechando, assim, o circuito da memória. A síndrome do circuito fechado da memória impedia seu Eu de acessar inúmeras informações que financiariam sua capacidade de pensar antes de reagir, a segurança e a ousadia.

Júlio Verne na época não admitira as limitações de Peter. Forçara-o a repetir múltiplas vezes o texto. Não entendia que *toda mente é um cofre, não existem mentes impenetráveis, mas chaves erradas*. Não individualizara a personalidade de Peter, não percebera que ele era diferente de outros alunos. Tentara arrombar o cofre da sua mente, usara chaves erradas, que jamais deveriam ser usadas.

Os demais alunos deram risadas da dificuldade fonatória de Peter, que depois de diversas tentativas frustradas e com olhos em lágrimas, sentou-se rubro, ofegante, taquicárdico e, o que foi pior, sentindo-se socialmente humilhado e psiquicamente incapaz. A humilhação pública é uma das experiências mais traumatizantes do psiquismo humano. Júlio Verne levou o fenômeno RAM (registro automático da memória) a registrar no centro da memória de Peter uma janela traumática com alto poder de sequestro emocional,

chamada de janela Killer duplo “P” (duplo poder): *poder* de encarcerar o Eu e *poder* de descolocar a maneira de ser e pensar.^[219] Peter, que já gaguejava um pouco desde a infância, expandiu sua dificuldade de articulação da voz. Nunca mais conseguiu falar em público.

O professor ficou abaladíssimo com seu erro e pediu sinceras desculpas a Peter. E procurou repará-lo. Nos anos posteriores, conheceu os fenômenos básicos do complexo processo de construção de pensamentos e a teoria das janelas da memória e, como era psicólogo e, ao mesmo tempo, um bom orador, ajudou Peter terapeuticamente e deu-lhe aulas sobre técnicas de oratória. Foram longos 13 meses de atuação.

Aos poucos Peter construiu uma plataforma de janelas saudáveis no córtex cerebral que se tornou um núcleo de habitação do Eu, dando-lhe estabilidade para que se tornasse autor da sua própria história. O medo de falar em público e as dificuldades de articulação da voz foram em grande parte debelados.

Educar a emoção, por meio de plantar janelas Light, colocar-se no lugar dos outros, expor e não impor as suas ideias, expressar altruísmo e solidariedade passaram a ser a bandeiras desse instigante educador. Por isso, quando os militares do Projeto Túnel do Tempo o encorajaram a eliminar o Hitler criança, ele se recusara. Crianças são inocentes. Queria eliminar o Hitler adulto, inumano, violento, insensível.

O pesadelo com Peter o levou a ter um sono agitado. Ficou mais uma vez atônito por ter sido causador de traumas. Sabia que mesmo brilhantes educadores, por desconhecerem as armadilhas da mente,^[220] cometem erros crassos. Parecia que queria alertar todos os educadores do mundo para cuidar da mente de seus alunos como tesouros da humanidade. E, de repente, algo imprevisível aconteceu. Seu pesadelo o conduziu a sair da esfera de Peter e o transportou para a história de um adolescente que também foi traumatizado por um professor: Adolf Hitler.

O pai, Alois Hitler, queria que o jovem austríaco Adolf Hitler se dedicasse à arte da voz, à música, mas sua mãe, Klara Polzi, queria que o garoto se dedicasse às artes plásticas.^[221] A mãe, mais doce e influente, venceu. Hitler saiu de sua pequena cidade para se candidatar na famosa escola de Belas Artes de Viena. Mas, para um rígido professor, para ser um gênio na pintura não bastava ter apreço pelas artes plásticas nem se encantar com pincéis e telas. Fazia-se necessário ter dom, habilidades manuais, traços únicos e principalmente uma mente criativa. O mestre de Viena que avaliou o adolescente Adolf considerou que ele não tinha tais habilidades, pelo menos não suficientemente.

Em seu pesadelo, Júlio Verne tentava de todos os modos evitar que Hitler desenvolvesse uma janela Killer duplo P. Debatia-se em sua cela. Seu sonho foi tão envolvente e estressante que mais uma vez abriu uma fenda cósmica que o transportou no tempo-espaço.

O professor estava dentro de um minúsculo banheiro, deitado, em posição fetal, como se tivesse desmaiado. Começou pouco a pouco a despertar. Mas achou por instantes que ainda estava passeando pela sua imaginação na prisão onde se encontrava Hitler. Ouviu gotas de água pingando da torneira do lavatório vitoriano. Teve a reação instintiva de molhar suas mãos e passá-las pelo rosto. Sentiu a temperatura fria da água. Depois olhou para as mãos e viu-as tingidas de vermelho. Era sangue. Estava sangrando devido às feridas produzidas pelo espancamento dos carcereiros.

Ao sair do pequeno espaço, depois de lavar o rosto e as mãos para ficar apresentável, andou por um longo corredor estreito e viu um garoto sendo chamado para uma entrevista. Ao olhar para o garoto, quase desmaiou.

— Não é possível! Parece que tem a expressão facial de... de Adolf Hitler — disse eufórico para si mesmo.

O garoto entrou pela porta para ser entrevistado por um professor de artes plásticas que desprezava candidatos considerados medianos e medíocres. Era um excelente plantador de janelas Killer, só selecionava candidatos ilustres ou provenientes de classes mais abastadas.

Júlio subitamente olhou para a janela e viu o sol brilhar. De repente, focalizou a placa da instituição e teve a convicção de que havia viajado no tempo. A placa dizia: Escola de Belas Artes de Viena.

Sob júbilo incontido, o coração do professor parecia que ia sair pela boca. Estava diante do seu maior ponto de mutação da história. Finalmente teria sua grande chance de mudar a trajetória da Segunda Guerra Mundial. Foi invadido por questionamentos tão poderosos que os verbalizou para si.

— Por que não pensei antes na educação para repaginar a história? Por que não estabeleci metas de educar a emoção do adolescente frustrado, Hitler, para que ele não se tornasse um dos maiores psicopatas funcionais da humanidade?

Fora preciso sonhar com seu grave erro educacional para reacender a chama do que mais acreditava: a educação como fonte transformadora da sociedade. Mas nem tudo são flores. As armadilhas da sua mente entraram em ação. Foi invadido por imagens de Auschwitz. Lembrou-se do seu cárcere, do carrasco da medicina, Mengele, e de todos os miseráveis que lá perderam suas vidas. Ficou ofegante. Enquanto se perturbava com essas imagens, o garoto Hitler estava fazendo sua fatídica entrevista. De repente, o professor começou a colocar em xeque suas crenças.

— Mas será que a educação vai funcionar? Não é melhor usar uma arma do que as ideias? Bastaria usar uma bala e o pesadelo terrível da Segunda Guerra inexistiria — pensou alto.

Assassinar o adolescente era mais fácil do que educá-lo. Talvez Hitler fosse irremediável ou resistente a qualquer intervenção educacional. O professor, angustiado pela

dúvida fatal, colocou as mãos na cabeça. Parecia que ela ia explodir. Inseguro, não sabia se deveria entrar na sala sem pedir licença e suplicar para o professor da escola de Viena aceitar o jovem Hitler como pintor ou se emboscaria o jovem em algum lugar da cidade.

Lembrou-se do texto de um dos livros que escrevera: “*O dinheiro mal usado forma servos, a educação os emancipa. As armas eliminam a vida, a educação a preserva. É por isso que sou um professor, o mais humilde e revolucionário dos profissionais. E, como professor, acredito na educação, e por vivê-la tenho um poder que dinheiro nenhum pode comprar e arma nenhuma pode propiciar. O poder de formar mentes livres...*”.

Sabia que o general Hermann, o líder do Projeto Túnel do Tempo, que também valorizava muito a educação, se o estivesse aconselhando naquele angustiante momento, optaria pelas armas. Tinha convicção de que *quem não é fiel ao que acredita tem uma dívida impagável consigo mesmo, uma dívida que contrairia seu sentido existencial; dormiria, mas não descansaria; sorriria, mas sua alegria seria um disfarce.*

Colocou o ouvido na porta da sala onde o garoto que deixaria o mundo perplexo estava sendo entrevistado. Ouviu o professor rejeitar Hitler. Escutou-o minimizar suas qualidades e maximizar seus erros, algo que um professor jamais deveria fazer... Deu três toques e sem esperar permissão adentrou a sala.

CAPÍTULO 59

A GRANDE ESPERANÇA OU A GRANDE FRUSTRAÇÃO?

Júlio Verne não sabia o nome do professor que estava entrevistando o jovem Hitler. Foi logo pedindo desculpas pela invasão. Rígido, o professor de artes plásticas não gostou. Rapidamente pediu para o intruso se identificar. Constrangido e esperto, o viajante do tempo disse:

— Sou Júlio Verne, um professor de História da Arte contemporânea da Inglaterra, amante das artes plásticas.

Em seguida, olhou para a expressão facial de Hitler. Parecia que este estava odiando as atitudes e as palavras do invasor e do professor que o estava avaliando.

— E o que o senhor faz aqui? — indagou o entrevistador de Hitler.

— Fiquei sabendo de sua fama como ilustre mestre em belas artes. Pedi permissão para conhecê-lo. E, se me conceder a honra, gostaria de conhecer seu método de avaliação de novos talentos, pois em meu país também estamos selecionando novos alunos.

Lisonjeado, o professor vienense pediu para Júlio Verne se sentar. Continuou a fazer uma série de perguntas para Hitler

sobre seus projetos, intenções e expectativas na Escola de Viena. Hitler não era sociável, não encantava. Só demonstrava que tinha apreço pela pintura e queria aperfeiçoar suas técnicas.

Desapontado, o mestre em artes plásticas aplicou-lhe um teste prático para avaliar suas habilidades. Minutos depois analisou-o e, taxativo, o desaprovou.

— Você é muito comum. Não é criativo. Não há espaço para você nesta instituição.

Júlio Verne, desesperado, interveio.

— Desculpe-me, professor, mas o senhor não acha que esses traços podem indicar um jovem talento?

— Percebo que o senhor não consegue avaliar uma pérola. Não vejo criatividade expressiva nesse garoto.

Em seguida, fez o último teste. Pediu rispidamente para Hitler pegar um lápis e desenhar sobre um papel cartonado aquilo que lhe viesse à mente.

Hitler rapidamente fez alguns traços e desenhou uma pessoa morta e um assassino ao seu lado. Embora não fosse um retratista, Hitler parecia ter indicado que o assassinado era o professor e o assassino era um garoto, provavelmente ele mesmo. Júlio Verne ficou pálido ao interpretar o cenário. Os traços psicóticos de Hitler já estavam presentes. Sua intolerância a contrariedades já estava instalada.

— Sem condições. Reprovado — disse categoricamente o professor.

Júlio Verne tentava de todas as formas evitar a formação de uma janela Killer duplo P, um núcleo traumático, mas o acidente psíquico já estava formado. O professor do século XXI sabia que essa janela jamais seria, por si só, responsável por formar a sociopatia de Hitler e transformá-lo num monstro, um assassino de massa, mas poderia ser um importante tijolo na base da sua personalidade doente. Contribuiria para ele ser radical, impulsivo, pessimista e mais intolerante ainda às contrariedades.

Hitler pegou seus papéis, os atirou no chão e saiu revoltado da sala da entrevista. Bateu a porta. Aflito, Júlio Verne ainda tentou dissuadir o professor de Viena.

— Por favor, dê uma chance a esse jovem.

— Não. Só aceitamos grandes talentos — expressou o mestre taxativamente.

— Ele é um mármore bruto. Se for incluído e não excluído, poderá ser lapidado, desenvolver seus talentos.

— Talento, ou se nasce com ele ou não se o tem.

Mais uma vez o preconceito e a exclusão social produziam seus desastres. Júlio Verne, num rompante de impaciência, bradou.

— A mente humana é uma obra de arte plástica! Mais plástica do que a pintura. Ela pode desenvolver suas habilidades!

— Abaixei seu tom de voz! O senhor está invadindo meu território — falou irado o mestre em belas artes, um homem que desconhecia a tela do psiquismo humano.

Júlio Verne respirou fundo e tentou se acalmar.

— Desculpe-me, mas eu imploro, aceite Hitler como seu aluno. Se o aceitar o senhor estará fazendo um grande favor para a história da humanidade.

— Você está louco!

O clima estava pesado, Júlio Verne não sabia mais o que dizer. Queria abrir o cérebro do professor de pintura. Esgotando seus argumentos, rebateu:

— Não, não estou louco. Se o aceitar, Hitler talvez fique em Viena. Talvez nunca vá para Munique e não desenvolva o partido nazista, não seduza a Alemanha e não promova a Segunda Guerra Mundial.

O mestre da pintura ficou perplexo com as palavras de Júlio Verne. O século XX estava se iniciando, nunca ouvira falar de guerras mundiais.

— O senhor saia da minha sala! Nunca houve sequer uma Primeira Guerra Mundial, como o senhor diz que esse garoto vai iniciar uma Segunda? Saia daqui imediatamente.

O destino do mundo estava nas mãos daquele frágil garoto. Era quase impossível crer que ele seria o protagonista do mal.

— Sairei. Mas antes deixe-me contar a história de Peter e de um dos maiores erros da minha vida.

E contou rapidamente o que acontecera com Peter e como falhara como mestre. Discorreu como se formara uma janela Killer duplo “P” no psiquismo de seu aluno, como ele encarcerara seu Eu nessa janela e como desenvolvera uma

fobia social que o impedia de falar em público e trabalhar em equipe. Depois de conhecer sucintamente a teoria das janelas da memória e o erro de Júlio Verne, o professor vienense ficou reflexivo. Parou, pensou, mas infelizmente foi incapaz de reconhecer sua própria falha.

— Não estou errado! Não repensarei minha atitude! Saia daqui, ou chamarei a polícia. — E expulsou Júlio Verne da escola.

Mas antes de sair o professor sentenciou:

— Se fizer a inclusão educacional, talvez tenhamos um artista plástico medíocre, mas existiria a chance de não termos um dos maiores criminosos da história.

Júlio Verne saiu. E saiu às pressas, pois precisava encontrar o adolescente Adolf nas ruas de Viena e fazer alguma coisa. Talvez apoiá-lo, encorajá-lo e ajudá-lo a proteger sua emoção.

Andou desesperado procurando-o, mas nada. Caminhou horas a fio, fez inúmeras perguntas para os passantes nas ruas descrevendo a imagem do garoto que procurava, mas nenhuma informação o levava a encontrá-lo. Enquanto caminhava, queria evitar pensar em asfixiá-lo com suas mãos ou silenciá-lo com uma arma. Em alguns momentos resgatava as palavras do general Hermann e sentia que a opção militar era mais segura.

Ficou perturbado, punindo-se por pensar nisso. Tinha optado pela educação e iria procurar o jovem Hitler e usar o seu método até esgotá-lo.

Dois dias depois, à noite, cansado, estressado, finalmente o encontrou num lugar úmido e mofado, desenhando alguns cartazes com propaganda para sobreviver. Quando Adolf viu o professor, logo o reconheceu e teve um ataque de raiva.

— Saia daqui!

— Por que essa agressividade?

— Você atrapalhou minha entrevista.

— Eu? — disse Júlio Verne, espantado com a incapacidade do jovem de interpretar a realidade. — Foi o professor de belas artes que não o aceitou. Eu inclusive tentei fazê-lo mudar de ideia.

— Caia fora. Não preciso do favor de estranhos.

— Eu vim lhe dizer que você já tem algum talento. E este talento pode ser desenvolvido ainda mais.

— Claro que tenho talento. Aquele estúpido professor é que não tem.

— Vamos conversar.

— Saia daqui! Não quero conversa.

— Um ser humano que não sabe dialogar cria as próprias verdades, não é digno da maturidade psíquica.

— Não sei do que você está falando.

— Estou falando de outra arte além do mundo da pintura, estou falando da arte das relações sociais, cujo pincel é a palavra. Sem usar a palavra para trocar experiências e descobrir o valor de cada ser humano, inclusive o nosso, nos tornamos animais e não humanos.

— Caia fora, já disse. Não quero ouvi-lo mais. — E Adolf tapou os ouvidos.

O professor saiu arrasado com a capacidade do adolescente Adolf Hitler de distorcer a realidade do intelecto. Dentre os conflitos mais relevantes de sua personalidade, os que mais se sobressaíam eram sua impulsividade, o radicalismo interpretativo, a incapacidade de se colocar no lugar dos outros e de pensar antes de reagir. Para o professor, o destino era uma questão de escolha, e não inevitável, mas parecia que as escolhas já haviam sido feitas e a história seguia seu curso irreversivelmente. Abalado, questionou pela primeira vez a via educacional, embora soubesse que seriam necessários dias ou quem sabe semanas para tentar educar a emoção do tímido, mimado e agressivo adolescente.

Hitler já tinha características que transformavam sua psique num caldeirão de ansiedade, individualismo e egocentrismo. Júlio precisava de estratégias para de algum modo se aproximar dele. Teria êxito? Era uma tarefa dantesca. Sabia que toda mente é um cofre, não há mentes impenetráveis, mas chaves erradas. Precisava usar as chaves corretas para abrir a mente desse psicopata em gestação. Quais? Como?

CAPÍTULO 60

A GRANDE MISSÃO: O COLECIONADOR DE ESPERANÇAS!

O professor não tinha onde dormir. Não teve coragem de tentar pedir para Hitler um espaço para repousar seu combalido corpo, apesar de saber que a hipótese de aceitá-lo era quase nula. Hitler o enxotara do seu espaço. E, mesmo que o aceitasse, Júlio Verne não confiava no jovem austríaco. “Vai que ele resolve atentar contra minha vida”. Era melhor cair fora, repousar em outras paragens.

Saiu a esmo sem saber para onde ir. Não tinha dinheiro para ficar numa pousada. Foi dormir nas ruas, um espaço que estava virando sua morada oficial. Tinha tudo e não tinha nada. Era um caminhante no tempo, um intelectual esvaziado do seu orgulho, vivendo em épocas difíceis. Eram 10 horas da noite. Quase toda a população de Viena já havia se recolhido naquela noite de 1905.

A fome naquele tempo era intensa, a cidade vivia saturada de mendigos. Alguns cidadãos de Viena criam que esses miseráveis sem abrigo estavam contaminando a bela cidade. Tentavam expulsá-los das praças e vias públicas. Não poucas vezes recorriam ao uso da força. Alguns eram

espancados, outros mortos e ainda outros arrastados para fora da cidade.

O frio roçava-lhe o corpo como lâmina. Quando tentava pegar no sono num banco de pedra de uma praça, o professor foi abordado por alguns homens que queriam limpar a cidade dos mendigos. Foi amarrado e começou a ser arrastado por um cavalo. Ele suplicava:

— Deixe-me em paz. Eu não fiz nada.

Mas ninguém lhe deu ouvidos.

— Eu tenho negócios importantíssimos nesta cidade — afirmava.

Ser um miserável era motivo para ser considerado um criminoso por aqueles justiceiros. Resgatando em sua lembrança a própria missão, resistiu. Sua resistência precipitou uma agressão. Eram seis homens fortes socando um frágil e debilitado herói. Deixaram-no mais uma vez quase desmaiado. Em seguida, o colocaram numa carroça, andaram quilômetros e, por fim, o atiraram à beira de uma estrada vicinal na zona rural. Um local onde se depositava lixo a céu aberto. Viveu mais uma terrível madrugada. Depois de longas horas gemendo de dor, conseguiu adormecer por minutos. Nesse período teve mais um sonho.

Dessa vez não teve um pesadelo, mas seu mais incrível sonho. Sonhou com seu filho. Assistiu ao parto de Kate. Beijava-a enquanto ela tinha contrações dolorosas. Pegou o bebê que foi expulso do útero materno para o útero social. Alegrou-se sobremaneira. Viu o bebê crescendo e o

chamando de “papai”. Beijava-o e se sentia o pai mais feliz do mundo. Seu filho cresceu e começou a dar os primeiros passos e os primeiros tombos.

Aos poucos o menino começou a se firmar e correr pelos campos. Júlio Verne brincava com ele correndo atrás das árvores. Ensina-o a andar de bicicleta, praticar futebol e basquete. Era um pai paciente que transferia o mais excelente capital, o capital que muitos reis não transferiram aos seus filhos, o capital das suas experiências. Júlio Verne falava das suas lágrimas para que seu filho aprendesse a chorar as dele. Ensinou-lhe que a vida tem curvas imprevisíveis e acidentes inevitáveis. Cada erro não era objeto de punição, mas de elogio, uma etapa para crescer. Não era um manual de regras, mas um manual de vida. Era um pai espetacular, pelo menos no seu sonho.

O filho ficava fascinado com as histórias que o pai lhe contava. Contava das suas aventuras de viajar no tempo. Diante de um pai contador de histórias, o menino não se importava muito com internet e computadores. Era uma criança que tinha infância. Quando seu filho tinha 9 anos, o pai disse algo simples, mas arrebatador:

— Obrigado, filho, por existir.

— Você é o melhor pai do mundo — expressou o filho para a alegria do pai.

O sonho de Júlio Verne foi tão rico que abriu uma fenda cósmica. Pela primeira vez na sua história a fenda cósmica

se abria por causa de um sonho agradável e não estressante. Júlio Verne foi deslocado novamente no tempo-espaço.

Encontrava-se dentro de um estábulo. Era uma tarde de verão. Chovia muito, mas logo a chuva cessou e o sol apareceu. Raios de luzes invadiam-lhe a face, fazendo-o protegê-la com as mãos. Pensou que havia dormido e acordado pela manhã. O mugido do gado e o balido das ovelhas eram serenatas aos seus ouvidos. Minutos depois foi encontrado por um idoso casal, proprietário da fazenda.

Dessa vez não foi agredido, nem encarado com estranheza, mas socorrido. O casal de fazendeiros não tinha filhos e era muito generoso. O que era deles era dos outros. Eram os vizinhos que todos amavam. Pensaram-lhe as feridas, nutriram o corpo combalido do professor e refrigeraram-lhe a emoção. Não lhe fizeram muitas perguntas. Queriam primeiro socorrê-lo.

— Onde estou?

— Na zona rural da pequena Braunau — disse o fazendeiro.

— Estou ainda na Áustria?

— Mas é claro!

Pensou estar próximo de Viena. Mas como já era um viajante do tempo experiente, fez a pergunta fatal, mesmo pensando que não havia se deslocado muito no tempo-espaço.

— Em que ano estou?

Compadecida da sua confusão mental, a senhora lhe respondeu.

— Abril de 1897.

— Como? Ainda ontem estava em 1905!

De repente o professor foi iluminado.

— Em que cidade estou mesmo?

— Braunau... — disse o senhor.

— Braunau... Braunau... Não é possível! Estou na cidade de Alois Hitler!

— Alois. Nós o conhecemos. De vez em quando vem “caçar” colmeias na fazenda.

O professor quase desmaiou de susto. O sonho com seu filho o levava ao tempo em que Hitler era criança. Hitler nascera no dia 20 de abril de 1889 e estava com 8 anos em 1897.

Ficou se recuperando por uma semana de suas feridas e não via a hora de encontrar a criança que deixaria o mundo chocado. O que dizer? O que fazer? Sua mente era uma fonte de indagações. Enquanto se recuperava, fez trabalhos na fazenda para ajudar quem tanto o recebera bem. Quando melhorou, pediu desculpas e disse que tinha de partir. Alguns hematomas faciais denunciavam que sofrera um acidente. Arrumou uma pequena trouxa de roupas e de comida dada pelo amável casal e se foi. Braunau estava a dez quilômetros da fazenda. Não quis ir a cavalo, queria ir a pé, pensando no que ia fazer.

Seu coração batia mais forte quando se aproximou da cidade. Chegou à noite. No outro dia, bem cedo, foi procurar a escola que Hitler frequentava. Não houve dificuldades, pois só havia uma escola na pequena cidade. Enquanto caminhava, começou de novo a questionar se a educação seria o melhor caminho. Lembrou-se mais uma vez do general Hermann. Parecia que ouvia sua voz dizendo desde o começo que o mega Projeto Túnel do Tempo não podia ser encarado com paixões. Não se podia correr risco algum. O menino Hitler seria um alvo muito mais fácil.

O professor fora radical contra essa proposta, mas agora, depois de tudo por que passara, ela já não parecia tão inviável assim. Ao se aproximar da escola, suava intensamente como jamais um professor suou diante de uma plateia de alunos.

A escola tinha seis salas de aula, um imenso pátio, uma pequena biblioteca. Na entrada da escola havia uma escada de cinco degraus.

— O que fazer? — disse para si. — Um milhão de crianças e adolescentes judeus foram massacradas pelo adulto que se esconde atrás dessa criança.

Começou a rejeitá-la e a ter fagulhas de ódio.

— Está ali um psicopata em gestação? Está ali um monstro ou uma pequena e inocente criança? — questionava-se.

Lembrou-se da dócil Anne e de Moisés. Eles ainda não tinham nascido, mas quando viessem, suas existências logo

seriam ceifadas pelos inumanos nazistas. Começou a povoar a mente com imagens das atrocidades patrocinadas por Hitler e Himmler. Colocou as mãos na cabeça e disse:

— Essa criança não pode viver. Não pode!

Subitamente, 50 metros a sua frente, uma mulher começou a subir os degraus lentamente. Olhou fixamente para ela. Parecia conhecida. De repente, ela virou o rosto como se estivesse procurando alguém. Os olhos dela finalmente encontraram quem procurava: o professor. O professor a fitou nos olhos. Ambos ficaram chocados, quase petrificados de emoção. Sem se conter, ela gritou.

— Júlio Verne, querido!

Perplexo, ele, como se tivesse saído da plateia e entrado na cena de um filme, bradou.

— Kate! É você!

E ambos saíram correndo para abraçar um ao outro. Beijaram-se e se abraçam como se fosse a primeira vez. O tempo parou. Não se importaram com quem os observava. E um espectador especial os fitou enquanto subia as escadas: o menino Adolf. O menino e seus colegas ficaram surpresos com o comportamento “escandaloso” do estranho casal.

Júlio Verne estava sem voz. Tudo parecia surreal como em seus pesadelos, mas em seguida Kate lhe explicou.

— Eu não suportei sua ausência, Júlio. Tive um sonho tão forte como os seus. Senti-me irresistivelmente atraída para entrar na máquina do tempo e procurar você. Supliquei à

cientista Ângela por dias, e então ela generosamente me ajudou. Estou aqui em completo segredo.

— Mas os riscos foram grandes para você e nosso filho.

Nesse momento ela teve ânsia de vômitos devido à gravidez. Depois de apoiá-la, o professor completou seu raciocínio.

— É difícil controlar o deslocamento na máquina do tempo. Você poderia se perder no tempo-espço. Sofrer um aborto. Já pensou nas consequências disso?

Seu tom fora levemente áspero, mas no fundo expressava mais preocupação com duas pessoas que lhe eram caríssimas.

— Nem quero pensar. Mas é estranho. Eu parecia ter recebido um chamado para poder vir ajudar você, Júlio. Não me condene. Olhe para o quanto te amo.

Júlio Verne suspirou e procurou relaxar. Em seguida, mais calmo, comentou:

— Essa é a escola em que a criança que vai abalar os fundamentos da Europa estuda.

— Eu sei, cheguei ontem e já a pesquisei.

Tinham muito que conversar. Foram se sentar à sombra de uma árvore próxima da escola. Dava para ver as crianças brincando inocentemente.

— Qual é a estratégia? — indagou ela.

Desanimado e extremamente fatigado com todas as suas viagens, o professor respondeu:

— Kate, não há muito o que fazer.

— Como assim?
— Todas as minhas tentativas fracassaram.
— Mas, Júlio, você mudou a mente de algumas pessoas.
— Mas eram mudanças marginais. O cerne da História parece imutável.

— E o que você propõe?
— Essa criança não pode mais existir.
— E a educação? E tudo em que você crê?
— Não dá mais, Kate. Estou pensando na opção do general Hermann.

— Está pensando em tirar a vida dessa criança?
Ele apenas meneou a cabeça dizendo que sim, embora estivesse perturbado.

— Júlio, querido, lembre-se de que só a educação pode transformar o mundo. Você acreditava nisso. As armas eliminam sintomas, mas não resolvem as causas.

Júlio Verne, depois de todas as pressões, perdas, sofrimentos e fracassos que vivera, já não era mais o mesmo. Auschwitz, em especial, o mudara para sempre.

— É mais fácil e mais seguro — disse ele segurando a cabeça com as mãos e dando longos suspiros.

— Disparar uma arma é mais fácil do que educar, mas não é mais seguro.

— Pense, Kate... é eliminar uma criança para poupar milhões.

— Não é questão de matemática, mas de abandonar o princípio fundamental que transforma verdadeiramente uma

sociedade. Em nosso tempo a juventude mundial tem acesso às informações e às redes sociais como nenhuma outra geração, mas a autonomia, as opiniões próprias e a consciência crítica estão cambaleantes. Sem a educação não pensamos como família humana, adoecemos, não protegemos a emoção. Sem educação, outros “Hitlers” seduzirão as massas em nosso século. Você sempre disse isso, Júlio.

— Eu sei! Eu sei! Mas...

— Espere, Júlio. Deixe-me contar algo sobre o Mestre dos mestres.

— Jesus? Admiro Jesus, mas não creio que ele é o messias. Sou um judeu, lembra? — expressou ele num tom de voz exasperado, algo raríssimo na relação com sua esposa.

Kate era cristã ortodoxa, mas não estava falando de religião.

— Eu sei quem é o homem com que me casei e sempre respeitei o que você crê, mas não estou falando do messias, e sim do maior educador da História.

— Maior educador da história! Mais uma vez educação! Estou cansado de educação! Cansado!

A esposa de Júlio Verne era professora de psicologia social e tinha uma mente livre e sensível. Era o tipo de pessoa que sempre valia a pena ouvir. Sua coerência e profundidade eram frequentemente arrebatadoras, e Júlio Verne o sabia muito bem.

— Desculpe-me, Kate, fale.

— Há dois mil anos o maior educador da História correu riscos seriíssimos ao escolher um grupo de jovens alunos da Galileia que só lhe davam dores de cabeça. Eles tinham a necessidade neurótica de poder, de controlar os outros e de evidência social. Eram radicais, conformistas e pouquíssimo altruístas e tolerantes. Nem sabiam colocar-se no lugar dos outros e ver o intangível.

Júlio Verne recostou-se no tronco carcomido da árvore e começou a escutá-la com atenção. A psicóloga social acrescentou:

— E, para piorar o risco altíssimo de sua escolha, no final da sua história, o mais culto dos seus alunos, Judas Iscariotes, da tribo dos zelotes, iria traí-lo. E o mais destemido e transparente, Pedro, iria negá-lo. O resto debandaria vergonhosamente. Entretanto, mesmo às portas da morte e dramaticamente frustrado, jamais desistiu da educação. Usou estratégias inimagináveis para abrir a mente deles.

Diante dessas palavras, o professor recordou a famosa tese que defendia, mas que estava nos porões da sua mente. Disse:

— Toda mente é um cofre, não existem mentes impenetráveis, mas chaves erradas.

— Exato. Precisava lhes ensinar as últimas lições, em especial que os fortes abraçam, mas os fracos condenam;

que os fortes apostam tudo o que têm naqueles que pouco têm, mas os frágeis só apostam em quem lhes dá retorno.

— Que estratégias ele usou para educar a emoção? — indagou curioso Júlio Verne.

— Teve a coragem de pegar uma toalha e uma bacia de água e curvar-se aos pés de seus alunos. Ele gritou no silêncio. Cada gota de água era como um rio que irrigava o egocentrismo, a insensibilidade, a competição predatória, enfim, suas neuroses. Usou, portanto, uma dinâmica e metáfora poderosas para reeditar o filme do inconsciente e gerar no centro da memória deles uma janela Light duplo P, capaz de estruturá-los para se tornarem autores da sua própria história.

Júlio Verne, inteligente que era, abalou-se com o comentário de Kate. Lembrou-se da janela Killer duplo P que gerara em Peter e que o encarcerara. Recordou ainda que o professor da escola de Belas Artes de Viena fizera o mesmo com Hitler, embora esse trauma, por si só, jamais justificasse a sua monstruosidade, o assassino de massa, mas sem dúvida era mais um tijolo em sua sociopatia.

— *Nunca um professor tão grande se fez tão pequeno para tornar seus pequenos alunos grandes seres humanos* — concluiu o próprio professor, que esfregou as mãos no rosto e acrescentou para a sua esposa. — Eu estou emocionalmente doente, Kate, pela experiência de Auschwitz, pelos espancamentos que sofri e pelas viagens desgastantes na

máquina do tempo. Mas você refrigerou minhas convicções. Eu aposto na educação.

— Vamos juntos ocupar espaço nessa escola e educar a emoção dessas crianças, incluindo o pequeno Adolf. Vamos usar metáforas e técnicas para ensinar as funções mais complexas da inteligência: respeitar os diferentes, o altruísmo, o prazer de expor e não impor as ideias, a arte da dúvida, a capacidade de pensar como humanidade.

E assim foi. Como eram notáveis professores no século XXI, não tiveram dificuldades para convencer um diretor de uma escola no final do século XIX a contratá-los. Usaram algumas estratégias interessantes para estimular o pensamento crítico das crianças. Em uma delas, dividiram-nas em duplas e pegaram o menino Hitler e formaram um par com um colega judeu.

Pediram para eles darem a mão direita um para o outro fortemente e levantarem o polegar para o alto. Pediram ainda que tentassem dominar o polegar um do outro. Cada vez que um dominasse o polegar do outro, ganhariam um ponto. Ganharia quem fizesse mais pontos. Fizeram esse jogo durante um minuto.

— Quem ganhou? — indagou Kate.

O menino judeu ganhou do pequeno Hitler de 7 a 5. Outros fizeram 10 a 8, 6 a 4 e assim por diante. Hitler ficou acabrunhado. Mas Júlio Verne disse:

— Vocês não entenderam o jogo. Quem ganha não é quem domina o polegar do outro mais vezes, mas quem

coopera um com o outro. O jogo é ganha-ganha. Tentem de novo.

Foi então que entenderam a dinâmica do jogo. Hitler e o menino judeu fizeram 20 a 20. Ficaram felizes. Com essas e outras brincadeiras lúdicas, estimularam-nos a se interiorizar e a desenvolver um raciocínio complexo. Aprenderam, portanto, as primeiras lições de que os fortes abraçam, mas os fracos condenam. Os fortes estendem as mãos aos diferentes, enquanto os frágeis os excluem. Foram dois dias fenomenais. Mas o céu de brigadeiro não tardaria a anunciar suas tempestades.

CAPÍTULO 61

A FELICIDADE CONTAGIANTE DOS MEMBROS DO PROJETO

No terceiro dia, animados com a reação dos alunos, foram ansiosos para a escola. Mas, infelizmente, um fato dramático ocorreu. Logo que se aproximaram da escola, viram um homem apontando um rifle na direção das crianças, com uma luneta na ponta. Ao seu lado havia outro homem. Desesperados, se aproximaram dos estranhos personagens para inquiri-los. Pensaram se tratar de policiais realizando um treinamento. Subitamente ficaram perplexos. Eram rostos conhecidos.

— General Hermann! Bernard! — bradou Júlio Verne.

— Professor? O que faz aqui? — indagou o general assustado.

— Tentando mudar a História — afirmou o professor.

— Pois eu e Bernard também. Depois do embate com os psiquiatras sobre a personalidade doentia de Hitler, sentimo-nos também atraídos e capacitados para controlar a máquina do tempo. E, desse modo, cumprir a meta fundamental de nosso projeto.

— Mas e essa arma? — indagou Kate.

Bernard foi lacônico.

— Essa arma é o nosso método — afirmou o cientista.

— Mas e a educação? — ponderou o professor.

— A educação é o seu método — argumentou o general Hermann. E acrescentou: — Nós entramos na máquina do tempo, arriscamos nossas vidas, pois sabíamos que se você realmente estivesse diante de seu ponto de mutação, diante do menino “nazista”, você não usaria as balas, mas as ideias.

— Não podemos nos arriscar mais — afirmou Bernard

— Mas estamos dando aulas para as crianças sobre educação emocional e social. Dê-nos uma chance, por favor.

— Por favor, — interveio Kate — as crianças estão reagindo bem.

De repente, um grupo de professores passou por eles. Pareciam felizes com a arte de ensinar. O general Hermann e Bernard se entreolharam e recuaram naquele momento. Ficaram de se encontrar à noite, num lugar ermo. O casal pensou que talvez então se mostrassem mais solícitos.

— Nossa opção é militar. Não há garantias de que a educação funcionará — reafirmou o general sem meias palavras, assim que se viram, horas mais tarde.

— Mas... — iniciou Júlio Verne. E antes que completasse seu pensamento, o general meteu as mãos na sua bolsa. Júlio Verne pensou que ele pegaria uma arma e sacrificaria mais duas pessoas. Mas na realidade ele ia pegar algemas, as quais Júlio viu de relance quando o zíper foi aberto.

— Não tem “mas”. Sinto muito, não podemos falhar...

Num golpe rápido, Júlio Verne gritou “Não!” e tentou arrancar a bolsa do general. Este deu um murro em seu peito e o derrubou. Kate correu para socorrê-lo, mas foi empurrada por Bernard e sofreu uma queda.

— Meu filho...! — bradou Júlio Verne, preocupado com sua esposa.

A bolsa se abriu e as algemas caíram. Nesse ínterim, o general pegou uma pistola, diminuta, que estava escondida em seu casaco e que paralisava a musculatura. Júlio Verne desconhecia aquela arma, que de tão poderosa poderia levar Kate ao aborto. No exato momento em que Hermann ia puxar o gatilho, diante dos olhos perplexos de Kate e Júlio Verne houve um grande estrondo. Uma luz intensa invadiu o ambiente, quase cegando a todos... Uma fenda cósmica novamente se abriu.

Júlio Verne estava se debatendo numa cama. Lutava consigo mesmo entre o sono e o despertar. De repente, um menino de dois anos e meio subiu em cima da cama e depois montou em seu corpo. Animado, dizia:

— Vamos, cavalinho!

O professor acordou assustado, mas, ao mesmo tempo, fascinado com a felicidade daquela criança. Lembrou-se de Kate e a chamou ansiosamente:

— Kate!

O menino insistiu em brincar.

— Vamos, cavalinho!

Subitamente alguém tocou a campainha do apartamento onde estavam.

— Kate, atenda a porta!

Mas será que Kate estava ali? Estava naquele tempo? Estava viva? O semblante dele mudou quando não houve reação dela.

O som da campainha não se interrompia. O professor saiu do quarto com a criança no colo e foi abrir a porta. Era um senhor bem idoso.

— O senhor se chama Júlio Verne?

— Sim!

— Vamos, cavalinho — dizia a criança mexendo-se sem parar em seus braços.

— Há muito tempo que o procuro.

— Mas quem é o senhor?

— Sou tataraneto de um professor da Escola de Belas Artes de Viena.

— Escola de Belas Artes de Viena? Você está de brincadeira?

— Meu tataravô deixou entre suas relíquias um quadro para entregar a você.

— A mim?

— Sim. E havia um estranho bilhete numa pequena bolsa na parte de trás da tela.

Aos meus descendentes. Peço-lhes que encontrem um professor de história que vive em Londres e num futuro muito distante do meu, na década de 40 do século XXI. Loucura? Talvez. Nunca vi um maluco tão inteligente! Seu nome é Júlio Verne. Dê-lhe de presente esse quadro de um dos meus alunos.

E o bilhete tinha uma parte endereçada ao próprio professor.

Eu o ouvi, professor Júlio Verne. Eis o quadro de um pintor mediano, para não dizer medíocre, mas que talvez tenha menos chance de ser um perigo para a sociedade...

O professor olhou espantado a mensagem escrita à mão num velho papel desbotado e amarelado. Parecia estar vendo um fantasma.

— Eu o procurei em Londres, mas o vim achar em Berlin. A internet me ajudou.

Mas Júlio Verne não o ouvia. Enquanto lia o bilhete, o menino mexia em seus cabelos e fazia estripulias. Mas ele parecia que não se perturbava. O idoso que lhe entregou o quadro perguntou-lhe:

— Belo garoto! É seu filho?

— Não! Não! Não sei... — Mas de repente olhou para o garoto e se viu nele.

O idoso homem o achou realmente maluco.

— É claro que é seu filho. É a sua cara.

E lhe entregou o quadro. O professor o recebeu e observou a assinatura e quase derrubou a criança no chão. A assinatura era de *Adolf Hitler*.

Indignado, criticou o homem que lhe deu o presente.

— Você não se envergonha de transportar um quadro de um assassino de massa? Do homem que deflagrou a Segunda Guerra Mundial?

— Segunda Guerra Mundial? Que Segunda Guerra?

Subitamente o professor caiu em si e começou a chorar, mas de alegria... E incontrolavelmente se perguntava:

— É possível? É possível?

Deixou o homem falando sozinho. Com a criança no colo, foi aos seus livros de história e vasculhou desesperadamente as páginas. A criança continuava mexendo com seus cabelos. Queria que o mundo parasse, queria brincar. Júlio Verne não acreditava. Perplexo, agora exclamava:

— Impossível...! Impossível...!

Não havia nos livros menção aos extensos e dramáticos episódios da Segunda Guerra Mundial. Ansioso, entrou em seu computador, mas não havia nenhuma informação na internet sobre o colapso da Europa. Nada de campos de concentração, de Auschwitz e das atrocidades patrocinadas pelos nazistas.

O mestre que vivia em busca de um sentido mais nobre para a sua vida não parava de derramar lágrimas. Beijava a criança e chorava. O menino também começou a derramar lágrimas.

Rapidamente ele abriu a janela e viu judeus ortodoxos com seu *kipá* sobre a cabeça andando lado a lado com alemães, mulçumanos e pessoas de outras nacionalidades. Todos expressavam um ar feliz e harmônico. Pareciam apaixonados pela mais incrível e perturbadora família, a família humana. O homem que lhe trouxera o presente já havia partido.

Júlio Verne pegou a criança e saiu como um desvairado pelas ruas. Pulava de alegria.

Perguntava para os passantes:

— Você já ouviu falar da Segunda Guerra Mundial?

Mas ninguém ouvira falar daquele inferno.

Ele jogava seu filho para o alto e o pegava. O menino caía na gargalhada. E Júlio gritava sem parar.

— A educação funcionou! A educação funcionou!

Atrás dele, uma bela mulher começou a fazer coro:

— Sim, a educação funcionou! A educação é a esperança! Mas você vai derrubar nosso filho.

Era Kate, vindo de uma padaria com ingredientes para lhe preparar um delicioso café. Um júbilo incontido tomou conta do casal enquanto caminhavam para seu apartamento.

— Nosso filho! Meu filho! Meu filho!

Foi uma emoção enorme para Kate observar Júlio Verne beijando seu menino.

— Filho, eu te amo!

— Tinha de ser seu filho, ele é tão agitado — disse ela alegremente.

Subitamente, outra surpresa ocorreu. Alguém lhes tocou os ombros. Eles se viraram e ouviram:

— Sinceras desculpas. A educação penetra mais profundamente que as armas... — Era o general Hermann, com lágrimas nos olhos. Em seguida, deu-lhes explicações sobre as algemas e a arma que paralisava a musculatura. Eles acreditaram nele, pois era um homem transparente.

Pela primeira vez o general chorou em muitos anos. E humildemente pediu para carregar o filho do casal. Carregava uma criança, um filho da humanidade, um representante do futuro da nossa espécie.

O casal se beijou como namorados em início do romance enquanto Hermann segurava no colo o alegre e inquieto menino. Os cientistas Eva, Ângela, Bernard e outros membros do Projeto Túnel do Tempo apareceram subitamente e sem conseguir dizer palavra se juntaram a eles, profundamente comovidos. Estavam todos numa bela e ajardinada praça de Berlim.

Os caminhantes paravam para ver o que estava acontecendo. Um general fardado chorando de alegria com uma criança radiante em seu colo, perante um casal de mãos dadas e alguns amigos que também vertiam lágrimas de júbilo. A cena era tão impactante que se formou uma grande roda de pessoas de muitas nacionalidades, chineses, árabes, japoneses, americanos, latinos, judeus, africanos, em torno daqueles estranhos personagens. Sem saber por quê, seus olhos também ficaram úmidos.

Raramente as lágrimas substituíram com tanta nobreza os mais belos discursos... Num mundo digital, onde parecia que estávamos tão próximos, mas na realidade estávamos tão ilhados, aquele grupo de pessoas arriscara a vida porque tivera um raro romance, um romance com a humanidade... Raramente a vida ganhou um sentido tão nobre. A felicidade deles era tanto inteligente quanto contagiante...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PARTE 1 – O COLECIONADOR DE LÁGRIMAS

- ¹ SERENY, Gitta. *Albert Speer: His Battle with Truth*. Londres: Picador, 1996. KLEIN, Shelley. *Os Ditadores Mais Perversos*. São Paulo: Planeta, 2004. FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ² SERENY, Gitta. *Albert Speer: His Battle with Truth*. London: Picador, 1996. KLEIN, Shelley. *Os Ditadores Mais Perversos*. São Paulo: Planeta, 2004.
- ³ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 772.
- ⁴ BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna. *Lugares de Extermínio*. Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Debórah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996.
- ⁵ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Debórah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996.
- ⁶ BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna. *Lugares de Extermínio*. Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Debórah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996.

- 7 BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna. *Lugares de Extermínio*. Polônia: Parma Press, 2011.
- 8 FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006; PELT, Robert Jan Van; DWORK, Debórah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996; BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna, *Lugares de Extermínio*. Polônia: Parma Press, 2011.
- 9 WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- 10 WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- 11 KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- 12 KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*, Suécia: Versátil Home Vídeo, 1992.
- 13 KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Suécia: Versátil Home Vídeo, 1992.
- 14 COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Suécia: Versátil Home Vídeo, 1992.
- 15 COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Suécia: Versátil Home Vídeo, 1992.
- 16 KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- 17 KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- 18 CURY, Augusto. *Inteligência multifocal*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- 19 FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- 20 FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- 21 FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

- ²² GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- ²³ GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- ²⁴ KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ²⁵ GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- ²⁶ WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- ²⁷ COHEN, Peter. *Arquitetura da destruição*. Suécia: Versátil HomeVÍdeo, 2006.
- ²⁸ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ²⁹ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
LUKACS, John, *O Duelo Churchill x Hitler*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ³⁰ LUKACS, John. *O Duelo Churchill x Hitler*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ³¹ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ³² FROMM, Erich. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- ³³ FROMM, Erich. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- ³⁴ PELT, Robert Jan Van; DWORK, Debórah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996.
- ³⁵ WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- ³⁶ FEST, Joachim. *Hitler*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia das Letras,

2010.

- 37 FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- 38 DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- 39 GORTEMAKER, Heike. *Eva Braun*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.
- 40 FEST, Joachim. *No Bunker de Hitler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- 41 DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- 42 DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- 43 FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- 44 FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- 45 COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Suécia: Versátil Home Vídeo, 1992.
- 46 COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Suécia: Versátil Home Vídeo, 2006. FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 772.
- 47 COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Suécia: Versátil Home Vídeo, 2006. FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 772.
- 48 KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia da Letras, 2010. COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Suécia: Versátil Home Vídeo, 2006.

- 49 DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010. COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Suécia: Versátil Home Vídeo, 2006.
- 50 FROMM, Erich. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. SMITH, Bradley F. *Adolf Hitler: His Family, Childhood and Youth*. Palo Alto Stanford University, 1967.
- 51 FROMM, Erich. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. SMITH, Bradley F. *Adolf Hitler: His Family, Childhood and Youth*. Palo Alto: Stanford University, 1967.
- 52 FROMM, Erich. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. SMITH, Bradley F. *Adolf Hitler: His Family, Childhood and Youth*. Palo Alto: Stanford University, 1967.
- 53 FROMM, Erich. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- 54 FROMM, Erich. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- 55 FROMM, Erich. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. SMITH, Bradley F. *Adolf Hitler: His Family, Childhood and Youth*. Palo Alto: Stanford University, 1967.
- 56 DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo, Panda Books, 2010.
- 57 FROMM, Erich. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- 58 SMITH, Bradley F. *Adolf Hitler: His Family, Childhood and Youth*. Palo Alto: Stanford University, 1967.

- ⁵⁹ FROMM, Erich. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- ⁶⁰ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ⁶¹ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ⁶² KLEIN, Shelley. *Os Ditadores Mais Perversos*. São Paulo: Planeta, 2004.
- ⁶³ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ⁶⁴ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ⁶⁵ COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Suécia: Versátil Home Vídeo, 1992.
- ⁶⁶ KLEIN, Shelley. *Os Ditadores Mais Perversos*. São Paulo: Planeta, 2004.
- ⁶⁷ WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- ⁶⁸ WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- ⁶⁹ WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- ⁷⁰ WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006. FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ⁷¹ WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.

- 72 CURY, Augusto. *A fascinante construção do eu*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2011.
- 73 WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- 74 FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- 75 KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- 76 DUTCH, Oswald. *Os Doze Apóstolos de Hitler*. Porto Alegre: Meridiano, 1940.
- 77 DUTCH, Oswald. *Os Doze Apóstolos de Hitler*. Porto Alegre: Meridiano, 1940.
- 78 DUTCH, Oswald. *Os Doze Apóstolos de Hitler*. Porto Alegre: Meridiano, 1940. FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- 79 WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- 80 FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- 81 FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- 82 DUTCH, Oswald. *Os Doze Apóstolos de Hitler*. Porto Alegre: Meridiano, 1940. FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- 83 DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.

- ⁸⁴ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ⁸⁵ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ⁸⁶ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ⁸⁷ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ⁸⁸ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010. FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ⁸⁹ HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. VAN DOREN, Charles. *A History of Knowledge*. New York: Ballantine Books, 1991.
- ⁹⁰ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. SWEETING, C. G. *O Piloto de Hitler: A Vida e a Época de Hans Baur*. São Paulo: Jardim dos Livros, 2011.
- ⁹¹ KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ⁹² FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ⁹³ KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ⁹⁴ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- ⁹⁵ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

- ⁹⁶ COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Suécia: Versátil Home Vídeo, 1992.
- ⁹⁷ HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. München: Verlag Franz Eber Nachfolger, 1930. HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ⁹⁸ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ⁹⁹ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹⁰⁰ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹⁰¹ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹⁰² WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- ¹⁰³ EBERLE, Henrik. *Cartas para Hitler*. São Paulo: Planeta, 2010.
- ¹⁰⁴ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹⁰⁵ KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ¹⁰⁶ EBERLE, Henrik. *Cartas para Hitler*. São Paulo: Planeta, 2010.
- ¹⁰⁷ EBERLE, Henrik. *Cartas para Hitler*. São Paulo: Planeta, 2010.
- ¹⁰⁸ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ¹⁰⁹ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ¹¹⁰ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ¹¹¹ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.

- ¹¹² FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ¹¹³ DUTCH, Oswald. *Os Doze Apóstolos de Hitler*. Porto Alegre: Meridiano, 1940.
- ¹¹⁴ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010. EBERLE, Henrik. *Cartas para Hitler*. São Paulo: Planeta, 2010.
- ¹¹⁵ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹¹⁶ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹¹⁷ DUTCH, Oswald. *Os Doze Apóstolos de Hitler*. Porto Alegre: Meridiano, 1940.
- ¹¹⁸ DUTCH, Oswald. *Os Doze Apóstolos de Hitler*. Porto Alegre: Meridiano, 1940.
- ¹¹⁹ DUTCH, Oswald. *Os Doze Apóstolos de Hitler*. Porto Alegre: Meridiano, 1940.
- ¹²⁰ EBERLE, Henrik. *Cartas para Hitler*. São Paulo: Planeta, 2010.
- ¹²¹ EBERLE, Henrik. *Cartas para Hitler*. São Paulo: Planeta, 2010.
- ¹²² FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹²³ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹²⁴ SERENY, Gitta. *Albert Speer: His Battle with Truth*. London: Picador, 1996.
- ¹²⁵ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹²⁶ LUKACS, John. *O Duelo Churchill x Hitler*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ¹²⁷ EBERLE, Henrik. *Cartas para Hitler*. São Paulo: Planeta, 2010.

- ¹²⁸ EBERLE, Henrik. *Cartas para Hitler*. São Paulo: Planeta, 2010.
- ¹²⁹ SPEER, Albert. *Inside the Third Reich: Memory of Albert Speer*. New York: Macmillan, 1970. FROMM, Erich. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- ¹³⁰ PELT, Robert Jan Van; DWORK, Debórah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996. FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹³¹ KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ¹³² Revista *Ultimato*. Viçosa, novembro-dezembro, 2010.
- ¹³³ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹³⁴ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹³⁵ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹³⁶ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ¹³⁷ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹³⁸ FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

PARTE 2 – EM BUSCA DO SENTIDO DA VIDA

- ¹³⁹ WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- ¹⁴⁰ FEST, Joachim. *Hitler*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ¹⁴¹ KERSHAW Ian. *Hitler*. Companhia da Letras, São Paulo, 2010; COHEN, Peter. *Arquitetura da Destruição*. Versátil Home Vídeo, Suécia, 1992

- ¹⁴² KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.
- ¹⁴³ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. p. 770, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹⁴⁴ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. p. 770, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹⁴⁵ FERGUSON, Niall. *A Ascensão do dinheiro*. São Paulo: Planeta, 2009.
- ¹⁴⁶ KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Vozes, 2012.
- ¹⁴⁷ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ¹⁴⁸ CURY, Augusto. *A fascinante construção do Eu*. São Paulo: Editora Planeta, 2011.
- ¹⁴⁹ FROMM, Erich, *Anatomia da Destrutividade Humana*, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- ¹⁵⁰ WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- ¹⁵¹ WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- ¹⁵² CURY, Augusto. *Armadilhas da Mente*. Rio de Janeiro: Editora Arqueiro, 2013.
- ¹⁵³ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹⁵⁴ KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.
- ¹⁵⁵ BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna. *Lugares de Extermínio*. Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996.

- 156 BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna. *Lugares de Extermínio*. Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996.
- 157 KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.
- 158 DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. p. 94, São Paulo: Panda Books, 2010.
- 159 BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna. *Lugares de Extermínio*. Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996.
- 160 BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna. *Lugares de Extermínio*. Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996.
- 161 BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna. *Lugares de Extermínio*. Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996.
- 162 CRÜSEMANN, Frank. *A Torá*. São Paulo, Editora Vozes, 2008.
- 163 Salmo 23. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/23>> Acesso em 11 de out. 2015.
- 164 KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.
- 165 KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.
- 166 KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.
- 167 FRANKL, Viktor E. *Man's search for meaning*. EUA: Beacon Press, 2006.

- ¹⁶⁸ BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna. *Lugares de Extermínio*. Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996.
- ¹⁶⁹ BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna. *Lugares de Extermínio*. Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah. *Auschwitz*. New York: Yale University Press, 1996.
- ¹⁷⁰ Revista *Ultimato*, Edição 327. Viçosa: novembro/dezembro 2010.
- ¹⁷¹ Revista *Ultimato*, Edição 327. Viçosa: novembro/dezembro 2010.
- ¹⁷² Revista *Ultimato*, Edição 327. Viçosa: novembro/dezembro 2010.
- ¹⁷³ CURY, Augusto. *Os segredos do Pai-nosso*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- ¹⁷⁴ FEST, Joachim. *Hitler*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹⁷⁵ SZPILMAN, Marcelo. *Judeus – suas extraordinárias histórias e contribuições para o progresso da humanidade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- ¹⁷⁶ DURANT, Will. *História da Filosofia*. São Paulo: Record, 1996.
- ¹⁷⁷ *O Estado de S.Paulo*. edição de 26 de agosto de 2012.
- ¹⁷⁸ SZPILMAN, Marcelo. *Judeus — suas extraordinárias histórias e contribuições para o progresso da humanidade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- ¹⁷⁹ WILLIAMSON, Gordon. *Instrumento de Terror de Hitler*, p. 292. São Paulo: Escala, 2006.
- ¹⁸⁰ ABRAHAM, Ben. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo : Sherit Hapleita, 1985.

- ¹⁸¹ ABRAHAM, Ben. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo : Sherit Hapleita, 1985.
- ¹⁸² WILLIAMSON, Gordon. *Instrumento de Terror de Hitler*, p. 292. São Paulo: Escala, 2006.
- ¹⁸³ WILLIAMSON, Gordon. *Instrumento de Terror de Hitler*, p. 292. São Paulo: Escala, 2006.
- ¹⁸⁴ KERSHAW, Ian. *Hitler*, p. 723. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ¹⁸⁵ KERSHAW, Ian. *Hitler*, p. 723. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ¹⁸⁶ KERSHAW, Ian. *Hitler*. p. 181. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ¹⁸⁷ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹⁸⁸ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹⁸⁹ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹⁹⁰ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ¹⁹¹ CURY, Augusto. *Armadilhas da Mente*. Rio de Janeiro: Arqueiro, 2013.
- ¹⁹² FEST, Joachim. *Hitler*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ¹⁹³ American Psychiatric Association. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-III-R*. EUA: 1987.

- ¹⁹⁴ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*, p. 32. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ¹⁹⁵ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*, p. 32. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ¹⁹⁶ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*, p. 32. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ¹⁹⁷ American Psychiatric Association. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-III-R*. EUA: 1987.
- ¹⁹⁸ Edição especial da revista *Superinteressante*. *Nazismo – O lado oculto do Terceiro Reich*. Editora Abril. São Paulo, junho de 2013.
- ¹⁹⁹ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ²⁰⁰ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ²⁰¹ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ²⁰² DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*, p. 30. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ²⁰³ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*, p. 30, São Paulo: Panda Books, 2010.
- ²⁰⁴ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ²⁰⁵ FEST, Joachim. *Hitler*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ²⁰⁶ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ²⁰⁷ American Psychiatric Association. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-III-R*. EUA: 1987

- ²⁰⁸ FEST, Joachim. *Hitler*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ²⁰⁹ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*, p. 34. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ²¹⁰ WILLIAMSON, Gordon. *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*. São Paulo: Escala, 2006.
- ²¹¹ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ²¹² FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ²¹³ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ²¹⁴ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ²¹⁵ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ²¹⁶ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ²¹⁷ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*, p. 94. São Paulo: Panda Books, 2010.
- ²¹⁸ FEST, Joachim. *Hitler*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ²¹⁹ CURY, Augusto. *A fascinante construção do Eu*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2011. CURY, Augusto. *Armadilhas da Mente*. Rio de Janeiro: Editora Arqueiro, 2013.

²²⁰ CURY, Augusto. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. 2ª ed. São Paulo: Academia de Inteligência, 2007.

²²¹ DELAFORCE, Patrick. *O Arquivo de Hitler*, p. 34. São Paulo: Panda Books, 2010.

NOTA DA EDITORA PLANETA

As duas partes dessa obra, *O colecionador de lágrimas* e *Em busca do sentido da vida*, foram escritas durante anos a fio pelo psiquiatra e pesquisador dr. Augusto Cury, um dos poucos pensadores da atualidade a ter elaborado uma nova teoria sobre a formação do Eu, o complexo processo de construção de pensamentos e o processo de formação de pensadores. Ele vasculhou porões da História para produzir dois romances incomuns, histórico-sociológico-psiquiátricos que podem contribuir com muitos povos...

A Editora Planeta, como uma das maiores editoras do mundo, agradece a todos os leitores, pais, jovens, professores, psicólogos, médicos, historiadores e profissionais de todas as áreas que têm considerado essa obra de grande relevância intelectual e social e a têm divulgado em escolas, universidades, empresas, instituições sociais. Nada propicia um sentido tão nobre para a existência como aprendermos a ser autores da nossa história e termos um romance com a humanidade...

CONHEÇA O PROGRAMA EI: A EDUCAÇÃO DA EMOÇÃO

Conheça a EI (Escola da Inteligência/Emoção inteligente), que é um programa que trabalha na grade curricular a *Educação da Emoção* como alicerce das funções mais complexas da inteligência: capacidade de se colocar no lugar do outro, pensar antes de reagir, filtrar estímulos estressantes, gerenciar os pensamentos, desenvolver altruísmo, solidariedade, tolerância, capacidade de trabalhar perdas e frustrações, resiliência, raciocínio complexo, pensar como humanidade. Já refletiu sobre os benefícios de uma escola psicologicamente saudável?

Durante mais de 15 anos, o dr. Augusto Cury idealizou esse programa, que conta com a colaboração de notáveis psicólogos e pedagogos. Há mais de 100 mil alunos no programa e dezenas de países interessados em aplicá-lo. O programa entra na grade da escola uma hora por semana com rico material ilustrado, vídeo, áudio. Os próprios professores da escola são treinados e acompanhados para aplicá-lo. Além disso, os pais recebem cursos específicos, como “Hábitos dos pais brilhantes”. Eles amam.

O dr. Cury renunciou aos direitos autorais da EI para que o programa tenha recursos para se desenvolver, tenha um

custo muito acessível e também para que seja aplicado gratuitamente em orfanatos e para jovens em situação de risco.

Os resultados são surpreendentes. Os alunos não veem a hora de chegar a aula semanal da EI. Além das importantes funções da inteligência citadas, os alunos também melhoram o raciocínio, o debate de ideias e o desempenho nas provas, sendo preparados para serem bons atores sociais e profissionais. Solicite que a escola do seu filho conheça a EI. Formar não “repetidores de informações”, mas pensadores com uma mente livre e uma emoção saudável é o nosso grande objetivo...

Acesse o site: <www.escoladainteligencia.com.br>.

Júlio Verne, um renomado professor de história acostumado a provocar seus alunos a abandonarem a passividade de meros espectadores, passa a sofrer com terríveis pesadelos. Neles, vê-se dentro dos mais cruéis episódios da Segunda Guerra Mundial e não reage. Inconformado e deprimido com suas atitudes nos sonhos, o professor busca transmitir durante as aulas toda a angústia e o sofrimento de um momento tão terrível da história mundial.

O professor quer que, além dos fatos históricos, os alunos conheçam a profunda crueldade das ações de Hitler para a sociedade daquela época e descubram como aquele período tão brutal afetou toda a humanidade.

Sufocado pelo desespero e pela angústia que viveu em um dos capítulos mais dramáticos da história, e em busca de um sentido existencial, Verne aceita participar do inédito e incrível projeto tecnológico de viajar no tempo. O objetivo? Impedir que a guerra aconteça e varrer das páginas da história as piores atrocidades já cometidas pelos homens.



© Zezinho

AUGUSTO CURY é psiquiatra, psicoterapeuta, cientista e escritor. Sua obra, composta por 40 livros, entre ficção e não ficção, está publicada em 70 países e vendeu 25 milhões de exemplares somente no Brasil. É autor da Teoria da Inteligência Multifocal, que estuda as habilidades socioemocionais, a formação do Eu, os papéis da memória e a construção dos pensamentos.

É um dos poucos pensadores vivos cuja teoria é objeto de estudo em cursos de pós-graduação internacionais. Cury desenvolveu o programa Escola da Inteligência para ser introduzido na grade curricular, com enfoque na educação da emoção e no desenvolvimento da inteligência.

Idealizou a Escola Menthés, que promove cursos de gestão da emoção para crianças e adultos.

Vários de seus livros serão adaptados para o cinema, incluindo *O Vendedor de Sonhos*, *O futuro da humanidade* e *Felicidade roubada*.

Contatos com o autor:

facebook.com/augustocuryautor

www.escoladainteligencia.com.br

www.menthes.com.br

contato@augustocury.com.br

* *Schutzstaffel* (SS) [“Tropa de Proteção”], criada inicialmente como guarda pessoal de Hitler (daí o nome), tornou-se com o tempo uma enorme organização paramilitar do Partido Nazista que se encarregava, entre outras funções, do projeto de extermínio em massa nos campos de concentração.

** Testemunho real de um observador sobre o extermínio judeu.

* KL significa *Konzentrationslager*, campo de concentração.

* “Salve, Hitler.”

* *Minha luta.*

* *Sturmabteilung* (SA), [“Tropas de Assalto”], milícia do movimento nacional-socialista.

* Nós Somos o Mundo!”

* O Tratado de Versalhes foi imposto pelos vencedores da Primeira Grande Guerra à Alemanha, exigindo, entre outras coisas, o controle das forças armadas e o pagamento de indenizações.

* Os *Kapos* também podiam ser prisioneiros nos quais os nazistas confiavam, escolhidos especialmente por sua brutalidade.

* Em alemão, *blitzkrieg*.